



ANO 2005

VOL. 190

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS



JULHO A DEZEMBRO DE 2005
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2005

Presidente: *Ivan Junqueira*
Secretário-Geral: *Evanildo Bechara*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *Marcos Vinícios Vilaça*
Tesoureiro: *Cícero Sandroni*
Diretor da Biblioteca: *Murilo Melo Filho*
Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*
Diretor dos *Anais da ABL*: *Eduardo Portella*
Diretor da *Revista Brasileira*: *João de Scantimburgo*
Diretor das Publicações: *Alberto Venancio Filho*

Nair Dametto – Chefe das Publicações da ABL
Monique Mendes – Assistente editorial / Organização dos *Anais da ABL*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicações@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2º semestre de 2006)

ISSN 1677-7255

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa
Victor Burton

Editores eletrônicos
Maanaim Informática Ltda.

SUMÁRIO

ANO 05	VOL. 190
2º Semestre	Págs.
– Sessão do dia 7 de julho de 2005.....	II
Duas mulheres – <i>Artigo de Rosiska Darcy de Oliveira</i>	22
– Sessão do dia 14 de julho de 2005	25
Homenaje a Nélida – <i>Discurso da Sr.^a Regina Jallas Suárez Figueira.</i>	30
Nélida Piñon e o Prêmio Príncipe de Astúrias – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	32
Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – Parecer da Comissão.....	34
Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – Voto em separado	35
– Sessão do dia 20 de julho de 2005	37
A ABL e a concessão de prêmios – <i>Palavras do Acadêmico Alfredo Bosí</i>	40
Prêmio Machado de Assis – 2005 – <i>Discurso do Sr. Ferreira Gullar...</i>	45
– Sessão do dia 28 de julho de 2005	49
<i>Das Mãos do Oleiro</i> , de Alberto da Costa e Silva – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	61
Prêmio ABL de História e Ciências Sociais – Proposta de criação.....	63
Concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro – Parecer da Comissão	64

Cassiano Ricardo: vida e obra – <i>Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva</i>	65
– Sessão do dia 4 de agosto de 2005	71
<i>Forças Armadas e Política no Brasil</i> , de José Murilo de Carvalho – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	76
Concessão das Palmas Acadêmicas a Rodolfo Alonso – Releitura da proposta feita na sessão do dia 2 de junho de 2005	78
Concessão das Palmas Acadêmicas a Rodolfo Alonso – Parecer da Comissão	80
Concessão das Palmas Acadêmicas a Lévi-Strauss – Releitura da proposta feita na sessão do dia 2 de junho de 2005	81
Concessão das Palmas Acadêmicas a Lévi-Strauss – Parecer da Comissão	82
– Sessão do dia 11 de agosto de 2005	85
– Sessão do dia 18 de agosto de 2005	97
Além do fato: credo do otário – <i>Artigo do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	103
Homenagem póstuma a Evandro Lins e Silva no Supremo Tribunal Federal – Discurso do Ministro Sepúlveda Pertence	105
Portal da ABL – <i>Relatório da Coordenadora do Centro de Memória, Sr.ª Irene Moutinho</i>	114
Múcio Leão – <i>Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	117
– Sessão do dia 25 de agosto de 2005	127
Entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – Saudação a José Nêumanne, pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça	129
Discurso do escritor José Nêumanne agradecendo o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes	136
– Sessão do dia 1.º de setembro de 2005	141
<i>Jornalismo Político</i> , de Franklin Martins – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	151
Marques Rebelo – <i>Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho</i>	153

– Sessão do dia 8 de setembro de 2005.....	159
<i>Tempo Diferente</i> , de Murilo Melo Filho – <i>Palavras do Acadêmico</i>	
Antonio Carlos Secchin	164
Murilo Melo Filho: repórter e jornalista – <i>Palavras do Acadêmico</i>	
Evanildo Cavalcante Bechara	166
Biblioteca Rodolfo Garcia: Inauguração – <i>Relatório do Acadêmico</i>	
Murilo Melo Filho	168
Álvares de Azevedo – <i>Estudo do Acadêmico Tarcísio Padilha</i>	173
– Sessão do dia 15 de setembro de 2005	179
Luís Carlos: engenheiro e poeta – <i>Estudo do Acadêmico Arnaldo</i>	
Niskier	185
– Sessão do dia 22 de setembro de 2005	189
A ABL e a situação política brasileira – <i>Palavras do Acadêmico</i>	
Oscar Dias Corrêa.....	198
Os Morcegos, de Lêdo Ivo – <i>Palavras do Acadêmico Affonso</i>	
Arinos de Mello Franco.....	201
Ivan Junqueira na Academia Norte Rio-Grandense de Letras –	
<i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	203
A esfera de João Ubaldo – Entrevista de Rachel Bertol no caderno	
<i>Prosa e Verso</i> de <i>O Globo</i>	204
Aquela Faculdade de Direito – <i>Artigo de Cyro de Mattos</i>	211
– Sessão do dia 6 de outubro de 2005.....	215
Sessão de saudade dedicada à memória de Sergio Corrêa da Costa ...	218
– Sessão do dia 13 de outubro de 2005	257
Pedro Lessa – <i>Estudo do Acadêmico Helio Jaguaribe</i>	266
– Sessão do dia 20 de outubro de 2005	269
<i>O Espírito e Ação</i> , de Afonso Arinos de Melo Franco – <i>Palavras do</i>	
<i>Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	279
Revisitando a obra de Herberto Sales – <i>Estudo do Acadêmico</i>	
Carlos Heitor Cony	281
– Sessão do dia 27 de outubro de 2005	285

Prêmio Camões – Discurso da Acadêmica Lygia Fagundes Telles	295
Dom Silvério Gomes Pimenta – <i>Estudo do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	298
– Sessão do dia 3 de novembro de 2005.....	301
<i>Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos</i> , de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke – <i>Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva</i>	312
Afonso Arinos, acadêmico e estadista – <i>Artigo de Helio Jaguaribe</i>	314
Aurélio de Lyra Tavares – <i>Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	317
– Sessão do dia 10 de novembro de 2005	323
Concessão da Medalha João Ribeiro a Barbara Heliodora e Gianni Ratto – Parecer sobre a proposta do Acadêmico Sábado Magaldi.....	335
<i>Coronel, Coronéis</i> , de Marcos Vinícios Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque – <i>Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha</i>	336
<i>Direito Fundamental à Vida</i> , coordenação de Ives Gandra da Silva Martins – <i>Palavras do Acadêmico Oscar Dias Corrêa</i>	339
Austregésilo, o brasileiro – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Olinto</i> .	341
– Sessão do dia 17 de novembro de 2005	343
<i>Na Província e na Corte</i> , de Marcos Almir Madeira – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	354
Lembrança de Orígenes Lessa – <i>Palestra do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	356
– Sessão do dia 24 de novembro de 2005	361
Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco – Parecer da comissão julgadora – <i>Um Ensaísta do Futuro</i> , de Berenice Cavalcante.....	363
Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco – <i>Saudação do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	364
Discurso da Professora Berenice Cavalcante.....	367
– Sessão do dia 1.º de dezembro de 2005.....	373
Sessão de saudade dedicada à memória de Oscar Dias Corrêa.....	375
– Sessão do dia 6 de dezembro de 2005	413

Orçamento da ABL para 2006.....	422
Parecer da Comissão de Contas	424
– Sessão do dia 8 de dezembro de 2005	429
– Sessão do dia 15 de dezembro de 2005.....	433
Atividades da ABL em 2005 – Relatório do Secretário-Geral Acadêmico Evanildo Bechara.....	435
Discurso de despedida do Presidente Ivan Junqueira.....	443
Discurso de posse do Presidente Marcos Vinícios Vilaça	447
 BOLETINS DE INFORMAÇÃO.....	 455

SESSÃO DO DIA 7 DE JULHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélide Piñon, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 30 de junho. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu uma salva de palmas para a Acadêmica Zélia Gattai Amado, que aniversariou no dia 2 do corrente, e para os Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho e Ivo Pitanguy, que aniversariaram na terça-feira, dia 5 de julho.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier referiu-se a uma ata que faz referência à publicação do livro *Atualidade de San Tiago Dantas*. Disse que não há, no Brasil, quem desconheça o que San Tiago Dantas representou para a

cultura do Brasil. Em razão dos 40 anos do falecimento de San Tiago Dantas, sugeriu ao Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Marcílio Marques Moreira, e com o apoio do Superintendente da Previdência Complementar no Brasil, Dr. Adacir Reis, fazer um Seminário com o título “A atualidade de San Tiago Dantas”, também sugerido por ele. Dr. Marcílio não só aceitou a idéia como também estabeleceu uma parceria entre a Associação Comercial e a Secretaria de Estado de Cultura, que realizaram esse trabalho enorme de transcrição das palestras até que se chegasse ao livro, que foi distribuído a todos os acadêmicos, e que mereceu uma referência elogiosa do plenário. Disse que queria apenas registrar a sua presença nesse processo. A idéia foi dele, a execução parcial também, o apoio da Secretaria de Cultura foi por ele providenciado e, assim, se sentiu presente calorosamente às homenagens que foram prestadas à memória de San Tiago Dantas.

- O Presidente disse que o registro é oportuno e lembrou ao Acadêmico Arnaldo Niskier que, na ocasião em que fez a sua conferência sobre “Cervantes e a literatura brasileira”, falou longamente em San Tiago Dantas, daquele ensaio injustamente hoje esquecido intitulado “Dom Quixote, um apólogo da alma ocidental”.
- O Acadêmico Antonio Olinto disse que, como relator do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes Filho, deste ano, havia se curvado paciente-mente sobre um dos livros que lhe pareceu ser da linhagem dos livros de James Joyce e que, de fato, no ano passado, se destacou dos demais. Recebeu dos confrades Alberto Venancio Filho e Affonso Arinos de Mello Franco um voto em separado, dizendo que, de acordo com o regulamento, era preciso que o livro representasse cultura. Mandou para eles e os demais membros da comissão a carta que passou a ler. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que o Acadêmico Antonio Olinto acabou de ler uma carta que é posterior ao voto em separado e ao próprio parecer da Comissão. Considerou que, para melhor andamento do debate, o ideal é que primeiro seja lido o Parecer, depois o voto em separado e por último a carta que acabou de ser lida.

- O Acadêmico Eduardo Portella acha que esse prêmio tem uma destinação específica, para uma obra ou para um autor que tenha dado uma colaboração substancial à cultura brasileira. Disse ter receio que as exigências literárias não estejam sendo atendidas neste caso específico; e receia ainda que comece a haver um aviltamento progressivo dos prêmios da Academia. É fundamental que a Academia gere um padrão crítico na seleção de seus autores.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho ressaltou que aquilo que está dito no voto em separado é que o livro não é representativo da cultura brasileira.
- O Presidente agradeceu os apartes e a observação que fez o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que considera pertinente. Pediu ao Acadêmico Antonio Olinto que lesse o parecer para que se pudesse colocar em votação.
- O Acadêmico Antonio Olinto declarou que não está com o parecer, pois acreditava que este tivesse sido lido na sessão do dia 16 de junho.
- O Presidente Ivan Junqueira lembrou-lhe ter pedido para deixar a leitura desse parecer para a sessão do dia 7 julho porque então o Presidente da Comissão, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estaria presente.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que essa discussão não está na Ordem do Dia, portanto é uma discussão extemporânea e pode ficar para a próxima sessão.
- O Presidente disse que obrigatoriamente não precisava estar na Ordem do Dia, mas sem o parecer não se pode julgar nada. Deixou a decisão adiada para a próxima sessão e pediu que o voto em separado seja lido também, para que o plenário compreenda melhor a resposta dada pelo relator.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo publicado em *O Globo*, do dia 4 de julho deste ano, sob o título “Duas mulheres”, de autoria de Rosiska Darcy de Oliveira. Lembrou que ele e o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet conheceram Rosiska em Genebra, praticamente uma menina. Uma jovem guerreira, que lutou de peito aberto pelos Direitos Humanos e pela dignidade das mulheres, e que é hoje uma brilhante contista, uma

jornalista de primeira água, que escreveu este artigo sobre as Acadêmicas Nélida Piñon e Lygia Fagundes Telles. Pediu que se juntasse aos nomes destas duas mulheres o de Rosiska Darcy de Oliveira. São três grandes damas merecedoras de todo o respeito e toda a admiração desta Casa. Leu um trecho do artigo, que será transcrito nos *Anais da ABL*.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco a leitura desse pequeno trecho do artigo dessa grande amiga da Academia e comunicou que a transcrição será feita.
- Passando à Ordem do Dia: Sessão na Academia Francesa, comemorativa do Ano do Brasil na França. O Presidente disse ter tomado a liberdade de abordar um pouco o que foi a sua passagem por Madri, onde esteve a convite do Instituto Cervantes para fazer uma conferência sobre “Cervantes e a literatura brasileira”, dentro do âmbito das comemorações dos quatrocentos anos da publicação da primeira parte do *Dom Quixote de la Mancha*. Essa palestra teve lugar na Sala Valle Inclán, do Círculo de Belas-Artes. Foi apresentado ao público pelo Diretor da Real Academia Espanhola, Dom Victor García de la Concha, e pelo Diretor do Instituto Cervantes de Madri, César Antonio Molina. A conferência foi pronunciada em espanhol com a sala literalmente lotada. O que mostra o interesse dos espanhóis pela literatura brasileira, que lhe foi confirmado também pela Embaixada do Brasil. Depois foi levado por Dom Victor García de la Concha para visitar as dependências da Real Academia Espanhola, entre as quais a Biblioteca de 48 mil volumes, ricamente encadernados, a Biblioteca de Dámaso Alonso e também o Setor de Lexicografia. Constatou que dos 46 acadêmicos espanhóis 17 são filólogos e, nesse setor, se desenvolvem notáveis trabalhos para a preservação e a disseminação da língua castelhana em todo o mundo. Pôde testemunhar que o número médio de consultas diárias é de 1.700 sobre os problemas do uso da língua. Indagou como se mantinha a Real Academia e foi informado por Dom Victor de la Concha que 50% vêm do Rei da Espanha e o restante através de parcerias com a iniciativa privada, sobretudo com a Telefônica e bancos privados. São feitas revisões constantes do *Dicionário da Real Academia*, do *Dicionário Escolar* e do *Dicionário Histórico da Língua Espanhola*. Dom Victor de la Concha lhe fez propostas para uma

futura colaboração entre a Real Academia e a Academia Brasileira de Letras. O Presidente Ivan Junqueira disse que pensa que esse movimento de contato e aproximação com a congênere de Madri resultará em proveito indiscutível para a Academia Brasileira de Letras. Fez também um agradecimento público, no plenário, à assessoria que lhe prestou a Embaixada brasileira em Madri, não só da parte do Embaixador José Viegas, como também de seus auxiliares mais próximos: Joaquim Paiva, Ronald Cardoso Mendes Júnior e Acir Pimenta Madeira Filho. Agradeceu, sobretudo, porque os quatro compareceram à conferência pronunciada por ele no Círculo de Belas-Artes. Quanto à visita a Paris, superou, pelo menos do seu ponto de vista pessoal, todas as expectativas que os acadêmicos alimentavam com relação a esse encontro. No dia 22 de junho houve um coquetel oferecido pelo Embaixador Sérgio Amaral, em sua residência, aos acadêmicos brasileiros e franceses e outras personalidades da vida cultural francesa. No dia 23 de junho, pela manhã, juntamente com os Acadêmicos José Sarney, Candido Mendes de Almeida e Sergio Paulo Rouanet, fez uma visita a Claude Lévi-Strauss em sua residência. Durante essa visita foi anunciada ao grande antropólogo e acadêmico francês a muito provável concessão das Palmas Acadêmicas por parte desta Academia. Claude Lévi-Strauss fez um breve e comovido discurso, lembrando os tempos em que viveu no Brasil e que lhe proporcionaram as condições para escrever essa obra, hoje antológica, que é *Tristes Trópicos*. Disse que essa visita se deu por iniciativa exclusiva do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Na tarde do dia 23, realizou-se a sessão conjunta das duas academias no plenário da Académie Française, com a presença de 17 acadêmicos franceses e 15 brasileiros. O discurso de abertura da cerimônia foi feito pela Secretária Perpétua Hélène Carrère d'Encausse, a que se seguiram os discursos do presidente da Academia Brasileira de Letras e do Acadêmico José Sarney. Do lado francês discursaram os Acadêmicos Jean d'Ormesson e Maurice Druon, que entregou ao Presidente da ABL uma cópia xerográfica da ata da sessão a que compareceu, no dia 23 de janeiro de 1872, o Imperador Dom Pedro II. Trata-se de um documento histórico da maior importância para o Centro de Memória da Academia. Fez pequenas observações sobre essa visita de

Dom Pedro II, que foi um tanto de surpresa, porque ele estava visitando outra instituição, quando ocorreu ao grupo uma visita do Imperador à Académie Française. Chegou àquela Instituição no momento em que os acadêmicos estavam discutindo o sentido de algumas palavras do *Dicionário Histórico da Língua Francesa* e do *Dicionário de Usos da Língua Francesa*. Havia uma grande discussão entre as palavras *approche* e *détournement*. A visita de Dom Pedro II teve realmente um sucesso extraordinário. Ele foi definido como um homem de grande sabedoria, simplicidade e notável *savoir faire*, tendo na ocasião, por decisão dele, apertado a mão de todos os acadêmicos franceses. Assinalou ainda o acadêmico francês que o *Journal des Débats* fez uma cobertura notável e, dois dias depois, toda a imprensa francesa estava sabendo dessa visita. Pouco antes havia visitado a Académie Française a Rainha Cristina, da Suécia, e Pedro, o Grande. Um dos assistentes fez o seguinte comentário: Pedro, o Grande, viera à Academia para aprender e que, naturalmente, o Imperador brasileiro não estava no mesmo caso, pois sabia tudo. O Imperador brasileiro assim retrucou: “Je sais ce que je ne sais pas”. No fim da cerimônia a Acadêmica Hélène Carrère d’Encausse fez a entrega da Medalha de Richelieu e, logo em seguida, convidou a todos para uma visita à Biblioteca da Academia Francesa, onde estavam em exposição diversos livros de gravura que retratavam cenas da vida brasileira. No dia seguinte, houve um jantar oferecido pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia da Latinidade, em homenagem a Claude Lévi-Strauss, no Hôtel de Crillon. Nessa noite fizeram uso da palavra o Acadêmico Candido Mendes de Almeida e o Sócio Correspondente Alain Touraine. No dia 28, durante a manhã e à tarde, realizou-se o Seminário “L’identité brésilienne par la voix de sa culture”, na Salle Lyard, na Sorbonne Nouvelle. Aberto pelo Diretor da Sorbonne Nouvelle e pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras, o seminário contou com a intervenção de seis acadêmicos brasileiros: Antonio Olinto, que falou sobre o romance; Antônio Carlos Secchin, sobre a poesia; Eduardo Portella, sobre o ensaio; Ana Maria Machado, sobre o conto e a crônica; Sergio Paulo Rouanet, sobre a filosofia; e Candido Mendes de Almeida, sobre a sociologia e a crítica de idéias. Finalizou dizendo que a impressão dessa visita

foi a melhor possível e, se havia algum atrito na comunicação das duas Academias, pensa que, a partir dessa reunião, essas dificuldades foram notavelmente aplainadas. No Ano do Brasil na França a Academia Brasileira de Letras não poderia se furtar a esse importante papel de disseminadora da cultura brasileira, de defensora da língua portuguesa e de parceira de suas congêneres numa parte razoável do universo europeu.

- O Acadêmico Antonio Olinto fez um relato sobre sua viagem à Bélgica. Disse que, no dia seguinte às conferências na Sorbonne, teve um encontro na Real Academia Belga de Língua e Literatura Francesa com o Secretário-Geral, Jacques de Decker. Conversaram sobre a Academia Belga, que não é a casa de Marie Louise; é a casa da Rainha, que tudo deu à Academia no começo do século XVIII. Falou sobre a poesia simbolista no Brasil, sobre três poetas que exemplificam esta poesia no Brasil: ao Sul, Cruz e Sousa, ao Centro Alphonsus Guimaraens, e no Norte, Da Costa e Silva. No dia seguinte, o Embaixador Gerônimo Moscardo participou de uma sessão cultural na Embaixada e que compareceram belgas e brasileiros que moram na Bélgica. Disse que teve uma grande experiência da cultura belga e da presença do Embaixador e suas atividades culturais permanentes.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com a amplitude e a adequação do relatório do Presidente Ivan Junqueira sobre um trabalho que mobilizou bastante a Casa neste primeiro semestre. Ressaltou que só se pôde chegar a esse resultado pelo trabalho da Comissão presidida por Eduardo Portella e a presença do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, em Paris. Pediu os discursos proferidos pelos acadêmicos, em Paris, para entregar ao Senhor Bosredon e trazer a proposta da Sorbonne de editar, conjuntamente com a Academia Brasileira de Letras, os textos que foram objeto da conversação na Salle Lyard. Agradeceu, em nome da Academia da Latinidade, a inserção cultural que fez tão bem na abertura desses trabalhos. Disse que o mais importante é o convívio com a Academia Francesa, que vai se marcar com uma agenda de encontros que nos vão fazer voltar à atmosfera do nosso Centenário. Falou sobre os Acadêmicos brasilianistas da Academia Francesa, Hector Bianciotti, Marc Fumaroli e Jean d’Ormesson. Disse que a Universidade Candido

Mendes dará o título de *Honoris Causa* à Secretária Perpétua da Academia Francesa, Acadêmica Hélène Carrère d'Encausse. A data da entrega do título será marcada e concomitantemente em sessão da Academia Brasileira de Letras, restaurar-se-á o Prêmio da Latinidade. Finalizando, disse que gostaria que essa retomada fosse a consequência necessária de todo esse trabalho, vivido nesses meses.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre a possibilidade da restauração do Prêmio da Latinidade e da concessão do Grau de *Doutor Honoris Causa* ao Secretário Perpétuo da Academia Francesa, Acadêmica Hélène Carrère d'Encausse. Repetiu o agradecimento que fez, na sessão passada, ao Presidente da Comissão do Ano do Brasil na França, Acadêmico Eduardo Portella, a todo trabalho de preparação do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa e, muito particularmente, todo o esforço desenvolvido pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida no sentido de que redundasse em grande êxito a visita dos acadêmicos a Paris.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet fez suas as palavras de agradecimento do Presidente Ivan Junqueira ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, Eduardo Portella e Sergio Corrêa da Costa, que tornaram possível um evento bastante significativo e que ficará marcante nos *Anais* e na história da Academia Brasileira de Letras. Comentou que com a entrega da cópia da Ata da sessão da Academia Francesa, que compareceu o Imperador Dom Pedro II, passaríamos a ter, no Brasil, dois documentos alusivos à visita que Dom Pedro II fez a França, em 1872. O primeiro é uma cópia desse documento que recebeu e o segundo é um documento original que é o livro *L'Art d'être grand-père* que Victor Hugo deu a Dom Pedro II quando o visitou em sua residência. Victor Hugo, apesar de quando jovem ter flertado com as glórias imperiais de outro imperador, era ferventemente republicano e não podia dar um livro com uma dedicatória endereçada a um Imperador. Razão pela qual essa dedicatória tem o nome de Dom Pedro de Alcântara, que ele considerava não imperador, mas um grande cidadão. Esse livro está atualmente no Instituto Histórico.

- O Acadêmico Eduardo Portella congratulou-se com o resumo que o Presidente Ivan Junqueira fez e com as palavras dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Candido Mendes de Almeida. Fez um pequeno destaque à atuação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, não apenas na produção do evento, mas também a participação intelectual dele. Disse que o seminário não teria tido o êxito que teve se não fosse os contrapontos constantes do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Cada orador que começava ele precedia de uma apresentação generosa, mas sempre precisa e, no final, fazia sempre algum comentário. Não estranhou que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida passasse com tanta tranqüilidade pela literatura. Graças ao Acadêmico, o Seminário teve um *up grade* e ficou muito feliz porque todos se beneficiaram com as participações do Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella, sobretudo no que diz respeito não só a organização do evento, mas também por este passeio de antes, durante e depois do que considera fundamental para o público que estava presente na Sorbonne Nouvelle e que, eventualmente, não nos conhecia tão bem.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony reiterou as palavras do Acadêmico Eduardo Portella sobre Candido Mendes de Almeida. Pela segunda vez viu o Acadêmico transitar brilhantemente por Paris. A primeira vez foi no Prêmio da Latinidade e agora fez um *replay* nos salões do Hôtel Crillon e na própria Academia Francesa. Disse que o que mais o emocionou foi quando ouviu o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet cantar, num francês perfeito, o “Ça ira”.
- O Presidente Ivan Junqueira, no capítulo das Efemérides, passou a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, pelo adiantado da hora, pediu ao Presidente Ivan Junqueira que transferisse as Efemérides para a sessão do dia 14 de julho.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que, no espaço de trinta e cinco minutos antes de começar a mesa-redonda, ainda havia um lauto espaço de tempo para ter o prazer e a alegria de ouvir o Acadêmico Lêdo Ivo.

- O Acadêmico Lêdo Ivo, no Capítulo das Efemérides, fez uma bela apresentação sobre o Acadêmico Augusto Meyer.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo o retrato preciso e detalhado sobre a vida e a obra do Acadêmico Augusto Meyer, de quem via uma combinação, muito harmônica de cultura, erudição, sensibilidade poética e de um sentido de prosa que acha que já não se escreve mais no Brasil.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que a Editora José Olympio vai lançar, dentro em breve, uma antologia de trinta ensaios de Augusto Meyer, organizada por ele a pedido do Presidente Ivan Junqueira.
- O Acadêmico Antônio Carlos Secchin pediu ao Acadêmico Lêdo Ivo que fosse menos drástico no estabelecimento da fronteira geográfico-poética, porque há certos autores que também foram grandes simbolistas ao norte de Minas Gerais. Citou Da Costa e Silva, do Piauí, Durval de Moraes, Francisco Mangabeira, Pethion de Villar e Pedro Kilkerry, na Bahia, Lívio Barreto, no Ceará, e Augusto dos Anjos, na Paraíba. Ao norte e nordeste do Brasil também se encontram nomes vinculados a essa estética simbolista. Apesar das brumas mineiras e gaúchas o espírito poético soprou onde bem quis.
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com o Acadêmico Lêdo Ivo pelo trabalho que o comoveu, porque sempre que se fala de um autor do Rio Grande, se comove.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que é o herdeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Cadeira de Augusto Meyer. Fez concurso de Cátedra para essa Cadeira, na sucessão de Augusto Meyer, quando ainda havia todo o ritual da cátedra. Disse que Augusto Meyer foi, além de várias coisas, professor universitário e teve a honra de suceder a ele.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lembrou que, além dos títulos de glória que foram salientados com relação a Augusto Meyer, existe, no caso de Machado de Assis, uma intuição absolutamente certa que teria desdobramentos interessantes na crítica de Alberto Schwarz, que é a cate-

goria da volubilidade. No livro sobre Machado de Assis diz Augusto Meyer que Machado de Assis era uma série de máscaras, um anarquista, mas que, por outro lado, tinha um retrato do Imperador em seu gabinete. Ele era um subversivo em suas idéias, mas ao mesmo tempo amava a meiga Carolina. Machado de Assis é considerado volúvel por Augusto Meyer do ponto de vista de sua personalidade, enquanto Schwarz transpõe essa categoria da volubilidade para o interior da forma. Estilisticamente, *Memórias Póstumas* é analisada por Alberto Schwarz à luz da categoria da volubilidade, cuja prioridade cabe a Augusto Meyer.

- O Presidente Ivan Junqueira, nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

DUAS MULHERES

Rosiska Darcy de Oliveira*

Nélida Piñon ganhou o Prêmio Príncipe de Astúrias. Um mês antes, Lygia Fagundes Telles ganhara o Prêmio Camões. Espanha e Portugal recompensaram a excelência de duas importantes obras literárias e o trabalho de vida inteira de duas brasileiras que acreditaram na literatura e viveram para ela.

O Brasil deveria tocar trombetas, já que soltar fogos hoje é atividade suspeita, festejar em grande estilo esses dois prêmios. Não só pelo que representam no mundo literário, mas pelo sentido de redenção que podem ter no momento que estamos vivendo. Deveríamos agradecer a Lygia e a Nélida por existirem e por trazerem alguma auto-estima a este país quando, parodiando Eça de Queiroz, precisamos de um banho por dentro.

Ficcionistas, são mestras na verdade das mentiras de que fala Vargas Llosa, senhoras da utopia que nasce do anseio de corrigir um mundo insatisfatório, uma vida sentida como limitada e que se desdobra, então, em outras, inventadas. Vargas Llosa tem razão, ninguém escreve para contar o mundo como ele é, mas para dar visibilidade a outros possíveis.

A Nélida e Lygia devemos agradecer não só pela verdade de suas ficções, mas pela integridade de suas vidas reais.

É bom saber que usam o mesmo passaporte que nós, escrevem na nossa língua, se emocionam com nossos dramas que transformam em romances. Elas deveriam ocupar a primeira página dos jornais, jogar para fora das manchetes, de volta às páginas policiais, a bandidagem que invade nossas casas

* Artigo publicado no jornal *O Globo*, 4 de julho de 2005.

vestida de homens públicos, que ocupa as conversas na hora do jantar, envenenando o espírito das crianças. Esses que nos dão o sentimento de viver em um acampamento de bandoleiros, cada um pronto para dar o bote no saco de dinheiro que o outro escondeu. Esses cuja simples existência deveria ser imprópria para menores.

As histórias de Nélide e Lygia deveriam ser contadas aos jovens como exemplo de vidas dignas, provando que não é necessário, para ser alguém, vender-se ou comprar, roubar, trair, tudo isso que nos é servido como pão de cada dia e com que convivemos, como se fora a condição humana. Os jovens aprenderiam com elas que existem outras maneiras de viver, que a arte é um caminho difícil e ao mesmo tempo alegre, uma forma de poder. Aqui, sim, caberia o slogan “um outro mundo é possível”, quando a coragem de dedicar a vida a um projeto, em que fins e meios se retroalimentam sem contradição, é um valor que encontra reconhecimento e recompensa. Nem tudo está à venda, não todos.

Quando alguém, indignado com o espetáculo da política, dá de ombros e suspira, amargo, “essa é a cara do Brasil”, se engana. Escândalos não são a única cara do Brasil. São a sua deformação, a plástica malsucedida que cobre com alguns traços de modernidade o que de mais esclerosado sobrevive na sociedade.

Olhamos para a lixeira como se fora o único compartimento da casa, o que não só é desesperante como tem o poder subliminar de sugerir que somos todos gente da mesma laia e que, nos tempos que correm, não há mais lugar para almas fecundas, nem para pessoas decentes. Uma espécie de ditadura da mediocridade e da sordidez vai se impondo como modelo, disfarçada de frio realismo, e é com esse disfarce que inflige ao que o Brasil tem de melhor uma espécie de exílio interno, um decreto de não-existência, uma condição à margem, a pior das derrotas, o desânimo, a derrota moral.

Não se luta contra essa violência com lamentos, mas com uma mudança radical de ótica que abra espaço e visibilidade ao que temos para celebrar, nossos acertos, nossos prêmios, os que ganharam e trouxeram para cá, como um presente, essas senhoras, que souberam habitar uma república dos sonhos ou interrogar a estrutura da bolha de sabão.

Lygia e Nélide são metáforas que dão a ver um Brasil que é sucesso, beleza, arte e cultura. São a face luminosa do país.

SESSÃO DO DIA 14 DE JULHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Sábato Magaldí e Sergio Corrêa da Costa.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 7 de julho. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Marco Maciel, que aniversaria no próximo dia 21 de julho. Comunicou que a próxima sessão da Academia será na quarta-feira, no Salão Nobre da ABL, às 17 horas, para a comemoração dos 108 anos de fundação da ABL e entrega dos Prêmios Literários da ABL. Na quinta-feira não haverá sessão. Lembrou que na sexta-feira, dia 22, às 21 horas, no Salão Nobre da ABL, realizar-se-á a posse do Acadêmico eleito Helio Jaguaribe, que será recebido pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que teve o privilégio de participar de uma homenagem muito bonita que foi prestada à Acadêmica Nélide Piñon, por mais um prêmio consagrador, que é o Prêmio de Literatura Príncipe de Astúrias. Registrou a emoção com que a Acadêmica Nélide Piñon recebeu a homenagem e como se revelou uma escritora mestiça, produto muito bem acabado de duas culturas fraternas, a cultura brasileira e a cultura da Galiza. Pediu para ser incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o belo discurso feito pela Diretora Cultural da Casa de Espanha, Senhora Regina Jallas Suárez Figueira.
- O Presidente Ivan Junqueira fez dele as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre a homenagem prestada à Acadêmica Nélide Piñon. Disse que a afluência de público era muito grande, o que atesta o prestígio da Acadêmica. Um prestígio que, na verdade, é também o dessa Casa, pois Nélide Piñon acaba de ganhar um prêmio da maior importância, que é o Prêmio de Literatura Príncipe de Astúrias, com o qual já foram contemplados grandes escritores.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, complementando as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier, registrou a homenagem prestada na Casa de Espanha à Acadêmica Nélide Piñon, pela outorga do Prêmio de Literatura Príncipe de Astúrias. Uma homenagem muito bonita que contou com a presença do Embaixador da Espanha no Brasil, Senhor Ricardo Conde, do Cônsul-Geral da Espanha no Rio de Janeiro, Senhor Rafael Fernandez-Pita e de vários companheiros Acadêmicos. Foi uma noite honrada, com a entrega, pelo Senhor Raimundo Villar, Presidente da Casa de Espanha, de uma placa alusiva a homenagem, além de dois excelentes discursos: da Diretora Cultural da Casa de Espanha, Senhora Regina Jallas Suárez Figueira, como já assinalou o Acadêmico Arnaldo Niskier, e outro da Acadêmica Nélide Piñon, com um comovente improviso com o qual agradeceu àquela manifestação de apreço e de carinho da comunidade espanhola, dos seus amigos e dos seus confrades brasileiros. Manifestou ser a Acadêmica uma vitoriosa romancista, sobretudo uma intelectual amiga, carinhosa, competente, correta e respeitável, uma extraordinária figura humana da qual esta nossa atual geração de brasileiros tanto

se honra e tanto se orgulha. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho. Ao passar para a Ordem do Dia fez breves observações a respeito do Prêmio José Ermírio de Moraes. Disse que há três Acadêmicos que foram empossados no ano passado e que não participaram ainda dessa láurea, sobre a qual a Academia hoje decide. Referiu-se especificamente aos Acadêmicos Marco Maciel, José Murilo de Carvalho e Antônio Carlos Secchin que, em razão das datas em que tomaram posse, não participaram dessa escolha no ano passado. Lembrou, em primeiro lugar, o que diz o artigo 2.º do Regulamento do Prêmio José Ermírio de Moraes: “O Prêmio será concedido a autor brasileiro, por obra de qualquer gênero que traga efetiva contribuição à cultura brasileira e tenha sido editada em português, por editora nacional, no ano anterior ao da concessão.” Leu, também, o parágrafo 3.º do artigo 3.º: “A Comissão indicará ao plenário a obra que lhe pareça merecer o Prêmio, podendo aquele ratificar ou não o parecer, ou ainda indicar, por maioria simples, nova obra para a premiação, que será submetida à votação geral.” Esclareceu que a decisão da Comissão não foi unânime. Houve dois votos em separados contrários ao Parecer. Disse que recebeu de Acadêmicos, hoje ausentes, dez votos enviados por e-mail ou por carta. Desses dez votos oito são favoráveis ao Parecer do Relator e dois são contra. Lembrou ainda que, na sessão passada, o Acadêmico Antonio Olinto, que é o Relator da Comissão, fez a leitura de uma resposta ao voto em separado. Pediu ao Relator, Acadêmico Antônio Olinto para ler o Parecer da Comissão (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho leu o voto em separado assinado pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e por ele próprio. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira, após a leitura do Parecer e o voto em separado, submeteu ao Plenário o Parecer do Relator, Acadêmico Antônio Olinto. (O texto do Parecer será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Eduardo Portella, por questão de ordem, disse entender que, se o Prêmio faz uma referência específica a uma contribuição efetiva e qualificada à cultura brasileira, o livro não atende a esses pré-requisitos. Há uma questão de ordem que prevalece e as matérias regimentais costumam prevalecer sobre as matérias ocasionais, sobre as matérias pontuais e sobre o cotidiano da Casa. Para isso, existem o Regimento e o Estatuto. Tudo isso dentro de uma escala normativa que deixa a opinião individual numa posição secundária com relação a toda essa estrutura normativa. Entende que no voto em separado do Acadêmico Alberto Venancio Filho há uma questão de ordem que prevalece e se enquadra especificamente nas questões regimentais do Prêmio.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony se absteve de votar nesse prêmio, baseado no que o Acadêmico Eduardo Portella, na sessão passada, falou sobre a concessão dos prêmios pela Academia.
- O Presidente Ivan Junqueira, antes do Parecer do Relator, colocou em votação a questão de ordem feita pelo Acadêmico Eduardo Portella. A questão de ordem, com seis votos, foi derrotada. Submeteu então a votação do Parecer do Relator do Prêmio José Ermírio de Moraes. Somando-se aos oito votos enviados por e-mail e por carta, foram quinze votos a favor da premiação do livro *O Silêncio do Delator*, do escritor José Nêumanne Pinto. O Prêmio está dado por maioria simples, como reza o Regulamento. São quinze votos a favor, dois votos contrários por carta, seis no plenário, com uma abstenção.
- No Capítulo das Efemérides, o Presidente Ivan Junqueira passou a palavra para o Acadêmico Cícero Sandroni, que recordou o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho.
- O Acadêmico Cícero Sandroni fez um comovido relato sobre o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho que foi, por muitos anos, o decano da Academia Brasileira de Letras e também dos jornalistas brasileiros e, mais tarde, ao ultrapassar o centenário, o jornalista mais velho do mundo em atividade.
- O Presidente Ivan Junqueira, agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni pela lembrança comovida e muito oportuna com relação ao pensamen-

to do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, cinco anos depois de sua morte. Acha que as pessoas não entenderam, ainda, que a abertura à economia de mercado não significa renunciar a uma forma de nacionalismo. Disse que nunca viu e nunca pensou que a França chegasse ao nível de provincianismo e de nacionalismo a que chegou. A União Européia lhe parece, de certa forma, uma utopia, porque as nações continuam a defender os seus interesses. Tão nacionalista quanto nós é qualquer país da Europa, de maneira que, aquela acusação que pesava sobre Barbosa Lima Sobrinho, de ser um nacionalista retrógrado, lhe parece cada vez mais uma fraude. Ele defendia apenas o que era nosso.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça exaltou o trabalho do Acadêmico Cícero Sandroni. Subscrive tudo que ele disse sobre o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho por sua exemplar cidadania. Juntou uma palavra de reconhecimento e exaltação à obra social de Dona Maria José como Primeira Dama do Estado de Pernambuco. Relatou que ela fez uma campanha pró-infância muito bonita e que a sua política era voltada para as crianças pernambucanas até dois anos de idade. D. Maria José tinha consciência de que em primeiro lugar vinha a criança. Se não se cuida da criança nos primeiros anos de vida, teremos um degradado mental ou físico. Lembrou que a eleição do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, ao governo de Pernambuco, foi a mais tumultuada do processo pós-eleição, com um ano de batalha judicial onde brilharam Osvaldo Lima e Neemias Gueiros, que lhe eram adversários. Finalizando, o Acadêmico Marcos Vilaça lembrou que, ao tomar posse na Academia Brasiliense de Letras, sucedendo a Hermes Lima, baseou o seu discurso no nome do patrono da Cadeira, Alberto Torres, tendo como fonte de inspiração o livro do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho sobre Alberto Torres. Tem muita honra que o Acadêmico Barbosa Lima tenha prefaciado uma das edições do seu livro *Sociologia do Caminhão*, editado pela Tempo Brasileiro.
- Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão e convidou os presentes para a mesa-redonda comemorativa do centenário de Jean-Paul Sartre, às 17h 30min no Salão Nobre da ABL, da qual participarão os Acadêmicos Eduardo Portella e Sergio Paulo Rouanet e os senhores Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.

HOMENAJE A NÉLIDA

*Discurso da Sr.^a Regina Jallas Suárez Figueira**

Nos hemos reunido esta noche algunos admiradores y amigos de Nélida Piñon para celebrar con ella el último reconocimiento a su labor como escritora, que esta vez ha venido de España en forma del prestigioso Premio Príncipe de Asturias de las Letras, que recibieron con anterioridad autores de la talla de Günter Grass, Carlos Fuentes, Mano Vargas Llosa, Camilo José Cela o Juan Rulfo, y el cual, no nos cabe duda, acercará las palabras de Nélida a muchos miles de nuevos lectores en España y en América. No sólo es una buena noticia, pues, para Nélida, sino que también lo es para todos los hispanohablantes que se encuentran ante esta oportunidad de conocer a una gran autora.

Hoy todo el mundo quiere adoptar a Nélida Piñon, hacerla suya, pero nosotros ya la considerábamos nuestra desde hace mucho, antes de ser Premio Príncipe de Asturias, antes de ganar el premio Rosalía de Castro al conjunto de su obra en 2002, antes de ser la primera mujer que alcanzó la presidencia de la Academia Brasileña de Letras en 1997, antes de recibir el Juan Rulfo en el 95, antes de sus numerosas condecoraciones, como el Lazo de Dama de Isabel la Católica, que recibió en esta Casa de España en 1992, de las manos del entonces Consul General en Río D. Gonzalo Ortiz, y, yo, presente en aquel acto, todavía recuerdo algunas palabras de elogio dichas por D. Gonzalo, entre ellas, Nélida sabe, como nadie, jugar con las palabras. La con-

* Texto da Senhora Regina Jallas, Diretora Cultural da Casa de Espanha, lido pelo Académico Arnaldo Niskier.

siderábamos nuestra, antes incluso de que publicara su primera novela, *Guía-Mapa de Gabriel Arcanjo*, en 1961.

La escritora Nélida Piñon, galardonada con el Premio Príncipe de Asturias de las Letras, la considerábamos nuestra desde que era una niña muy pequeña a la que sus padres, Carmen y Lino, le contaban historias de la lejana Galicia, y le prometían que un día la llevarían a conocer aquel escenario de prodigios.

Finalmente se cumplió la promesa, y Nélida llegó a Galicia con diez años, y allí vivió durante los dos siguientes absorbiendo con avidez el paisaje, la lengua y las costumbres, justo en los años en los que despertaba la conciencia artística. En ese tiempo aprendió a disfrutar de la soledad en el monte de Cotobade, Provincia de Ponte Vedra, se estremeció al percibir lo bien que encajaban las palabras de Rosalía de Castro en su propia garganta, se activó su mirada inteligente ante las vidas de las gentes pobres y orgullosas de esa tierra, y comenzó a imaginar historias. Fue como si Nélida caizara en Galicia su columna vertebral, que venía desde muy hondo bajo la tierra, y esto le trastocara la voz para lo venidero.

Escribir es una de las maneras más trabajosas de demostrar amor, y Nélida Piñon ha empeñado su vida en expresar lentamente su pasión, a veces dolorosa, por sus dos patrias.

Con 47 años contó nuestra historia de emigrantes gallegos en Brasil como nadie podría haberlo hecho. Al igual que García Márquez logró con *El amor en los tiempos del cólera* su obra más profundamente humana narrando la historia de sus padres, Nélida Piñon volvió la mirada a los suyos y a sus raíces de ultramar y les dedicó una obra maestra: *A República dos sonhos*.

Como emigrante gallega en Brasil, casi como prima tuya, y en nombre de la Casa de España, que siempre ha sido tu casa, quería decirte con todo el cariño del mundo: Enhorabuena, Nélida, pero sobre todo, muchísimas gracias.

NÉLIDA PIÑON E O PRÊMIO
PRÍNCIPE DE ASTÚRIAS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Complementando as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier e as de V. Ex.^a, quero também registrar aqui, para que conste dos nossos *Anais*, a homenagem prestada ontem, durante um jantar na Casa de Espanha, à nossa estimada e querida Acadêmica Nélide Piñon, pela outorga do Prêmio Príncipe de Astúrias das Letras.

Foi uma homenagem muito bonita, que contou com a presença, entre centenas de outras pessoas, do Embaixador da Espanha no Brasil, Sr. Ricardo Conde; do Cônsul-Geral da Espanha no Rio de Janeiro, Sr. Rafael Fernandez Gonzalez; de V. Ex.^a, Senhor Presidente, e de vários companheiros acadêmicos, representantes desta Casa.

Mas foi também uma noite honrada com a entrega pelo Sr. Ramon Vilar, presidente da Casa de Espanha, de uma placa alusiva à homenagem, além de dois excelentes discursos: um, da Sra. Regina Jallas, Diretora Cultural da Casa de Espanha, que saudou a homenageada, e outro, de Nélide Piñon, a nossa tetracampeã de quatro Prêmios Internacionais de Cultura.

Num comovente improviso, coroado por uma prolongada salva de palmas, Nélide agradeceu aquela manifestação de apreço e de carinho da comunidade espanhola, dos seus amigos e dos seus confrades brasileiros.

* Proferidas na sessão do dia 14 de julho de 2005.

Ali estávamos todos nós reunidos num preito de veneração ao exemplo de uma vitoriosa romancista, mas, sobretudo, de uma intelectual amiga, carinhosa, digna, competente, correta e respeitável, uma extraordinária figura humana, da qual esta nossa atual geração de brasileiros tanto se honra e tanto se orgulha.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES
PARECER DA COMISSÃO

Tenho para mim que Prêmio da importância do “Senador José Ermírio de Moraes”, concedido pela Academia Brasileira de Letras, deve recair sobre o livro de um escritor, publicado no ano anterior, que haja contribuído para que a arte de escrever, em qualquer gênero literário – poesia, ficção, crítica, ensaio, crônica, memorialística – chegue a novo patamar de expressão e de realização como obra de arte. Baseado nesse princípio, indico para o Prêmio neste ano, o romance *O Silêncio do Delator*, de José Nêumanne, lançado em São Paulo em 2004. Consegue nele o autor retratar a geração de 60 do século XX, até a de hoje, deste começo de um milênio, com sua contribuição ao que somos agora. Os Beatles, os *hippies*, as revoluções do período, Marcuse, Camus, Sartre, Felline, a fricção entre o Ocidente e o Oriente, enfim tudo o que cercou o homem nos últimos 45 anos aparece nas páginas de *O Silêncio do Delator*, num velório em que se discute a “verdade” dessa geração. Ressalte-se também a sabedoria da narrativa, que se firma numa série de contrapontos literários da melhor feitura.

Este é o meu parecer: *O Silêncio do Delator*, de José Nêumanne, para o “Prêmio Senador José Ermírio de Moraes” de 2005.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 2005
Acadêmicos: Antonio Olinto – *Relator*
Marcos Vilaça
João de Scantimburgo

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES
VOTO EM SEPARADO

O parecer do relator Acadêmico Antonio Olinto, subscrito pelo Presidente da Comissão Acadêmico Marcos Vilaça e pelo Acadêmico João de Scantimburgo não obteve unanimidade, pois declararam votos vencidos, com discordância do Parecer, os Acadêmicos Afonso Arinos de Mello Franco e Alberto Venancio Filho.

Cabe apresentar as razões da discordância:

O Regulamento do Prêmio dispõe no seu artigo 2.º que o prêmio deve ser concedido a uma obra que “represente efetiva contribuição à cultura brasileira”. Ora, o parecer, extremamente sucinto, em nenhuma linha se refere à cultura brasileira.

Inicia dizendo:

“Tenho para mim que Prêmio da importância do ‘José Ermírio de Moraes’, concedido pela Academia Brasileira de Letras, deve recair sobre o livro de um escritor, publicado no ano anterior, que haja contribuído para que a arte de escrever, em qualquer gênero literário – poesia, ficção, crítica, ensaio, crônica, memorialística – chegue a novo patamar de expressão e de realização como obra de arte. Baseado nesse princípio indico o romance *O Silêncio do Delator*, de José Nêumane.”

Este princípio é equivocado, pois o fato de o livro chegar a um “novo patamar de expressão e de realização como obra de arte”, não o enquadra no Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, senão o livro que “represente efetiva contribuição à cultura brasileira”. Ora, o próprio livro desmente o enquadramento, pois tem a seguinte epígrafe:

“Romance e inventário de amor e desamor, aventura e desventura, ilusões e desilusões, encantos e desencantos sobre sexo, política, drogas, moda, arte pop e *rock and roll*, em sete vozes que ressoam canções dos Beatles, Bob Dylan, Caetano Veloso, Belchior e mais um poema de Pedro Paulo de Sena Madureira.”

Sem necessidade de outros argumentos, em conclusão o Parecer não comprovou o enquadramento do livro apontado no artigo 2.º do Regulamento: “obra de qualquer gênero que traga efetiva contribuição à cultura brasileira”.

Por esses motivos não poderemos aprovar o parecer, considerando que o livro não se ajusta às normas do Regulamento e assim o livro *O Silêncio do Delator* não deve ser premiado.

Em conseqüência, vimos propor ao Plenário a concessão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao livro *Direito e Justiça no Brasil Colonial* (Tribunal da Relação do Rio de Janeiro – 1751-1808).

É o nosso voto.

Sala das Sessões, 17 de junho e 2005
Alberto Venancio Filho
Affonso Arinos de Mello Franco

SESSÃO DO DIA 20 DE JULHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira, ao dar início à sessão comemorativa do 108.º aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras, saudou os presentes e passou a compor a mesa, que ficou assim constituída: Acadêmico Arnaldo Niskier, Secretário de Estado da Cultura e que também representava a Governadora do Estado do Rio de Janeiro, Sra. Rosinha Garotinho, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário e o orador desta cerimônia, Acadêmico Alfredo Bosi. O Presidente, seguindo a tradição da Casa, leu o discurso pronunciado por Machado de Assis na sessão inaugural, de 20 de julho de 1897, e declarou aberta a sessão. Passou, a

seguir, a palavra ao Acadêmico Alfredo Bosi, para falar em nome da Academia.

- O Acadêmico Alfredo Bosi disse que, graças a uma feliz praxe desta Casa, coincidem nesta data a comemoração dos 108 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras e da entrega do Prêmio Machado de Assis e dos demais prêmios literários. Congratulou-se com a Academia pela outorga do Prêmio Machado de Assis, para conjunto de obra, ao escritor Ferreira Gullar. Trouxe a sua palavra de saudação, aplauso e júbilo a Cristóvão Tezza, premiado como ficcionista; à Neide Archanjo e Vera Lúcia de Oliveira, como poetas; a Mário Chamie, como ensaísta; a Eduardo Brandão e Ivo Barroso, como tradutores; e a Rogério Andrade Barbosa, por sua literatura infanto-juvenil. Disse que a Academia, nos seus anos de fundação, abriu generosamente as suas portas para grandes poetas do século XIX e que, hoje, conferiu o seu mais alto galardão a um poeta que é maranhense, brasileiro e universal. Prosseguindo, dá ênfase à obra de Ferreira Gullar. Deseja que este prêmio Machado de Assis e os demais, que estão sendo conferidos nesta sessão, concorram para reafirmar e confortar a crença desta Casa nos valores humanos da arte e da poesia. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira passou a fazer a entrega dos prêmios, iniciando-a com o Prêmio Machado de Assis ao poeta Ferreira Gullar. Convidou, a seguir, o escritor Cristóvão Tezza para receber o Prêmio ABL de Ficção, por seu livro *O Fotógrafo*. A entrega do Prêmio ABL de Literatura Infanto-juvenil ao escritor Rogério Andrade Barbosa, pelo livro *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*, ficou a cargo do Acadêmico Arnaldo Niskier. A entrega do Prêmio ABL – Ensaio, Crítica e História Literária ao escritor Mário Chamie, por seu livro *A Palavra Inscrita*, coube ao Acadêmico José Murilo de Carvalho. O Prêmio ABL de Poesia a Neide Archanjo, por seu livro *Todas as Horas e Antes*, foi entregue pelo Acadêmico Lêdo Ivo, e a Vera Lúcia de Oliveira, por seu livro *A Chuva nos Ruídos*, pelo Acadêmico Antonio Olinto. Para o Prêmio ABL de Tradução, o Presidente convidou o escritor Eduardo Brandão para receber a *lâurea* pela tradução de *O Espírito da Filosofia*

Medieval, de Etienne Gilson; e convidou também o Sr. Sérgio Martins, representante do grande tradutor Ivo Barroso, premiado por esta Casa por sua versão do *Teatro Completo de T.S. Eliot*. Prosseguindo, o Presidente passou a palavra ao escritor Ferreira Gullar.

- O poeta Ferreira Gullar agradeceu as palavras generosas do Acadêmico Alfredo Bosi e disse que, como ganhador do Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 2005, tem a missão e a honra de, em nome dos demais premiados deste ano, declarar sentir-se, comovido e lisonjeado com tal distinção que lhes foi outorgada pela mais significativa instituição cultural do Brasil, que, como tal, é reconhecida pela intelectualidade e pelo povo deste país. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira disse ser esta uma Casa que se apóia em muitas vertentes e uma delas é exatamente a dos Prêmios Literários; e é graça a esses prêmios que a Academia reconhece os mais altos valores da literatura nacional. Assim sendo, nesse 108.º aniversário, a Casa de Machado de Assis premiou a poesia, a ficção, o ensaísmo literário, o teatro, a literatura infanto-juvenil, a tradução e o conjunto de obras de um grande escritor. Disse que estamos todos aqui reunidos para aplaudir aqueles que, talvez, um dia, estejam entre os membros da Academia e gozando do convívio desta Casa. Hoje é um dia de festa e também um dia em que esta Casa de memória recorda as raízes da nossa tradição e premia aqueles que de fato mereceram estas lúreas. Afirmou que, segundo disse Ferreira Gullar, o homem inventou tudo, até Deus. Realmente há perguntas para as quais não há nenhuma resposta. A premiação, no entanto, é uma resposta e um reconhecimento do mérito dos escritores que esta Casa hoje ouviu, premiou e aplaudiu. Ao encerrar a sessão, convidou os presentes para um coquetel servido na Sala dos Poetas Românticos.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
E A CONCESSÃO DE PRÊMIOS*Palavras do Acadêmico Alfredo Bosi**

Graças a uma feliz praxe desta Casa coincidem, no dia 20 de julho, a comemoração do seu aniversário (a Academia está perfazendo o seu centésimo oitavo ano de existência) e a entrega do Prêmio Machado de Assis e dos demais prêmios a que fizeram jus autores contemplados pelas diversas comissões que a instituição designou para este fim.

A sessão, apesar da sua simplicidade, não deixa de ser solene. Em dois sentidos ela o é. *Solemnis*, explicam alguns latinistas, é adjetivo que contrai em si a expressão *solus annus*, o que acontece uma única vez por ano (*se non è vero, è bene trovato*), portanto um ato que deve ser bem marcado no calendário e lembrado condignamente. Assim é o aniversário da Academia Brasileira de Letras, guardiã de nossa memória literária e cultural há mais de um século, em uma nação onde notoriamente são precárias a memória e a viva compreensão do passado. E igualmente solene deve ser o momento da outorga dos prêmios a escritores que têm contribuído para dar sentido e coerência a nossa história intelectual.

Mas, além da definição etimológica, convém atentar para uma conotação polemicamente atual da palavra “solene”. Creio que ela nos adverte para a necessidade de um empenho moral e estético que contraste a futilidade compulsiva dos eventos produzidos pela comunicação de massa e encareça a bem-

* Proferidas na sessão do dia 20 de julho de 2005.

vinda gravidade da reflexão crítica que deve presidir à escolha dos merecedores dos prêmios que a Casa de Machado de Assis entendeu distribuir.

São em número de seis as categorias contempladas anualmente. Os prêmios foram atribuídos à poesia, à ficção, à literatura infanto-juvenil, à tradução, ao ensaio (categoria que se estende à crítica e à história literária) e ao conjunto da obra de um autor, portando este o nome do Patrono desta casa, Prêmio Machado de Assis.

As comissões especialmente designadas para o julgamento e a indicação final dos nomes houveram por bem distinguir os seguintes autores:

1. Na categoria de poesia dividiram o prêmio duas poetisas: Neide Archanjo, autora de *Todas as Horas e Antes*, e Vera Lúcia de Oliveira, autora de *A Chuva nos Ruídos*. Nossos agradecimentos aos poetas e confrades Lêdo Ivo e Carlos Nejar e ao Acadêmico Antonio Olinto pela tarefa da escolha que cumpriram zelosamente.

2. Na categoria de ficção, o prêmio foi outorgado a Cristóvão Tezza pelo seu romance *O Fotógrafo*. O julgamento coube a três ficcionistas que honram esta Casa: Ana Maria Machado, Moacyr Scliar e Nélide Piñon.

3. Na categoria de literatura infanto-juvenil, foi premiado o escritor Rogério Andrade Barbosa, autor dos *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*, escolhido pelos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho e Zélia Gattai Amado.

4. O prêmio de tradução foi dividido entre os escritores Ivo Barroso e Eduardo Brandão. Da copiosa messe de versões que ambos vêm realizando, a comissão, composta pelos Acadêmicos Sábado Magaldi e João Ubaldo Ribeiro, destacou o *Teatro completo de T.S. Eliot*, traduzido por Ivo Barroso, e *O Espírito da Filosofia Medieval*, de Etienne Gilson, por Eduardo Brandão.

5. O prêmio de ensaio, crítica e história literária foi outorgado ao ensaísta e poeta Mário Chamie, que deu a lume, no ano passado, um conjunto de ensaios literários intitulado *A Palavra Inscrita*. O julgamento foi proferido

pelos Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho, José Murilo de Carvalho e Candido Mendes de Almeida.

6. Enfim, o Prêmio Machado de Assis, que a Academia Brasileira de Letras destina ao melhor conjunto de obras, coube este ano ao poeta Ferreira Gullar.

Tendo integrado a comissão julgadora, ao lado dos confrades Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella, Tarcísio Padilha e José Sarney, é com muita satisfação que participo desta cerimônia em que se dá o justo reconhecimento e se presta a devida homenagem a um dos maiores escritores brasileiros vivos e, felizmente, em plena atividade como poeta, cronista e pensador da arte e da cultura.

A Academia que, nos seus anos de fundação, abriu generosamente as portas para acolher grandes poetas do fim do século, confere hoje o seu mais alto galardão a um poeta que é maranhense, brasileiro e universal. Na verdade, todos sabemos, a poesia é a linguagem primordial, a expressão auroral da humanidade, no dizer incisivo de Benedetto Croce. A poesia alcança dizer, intuitiva e densamente, imagem que é imantada pelo sentimento, tudo o que as outras formas de discurso dirão lenta e às vezes pesadamente.

Lendo a poesia forte e concisa de Ferreira Gullar, escutamos ao mesmo tempo as muitas vozes sofridas do povo brasileiro, que o poeta ama até o desespero, e a voz singular do homem perdido na selva urbana, mas que conhece por dentro a grandeza e a finitude da sua condição carnal.

Não se trata de uma cisão, mas do tenso convívio de duas dimensões, ambas existenciais, uma voltada para a socialidade, a outra para a intimidade, como o poeta diz incisivamente no denso poema “Traduzir-se”:

*Uma parte de mim
é todo mundo:
uma parte é ninguém:
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim
é multidão:*

*outra parte estranheza
e solidão.*

*Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.*

Em “Meu Povo, Meu Abismo”, que lemos no livro *Barulhos*, a identificação se faz quase absoluta (*Meu povo é meu abismo./ Nele me perco*). Quase, mas não absoluta, porque não se apaga de todo, antes punge, o sofrimento gerado pela intuição de uma ameaçadora distância entre o povo e o eu do poeta, que se sabe outro:

*Meu povo é meu abismo.
Nele me perco:
a sua tanta dor me deixa
surdo e cego.*

*Meu povo é meu castigo
meu flagelo:
seu desamparo,
meu erro.*

*Meu povo é meu destino
meu futuro:
se ele não vira em mim
veneno eu canto –
apenas morro.*

A homenagem que lhe prestamos hoje, distinguindo a sua obra como um todo, abraça não só os seus últimos livros, *Barulhos* e *Muitas Vozes*, contemplam não só o mais anticlássico dos nossos clássicos contemporâneos, que é *O Poema Sujo*, mas toda a sua já cinquentenária trajetória de poeta. Ferreira Gullar viveu a agonia surrealista nos textos juvenis de *A Luta Corporal*, tan-

genciou, nos anos 50 e 60, o experimento concreto e o neoconcreto, lançou-se no verso engajado do violão de rua que a luta política requeria, encontrando afinal a sua autêntica dicção em *Dentro da Noite Veloz* e em *A Vertigem do Dia*.

Ao ler “a pequenina grande obra-prima que se chama *Uma Luz no Chão*” (são palavras de Sérgio Buarque de Holanda), “a surpresa diante desse descobrimento causal foi o começo de uma exploração sem pausa do universo de Ferreira Gullar. Hoje me sinto tão familiarizado com todos os seus recantos que, para a singularidade e a importância de sua contribuição, só encontro de comparável, no Brasil, a prosa de Guimarães Rosa”.

Não me cumpre tecer, aqui e agora, um discurso sobre a sua obra, pois já tive a feliz oportunidade de fazê-lo ao prefaciá-la os *Melhores Poemas de Ferreira Gullar*, graças a um convite generoso de Edla Van Steen. Cabe-me, porém, lembrar que, ao lado da poesia, que é a sua expressão por excelência, Ferreira Gullar também contribuiu para aprofundar o debate crítico em torno do papel social da literatura em *Vanguarda e Subdesenvolvimento*, que é de 1969, e em torno da crise contemporânea das artes plásticas no seu lúcido *Argumentação contra a Morte da Arte*, publicado em 1993.

Nesta obra, em que o ensaísta soube ser polêmico sem agressividade, a arte é situada no seu verdadeiro lugar de doadora de significação a uma vida que a violência capitalista tantas vezes parece esvaziar de todo sentido. Em ensaios breves e ardidos, que prenunciam os seus admiráveis *Relâmpagos*, o crítico propõe uma das reflexões mais agudas que já se escreveram entre nós sobre o combate sem tréguas que o artista deve travar contra a expansão avassaladora da ideologia que tudo quer reduzir à condição de mercadoria.

Não hesitemos em fazer nossa a argumentação de Ferreira Gullar contra a morte da arte. Oxalá este Prêmio Machado de Assis e os que estão sendo conferidos nesta sessão solene concorram para reafirmar e confortar nossa crença nos valores humanos da arte e da poesia.

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS – 2005

*Discurso do Sr. Ferreira Gullar**

Minhas Senhoras e meus Senhores

Como ganhador do Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 2005, tenho a missão e a honra de, em nome dos demais premiados deste ano, queridos companheiros de delírio, declarar que nos sentimos todos comovidamente lisonjeados com tal distinção que nos foi outorgada pela mais significativa instituição cultural do Brasil, que, como tal, é reconhecida pela intelectualidade e pelo povo deste país.

Caros amigos, já que estamos em época de denúncias, aproveito a ocasião para denunciar todos os literatos e artista em geral, inclusive a mim, como mentirosos, ou seja, inventores de histórias que nunca aconteceram, de imagens nunca existentes, de personagens que jamais habitaram este planeta e de exagerar nas emoções que experimentam. Denuncio especificamente a Machado de Assis, fundador desta Academia, como tendo inventado uma personagem de mulher-esfinge que, depois do tal romance *Dom Casmurro*, passou inconvenientemente a fazer parte de nossa vida com aquele seu olhar de ressaca oblíquo e dissimulado. Denuncio os poetas que escrevem coisas irreais, como Carlos Drummond de Andrade que, naquele poema “A flor e a náusea”, afirma ter uma flor nascido no asfalto, em meio ao tráfego de veículos, às cinco horas da tarde e que furou o tédio, o nojo e ódio, o que é evidentemente no mínimo uma alucinação, e mesmo assim passamos todos a acreditar nisto e sentamos com ele no chão da avenida e passamos lentamente a

* Proferido na sessão do dia 20 de julho de 2005.

mão – tal como ele diz ter feito – naquela forma insegura, que era feia mas era uma flor. E é uma flor, que agora trazemos dentro de nós a tal ponto que de minha parte estou convencido de que ela brotou bem ali no asfalto da Avenida Graça Aranha, esquina com Araújo Porto-Alegre, próximo ao Ministério da Cultura, onde o poeta trabalhava.

O poeta é um fingidor, mas não só ele. Todas as pessoas vivem uma vida inventada, todas elas se inventam e buscam fazer com que as demais acreditem nesta invenção. A literatura é parte constitutiva da invenção que somos nós, seres humanos, nascidos da natureza, mas que a ela transformamos e reinventamos como inventamos o mundo em que vivemos com as nossas criações e nossos valores. Somos, na verdade, seres culturais mais que naturais. Criamos a técnica, a ciência, a filosofia, a música, a pintura, a literatura. E criamos a Justiça embora sejamos injustos. Inventamos – *data venia* – até Deus como resposta às indagações sem resposta. Na verdade, inventamos Deus para que este nos criasse.

O pouco muito que vivi foi suficiente para ensinar-me que, se não existe a verdade, existem verdades que embora não sejam permanentes, não valham para sempre, valem o suficiente para nos ajudar a inventar a vida e seguir adiante. Portanto, isto não significa que, por não serem permanentes, sejam meras ilusões, porque, se assim fosse, se de fato nenhuma verdade existisse, a vida humana seria simplesmente inviável. Se nenhuma verdade existisse, as pessoas não se comunicariam, não conseguiriam inventar e realizar seus projetos, enfim a sociedade humana não se teria formado nem se teria mantido. Se não houvesse nenhuma verdade, não existiria a ciência como não existiria a arte, a literatura, já que são ambas fundadas em verdades de diferente natureza. A verdade da ciência se comprova e a verdade da arte é a que comove.

Se para a epistemologia, a verdade é a questão essencial do conhecimento, para a arte a fronteira entre verdade e mentira, realidade e ilusão, é imperceptível, mesmo porque o propósito da arte é fundar a ilusão como verdade, ainda que momentânea e efêmera. É que, para a arte, mais vale a vertigem da emoção ou o deslumbramento do espanto do que a suposta veracidade do banal, mesmo porque talvez o banal é que seja ilusório, consequência do hábito que apagou nele a voz inusitada do insondável.

A verdade é que o homem tem fome de maravilha e que, por mais maravilhas que haja no mundo, será sempre menos do que o necessitamos e, por isto, como a sociedade precisa de quem plante e colha, precisa de quem invente e produza máquinas e cure doenças; necessita de quem trabalhe nas escolas e nas usinas, nos laboratórios e nos canteiros de obra, necessita também de quem, como nós, escritores, invente a vida outra, mais verdadeira que a real. Porque, de fato, que ninguém nos ouça, a vida, que é tudo o temos, não basta.

SESSÃO DO DIA 28 DE JULHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 20 de julho. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Helio Jaguaribe, que comparece pela primeira vez à sessão plenária da Academia depois de empossado. A seguir, passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez o registro do lançamento do livro *Das mãos do Oleiro*, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva agradeceu a generosidade do Acadêmico Murilo Melo Filho e disse que, como todos sabem quão amigo ele é, portanto, desconta-se de suas palavras tudo que há de excesso.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin associou-se às palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho e saudou o novo livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que é sempre uma festa para a literatura e a cultura deste país. A seguir, entregou para os Arquivos da Academia um precioso material, composto de recortes, fotos, matéria de jornal, sobretudo a respeito de Graça Aranha, e envolvendo também a polêmica na Academia. Disse que essa doação foi feita pela Sra. Maria Alice Miranda e é um material proveniente dos arquivos de seu pai, o jornalista Henrique Miranda, de fecunda atuação na ABI e uma figura de proa da campanha “O petróleo é nosso”.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a doação feita pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin e observou que não há, da parte dos acadêmicos com relação ao novo livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, nenhuma generosidade. O que há é o inteiro e sincero reconhecimento de todos os seus confrades pelo grande talento de ensaísta que ele revela a cada obra publicada.
- O Acadêmico Antonio Olinto demonstrou a sua estranheza com relação ao ciclo de conferências que está se realizando sob o título “Intérpretes do Brasil”. Disse que faltou neste ciclo Roberto Campos. Lembrou que no discurso com que o recebeu nesta Casa enumerou suas inúmeras realizações. Discorreu sobre a participação de Roberto Campos no que está ocorrendo na China de hoje. Disse que este era o homem cujo nome gostaria de ter visto no ciclo “Intérpretes do Brasil”.
- O Presidente disse que poderia justificar plenamente a ausência do Acadêmico Roberto Campos até o momento. Relatou que o ciclo de “Intérpretes do Brasil” terá no próximo ano a sua terceira edição. Passou a palavra ao coordenador do ciclo, nesses dois anos, que é o Acadêmico Cícero Sandroni.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que, com relação à estranheza do Acadêmico Antonio Olinto, seu amigo de longa data, desde a redação de

O *Globo*, e da revista *Ficção* lembra Terêncio – “Nada do que é humano me é estranho” e, como sabe que o Acadêmico Antonio Olinto é leitor de Terêncio não sabe o que estranhar. Explicou-lhe que este ciclo foi sugerido em sessão pelo saudoso Acadêmico Celso Furtado e vários acadêmicos apresentaram sugestões sobre quem poderia ser incluído no mesmo. Infelizmente não recebeu a sua sugestão. Espera que a Diretoria do próximo biênio continue com “Intérpretes do Brasil” e se possa então incluir o Embaixador Roberto Campos entre eles.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, a propósito do assunto, disse que esse ciclo não se esgotou. No ano passado foram cinco intérpretes do Brasil. Este ano mais cinco e, evidentemente, estão faltando muitos grandes intérpretes do Brasil. Lembrou Alberto Torres, Luís da Câmara Cascudo, Artur Ramos e serão lembrados muitos outros nomes que serão contemplados nos próximos ciclos.
- O Presidente disse que também já lhe foi sugerido o nome de Vianna Moog, que de certa forma interpretou o Brasil. Não há absolutamente nada contra a inclusão de Roberto Campos, que é um grande intérprete da realidade econômica brasileira. Ficando desde já o Acadêmico Antonio Olinto indicado para fazer a conferência sobre Roberto Campos. Mas tudo isso vai depender da nova Diretoria da Casa.
- O Acadêmico Lêdo Ivo aproveitou o ensejo para propor que, no próximo ano, um dos intérpretes a ser estudado seja Tavares Bastos e o orador seja naturalmente o Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Associou-se também às palavras aqui proferidas sobre o novo livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, chamando a atenção para algo que não foi salientado, que é a alta qualidade de sua prosa. Uma prosa cristalina, vigorosa, que pode ser colocada ao lado da prosa de um João Francisco Lisboa, de um João Ribeiro, de um José Lins do Rego e de um Gilberto Freyre. Salientou que, no livro, o que mais o impressionou não foi tanto a parte factual e sim a alta qualidade da sua prosa, como escritor e acadêmico.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo essa observação do ponto de vista do estilo, que realmente estava faltando. O Presidente disse que, por sugestão dos acadêmicos, embora a Casa ainda

não esteja em recesso, já tem seis nomes propostos para o ciclo do próximo ano, que são: Artur Ramos, Alberto Torres, Roberto Campos, Luís da Câmara Cascudo, Vianna Moog e Tavares Bastos. Passou a palavra ao Acadêmico Helio Jaguaribe.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe nessa primeira oportunidade de participar da sessão desta Casa, para a qual a generosidade dos confrades o elegeu recentemente, disse que, reitera seus agradecimentos aos confrades pela aceitação do seu nome para esta Instituição, onde se reúnem algumas das pessoas mais eminentes, mais cultivadas e mais brilhantes deste país. Está certo que uma das tarefas desta Academia é a de ser o centro de difusão e de elaboração dos valores do humanismo e está profundamente preocupado com o fato de que o declínio dos valores tradicionais e religiosos está abrindo um grande vácuo na comunidade cultural do ocidente. Vácuo que está sendo preenchido por formas de consumismo intransitivo, que são extremamente esmagadoras, asfíxiadoras da transcendência do homem. Acredita que existe uma transcendência humana, independente da postulação de um ser divino a instaurar-se, que é algo que surge da nossa liberdade racional, e encontra numa Academia como esta um ambiente absolutamente apropriado para cultivar e difundir estes valores. A seguir, submeteu à apreciação dos acadêmicos a sua preocupação com a extraordinária crise no nosso sistema político, que está sendo abordado pela imprensa e pelos protagonistas em termos quase que exclusivamente factuais. Considera muito mais importante do que as ilícitudes, sem prejuízo da gravidade de que elas se revestem, o fato da enorme deficiência do sistema institucional e de regulação da vida política brasileira. Disse ser necessário que se faça uma profunda, ampla e apropriada reforma institucional; e é nesse sentido que a Academia Brasileira de Letras, sendo uma das mais altas expressões da cultura brasileira, não pode se omitir diante da necessidade de um depoimento, que deva ser unânime. O fato é que o país necessita de uma grande reforma política, razão pela qual propõe a idéia de que se constitua um pequeno comitê, de três pessoas, para elaborar um projeto de uma comunicação da Academia relativamente a imperativa necessidade de uma reforma política, sem evidentemente entrar em minúcias partidárias e detalhes técnicos.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe as suas oportunas palavras, particularmente no que se refere à crise política e institucional que o país está vivendo. Acredita que esta Casa, através de seus membros, está muito atenta com tudo o que está acontecendo, mas lhe parece que a proposta de formação de um comitê, dentro da ABL, contraria os Estatutos. Mais, de qualquer maneira, trará este tema ao plenário para ver como será acolhida a idéia do Acadêmico Helio Jaguaribe.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse estar inteiramente de acordo com o Acadêmico Helio Jaguaribe. Aliás, está de acordo com uma proposta análoga feita pelo Acadêmico Celso Furtado, mas já que o Estatuto da Academia não permite uma manifestação da Casa, nada obsta a que os acadêmicos façam suas manifestações particulares. Rendeu uma homenagem a Antonio Callado, autor de uma frase que repete sempre e que define tudo que vem acontecendo nos últimos tempos: – “falta-nos uma âncora moral”. A sociedade está à deriva. Não só a sociedade brasileira, mas quase a sociedade universal. Não é que o homem tenha perdido seus valores transcendentais de Deus, mas perdeu sua âncora moral. Disse que a outra observação que tem a fazer é bastante melancólica sobre o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que só depois que deixou a carreira diplomática é que pôde se dedicar a sua verdadeira vocação e manifestar a brilhante expressão do seu pensamento. Disse que ainda não leu o último livro dele, mas lembrou *O Rio Chamado Atlântico*, realmente uma obra-prima de pensamento e que considera um dos livros mais importantes escritos nesses vinte anos. Daí a sua melancolia pelo tempo que a diplomacia roubou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva da sua verdadeira vocação, que é a do pensamento e do espírito.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as justíssimas palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony com relação a esse furto do nosso tempo. Furto esse que se dá aqui mesmo na Academia, porque desde que assumiu a presidência, pouco tempo lhe resta para escrever um verso. Passou a palavra ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, usando uma expressão muito conhecida em Pernambuco, do livro de Felisberto de Carvalho, que definia o astucioso, o inteligente, uma pessoa qualificada que tomava a experiência da vida para ensinar. Usou essa mesma expressão para definir o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A seguir, comunicou que quarta-feira próxima toma posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Prof. Roberto Cavalcanti de Albuquerque, que será saudado por uma das mais altas figuras de historiador brasileiro, que é o Presidente Arno Wehling. O Prof. Roberto Cavalcanti de Albuquerque vai se ocupar de um tema que diz muito a esta Casa, em geral, e a cada um dos acadêmicos, em particular. Vai se ocupar da figura de Joaquim Nabuco. Disse que Roberto Cavalcanti de Albuquerque é economista e um dos maiores especialistas em desenvolvimento regional no Brasil e alia esta condição de economista à de humanista. Entende que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro vai se enriquecer com a presença de Roberto Cavalcanti de Albuquerque, que toma posse na próxima quarta-feira, às 17 horas. Disse fazer esta comunicação à Academia Brasileira de Letras como Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e com um grande orgulho pessoal.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o convite que acaba de fazer e dizer que todos estarão atentos a essa posse de Roberto Cavalcante de Albuquerque.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho pediu licença ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça para apresentar o livro de um pernambucano. Trata-se de Milton Lins, médico, intelectual, membro da Academia Pernambucana de Letras, que fez a tradução de todos os sonetos de Shakespeare. Nas notas introdutórias ele explica como o trabalho foi feito, o cuidado e o desvelo que deu à tradução desses sonetos. Disse que fez uma comparação com os sonetos traduzidos por Jorge Wanderlei, obra completa, Ivo Barroso, esta incompleta, e viu que ele se encontra no mesmo nível. Considera uma boa aquisição para a Biblioteca da Academia esta tradução de Milton Lins.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a doação que este acabou de fazer e a lembrança dos seus antecessores, Ivo Barroso e Jorge Wanderlei. Passou a palavra ao Acadêmico Tarcísio Padilha.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha queria associar-se com inteira justiça à obra do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e ao seu primoroso estilo. Mas entendeu que esta sessão está sendo programática para o próximo ano e que as sugestões de nomes já estão sendo encaminhadas. Apresentou, então, uma sugestão não de nomes. Lembrou que, quando exerceu a presidência, fez a proposta de que os dez anos entre o falecimento e uma nova sessão, que não a de saudade, deveria acontecer. Ocorre que o tempo histórico está se acelerando. Disse ter ficado muito assustado com o Acadêmico Helio Jaguaribe quando afirmou que os prazos se encurtaram tanto que o Brasil terá que se resolver nos próximos vinte anos, sob pena de ser ultrapassado pela história e ficar na famosa periferia. Deixou, como sugestão, de que esse encurtamento do tempo histórico faz com que, eventualmente, um grande escritor, um grande poeta, um grande historiador, dentro de cinco anos, esteja totalmente esquecido, suas obras esgotadas, e assim por diante. Acredita que seria conveniente que esse prazo seja encurtado para que a sombra do ouvido não se estenda de tal maneira que quando se propuser um repensar sobre um determinado autor, a comunidade já comece a perguntar quem foi ele. Até porque esta é a Casa da memória por excelência.
- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha, com as quais está inteiramente de acordo. O tempo anda atropelando a todos.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que o Papa está encurtando até os prazos das beatificações e canonizações, quanto mais nós no tocante às homenagens aos escritores.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a observação, que é muito importante.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida associou-se às palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha. Disse que é necessário que se faça dentro da Casa a sociologia das diacronias das vigências dos grandes pensadores da Academia. Acha que isto está na linha da sociologia do conhecimento, das

vigências dos ocasos e das voltas. Por exemplo, o Instituto de Humanidades, onde é feita uma pesquisa a cada cinco anos e foi constatado que há grandes escritores e grandes artistas que têm a sua ciclinal e a sua anticlinal. Deu como exemplo, Carlos Drummond de Andrade, que caiu de 30%, e Manuel Bandeira, que caiu 50%. Isto significa uma volta ou existe uma sociologia do ocaso, que talvez possa funcionar pelo tempo eixo. Acha que a noção dessa diacronia pode ser o tema de um dos ciclos, ao lado dos vultos, da sua importância e do seu tempo histórico.

- O Presidente agradeceu a sugestão do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e passou a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier quis dividir com a Casa a alegria de ter participado, hoje, pela manhã, na Casa Brasil, onde está instalado o Jornal do Brasil, de uma solenidade, ao lado de Dom Eugênio Sales, onde se rememorou uma efeméride de grande relevo para o povo brasileiro, que foi a primeira vinda do Papa João Paulo II ao Rio de Janeiro, ocorrida exatamente há 25 anos. Disse que, como remanescente daqueles cem intelectuais que lá estiveram, teve a oportunidade de dizer algumas palavras de respeito à figura do Santo Padre, à memória de Dom Marcos Barbosa e ao discurso memorável feito pelo Acadêmico Alceu Amoroso Lima e a companhia que fez, em todos os momentos, a Sua Santidade, o Acadêmico Carlos Chagas Filho. Recordou também a admiração de Dom Lucas Moreira Neves por Dom Eugênio Sales. Ao mesmo tempo, foi prestada uma homenagem a Dom Eugênio Sales pelo muito que fez, e ainda faz, pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, da qual ele hoje é Cardeal Emérito. Foi uma solenidade, muito bonita na qual estive em caráter pessoal, mas gostaria de deixar aqui este registro. Falou, a seguir, da paixão que tem pela obra do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Afirmou que sendo a Academia a “Casa da memória” todos lembram muito de suas obras, o quanto se aprende na leitura das mesmas, mas é fundamental que se lembre que ele foi também um grande Presidente da Casa de Machado de Assis.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier, que fez suas. Prosseguindo, antes de entrar na Ordem do Dia,

apresentou uma tese de Doutorado do Prof. Gian Luigi De Rosa. A tese se chama: *La Funzione delle Accademie nel processo di formazione dell'identità culturale brasileira*. Disse que esta tese, que interessa muito ao nosso universo acadêmico, se ocupa no primeiro capítulo da Academia Brasileira de Letras através do Barroco e dos modelos europeus. No segundo capítulo estuda a Academia Brasílica dos Esquecidos. Logo em seguida a Academia dos Felizes, também a Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos, a Arcádia Ultramarina, a Academia Científica do Rio de Janeiro, a Academia Franciscana e a Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Termina discorrendo sobre a questão da Academia Brasileira de Letras como a expressão de um patronato cultural e político. Achou estranho que um professor italiano estivesse aparelhado para falar da maneira como fala neste livro da Academia Brasileira de Letras. Doou um exemplar à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras.

- Passando à Ordem do Dia, Modificações do Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras, o Presidente Ivan Junqueira apresentou a proposta, feita há três semanas pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, quanto à pertinência de se criar na ABL um Prêmio de História e Ciências Sociais. Leu o parecer do Acadêmico José Murilo de Carvalho. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.) Após a leitura, o Presidente submeteu ao plenário este prêmio nos mesmos moldes em que há dois anos foi criado o Prêmio ABL de Tradução.
- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se neste Prêmio ABL de História e Ciências Sociais estão incluídas as Ciências Políticas e Econômicas.
- O Presidente Ivan Junqueira submeteu novamente ao plenário a proposta do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que foi aprovada. Portanto, está criado o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que o Prêmio ABL de Literatura Infantil devia ser de Literatura Infanto-juvenil.
- O Presidente comunicou que esta modificação já foi feita e, se não consta ainda do novo Regimento Interno da ABL, tem que ser corrigida, porque no dia da premiação foi dito Prêmio ABL de Literatura Infanto-juvenil. Passando à segunda parte da Ordem do Dia, o Presidente comunicou que

ele mesmo solicitou, através da formação de uma Comissão composta pelos Acadêmicos Oscar Dias Corrêa, como presidente, Alberto Venancio Filho, como relator, e Affonso Arinos de Mello Franco para disciplinar a concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro. Passou a ler este parecer que será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente submeteu esta alteração à apreciação do plenário, que a aprovou.
- No capítulo das Efemérides o Presidente passou a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva que vai recordar Cassiano Ricardo.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony sugeriu ao Presidente que, em termos de votação, no plenário, pedir para levantar o braço é um pouco incômodo. A praxe é que permaneçam sentados os que aprovam, o que obriga a um sacrifício extra de se levantar os que vão votar contra.
- Na próxima votação o Presidente disse que acolherá a sua sugestão. Deu a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva para lembrar Cassiano Ricardo.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que realmente é muito bom em fazer amigos. Não sabe se esta é uma boa qualidade, dele ou, então se ele desperta a generosidade daqueles que lhe cercam. Aqui se falou a respeito, e mais de um acadêmico a isso se referiu, do esquecimento que cai, rapidamente, sobre a obra de alguns autores. Tal está ocorrendo com a obra de Cassiano Ricardo, cujo 110.º aniversário seria comemorado no dia 26 de julho passado. Discorreu sobre a vida e a obra do poeta. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva esse perfil exato, e ao mesmo tempo comovido, da trajetória poética de Cassiano Ricardo.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva fez uma reconstituição perfeita do perfil de Cassiano Ricardo. Mas não podia se calar diante do afeto e da admiração que sempre dispensou ao poeta e o interesse que continua despertando a obra de

Cassiano Ricardo. Afirmou nada ter a dizer de novo, porque tudo já foi dito pelo Acadêmico Alberto da Costa Silva, apenas salientar o percurso sinuoso, e ao mesmo tempo moderno, de Cassiano Ricardo. Discorreu sobre esse percurso que é ascensional, chegando a ser um poeta planetário. A convite do próprio Cassiano Ricardo, teve a honra de prefaciar seu último livro que foi *Os Sobreviventes*. Acrescentou que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva também se referiu ao verso longo, simultaneamente longo, silencioso e contido, e se lembra que só João Paulo Moreira da Fonseca teria feito isso na poesia brasileira contemporânea. Verso longo não é um espaço de dilapidação verbal, é, ao contrário, um verso econômico e extremamente intenso. Disse que Cassiano Ricardo conseguiu tudo isso. *Os Sobreviventes* é um livro que interroga sobre a condição humana a partir de sucessivas perdas ao longo da história do Ocidente. Primeiro foi a perda do Paraíso, que John Milton identificou; a segunda foi a perda das ilusões, que está em Balzac; a terceira é a perda das certezas, a morte das ideologias; e hoje é a perda do emprego. Assinalou que é esse homem que sem certezas interroga. Cassiano Ricardo interroga porque, a partir de um determinado instante da modernidade, interrogar é a única forma coerente de responder.

- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Eduardo Portella e gostaria de dizer que, de certa forma, essa tendência à pergunta de Cassiano Ricardo é própria de todo os poetas. Acha que todo poeta pergunta, mas, como salientou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, corre o risco de mergulhar no abismo se não souber responder a esta pergunta com outra pergunta.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida afirmou que esta Casa está vivendo um grande dia de Alberto da Costa e Silva e, acompanhado pela riqueza do pronunciamento do Acadêmico Eduardo Portella, a Academia está inovando, no sentido da evocação da efeméride, vinculando-a não só a descrição do que está como obra do espírito, mas à sua significação dentro do produto cultural e do sentido de uma cultura. Associou-se às palavras aqui pronunciadas sobre Cassiano Ricardo e sua obra admirável.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco solidarizou-se com o Acadêmico Carlos Heitor Cony com relação ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva e a profissão de diplomata. Está pensando nele e no seu antecessor, Antonio Houaiss, porque, depois que deixaram de ser funcionários públicos, passaram a ser grandes homens públicos. O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, depois que se afastou do Itamarati, e sabe que ele resistiu ferozmente à idéia de não se aposentar, quis se aposentar para criar, como tem criado, de uma maneira incessante. O seu predecessor, afastado pela brutalidade da ditadura militar, foi que veio a ser o grande dicionarista e enciclopedista da *Barsa* e da *Mirador*. Eles criaram asas depois que deixaram de se jungir àquela disciplina que os mantinha inevitavelmente presos. A aposentadoria deles transformou dois grandes funcionários públicos em dois grandes homens públicos, como o Acadêmico Alberto da Costa e Silva acaba de dar esta demonstração, e como aconteceu com o saudoso predecessor, Antonio Houaiss. Quis juntar os dois nessa homenagem afetuosa e saudosa ao mesmo tempo.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que aos dois juntaria também Machado de Assis, que levou uma carreira exemplar de funcionário público e depois se tornou o escritor que todos conhecem. Fez, também, suas todas as palavras que se disse de Cassiano Ricardo e contou que foi escrevendo sobre Cassiano Ricardo que se tornou um crítico de poetas. Convidado pela Acadêmica Nélida Piñon passou a escrever umas resenhas para *Cadernos Brasileiros*, e escreveu justamente sobre *Geremias Sem-Chorar*, sob o título, de “Os itinerários de Geremias”. A Acadêmica Nélida Piñon ficou tão ingenuamente encantada que lhe propôs fazer uma entrevista com Cassiano Ricardo, em São Paulo. Ele foi à casa de Cassiano Ricardo, em São Paulo, e lhe fez 50 perguntas, e ele respondeu a todas.
- O Presidente Ivan Junqueira convidou os presentes para o lançamento da revista *Comunicação e Política*, Homenagem a Celso Furtado, às 18h 30min, no Saguão do Centro Cultural da ABL. Informou que estará presente a viúva de Celso Furtado, Rosa Freire de Aguiar. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

DAS MÃOS DO OLEIRO, DE ALBERTO DA COSTA E SILVA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Para que fique devidamente inscrito em nossos *Anais*, desejo registrar o lançamento deste livro *Das Mãos do Oleiro*, do nosso estimado e querido acadêmico e ex-Presidente Alberto da Costa e Silva.

Trata-se de uma reunião de textos, palestras e prefácios escritos desde 1974 e 1998, até mais recentemente, e, sobretudo do ano de 2.000 para cá.

Neles, o Autor apresenta um painel abrangente sobre Tomás Antônio Gonzaga, sobre o Barão do Rio Branco, sobre Gilberto Freyre, a Tríplice Aliança, Cristóvão Colombo e Fidel Castro, sobre *Coronel, Coronéis*, do nosso Acadêmico Marcos Vilaça e de Roberto Cavalcanti de Albuquerque, sobre as relações do Brasil com a África, num pródigo esbanjamento de informações e comentários, oriundos de suas longas experiências diplomáticas, nas Embaixadas do Brasil na Venezuela, no Paraguai, na Colômbia, na Itália, na Espanha, mas, sobretudo na Nigéria e em Portugal, que o transformaram no maior africanólogo brasileiro dos tempos atuais.

Aí estão *A Enxada e a Lança*, *A Manilha* e o *Libambo*, *Um Rio Chamado Atlântico*, *Francisco Felix de Souza*, o *Mercador de Escravos*, e agora este admirável *Das Mãos do Oleiro*, no qual sustenta, entre outras coisas, que “o nosso passado não é menos feroz do que o passado dos demais povos, e precisamos conhecê-lo também pelo enfoque dos outros, para melhor aprender e

* Proferidas na sessão do dia 28 de julho de 2005.

com ele nos reconciliarmos”. Drummond escreveu que “toda História é remorso” e a nossa, ao lado de áreas luminosas e de encontros venturosos, é feita de conflitos e violência, a começar pela escravidão racial, com todas as suas seqüelas.

Bem haja este seu novo livro, Senhor Acadêmico Alberto da Costa e Silva, e que V. Ex.^a continue a nos brindar com obras tão importantes como esta, são os sinceros votos deste seu colega e contemporâneo, que muito o admira, estima e respeita.

PRÊMIO ABL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROPOSTA DE CRIAÇÃO

Considerando que desde a fundação da Academia dela têm feito parte, como patronos ou membros efetivos, vários dos melhores historiadores brasileiros, como F.A. de Varnhagen, Oliveira Lima, Afonso de E. Taunay, Rocha Pombo, José Honório Rodrigues, Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe;

Considerando ainda que também dela fizeram parte, como patronos ou membros efetivos, vários dos nossos melhores pensadores sociais e políticos, como Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Eduardo Prado, Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Raimundo Faoro, Darcy Ribeiro, Celso Furtados, Affonso Arinos de Mello Franco.

Considerando, por fim, que a Academia não possui prêmio que contemple trabalhos de História e Ciências Sociais, proponho que se altere o art. 53 do Regimento Interno no sentido de ser acrescentado o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais.

Rio de Janeiro, 9 de junho de 2005

José Murilo de Carvalho

CONCESSÃO DAS MEDALHAS
MACHADO DE ASSIS E JOÃO RIBEIRO
PARECER DA COMISSÃO

A Comissão nomeada pelo Presidente Ivan Junqueira para dar parecer sobre a formulação de normas para a concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro, examinou detidamente o assunto, se valeu do exame de estatutos equivalentes, e assim, vem propor a criação de Comissão, que, à semelhança da prevista para as Palmas Acadêmicas art. 52 § 2.º dê parecer sobre as propostas apresentadas.

Considerando que esta proposta exige a modificação do Regimento Interno, propõe a seguinte emenda, com o cancelamento do atual parágrafo ctnico e o acréscimo de três parágrafos:

“Art. 65 - ...

§ 1.º A proposta de atribuição dessas Medalhas será feita por qualquer acadêmico, justificadamente e por escrito, e encaminhada pela Diretoria a uma Comissão de três membros, por ela indicada, que emitirá parecer.

§ 2.º O parecer, submetido ao Plenário, ficará em pauta por duas sessões consecutivas, antes da votação, que se dará na terceira sessão.

§ 3.º A indicação, se feita em sessão, nao sera objeto de notícia nu ata dos trabalhos, senão quando aprovada.”

Sala das sessões, 9 de junho de 2005

Oscar Dias Corrêa – *Presidente*

Alberto Venancio Filho – *Relator*

Affonso Arinos de Mello Franco

CASSIANO RICARDO: VIDA E OBRA

*Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva**

Com frequência lamentamos o injusto esquecimento em que, por algum tempo após a morte, caem muitos autores. É o que está ocorrendo com Cassiano Ricardo, cujo 110.º aniversário comemoramos há dois dias.

Cassiano Ricardo publicou seu primeiro livro, *Dentro da Noite*, aos 20 anos. Seguiram-se depois três outros livros de versos, todos de cunho que se queria parnasiano, mas era, na verdade, neo-romântico: *A Fruta de Pã*, *Jardim das Hespérides* e *A Mentirosa de Olhos Verdes*. Curiosamente, o vocabulário desses livros da mocidade persistiria em sua poesia, tanto no momento seguinte, o verde-amarelista, quanto mais tarde, na sua obra madura. Cassiano manteve dessa fase inicial o apego à rima — uma rima, porém, cada vez mais livre e inesperada —, e ao soneto, a certas metáforas e a determinadas palavras como, por exemplo, “flauta”, “cisne”, “girassol”, “lua”, “estrela”, “rosa”, “anjo” e “asa”.

Não aderiu ele imediatamente ao Modernismo, como mostra o ter publicado em 1924 *A Mentirosa de Olhos Verdes*. Logo em seguida, porém, tornou-se um dos porta-vozes mais atuantes de um movimento que marcou o Primeiro Modernismo, o Verde-Amarelismo, do qual faziam parte Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho. Lançou então várias obras singulares como *Vamos Caçar Papagaios*, *Borrões de Verde-Amarelo*, *Deixa Estar*, *Jacaré* e esse longo poema que é *Martim Cererê*, um dos livros de

* Proferidas na sessão do dia 28 de julho de 2005.

versos que maior número de edições teve no Brasil, só superado por muitos poucos, como *Marília de Dirceu*, *Eu e Luz Mediterrânea*.

Martim Cererê data de 1928. É anterior, portanto, a *Cobra Norato*, de Raul Bopp. Nele vamos encontrar o mesmo aproveitamento das lendas ameríndias e até mesmo das maneiras de contar dos nossos índios, como registrado em Barbosa Rodrigues, Antônio Brandão de Amorim e Couto de Magalhães. Enquanto Bopp se ampararia no mito da Cobra-Grande, Cassiano recorreu ao da criação da noite, da noite que estava guardada numa noz de tucumã.

Martim Cererê é um belo livro, a pedir uma releitura crítica. Não a fiz, nem teria condições de fazê-la. Mas passei o último fim de semana a reler esse livro, fascinado por sua qualidade poética e a lamentar que esteja esquecido, que tenha ficado esquecido pela crítica até mesmo durante o período em que essa se derramou em elogios sobre a última fase de Cassiano Ricardo.

Em *Martim Cererê*, a história se transforma em mito. Cassiano usa o bandeirismo, ou, melhor, as vidas de uma série de bandeirantes, para construir um mito poético. E para arriscar o épico, num poema longo que se divide em pequenos poemas, como se cada um deles fosse uma espécie de capítulo, tal qual havia feito Castro Alves em “A cachoeira de Paulo Afonso” e, posteriormente, fariam Henriqueta Lisboa em “Madrinha lua” e Cecília Meireles no “Cancioneiro da Inconfidência”.

Essa transformação da história em mito respondia bem às preocupações que, por muito tempo, dominaram Cassiano Ricardo. Dez anos mais tarde, ele escreveria *O Negro na Bandeira*, um livro que, sendo de história, tange a linguagem épica, ao tratar da presença de africanos entre os bandeirantes. Menos de um lustro depois, Cassiano publicaria uma obra que marcou um importante momento da política brasileira e influenciaria por muitos anos o nosso pensamento estratégico. Refiro-me a *Marcha para o Oeste*.

Cassiano continuará seduzido pelo épico durante toda a sua carreira. Um de seus últimos trabalhos, “Eu no barco de Ulisses” é um poema admirável, não só como reconstrução do mundo grego, mas também como inserção desse mundo no mundo moderno. É um poema que termina com um disco-

voador, como se o disco-voador fosse a versão final do barco de Ulisses, na grande peregrinação do homem sobre a face da Terra.

Da fase do Modernismo heróico, ou seja, do Verde-Amarelismo, o poeta guardará, como já tinha conservado de seu período parnasiano ou neo-romântico, a predileção por determinados temas da vida presente, por certas mitificações das realidades de nosso tempo. Em sua poesia da idade madura aparecem o avião, o elevador, o pára-quedista, a bomba atômica, a televisão e o rock-and-roll. Todo aquele esforço de incorporação da vida contemporânea ao poético, que caracterizou certas vertentes do Primeiro Modernismo, persevera na grande virada que se vai verificar na poesia de Cassiano Ricardo a partir de *O Sangue das Horas*, que é de 1943, mas sobretudo com *Um Dia Depois do Outro*, de 1947, livro com o qual dá um grande salto para dentro de si mesmo. Nessa obra, ele sai de um poesia voltada para o exterior, voltada para a paisagem e os acontecimentos brasileiros, para uma poesia sobre a condição humana, sobre o seu estar no mundo, sobre as interrogações que põe à vida.

É curioso que tenha usado aqui a palavra “interrogações”. Sempre considerarei extremamente difícil e perigoso o uso da frase interrogativa, do ponto-de-interrogação em poesia. Para mim, quando o poeta se lança na pergunta, arrisca-se a se jogar num abismo, sem saber se vai cair ou vai voar.

Cassiano Ricardo, contudo, tinha gosto pela interrogação e sabia como usá-la. O ponto-de-interrogação aparece na maioria dos seus poemas. Como também um outro recurso, o de colocar frases entre parênteses, como se fossem comentários a favor ou contra, como uma espécie de eco, ou como se estivesse um outro poeta, ele próprio, a falar consigo mesmo.

Nessa última fase de sua vida, uma fase prolífica, extremamente rica, a dos Poemas rurais, “Face perdida”, “Arranha-céu de vidro”, “João Torto e a fábula”, “Montanha russa”, “A difícil manhã”, “Jeremias sem chorar” e “Os sobreviventes”, junta-se à alta qualidade poética a atração pelo experimentalismo. O nosso poeta possuía uma percepção especial em captar as inquietações dos mais jovens e em seguir-lhes as pegadas, embora continuasse a ser personalíssimo, a escrever como só escrevia Cassiano Ricardo. Como poeta experimental, ele se aproveita de recursos da Poesia Concreta e da Poesia Práxis, do mesmo modo que, antes, na grande virada de *Um Dia depois do Outro*, se

havia valido da pregação da Geração de 45 em favor do regresso às formas fixas e à tradição da lírica de língua portuguesa.

Cassiano não temia o poema longo nem o verso largo, quase a resvalar para a prosa e, algumas vezes, a ser salvo da prosa pela tensão que era capaz de pôr nas palavras. Mas era também um mestre do poema breve, como se pode ver claramente numa obra-prima, “Relógio”, que faço questão de ler:

*Diante de coisa tão doída
conservemo-nos serenos.*

*Cada minuto de vida
nunca é mais, é sempre menos.*

*Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.*

*Desde o instante em que se nasce
já se começa a morrer.*

Esse é um poema que eu e, creio, todos o poetas gostaríamos de ter escrito.

Cassiano não cessou de mudar, ao longo de toda a sua vida poética. Conservou, contudo, todos os ganhos obtidos em seus sucessivos momentos. Assim como lhe ficou, da época parnasiana ou neo-romântica, certo vocabulário, certo tipo de metáforas, sobretudo visuais, ficou-lhe do Primeiro Modernismo o gosto pela ironia, pela blague e pelo lúdico. Veja-se o poema “Ísis, a aeromoça”. Começa em elegia:

*Estás nascendo de ti, a toda hora
(água da fonte) porque a toda hora
poderás morrer (pássaro no horizonte).
Aeromoça que não choras
Porque somente vives no alto
Acima das coisas que se passam neste vale de lágrimas.
[...]*

*E, no entanto, não pensas na morte,
quando ela gorjeia, no teu coração.
Borboleta do Atlântico, irmã das gaivotas.*

Mas concluí assim, num arroubo completamente modernista:

*Mais vale uma aeromoça em terra firme
que dois pássaros voando.*

Os velhos Cassianos reapareciam sempre no novo Cassiano. E é assim que eu quero relembrar um grande poeta, sempre o mesmo e sempre diferente, e que passa, como tantos outros grandes poetas, por uma prova de esquecimento, para seguramente breve voltar a seduzir e comover com a mesma força com que nos seduziu e comoveu. Ou com uma força ainda maior.

SESSÃO DO DIA 4 DE AGOSTO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa, Sérgio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 20 de julho. Após reparo feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a ata foi aprovada. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva pediu a palavra para depositar nas estantes da Academia Brasileira de Letras o livro *Poesia Reunida* e os dois volumes de *Ensaios Escolhidos*, do Acadêmico Ivan Junqueira, entregues à Biblioteca com certo atraso. Não são livros de ensaios e poemas completos, mas poesia e ensaios reunidos até agora, marca de uma obra em processo, em cujos últimos trabalhos se aprofunda ainda mais a reflexão sobre o mundo e a criatura humana que caracteriza os poemas do Acadêmico Ivan Junqueira. Alguns deles podem mesmo ser qualificados como

culminação dessa meditação do Acadêmico Ivan Junqueira sobre a realidade da vida e do homem no tempo. Pensa, sobretudo, nos *Poemas Novos*, “O naufrago”, “O que me coube”, “O Rio” e, sobretudo, “Eis que envelheces”, que são poemas magistrais. Crê que são os pontos mais altos de sua obra, só raramente atingidos por um poeta brasileiro. Passou a ler “Eis que envelheces”. Acredita ser este um dos poemas mais altos que já se escreveu em nosso tempo, em língua portuguesa, e nos mostra, por ser o penúltimo do livro, que o Acadêmico Ivan Junqueira continua na plenitude e na força criadora a que nos acostumou desde o seu livro de estréia. Considera natural que nos dois volumes de ensaios prefira o volume sobre poetas e poesia, não só porque trata de poesia, mas porque é escrito num estilo fundamentalmente poético, como, aliás, se prenuncia na epígrafe desses volumes, quando o Acadêmico Ivan Junqueira recorre a Baudelaire para dizer que devemos ser sempre poetas, mesmo em prosa. Afirmou ser sempre uma aventura renovada reler os ensaios sobre Baudelaire, Eliot e Thomas. Mas no livro faz-se, ademais, uma viagem em companhia de um guia de grande saber e grande sensibilidade, pela poesia moderna e contemporânea do Brasil. Isso não significa que despreze os *Ensaios Escolhidos* sobre prosa, ficção, ensaísmo e crítica literária, quase todos agudíssimos, nota que é pelo metro da poesia que se examina e julga a prosa. Ressaltou, nesse segundo volume, um ensaio sobre Aníbal Machado, que merece leitura e releitura, e outro, que fecha o livro, sobre as *Lettres Portugaises*, de Mariana de Alcoforado, um ensaio que lhe fez lembrar a idéia que, há anos, teve um amigo seu, a de que não só as *Lettres Portugaises* fossem uma fraude, mas também os *Sonnets from the Portuguese*, de Elizabeth Barret Browning, aventando a hipótese peregrina de que ela não os tivesse escrito em inglês, mas, sim, traduzido de uma poetisa portuguesa ignorada.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao seu amigo, poeta e historiador, seu confrade Acadêmico Alberto da Costa e Silva a bela e sintética análise que fez desses poucos versos e desses ensaios escolhidos. A propósito do poema “Eis que envelheces”, gostaria de esticar o conceito a todos: eis que envelhecemos, todos, aqui neste plenário. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre o livro *Forças Armadas e Política no Brasil*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho, lançado ontem à noite, na Livraria Argumento. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a apresentação desse livro. Disse que quem tentar entender a história do Brasil sem a participação dos militares, seja para o bem, seja para o mal, não a entenderá. Tem a impressão que é isso que José Murilo de Carvalho quer dizer nesse volume.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu as generosas palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho e também os comentários do Presidente Ivan Junqueira a respeito do seu livro. Disse que esse seu livro foi feito a partir de um trauma, quando em 1964 o país sofreu o golpe militar, sem ninguém saber o que ia acontecer. Foi de um drama vivencial que veio todo o seu esforço de entender essa participação. Como toda a História é feita a partir de preocupações do presente, não sabe se foi capaz de explicar ou não. Agradeceu mais uma vez a generosidade do Acadêmico Murilo Melo Filho.
- Na Ordem do Dia: Votação de concessão de Palmas Acadêmicas, o Presidente comunicou que inicialmente votará a concessão das Palmas Acadêmicas ao escritor argentino Rodolfo Alonso. Leu a proposta que está assinada pelos Acadêmicos Lêdo Ivo, Alberto Venancio Filho e Alberto da Costa e Silva. O Presidente pediu, a seguir, ao relator da Comissão para ler o parecer sobre a proposta que acabou de ser lida. O parecer está assinado pela Acadêmica Nélide Piñon e os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin, relator, e José Murilo de Carvalho. O Presidente deu início ao processo de votação do parecer para a concessão das Palmas Acadêmicas. Pediu ao Acadêmico Antonio Olinto que exercesse a função de scrutador. Encontravam-se presentes 19 acadêmicos e 3 enviaram votos por carta num total de 22 votantes. Procedeu-se à votação e à apuração, que teve o seguinte resultado:

Rodolfo Alonso.....21 votos
 Em branco..... I voto

- O Presidente Ivan Junqueira anunciou que estão concedidas as Palmas Acadêmicas ao escritor argentino Rodolfo Alonso.
- O Presidente deu início à votação da segunda proposta para a concessão das Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss. Leu a proposta assinada pelos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Tarcísio Padilha e Antonio Carlos Secchin e passou a palavra ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, pela ordem, chamou a atenção para o fato de que com relação à concessão das Palmas Acadêmicas, o Regimento Interno da ABL se refere apenas a homens de letras de notável merecimento. Pergunta se, talvez, não fosse necessário fazer uma alteração no Regimento, que dava a impressão de discriminar as mulheres.
- O Presidente deu como exemplo o Secretário Perpétuo da Academia Francesa, que é Hélène Carrère d’Encausse.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco passou a ler o parecer da Comissão sobre a proposta para concessão das Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss, assinado pelos Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, Sergio Paulo Rouanet e Eduardo Portella. (Todas as propostas e pareceres lidos serão incorporados aos *Anais da ABL*.)
- O Presidente passou à votação desse parecer e pediu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para exercer a função de escrutinador. Informou que 3 acadêmicos votaram por carta e 18 encontravam-se presentes. Terminada a votação, teve o seguinte resultado:

Claude Lévi-Strauss.....20 votos
Em branco.....1 voto

- O Presidente anunciou que foram concedidas a Claude Lévi-Strauss as Palmas Acadêmicas.
- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Antonio Olinto relembrou Jorge Amado na passagem do quarto aniversário do seu falecimento. Comovido, falou sobre a obra, a vida de Jorge Amado e a amizade que

cultivaram ao longo dos anos. Lembrou o tempo em que vivia com sua mulher Zora no exterior e tinham contato quase permanente com o casal Jorge e Zélia. Discorreu sobre os inúmeros congressos de que participaram e onde Jorge Amado era sempre o astro e ele o professor que falava sobre o astro. Ficava impressionado pelo modo como era recebido. Conheciam-lhe a obra, os personagens, a Bahia e o Brasil.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto a lembrança que nos fez de Jorge Amado. Um depoimento comovido referente a umas tantas circunstâncias, mas que nos traz de volta esse notável contador de histórias e notável homem de letras do Brasil. A seguir, convidou todos os presentes para a mesa-redonda comemorativa do 4.º centenário de publicação da primeira parte do *Dom Quixote de La Mancha* e da qual participaram os Acadêmicos Eduardo Portella, Nélida Piñon e Antonio Olinto e o escritor Marcos Lucchesi. Nada mais havendo a tratar, declarou encerrada a sessão.

FORÇAS ARMADAS E POLÍTICA NO BRASIL,
DE JOSÉ MURILO DE CARVALHO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente, senhora e senhores Acadêmicos.

Durante uma noite de autógrafos, ontem, na Livraria Argumento, o nosso estimado Acadêmico José Murilo de Carvalho lançou este seu novo livro, *Forças Armadas e Política no Brasil*.

Ainda não tive tempo de lê-lo todo, mas as primeiras 100 páginas que já desfilaram sob os meus olhos foram suficientes para avaliar toda a sua importância, como um livro realmente sério sobre as históricas intervenções militares no nosso processo político.

O Autor começa analisando o Poder Desestabilizador das Forças Armadas na Primeira República, com os generais Deodoro, Floriano e Benjamin Constant; as Escolas do Realengo e da Praia Vermelha; a Missão Francesa; o hermismo com o Marechal Hermes da Fonseca; o tenentismo com os tenentes Siqueira Campos, Eduardo Gomes e Juarez Távora; passando pela Segunda República, com a Revolução de Vargas em 1930, até o fim do Estado Novo, também com Vargas, em 1945; a abertura e o fechamento do Exército à sociedade brasileira; as lideranças de Góes Monteiro, Eurico Dutra, Canrobert e Zenóbio; e chegando ao golpe de 1964, com Castelo, Golbery, Kruel e Mourão, quando, desta vez, os militares não transferiram o

* Proferidas na sessão do dia 4 de agosto de 2005.

poder aos seus aliados civis, como, até então, era de praxe e de costume. Vieram, viram e ficaram numa ditadura de 21 anos.

Cobrindo mais de um século de História, temos aqui este livro objetivo, erudito e isento, escrito por um autor sem paixões políticas ou partidárias, com estudos fundamentais para a compreensão do papel exercido pelas Forças Armadas no Brasil republicano.

Este seu novo livro vem acrescentar-se a uma elogiada bibliografia, da qual constam, entre outros, os seguintes:

A Construção da Ordem: a Elite Política Imperial; Os Bestializados: o Rio e a República Que não Foi; Teatro de Sombras: a Política Imperial; A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil; A Monarquia Brasileira; e A Cidadania no Brasil: o Longo Caminho.

Senhores Acadêmicos.

Faço este registro, para que ele conste de nossos *Anais*, num preito de admiração pela vida e pela obra de José Murilo de Carvalho, um respeitável mineiro, da cidade de Andrelândia, professor e acadêmico, ocupante da nossa Cadeira n.º 5, que sucedeu a Rachel de Queiroz e que aqui foi recebido pelo Acadêmico Afonso Arinos, filho.

José Murilo até hoje, em toda a sua vida, só teve uma falha e uma lacuna: as de ser meu homônimo e meu xará.

Porque, afinal, ninguém é perfeito.

CONCESSÃO DAS PALMAS ACADÊMICAS
A RODOLFO ALONSO

*Proposta lida pelo Presidente Ivan Junqueira**

Propomos à Academia Brasileira de Letras a concessão das Palmas Acadêmicas ao poeta, escritor e tradutor argentino Rodolfo Alonso.

Assim procedemos fundamentados na cláusula *b* do artigo 52 do Regimento Interno, que institui a concessão em apreço “a homens de letras de notável merecimento que não sejam sócios correspondentes da Academia”.

Rodolfo Alonso é uma das personalidades literárias mais notáveis da Argentina. Além de poeta e ensaísta internacionalmente consagrado, destaca-se pelo seu profundo conhecimento da literatura brasileira, a cujo serviço se colocou há vários decênios. À sua criação pessoal acrescenta-se o trabalho de tradutor de grandes poetas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima e muitos outros.

Em convênio com a ABL, foram publicadas na Argentina as suas primorosas antologias poéticas de Manuel Bandeira e Olavo Bilac, as quais têm logrado merecida repercussão, num processo de recepção que se irradia pelas outras nações do Continente.

* Leitura feita na sessão do dia 4 de agosto de 2005 da proposta apresentada na sessão do dia 2 de junho de 2005.

Cumpramos ainda acentuar que, há mais de trinta anos, Rodolfo Alonso se projetou como o primeiro tradutor de Fernando Pessoa na América Hispânica.

Integrando a delegação Argentina ao XIII Festival Internacional de Poesia realizado em maio último em Bogotá, Rodolfo Alonso pronunciou, no Instituto Cultural Brasil/Colômbia, uma conferência sobre a poesia brasileira contemporânea, que testemunha não apenas o seu carinho pelo nosso país, como ainda um penetrante conhecimento de nosso cenário poético, falou não apenas dos poetas consagrados, mas ainda daqueles que, nas províncias, alteiam ou tentam altear as suas vozes.

Estamos certos, pois, de que esta Academia haverá de manifestar o seu reconhecimento a Rodolfo Alonso, concedendo-lhe as Palmas Acadêmicas.

Lêdo Ivo
Alberto Venancio Filho
Alberto da Costa e Silva

CONCESSÃO DAS PALMAS ACADÊMICAS
A RODOLFO ALONSO

Parecer lido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin

Meu parecer é favorável à concessão das Palmas Acadêmicas ao escritor Rodolfo Alonso, cuja bibliografia se alça a mais de vinte e cinco títulos, não só por suas reconhecidas qualidades de poeta, ficcionista e crítico, mas também por seu relevante e profícuo trabalho como estudioso e tradutor de literatura brasileira, de que são bons exemplos as recentes edições, publicadas com o apoio desta Casa, das antologias de Olavo Bilac e de Manuel Bandeira.

Acrescento que, na Argentina, Rodolfo Alonso já foi merecedor do Prêmio Nacional de Poesia. Além disso, foi quem pioneiramente verteu, na América Hispânica, a obra de Fernando Pessoa. A ele igualmente devemos primorosas traduções de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Ungaretti, Montale, Prévert e Valéry, entre outros autores de igual importância.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 2005

Nélida Piñon

Antonio Carlos Secchin – *Relator*

José Murilo de Carvalho

CONCESSÃO DAS PALMAS ACADÊMICAS
A CLAUDE LÉVI-STRAUSS

*Proposta lida pelo Presidente Ivan Junqueira**

Excelentíssimo Senhor
Acadêmico Ivan Junqueira
DD. Presidente da
Academia Brasileira de Letras
Rio de Janeiro

Senhor Presidente,

Os acadêmicos abaixo-assinados, na forma do determinado pelo Parágrafo II do art. 52 dos estatutos, propõem a V. Ex.^a a concessão das palmas acadêmicas ao membro da Academia Francesa Claude Lévi-Strauss.

A proposta se funda na alínea *b* desse mesmo artigo 52, que prevê a concessão da láurea a homem de letras de notável merecimento, que não seja sócio correspondente da Academia. Inscreve-se também na oportunidade das comemorações do Ano Brasil na França e do relevo que nelas deverão merecer o incremento do intercâmbio entre a Academia Francesa e a Academia Brasileira de Letras.

Candido Mendes
Tarcísio Padilha
Antonio Carlos Secchin

* Leitura feita na sessão do dia 4 de agosto de 2005 da proposta apresentada na sessão do dia 2 de junho de 2005.

CONCESSÃO DAS PALMAS ACADÊMICAS A LÉVI-STRAUSS

*Parecer lido pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco**

A proposta dos Acadêmicos Candido Mendes, Tarcísio Padilha e Antonio Carlos Secchin no sentido de que se concedam as Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss se enquadra plenamente na alínea *b* do artigo 52 do Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras, que prevê sua atribuição a “homens de letras de notável merecimento, que não sejam Sócios Correspondentes da Academia”, e, indiretamente, na alínea *a*, onde se contemplam personalidades com “serviços relevantes prestados às letras, ciências ou artes, e à aproximação cultural com o Brasil”.

Considerado um dos grandes intelectuais do século XX, fundador do estruturalismo – corrente de pensamento, nas ciências humanas, inspirada no modelo da lingüística, que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações – Lévi-Strauss lecionou Sociologia, de 1934 a 1937, na Universidade de São Paulo. Concluiu seu primeiro trabalho etnográfico em 1936, sobre a organização social dos índios bororos, pesquisando no Mato Grosso e na Amazônia. Posteriormente, obteve do governo francês financiamento para nova expedição ao interior do Brasil.

Em 1948, doutorou-se pela Sorbonne ao expor duas teses, “Família e vida social entre os nambiquaras” e “As estruturas elementares do parentesco”. Em 1959, assumiu a cátedra de Antropologia no Collège de France, e,

* Lido na sessão do dia 4 de agosto de 2005.

em 1968, recebeu a Medalha de Ouro do Centre National de la Recherche Scientifique, a mais alta distinção da ciência francesa.

No livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955, ao estudar sociedades indígenas do Brasil central, as relações entre o Velho e o Novo Mundo, o significado da civilização e do progresso, o autor não produziu apenas um clássico da etnologia, mas obra universal sobre a crise do processo civilizatório na modernidade.

Em 1973, Claude Lévi-Strauss foi eleito para a Academia Francesa. Ganhou o Prêmio Erasmus, o Prêmio Meister-Eckhart de filosofia, além de doutorados *honoris causa* por diversas universidades.

Poucos expoentes da cultura mundial terão sido tão merecedores das Palmas Acadêmicas quanto o sábio nascido em Bruxelas a 28 de novembro de 1908. É o nosso parecer favorável.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 2005

Eduardo Portella
Sergio Paulo Rouanet
Affonso Arinos de Mello Franco

SESSÃO DO DIA 11 DE AGOSTO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 4 de agosto de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. A seguir, passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou à Biblioteca da Academia, em nome da Editora Topbooks, o livro *Gilberto Freyre ou O Ideário Brasileiro*, de autoria de Odilon Ribeiro Coutinho. Falou sobre a figura do autor que, desde os bancos universitários, se destacou na luta contra o Estado Novo e que estava no palanque do *Diário de Pernambuco* quando foi assassinado o estudante Demócrito de Souza Filho. Ressaltou que Odilon Ribeiro Coutinho tinha uma atividade empresarial muito grande, por isso não produziu o que poderia. Muito amigo de

Gilberto Freyre, em várias ocasiões escreveu sobre ele. Foi esse material que uma professora da Universidade de Pernambuco reuniu neste livro póstumo. São estudos muito bem feitos, muito rigorosos, em que a amizade não prejudicou o senso crítico. Acrescentou que, além dessa qualidade de escritor, Odilon Ribeiro Coutinho foi uma personalidade excepcional como amigo, excelente conversador e homem generoso. A sua bolsa sempre esteve aberta para os interesses dos intelectuais. Foi ele que financiou o busto de Manuel Bandeira, que está no Recife, assim como financiou a revista *José*, de Gastão de Holanda, que foi uma bela revista que houve no Rio de Janeiro. Acredita que a Academia se enriquece com esta obra de Odilon Ribeiro Coutinho.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a doação que ora nos faz desta importante obra sobre Gilberto Freyre. Passou a palavra ao Acadêmico Cícero Sandroni.
- O Acadêmico Cícero Sandroni informou que, ao atender à solicitação do Presidente Ivan Junqueira, esteve em São Paulo, no último dia 5 de agosto, para representar a Academia Brasileira de Letras no Grande Júri do Prêmio Fundação Bunge – o antigo Prêmio Moinho Santista, composto por integrantes de quase meia centena de instituições culturais. Este ano as categorias eram as seguintes: Ciências Agrárias, para o desenvolvimento do Agronegócio; Ciências Humanas e Sociais para Educação Fundamental; Ciências Exatas e Tecnológicas, para Física, e Letras, para Romance. Na área de Romance, a Comissão Técnica de Letras, da qual participava o Acadêmico Arnaldo Niskier, submeteu ao Grande Júri os nomes de Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar. A votação, secreta, indicou como vencedora a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. A mesma Comissão Técnica de Romance indicou para o Prêmio Fundação Bunge de Romance – Categoria Juventude o nome da jovem romancista carioca Adriana Lisboa, que já recebeu, há dois anos, em Portugal, o Prêmio José Saramago, para escritor de até 35 anos. Na véspera, em jantar oferecido pela Fundação Bunge, o Acadêmico Miguel Reale, presidente perpétuo do Grande Júri, teve ocasião de manifestar sua alegria e satisfação pela presença, em São Paulo, não só do Acadêmico Arnaldo Niskier, na Comissão Técnica de Romance, mas também com o representante da ABL.

Informou também que na última segunda-feira, pela manhã, participou, como representante da ABL, de reunião no Museu Histórico Nacional, convocada pela Professora Vera Tostes, que congregou representantes de todas as Instituições Culturais do Rio de Janeiro para coordenar as atividades das comemorações, em 2008, dos duzentos anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Na ocasião, depois que outros participantes deram suas opiniões, inclusive o representante da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, relatou estar a Academia se preparando para organizar um livro sobre a Imprensa Régia no Brasil. Por sugestão da Professora Vera Tostes, surgiu a idéia de se criar um *site* na Internet onde as entidades informassem sobre suas atividades. Lamentou a ausência do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que também tinha sido convocado, mas em virtude de outro compromisso, não pôde comparecer. Espera que reuniões futuras possam contar com a presença do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que será o representante natural da Academia.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu, muito particularmente, ao Acadêmico Cícero Sandroni por ter comparecido a essa reunião da Fundação Bunge. Havia informado ao Acadêmico Miguel Reale que não poderia estar presente, em razão de outros compromissos. Afirmou tratar-se de um prêmio da maior importância e toda a Casa se alegrou por ter sido a Acadêmica Lygia Fagundes Telles a ganhadora. Passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse ter a satisfação de passar à Biblioteca da Academia o livro *Aluísio Azevedo, Vida e Obra (1857 – 1913)*, de autoria do Prof. Jean Yves Mérian, que é catedrático de Literatura Brasileira da Universidade de Rennes. Trata-se de um estudo monumental, não só sobre a vida de Aluísio Azevedo, mas de todo o contexto cultural e político do Brasil na segunda metade do século XIX que, sem dúvida, situa o Prof. Mérian como o maior estudioso de Aluísio Azevedo, ao lado do Acadêmico Josué Montello.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin a doação que faz à Biblioteca da Academia e que enche esta Casa de orgulho, porque um dos nossos imortais é estudado e divulgado na França. Todos

sabem como é difícil o trânsito de um escritor, que escreve em português, pelo resto do mundo. Passou a palavra ao Acadêmico José Murilo de Carvalho.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, em primeiro lugar, afirmou que, com toda certeza, não fez falta na reunião a que o Acadêmico Cícero Sandroni representou plenamente a ABL. Disse que pediu a palavra para registrar que ontem teve início uma série de mesas-redondas, organizadas pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), em colaboração com o jornal *O Globo*, celebrando os 70 anos do nascimento de Herbert José de Souza, o Betinho. Lembrou que foram colegas, por breve período, na Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais, onde Betinho encarnava à perfeição, a mudança e a vida no pensamento social da Igreja Católica naquele momento, pela sua atuação na JUC e depois na AP, da qual ele era líder, em função, sobretudo, do brilho da sua mente. Na época, já se destacava dos outros por um lado visionário que guardou pelo resto da vida. Como todos sabem, ao voltar do exílio, ele liderou várias campanhas nacionais: a campanha pela reforma agrária, a campanha pela fome e a miséria e, sobretudo, o que é importante para o momento atual, a campanha pela ética na política. Uma ética que Betinho entendia não apenas no sentido de uma moral individual, mas também no sentido de uma corrupção do sistema republicano. Crê que diante do espetáculo deprimente a que estamos assistindo é importante lembrar esta figura com o seu lado de visionário, uma pessoa totalmente dominada por causas públicas, sobretudo causas da justiça e da ética. Só receia que Betinho tenha sido um dos últimos repúblicos.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho as palavras que trouxe a esta Casa sobre esse Seminário e a figura de Betinho. Acredita que o moderno conceito de cidadania neste país deve muitíssimo ao Betinho.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça encaminhou à Biblioteca da Casa o livro *Nabuco: Razão e Sentimento Memorial da Restauração*. Disse ser este o texto da conferência que o Prof. Roberto Cavalcanti de Albuquerque proferiu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na última

semana, quando tomou posse naquela Casa, sendo saudado num discurso muito competente, muito bem feito e muito preciso do Presidente Arno Wehling. Ressaltou que o Prof. Roberto Cavalcanti de Albuquerque, mais uma vez nesse texto, demonstra a sua cultura humanística, a sua visão do mundo e faz um memorial de restauração da figura de Joaquim Nabuco, com uma grande qualidade. Afirmou que, como colega dele de geração, de colégio, de faculdade, tem uma alegria muito grande de poder oferecer à Biblioteca da Academia um trabalho realmente sério. Crê que os Acadêmicos Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Alberto Venancio Filho, Alberto da Costa e Silva, Cícero Sandroni e Eduardo Portella, que estiveram presente ao ato, poderão acompanhá-lo nesse juízo de valor.

- O Acadêmico Cícero Sandroni solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Eduardo Portella concordou com o que foi dito pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, mas, sobretudo, gostaria de destacar num cientista social a qualidade do texto que o deixou realmente impressionado, porque é a qualidade de quem convive inteiramente com a literatura.
- O Presidente se uniu aos três acadêmicos que manifestaram a sua impressão a respeito do discurso do Prof. Roberto Cavalcanti de Albuquerque, conhecido de todos por uma obra tão importante como *Coronel, Coronéis*, escrito de parceria com o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- Na Ordem do Dia, o Presidente comunicou que vem há algum tempo recebendo sugestões de acadêmicos para que se modifique alguma coisa no processo que concede os prêmios desta Casa. O que está trazendo hoje, ao plenário, é uma primeira conversa sobre o problema, mesmo porque qualquer modificação que se faça implicará uma alteração do Regimento. As sugestões que lhe foram apresentadas são as seguintes: a primeira foi de que a ABL voltasse ao regime das inscrições aos prêmios. Discorreu sobre o perigo de haver grande quantidade de inscritos em cada gênero literário. Por outro lado, a partir dessas inscrições, o universo de pessoas, que às vezes merecem o prêmio da Academia, fica muito amplia-

do. A segunda observação é de que os prêmios voltassem a ter os nomes dos acadêmicos que levavam antigamente. Tem a impressão que esses prêmios nomeados ganhariam em credibilidade e até certa solenidade. Ainda há outra proposta no sentido de que esses prêmios fossem concedidos de dois em dois anos. Disse que é sobre estas sugestões que gostaria de ouvir o plenário.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier considera que houve uma redução no prestígio dos prêmios quando foram retirados os nomes dos mesmos. Deu como exemplo o Prêmio Olavo Bilac, que considera muito mais bonito e muito mais importante do que o Prêmio ABL de Poesia. Disse que estaria inteiramente de acordo com a volta dos nomes aos prêmios, também porque a Academia é a casa da tradição, e todas as vezes que a tradição é deixada de lado, em busca da modernidade altamente discutível, não se ganha com isso. Com relação ao prêmio ser dado de dois em dois anos, considera um absurdo, pois até a eleição da Diretoria é anual.
- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier, sobretudo quando revela a sua sensibilidade no que toca à necessidade de que se mantenha acesa a tradição da Casa. Esclareceu que apenas está canalizando as sugestões.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin deu o seu apoio a reinserção dos nomes, para que os prêmios não ficassem tão anônimos. Apoiou também a sugestão de que as inscrições voltassem a ser realizadas.
- O Acadêmico Lêdo Ivo manifestou a sua estranheza diante dessa aragem mudancista na Academia Brasileira de Letras nos últimos anos, como se a Academia fosse uma instituição temporária, uma instituição que está sendo feita agora. Disse que há 19 anos pertence à Comissão de Poesia e acha o Prêmio ABL de Poesia muito mais importante do que com qualquer nome, porque a Academia está acima de todos. Considera os prêmios da Academia, sem nenhum nome, muito mais importantes e muito mais honrosos para os premiados. É também contra as inscrições para os prêmios, baseado na sua experiência. O prêmio sem inscrições é o mesmo da tradição da Academia Francesa, há séculos. Ressaltou também que o prêmio sem inscrições faz a Academia buscar no amplo universo literário

do Brasil os nomes mais significativos. Disse ainda que se forem avaliar os escritores premiados nos últimos anos, sem as inscrições, fica provado como o nível dos prêmios da Academia se elevou, e assim a Casa se consolida muito mais junto à comunidade literária. Quanto aos prêmios serem concedidos de dois em dois anos, está inteiramente em desacordo com essa proposta. Mas como o Presidente disse que essas sugestões são de alguns acadêmicos, e alguns são poucos, presume que a maioria esmagadora não quer nenhuma mudança.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, completando a sugestão do Presidente Ivan Junqueira, disse que não se pode confinar os prêmios às inscrições. A inscrição é uma indulgência com alto elogio, e a abertura a toda a dimensão do critério é a dimensão que marca as instituições maiores. O prêmio anual é ínsito à própria organização da Casa, o que precisa é publicidade. A safra é fértil, é rica e é pela sua continuação que a Casa responde à expectativa nacional.
- O Acadêmico Evanildo Bechara disse que, a respeito da duração dos prêmios, e sugeriu que não fossem todos os prêmios distribuídos anualmente. Seriam divididos em duas partes e, havendo possibilidade, os prêmios seriam aumentados de valor. Assim, ao lado do peso meritório da obra, teriam também um peso financeiro a estimular a presença de candidatas a esta instituição.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Evanildo Bechara e lembrou a todos que esta é uma primeira rodada de sondagem com relação à pertinência ou não de alguma modificação no Regimento ABL, especificamente com respeito aos prêmios.
- O Acadêmico Sábato Magaldi disse que está de acordo com a colocação do Acadêmico Tarcísio Padilha. Conhece muito escritor de grande valor que jamais se submeteria a uma inscrição, inclusive pelo receio de não ganhar e ficar uma situação muito delicada.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que os prêmios da Academia são valiosos e contemplam todas as escolas literárias. A Academia não pode, depois de um século, reduzir o prêmio à metade. Acha que o Regimento da

Academia tem sido muito retalhado nos últimos anos. A Academia devia esquecer qualquer iniciativa no plano da mudança e da alteração.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que ouviu atentamente a opinião dos Senhores Acadêmicos e lembrou que o orçamento deste ano não contemplava uma verba orçamentária para prêmios. A Academia não tinha dinheiro para pagar esses prêmios porque precisava ser aplicado em outras obrigações como jetom, seguro-saúde, representação, pessoal, compras e aquisições. Esta Diretoria assumiu o risco de manter os prêmios, mesmo não tendo uma dotação orçamentária, com a esperança de que a situação melhorasse um pouco durante o ano, o que de certa forma aconteceu. Não obstante, na sua opinião o número de prêmios deveria ser aumentado. Acha que os prêmios devem continuar anuais. Finalizando, disse que a Academia não precisa aumentar o valor que se dá aos prêmios porque eles têm muito prestígio. Concorde com o Acadêmico Sábato Magaldi em que há um número de escritores que não se inscreveriam jamais e que certamente mereceriam a atenção e o interesse dos acadêmicos.
- O Acadêmico Eduardo Portella fez uma observação sobre a fala do Acadêmico Arnaldo Niskier, defendendo a restauração dos nomes dos prêmios, quando disse que o Prêmio de Poesia seria muito mais interessante se fosse Olavo Bilac. Entende que se voltasse à idéia dos nomes não indicaria Olavo Bilac, indicaria Gonçalves Dias, Castro Alves, Manuel Bandeira e vários outros. Acha razoável deixar o nome Prêmio ABL de Poesia pela dificuldade imediata de se escolher um nome. No caso de Olavo Bilac, considera um nome tendencioso, não só do ponto de vista poético, mas do ponto de vista também ideológico. Para não entrar num debate infrutífero, acha razoável deixar o nome como Prêmio ABL de Poesia.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier esclareceu ao Acadêmico Eduardo Portella que não indicou o nome do Acadêmico Olavo Bilac, apenas deu um exemplo.
- O Acadêmico Carlos Nejar, sobre o assunto, disse que um nome é um nome, mas a Academia Brasileira de Letras é a Academia Brasileira de Letras, e não se deve fixar um determinado nome no que tange aos prêmios porque o foco é para a Academia Brasileira de Letras, que é uma ins-

tituição secular. Acha importante o que foi dito pelo Acadêmico Cícero Sandroni no sentido de aumentar os prêmios e não diminuir, porque acha que a Academia deve andar para frente. Antes de começar a sessão recebeu uma manifestação, muito sábia do Acadêmico Helio Jaguaribe, e ficou esperando que ele apresentasse; mas de antemão tem o seu apoio.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe, levando em conta observações apresentadas pelo Presidente, julgou que seria conveniente distribuir informalmente a proposta aos vários acadêmicos para que, havendo um consenso satisfatório, se formalizasse. Não seria conveniente que uma declaração da Academia fosse assinada por meia dúzia de membros, mas acha provável que seja assinada pela quase totalidade. Para que não seja objeto de debate no plenário, porque são manifestações da consciência pessoal, está divulgando o documento a título pessoal e quando houver o consenso, a favor ou contra, terá a oportunidade de submeter ao plenário.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva apresentou uma proposta que não implica alteração dos Estatutos, apenas uma decisão a ser tomada pelas futuras Comissões que julgarem os prêmios: evitar a divisão dos prêmios. O prêmio deve ser dado a um só livro, a uma só obra, a um só autor, porque a divisão enfraquece a qualidade do prêmio.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que foi um dos primeiros a assinar o documento que o Acadêmico Helio Jaguaribe teve a gentileza de lhe mandar por e-mail, e que não só em conteúdo e forma representa o pensamento da maioria desta Casa. Quanto aos prêmios, acha que estão sendo banalizados. A Academia tem a obrigação de dar um retorno à sociedade, e o Prêmio Machado de Assis é o bastante, único, sem divisão. Quem ostenta o Prêmio Machado de Assis tem realmente do que se orgulhar. Os outros prêmios divididos prejudicam a própria vida literária do país. Acha que é preciso haver uma certa hierarquia de mérito e, no caso da ABL, os prêmios estão sendo muito banalizados. Disse que já se absteve de premiar na Comissão de Tradução e falou com o Presidente que não vai participar de nenhuma reunião de premiação.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony a sugestão de concentrarmos os esforços num prêmio único, o que não vê com maus olhos.
- O Acadêmico Affonso Arinos, no tocante a proposta que foi apresentada pelo Acadêmico Helio Jaguaribe e foi objeto de comentário do Acadêmico Carlos Heitor Cony, lembrou que esta proposta foi apresentada de forma muito clara, no sentido de que ela não significasse uma tomada de posição da Academia, o que nem caberia. Disse que o Acadêmico Helio Jaguaribe a apresentou como uma solidariedade individual de cada acadêmico consultado a uma determinada postura, como disse muito bem o Acadêmico Carlos Nejar. O Acadêmico Helio Jaguaribe não quis fazer um julgamento, apenas mostrar uma esperança. Falou que não estamos julgando nada, que é uma questão que depende individualmente de cada qual e lembrou ao Acadêmico Helio Jaguaribe que não é necessário um quorum para determiná-lo, uma vez que não é posição da Academia. O importante são os acadêmicos que têm e desejam manifestar determinada posição diante de uma conjuntura política que alarma a todos. Acha que se disser que precisa de quinze ou de vinte e um votos já significa que é ligado à Academia, e a Academia deve permanecer neutra nesse assunto.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a manifestação do Acadêmico Affonso Arinos, na qual está de pleno acordo.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que a cidade pernambucana de Garanhuns é o berço, durante vários séculos, da família Ivo, inclusive pelo guerrilheiro Pedro Ivo cantado por Álvares de Azevedo. De modo que se associa aos protestos do Acadêmico Marcos Vilaça sobre a menção do Acadêmico Carlos Heitor Cony.
- O Acadêmico Eduardo Portella solidarizou-se com o documento do Acadêmico Helio Jaguaribe. Disse que assina, participa do que ali se escreve, e acha oportuno e necessário. Lembrou uma pequena anedota que lhe aconteceu. Quando era estudante fez uma entrevista para o *Jornal de Letras* de Elísio Conde com o escritor Camilo José Cella e neste momento, falando sobre prêmios, ele disse: “o que eu acho grave nesses prêmios

é que o prêmio ilude o auditório e ilude o próprio autor, porque pensa que é verdade e passa a se auto-avaliar em função daquele prêmio”. Encontrou Camilo José Cella quarenta anos depois, em Paris, na casa de Federico Mayor, e ele estava se comportando exatamente como um Prêmio Nobel. De maneira que a história dos prêmios tem esse percurso acidentado e acha que ninguém deve imaginar que um prêmio possa decidir a sorte da obra de um escritor. Isso é simplesmente um estímulo e não confere nenhuma transcendência especial aos prêmios.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fez um reparo relativo às maiorias e minorias. As maiorias podem ser sempre ambíguas, mas as minorias não podem ser contundentes.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que as palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony representam um pouco aquele escritor cético, para quem as pessoas são divididas em dois grandes grupos, os pessimistas e os mal informados. Essa é a visão do Acadêmico Carlos Heitor Cony, e pergunta a ele qual foi a importância na carreira literária dele dos prêmios que ganhou quando jovem e se ele aceitaria o Prêmio Nobel de Literatura, o que seria muito bem dado a um escritor de sua qualidade. Disse que muitos prêmios são explorados comercialmente pelos patrocinadores, mas os prêmios da Academia são importantes porque são prêmios que reconhecem o mérito, prêmios que honram, prêmios que estimulam os jovens escritores e consagram os veteranos. O Acadêmico Cícero Sandroni disse ainda que não só Cony, mas também outros romancistas e poetas desta Casa são candidatos naturais ao Nobel.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que quando era jovem, no início de carreira, e se inscrevia nos concursos, porque fazia parte dos mal informados. Hoje, se considera pessimista. Disse que a possibilidade de ganhar qualquer prêmio equivalente ao Prêmio Nobel é um delírio, é uma alucinação da qual está, pela idade, completamente isento.
- O Presidente Ivan Junqueira insistiu no fato de que as propostas que trouxe não são suas. Apenas atuou como um canal de opiniões recebidas, observações, nenhuma delas muito enfática nem apaixonada, nem incisiva. São comentários que vem ouvindo há algum tempo e que, num determi-

nado momento, resolveu trazer à consideração do plenário desta Casa. Sendo conveniente trazer novamente esse problema, será avaliado com o tempo. Devido ao adiantado da hora, pediu ao Acadêmico Murilo Melo Filho que deixasse as Efemérides para a próxima semana. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 18 DE AGOSTO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Marco Maciel, Oscar Dias Corrêa, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 11 de agosto de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. A seguir, passou a palavra ao Acadêmico Antonio Olinto.
- O Acadêmico Antonio Olinto anunciou que na próxima semana estará inaugurando mais uma Biblioteca Popular na Favela de Guandu, com o nome de Biblioteca Popular Fernando Sabino. Salientou que esta será a quarta Biblioteca Popular inaugurada este ano. A primeira foi a Biblioteca Abgar Renault, na própria sede administrativa da Prefeitura; depois, a Biblioteca Jorge Amado, na Rocinha, e até o fim do ano será inaugurada a Biblioteca Rachel de Queiroz. Disse que na Prefeitura não se fala mais em

favelas; e sim em comunidades carentes. Convidou a todos para a inauguração de mais esta biblioteca na Comunidade Carente do Guandu, em Santa Cruz, no dia 24 do corrente, às 10 horas da manhã, com a obra completa de Fernando Sabino doada pelo seu editor.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que queria não apenas agradecer ao Acadêmico Antonio Olinto a notícia da inauguração de mais uma biblioteca, como também fazer o louvor a este confrade por essa atividade que vem desempenhando com tanto brilho, desde o início do Governo de César Maia.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe anunciou que foi organizada uma mesa-redonda que terá lugar logo após a sessão da quinta-feira, dia 15 de setembro, para homenagear a memória de José Ortega y Gasset, quando transcorrem os cinquenta anos do seu falecimento. Participarão dessa mesa-redonda sobre Ortega y Gasset os Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcísio Padilha, Sergio Paulo Rouanet e ele próprio.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe a notícia dessa mesa-redonda, organizada em boa hora, porque evidentemente esta Casa não poderia ignorar o cinquentenário da morte desse grande pensador espanhol.
- O Acadêmico Cícero Sandroni pediu a inserção nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* de um artigo publicado hoje, no *Jornal do Brasil*, sem caráter partidário ou político. Afirmou tratar-se de um artigo que está pleno daquele sentimento de cidadania, medularmente ético, do Acadêmico José Murilo de Carvalho, sob o título “Credo do otário”, e que passou a ler.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni a leitura do artigo de José Murilo de Carvalho que será transcrito nos *Anais da ABL*.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que durante cinquenta anos o grande filósofo Paul Ricœur visitou muitas vezes uma pequena comunidade na cidade de Taisé, na França, fundada por um suíço, Roger Louis Schutz-Marsauche. Em 1942 foi aconselhado a voltar para a Suíça porque poderia ser tragado pelo nazismo. De volta à França, desenvolveu uma comu-

nidade que atrai jovens do mundo inteiro, onde havia sinais da presença de uma espiritualidade renovada, de tal maneira que Paul Ricœur ia lá rezar com Frère Roger. O Acadêmico Tarcísio Padilha afirmou que também lá esteve e sentiu a força dessa espiritualidade pura, em que não se distinguem as crenças religiosas. Pessoas de todas as crenças acorrem para esses encontros. Relatou que anteontem Frère Roger, nonagenário, celebrava a missa quando foi brutalmente assassinado por uma senhora romana, certamente desequilibrada, e assim ele deixou este mundo. Mas, na realidade, o que ele deixou foi uma mensagem que fala de confiança, de esperança, de paz, e essa mensagem é eterna. Salientou que o grande Ricœur soube reconhecer a originalidade e a força da sua mensagem.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha pela triste notícia que trouxe aqui do assassinato de Frère Roger, incansável discípulo de Paul Ricœur.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida falou sobre a morte de Miguel Arraes. Afirmou que não está falando de um político, mas de um varão da República, de alguém que vincula uma época histórica e uma grande etapa dentro do Brasil. Disse que Miguel Arraes hoje já é uma figura mitológica da esperança do Nordeste. Disse que é a memória desse homem que queria trazer neste momento, um homem que foi, sobretudo consagrado na extraordinária procissão dos quinze mil sertanejos que o levaram até a sua sepultura no Recife, na semana passada.
- O Acadêmico Cícero Sandroni associou-se às palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e lembrou que Miguel Arraes esteve na ABL, por ocasião das homenagens que a Academia prestou pelo centésimo aniversário do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho. Miguel Arraes foi o orador escolhido pelo Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho para falar nessa sessão. Acredita que valia a pena lembrar, nessa ocasião em que se lamenta a perda de Miguel Arraes, a presença dele aqui na Academia.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou para os *Anais da Academia Brasileira de Letras* um documento que reflete a mesma cidadania de que falou o Acadêmico Cícero Sandroni. Trata-se do discurso que o Ministro Sepúlveda Pertence fez sobre o saudoso confrade Evandro

Lins e Silva, por ocasião da homenagem póstuma que lhe foi prestada no Supremo Tribunal Federal. Disse que o Ministro Sepúlveda Pertence começou a carreira como Secretário Jurídico de Evandro Lins e Silva e depois foi do escritório de Victor Nunes Leal. Na Presidência do Governo Sarney foi feito Procurador da República e mais tarde Ministro do Supremo, onde está a quase vinte anos, com uma atuação brilhante de dedicação, de correção e de cidadania. O perfil que ele traça do Acadêmico Evandro Lins e Silva é realmente muito bonito, destacando as suas características jurídicas, mas tem um episódio tocante, quando ele conta que esteve com o Ministro Evandro Lins e Silva no último dia da sua vida, convidado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso para ingressar no Conselho da República. Houve um almoço e o Ministro Sepúlveda Pertence foi a única pessoa fora da família convidada para esse almoço. Nesse discurso ele diz que o Acadêmico Evandro Lins e Silva estava radiante de alegria naquele dia. Chegando de volta ao Rio, sofreu o lamentável acidente que o levou à morte. Acredita que é uma homenagem que a Academia presta ao Acadêmico Evandro Lins e Silva, que entrou nesta Casa já numa idade propecta, teve grande satisfação e orgulho de ser acadêmico e, nos poucos anos que aqui esteve, trabalhou com muito afinho e com muita dedicação.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a rememoração emocionada que acaba de fazer de Evandro Lins e Silva, que comoveu a todos, e também o louvor que fez às palavras tão oportunas do Ministro Sepúlveda Pertence.
- Passando à Ordem do Dia, o Presidente deu algumas notícias sobre o Portal da Academia. Assinalou que desde a última vez que aqui se referiu a este *site* ocorreram muitas modificações. Foi incluída uma série de novidades. Leu, a seguir, um rápido relatório de como se encontra esse Portal, que é de fundamental importância para cada um dos acadêmicos e, sobretudo, para os incontáveis consulentes que acessam o *site* da ABL. Lembrou que este Portal é de responsabilidade do Centro de Memória da ABL e foi lançado na Internet no dia 2 de setembro de 2004. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Murilo Melo Filho recordou a vida e a obra de Múcio Leão, no 36.º aniversário do seu falecimento, ocorrido no dia 12 de agosto de 1969. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho essa lembrança, delongada, emocionada e minuciosa sobre a vida e a obra de Múcio Leão. Anunciou ao plenário que ainda este ano sairá o primeiro volume de *Autores e Livros*, série organizada pelo Acadêmico Múcio Leão, preparada por Alexei Bueno, e que foi encomendada quando ainda era Presidente desta Casa o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Afirmou que é intenção da Academia publicar nesses próximos anos os onze volumes da coleção.
- O Acadêmico Cândido Mendes de Almeida associou-se à esplêndida colocação que o Acadêmico Murilo Melo Filho fez da portentosa carreira e da riqueza de detalhes que deu sobre Múcio Leão. Aproveitou a aproximação para lembrar a passagem de Anatole France pela Academia Brasileira de Letras. Disse que Laurent Personne, que é o Secretário da Academia Francesa, lhe pediu para conseguir os dois discursos que Anatole France fez aqui. O primeiro chama-se “Le Positivisme et la paix du monde” e o segundo “Le Christianisme avant et après Jésus”. Indagou se a ABL tem vestígios desses documentos, pois a Academia Francesa gostaria muito de tê-los.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva sugeriu que fosse feita uma pesquisa nos números de *Autores e Livros* porque, se não está enganado, foi feito um número especial sobre a visita de Anatole France ao Brasil.
- O Presidente também sugeriu uma consulta aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Cícero Sandroni acredita que deve valer a pena uma consulta à Coleção do *Jornal do Commercio*, que costumava publicar, na íntegra, os discursos não só dos acadêmicos, mas também de visitantes ilustres.

- O Presidente lembrou que a sessão da próxima semana, no dia 25 do corrente, será realizada às 16 horas, no Salão Nobre da Academia, para a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Nêumanne. Nada mais havendo a tratar, declarou encerrada a sessão.

ALÉM DO FATO: CREDO DO OTÁRIO

José Murilo de Carvalho*

“A gente não é bobo”

DUDA MENDONÇA

1. Creio na existência do interesse coletivo, na virtude política e na justiça social.

Eu sou otário.

2. Creio que o dinheiro do contribuinte é público e é administrado pelo governo, mas não pertence ao governo.

Eu sou otário.

3. Creio no direito dos contribuintes de se recusarem a pagar impostos quando o dinheiro público for objeto de malversação pelo governo.

Eu sou otário.

4. Creio que os políticos são delegados dos eleitores e têm que prestar contas de seus atos e dar transparência a suas ações.

Eu sou otário.

5. Creio no direito dos eleitores de revogar o mandato de representantes infíéis e corruptos, mesmo na duração do mandato.

Eu sou otário.

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 18 de agosto de 2005.

6. Creio que os funcionários públicos de todos os escalões são servidores dos contribuintes e têm que pautar seu comportamento pelo uso honesto do dinheiro público, pela eficiência e pela civilidade.

Eu sou otário.

7. Creio que tanto assalta o patrimônio do cidadão o contribuinte que sonega imposto quanto o Estado que cobra impostos escorchantes.

Eu sou otário.

8. Creio que são tão corruptos o político e o funcionário público que cobram propina quanto o empresário que oferece propina em troca de favores.

Eu sou otário.

9. Creio que a impunidade é a madrinha da corrupção e que a prisão especial para portadores de diplomas universitários viola o princípio da igualdade perante a lei.

Eu sou otário.

10. Creio que é mais corrupto o político que compra voto abusando do poder econômico do que o eleitor que vende voto por necessidade econômica.

Eu sou otário.

HOMENAGEM PÓSTUMA A EVANDRO LINS E SILVA

*Discurso do Ministro Sepúlveda Pertence**

Senhor Presidente; eminentes Ministros de ontem e de hoje, do Supremo Tribunal Federal; Senhor Ministro da Justiça; Senhores Ministros dos Tribunais Superiores; Senhores Magistrados; Senhor Procurador-Geral da República; Senhores Subprocuradores-Gerais da República e membros do Ministério Público; Senhores advogados, familiares de todas as gerações de Evandro Cavalcanti Lins e Silva. Senhoras e Senhores.

Perdoe-me o Tribunal se, de logo, lhe confesso a minha frustração: há momentos em que a honra e responsabilidade da missão, orgulhosamente recebida, acabam por inibir o missionário.

Reclama o cerimonial da Corte, na sessão dedicada a evocar a memória dos seus mortos, a solenidade de um discurso escrito com a pretensão de ser o perfil definitivo do homenageado.

Não sou um neófito na incumbência honrosa. Orgulho-me de meus quarenta e dois anos de vivência quase cotidiana do Supremo Tribunal — antiguidade só superada pelo meu amigo Ministro Octavio Gallotti. Advogado, Procurador-Geral da República, Ministro, numerosas as orações proferidas na posse dos Presidentes da Casa, na aposentadoria, na morte, no centenário de seus juízes, de muitos deles tendo sido amigo.

* Este discurso integra a ata da 32.^a sessão extraordinária do plenário, realizada em 13 de novembro de 2003, e republicada no *Diário da Justiça* em 17 de agosto de 2005.

Já de outra vez, quando Procurador-Geral da República, tive de iniciar com escusas o meu discurso, por não poder manter, na oração em memória de Victor Nunes Leal, o tom de impessoalidade que o momento reclamava.

Hoje, o envolvimento emocional com o homenageado novamente me levou, como daquela vez, a prolongar até quase à última hora as leituras a seu respeito: forma inconsciente, talvez, de adiar, o quanto possível, o discurso que sela a inexorável e definitiva tomada de consciência da sua morte.

E a isso se somaram nem sei que angústias pessoais, que me renderam – já amanhecia – à impossibilidade da escritura devida deste discurso.

Escusem-me, Senhores e Senhoras, o desatavio das notas apressadas que me guiarão na recordação emocionada do ídolo caído.

A biografia de Evandro Lins e Silva – contada por ele mesmo, em primoroso livro-depoimento é bem conhecida.

De estirpe pernambucana, meio por acaso, nasceu no Piauí, em 1912, ao tempo em que o pai era juiz municipal no Maranhão.

O curso secundário, iniciado em Recife, conclui-se no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.

Comerciário e depois jornalista, pouco freqüentou o curso de Direito. Ele diria “foi o pior possível”. E confessaria, com uma ponta da sedutora vaidade que o marcava, nele, nunca teve uma só aula de Direito Penal. Faz-se bacharel, em 1932, graças a sucessivos decretos emergenciais do governo provisório resultante da Revolução de 1930.

Antes do bacharelado, porém – no atrevimento dos seus dezenove anos, diria –, inicia-se no cenáculo que lhe traria as maiores glórias: a tribuna do Júri do Rio de Janeiro. A tribuna do Júri faria de Evandro não só o mais famoso, mas, pelo reconhecimento incontestado de sua grei, costumeiramente enciumada, “o criminalista do século”.

De sua popularidade, guardei uma recordação indelével. Adolescente, numa das primeiras idas ao Rio de Janeiro, assisti, no João Caetano, à minha primeira peça do teatro de revista. Nela, uma cena me chamou a atenção. A mulher descobre a prova de infidelidade do marido e grita, indignada: “Eu

tenho que matar este homem”. E, em seguida, mais calma, dirigindo-se à empregada: “Fulana, telefone logo para o Dr. Evandro Lins.”

Mas, popularidade à parte, Evandro é um marco divisor da oratória forense, que, então, tinha no Júri a sua vítima de glória:

“Entre os nomes dos advogados que o país guardou” – assinalou o grande Raymundo Faoro – “está Evandro Lins e Silva. Coube-lhe, seguindo a tradição dos seus admirados mestres e amigos, trazer ao mundo da oratória duas inovações que se incorporaram à cultura do advogado: a persuasão pela prova, antecipando Perelman, não mais pela emoção. Em segundo lugar, no seu estilo oratório ou escrito, banuiu-se a grandiloquência, ainda defendida, em causa própria, por Cícero (*O Orador*), com o exemplo de Demóstenes, estilo que, na gravidade e majestade da expressão, com veemência, comovem e convertem os corações. Evandro, dentro da oratória artística, cujo segredo é ocultar a arte, possui, como exigiam os oradores áticos, a correção, a lucidez e a elegância. Nas suas notáveis defesas, lidas ou ouvidas, a exposição dos fatos se continha na brevidade, clareza e plausibilidade. A ascendência da prova, na sua exposição, não retirou o encanto (*delectare*), nem a veemência, nem a indignação que se legitimam no curso da exposição e na peroração”.

Orador com extraordinária força de persuasão – testemunhou o seu discípulo amado, Antônio Evaristo de Moraes Filho – “Evandro fala ao cérebro dos jurados, mas não esquece de lhes tocar o coração, isto, sem derramar-se em pieguices caricatas”.

É de Evandro Lins, no Júri, outra recordação de adolescente – esta, decisiva para a eleição dos rumos de minha própria vida. Ter assistido à sua defesa em Belo Horizonte, do médico Romualdo Neiva, no famoso caso “Marcha-à-Ré”, poupou de mim a medicina e deu ao País mais um bacharel em Direito.

Ainda na sua juventude, outra tribuna além da do Júri, a arte incomparável de Evandro Lins: a partir de 1936, com a criação do Tribunal de Segurança Nacional – que, “de tribunal, diria ele, apenas tinha o nome e era, na verdade, um ajuntamento sem pejo, uma afronta à consciência da nação” – Evandro é absorvido pela defesa das vítimas da repressão política do autorita-

rismo varguista: são mais de mil defesas, até o fim do Estado Novo, invariavelmente gratuitas.

Esses anos de militância no Tribunal de Segurança Nacional desvaleriam duas virtudes marcantes de Evandro Lins: de um lado, a coragem moral; de outro, a tolerância, que o fez defender com a mesma dedicação os perseguidos de esquerda, próximo do seu ideal socialista, mas também os integralistas e, até, acusados de espionagem nazista.

A retomada do processo democrático, em 1945, já encontra Evandro Lins consagrado como o maior criminalista de sua geração; personagem central da advocacia nos processos mais retumbantes do tempo, não apenas no Rio de Janeiro, mas em numerosos estados do país.

Fundador, embora, da Esquerda Democrática da UDN, depois convertida em Partido Socialista Brasileiro, a paixão pela advocacia não o deixa ser seduzido pela militância partidária. Chegaria ao prosclênio da vida pública, por acaso, quando, sem o conhecer antes, é convidado pelo então Vice-Presidente João Goulart, em 1961, para participar de sua comitiva na visita à China, que, lá, seria surpreendida pela notícia da renúncia de Jânio Quadros.

Veio daí a sua passagem vertiginosa, no tumultuado Governo João Goulart, pela Procuradoria-Geral da República, a chefia da Casa Civil da Presidência da República e o Itamarati, até, em 1963, ser nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, onde se empossou em setembro daquele ano: o primeiro advogado criminalista a chegar à Corte – orgulhava-se de dizer.

A lembrança da chegada de Evandro Lins ao Supremo Tribunal Federal, vindo diretamente da cúpula do Poder Executivo, fez-me voltar a refletir, nesses dias, sobre uma das mais desassidas das propostas na discussão da reforma judiciária, a qual, com a pretensão ingênua de reforçar a independência do Tribunal, pretende vedar a nomeação de ministros que, nos três anos anteriores, hajam exercido mandato eletivo ou sido Ministro de Estado, Procurador-Geral da República ou Advogado-Geral da União: se vigente, essa pré-querentena teria privado o Tribunal – para só falar dos mortos – não só de Evandro Lins e Silva, mas também de muitos outros, a exemplo de Maximiliano e Orozimbo, de Hahnemann e Luiz Gallotti, de Gonçalves de Oliveira,

Victor Nunes e Hermes Lima, de Oswaldo Trigueiro, Aduacto Cardoso e Leitão de Abreu.

Só aqui, nesta sala, conheci pessoalmente Evandro Lins, em circunstâncias que ele descreve em seu antológico depoimento, e que a minha vaidade não permite deixar de trombetear.

“O primeiro secretário jurídico – recordou Evandro – foi Fábio Konder Comparato, que funcionou só uns seis ou oito meses, porque foi fazer concurso para a Faculdade de São Paulo. Depois, convidei Sepúlveda Pertence, que funcionou dois anos justos. Conheci-o quando era Procurador-Geral. Um dia, jovem advogado, ele fez uma sustentação magnífica na tribuna” (orgulho de pai espiritual coruja). “De vez em quando, havia umas interinidades na Procuradoria-Geral, ninguém queria ir para Brasília, e mandei tomar nota do nome dele para convidá-lo quando houvesse uma vaga. Saí da Procuradoria-Geral, ele fez concurso para promotor público [...] mas quando precisei dele no Supremo, requisitei-o, e ele veio.”

Para mim, foram dois anos inesquecíveis – de 1965 a 1967: ainda não chegado aos trinta, o biênio me propiciou, de um lado, viver por dentro o cotidiano do Tribunal, em período crítico da história brasileira, no qual essa Casa soube afirmar-se com grandeza; e, de outro, uma inestimável experiência jurídica e, sobretudo, de aprendizado sobre uma das maiores figuras do seu tempo, de homem e de intelectual.

A advocacia – que Evandro sempre entendeu como exercício da cidadania – e os dois anos de governo haviam convertido o autodidata de sua juventude não só num humanista refinado, mas também num jurista admirável, capaz de versar com segurança todos os ramos do direito, na competência, então ainda mais enciclopédica, deste Tribunal.

É de Fábio Comparato o testemunho da lição que, embora sem os seus títulos, também pude viver. Escreve Fábio:

“Em 1963, voltando de um doutoramento em Paris, tive oportunidade de trabalhar como secretário jurídico de Evandro Lins e Silva no Supremo Tribunal. Eu ignorava, então, olímpicamente, a sábia advertência de Montaigne: *Il faut mieux avoir une tête bien faite que une tête bien pleine.*”

Com a cabeça cheia de teorias e orgulhoso de possuir os últimos refinamentos da ciência jurídica européia, não hesitei em apresentar a Evandro, com a inabalável segurança da mocidade, minhas convicções sobre os casos em que ele era relator. Forte do meu título de pós-graduação no Velho Mundo, imaginava que, excetuados os casos de direito penal, podia facilmente apontar ao Ministro as soluções mais adequadas para o julgamento dos feitos a ele distribuídos.

Em pouco tempo, a sabedoria do velho advogado, cuja cabeça sempre foi bem-formada e não repleta de leituras maldigeridas, desenganou-me por completo. Aprendi que os litígios não se resolvem pela razão dedutiva; que as ações humanas não se julgam com o *'esprit de géométrie'* de que falou Pascal, mas unicamente com *'esprit de finèssé'*, isto é, o delicado sopesamento de valores e contravalores com base na experiência da vida”.

“Sua agilidade mental” – anotou Hermes Lima – “completa o conjunto das virtudes intelectuais que o singularizam na exposição e no debate, e sua propensão a humanizar a aplicação da lei evidencia o amadurecimento de uma vivência iluminada pelos problemas do homem no relacionamento social.”

Vítima em 1969, com os grandes Victor Nunes Leal e Hermes Lima, da aposentadoria com a qual a ditadura do AI-5 violentou esta Casa, também Evandro Lins e Silva deixou no Tribunal a memória de um grande juiz.

Seguem-se 22 anos de vida, intensamente vivida, em que mais claramente se evidencia a perfeita simbiose, na personalidade de Evandro Lins, do advogado primoroso com o cidadão militante, cujo ápice é a sua atuação no processo de *impeachment* do ex-Presidente da República, no qual, frisava, não se sentiu na acusação, de que não gostava, mas na defesa da dignidade nacional.

O avanço da idade jamais o enfraqueceu. À medida que o ritmo da faina profissional da advocacia diminuía, mais tempo pôde Evandro dedicar à pregação de suas convicções: do socialismo democrático ao combate indignado às perversões do neoliberalismo e à cruzada contra o abuso da pena de prisão. É dessa última missão, um de seus trabalhos de maior densidade teórica: o ensaio “De Beccaria a Fillippo Gramatica”, que toma por epígrafe a célebre observação de Ihering de que “história da pena é a história de sua constante abolição”.

Nestes dias em que os corifeus do terrorismo penal andam assanhados, é bom reavivar o libelo arrasador do mestre:

“A prisão – escreveu Evandro – é uma escola de recidiva, uma forma de destruir a personalidade do preso, de deformá-la e de corrompê-la. Além de tudo ela é um instrumento muito caro. O custo de um preso, segundo pesquisa por nós iniciada no Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, varia muito, segundo o local. As informações obtidas, sujeitas a confirmação, oscilavam entre três e sete salários mínimos (nas Penitenciárias). E o preço da construção e da aparelhagem para o funcionamento de um presídio? Veja-se que é como construir um hotel ou uma escola, ou talvez mais, porque a prisão necessita de pessoal especializado, de enfermaria, de cozinha, de escola, etc.”

De tudo isso resulta, nunca é demais repetir, que a prisão, como método penal, está condenada pela ciência e pela experiência de todos os povos. Magarinos Torres já escrevia em 1934, há mais de meio século, no prefácio ao livro *Curso de Crítica Penal*, de Jorge Severiano Ribeiro: “Ciência não será tampouco esse entretenimento literário de espíritos pretensiosos, que vivem a embair a ingenuidade dos moços nas escolas com a prédica das sanções rigorosas e sistemáticas, fingindo ignorar a maldade monstruosa que caracteriza, na sua objetividade, o Direito Penal. Prisão é somente uma necessidade que nenhuma ciência poderá justificar. Deve, pois, ser módica e só aplicável pelos efeitos, sempre transitórios, que possam ter sobre a sociedade – em falta de remédio mais inteligente.”

“Prisão” – prosseguia Evandro – “é de fato uma monstruosa opção. O cativo das cadeias perpetua-se ante a insensibilidade da maioria como uma forma ancestral de castigo. Para recuperar, para ressocializar, como sonharam os nossos antepassados? Positivamente, jamais se viu alguém sair de um cárcere melhor do que quando entrou. E o estigma da prisão? Quem dá trabalho ao indivíduo que cumpriu pena por crime considerado grave? Os egressos do cárcere estão sujeitos a uma outra terrível condenação: o desemprego. Pior que tudo, são atirados a uma obrigatória marginalização. Legalmente, dentro dos padrões convencionais, não podem viver ou sobreviver. A sociedade que os enclausurou, sob o pretexto hipócrita de reinseri-los depois em seu seio,

repudia-os, repele-os, rejeita-os. Deixa, aí sim, de haver alternativa, o ex-condenado só tem uma solução: incorporar-se ao crime organizado. Não é demais martelar: a cadeia fabrica delinquentes, cuja quantidade cresce na medida e na proporção em que for maior o número de presos ou condenados.”

“Os fariseus de todos os matizes, não podendo deixar de reconhecer a evidência dos malefícios da prisão, bradam que a pena tem caráter intimidativo e serve como retribuição do mal causado pelo infrator da norma penal. O fator intimidativo pode ser exercido por outras formas de punição, que não a cadeia, e, quanto à retribuição, seria um retorno à pena castigo, anticientífica, verdadeiro talião patrocinado pelo Estado.

De todas as considerações feitas, chegamos à iniludível conclusão de que o encarceramento do homem não o melhora, nem o aperfeiçoa, nem corrige a falha cometida, nem o limpa de culpa para um retorno à vida da sociedade que ele perturbou com a sua conduta delituosa”.

Para a militância de sua pregação cidadã jamais lhe faltaram auditórios, freqüentemente reunidos para homenageá-lo e fazer-lhe os *mimos*, a que aludia com carinho.

Poucos brasileiros, fora do Poder, terão sido tão homenageados como Evandro Lins e Silva na última década de sua vida.

No Júri do Rio de Janeiro, reuniram-se juízes, o Ministério Público e advogados para comemorar o seu jubileu, os seus 50 anos da estréia no Tribunal do Júri, aos 19 anos de idade.

A OAB reviveu a Medalha Rui Barbosa para conferi-la a Evandro; deu-lhe o Instituto dos Advogados o Prêmio “Teixeira de Freitas”; seu nome é o da sala do Júri Federal do Rio de Janeiro; a AJUFE fez de Evandro Lins e Silva o seu primeiro sócio honorário; a Associação Brasileira de Letras o recebeu com votação consagrada. Poucos brasileiros tanto mereceram ter em vida reconhecimento tão caloroso e sincero de seus concidadãos.

Ao cabo de décadas de amizade, permitiu-me o destino uma despedida inesquecível de Evandro Lins, no último dia da sua vida consciente, em 12 de dezembro de 2002.

Evandro fora eleito pela Câmara dos Deputados para compor o Conselho da República. E o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, na mesma data, lhe curou uma velha mágoa, uma velha indignação: devolveu-lhe as comendas que não pediu — dizia ele —, mas que lhe foram assaltadas pela ditadura. E ofereceu-lhe um almoço. Evandro me conferiu, então, uma distinção única: fui o único indicado ao cerimonial da Presidência para participar do almoço, além dos seus filhos e do seu neto e companheiro de advocacia. Estava radiante de alegria. Ao fim do almoço, esqueceu a bengala; dei-lhe o braço, brincando, recordando-lhe de tê-lo visto andando sem bengala a fazer a caminhada diária no calçadão da Praia de Copacabana.

E assim, entre brincadeiras, levei-o ao carro.

Na manhã seguinte, vem-me do Rio de Janeiro a notícia dolorosa: a queda, na saída do aeroporto e, cinco dias depois, a morte esperada.

Fica a saudade, fica a lição de um homem que, em noventa anos de vida, ensinou-nos a capacidade de indignar-se, sem ódio; a capacidade de ser tolerante, sem transigências.

Orgulha-se o Supremo Tribunal Federal de ter a passagem de Evandro Lins e Silva pela Casa como página luminosa de sua história.

PORTAL DA ABL

Relatório da Chefe do Centro de Memória
*Irene Rodrigo Octavio Moutinho**

O Portal da ABL, sob responsabilidade do Centro de Memória, foi lançado na Internet em 2 de setembro de 2004.

Como nos *sites* que o precederam, seu principal objetivo é divulgar o passado e o presente da Academia, com nova identidade visual, novo sistema de navegação, novos segmentos e conteúdos – por exemplo, a “Visita Virtual” ao *Petit Trianon* e a “Memória Audiovisual” –, novo sistema de busca que integra todas as referências sobre cada Acadêmico, a atualização biobibliográfica dos Acadêmicos, a incorporação de lista de sócios correspondentes, dos Discursos Acadêmicos e dos catálogos editoriais, bem como de amplas informações sobre a história e as atividades da Academia. O Portal incorpora o *site* Machado de Assis – em 2005 completamente redesenhado e enriquecido com mais quatro sistemas de busca – e o *site* Euclides da Cunha, lançado em 2003.

As perspectivas de ampliação de conteúdos são ilimitadas, estando em preparo o novo segmento dedicado a Efemérides, no qual se destacarão os acadêmicos e respectivas obras, bem como fatos da ABL, cujas datas marcantes merecem celebração.

* Apresentado pelo Presidente Ivan Junqueira na sessão do dia 18 de agosto de 2005.

Ainda neste mês de agosto, a nova versão do VOLP estará disponível no Portal. Também em breve estarão disponíveis consultas ao acervo das Bibliotecas da ABL.

Cabe ressaltar que:

- √ O sistema de busca, nos moldes do *Google*, oferece em poucos segundos todas as informações contidas no Portal a respeito de cada Patrono e Acadêmico, incluindo biografias, discursos, conferências, artigos na imprensa, lançamentos de livros, entrevistas, prêmios e notícias em geral.
- √ O Portal oferece, na íntegra, a *Revista Brasileira*, desde o n.º 28 até o recém-lançado n.º 43, o *Guia do Arquivo dos Acadêmicos*, o *Inventário de Machado de Assis* e 1.647 artigos de Acadêmicos, sendo estes incorporados tão logo se dá a sua publicação em jornais e revistas.
- √ Somando-se às inúmeras exposições da ABL visíveis no Portal, já está na Internet a atual mostra da Galeria Manuel Bandeira, “Patronos e Fundadores por Cássio Loredano”.
- √ A sessão Memória Audiovisual – inaugurada com a série de filmes realizados em 1937 por Roquette-Pinto – começa a incorporar registros de conferências e mesas-redondas, gravadas pelo Centro de Memória a partir de julho de 2005.
- √ O Portal oferece toda a relação de exposições, conferências e mesas-redondas, eleições e posses (com as principais matérias publicadas na imprensa), premiações e outros fatos da vida acadêmica ocorridos desde o ano 2000.

O Portal e os *sites* Machado de Assis e Euclides da Cunha foram desenvolvidos e são atualizados e aperfeiçoados por um *webmaster*, prestador de serviços, e uma pesquisadora, funcionária da Casa, sob a coordenação da Chefia do Centro de Memória.

De 1.º de janeiro a 14 de agosto deste ano, o Portal teve 8 milhões 308 mil [8.308.920] páginas e imagens visitadas, através de 278.527 computadores.

Nos sete primeiros meses de 2005, as despesas com Portal e *sites* corresponderam a 5% do orçamento do Centro de Memória para este exercício.

Estes números estimulam a realização de um trabalho que é diariamente atualizado, no que diz respeito aos acadêmicos e ao conjunto de atividades realizadas pela Academia Brasileira de Letras.

MÚCIO LEÃO

*Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Ivan Junqueira. Senhora e senhores Acadêmicos.

Esta é a efeméride do 36.º aniversário da morte de Múcio Carneiro Leão, ocorrida no dia 12 de agosto de 1969, há 36 anos, portanto, quando tinha 71 anos de idade.

Ele foi o quarto ocupante da nossa comum Cadeira n.º 20 desta Academia, na sucessão do patrono Joaquim Manuel de Macedo; do fundador, Salvador de Mendonça e dos antecessores, Emílio de Menezes e Humberto de Campos.

A vida literária de Múcio começou muito cedo, quando, jovem ainda, já escrevia ensaios sobre Eça de Queirós, Oliveira Lima, Afonso Arinos e Afrânio Peixoto.

Justamente quando ele se formava pela Faculdade de Direito do Recife, as armas da Primeira Grande Guerra tinham sido ensarilhadas, com o armistício de 11 de novembro de 1918.

Seu curso se concluía, assim, no eco dos canhões que haviam disparado durante quatro anos, e as novas gerações, saídas das Faculdades, tinham de deparar-se com a nova ordem de coisas, instigantes e desafiadoras, e com o novo mundo que iria emergir de tanto sangue e de tantas cinzas.

* Apresentado na sessão do dia 18 de agosto de 2005.

Já então no Rio de Janeiro, em 1941, com Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto, fundou o jornal *A Manhã*, no qual dirigiu durante nove anos o suplemento literário *Autores & Livros*, reunido, depois, em uma obra crítica de II volumes, muito úteis ainda hoje.

Senhores Acadêmicos.

Esta Academia Brasileira de Letras estava toda iluminada, naquela noite de 16 de novembro de 1935, já aqui, neste *Petit Trianon*, para receber um novo acadêmico, o pernambucano Múcio Leão, de 37 anos de idade, que, agora, com sua vasta cabeleira – alto, apolíneo e elegante – assumia a tribuna, para pronunciar o seu discurso de posse. E começou dizendo:

“Aqui estou, porque solicitei o vosso voto e porque me chamastes. Sempre fui, na vida, apenas escritor. E sinto que o serei pela existência afora. Se há, portanto, em meu País, uma instituição que congrega os escritores como esta, a ela devo e quero pertencer.”

Prosseguiu Múcio em seu discurso, declarando que as Academias vivem e prosperam em quase todos os países, como as Academias Francesa, Italiana, Espanhola, a Portuguesa e a nossa Brasileira.

A elas cabe a tarefa de proteger um patrimônio precioso de cultura e gênio, além do dever de zelar, por uma coisa que é una e eterna: o espírito de um povo.

No Brasil, está bem evidente a tarefa de conservar o patrimônio da tradição inviolada:

“Esse grande papel, eis o que reivindico para nós. E porque o sentia, ambicionando colaborar convosco, desejei vir para a vossa companhia, com a honra de sentar-me ao vosso lado.

Sempre sonhei em pertencer ao vosso grupo. Pois as águias voam solitárias. Só as andorinhas voam em bando.”

Revela a seguir por que se interessou pela ABL:

“Primeiro, fui atraído pela arte sutil de Afonso Arinos, com seus *Pelo Sertão* e *Os Jagunços*.

O segundo atrativo foi Canaã, de Graça Aranha, onde a música do estilo de um escritor prodigioso canta sonora, em toda a sua beleza.”

E prossegue Múcio:

“A terceira influência que tive foi de Joaquim Nabuco, o herói belo e generoso do seu povo, um autêntico Apolo, filho dileto da aristocracia e de Pernambuco, — terra comum, a mim e a ele — que se desfez de todos os privilégios de sua classe e desceu até as senzalas pobres, onde os negros agonizavam, para conduzi-los, das masmorras da escravidão, até a margem resplandecente e florida da liberdade.”

Múcio Leão faz a seguir o elogio dos seus antecessores, começando pelo primeiro ocupante e fundador de sua Cadeira, Salvador de Mendonça, irmão mais moço de Lúcio, também fundador desta Academia, e que heroicamente enfrentou a sua falta da visão, refugiando-se nas lembranças do seu mundo interior, consolando-se com suas filhas e cultivando suas roseiras.

Plantou um jardim inteiro de rosas. E recolheu-se à escuridão dos seus olhos fechados para a luz do dia, mas bem abertos à contemplação e aos sonhos de uma imaginação fértil e produtiva, durante os 72 anos de sua vida como jornalista, poeta, escritor, tradutor, romancista, memorialista, diplomata, político e líder republicano.

Morreu cego, como seu irmão Lúcio.

E Múcio seguiu falando sobre o segundo ocupante de sua Cadeira, que foi Emílio de Menezes, um inspirado e mordaz poeta, discípulo do Parnasianismo de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, com sonetos perfeitos, compostos de 14 versos, rimas simétricas e impecáveis.

Até para tomar posse nesta Cadeira número 20, Emílio de Menezes foi singular e diferente, porque escreveu um discurso agressivo e inconveniente, cortado pelo Presidente da Academia, que o considerou abusivo para as pra-

xes acadêmicas. Emílio recusou-se a ler o texto censurado e morreu sem comparecer à Academia para empossar-se.

O terceiro ocupante e seu antecessor direto foi Humberto de Campos, definido por Múcio como “um homem que fez sozinho a sua marcha e lutou, também sozinho, contra todos os obstáculos de sua própria condição”.

Eleito deputado federal, pelo Maranhão, em 1926, mas cassado pela Revolução de 30, Humberto de Campos saiu da política mais desiludido do que quando nela entrara. (Imagine-se como seria grande agora a sua desilusão com tantos PCs Farias, Delúbios, Jeffersons e Valérios!)

Em seguida, Múcio chama a atenção para a mocidade da ABL, que foi um impulso dos moços, no meio dos quais Machado de Assis nos aparece hoje como um ancião venerando, embora acontecesse, que tinha, na fundação desta Academia, apenas 58 anos de idade.

E relaciona a juventude dos patronos, que, também quando a Academia foi fundada, já estavam todos mortos e haviam morrido até muito jovens – como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Castro Alves, Pardal Mallet e Manuel Antônio de Almeida – quase todos eles ceifados pela tuberculose, uma doença grave e fatal, numa época em que ainda não existiam os antibióticos.

Era a própria mocidade paraninfando a imortalidade.

Senhora e senhores Acadêmicos.

Em 1922, com 25 anos, Múcio publicou o seu primeiro livro, *Ensaios Contemporâneos*, com textos a respeito de Renan, Machado, Raimundo Correia e Assis Chateaubriand, sobre o qual escreveu o seguinte:

“Em Chatô, existe muito de um cavaleiro antigo. Fossem outros os tempos e talvez ele sáisse no mundo a batalhar pelo jornalismo, pelo amor e pela mulher, – em especial, pela mulher e pelo amor.”

Sucessivamente, foram lançados os livros de Múcio Leão, que viriam a compor uma obra importante:

1.º *Tesouro Recôndito*, onde rebentou todo o seu vigor poético.

2.º *A Promessa Inútil*, que lhe deu o prêmio de “Melhor Ensaio do Ano de 1928”.

3.º *No Fim do Caminho*, um romance de psicologia e de análise inteligente; e

4.º *Castigada*, um romance social, na linha do romanceiro nordestino, dos nossos confrades José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

Com esses dois romances – *No Fim do Caminho* e *Castigada* – Múcio deu à ficção brasileira uma experiência nova, coincidente com o romance de procedência européia, em que a narrativa se restringia à trama romanesca, mais reflexiva que dramática, e da qual Anatole seria um dos seus mestres consagrados.

No dia 27 de maio de 1935, Múcio Leão ainda não era acadêmico, (pois só se elegeria quatro meses depois, a 19 de setembro), e vai a Buenos Aires inaugurar, no bairro de Palermo, uma placa em homenagem a Alberto Santos-Dumont, dizendo em praça pública o seguinte:

“Os povos costumam homenagear os seus grandes generais, vitoriosos nas guerras. Mas hoje aqui estamos homenageando a glória de um inventor, cimentada no trabalho, na ciência e no amor do homem, numa veneração à memória de Santos Dumont, um gênio posto ao lado de Pasteur, Marconi, Claude Bernard e Edison e um herói magnânimo e pacífico, que não usou espadas fulgurantes nos campos de batalha, mas que foi um grande, um puro, um verdadeiro amigo e benfeitor da Humanidade.”

Recém-empossado nesta Casa, coube a Múcio Leão fazer o discurso de saudação a Stefan Zweig, – fugido do nazismo e refugiado no Brasil – sobre cuja obra fez uma minuciosa análise, comparando as duas mulheres, Maria Antonieta e Maria Stuart, belas e amadas, que depois morreriam tragicamente: uma, a rainha de França e mulher de Luís XVI, guilhotinada na Bastilha em Paris; e outra, a rainha da Escócia, também decepada pela lâmina de um machado, na Torre de Londres.

Em seguida, Múcio sustenta que Zweig soube amar os espíritos, quando eles são difíceis e complexos e quando se chamam: Balzac e Dostoievski, Freud e Nietzsche, Erasmo de Roterdã, Mesmer, Stendhal, Casanova, Dickens e Tolstoi.

“Vós sois” – concluiu Múcio – “um poeta no sentido goethiano, como vos chamou Romain Roland, o genial criador de Jean-Christofe.”

Emocionado e comovido, Zweig agradeceu a saudação de Múcio, dizendo que guardaria da Academia e do Brasil – que ele chamou de “O País do Futuro” – a mais imorredoura das recordações. Múcio Leão aqui viveria, ainda, outros grandes momentos:

1.º – O discurso oficial na homenagem a Casimiro de Abreu;

2.º – Os discursos de saudação às posses do seu querido conterrâneo Barbosa Lima Sobrinho e dos seus fraternais amigos Austregésilo de Athayde e Álvaro Moreyra;

3.º – Os memoráveis discursos sobre “O espírito brasileiro” e sobre “O espírito universal” do seu co-estaduano Joaquim Nabuco.

E também a escalada de suas eleições, nesta Casa, para segundo-secretário, em 1936; para primeiro-secretário, em 1937; para secretário-geral, em 1941; e para presidente desta Academia, em 1944, quando fez uma administração simplesmente inesquecível.

Nesse mesmo ano, à frente de um grupo de acadêmicos e como seu Presidente, Múcio foi ao Palácio do Catete fazer uma visita de cortesia ao então Presidente Getúlio Vargas, que se elegera para esta Academia no dia 7 de agosto de 1941, mas que só viria a tomar posse quase dois anos e cinco meses depois, no dia 29 de dezembro de 1943, uma antevéspera do Ano Novo, como sucessor de Alcântara Machado, na Cadeira número 37, sendo sucedido por Assis Chateaubriand, João Cabral de Melo Neto e por V. Ex.^a, Senhor Presidente.

E falando ora de improviso, ora num discurso escrito, Múcio Leão faz um relato sobre as realizações da ABL, ao longo daquele primeiro meio século que estava próximo de completar-se: uma Biblioteca, um Arquivo, uma *Revista Brasileira* e a distribuição de lauréis e de prêmios literários.

Senhor Presidente. Senhora e senhores Acadêmicos.

Também nesse ano de 1944, Paris e a Academia Francesa ainda estavam fechadas, sob o tacão das botas do nazismo, e não puderam abrir-se para comemorarem o centenário de nascimento de Anatole France.

Mas a Academia Brasileira de Letras, sob a presidência de Múcio Leão, não quis que a data transcorresse em branco.

E, em homenagem a Anatole, realizou uma sessão solene, quando Múcio lembrou que a nossa ABL estava apenas retribuindo a sessão presidida na Sorbonne por Anatole, no dia 6 de setembro de 1909, de luto pela morte de Machado de Assis, ocorrida no ano anterior, por ele chamado de *Le Génie Latin*.

E naquele mesmo ano de 1909, regressando da Argentina e transitando pelo Rio, Anatole fora homenageado numa sessão solene desta Academia, ainda funcionando no Silogeu, durante a qual Rui Barbosa saudou o futuro Prêmio Nobel da Literatura de 1921 e autor do *Crime de Sylvestre Bonnard*, com um magistral e histórico discurso, verdadeira obra-prima, pronunciado num francês castiço e impecável.

Nesta efeméride em homenagem à sua memória, devo citar o nosso estimado Decano Josué Montello, o único de todos nós que, durante quase 15 anos, aqui conviveu com ele, sobre quem Josué me deu, há algum tempo, o seguinte depoimento:

“Em nossos dois apartamentos repletos de livros, as bibliotecas se completavam. As suas preferências literárias coincidiam em grande parte com as minhas. Tínhamos uma enorme afinidade no plano intelectual. Sua imagem há de perdurar comigo pela suavidade do seu convívio. Dava a impressão de que havíamos crescido juntos, como companheiros de infância.”

Senhores Confrades.

Estávamos no dia 31 de julho de 1969. Corria rotineiramente a nossa sessão semanal das quintas-feiras, quando nela deu entrada o Acadêmico Múcio Leão.

Tinha 71 anos de idade, em pleno vigor intelectual, mesmo com os primeiros sintomas da doença que o terminaria matando.

Ele comparece a essa sessão, já desconfiando de que aquela talvez seria (como realmente foi) a última vez em que se encontraria com seus confrades, em cuja companhia passara os últimos 34 anos de sua vida.

Deolindo Couto informou depois que Múcio tinha uma grave lesão coronária, corrigível numa cirurgia, mas que não era indicada para o seu caso.

Quando a crise aconteceu, um cirurgião amigo tentou salvar-lhe a vida, mas foi impossível fazê-lo, por causa de uma cavidade pleural, provocada por um aneurisma fulminante.

Concluindo esta efeméride, devo dizer-lhes que Múcio Leão sempre foi leal consigo mesmo e com os seus amigos, numa vida inteira de fidelidade aos mais puros ideais do homem, do escritor e do cidadão.

Legou uma obra literária – perfeita em todos os gêneros – desde o ensaio e a crítica, da qual foi um pioneiro, até a poesia, o conto e o romance, nos quais explodiu todo o seu talento criativo.

Empossou-se na ABL em sua plena juventude, cheio de entusiasmo, com 37 anos de idade, sendo um dos nossos mais jovens acadêmicos e também sendo depois o decano e o mais antigo deles, pois aqui permaneceu durante 34 anos, como guarda fiel das nossas melhores tradições.

Da inteireza do seu caráter, emanava a força de um magnetismo pessoal, ajudado pelo seu porte elegante, com abundantes cabelos brancos e uma palavra fácil, improvisando madrigais a que as moças geralmente não resistiam.

Foi um grande sedutor, que seduzia muita gente, homens e mulheres, sobretudo as mulheres, pelo seu bom gosto e pela sua bela aparência.

Afrânio Coutinho disse que ele era uma espécie de agente químico, como se fosse um combustível, que chegava a incendiar uma reunião, impregnando-a de interesse e de curiosidade.

Com os anos passados, sua fisionomia ganhava nova imponência. Na Academia, não ficou nenhum racha de suas atitudes. Nenhuma queixa e nenhum agravo. Porque foi um acadêmico exemplar.

Certo dia foi convidado para fazer uma conferência sobre Nossa Senhora. E, apesar de ser um agnóstico, houve-se tão bem, com expressões de tanta

religiosidade que o Cardeal Dom Sebastião Leme, no final, o cumprimentou, dizendo-lhe: “Dr. Múcio. O senhor parece até um católico, melhor do que muitos de nós.”

Era, enfim, um homem inteiriço e indomável, cuja presença muito elevava esta Casa, com o prestígio de sua fascinante personalidade, que, inclusive, ficaria muito feliz em ver o seu Pernambuco representado hoje nesta Casa pelos queridos Acadêmicos Evanildo Bechara, Marcos Vilaça e Marco Maciel.

Concluindo, Senhor Presidente, devo dizer ainda que, segundo Athayde, Múcio olhava sempre para o alto, conservando até o fim seu físico altaneiro, íntegra a sua lucidez intelectual e inabalável a sua fé na arte de escrever.

SESSÃO DO DIA 25 DE AGOSTO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, realizou-se no Salão Nobre da Academia a sessão pública para a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. Presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; João de Scantimburgo, Diretor da *Revista Brasileira*; Affonso Arinos de Mello Franco, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Lêdo Ivo, Miguel Reale, Sábato Magaldi, Sergio Paulo Rouanet e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira, ao dar início à sessão para entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, passou a compor a mesa que ficou assim constituída: Dr. Paulo Roberto Pizauro, representando o Dr. Antonio Ermírio de Moraes; Acadêmico Arnaldo Niskier, Secretário de Estado da Cultura, representando a Governadora do Estado do Rio de Janeiro, Senhora Rosinha Garotinho, Acadêmico Miguel Reale e o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, orador da solenidade.
- O Presidente Ivan Junqueira passou a palavra ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que saudou o premiado, escritor José Nêumanne. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Dr. Paulo Roberto Pizauro fez a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Nêumanne, pelo seu livro *O Silêncio do Delator*.
- O escritor José Nêumanne discursou agradecendo o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. (O texto será transcrito e incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu a presença dos acadêmicos e dos demais presentes à solenidade. Convidou a todos para o coquetel servido no Salão dos Poetas Românticos. Nada mais havendo a tratar, declarou encerrada a sessão.

ENTREGA DO PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

SAUDAÇÃO A JOSÉ NÊUMANNE

*Pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça**

“Para os que não sabem o que custa
a doçura do açúcar a quem o lavra, o conheçam.”

Esta observação, de Antonil, datada do comecinho do século XVIII, José Ermírio de Moraes com ela ainda se defrontou no século XX.

É o contraponto à euforia de Gandavo, no século XVI, ou ao entusiasmo de Brandônio que, no Diálogo das Grandezas do Brasil reporta-se aos infinitos engenhos de fazer açúcares no Pernambuco do século XVII.

Tem sido senóide a visão daquela agroindústria em nossa terra, terra minha e de José Ermírio de Moraes, nós próprios nascidos na mesma Nazaré da Mata, cidade envolvida por canaviais.

No entanto, uma coisa é certa. Em cada pé de cana há um pé de gente. Por isso, sempre se encontrará um toque de dramaticidade, na expansão e no declínio do setor econômico-social da cana de açúcar.

Curiosamente, uma atividade íntima ao açúcar, que é produzido muito próximo do litoral, se constituiu no fator expansionista da colonização na linha interiorana: a pecuária. O boi puxando o homem mais do que o homem puxando o boi.

* Sessão do dia 25 de agosto de 2005.

O gado foi o dinamizador do povoamento, da ocupação de espaços menos férteis. O gado estimulou a expansão territorial, criou uma sociedade agropecuária, contraponto da açucareira.

E aí estão dois Nordeste: um é o Nordeste do doce, do massapê, de chuva grossa, dos barões, do sobrado gordo, do maracatu, da prataria, dos santos barrocos; outro, é o dos homens encoletados em couro, de rios secos, de chuva magra, de árvores-graveto exemplos da xerofilia hostil, do xaxado, dos coronéis de boiadas de boi e de boiadas de voto, um mundo onde não há luxo, que o luxo não é sertanejo.

Um é o Nordeste de *Fogo Morto*; o outro, é o de *Vidas Secas*.

Um é o Nordeste de José Ermírio de Moraes; o outro é o Nordeste de José Nêumanne.

Então, não há o que esconder. Esta é uma festa nordestina. E não seria eu quem o negaria.

As raízes do patrono do prêmio lembram Ascenso Ferreira falando que os engenhos da terra só pelos nomes fazem sonhar: Esperança, Flor do Bosque, Estrela d'Alva, Bom Mirar. As do premiado têm em comum a toponímia nordestina de Currais Novos, Bezerros, Lagoa Seca, Areia, Sertãozinho, Carne de Vaca, Seridó, Algodões, Cariri, Sena Talhada, Ingazeira, Umbuzeiro.

O prêmio que hoje se outorga a José Nêumanne está na sua II.^a edição. Por ele passaram, entre outros, Roberto Campos, Wilson Martins, Evaldo Cabral de Melo, Cícero e Laura Sandroni, Manif Zacharias.

O patronato foi além do prêmio e ajudou a Academia, como lembra muito bem esse excepcional acadêmico que é Alberto Venâncio Filho, na aquisição da biblioteca de Marcos Carneiro de Mendonça e na aventura ainda não de todo encerrada do Solar da Baronesa.

Escritor José Nêumanne:

A nordestinidade é, de nossa parte, um ato de convicção e constância, uma forma de vitalidade histórica. Com esse sentimento exalto a sua Paraíba, “pequenina e heróica”, de todos os tempos, de todas as realidades. Louvados sejam o botânico Manoel de Arruda Câmara e o poeta “Caixa d'Água”, o

Ponto de Cem Réis e a festa das Neves, o Treze de Campina e o bar do Onaldo, Vidal de Negreiros e o “Velho Capitão”, as bagaceiras dos engenhos – tema para um dos maiores clássicos da língua portuguesa escrito por um saudoso confrade – e Dom Vital, Zelins e Ariano, Celso Furtado e Piragibe, a Borborema e o Cabo Branco, Linduarte Noronha e Augusto dos Anjos, Bodopitá e as inscrições rupestres dos Cariris Velhos, Elba Ramalho e Vladimir Carvalho, o teatro Santa Rosa – onde Gilberto Freyre proferiu a primeira conferência de sua vida – e Castro Pinto, Solon Lucena e Inácio da Catingueira.

E mais, e mais.

Também seja louvado o gesto de Pedro Monteiro de Macedo a determinar, em 1744, que seu epitáfio fosse fixado no batente principal da porta da igreja de Santo Antônio, com estes dizeres:

“Aqui jaz Pedro Monteiro de Macedo, que por ter governado mal esta Capitania quer que todos o pisem e todos rezem um Padre Nosso e uma Ave Maria, pelo amor de Deus.”

Louvo-o, escritor José Nêumanne, por não ter faltado com o seu esforço para que nada disso se apergaminhasse na memória dos homens.

Nunca lhe tocou aquele medo que o poeta seu conterrâneo, Sergio de Castro Pinto, descrevia como capaz de se instalar nas palavras, enregelando-as, obrigando a pô-las como em um frigorífico.

Senhoras, Senhores:

Quando José Ermírio de Moraes, filho de viúva, deixou as comodidades de menino de engenho, a tradição do bacharelado em Direito, largou-se para os Estados Unidos estudar engenharia, traçou a sua história de valoroso *tycoon* da indústria brasileira.

Não desatendeu aos deveres da cidadania. Fez-se político, senador e ministro de Estado. Declarou-se compromissado com o desenvolvimento social e não só com o crescimento econômico.

Deu à família essas responsabilidades e refiro, ainda que sejam desnecessários, três exemplos da boa sangüinidade do Velho Senador: a Beneficência Portuguesa, a AACD e este Prêmio.

A democracia somente prospera no pluralismo. Nada lhe é tão essencial quanto a ampla repartição do poder; do poder político, também do poder econômico, do poder social.

Não se diga dela que é uma ideologia. Muito menos elaborada construção teórica de um iluminado. As sociedades ideocráticas favorecem o autoritarismo.

Democracia é poder compartilhado, que não é sinônimo de equalitarismo, mas que não subsiste nas grandes iniquidades.

Montesquieu dizia: “A democracia deve evitar dois excessos: o espírito de desigualdade, que conduz ao governo de um só; e o espírito de igualdade extrema, que conduz ao despotismo de um só.”

Impor a igualdade equivale a privar a liberdade. Garantir a liberdade equivale a reconhecer a desigualdade.

A sabedoria política do lema da Revolução Francesa está em buscar diluir a contradição latente entre liberdade e igualdade pelo sentimento da fraternidade. Em conjugá-las pela solidariedade.

Cuido em azeitar uma permanente reflexão sobre isto no que me cabe como exercício do meu cargo público, pois o controle social do Estado, próprio das democracias, é complexo e multiforme mecanismo de auto-regulação das ações políticas.

A informação, principal matéria-prima da Corte em que trabalho, tem que ser ponderada, pesada, processada para ser julgada com precisão.

Por isso, nunca deixo de lado os versos de T.S. Eliot:

*O ciclo sem fim da idéia e da ação,
Interminável invenção, interminável experimento,
Conhece o movimento, não o repouso;
O conhecimento das palavras, não o do silêncio:*

Conhecimento do verbo mas ignorância do mundo

Onde está a vida perdida no viver?

Onde está a sabedoria perdida no conhecimento?

Onde está o conhecimento que se perdeu na informação?

Quando vejo, José Nêumanne, seus cuidados com a análise e a pregação democráticas, tudo isto me vem à mente e eu desejei declarar aqui.

Senhoras, Senhores:

Nesta edição do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, foi difícil escolher um ganhador. De um lado, havia o culto à Democracia como face ostensiva do conjunto de obras de José Nêumanne. Do outro, o espetáculo de preservação da História, em livro admirável de Amo Wehling, *Direito e Justiça no Brasil Colonial*.

Do meu canto, eu creio, pois não tenho delegação de ninguém para dizer isso, posto que não há nada mais difícil aqui do que falar pelo colegiado, acredito que não fomos pelo caminho rigoroso do mérito, pois daria empate entre a Democracia e a Memória. Fizemos uma opção de circunstância, diante de tantos merecimentos de parte a parte.

Registremos aspectos relevantes em José Nêumanne. Enfileiro alguns:

– o senso de visão ampla, na antologia dos melhores poetas brasileiros do século;

– a astúcia de unir Bob Dylan, os Beatles e Caetano Veloso, como embrulhara, num mesmo saco, Barcelona e Borborema, Gaudi e o forró.

Wilson Martins diz de *O Silêncio do Delator*, seu livro que consagramos, ter inovado o romance contemporâneo tanto na temática quanto nas técnicas narrativas.

E eu acrescento: com o extremo bom gosto de se animar num poema excepcional. Por isso, repitamos com Nêumanne: “Vá-se entender os mistérios da criação!”

Antonio Olinto, com a sua alta expressão de crítico literário, louvando o livro, observa que para entender qualquer realidade é preciso atentar para a sua correspondente ficção. A ficção é uma verdade, e dela vem.

José Nêumanne produziu o silêncio sonoro do seu protagonista. Diz, fingindo que está calado. Quase lembra a sentença perfeita de Eduardo Portella: o silêncio é o mais dizer, é o que se diz naquilo que se cala.

Acredito que o jornalismo facilitou-lhe conhecer o homem e isto facilitou-lhe a arte no romance.

Nêumanne transferiu o datado para o transtemporal. Seu livro também é de acento feminista, como confessa, e enquadra-se no tempo trúbio de que fala Gilberto Freyre.

Sua intolerância à tirania tem simetria com o que falou Roberto Romano sobre *O Silêncio do Delator* ao alegar que os tiranos odeiam o riso pois o riso é subversão intolerável.

Por isso, José Nêumanne, você pode continuar, como é do seu jeito de ser, transgredindo tudo aquilo que lhe parecer “diretinho”. Sempre encontrará um cânone em sua rota, pois sem o cânone só haverá o caos. E do caos você não gostaria.

Espero um ensaio seu e isto é um afetuoso desafio. Escreva sobre como a música eletrônica, se música é, interfere na cultura contemporânea e na sociabilidade das pessoas, tema que somente agora começa a ser cuidado no Brasil. *Em Música Eletrônica – a textura da máquina*, Rodrigo Fonseca propõe uma visão renovada do encontro entre a tradição musical ocidental e os perigos e possibilidades dos novos recursos utilizados na criação musical eletrônica, como observou argutamente o crítico Schneider Carpeggiani.

Na mesma linha, há de se analisar o fenômeno do “coronelismo” eletrônico, dominador da mídia televisiva dos nossos dias, acolitado pelo uso desabrido de supostas convicções religiosas a serviço da política.

Todo esse gosto pela novidade, existe para desafiar intelectuais. Exótico ou não, como o do *blog* literário. Uma hora dessas há de se inserir nesta Casa, com a mesma atenção que demos ao folhetim eletrônico, trazendo gente de

dentro dele para dentro da Academia. Quando nos aliarmos ao *blog*, o faremos muito bem. É inevitável e um seu tanto inadiável.

O passado nos autoriza a recusar anemias no fazimento do presente e na formatação do futuro. O novo nos interessa. A tradição desta Casa não é feita de ancoragem de horas, mas da libertação da palavra. Sem pressa e sem descanso.

Não somos nem esféricos, nem monolíticos. Temos as assimetrias da existência, mas sem falhar na missão histórica. Haveremos de conciliar o apolíneo com o dionísíaco.

A imortalidade que existe aqui é a da palavra. Hoje premiamos a palavra de José Nêumanne e cuidamos em honrar a memória de José Ermírio de Moraes, um homem de palavra.

Esta é a casa das palavras e cada um de nós vive a repetir os versos de Drummond:

*Lutar com palavras
É a luta mais vã
Entanto lutamos
Mal rompe a manhã
São muitas, eu, pouco.*

DISCURSO DO ESCRITOR JOSÉ NÊUMANNE*

A primeira coisa que me ocorre lhes dizer, amigas e amigos meus, cuja presença aqui me prestigia e desvanece, é o primeiro verso de um soneto – o único poema que sei de cor. E nem meu é! Mas, se querem saber, é como se fosse, tantos anos o têm repetido, tantas vezes dele me tenho lembrado e tantas noites são aquelas em que ele tem percutido dentro de minha cabeça como um mantra, a oração escandida por um anjo. “Meu coração tem catedrais imensas.” É isso mesmo: a abertura de “Vandalismo”, de Augusto dos Anjos, nascido na Paraíba como eu e morto em Minas, como tantos ancestrais de muitos dos que aqui pacientemente me escutam. Este verso me encanta pelo ritmo das sílabas, pela música da linguagem, pela força da imagem. É grandioso e é singelo, ao mesmo tempo, como devem ser as obras-primas: sólido e delicado, másculo e meigo, etéreo e prático.

Muitos podem ser os motivos para que com ele abra este agradecimento feito na condição que ainda me espanta de autor do romance *O Silêncio do Delator*, laureado pelos membros desta Casa, que Machado de Assis, do Cosme Velho, e Joaquim Nabuco, de Massangana, fundaram e cujo espírito todos os acadêmicos presentes e ausentes têm renovado, em benefício da cultura nacional, em seu ameno e profícuo convívio em torno da mesa de chá. Mas gostaria de destacar uma só, a mais simples, a mais direta, a mais prosaica de todas: a correspondência com o sentimento de humildade e reconhecimento, de gratidão e despojamento com que aqui venho me investir desta honraria, a maior que poderia ser dada a um imodesto operário da língua, seu súdito vaidoso, embora nem por isso infiel. Pois reivindico minha condição

* Proferido em agradecimento ao prêmio recebido pelo seu livro *O Silêncio do Delator*, na sessão do dia 25 de agosto de 2005.

de fiel para lhes garantir que me dirijo a cada um dos acadêmicos e convidados aqui presentes com a humildade de um peregrino em Meca, o ânimo caridoso do soldado romano que umedeceu os lábios secos de Jesus na cruz e o estoicismo de Gandhi e Martin Luther King acolhendo as balas que lhes ceifaram a vida. Entro nesta sala tirando os sapatos para me sentar à mesa, à moda japonesa. Como um romeiro sobe as escadas de pedra de Monte Santo, perto de Canudos, no sertão da Bahia, lacerando as rótulas. Sou um cruzado da palavra, um guerreiro do vernáculo e venho aqui para convocá-los à luta, luta renhida, heterônimo da vida no canto do guerreiro indígena do poema de Gonçalves Dias.

O brilho dos lustres deste Salão Nobre lembra o dos pirilampos que, na noite escura do sertão de minha infância, se embriagavam com o ritmo marinho dos versos do poeta baiano Antônio Frederico de Castro Alves, ditos de cor por minha mãe, Mundica Ferreira Pinto, que aqui se encontra — e para cá veio para que nunca me esqueça de que o vernáculo em que se lavra a poesia não é o dialeto pátrio, mas, sim, a língua materna. Lembro-me também de que chorei por minha profana ignorância e pelo tropeço inesperado no óbvio quando ouvi os versos do português Joaquim Maria Du Bocage num filme do brasileiro Djalma Limonge Batista, encontrando neles o mesmo ritmo do mar da Bahia e de Goa, onde o caolho Luís Vaz se banhava. E me recordo ainda da fé religiosa no verbo original que me foi incutida no colégio pelas professoras Maria Argentina Brasileiro e Francisca Neuma Fachine Borges. Encantei-me com a amargura do seleiro José Amaro, inventado por José Lins do Rego, e me apaixonei pelos olhos claros da sertaneja Soledade, criada por José Américo de Almeida, de cuja amizade privei. Li-os à chama da lamparina queimando querosene e à custa de uma miopia galopante que me acompanha desde a tenra infância, de cujas noites vultos e letras surgiam mais nítidos do que quando era dia e, então, o sol do semi-árido lhes torrava os contornos, ofuscando-me a retina.

Venho de muito longe e da aldeia onde nasci trago notícia da preciosidade desta língua cuja sobrevivência em liberdade decente nos cabe a todos assegurar. E é este o requerimento que aqui subscrevo. Valho-me desta ocasião única para fazer um apelo: não deixemos esta nossa língua portuguesa morrer! Jamais permitamos que o idioma que as minas de Itabira forjaram no *gauche*

Carlos e que as mocinhas de Évora usavam para encantar o “foca” Eça de Queirós se dissolva na lama pútrida das sarjetas da mentira e da corrupção impunes. Que mais lhes poderia pedir eu, devedor de sua graça e escravo de sua mercê, que não fosse isso, minhas senhoras, meus senhores, amigas e amigos? Peço-lhes nada mais que isto, pois: que usem ainda mais e sempre que lhes for possível a ingente relevância da instituição que são. E, assim, munidos da força da credibilidade desta organização, que se impõe acima dos poderes da República e além dos caprichos do mercado, possam evitar que uns e outros desavisados roubem do povo o que ainda lhe resta de dignidade e nobreza: a possibilidade de serem os cidadãos brasileiros justos e solidários, comunicando-se em frases simples, diretas e verdadeiras. A Academia Brasileira de Letras paira sobre a areia movediça moral em que afunda o País oficial com a autoridade moral da obra real de cada um dos acadêmicos, vivos e mortos. E somente a autoridade moral de uma associação como esta, que honra seus membros e por estes é honrada, poderá restaurar a confiança dos tempos em que à palavra dada correspondia fiança de alta valia e um fio de bigode bastava como aval.

Muito esta Casa, que ora acolhe este trabalhador da notícia e garimpeiro da verdade na mentira da ficção, ainda pode – e deve – fazer para impedir que o massacre cotidiano na boa-fé da palavra empenhada, seja pelas mentiras deslavadas pregadas nas comissões parlamentares de inquérito ou pela mistificação desembestada da ilusão publicitária, seja pelo emprego desregrado do gerúndio ou pela adoção de barbarismos em nome de um falso populismo, no fundo elitista, possa instalar no lugar de uma civilização que um dia foi letrada uma estúpida algaravia de bárbaros. Quem sabe, alguns dos nobres guardiões dos tesouros espirituais amealhados nas pensões de Porto Alegre ou nos *bas fonds* do Recife Velho poderão me recriminar pela ousadia deste pedido. Peço-lhes vênias, e mais um tempinho de atenção, antes de logo, prometo, concluir.

O Silêncio do Delator, que mereceu a honra desta premiação, é um projeto literário no qual reuni todos os valores que aqui venho defender. Relato dos malogros e êxitos de minha geração, este romance não faz nenhuma concessão a modismos ideológicos ou mercadológicos. Ao contrário: elaborado ao longo de vinte anos, seu texto aborda com franqueza, mas também com

verve e leveza, a experiência de vida e reflete a visão do autor, sem autocomiseração nem leniência com as facilidades exibidas na feira de vaidades de nossa sociedade de massas e consumo.

Este prêmio, que meu livro ganhou, leva o nome de um José como eu, também nordestino – o Senador José Ermírio de Moraes nasceu em Nazaré da Mata, Pernambuco. Ele dá um exemplo fecundo, porque provém de uma empresa produtiva, que acumula a fortuna na persistência do trabalho, e não no perfume enganoso da usura aventureira. Que sirva agora também de pretexto e ponto de partida para que esta Casa seja cada vez mais e sempre a trincheira de uma luta sem tréguas contra a mentira oportunista, a falsificação comercial e o vilipêndio da língua materna pelos mercadores do óbvio nas facilidades do consumismo comodista. Bastará esta luz, emanada dos becos imortalizados por Manuel Bandeira e das conversas de tropeiros reproduzidas no registro inovador do doutor Joca, lá de Cordisburgo, norte de Minas (portanto, também Nordeste, pois não?), para que as trevas da barbárie que nos ameaçam se dissipem no brilho do legado ético de Celso Furtado e Rachel de Queiroz, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos. Legado ético de que me orgulho ter recebido de meu pai, José de Anchieta Pinto, honrado servidor público, no total e verdadeiro significado destes vocábulos.

Eu sei, e vocês sabem, que não será nada fácil resgatar o dialeto em que se comunicavam os “bambas” da sinuca de João Antônio. Este idioma em que Maneco Antônio de Almeida narrou as malandragens de Leonardo Pataca nas ruas já então sujas e ruidosas da Corte Imperial do Rio de Janeiro. E o bruxo do Cosme Velho bordou as sutilezas do ciúme de Bentinho. Esta língua que sibila como vento na palha dos canaviais e entre as cruzes dos cemitérios pernambucanos de João Cabral de Melo Neto e requebra nas ancas da *Nega Fulô*, de Jorge de Lima. E que o embolador Dedé da Mulatinha entortava e enriquecia em seus improvisos, feitos ao ritmo do ganzá, na feira-livre de Campina Grande, na época em que este beneficiário da generosa hospitalidade de vocês se iniciava no jornalismo, na literatura e no amor.

Hoje, nossa democracia representativa verga sob o peso da esperteza, que quando é demais, como gostava de afirmar Tancredo Neves, engole o esperto – e é só isso que ora está ocorrendo no Brasil, ilustres e pacientes ouvintes.

Infelizmente entre nós são muito poucas, raríssimas mesmo, as entidades que dispõem de autoridade, competência e sensibilidade para comandar esta cruzada contra a vulgaridade do lenocínio político, a transformar o Estado brasileiro num prostíbulo público e esta última flor do Lácio, muito bela e nada inculta, do poeta Olavo Bilac em biombo de solecismos desqualificantes e valhacouto da falsidade e da mistificação rasteiras. Cabe a esta Casa sediar a resistência dos homens e mulheres de valor já nela abrigados e obter a adesão das brasileiras e brasileiros de boa vontade que ainda não sucumbiram ao populismo brega e ao deslumbramento pela cloaca chique do capitalismo selvagem das butikues pretensamente elegantes. Cabe-lhes organizar a luta para tentar pôr fim a este exílio que amargamos em território nosso – esta pátria de Fernando Pessoa, Lobo Antunes, Mia Couto, da virgem Iracema, de José de Alencar, e na qual Riobaldo amou Diadorim.

Vamos salvar a língua portuguesa antes que esta vulgarização criminosamente arraste para o oblívio o opróbrio dos que dela escarnecem e, juntamente com estes, esmigalhe também as jóias de rara beleza, nela lapidadas – orgulho de nossos patrícios e patrimônio de nossos descendentes.

SESSÃO DO DIA 1.º DE SETEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 25 de agosto de 2005. Após reparo feito pela Acadêmica Ana Maria Machado, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Josué Montello, que aniversariou no dia 21 de agosto, para o Acadêmico Paulo Coelho, que aniversariou no dia 24 do mesmo mês, e também para o Acadêmico Alfredo Bosi, que aniversariou no último dia 26. Lembrou que está pedindo essas salvas de palmas somente agora porque a sessão do dia 25 foi pública.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que, com a devida vênua da bancada pernambucana que abrilhanta esta sala, a pedido da editora, tem o prazer de ofertar à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o diário, até hoje inédito, de Joaquim Nabuco, que saiu em dois volumes. A família só cedeu esse diário a Luís Viana Filho, para que ele escrevesse a sua grande biografia do eminente brasileiro. Isso fora da família, porque Carolina Nabuco foi a outra ilustre biógrafa do pai. Considera que nada substitui o diário de um homem da importância de Joaquim Nabuco, no meio em que ele viveu – literário, político e diplomático – para refletir a vida de um país. Lembrou que as presenças na Academia de Joaquim Nabuco, de Rui Barbosa e de Rio Branco deixa todos saudosos de uma época em que a vida pública brasileira apresentava homens desse quilate. Falou do seu interesse junto aos primos Nabuco para que esse diário fosse publicado, porque este é um documento que não pertence a uma família, pertence ao Brasil. Tem hoje a honra de apresentar essa edição, admiravelmente bem feita por Lélia Coelho Frota e com um prefácio magnífico e anotações extremamente minuciosas e eruditas do historiador pernambucano Evaldo Cabral de Mello. Antes de passar esta obra ao Presidente Ivan Junqueira, leu três pequenos trechos, apenas para anteciper o gosto com que os seus confrades certamente se debruçarão sobre a leitura deste documento, que é único na história do Brasil. Os trechos lidos referem-se a grandes momentos da vida de Joaquim Nabuco.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco a lembrança do grande homem e do grande acadêmico que foi Joaquim Nabuco. Considera esta obra, lançada pelo Itamarati, uma aquisição notável para a Casa de Machado de Assis. Estendeu os seus agradecimentos também à Editora Bem-te-vi e a Lélia Coelho Frota.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez o registro do lançamento, no Rio de Janeiro, do livro *Jornalismo Político*, de Franklin Martins, irmão da Acadêmica Ana Maria Machado – ambos filhos de Mário Martins –, um modelo de jornalista, deputado e senador, coerente, digno e honrado. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a doação que fez à Casa deste livro de Franklin Martins. Disse que quase todos aqui já se acostumaram aos comentários televisivos cotidianos de Franklin Martins, sempre agudos e oportunos. Agora esse repórter notável do Congresso traz a todos a palavra escrita.
- A Acadêmica Ana Maria Machado agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e ao Presidente da Casa as palavras tão generosas sobre seu irmão, e também sobre seu pai. A seguir, falou sobre a participação de dez acadêmicos à II.ª Jornada Literária de Passo Fundo. Discorreu sobre esse evento, que é uma iniciativa da Universidade de Passo Fundo, apoiado pela Prefeitura local e pelo Estado do Rio Grande do Sul. Disse que, na verdade, se constitui do coroamento de uma atividade que se desenrola durante vários meses. Desde março os alunos das escolas locais e das Universidades da Região estavam lendo livros dos autores que seriam convidados e com quem eles teriam oportunidade de debater no quadro da Jornada. Falou um pouco sobre o que se chamou Jornadinha, com crianças e adolescentes, pois foi onde esteve mais diretamente ligada, e que se realizava num circo, onde à noite aconteciam as sessões solenes. Falou da grande sessão solene do Conselho Universitário, da Universidade de Passo Fundo, que concedeu o título de Doutor *Honoris Causa* ao Acadêmico Ariano Suassuna. Pela manhã o que havia era a presença das crianças e dos adolescentes com a platéia e, a cada dia diferente, entre cinco mil e seis mil pessoas que tinham lido os livros faziam perguntas sobre os textos. De tarde havia sempre mesas-redondas e sessões conjuntas com intelectuais e escritores de todo o Brasil, sobre os mais variados assuntos, tendo como tema este ano “A diversidade cultural e o diálogo entre as diferenças”. Paralelamente, houve ainda mais duas atividades. A primeira foi um seminário sobre “Os clássicos e a importância de ler os clássicos”, feita em conjunto com a Academia, e a outra, feita em conjunto com outras Universidades, sobre “Leitura, memória e patrimônio”.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu à Acadêmica Ana Maria Machado estas palavras que disse sobre Passo Fundo e também acrescentou ter sido testemunha de tudo isso. Salientou não ter lembrança de uma participação tão maciça da Academia Brasileira de Letras num evento dessa magni-

tude, realizado no Brasil. Cada um dos acadêmicos que lá esteve falou sobre um determinado clássico. Temia um pouco pela afluência de público e foi surpreendido, de maneira agradável, porque a cada sessão eram sempre três acadêmicos que falavam de um clássico por eles escolhidos. Esses encontros realizavam-se no auditório da Faculdade de Odontologia, com capacidade para cerca de 300 pessoas, e se encontrava sempre apinhado. Acrescentou, ainda, que tanto a imprensa falada, como escrita, como televisiva deu uma enorme importância à presença dos acadêmicos. Lamentou a ausência do Acadêmico Arnaldo Niskier, que faria uma palestra sobre Machado de Assis, mas não pôde comparecer. Acredita que esse contingente de dez acadêmicos levou a Passo Fundo uma imagem altamente positiva da Casa.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier deu um rápido esclarecimento sobre o convite para esta jornada que lhe foi feito, com três meses de antecedência, para uma quinta-feira. Como não gosta de faltar às sessões da ABL pediu à organização desse encontro que transferisse para terça-feira a sua participação. Não foi à última hora. Foi um problema de agenda.
- O Presidente disse que só fez menção à ausência do Acadêmico Arnaldo Niskier para lamentar.
- O Acadêmico Carlos Nejar secundou as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Mário Martins, figura eminente também no Espírito Santo, onde foi político e jornalista. Lembrou também Franklin Martins que todos conhecem. Queria deixar esse registro como homenagem. Quanto a Passo Fundo, foi um dos fundadores. Esteve no I.^a jornada e nos 10 anos lhe ofereceram um troféu como um dos fundadores. Assim, como pampiano, participa da alegria dos que lá estiveram.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho deu conhecimento à Casa da carta que enviou ao *Jornal do Commercio*, a respeito do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. Na sexta-feira o *Jornal do Commercio* fez uma referência ao Prêmio Senador José Ermírio de Moraes na qual dizia que a Comissão de Avaliadores havia conferido este prêmio ao livro *O Silêncio do Delator*, por unanimidade. Passou a ler a carta: “À Direção do *Jornal do Commercio*/ Prezados Senhores, / Venho esclarecer a reportagem

publicada na edição de hoje de autoria de Alessandra de Paula, ‘Nêumanne Pinto recebe prêmio da Academia’, uma vez que fui citado nominalmente. Não houve unanimidade. Na Comissão votaram contra o parecer os acadêmicos Afonso Arinos de Melo Franco e o signatário. Também no Plenário não houve unanimidade; numerosos acadêmicos rejeitaram o parecer da Comissão. O esclarecimento é necessário, dada a tradicional conduta ética desse jornal. Atenciosamente, / Alberto Venancio Filho”

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho o esclarecimento que nos trouxe, a seu ver totalmente pertinente.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça encaminhou à Biblioteca da Academia o romance *As Cores da Vida*, de Almir Ghiaroni. Comunicou que Ghiaroni cuida dos olhos de brasileiros. Leu uma epígrafe interessante do livro. O livro tem o endosso de Millôr Fernandes, que escreveu “Sem querer que seja uma biografia – dupla no caso, a do médico oftalmologista e do seu alter-ego, o pintor humano e humanista Ghiaroni – escreve uma ficção contida que não contém nossa emoção”. Enrico Bianco diz “*As Cores da Vida* é um imenso mural onde o *chiaro/scuro* dos sentimentos levam o leitor para o universo das cores, ora dramáticas, ora felizes, na sábia descrição de quem conhece profundamente o valor de todos os detalhes da vida de todos nós.” O livro é de um profissional da medicina mas envolvido por uma grande figura de humanista, que é capaz de dar ao seu livro esse belo título *As Cores da Vida*.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a doação desse romance de Ghiaroni, que será encaminhado à Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara pediu uma salva de palmas para a Acadêmica Nélide Piñon e para o Presidente Ivan Junqueira pelo Prêmio Jabuti, na categoria romance e tradução. A seguir, encaminhou à Biblioteca da Casa o livro de um estudioso do Padre Antônio Vieira, o italiano Silvano Peloso que, aproveitando estar na Itália e com os subsídios que lhe foram oferecidos pelas Bibliotecas do México e de Portugal, vem fazendo uma re-escritura dos documentos inquisitoriais acerca do nosso grande Padre Antônio Vieira. Trata-se de um livro que abre novos

caminhos ao processo inquisitorial contra o Padre Vieira, retocando e ampliando a revisão começada pelo brasilianista holandês José Van den Besselaar. O livro é uma edição da *Clavis Prophetarum* que dá uma visão maior da *História do Futuro*. Disse tratar-se de um trabalho exaustivo, que já vem com o texto latino e a tradução italiana. Soube que futuramente, a Topbooks publicará esta obra numa edição brasileira. Encaminhou com prazer à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro do escritor Silvano Peloso *Antonio Vieira e L'impero universale*.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a doação preciosa feita pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para a Biblioteca Rodolfo Garcia. Lembrou que em 2008 estará fazendo 400 anos do nascimento do Padre Antônio Vieira. Disse que a Casa não se furtará a se associar a uma possível edição da *Clavis Prophetarum*, uma obra que ficou inconclusa, mas, como muito bem observou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, nos dá uma visão muito mais ampla daquela *História do Futuro* do Padre Antônio Vieira.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que esta é uma Casa de homens e mulheres de Letras de aquém e além mar, de aquém e além túmulo que nunca se furtaram a comentar os eventos importantes de sua época. Como homenagem a eles leu algumas seleções de manifestações desses autores. Como não pediu autorização para citações sugeriu que não fossem transcritas nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu essa extraordinária lição de humor que acaba de dar o Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida lembrou que já estava completa a remessa dos textos para a Sorbonne das apresentações dos acadêmicos no Ano do Brasil na França. Elogiou a publicação, num só volume, do conjunto dos discursos de recepção e de posse dos acadêmicos, de 1897 a 1919. Agradeceu ao presidente e disse que não se trata apenas de discurso de recepção e de réplica, mas há neste livro um embrião de uma cultura brasileira. Elogiou o estudo de Oliveira Lima sobre Francisco Varnhagen, que é absolutamente definitivo nesse assunto. Vai levar alguns discursos à Sorbonne para ser o segundo volume desta

apresentação. O outro estudo é o que Afonso Arinos faz, de uma maneira extraordinária, sobre Eduardo Prado. Não conhece outro trabalho sobre Eduardo Prado, que está tão desconhecido hoje. Finalizando, agradeceu ao presidente pelo estilo que começa a funcionar dentro da Casa de Machado de Assis e disse que há toda uma riqueza para a mocidade estudantil de hoje, da maior importância, na franqueza, no debate, na riqueza, que só pode ser feita porque está aqui reunida num só volume e na intuição do que foi o trabalho do Presidente Ivan Junqueira de coligi-lo neste conjunto.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Adiantou que praticamente não passa um dia sem que alguém lhe escreva, até de fora do Brasil, exaltando essa decisão tomada pela Casa de reunir novamente os *Discursos Acadêmicos*. Disse que lutou muito para que esse primeiro tomo saísse ainda na sua gestão, e que o principal responsável pela edição desses discursos chama-se Acadêmico Alberto Venancio Filho, Diretor da Comissão de Publicações.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que o Presidente Ivan Junqueira é quem realmente tem todos os méritos pela publicação dos *Discursos Acadêmicos* – Tomo I, e também a responsável pelas publicações, a dedicada funcionária D. Nair Dametto. Fez um adendo às palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida dizendo que a academia Brasileira de Letras é a Casa da memória e precisamos lembrar sua memória. Há dois anos, na série *Fundadores da Academia*, um acadêmico fez um discurso exaustivo sobre Valentim Magalhães, baseando-se no discurso de recepção de Euclides da Cunha. Outra referência, mais recente e por isso mais grave, é que este ano no Ciclo *Intérpretes do Brasil*, na ABL, o Acadêmico José Murilo de Carvalho fez o discurso mais exaustivo que já se fez sobre Eduardo Prado, completando o discurso de Afonso Arinos. Pediu que se registrasse essas duas indicações para que não se pense que esta é uma Casa de desmemoriados.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho pelo adendo à fala do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Sobre a Ordem do Dia, a reforma do *hall* do Palácio Austregésilo de

Athayde, disse que, há acerca de dez dias, recebeu a visita dos representantes da ENGEPROD e também do arquiteto Marcio Roberto, herdeiro dos irmãos Roberto. Disse que não só a ENGEPROD, mas também diversos inquilinos do Palácio Austregésilo de Athayde, vêm chamando a atenção para a necessidade de uma revitalização do hall e dos pilotis do Palácio. Lembrou que hoje enfrentamos no mercado uma competitividade muito grande e quem se dispuser a um pequeno passeio pelo *hall* haverá de concluir que ele não atende mais às necessidades do Palácio Austregésilo de Athayde, que foi construído há vinte e cinco anos para atender a uma demanda característica de um determinado período da nossa história urbana. Pensa que essa obra, embora adiável, pois não poderá ser feita imediatamente, será objeto de consideração da parte da nova diretoria. A diretoria atual está convencida de que essa obra tem que ser feita, mas não poderia dar essa autorização sem uma consulta ao Plenário. Disse que o arquiteto Marcio Roberto fez chegar às mãos da Diretoria dois orçamentos; um no valor geral aproximado de R\$ 635.683,00 (seiscentos e trinta e cinco mil, seiscentos e oitenta e três reais) onde haveria uma mudança nos painéis de alumínio, no piso autonivelante e também a inclusão de um elemento de moderna arquitetura de interiores chamada Colortil. Outro orçamento, mais baixo, no valor de 543.283,00 (quinhentos e quarenta e três mil, duzentos e oitenta e três reais), que trocava o alumínio por granito. As demais peças de reforma seriam as mesmas. Tem a impressão de que esta obra tem que ser feita, porém quer saber se o plenário autoriza que se comunique a decisão ao escritório dos irmãos Roberto e à própria ENGEPROD.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que o que chama atenção no *hall* de entrada do Palácio Austregésilo de Athayde é o fato de a recepção estar afastada dos elevadores.
- O Presidente disse que a recepção não será mais circular porque o fato de ser circular revelou uma completa antifuncionalidade no atendimento. Disse que vivemos num momento em que temos que manter o nível da nossa ocupação desse Palácio, por ser decisivo para o orçamento da Academia Brasileira de Letras. É uma obra que ficará para o ano que vem, porque o presente orçamento não pode comportá-la, e comunicará ao

escritório dos irmãos Roberto e a ENGEPRD que a obra tem que ser feita.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que é hábito, quando se faz uma obra desse porte, que sejam ouvidas três empresas para que se coteje o preço de cada uma delas. Parece que isso não foi feito. Em segundo lugar, acha que vai haver uma profunda mudança de circulação próxima à Academia, determinando com absoluta certeza o que é melhor fazer para entrar e sair do prédio, tendo em vista a circulação que vai ocorrer na garagem subterrânea. Disse que qualquer solução que tenha sido apresentada, e que não se compatibilize com o que vai ser feito no tráfego da região, evidentemente corre o risco de cometer um equívoco que é o da origem: o hall dos elevadores inteiramente divorciado da entrada do prédio. Pediu que o Presidente considerasse, na conversa que vai ter com a ENGEPRD, que é preciso, num orçamento desses, que haja um pouco mais de oferta e que não se desconsidere que já existem desenhos ou propostas de engenharia que não podem desprezar o que, no ano que vem, estará funcionando.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que a proposta é detalhadíssima e que um escritório de arquitetura do porte dos M&M Roberto não ia desconsiderar isto.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que a Academia precisa ter essa certeza para evitar que amanhã ou depois se tenha que desfazer o que foi feito com muito sacrifício.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que essa obra tem que ser feita pelo escritório dos Irmãos Roberto porque há uma autoralidade que não pode ser desrespeitada com relação ao Palácio Austregésilo de Athayde.
- O Acadêmico Carlos Nejar suscitou a possibilidade do granito porque o Espírito Santo, sobretudo Cachoeiro de Itapemirim, é a terra do granito e do mármore. É uma coisa bem viável a sua oferta à Academia desde que haja entendimento nesse sentido. Quanto à licitação, disse que discorda do Acadêmico Arnaldo Niskier porque, no que tange à administração pública, é necessária uma licitação; no que tange a uma administração particular não cabe, *data venia*, essa licitação.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que a Academia não está obrigada a licitações, apenas é sempre de boa norma que essas licitações sejam feitas. Quando a Academia imprime os livros, há uma licitação. A licitação é um caminho racional. Acha que o Arquiteto Marcio Roberto evidentemente vai procurar os materiais mais em conta.
- O Acadêmico Cícero Sandroni sugeriu que a discussão fique para o próximo ano, uma vez que o atual orçamento não comporta essa obra, sendo talvez necessário procurar recursos nos investimentos ou através de um patrocínio. E teme que não se tenham recursos para o próximo ano também.
- O Presidente disse que, quando estiver de posse de mais detalhes, trará novamente o problema para o plenário. Acha que todos concordaram com a necessidade de que a obra seja feita e que não pode ser feita durante a sua gestão, e talvez nem possa ser feita no ano que vem, mas, num determinado momento, pensa que a Academia tem que dotar o Palácio Austregésilo de Athayde dessas facilidades de que outros prédios do centro da cidade já estão cuidando.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, no capítulo das Efemérides, fez um retrato vivo, preciso e emocionado de Marques Rebelo. (O texto será transcrito nos *Anais da ABL*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e convidou a todos para a mesa-redonda “A geração de 45: sessenta anos”, com a participação dos Acadêmicos Lêdo Ivo, Carlos Nejar e dos Senhores Adriano Espínola e Adriano Rosa. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

JORNALISMO POLÍTICO, de Franklin Martins*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente, senhora e senhores Acadêmicos.

Aproveito esta oportunidade para registrar em nossos Anais o lançamento aqui no Rio de Janeiro deste livro *Jornalismo Político*, escrito pelo meu colega e companheiro Franklin Martins, irmão aqui da nossa querida acadêmica Ana Maria Machado – ambos filhos de Mário Martins, outro grande companheiro – um modelo de jornalista, deputado e senador, coerente, digno e honrado.

Este é um livro realmente importante, porque nele o autor deposita toda a sua experiência como profissional de revista e de jornal, e agora também de rádio e de televisão, onde revela tantos e tão curiosos episódios ocorridos ao longo destes últimos e atribulados anos da política brasileira.

O autor adverte, igualmente, para os cuidados que o repórter político deve ter nestes dias complicados que a Nação vive diante de tantos escândalos, de tanta corrupção, desvios de verbas públicas, licitações e concorrências desonestas, trocas de favores, lavagens de dinheiro, subornos, “mensalões”, propinas e cheques milionários, – enfim, todo um sombrio horizonte de orgias bancárias e degradação moral.

Segundo Franklin Martins, o profissional da imprensa política tem de conviver com muitos tubarões no olho do furacão; e em questão de minutos é obrigado a filtrar a avalanche de informações que lhe chegam aos ouvidos e

* Proferidas na sessão do dia 1.º de setembro de 2005.

aos olhos, numa vertigem e numa velocidade superiores à sua própria capacidade de julgar.

Nem bem se veicula uma denúncia, e ela, já no dia seguinte, é ultrapassada por outra acusação, mais grave e mais traumatizante.

O jornalista tem, então, de conscientizar-me também, de que desempenha missão importante como veículo atento para trazer à opinião pública a informação de mais um furto, de mais um caixa dois, de mais uma mala e até mesmo de mais uma cueca.

E conclui Franklin, neste seu oportuno *Jornalismo Político*, que a Nação inteira tem agora os seus olhos bem abertos e voltados para cima de cada um de nós, na certeza de que o jornalista político está bem ciente do seu papel na superação de uma crise como a atual e no renascimento de dias melhores para o povo brasileiro, hoje estarecido, surpreso, atônito e perplexo.

MARQUES REBELO

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Senhor Presidente, meus caros confrades. Eu poderia falar sobre Marques Rebelo, nas efemérides, e em várias conferências por várias horas, se a emoção não me trair, porque foi uma amizade de mais de trinta anos, que começou na adolescência. E episódio muito curioso. Realizava-se na Quitandinha em 1947, a Conferência Interamericana, com o *Diário das Sessões*, dirigido pelo meu fraternal amigo o, hoje embaixador, Roberto Assumpção. A apresentação gráfica do *Diário das Sessões* era feita pelo famoso artista Tomás Santa Rosa. Eu tinha uma posição modesta de auxiliar, como era de convir naquela idade, mas havia três ilustres redatores, os futuros acadêmicos Álvaro Lins, Francisco de Assis Barbosa e Marques Rebelo.

Álvaro Lins era figura retraída, ficava lendo ou escrevendo os artigos para o *Correio da Manhã*. Havia pouco trabalho, porque as atas das sessões já vinham prontas para publicação; então, era um período de grandes conversas. E foi nessa conversa de quinze dias com Marques Rebelo que ele me ensinou muitas coisas, me fez conhecer a obra de Jules Renard e também me dava vários conselhos práticos. Dizia: o escritor deve saber fazer bons embrulhos.

Ao final da conferência, Marques Rebelo me ofereceu o livro *Estela me Abriu a Porta*, que tinha sido publicado em 1942, um livro de contos excelente, com a dedicatória: “A Alberto Venancio, do amigo Marques Rebelo, dos dias felizes da Quitandinha.” Essa dedicatória é curiosa, porque as dedi-

* Apresentado na sessão do dia 1.º de setembro de 2005.

catórias de Marques Rebelo sempre foram muito concisas, tenho várias delas: “O abraço” ou “Lembranças de Marques Rebelo”.

O encontro com a obra de Marques Rebelo foi outro encantamento, a partir de *Estela me Abriu a Porta*, um livro de contos de alta qualidade, a começar pelo conto que dá título ao livro. Outros dois contos me marcaram desde logo: “Caprichosos da Tijuca”, em que fala da coleta de recursos para uma escola de samba, e “Labirinto”, um conto que termina com trecho excelente: um homem que está doente, vai a um oculista, põe óculos e não fica bom. O médico lhe diz: “O senhor está com problema de labirinto.” E o cliente diz: “No labirinto estou eu.” Então o médico conclui: “No labirinto estamos todos nós.”

A lembrança desses dois contos me marcou muito. Quando Aurélio Buarque de Holanda recebeu Marques Rebelo na Academia, em 1963, fez justamente referência a esses dois contos.

Em 1947, quando o conheci, Marques Rebelo já era um autor consagrado. Iniciara a sua carreira literária com o livro de contos *Oscarina* em 1931, que teve grande impacto na época, elogiado por Mário de Andrade, Ribeiro Couto e muitos outros. Eram lembranças da vida militar, pois tinha servido oito meses no Forte de Copacabana. Um dos críticos escreveu que o Exército tinha perdido um grande soldado, mas a literatura ganhou um grande escritor.

A partir daí, na década de 30, começa uma fase da grande produção literária, com a publicação de *Três Caminhos*, três contos admiráveis: “Vejo a lua no céu”, “Circo de Coelhoinhos”, “Namorada”. Do conto “Na Rua D. Emerenciana” várias pessoas presenciaram Graciliano Ramos reproduzir de cor vários trechos na Livraria José Olympio.

Escreve depois os dois romances principais da carreira de escritor, *Marafá* (1935) e *A Estrela Sobe* (1939). *Marafá* recebeu da Livraria José Olympio o Grande Prêmio do Romance Machado de Assis, mas a meu ver *A Estrela Sobe* parece que é o grande romance da obra literária de Marques Rebelo. Há duas personagens femininas extremamente importantes em ambos: num caso Risoleta e no outro Leniza, personagens que considero duas expressões da literatura brasileira. Este último romance revela o início da vida radiofônica, a ascensão dos artistas, e é de fato uma obra primorosa.

Há que fazer um parêntese. Marques Rebelo foi nomeado membro de uma comissão julgadora de contos, junto com Graciliano Ramos. Um dos livros de contos concorria sob o pseudônimo de Viator. Marques Rebelo encantou-se com a obra e fez esforço grande para dar-lhe o prêmio, Graciliano Ramos preferiu o livro de Luís Jardim. Depois se verificou que Viator era o pseudônimo de Guimarães Rosa, e os contos eram o futuro livro *Sagarana*, que foi a consagração que todos nós conhecemos. De modo que se pode ver também o olho clínico de Marques Rebelo na escolha dos autores.

Depois desse período, a vida literária de Marques Rebelo se desvia para outros caminhos. Escreve crônicas: “Cenas da Vida Brasileira”, “Correio Europeu”, e tem uma atividade muito grande ao incentivar a arte moderna no Brasil. Foi responsável pela criação dos museus de Cataguases, Resende e Florianópolis, incentiva o grupo da revista *Sul* de Santa Catarina, dirigido por Eglê Malheiros e Salim Miguel – e sobre isso o nosso confrade Cícero Sandroni poderia falar melhor.

Aí temos um momento da vida de Marques Rebelo, que é o interesse pelos jovens. Fez parte da comissão julgadora de um concurso na revista *Cruzeiro* e percebeu em texto uma grande potencialidade. Era um romance volumoso, mal escrito. O autor desse romance, quando soube que não tinha ganhado o prêmio, queimou os originais. Pelo regulamento, as cópias originais também não seriam devolvidas aos autores, e seriam destruídas. Aurélio Buarque de Holanda encontrou nesse romance um glossário de palavras do sertão da Bahia muito importante, guardou os originais e entregou-os a Marques Rebelo. Marques Rebelo encantou-se com o livro e mandou chamar o autor para o Rio de Janeiro. Esse autor chamava-se Herberto Sales. Durante três meses, Marques Rebelo e Herberto Sales fizeram a revisão do romance. Rebelo conseguiu que o livro fosse publicado pela editora *Cruzeiro*, e *Cascalho* foi um grande êxito na literatura brasileira. Herberto Sales voltou para Andaraí, sua terra natal na Bahia, onde trabalhava como prático de farmácia, mas Rebelo insistia para que voltasse ao Rio de Janeiro. Herberto Sales não queria sair da Bahia. Um dia Marques Rebelo manda um telegrama à mãe de Herberto: “Obrigue Herberto a vir.” Herberto ficou oito meses morando com Marques Rebelo e depois teve também a vida consagrada como grande escritor brasileiro.

O silêncio de Rebelo de 1942 a 1962 foi um silêncio relativo, porque começou a trabalhar numa obra que considero singular na literatura brasileira, os três volumes de *Espelho Partido: O Trapicheiro, A Mudança e A Guerra Está em Nós*. Cabe à crítica literária, como Eduardo Portella, classificar esse livro, se é crônica, se é ensaio, se é autobiografia ou se são memórias. Mas, entretanto, é um modelo, do ponto de vista da literatura, de observação do período de 1937 a 1945.

É também um livro *à clef*, porque há várias personagens com nomes fictícios, mas que podem ser identificados. Um deles é Martins Procópio, crítico literário da época, que claramente representa Alceu Amoroso Lima. Na sessão de saudade, Alceu Amoroso Lima falou com grande encanto e com grande finura, dizendo que tinham falado naquela sessão sobre a vida e a obra de Marques Rebelo, e ele, Alceu falava como um personagem de Marques Rebelo.

A obra de Marques Rebelo está sendo reeditada. Acho que *Espelho Partido* é uma obra excepcional da cultura brasileira. Já se apontou, entre as várias qualidades dessa obra, o dom do estilo e aquilo que Luciana Stegagno Picchio chamou “a concisão estilística”. É um livro que tem também páginas de poesia excepcional. Qualquer poeta pode encontrar nele páginas importantes.

Se falei um pouco da obra de Marques Rebelo, cabe aqui rapidamente falar sobre a sua personalidade. Quem o conheceu, como eu, nesses trinta anos, pode destacar que ele era de fato uma figura excepcional. Até chegar à maturidade ele teve uma fase de ironia, de sarcasmo, mas era uma alma carinhosa e generosa. Por ocasião do seu falecimento, Carlos Drummond de Andrade definiu de forma muito clara sua personalidade, como “sarcasmo e ternura”, que são as duas características de Marques Rebelo.

Nessa capacidade de congregiar as pessoas Rebelo recebia, aos domingos, em sua casa, os amigos, intelectuais e não intelectuais. Foi nessa oportunidade que conheci João Cabral de Melo Neto, Herberto Sales, Antônio Houaiss, José Honório Rodrigues e o mais moço de todos, o nosso confrade Lêdo Ivo. Ao tomar posse nesta Casa, fiz referência a esses rebelianos. E quero crer que a sombra de Marques Rebelo foi um dos cabos eleitorais da minha eleição para esta Casa. Creio que Lêdo Ivo confirmará o que estou dizendo.

Uma praxe foi quebrada por ocasião de minha posse: o Presidente Austregésilo de Athayde atendeu ao meu pedido para que o diploma fosse entregue não por um acadêmico, mas pela viúva de Marques Rebelo, D. Elza Proença.

Quando Marques Rebelo, em 1973, se candidatou à Academia, houve um movimento de reflexão e de surpresa: Marques Rebelo na Academia? Houve quem pensou que não estivesse em suas faculdades mentais. Ele usou da ironia de sempre: “Vou entrar para a Academia porque quero ter o meu enterro de graça.” Foi candidato uma vez com Afrânio Coutinho, perdeu; numa segunda eleição não houve vitoriosos, inclusive concorreu com um candidato que levaria trinta anos para ingressar nesta Casa; e foi eleito em 1964 na vaga de Magalhães de Azeredo, que era então o acadêmico mais antigo.

Houve quem dissesse: “Colocaram um capeta na vaga de um santo do cristianismo que era Magalhães de Azeredo.” Mas Marques Rebelo foi um acadêmico exemplar. O seu discurso de posse é dos melhores discursos acadêmicos, assim como os de recepção de Francisco de Assis Barbosa e Herberto Sales. Foi um auxiliar dedicado de Austregésilo de Athayde, e ambos se tornaram grandes amigos. E graças a ele que Austregésilo de Athayde foi apresentado ao advogado Antônio Bulhões, responsável pelo plano econômico-jurídico do prédio Austregésilo de Athayde que hoje nos garante a situação financeira.

Queria dizer uma palavra final, lembrar a sessão de saudade a Marques Rebelo, quando falaram tantos acadêmicos com palavras tocantes. O discurso mais tocante que ouvi, antes de entrar para a Academia e como acadêmico, foi o de Oswaldo Orico. Marques Rebelo passara a vida toda infernizando a vida de Oswaldo Orico, fazendo ironias a seu respeito. Os dois não se falavam, nem aqui nesta Casa. Houve várias tentativas de aproximação, inclusive pelo nosso querido confrade Josué Montello. Oswaldo Orico sempre se recusou a essas manifestações de aproximação. Mas na sessão de saudade fez um discurso longo, lembrando esses fatos, e terminou com uma frase emocionante: “a voz de um desafeto tem, nesta hora, uma singular demonstração de apreço pela obra daquele que, por muitos anos, foi meu inimigo e eu inimigo dele. [...] Reconciliado espiritualmente com sua ausência, sem que ele o soubesse, deixo aqui este testemunho para juntar-me aos colegas que lhe reverenciam a

memória e desmentir o conceito tantas vezes repetido de que os inimigos não mandam flores.”

Nesta sessão, com saudade e gratidão relembro a memória de Marques Rebelo.

SESSÃO DO DIA 8 DE SETEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélide Piñon, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 1.º de setembro de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico José Murilo de Carvalho, que aniversaria hoje. Comunicou que a 4.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* já está disponível no Portal da Academia, com sistema de busca informatizado. A seguir passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin registrou com alegria o lançamento de *Tempo Diferente*, do Acadêmico Murilo Melo Filho, pela Editora Topbooks. O livro tem orelhas e contracapa assinadas pelos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Tarcísio Padilha e Cândido Mendes de Almeida e pre-

fácio de Villas-Boas Corrêa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira acrescentou que não é de hoje que todos nesta Casa acompanham essa bela trajetória de repórter político do Acadêmico Murilo Melo Filho, fazendo suas as palavras aqui pronunciadas.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara prestou também a sua homenagem ao Acadêmico Murilo Melo Filho, que são os olhos de repórter e jornalista desta Casa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Cícero Sandroni associou-se às palavras que aqui foram ditas pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e Evanildo Cavalcante Bechara sobre o seu colega jornalista, escritor e acadêmico Murilo Melo Filho, que lhe pareceram, pela exatidão, pela síntese e pelo elogio que fizeram da obra, perfeitas para caracterizar *Tempo Diferente*. Recordou o Acadêmico Murilo Melo Filho na *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, depois em Brasília, fazendo a cobertura da inauguração de Brasília; e, mais tarde, na *Manchete*, sempre procurando a notícia, sempre atrás da reportagem, do furo, da interpretação, da análise e da informação privilegiada, que ele publicava na coluna “Posto de escuta”. Falou ainda do Murilo entrevistador e de seus encontros com grandes personalidades nacionais e internacionais. Disse que é com prazer que vê esse livro e, ainda, que ele foi perfeito em dois capítulos. No capítulo sobre Austregésilo de Athayde, no qual fez referências absolutamente pertinentes e também no capítulo sobre Raymundo Faoro. Prosseguindo, ofereceu à Casa o livro *Anedotário*, histórias das Jornadas Literárias de Passo Fundo, que nunca foram contadas, organizado pela Prof. Tânia Rösing. Trata-se de um almanaque do que aconteceu nas 21 edições das Jornadas Literárias de Passo Fundo, e que passa à Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni a doação desse *Anedotário* das 21 Jornadas Literárias de Paço Fundo, à qual estiveram presentes este ano dez acadêmicos.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho agradeceu, do fundo do coração e humildemente, os comentários feitos aqui pelos Acadêmicos Antonio Carlos

Secchin, Evanildo Cavalcante Bechara, Ivan Junqueira e Cícero Sandroni, sobre o seu livro que será lançado hoje, na Sala dos Fundadores. Atribui apenas à grandiosidade e generosidades de seus confrades e disse que esses comentários ficarão gravados na sua memória para sempre, como uma das melhores coisas que já lhe aconteceram na sua vida.

- O Acadêmico Antonio Olinto disse que, com a autorização do Presidente Ivan Junqueira, no dia 4 de novembro a Prefeitura lança o seu grande movimento “Paixão de Ler”, aqui na Academia, no Teatro R. Magalhães Júnior, e que este ano tem como Patrono Fernando Sabino. A seguir, pediu desculpas por voltar a tratar desse assunto. Lembrou que na última sessão o Acadêmico Alberto Venancio Filho falou na carta que escreveu ao *Jornal do Commercio*, para dizer que a escolha de José Nêumanne, para o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes não havia sido unânime, e declarar que também no plenário numerosos acadêmicos rejeitaram o Parecer da Comissão. Considerou que os acadêmicos que não votaram no parecer votaram em outro nome e não rejeitaram, o que é um verbo muito mais direto.
- A propósito, o Acadêmico Alberto Venancio Filho considerou melhor não dar nenhuma resposta ao Acadêmico Antonio Olinto.
- Na Ordem do Dia, Biblioteca Rodolfo Garcia, o Presidente lembrou que ao longo desse ano esse tema já foi trazido várias vezes ao plenário, mas volta hoje, em especial, porque no dia 22 deste mês de setembro estará finalmente aberta ao público, como era o seu destino natural. Na ocasião, haverá duas exposições, uma da Brasileira, da nova Biblioteca, e outra para comemorar os cem anos da Biblioteca Acadêmica. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho para falar como serão estas cerimônias que marcam a inauguração para a sociedade dessa importantíssima Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho apresentou um relatório detalhado sobre como ocorrerá a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia. Agradeceu também a todos que colaboraram para tornar possível a sua existência. (O texto lido será inaugurado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho não apenas as boas notícias que deu à Casa mas, sobretudo, a contribuição cotidiana que vem dando desde o momento em que assumiu a Diretoria da Biblioteca Rodolfo Garcia, em meados do ano passado.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, em nome de todos, louvou o trabalho e a dedicação do Acadêmico Murilo Melo Filho à Biblioteca Rodolfo Garcia. Chamou a atenção para a Biblioteca tradicional da Academia que se chama Biblioteca Acadêmica. Acredita que se deve dar o nome de algum acadêmico a esta Biblioteca. Sugeriu o nome de Lúcio de Mendonça, que foi fundador da Academia, e é sempre ofuscado pelos nomes de Machado de Assis e Joaquim Nabuco, ou então o nome de Rodrigo Octavio, que em 1905 deu a idéia da criação da Biblioteca. Disse que a sugestão está feita e quando o Presidente considerar oportuno a submeterá ao plenário.
- O Presidente Ivan Junqueira considerou oportuno submeter ao plenário nesta sessão, porque os dois nomes sugeridos lhe parecem muito adequados à Biblioteca Acadêmica. Apresentou ao plenário, para votação, o primeiro nome citado, Lucio de Mendonça.
- O plenário aprovou por unanimidade a sugestão posta em votação.
- O Presidente Ivan Junqueira anunciou, então, que a Biblioteca Acadêmica passará a chamar-se, de agora em diante, Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.
- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Tarcísio Padilha apresentou um admirável trabalho sobre a vida e a obra de Álvares de Azevedo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha esse retrato muito vivo, muito preciso e muito comovido que fez de Álvares de Azevedo. Dessa sensação de angústia, amor e morte que perpassa toda a segunda geração romântica. A seguir, convidou todos os acadêmicos para o lançamento, a partir das 17 horas, na Sala dos Fundadores, do livro *Tempo Diferente*, do Acadêmico Murilo Melo Filho. Chamou a atenção de todos para o fato de que, a partir das 19 horas, no

Teatro R. Magalhães Júnior, ocorrerá o recital de poesia e música, a cargo do Embaixador Lauro Moreira e da pianista Sonia Maria Vieira. Após o recital, será lançado o CD *Manuel Bandeira; o Poeta em Botafogo*. Disse tratar-se de uma co-edição da Academia Brasileira de Letras, que comprou cem cópias deste CD, onde o poeta lê vinte e sete poemas de sua obra, cerca de um ano antes de falecer. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

TEMPO DIFERENTE, DE MURILO MELO FILHO

*Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

O livro tem orelhas e contracapa assinadas por três outros acadêmicos, pela ordem Arnaldo Niskier, que define Murilo como “um dos maiores repórteres políticos da história brasileira”, Tarcísio Padilha, que enfatiza a isenção e a integridade de Murilo e Candido Mendes, que destaca na obra o viés da entrelinha biográfica, do registro oficioso da História. No prefácio, Villas-Boas Corrêa aponta, em Murilo, a capacidade de flagrar no essencial os traços das personalidades entrevistadas ou focalizadas.

E que personalidades: grandes nomes de nossa história política e literária, num largo espectro, não de “A” a “Z”, mas de “A” a “R”: num sábio critério alfabético, para não estabelecer hierarquias ou ferir suscetibilidades, Murilo Melo Filho inicia o livro com Alceu Amoroso Lima e o encerra com Roberto Marinho, apresentando, de permeio, o perfil de outros 18 importantes vultos, entre os quais, para permanecermos no âmbito da Academia, Assis Chateaubriand, Austregésilo de Athayde, Carlos Castello Branco, Celso Furtado, Evandro Lins e Silva, Getúlio Vargas, Guimarães Rosa, Jorge Amado, José Lins do Rego, Otto Lara Resende, Rachel de Queiroz e Raymundo Faoro.

Destaco, por fim, a clareza de linguagem e a precisão informativa do livro, em que, com elegância, Murilo opta por ocultar-se para melhor relevar a figura evocada, compondo um expressivo painel que, sem pretender a exausti-

* Proferidas na sessão do dia 8 de setembro de 2005.

vidade da biografia, vai além — para citarmos um título de Murilo Mendes — de simples *Retratos-Relâmpago*. E o companheiro leal e sério com que convivemos cotidianamente na Academia duplica-se com fidelidade no jornalista e escritor correto e sério que transparece nas páginas de *Tempo Diferente*.

MURILO MELO FILHO:
REPÓRTER E JORNALISTA

*Palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara**

Murilo Melo Filho é o repórter e jornalista desta Casa: invariavelmente, aproveita o espaço do expediente das sessões plenárias para dar-nos notícia de um livro saído, que encaminha à nossa biblioteca, de um elogio público a um confrade, com pedido de inserção nos *Anais*; de notícia de regozijo e congratulações a um colega pelo prêmio que lhe foi concedido por um júri no Brasil ou no estrangeiro.

Mas hoje, quebrando essa rotina, ele é que vai ser o alvo deste registro, desta minha saudação que, tenho a certeza, será também a saudação de seus pares: trata-se do confrade Murilo Melo Filho, autor do livro *Tempo Diferente*, que hoje será lançado nesta Academia.

O livro conquista no nascedouro o beneplácito de três acadêmicos e de um jornalista de valor consagrado. Arnaldo Niskier elogia Murilo, entre outros motivos por uma convivência fraterna e profissional de 40 anos; Tarcísio Padilha ressalta-lhe a qualidade de ser um espectador privilegiado de tantas histórias verdadeiras; Candido Mendes assinala a caprichosa tessitura de toda uma instigante era da sociedade brasileira, com revelações de muitos bastidores; Villas-Boas Corrêa giza uma crítica da quadra histórica e febricitante em cujo epicentro se moveu Murilo durante 50 anos de convivência com personagens emblemáticos do cenário cultural, político e literário brasileiro, dos quais elegeu estes 20 para compor-lhes miniaturas biográficas que

* Proferidas na sessão do dia 8 de setembro de 2005.

integram as páginas deste *Tempo Diferente*: Alceu Amoroso Lima, Assis Chateaubriand, Augusto Frederico Schmidt, Austregésilo de Athayde, Café Filho, Drummond, Lacerda, Carlos Castello Branco, Celso Furtado, Evandro, Getúlio, Guimarães Rosa, Jânio, Jorge Amado, José Lins, JK, Otto Lara Resende, Rachel, Faoro e Roberto Marinho.

Em cada espírito desvenda-se ao leitor, preso pelo encanto do estilo ameno, quase conversacional, uma série de fatos e passagens, agora revelados, mas todos trazidos à baila de forma profissional e respeitosa. Personagens do cenário cultural, político e literário na dimensão de figuras humanas, com suas virtudes e pecados, distantes das luzes da ribalta e expostos pelos olhos e discrição de um repórter cioso e de um amigo confidente.

Se 20 foram agora objeto deste caleidoscópio humano que é *Tempo Diferente*, Murilo Melo Filho tem para nos contar histórias e passagens, ditos e alusões de muito mais personagens, pois sabemos rodos a sua intensa e pródiga participação na esfera cultural, política e literária durante os 50 e mais anos de atividade jornalística tecendo firmes laços mútuos de amizade, respeito, companheirismo e admiração.

A distribuição de sua galeria humana por ordem alfabética com certeza procura passar ao leitor a marca da imparcialidade no tratamento dos eleitos. O critério, todavia, não impede que a leitura das entrelinhas nos revele aqueles que, no repórter juvenil e no jornalista maduro, mais indelevelmente deixaram marcas pela ousadia das decisões, pelo espírito empreendedor e pela confiança inabalável dos projetos. Eis aí mais uma astúcia de Murilo de que nos fala, no prefácio, Villas-Boas Corrêa.

Tempo Diferente é, pois, mais uma obra de excelência que nos lega — e ao Brasil — nosso confrade, revelando-nos uma plêiade de brasileiros que viveram e conviveram em tempos bem diferentes destes por que atravessamos perplexos e atônitos. Tranqüilizam-nos as exceções!

BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA:
INAUGURAÇÃO

*Relatório do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhoras e senhores Acadêmicos.

Estamos aí correndo contra os ponteiros do relógio, em meio a mil e uma providências de última hora, para inaugurarmos, dentro de mais 15 dias, a nossa Biblioteca *Rodolfo Garcia*, com o nome escolhido pelo nosso confrade Josué Montello, em homenagem a um ilustre Acadêmico e ex-diretor da Biblioteca Nacional.

Para chegarmos até essa inauguração, dentro de mais duas semanas, passamos por vários anos de muita obra e de muitos trabalhos, desde quando, em 1999, o então Presidente Arnaldo Niskier teve a feliz idéia de construí-la, num espaço que simplesmente não existia.

Esse espaço foi fabricado no 2.º andar do nosso Palácio Austregésilo de Athayde, até então ocupado por consultórios médicos, por bancos e corretoras financeiras, que nos devolveram aqueles 1.300 metros quadrados, sem ficarem com nenhuma queixa ou ressentimento.

Acho até que, construindo uma biblioteca na mesma área antes ocupada por corretoras financeiras e agências bancárias, fizemos uma troca bem mais importante, mais interessante e mais útil à cultura brasileira.

* Apresentado na sessão do dia 8 de setembro de 2005.

A idéia de construí-la prosseguiu e consolidou-se nas administrações do Presidente Tarcísio Padilha e do seu Secretário-Geral, Carlos Nejar, depois Presidente interino, até chegar às presidências dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Ivan Junqueira, realmente os seus dois grandes construtores.

Senhores Acadêmicos.

Os nossos depósitos na Rua Uruguaiana e na Metropolitan haviam guardado, durante vários anos, nada menos de 120 mil livros, muitos dos quais nos chegaram às mãos em péssimas condições de conservação, com brocas, cupins e fungos, e tiveram, antes de qualquer coisa, de ser higienizados para não contaminarem instalações novas, como as nossas.

O trabalho de seleção desse acervo imenso contou inicialmente com a orientação técnica do Professor Edson Néri da Fonseca, importado de Olinda pelo nosso Presidente Alberto da Costa e Silva.

Orientada pelos seus sábios conselhos, uma Comissão de Seleção, designada por V. Ex.^a, senhor Presidente, e constituída dos Acadêmicos Evanildo Bechara, Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva e Sergio Corrêa da Costa, pôde realizar um admirável e comovedor trabalho de triagem, examinando, um a um, todos esses 120 mil títulos, para selecionar afinal os 50 mil que constam agora do nosso Acervo.

A nossa Sala de Videoconferência, que construímos com uma das mais avançadas tecnologias de ponta – graças à visão do nosso Presidente Alberto da Costa e Silva – já está no mercado do Rio de Janeiro, e vem sendo disputada por empresários que, em vez de pesadas despesas com viagens e hospedagens no exterior, conseguem fazer economia e reunir-se aqui mesmo, como se estivessem de corpo presente, com suas matrizes, seus diretores e presidentes, de Nova York, Tóquio, Paris, Roma, Genebra e Londres.

Abro aqui um rápido parêntesis para uma informação que não tenho o direito de subtrair ao conhecimento de Vossas Excelências.

A informação é a seguinte: em janeiro, no começo deste ano, comuniquei à Gerente do Sistema da nossa Sala de Videoconferência – incluindo nele a Sala de Multimídia e as Salas José de Alencar e Magalhães Júnior – que a

meta, até o final deste ano, de 50 mil reais de faturamento em contratos de aluguel.

Em 30 de junho último, já tínhamos faturado 70 mil reais, o que me levou a alterar essa meta para 100 mil, que já foram atingidos no último dia 31 de agosto, obrigando-me a sonhar com a meta de 150 mil reais até o próximo mês de dezembro, no fim deste ano.

Todas estas são receitas não orçamentárias, numa modesta ajuda para dar um pouco de socorro às aflições do nosso Diretor Tesoureiro, que, aliás, as recebe sempre com um sorriso nos lábios e uma generosa hospitalidade.

Para a inauguração oficial de nossas instalações no próximo dia 22, convidamos jornalistas, escritores, presidentes das Fundações Casa de Rui Barbosa e Biblioteca Nacional, presidentes das Bibliotecas dos Clubes Militar, Naval e da Aeronáutica, da Fundação Cultural Banco do Brasil, do Liceu Literário Português, do Real Gabinete Português de Leitura, da Casa França-Brasil, Secretários Estaduais e Municipais, de Cultura e de Educação, os Museus de Arte Moderna e Nacional de Belas Artes, enfim, diretores e bibliotecários das instituições culturais existentes no Rio de Janeiro.

A esses convidados, vamos mostrar uma bonita exposição, produzida por Luiz Anselmo Filho, na qual exibiremos 24 obras raras da nossa Brasiliana, entre as quais figuram obras de Agassiz, Armitage, Burton, Debret, Denis Hadfield, Handelmann, Leclerc, Martius, Maximiliano, Rugendas, Saint-Hilaire, Wallace Volf e Wells.

Esses 24 autores foram escolhidos entre as 130 obras do século XIX, todas componentes da nossa Brasiliana, que hoje já é uma coleção de inestimável valor.

Vamos mostrar-lhes, também, várias edições da Enciclopédia Britânica, inclusive a sua mais recente, deste ano, de 2005; além dos 72 volumes da Enciclopédia Spasa; e também os 60 volumes da Great Books; os 20 volumes da Enciclopédia “Inocência”, além de outras enciclopédias e dicionários em vários idiomas; periódicos nacionais e estrangeiros, bem como centenas de publicações até agora impressas pela ABL, as Coleções Afrânio Peixoto,

Austregésilo de Athayde e Antônio Morais e Silva, além da *Revista Brasileira*, dos nossos *Anais* e dos *Discursos Acadêmicos*.

Constam ainda do nosso Acervo: 294 títulos da Coleção Camilliana, que pertenceu ao nosso saudoso Acadêmico Deolindo Couto; 86 títulos da Literatura Brasileira e Portuguesa, editados em papel-bíblia pela Aguilar; 40 volumes da Grande Enciclopédia Brasileira e Portuguesa; e 20 volumes da Enciclopédia Einaudi.

Vamos colocar à disposição dos nossos convidados, e também dos futuros usuários e consulentes da nossa Biblioteca, nada menos de 50 mil títulos, escolhidos – como já disse – pela nossa Comissão de Seleção, quase todos já catalogados na nossa Base, através da inserção na Internet do Programa “Sophia”, de software, e que poderão ser acessados por um tríplice critério: pelo nome do livro, pelo nome do autor e pelo seu conteúdo.

Desse acervo, 10 mil títulos – como obras de arte, de consulta e de referência – estarão expostos no nosso Salão de Leitura, e os outros 40 mil em nosso armazém, vizinhos um do outro. Quase todos eles nos foram doados e reunidos, entre outras, nas Coleções Marcos Carneiro de Mendonça, Franklin de Oliveira Ary de Andrade, Josué Montello, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Afonso Celso Carlos Magalhães de Azeredo, Frederic Maurras, Artur Valthier, Henrique Baiana e Caetano Dias.

Outra informação alvissareira que podemos dar a Vossas Excelências é a seguinte: no próximo dia 22, vamos inaugurar também os nossos novos portais na Internet, em lugar dos velhos e provisórios portais que estiveram no ar nesses últimos meses e que agora estão sendo substituídos no próprio site www.academia.org.br, com fotos e textos apresentados num “designer” funcional, prático e objetivo.

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Concluo dizendo que, modéstia à parte, esta nossa é talvez uma das mais modernas bibliotecas brasileiras e o seu complexo cultural, a inaugurar-se no próximo dia 22, só pôde ser construído, ao longo de todos estes anos, porque contou sempre – repito – com o decidido apoio dos presidentes Arnaldo

Niskier, Tarcísio Padilha, Carlos Nejar, Alberto da Costa e Silva e Ivan Junqueira, que assim são credores nesta Academia de uma obra simplesmente maravilhosa.

A eles cinco, – e aos quatro membros da nossa Comissão de Seleção – faço muita questão de prestar esta singela homenagem e renovar-lhes agora, pela importante ajuda que me deram, toda a minha imensa gratidão.

ÁLVARES DE AZEVEDO

*Estudo do Acadêmico Tarcísio Padilha**

A curta passagem de Álvares de Azevedo pela vida jamais pôde dissociar-se da presença da morte em seu percurso existencial e em sua obra poética.

O encontro do genial e trágico poeta romântico com a morte se deu quando ele ainda emergia para a vida, nos seus quatro anos. Ao contemplar, no leito, o irmãozinho inerte com o selo da morte, tentou falar-lhe. A morte, que tão cedo se instalou na alma infantil, ali resolvera fazer para sempre o seu ninho.

Aos nove anos, o poeta foi matriculado no colégio do Doutor Stoll. Logo domina o francês, o inglês, a história, a geografia e em todas as matérias foi o melhor aluno da instituição. Assim se manifestou seu educador: “ele reúne... a maior inocência de costumes à mais vasta capacidade intelectual que já encontrei na América em um menino de sua idade”. Rio de Janeiro e São Paulo se alternam no período de formação do escritor prolífico. Bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, após concluir seus estudos básicos no Colégio Pedro II. Aqui teve como mestres Gonçalves de Magalhães, que o ensinou a percorrer os complexos labirintos do filosofar e Calógeras a quem tanto ficamos a dever no domínio da história. Ao longo do curso de direito teve dois amigos Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. Formaram com Álvares de Azevedo um trio que até cogitou de publicar suas obras com o título de “As três liras”. O projeto não prosperou e sim a amizade por vezes manifestada de maneira jocosa. Assim é que, com poucos recursos, combina-

* Apresentado na sessão do dia 8 de setembro de 2005.

ram que o poeta Álvares se fingiria de morto para angariar dinheiro. Como ele era muito pálido conseguiu desempenhar bem o papel e o grupo pode amealhar uns bons trocados. Com isso, a ceia farta e concorrida coroou a noite criativa.

Nessa época eram mestres dos três amigos, dentre outros, Veiga Cabral na área cível, seu tio Silveira da Mota, no campo processual.

A formação humanística de Álvares de Azevedo forneceu-lhe os instrumentos para a grande empreitada literária a encetar. Registre-se uma forte pitada humorística que lhe cinzelou o perfil, expresso freqüentemente em caricaturas que não lhe granjearam popularidade. Vicente de Azevedo afiança: “é sabido que foi ele o introdutor do humor na literatura nacional”.

Álvares de Azevedo mergulhou na leitura dos clássicos, sinuosamente folheando os livros sagrados, a dramaturgia de Shakespeare, as obras de Goethe e, sobretudo, os poemas de Byron. Lamartine, Tasso, Leopardi, Heine, Vigny foram também seus companheiros nas noites de insônia donde decolava para as arremetidas da poesia com que pavimentou o seu definitivo lugar na galeria dos grandes nomes de nossa literatura. Dedilhando sua lira, escreveu o poeta:

*Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!*

No leito de morte, vemos sua mãe acompanhá-lo durante os últimos quarenta e cinco dias de vida. No supremo momento do viver-morrer, o jovem delicadamente afasta sua mãe, poupando-a do instante derradeiro, como a lhe dizer que, dela havendo recebido a vida, só ela não poderia viver-lhe a morte. É um desfecho de inequívoco sabor romântico.

O ultra-romantismo de Álvares de Azevedo revela um manifesto pendor para o subjetivismo, uma espécie de evasão metafísica, em que o sonho, a *rêverie*, ocupa os espaços de seu versejar. No fundo, a morte desempenha o papel principal, pela indefinição de seus contornos. Isto porque somente detectamos a morte do outro. A morte em si rompe os grilhões da racionalidade, altera todas as sistemáticas e tudo cria nesta transição especial em que se esvaem todas as possibilidades de antevisão do que ela possa ser ou do que cuidamos que ela venha a ser. É o desconhecido que atormenta a inteligência brilhante do poeta, cuja fragilidade física prenuncia o desenlace precoce.

Nascido em 12 de setembro de 1831, na cidade de São Paulo, o poeta veio a falecer no Rio de Janeiro no dia 25 de abril de 1852. HÁ menos de vinte anos se limitou uma vida que, após a morte, revelou ao mundo a magnitude de sua obra literária.

Foi intensa sua atividade intelectual na famosa Faculdade do Largo de São Francisco. A ele se deve a criação da Sociedade Ensaio Filosófico e data desse período sua grande fecundidade literária. A universalidade de sua precoce cultura levou-o a realçar a independência poética brasileira frente ao influxo da pátria-mãe. Poesias, contos, discursos, cartas, peças de teatro, estudos literários integram o rico filão de obras que somente após sua morte merecerão a atenção da crítica e receberão o reconhecimento adequado.

Hoje, há forte tendência a se implantar o reino de uma espécie de imortalidade biológica, que obstrui o canal de compreensão da finitude do ser humano e instiga a recusa da morte.

A morte é uma tragédia metaempírica, frisou Vladimir Jankelevitch. Transcende os parâmetros da vida sensorial e animal, alçando-se ao plano de sua superação, como destino calcado na vocação de cada ser humano. Daí se segue a ruptura da crítica que usualmente cerca aqueles que morrem. Desaparece o antagonismo e remanesce o retrato, agora sem retoques, que fixa em definitivo a feição ontológica de cada um de nós.

Foi na morte vivida conscientemente que Álvares de Azevedo melhor espelhou a sua obra literária. Deu-lhe plena substância, uma vez que o seu ser se reconheceu na obra encetada. O que ratifica o sentir de Octavio Paz, para quem “os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia”.

O fluir da vida deu consistência aos versos pungentes que nos legou. Nele a existência não pode ser mensurada pelos anos vividos, mas pela intensidade do viver, do sorver cada minuto com voracidade, renunciando a redução do tempo como imperativo do ritmo vital que se impôs. Há uma tensão dialética entre a vida que fremia em seu peito e a morte que ao longe, inexorável, clamava nas sombras por seus direitos. Dante o explicita em seu *opus magnum*, ao sentenciar, “do viver que é um correr em direção à morte”.

A afetividade peculiar de Álvares de Azevedo, ao que tudo indica, sempre o inibiu de se realizar no amor que ele, tão romanticamente, enalteceu. Confirma-se a tese de que o ultra-romantismo padece das vicissitudes oriundas da nebulosidade dos sentimentos, da impossibilidade de serem os mesmos encarados e, no caso de Álvares de Azevedo, vividos. La Rochefoucauld o reconheceu: “nem o sol, nem a morte podem ser olhados fixamente”. Há que se falar em certo descompasso entre a elevação de sentimentos e um prosaísmo que se insinua na obra do jovem romântico. De um lado, pululam confissões do poeta repassadas de transparente pureza, páginas que destoam dessa harmonia afetiva, e até incidem na vulgaridade e, finalmente, o permanente aceno de sua companheira inseparável, a morte.

A verdade é que o poeta se inseriu plenamente na neurose do século do Romantismo, mera vítima do mal do século, consoante o atesta Hildon Rocha.

Amor e morte cifram o humano existir de Álvares de Azevedo, no sentir de Magalhães Júnior. É própria da era romântica a vertigem do apelo ao suicídio. A partir do *Werther* de Goethe, passando pelas *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*, ou da *Indiana* de George Sand, Álvares de Azevedo absorveu o peso ontológico do nada e, referindo-se ao personagem central de Aldo, da

mesma George Sand, assente: “por uma fria noite de inverno curvava a sua cabeça no abismo do suicídio”.

A passagem meteórica de Álvares de Azevedo pela terra dos homens robusteceu o romantismo de sua obra. Isto porque a morte jovem já é por si mesma romântica. Parece que sua breve vida representou um prefácio da obra ainda mais opulenta que geraria, caso a sorte lhe houvesse alongado os anos.

Consciente do fim que se avizinhava, Álvares de Azevedo se confessou, recebeu a unção dos enfermos, pediu à sua mãe que se afastasse, tomou a mão de seu pai, beijando-a e exclamou: “Que fatalidade, meu pai!”

A glória de Álvares de Azevedo foi póstuma. Teixeira de Melo, Sílvio Romero, José Veríssimo, Ronald de Carvalho, Agripino Grieco, Mário de Andrade e muitos outros reconheceram a sua contribuição à literatura brasileira.

Em 1853 saiu a lume o primeiro volume das obras de Álvares de Azevedo nele se incluindo a *Lira dos Vinte Anos*. Machado de Assis não se conteve e exclamou: foi “a boa nova dos poetas”.

Com a palavra Sílvio Romero: “Em Álvares de Azevedo há um poeta lírico e o esboço de um crítico, de um dramata e de um *conteur*. O lirismo do jovem artista não é um simples lirismo melancólico à Lamartine. Há nele grande variedade introduzida por pinturas objetivistas, por cenas de costumes, por cantos políticos, por passagens humorísticas. Quando se fala em Azevedo vem logo à mente a idéia de um lacrimoso perpétuo. Pois é um grande erro. Há nele páginas de um objetivismo completo”. Com tal juízo de valor, a que se poderiam juntar os emitidos por notáveis escritores pátrios, cabe concluir que Álvares de Azevedo alcançou a imortalidade e não careceu de muitos anos de vida terrena para nela ingressar de fato e de direito.

SESSÃO DO DIA 15 DE SETEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 8 de setembro de 2005. Após reparo feito pelo Acadêmico Lêdo Ivo, a ata foi aprovada. A seguir, comunicou que foi oferecido à Academia, pela Senhora Maria Cecília Ribas Carneiro, um prato pintado à mão com o brasão e a assinatura de Olegário Mariano, que passará a constar do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras.
- A Acadêmica Ana Maria Machado ofereceu à Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça dois volumes de estudos feitos por professores de Universidades. O primeiro, da Universidade de Goiás, junto com alunos do mestrado intitulado *Mundos e Submundos – Estudos sobre Ana Maria Machado*, organização da Professora Vera Maria Tietzmann Silva,

e o outro, *Trança de Histórias – A Criação Literária de Ana Maria Machado*, organizado pelos professores Maria Teresa Gonçalves Pereira e Benedito Antunes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Estadual Paulista.

- O Presidente agradeceu à Acadêmica Ana Maria Machado a doação que faz à Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça e aos Acadêmicos, porque através de estudos da sua obra estarão mais qualificados para gostar ainda mais do que escreve Ana Maria Machado.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que, por uma grata delegação do Acadêmico José Sarney, passou à Biblioteca Rodolfo Garcia uma coleção de 89 livros de primeira qualidade, sob o ponto de vista editorial e também dos seus autores e dos temas, editados pelo Senado da República, com um Programa Editorial que é dirigido pessoalmente pelo Acadêmico José Sarney. Pediu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que já examinou os livros, que fizesse um comentário sobre essa coleção.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse se tratar, realmente, de uma coleção interessantíssima. Livros muito bem editados, alguns que estavam esquecidos pelos editores e que são fundamentais na cultura do nosso país. Nessa coleção há livros dos grandes viajantes como Saint-Hilaire, Agassiz, Richard Burton, Príncipe Maximiliano, e também obras fundamentais da cultura brasileira, como *o Jornal do Timon*, de João Francisco Lisboa, *A Ilusão Americana*, de Eduardo Prado, *A Verdade como Regra das Nações*, de Farias Brito, *Os Escritos Jurídicos*, de José de Alencar, *a História do Ceará*, do Barão de Studart, entre outros. Afirmou ser uma seqüência de livros verdadeiramente notáveis. Deve ser louvado o fato de o Senado Federal recolocá-los nas prateleiras dos estudiosos. Seguramente, a Biblioteca desta Casa ficará mais rica com esses volumes, que são todos essenciais ao estudo da história, da cultura e da língua nacionais.
- O Presidente agradeceu aos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Alberto da Costa e Silva e, muito particularmente, ao Acadêmico José Sarney por essa doação realmente extraordinária. Perguntou ao Diretor da Biblioteca, Acadêmico Murilo Melo Filho, se esses livros dos viajantes já constam da *Brasiliana* da ABL ou se há alguma novidade.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que há diversas novidades, mas vai fazer uma triagem para saber o que está na Brasileira e mandar o restante para a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.
- Na Ordem do Dia – Galpão da Rua Luís de Camões, o Presidente trouxe ao plenário uma questão de investimento. Lembrou que, em março ou abril deste ano, comunicou ao plenário haver encomendado um projeto que é de importância capital para a guarda dos livros e para o acervo técnico da Biblioteca Rodolfo Garcia. Disse que o projeto foi apresentado pelo arquiteto Alfredo Brito, que é o Diretor do Grupo de Arquitetura e Planejamento, e ficou devendo à Casa as estimativas de custo do projeto arquitetônico executivo. Considera que essa questão deve ser analisada com muito zelo por todos os acadêmicos, porque foi muito grande a luta para recuperar um dos galpões da Rua Luís de Camões. O outro galpão deverá ser desocupado, em outubro deste ano. O Grupo de Arquitetura e Planejamento assinala, com relação aos critérios, que o fundamental foi compatibilizar os valores arquitetônicos do prédio, que é parte integrante do Corredor Cultural da cidade, com a organização do espaço interno, capaz de abrigar adequadamente as necessidades do Acervo Técnico da Biblioteca Rodolfo Garcia. Essa solução é composta de duas providências básicas: primeiro, restaurar a cobertura, o piso superior e a fachada; segundo, introduzir em seu interior uma estrutura metálica capaz de ampliar, quase ao dobro, a área útil e sustentar a carga produzida por grande quantidade de livros e documentos. A cobertura receberá, por baixo das telhas uma manta micro-espessa, que garante impermeabilidade e alta redução de carga térmica. Discorreu sobre a climatização, sobre o pavimento térreo, o pavimento superior, a estanteria, que poderá abrigar até 134.400 livros, e a iluminação. No que concerne à fachada, esta será objeto de minuciosa restauração de todos os seus elementos. Sobre um dos elementos de sustentação, junto a entrada principal, será aplicada a placa com numeração do prédio, e sobre a grade central estará fixada a placa de identificação da ABL. A pavimentação da calçada ao longo da fachada será inteiramente recuperada. Informou que o total da obra atinge o valor de R\$ 693.126,30 (seiscentos e noventa e três mil, cento e vinte e seis reais e trinta centavos). Lembrou que no início do ano havia a expect-

tativa de que a Petrobras financiasse esse projeto, com verba de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais). Esse projeto esteve em julgamento durante cerca de três ou quatro meses e infelizmente a resposta final foi negativa. Na sua gestão não há mais recursos para isso, mas é preciso que a Casa pense com muito carinho nessa realização, seja com recursos próprios, seja com eventual parceria. Trata-se de um esforço que vem sendo desenvolvido pela Academia para recuperar um espaço que lhe parece definitivo para abrigar os nossos volumes. Do total acima citado R\$ 381.606,00, se destinam à introdução dos dois novos pavimentos, o que corresponde a 55,05% do total da obra. Restam ainda 16,80%, que correspondem aos 560 metros lineares de estantes metálicas o que significa um gasto de 116.480,00. Recordou que, na sua presidência, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva muito se empenhou para que esse espaço fosse recuperado pela Academia. Espera que, num futuro próximo, a Casa possa finalmente financiar essa obra, que lhe parece fundamental.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse, sobretudo, que a Comissão da Biblioteca, formada pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara, Sergio Corrêa da Costa e por ele próprio, sabe, quanto ao espaço, tanto na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça quanto na Biblioteca Rodolfo Garcia, que já não pode abrigar todo o precioso acervo bibliográfico. Assinalou que a Academia possui uma das mais ricas bibliotecas do Brasil, em matéria de qualidade, e que boa parte desse acervo continua armazenado num guarda-móveis. Acredita que se Academia não tiver, num futuro breve, um lugar onde colocar esses livros, o volume de obras a ficar em guarda-móveis será crescente. Ressaltou que esse prédio da Rua Luís de Camões tem para a Academia um valor histórico muito grande, porque foi a sede da Livraria Francisco Alves, e considera que, quando se recuperar a totalidade desse edifício, a Academia deverá colocar ali uma placa marcando o espaço histórico, onde funcionou uma das mais famosas livrarias e livreiros do Brasil. Crê que essa obra é fundamental para ser feita no próximo ano, por ser vital ao futuro da Academia, é vital para a preservação do acervo, tanto bibliográfico como artístico, e para o qual já não temos espaço.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e passou a transmitir ao plenário o sussurro que acabou de lhe passar o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Trata-se de uma grande economia para a Casa, que não terá mais que pagar guarda-móveis. Salientou, mais uma vez, que essa obra deve ser feita o mais breve possível. A seguir, comunicou que, se tudo correr como está prometido pela ENGEPRD, até o fim do ano esta Casa terá uma taxa de ocupação de 98%. No segundo semestre do ano passado, essa taxa chegou a 87%. Felizmente esse problema está realmente superado. No momento, a taxa de ocupação no Palácio Austregésilo de Athayde é de 84%, mas há entendimentos muito acelerados para que seja alugado todo o II.º andar. Poderia então justificar o que dissera, no final do ano passado, que todo esse drama da desocupação parecia um problema sazonal. Disse ainda que o Acadêmico Cícero Sandroni tem informação de que, mesmo com a ocupação quase total do prédio, provavelmente, nos próximos anos, não teremos a mesma rentabilidade do mercado, porque o valor da locação caiu nos últimos três anos.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe disse que, diante das exposições feitas, se torna clara a absoluta indispensabilidade dessa obra, razão pela qual sugere que ainda na gestão do Presidente Ivan Junqueira se faça um estudo, na medida em que as novas perspectivas de aluguel do prédio comportariam, sem sacrifício de outras atividades, no sentido de financiamento dessa obra. Na impossibilidade da Casa de arcar com essas despesas, sugeriu que se preparasse um projeto de grande capacidade de persuasão e colocasse esse projeto para licitação de instituições que pudessem contribuir. Sugeriu, ainda, uma apresentação desse projeto que revele às instituições que possam ajudar a Academia a indispensabilidade dessa obra, e que tivesse certo poder de compulsão para conseguir motivar doações.
- O Presidente disse que vai lutar por isso.
- No capítulo das Efemérides o Acadêmico Arnaldo Niskier apresentou um trabalho consistente e preciso sobre a vida e a obra do poeta Luís Carlos. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier esse relato muito preciso que fez de Luís Carlos, que em boa hora é recordado aqui nesse plenário, pois seu esquecimento é quase completo junto os leitores de poesia moderna no Brasil. A seguir, convidou todos os acadêmicos para a mesa-redonda comemorativa do cinqüentenário do falecimento de Ortega y Gasset, no Salão Nobre, com a participação dos Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha e Helio Jaguaribe. Convidou, também, para o lançamento às 18h 30min, na Sala dos Fundadores da ABL, do livro *Ficção Completa de Aluísio Azevedo*, organização de Orna Messer Levin, que acaba de sair pela Editora Nova Aguilar. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

LUÍS CARLOS:
ENGENHEIRO E POETA

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier**

O poeta Luís Carlos foi o quarto ocupante da Cadeira n.º 18 da Casa de Machado de Assis. Como engenheiro de profissão, formado na Escola Politécnica, teve estilo racionalista, mestre nos versos decassílabos e nos alexandrinos de vocação neoparnasiana.

Dentro deste rigor, pintou a paz sertaneja, os horizontes de Minas, delineando fatos domésticos e refletindo sobre a existência humana. Era descendente da condessa de Belmonte, camareira-mor do Paço Imperial, neto e filho de doutores. Nasceu no Rio de Janeiro, em 10 de abril de 1880.

Muito conceituado em sua profissão, nem por isso abandonou o pendor natural para as letras. Sob o funcionário exemplar, que trabalhou em São Paulo e em Minas Gerais, existia o poeta, de pouca gente, só os mais íntimos. Com um grupo de intelectuais, fundou a *Hora Literária*. Publicou em jornais e revistas os seus versos, numa época em que o parnasianismo dominava amplamente a poética brasileira. Os seus modelos filiavam-se à técnica de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. É preciso afirmar que, em Luís Carlos, há um toque de romantismo que foge ao estilo parnasiano puro e simples.

Na sessão da Academia de 14 de junho de 1917, à qual ele assistiu como visitante, Augusto de Lima fez a leitura de alguns de seus poemas. A imprensa do Rio de Janeiro passou a publicar-lhe sonetos esparsos, que o tornaram

* Apresentado na sessão do dia 15 de setembro de 2005.

conhecido nas letras da metrópole. Foi removido, galgando de posto, para o Rio de Janeiro, onde fixou residência. Em 1921, foi nomeado consultor técnico do Ministério da Viação.

Estreou em livro já aos quarenta anos. *Colunas*, publicado em 1920, foi aclamado com entusiasmo. Os amigos insistiam para que se candidatasse à Academia Brasileira de Letras. Tentou por duas vezes. A Academia recebeu-o e consagrou-o. João Ribeiro, em artigo (*O Imparcial*, 29-II-21), assim a ele se refere:

“Eram, de fato, colunas, segundo o título, no sentido próprio e nas suas várias ordens de estilo: dóricas, pela solidez; jônias, pela graça e leveza; coríntias, pelos seus capitéis floridos. E em conjunto eram todas gregas.

A poesia de Luís Carlos representa uma fase distinta, na estética dos nossos poetas. Não é o parnasianismo já quase esgotado por enfadonhas e inúmeras repetições, nem é também a poesia inteiramente subjetiva que constitui a corrente mais vultosa da atualidade. Pode ser que participe de ambas por alguns caracteres compósitos, mas o que notamos como essencial nos seus versos é a técnica das comparações e das imagens que associam os dois elementos, subjetivo e objetivo, quase sempre com grande e feliz originalidade.”

Obras: *Colunas*, Rio, 1920; *Encruzilhada* (prosa), 1922; *Astros e Abismos*, 1924; *Rosal de Ritmos*, 1924 (resumo histórico sobre a evolução da poesia brasileira); *Amplidão*, Rio, 1933 (póstumo); *Poesias Escolhidas*, Rio, 1970.

Para concluir, um trecho do poema “Columns”, escrito em 1920:

Ah! Miseró, não viesse eu de onde venho!
Não me enganasse a fantasia ufana.
Força igual me servisse a igual engenho.

Luta que, mal começa, desengana
Que, para deuses feita, aos poetas muda
Em desespero a natureza humana.

*Vencer é o fim, porém, minha Arte é ruda
 Para a conquista da ambição mais alta.
 Debalde a espera, a inquire, a explora, a estuda.
 Nesta cruzada o próprio excídio exalta
 Se na virtude há sempre uma vitória,
 Não há derrota, muita vez, na falta.*

*Versos que ergueis na minha ânsia transitória,
 Rolai como as colunas peregrinas
 Do Partenon que, mortas, têm mais glória,
 Transfiguradas no esplendor das ruínas...*

Luís Carlos faleceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 52 anos de idade, em 16 de setembro de 1932, daí a justa lembrança, esta semana, do que ele representou para a cultura brasileira.

SESSÃO DO DIA 22 DE SETEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélide Piñon, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 15 de setembro de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. A seguir, passou a palavra ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa falou sobre o documento apresentado pelo Acadêmico Helio Jaguaribe e do qual recebeu cópia. Documento esse que os confrades pretendiam divulgar a respeito da situação nacional, embora considere que não cabe à Academia manifestar-se institucionalmente em questões políticas. Leu, a esse respeito, uma alocução que será registrada nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe, depois de render homenagem e dizer da admiração que a atitude do Acadêmico Oscar Dias Corrêa lhe suscita, pela capacidade de estar presente às sessões, manifestando a superioridade do espírito sobre ocasionais mal estares corporais, apresentou duas ressalvas. Uma de caráter técnico: disse que, com toda razão, nem o Estatuto nem o Regimento Interno, mas o consenso levou esta Casa, ao preceito de não se pronunciar a respeito de assuntos políticos. Considera essa uma norma sábia, mas de caráter prudencial, e não de caráter ético, porque ela significa a conveniência de manter, como ocorreu nesta Casa desde a sua origem, a pluralidade de posições políticas por pessoas que se agremiam, não em função de um projeto político, mas em função de um projeto cultural. É, portanto, de sábia prudência que a Casa institucionalmente não se pronuncie, mas não se converta um preceito prudencial num preceito ético. Prosseguindo, disse que acredita que o Acadêmico Oscar Dias Corrêa é o primeiro a reconhecer que há uma distinção radical entre a pessoa física e a pessoa jurídica. Afirmou que se a totalidade dos acadêmicos fizer um pronunciamento a Academia não estará envolvida nisso. Neste sentido, indagou se a condição de Acadêmico deve ser uma condição parnasiana, alheia a todas as vicissitudes da sociedade, ou se a circunstância de pessoas terem sido chamadas a este alto Cenáculo não implica uma responsabilidade cívica a assuntos relevantes, que possam ocorrer na sociedade. Na medida em que a responsabilidade pessoal dos acadêmicos seja motivada por assuntos relevantes, é mais do que natural que os acadêmicos se manifestem coletivamente, como constou desse documento, expressamente ressalvado de que a Academia institucionalmente não estava envolvida. Estão os acadêmicos dando uma manifestação somatória das suas posições, devidamente distinta da posição da Academia.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa disse que obviamente não quer estabelecer polêmica. Queria apenas marcar a sua posição e disse que essa posição não é apenas potencial, mas também ética, no sentido de que ela resguarda a respeitabilidade desta Casa. A propósito da argumentação do Acadêmico Helio Jaguaribe há uma contradição evidente, quando disse que a Casa não pode se manifestar, mas que as pessoas físicas podem. Afirmou que a sua posição está tomada e queria apenas deixar registrada

nos *Anais* essa posição para que se adiante coisas mais graves ocorrerem, não se diga que não teve o dever e a alegria moral de alertar esta Casa.

- O Presidente Ivan Junqueira disse ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa que, no cumprimento da sua função de Presidente desta Casa, pediu ao Acadêmico Helio Jaguaribe que não trouxesse a questão da assinatura dessa moção para o plenário, no que foi inteiramente atendido. Considera, no entanto, que qualquer moção numa hora difícil e problemática da vida republicana, se passada para os jornais, envolve necessariamente distorções que podem ser pequenas ou muito grandes. Informou que estava fora do Rio nesse fim de semana, mas, a partir do momento de que tomou conhecimento pela alocução do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, a respeito do noticiário, a distorção não foi pequena. Tudo que vai para a imprensa foge ao controle da Academia.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que é inteiramente solidário e concorda com a posição do Acadêmico Helio Jaguaribe, no que diz respeito à admiração que todos os acadêmicos têm em relação ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa, jurista notável, intelectual eminente, homem respeitável sob todos os pontos de vista. Disse que também não quer prolongar a polêmica, apenas marcar a sua posição pessoal. Afirmou que o consenso que levou a Academia ao preceito de não se pronunciar em assuntos políticos e sacrossantos merece ser levado a sério, mas acha também que a maneira pela qual o manifesto foi redigido salvaguarda inteiramente a Academia dessa responsabilidade. Não foi a Academia Brasileira de Letras que protestou, foram dezoito acadêmicos que tiveram a oportunidade de manifestar a sua opinião. Relatou que Anatole France deixou de frequentar a Academia Francesa em sinal de protesto porque, dos quarenta acadêmicos, ele havia sido o único que tinha se pronunciado a favor da reabilitação de Dreyfus e considerava que essa posição da Academia Francesa era moralmente injustificável. Assim, a Academia Francesa comprometeu-se, diante da história, pelo fato de não se ter pronunciado com relação ao erro judicial cometido contra o capital Dreyfus. Assinalou que isso não é um argumento, é apenas a lembrança de um fundo histórico que pode ajudar esta Casa a tomar uma decisão com relação a casos escusos.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que não foram dezoito acadêmicos que assinaram o manifesto, foram dezenove, porque a sua assinatura entrou nisso com toda a força. Disse, também, não entender que se possa assimilar o conjunto da Casa e a Instituição como tal e, nessa qualidade individual, estão para além das portas da Casa. A seguir, entregou à Academia e aos Acadêmicos presentes o volume com a conferência que a Academia da Latinidade acabou de realizar no Haiti. Discorreu sobre a importância dessa conferência e da contribuição dos participantes que estão nesse volume intitulado *Latinité et identité haïtienne: Entre la tradition et la modernité*. Transmitiu à Academia Brasileira de Letras o convite da Academia da Latinidade para a próxima conferência, no dia 14 de setembro de 2006, na Martinica, que espera receber uma delegação de seis a oito acadêmicos nesse evento para celebrar o aniversário de Aimé Césaire, que talvez seja o maior poeta das Caraíbas, conhecido em todo o mundo, e que está completando noventa e nove anos. A seguir, falou da visita que fez a devastada Biblioteca Central da Universidade do Haiti. Lá, levantou o nome e o número de intelectuais, pensadores e autores brasileiros que estão nessa Biblioteca e só encontrou Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro e Paulo Coelho. Comunicou que se comprometeu que a Academia Brasileira de Letras enviaria, por seu intermédio, ao Haiti, livros dos acadêmicos e da ABL para que se crie nessa Biblioteca Central da Universidade do Haiti uma seção com livros da Academia Brasileira de Letras e de seus acadêmicos.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida a notícia de que a Academia da Latinidade já está lançando suas raízes no solo haitiano. Lembrou que uma vez foi presenteado por Leandro Konder com um livro de poetas haitiano, e se lembra até hoje de dois autores realmente extraordinários que se ombreiam com Aimé Césaire, que são Jacques Roumain e Roger Dorsainville. O que se pode fazer de imediato para atender a Academia do Haiti é incluir o endereço para que eles possam receber essas publicações. Quanto às obras dos acadêmicos, será um pouco mais complicado e até mesmo demorado. A seguir, pediu uma salva de palmas para a Acadêmica Nélide Piñon que, depois de receber o

Prêmio Jabuti de Romance pelo seu livro *Vozes do Deserto*, ganhou com essa mesma obra, o Prêmio Jabuti para o livro de ficção do ano.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin associou-se à evocação feita pelo Presidente Ivan Junqueira e lembrou que a Casa pode se orgulhar de ter sido duplamente vitoriosa com o Prêmio Jabuti, que recebeu a Acadêmica Nélida Piñon e o Presidente Ivan Junqueira.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco ofereceu à Biblioteca Lúcio de Mendonça a versão castelhana de *Os Morcegos*, do Acadêmico Lêdo Ivo. Não sendo poeta nem crítico literário, seus títulos para tão honrosa incumbência se resumem ao fato de ter assistido em Santiago à mais bela e comovente exaltação da arte poética por ele já presenciada, a Chile Poesia, que intitulou a editora desse livro. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Lêdo Ivo agradeceu a evocação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e lembrou que quando chegou ao Rio de Janeiro, em 1944, estreou com um livro de poesia. Era um estudante de Direito que morava na Glória quando surpreendentemente leu, no *Diário da Noite*, um dos primeiros artigos sobre a sua poesia. Um artigo escrito por Afonso Arinos de Melo Franco. Desde a sua infância foi seu admirador quando leu o seu livro *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, comprovando que seus ancestrais participaram da Revolução Francesa, dos ideais humanísticos e dos anseios de liberdade. Afonso Arinos de Melo Franco, sem o conhecer, lhe estendeu a mão num momento muito crítico, porque ele tinha assinado o *Manifesto dos Mineiros*, tinha sido demitido do Banco do Brasil e do jornal *O Amanhã*. Disse que foi um motivo de grande alegria, que uma figura exponencial da literatura brasileira, e da vida política brasileira se detivesse sobre um jovem poeta quase desconhecido naquela época. Disse que registrava na sua poesia a obscuridade e o hermetismo e asseverava que os poetas do futuro seriam mais claros. Por todos estes motivos, esta carinhosa manifestação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco vai ser guardada no seu coração como a do seu pai o acompanha a vida inteira.

- O Presidente agradeceu a evocação muito carinhosa do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco quanto a esse espetáculo inesquecível que ele presenciou em Santiago do Chile, por ocasião do Festival Mundial de Poesia. Festival Mundial que está convidado para participar este ano e espera ratificar posteriormente as palavras que acaba de dizer aqui o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Agradeceu também as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo no que toca ao grande Afonso Arinos de Melo Franco, que foi objeto ontem no PEN Clube de duas palestras excepcionais, uma do Ministro Célio Borja e outra do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, sobre as palavras do Presidente Ivan Junqueira, disse que a sessão em homenagem ao Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco foi realmente memorável.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho informou ao plenário sobre a visita do Presidente Ivan Junqueira à cidade de Natal, para fazer conferência na Academia Norte Rio-Grandense de Letras sobre Miguel de Cervantes. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho e deu testemunho de que a acolhida em Natal foi a melhor possível. Disse que é muito bom poder viajar para o Norte e Nordeste e estreitar os laços que nos unem com as outras Academias. A pedido do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, tão lamentavelmente ausente da Casa, pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* da entrevista que o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro deu ao *Caderno Prosa e Verso* do jornal *O Globo*. Pondera na carta que o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro fez uma magnífica entrevista àquele Caderno, que vale quase por uma autobiografia, podendo ser entendido até como um documento de vida. O Acadêmico Evaristo de Moraes Filho pediu também que recolhessem aos *Anais da Casa* as palavras que escreveu sobre o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro o poeta Cyro de Mattos, no número 39 da *Revista da Literatura Brasileira*, que é publicada na Bahia.
- Passando à Ordem do Dia, Solar da Baronesa, o Presidente Ivan Junqueira disse que não é a primeira vez que se discute esse problema. Na

ocasião anterior, pediu ao museólogo da Casa, Anselmo Maciel, que fizesse uma exibição de *slides* para que o plenário entendesse o estado realmente precário em que se encontrava o Solar. Lembrou ao Plenário que, na gestão do Presidente Tarcísio Padilha, constituiu-se uma comissão, sob a presidência do Acadêmico Evandro Lins e Silva, no sentido de que o Solar da Baronesa fosse doado à Prefeitura de Campos. Essa questão não progrediu e houve então um interesse muito grande da Faculdade de Filosofia de Campos que propôs a possibilidade de um comodato, o que acha viável. Disse que a Faculdade de Filosofia de Campos, por intermédio do advogado Aroldo Bruno, que cuida desta questão, fez chegar às suas mãos a minuta desse contrato. A minuta vai ser objeto dos advogados da Casa para que sejam ressaltados todos os problemas ainda pendentes, que por ventura não estejam contemplados nesse contrato. A seguir, leu a Cláusula Segunda do Contrato – Dos Deveres da Comodatária: Compete à comodatária: I. Providenciar a restauração do edifício do Solar da Baronesa, respeitando sempre sua característica de bem patrimonial tombado; II. Conservar o imóvel, suas instalações e acessórios em perfeito estado, respondendo pelos danos que causar, salvo caso fortuito ou força maior; III. Utilizar-se do imóvel dentro dos parâmetros e finalidades especificados neste contrato, sob pena de rescisão de pleno direito; IV. Arcar com os ônus referentes ao bem dado em comodato. Cláusula Quinta – Destinação do comodato: A comodatária obriga-se a destinar o imóvel objeto deste contrato exclusivamente para o funcionamento da Escola de Artes Cênicas e para o *campus* do curso de Arquitetura e Urbanismo, de responsabilidade da própria comodatária, não podendo locar, ceder, transferir nem emprestar o prédio a terceiros, nem lhe dar qualquer outra destinação sem autorização expressa e por escrito da comodante. Cláusula Sexta – Do prazo e da rescisão: O prazo do comodato é de 10 anos, a partir da data da assinatura deste contrato, não podendo ser rescindido por qualquer das partes a menos que haja infração contratual. No seu entendimento acha que é uma solução para um problema que se arrasta há muitos anos nesta Casa. A Academia não dispõe, no momento, de recursos para restaurar o Solar da Baronesa que se encontra em estado precário.

Pedi autorização para que essa questão fosse encaminhada aos advogados da Casa e possivelmente para a assinatura do contrato do comodato.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que pela leitura que o presidente faz das cláusulas propostas pela Faculdade de Filosofia, ficou muito claro que estão interessados somente no prédio tombado do Solar da Baronesa. Quem conhece o Solar sabe que, ao lado, existe um edifício de concreto onde o Acadêmico Austregésilo de Athayde sonhou colocar a maior brasileira de todos os tempos. Ressaltou que a Academia está cedendo um pedacinho de cem mil metros quadrados que recebeu por doação do usineiro João Cleofas. É um ponto crucial porque a responsabilidade da Casa não é apenas aquela para a qual o Ministério Público chama a atenção, e que não está sendo cumprida, de não se estar cuidando de um bem tombado. Disse que se preocupa pela existência, ainda hoje, de um Instituto Internacional de Cultura que precisa ser regularizado e que foi criado há muitos anos atrás pelo Acadêmico Austregésilo de Athayde, que foi seu Presidente, sendo Vice-Presidente o Acadêmico Abgar Renault e Tesoureiro a Acadêmica Rachel de Queiroz. Na semana passada, foi solicitado a assinar vários documentos do Instituto Internacional de Cultura porque ele ainda existe e consta como seu presidente ele mesmo. Assinou em consideração ao Presidente Ivan Junqueira, mas ficou preocupado porque nada sabe desse instituto em termos administrativos. Finalizando falou que prezaria muito que o seu nome seja retirado do Instituto Internacional de Cultura.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que há uma preliminar séria que é o do Artigo 38 do Regimento da Casa. Acha que os advogados precisam esclarecer previamente se essa operação incide em ônus para a Academia. Pediu que tudo fosse esclarecido na tramitação que se vai dar a essa matéria.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que a tramitação está apenas iniciando. O que tem em mãos é a minuta de uma proposta. Foram levantados problemas que essa proposta, em regime de minuta, não contempla. Disse que, num passo seguinte, fará todas as perguntas cabíveis ao advogado

Marcos Bruno, que age por delegação dada, naquela época, pela comissão criada sob a presidência do Acadêmico Evandro Lins e Silva.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que houve discussões a respeito das conclusões dessa comissão. Conhecendo o assunto, levantou pontos que a comissão não havia focalizado. Os pontos das dúvidas continuam. Hoje, que as coisas estão sendo discutidas gostaria que, os pontos que assinalou na época, sejam apreciados agora no trato dessa matéria.
- O Presidente disse que em momento nenhum pensou em agir antes de esclarecer todos os pontos em questão e, por essa razão, trouxe ao plenário para discussão e posterior decisão.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier esclareceu que está apenas alertando o presidente para o problema do Solar da Baronesa e do Instituto Internacional de Cultura.
- O Presidente Ivan Junqueira convidou os presentes para a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia, às 17h 30min, no 2.º andar no Palácio Austregésilo de Athayde, e, nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

A ABL E A SITUAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

*Palavras do Acadêmico Oscar Dias Corrêa**

Quando o eminente confrade Helio Jaguaribe, gentilmente, me entregou cópia do pronunciamento que, com os confrades, pretendia divulgar, a respeito da situação nacional, e embora “considerando que não cabe à Academia manifestar-se institucionalmente sobre questões políticas, mas atendendo a que lhes compete, individualmente, a responsabilidade moral de seu pronunciamento público”, aguardei fosse procurado para externar a minha opinião.

Tal não se deu, pelo que redigi alocução, a ser lida neste plenário, na qual salientava que “se não cabe à Academia manifestar-se sobre questões políticas”, não há como admitir que, individualmente, mas em conjunto, possam seus membros pronunciar-se sobre tais questões.

Por mais importantes sejam, que cada um, com os inumeráveis meios de que dispõe, se pronuncie, como, aliás, tem feito, repetidamente, o ilustre proponente. Nem faltarão veículos de comunicação que lhes divulguem a opinião sobre os graves problemas do País.

Mas não se envolva, em ação coletiva a Academia.

Por fim, na breve fala, definia-me: minha posição, em matéria de problemas políticos nacionais, é muito conhecida, e nunca fugi ao debate deles e ainda agora o tenho feito. Mas precisamente por que não considero a Academia foro próprio para discuti-los, não aprovo que o pronunciamento de

* Proferidas na sessão do dia 22 de setembro de 2005.

vários confrades, em conjunto, envolva o nome da Instituição, ainda que de forma velada, ou indireta.

Pois, senhor Presidente e eminentes Confrades, o que eu temia verificou-se: os jornais desse fim de semana (sábado, 16, e domingo, 17, deste setembro de 2005), noticiam o manifesto em termos que envolvem a Academia, por mais que, em alguns casos, ressalvem que ela não cuida de questões políticas, v.g: *A Tribuna da Imprensa*, 16/17, p. 5:

“ABL pede reforma eleitoral”, acentuando que o protesto político chegou à ABL, Casa pouco afeita a manifestações do gênero. No texto eles reconhecem que não cabe à Casa de Machado de Assis manifestar-se sobre questões políticas, mas alegam que reagem à “prática, na mais ampla escala, de gravíssimas modalidades ilícitas de apropriação e de emprego de recursos públicos”.

E indicam-se alguns ilustres confrades que o subscreveram e alguns outros que não o assinaram, deixando dúvida quanto à posição da maioria.

O *Jornal do Brasil* de 17, p. A4, sob o título “intelectuais divulgam manifesto” (referindo-se a um grupo de professores universitários), na segunda parte noticia que “os intelectuais da ABL também se pronunciaram. O manifesto faz críticas ao governo. Segundo o imortal Helio Jaguaribe, a ABL não pode se manifestar sobre assuntos políticos, mas o texto fala sobre a responsabilidade moral de seu pronunciamento público”.

O mesmo *JB*, de domingo, 18, p. A6, coluna “Boechat”, no trecho “Não toparam”, noticia que “tanto José Sarney quanto Marco Maciel foram consultados sobre o texto contra a crise. Mas ao autor do documento Helio Jaguaribe disseram que, nesse momento, preferem seguir a orientação de seus respectivos partidos, PMDB e PFL”.

O *Globo* de 17, p. 5, noticia “o manifesto dos imortais contra a corrupção”, indicando dezessete membros que o apoiaram, e dizendo que mesmo não se tratando de “uma posição institucional da Academia”, “destaca o repúdio dos escritores” ..., “e pede rigorosa apuração dos fatos e punição dos culpados”, invocando, além disso, a opinião das eminentes colegas Lygia Fagundes Telles e Ana Maria Machado, esta, aliás, segundo se lê, com uma

declaração sugestiva: “Quando se fala em silêncio dos intelectuais, estão se referindo aos petistas. Que continuam em silêncio.”

Verificou-se, pois, o que o meu temor suscitara e se consumou: ainda que, aparentemente, não se pretendesse desobedecer à objeção institucional ao pronunciamento sobre questões políticas, no fim, a ABL foi envolvida pelo noticiário dos órgãos de imprensa do Rio (pelo menos, pois, não vi outros), e como neles expresso, por ação do proponente da idéia.

Por isso, a contragosto, sinto-me, em defesa da tradição da Casa, na obrigação de declarar minha surpresa e inconformidade ante o que, veladamente, se propôs, e a declarada resposta envolvendo a própria Instituição.

A prevalecer tal atuação, esta Casa, depois de mais de cem anos de tradição, ainda que não alheia aos males da República (tantas vezes “reprivada”, como disse Rui Barbosa), mas guardando-se de discuti-los, acabará tragada pela disputa política (e até mesmo eleitoral), que não é objeto de seus Estatutos, que dispõem, no art. I.º: “A ABL tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional”.

Disse e repito: as questões políticas sempre me moveram e, talvez, mais do que isso, me apaixonaram. Ainda agora me disponho a enfrentá-las. Não, porém, nesta Casa.

Nem discuto o mérito do pronunciamento. Não creio que qualquer cidadão brasileiro não se revolte e condene os fatos que envergonham e maculam a vida republicana e comprometem o Estado Democrático. Todos os homens de bem o reconhecerão. Mas cada um, nesta Casa, pelo menos, o faça sob sua responsabilidade, individualmente, sem, em ação coletiva, comprometer a posição da Academia.

O grande perigo – e daí esta ponderação – é que duas ou mais correntes de acadêmicos, opinando individual, mas coletivamente, como agora, acabem por envolver a Academia em disputa que não só lhe é alheia, mas vedada, porque põe em risco sua estabilidade, sua harmonia, sua respeitabilidade, sua tradição.

É o que, com a vênua dos que pensam diferentemente, e de quem respeito a opinião, me sinto no dever de expressar.

OS MORCEGOS, DE LÊDO IVO

*Palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco**

Tenho o prazer de oferecer à biblioteca da academia a versão castelhana de *Os Morcegos*, de Lêdo Ivo. Não sendo poeta nem crítico literário, meus títulos para tão honrosa incumbência se resumem ao fato de ter assistido, em Santiago, à mais bela e comovente exaltação da arte poética por mim já presenciada, a Chile Poesia, que intitulou a editora deste livro.

Achava-me ali a convite da embaixatriz, minha prima, e do embaixador do Brasil, João Augusto de Médicis, diplomata impecável e exemplar, recente e subitamente falecido, de quem fui amigo desde a adolescência.

Estávamos em março de 2001, à noite, na praça fronteira ao palácio da Moneda, hoje ladeada por uma estátua de corpo inteiro de Salvador Allende, mas que, em 1973, fora bombardeado por aviões e tanques no golpe militar do General Pinochet. Só que agora, em vez de bombardeiros, havia helicópteros. Em lugar das bombas, as aeronaves, iluminadas por holofotes, lançavam, como pétalas de poesia, miríades de marcadores de livros, cada qual com um poema inscrito.

O Presidente Ricardo Lagos e a esposa, ao deixar o palácio, atravessaram a praça desacompanhados de quaisquer segurança, sentando-se entre nós. E mais de dez mil pessoas ouviram, em silêncio religioso, os versos recitados sob a luz de projetores apontados para as janelas e balcões do *La Moneda* e dos edifícios circunvizinhos, onde os bardos se encontravam.

* Proferidas na sessão do dia 22 de setembro de 2005.

O espetáculo começou com transmissões gravadas pelos dois maiores poetas chilenos. Foi aberto pelo “Canto general”: “– *Buenas noches, me llamo Pablo Neruda*”. Depois, ouvido a voz de Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura.

A poesia brasileira foi superiormente representada por Ferreira Gullar e Lêdo Ivo, que recitou “Os morcegos” e “Os pobres na estação ferroviária”. Então, a esposa do Presidente Lagos voltou-se para o embaixador do Brasil, que estava a seu lado, e proclamou: “– *Que cosa tan bella!*”

Naquele momento e naquele local, a poesia vingava-se da violência, e a beleza se desferrava do horror. Mais ali, de fato, os verdadeiros embaixadores da cultura, da arte e da literatura brasileira em Santiago eram Lêdo Ivo e Ferreira Gullar.

IVAN JUNQUEIRA NA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente, senhora e senhores Acadêmicos.

Cumpro o gratíssimo dever de informar ao Plenário, a fim de que fique devidamente registrado em nossos *Anais*, sobre a visita de Vossa Excelência, Senhor Presidente, neste último fim de semana, à minha querida Cidade de Natal, para fazer, na Academia Norte-Riograndense de Letras, uma conferência sobre Miguel de Cervantes e seu *Dom Quixote*.

Naquela Casa, pela qual, antes, passaram outros ilustres potiguares, como Luís da Câmara Cascudo, Peregrino Júnior, Rodolfo Garcia, Seabra Fagundes, Humberto Peregrino, Veríssimo de Melo, Nísia Floresta e Zilá Mamede, Vossa Excelência, ao fim dos 45 minutos de sua palestra, foi aclamado em prolongadas palmas, que bem traduziram a admiração e o respeito, com os quais foi ouvido e aplaudido.

Eu estava presente, Senhor Presidente, e sou testemunha do afeto com que os meus conterrâneos e confrades o receberam, felizes por conhecê-lo e admirá-lo pessoalmente.

Nós ambos tivemos, também, oportunidade de comprovar, mais uma vez, o quanto a nossa Academia é estimada e respeitada em todo o País, mais particularmente no Nordeste e, agora, em Natal.

Trouxemos de lá as inesquecíveis lembranças de um acolhimento cativante, hospitaleiro e fraterno.

* Proferidas na sessão do dia 22 de setembro de 2005.

A ESFERA DE JOÃO UBALDO

Entrevista de Rachel Bertol*

João Ubaldo Ribeiro conta que gostaria de ser uma esfera a pairar, etérea, na sua cobertura no Leblon, o tempo todo lendo e pensando. Como isso é impossível, gostaria de fazer de seu mundo uma esfera, na qual pudesse escrever tranqüilamente, sem jamais deixá-la. Mas o escritor baiano, hoje também cidadão carioca, vê-se cotidianamente obrigado a sair da toca, algumas vezes de maneira prazerosa, como nesta Primavera dos Livros, a feira promovida por pequenos e médios editores entre 23 e 25 de setembro no Jockey Club da Gávea. O escritor é o patrono desta edição e na ocasião festejará o lançamento de *João Ubaldo Ribeiro – Obra Seleta*, pela Nova Aguilar, com alguns de seus mais importantes romances. Ubaldo também critica “sem eufemismos”, como diz, o Governo Lula e fala de alcoolismo.

O Globo: E então, animado com a seleta?

João Ubaldo Ribeiro: Muito, muito. Quer dizer, não sei se estou animado. Estou emocionado, porque conheço os livros da Aguilar e posteriormente Nova Aguilar desde pequeno. São livros de grandes autores e eu tenho a impressão de que é o sonho de todo escritor brasileiro, pelo menos de todo escritor que conviveu com livro na infância como eu, ter sua obra publicada dessa forma. Tenho já muito tempo de carreira e vida, e são poucas as emoções desse tipo que a gente vive. O primeiro exemplar do meu primeiro livro traduzido causou realmente um impacto (*Sargento Getúlio*, traduzido para o

* Entrevistadora de João Ubaldo para o caderno *Prosa e Verso*, de *O Globo*, de 17 de setembro de 2005.

inglês pelo próprio João Ubaldo). Ainda gosto de receber as minhas traduções, mas posso levar um dia ou dois para abrir. Hoje fiquei assanhadíssimo (na segunda-feira o escritor tinha acabado de receber os livros da Nova Aguilar). Quero voltar para casa e lambar a cria. Eu não deveria talvez dizer isso, mas uma das coisas que mais detesto é hipocrisia. Eu poderia fazer um certo ar blasé, tenho bagagem suficiente para isso, mas estou deslumbradinho, curtindo muito ver o livro na mesma coleção em que vi pela primeira vez Machado, Tolstoi, Dostoievski, Pessoa, Cecília Meireles, Jorge de Lima.

O Globo: Não chega a ser a reunião da obra completa. Gostou da seleção que foi feita?

João Ubaldo Ribeiro: Espero que não seja a obra completa: ainda quero escrever mais alguma coisa! A seleção está muito bem feita. Normalmente, o autor não é o mais qualificado para dizer o que publicar, porque o envolvimento é muito grande com os livros. É como o pai com seus filhos: você acaba não dando preferência a nenhum e às vezes tem ternura por alguns que não são devidamente como você imagina. Só um livro na seleta é gigantesco, *Viva o Povo Brasileiro*. Realmente, sem este livro uma coleção minha estaria bastante desfalcada. Com ele já disseram que eu quis reescrever a história do povo, mas não quis nada disso, só quis fazer um romance grande.

O Globo: Você vai autografar a seleta na Primavera dos Livros, da qual é o patrono?

João Ubaldo Ribeiro: Provavelmente. Não faço sessão de autógrafo, não por pedantismo, mas porque não sei fazer. Esqueço os nomes. Me dá branco. E não gosto acho, chato chamar os amigos para gastarem dinheiro com meu livro. Mas às vezes sou envolvido por acontecimentos que viram tarde de autógrafo. Senti-me honrado com o convite da Primavera dos livros com vontade de participar. Acho um movimento sadio.

O Globo: O lançamento da seleta acaba sendo uma oportunidade para fazer um balanço. Tem alguma coisa que não gostaria de repetir?

João Ubaldo Ribeiro: Não. O que eu fiz era o que tinha de fazer. Inclusive não mexi nos livros. Sebastião (Lacerda, editor da Nova Aguilar) abriu

essa porta, mas eu não quis. Se for mexer, ainda mais com computador, reescrevo tudo.

O Globo: Mudou escrever no computador?

João Ubaldo Ribeiro: Um pouco, mas não sei em que medida se atribui isso à idade ou ao computador. Ficou mais fácil mexer no texto e para quem curte isso, quero dizer, para um escritor como eu que já atingiu um certo patamar e deixou de ser cobrado, exigido pelos editores... Quero dizer, delicadamente, que não tem ninguém com bafo na minha nuca me apressando para eu acabar um livro. Posso me dedicar...

O Globo: Já passou por isso?

João Ubaldo Ribeiro: Não muito, porque a Nova Fronteira sempre foi de amigos meus, mas eu me sentia pressionado. Assinava um contrato e me sentia pressionado. Só houve um caso, inevitável, em que levei a famosa surra para meu próprio bem. Sebastião, para o meu próprio bem, teve de buscar em Itaparica (onde Ubaldo morava) os originais de *Viva o Povo Brasileiro*, porque eu não queria entregá-los. Ele pegou o livro e eu fiquei desarvorado, deprimido... Eu tinha levado dois anos no livro. Lembro que foi num mês de setembro, justamente. É, *Setembro não Tem Sentido* (diz Ubaldo rindo, referindo ao título de seu primeiro livro).

O Globo: *Viva o Povo Brasileiro* foi o mais difícil?

João Ubaldo Ribeiro: Não. Alguns livros podem dar maior dificuldade, outros dar o que Jorge Amado chamava de nó. Mais difícil mesmo é escrever no Rio atualmente, por causa do excesso de solicitações. Estou escrevendo um romance desde os 61 anos, estou com 64 e não passei do segundo capítulo. É um inferno. As pessoas mentem, já me induziram a acreditar que eu falaria para crianças carentes, mas era gente que queria fofocar comigo e me mostrar original. Recebo centenas de e-mails, tenho de enviá-los à Nova Fronteira para triagem. Só o tempo que passo recusando convite leva meu tempo todo.

O Globo: Mas você gostaria de se mudar do Rio?

João Ubaldo Ribeiro: Não porque gosto muito do Rio. E tenho família. Aprendi a morar aqui e a ter afeto pela cidade e hoje sou um cidadão carioca.

Moro há uns 15 anos no Rio e antes vinha muito à cidade. Houve um tempo em que não gostava daqui, mas era mais medo. Falta de familiaridade com o território e aí eu convertia isso em certa hostilidade – raiva eu nunca tive. Tinha um certo pé atrás. Um negócio muito provinciano de minha parte. O Rio foi de extrema generosidade comigo. Já fizeram até enredo de escola de samba baseado em livro meu, já me premiar, já publicaram reportagem sobre escritores do Rio e me meteram no meio. Sou tratado com muito carinho. Não quero morar em lugar nenhum a não ser onde moro, no Baixo Leblon. Aliás, não gosto de sair da minha sala, da minha bat-caverna.

O Globo: Você virou personagem do Leblon...

João Ubaldino Ribeiro: Pois é, na minha vizinhança, minha cidadezinha do interior que é o Leblon. Mas eu não passeio muito. A forma geométrica que mais me atrai, pelo seu mistério e sua irracionalidade divina, é a circunferência. O círculo é uma forma além da compreensão humana e a esfera me parece a forma mais perfeita: eu gostaria de ser uma esfera às vezes. Ser uma esfera etérea, só pensando e com uma chancezinha de ler. Gosto de ler, mas sou obrigado a escrever. Se pudesse eu seria essa esferazinha lá na minha cobertura.

O Globo: E o que tem lido?

João Ubaldino Ribeiro: Atualmente nada, porque estou escrevendo. Leio sempre Shakespeare, sempre os mesmos livros. Não costumo acompanhar o movimento literário, não sei o que está acontecendo. Sei trechos de Shakespeare de cor. Até hoje fico lendo as mesmas páginas. Falta muita coisa para ler. Já li a *Ilíada* umas quinze vezes, mas ainda tenho de dar uma lidinha no livro. Gosto muito de ir aos fundamentos. Dos brasileiros, volto muito a Jorge de Lima e a Graciliano um pouco também. Mas quando escrevo, não lei nada.

O Globo: No novo livro, continua na fase inspirada pela temática do “mal, do grotesco e do pornográfico”, como disse Zilá Bernd, organizadora da seleta, ao analisar alguns livros seus, incluindo os recentes *Diário do Farol* (2002) e a *Casa dos Budas Ditosos* (1999)?

João Ubaldino Ribeiro: Sei lá em que período estou. Escrevo o que vem à cabeça. O livro que você chamou de pornográfico – não estou ofendido, mas

é que não acho um adjetivo adequado depois que vi a peça que o Domingos de Oliveira fez e da qual gostei muito. Mas esse livro foi feito por encomenda. Se você me pagar e eu concordar com o assunto, eu escrevo. Mas se me propuser um livro em homenagem a Hitler, aí vou recusar.

O Globo: E em homenagem ao Lula, escreveria?

João Ubaldo Ribeiro: Não, não seria sincero. Eu não sou um mercenário das letras, sou um profissional das letras. Sou como o Petkovic, que joga no Vasco, no Flamengo e no Fluminense com a mesma eficiência.

O Globo: O que acha da crise política?

João Ubaldo Ribeiro: Não gosto muito dessa posição que estão me fazendo assumir, de algoz do Lula na imprensa. Estou simplesmente escrevendo o que sempre escrevi. Escrevi sobre Fernando Henrique Cardoso também. Um fez um governo desastroso e o outro está fazendo. Não tenho outro assunto para escrever. Como cronista, não posso ficar dizendo: “Ah, as namoradas de antigamente”. Abro o jornal, só tem isso. E aí só escrevo sobre isso.

O Globo: Dá desânimo?

João Ubaldo Ribeiro: Mas eu não escrevo sobre Lula. Lula que arranje seu biógrafo. Escrevo sobre o atual presidente legítimo do Brasil. Legitimamente eleito. Não advogo que ele nem mesmo seja posto legalmente para fora do cargo. Isso poderia ter conseqüências mais ou menos imprevisíveis para o Brasil. Sou contra “Fora Lula”. Não quero que ele sofra *impeachment*, mas acho que o Governo Lula é uma abominação. Ele não fez coisa nenhuma, nem vai fazer e tem causado mal ao Brasil. Não agüento mais a cara do Lula dizendo bobagem e me acho na obrigação de dizer isso. Porque isso não é só minha opinião. Mas não tenho ódio a Lula, não quero que aconteça nada a Lula. Quero simplesmente que os fatos levem a mostrar que a posição dele, quando não assumiu a Presidência – porque na realidade ele não assumiu –, seja vista com realismo. Comecei elogiando, votei nele. Comecei defendendo. Até que não deu mais. Fui um dos últimos a tocar em corrupção, porque sei que é endêmica no Brasil. Agora, quando ele começou a dizer, como em Paris, que tinham feito o que todo mundo fazia, aí achei um pouco demais. Mas isso não tem relação com a obra seleta. Lula não vai ler o livro.

O Globo: Tem relação com o povo brasileiro. Lula não é um símbolo do povo?

João Ubaldo Ribeiro: Pode ser visto como símbolo, mas não votei nele como símbolo. Ele foi legitimamente eleito e eu não tenho direito de querer anular os votos do Brasil, inclusive o meu próprio. Tenho de respeitar as regras do jogo. Agora, o que ele não anda fazendo, o que ele não fez no governo decepcionou todo mundo. Até agora o PT não dispensou o Delúbio Soares, mas foi de uma rapidez extraordinária, foram rápidos no gatilho quando dispensaram a Heloisa Helena, Babá e outros petistas históricos desiludidos com o partido. Num instante eles tomaram um pontapé e foram embora. Agora, os outros que estão sendo acusados não saem. Mas eu não quero me transformar num anti-Lula. Eu não nasci na vida para desempenhar papel menor assim não. Não nasci para destruir presidente. Nasci para construir, uma obrzinha modesta, tão modesta quanto permitem os meus poucos meios.

O Globo: Há alguma chance de otimismo?

João Ubaldo Ribeiro: Que otimismo? Não tenho otimismo nenhum. Costumo dizer que a melhor coisa do futuro é que não vou mais estar aqui. Tenho um otimismo voluntarista, voltado para os meus filhos, para que tenham um país melhor.

O Globo: Sentiu-se incomodado com a maneira como se falou do seu problema de alcoolismo?

João Ubaldo Ribeiro: O que me incomoda é as pessoas quererem que eu me incomode pelo fato de eu padecer da doença do alcoolismo. Porque eu não escondia isso, não usava eufemismo, nem uso. Tem gente que me escreve dizendo “quem quiser que acredite nessa sua conversa de que deixou de beber”. Estou pouco me incomodando, eu nem respondo. Eu sei que não estou bebendo. As pessoas consideram um fato relevantíssimo e eu sou uma pessoa rara, um dos dois ou três alcoólatras que existem no Rio. Eu era procurado com insistência para depor sobre o assunto, uma espécie de porta-voz do alcoolismo. A pessoa atropelava seis e me ligavam para comentar. Segundo os médicos, eu sofro da doença do alcoolismo, doença esta que é incurável e só pode ser controlada pela abstinência, ou seja, eu sou um alcoólatra que não

bebe. Há uns quatro anos eu não bebo nada. Nem penso no assunto. Parei de beber porque era necessário, estava acabando com minha mente, com meu trabalho. Uma coisa destrutiva, aí eu parei.

O Globo: Acha que sua literatura seria outra se não houvesse o exercício do jornal?

João Ubaldino Ribeiro: Eu gostaria só de escrever sem pressa. Sem interromper. Preciso de quinze dias. Mas eu gostaria de escrever bem menos do que escrevo. Não gostaria de escrever periodicamente, porque é de certa forma uma escravidão. Ouvem-se os comentários, as pessoas reclamam – “tava fraca ontem” –, discordam na minha cara. Tem gente que fica indignada porque eu sou assim e não do jeito que a pessoa gostaria. Brigam comigo. Mas o que eu quero é escrever mais uns quatro livrinhos. Ainda tenho projetos na cabeça de escrever algumas coisas.

AQUELA FACULDADE DE DIREITO

Cyro de Mattos*

Cursei os três primeiros anos no prédio que ficava na Rua Direita da Piedade, perto do Gabinete Português de Leitura, nas imediações da Praça Piedade, onde funciona atualmente a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção da Bahia. Os dois últimos anos foram no novo prédio, localizado no Vale do Canela. A tarefa que os alunos veteranos impuseram-me no primeiro dia de faculdade foi a de fazer um discurso eloqüente que elogiasse o Direito e a figura jurídica de Teixeira de Freitas. Diante do busto do jurista notável devia empolgar com o meu discurso os alunos veteranos, que me rodeavam entre curiosos e inquietos. Sem gaguejar, sério, solene, com as palavras saindo da garganta inflamada e retumbante, porreta mesmo, para ficar na história dos trotes que os alunos mais velhos aplicavam infalivelmente nos que estavam ingressando na gloriosa Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

E, como as palavras naquele meu discurso primeiro foram saindo atônitas, não empolgando em nenhum trecho, nada dizendo sobre a figura notável de Teixeira de Freitas no mundo do Direito, desprovido assim de saberes e verdades essenciais, eu só podia receber vaias, apupos e assobios dos alunos veteranos, que inconformados e impacientes me ouviam. De quebra, sem nada poder fazer, passei pelo vexame de ter os cabelos cortados ali mesmo *junto* ao busto de Teixeira de Freitas... A infame de uma tesoura cega foi fazendo estradinhas e buracos na pobre da cabeleira indefesa, tratada até aquele instante com tanto zelo, pimpão de artista de cinema e maciez de brilhantina.

* Artigo publicado na *Revista da Literatura Brasileira*, n.º 39.

Como não poderia deixar de ser, a minha turma de 1962 da Faculdade de Direito teve colegas bem-sucedidos como legítima vocação no exercício da advocacia. Juízes de Direito, alguns ingressando no Tribunal de Justiça. Um deles tornou-se representante do Ministério Público, outro afirmou-se como tributarista de escola e mais outro preferiu ser político no cenário federal. Teve quem optasse em ser *empresário* dos melhores, padre ou divino maestro no reino iluminado de Beethoven.

Porém, pregando mais uma de suas travessuras e saltando de repente, eis que risonho vejo diante de mim neste instante um colega que deu as mãos à criação literária como forma de leitura crítica da vida. Falo do colega João Ubaldo Ribeiro, com seu jeito brincalhão de circular naquela querida Faculdade de Direito. Uma vez fez uma prova de Direito do Trabalho em versos e ganhou do professor Édson Gottschalk a nota máxima. Outra vez, quando soube que havia passado de ano, subiu numa cadeira da cantina e, em transe, como se um espírito tivesse encostado nele, começou a recitar Shakespeare em inglês clássico. Como aquela cabeça grande de baiano em que formigavam histórias, gozações repentinas que pegavam os colegas sem defesa, só podia João Ubaldo Ribeiro dar no que deu. Ao invés de advogado militante, dotado de vasto saber jurídico e fôlego de sete gatos para enfrentar os litígios forenses, tornou-se em pouco tempo o romancista consagrado de *Viva o Povo Brasileiro*.

Naquela Faculdade de Direito que cursei de 1958 a 1962, de uma coisa tenho certeza que aprendi. O homem veio, em sua caminhada difícil, juntando no tempo milenar, todos os dias, essas regras que se fixam em artigos, parágrafos e incisos para devolver ao homem o que é dele próprio: a razão. Sem essas regras coercitivas, novas e tão velhas, que ele trouxe dos longes comoventes, eu não acuso o céu que tosse, o rio que chora água e morre de sede, a lágrima que pende da árvore, o índio banido da taba na fuga em grito e sendo soterrado sem dó até o último gemido. Eu não acuso o exílio da flor nas ruínas da flora, o pássaro ferido nas cinzas da fauna. Não me insurjo contra o menino algemado. Não proclamo a semente profunda da humana alegria dos dias no azul, o rosto pendoadado no calor das mãos que acalenta a justiça como flor sonora...

Sem esse tempo forjado pelo Direito, através de normas que estabelecem condutas e me levam à Casa da Justiça, não me deixo acontecer livre porque prefiro a selva no galope sem trégua, desconhecendo-me no ajuste fundamental das nossas relações precárias, finitas e contraditórias. Santo Deus, quantas vezes manchadas de violência nos dias de hoje. Não me deixo seguir íntegro no enigma da vida, nos conformes de quem precisa ser sujeito, probó, leal, franco e sincero.

Nem dos outros posso exigir certas obrigações ou a abstenção de alguns atos que me aproveitam como animal social com fome de sobrevivência e sede de paz.

No dilema dos ventos.

SESSÃO DO DIA 6 OUTUBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, José Murilo de Carvalho, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira declarou aberta a sessão dedicada a homenagear a memória do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, falecido no dia 29 de setembro, no Rio de Janeiro.
- O Presidente Ivan Junqueira, cumprindo a praxe da Instituição, na ausência do decano da Casa, Acadêmico Josué Montello, iniciou a homenagem ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa passando a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para ler a mensagem de pesar enviada pelo Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Falou, a seguir, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça que também transmitiu à família e à Casa as condolências do Acadêmico José Sarney. O Acadêmico Murilo Melo Filho leu as palavras de saudade deixadas pelo Acadêmico Lêdo Ivo que se encontra no exterior. As palavras do Acadêmico Carlos Nejar foram lidas pelo Acadêmico Arnaldo Niskier. A seguir, falou o Acadêmico Oscar Dias Corrêa. A Acadêmica Nélida

Piñon, que também se encontra fora do Brasil, enviou um texto que foi lido pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. O Acadêmico Candido Mendes de Almeida também enviou sua mensagem de saudade, que foi lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni. O Acadêmico Murilo Melo Filho leu o texto enviado pelo Acadêmico Ivo Pitanguy. Falou, a seguir, o Acadêmico Alberto Venancio Filho. O Acadêmico Cícero Sandroni leu as palavras de saudade enviadas pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e o Acadêmico Antonio Carlos Secchin leu a mensagem do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. Falaram a seguir os Acadêmicos Tarcísio Padilha e Antonio Olinto. O Acadêmico Alberto Venancio Filho transmitiu o sentimento de pesar do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, impossibilitado de comparecer à sessão de hoje. Prosseguindo, falaram os Acadêmicos Murilo Melo Filho, Affonso Arinos de Mello Franco e Carlos Heitor Cony. O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco leu a mensagem enviada pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Prosseguindo, falou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. O Acadêmico Cícero Sandroni leu os textos enviados pela Acadêmica Ana Maria Machado e os Acadêmicos Alfredo Bosi, Moacyr Scliar, e a seguir deu o seu depoimento sobre o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça transmitiu à família e à Academia as manifestações de pesar do Acadêmico Marco Maciel e leu parte do discurso por ele proferido no Senado Federal sobre o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. Falaram, a seguir, os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. O Acadêmico Cícero Sandroni leu o texto enviado pelo Acadêmico Helio Jaguaribe. O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que estava com um compromisso no horário da sessão, conseguiu chegar a tempo de transmitir à Casa e à família as expressões de pesar do seu irmão, D. Luciano Mendes de Almeida, e comunicar que ontem D. Luciano celebrou no Vaticano, a Missa de 7.º Dia do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. O Presidente Ivan Junqueira, ao final, discursou nesta homenagem prestada ao saudoso Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. (Todos os textos serão incorporados aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira, ao encerrar a sessão de saudade do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, declarou vaga a Cadeira n.º 7, que tem

como patrono Castro Alves, como fundador Valentim Magalhães e como sucessores Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Afonso Pena Júnior, Hermes Lima, Pontes de Miranda, Dinah Silveira de Queiroz e Sergio Corrêa da Costa. Comunicou ainda que a partir desta data as inscrições para esta Cadeira estão abertas até 6 de novembro e a eleição marcada para a quinta-feira, dia 2 de março de 2006, primeira sessão do próximo ano.

SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA
À MEMÓRIA DE SERGIO CORRÊA DA COSTA

Sessão do dia 6 de outubro de 2005

PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA

Senhores Acadêmicos, amigos e familiares de Sergio Corrêa da Costa. Minha querida Michelle, minha querida Zazi, demais familiares. Vamos dar início à sessão de saudade do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. Passo a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. Familiares do nosso inesquecível Sergio Corrêa da Costa.

Quando chegava à Academia, subi no elevador com o Acadêmico Alberto Venancio. Comentávamos que hoje é um dia triste para a Academia, e eu completei que é um dia que nós nunca desejamos que aconteça. Seja quem for, nunca desejamos que aconteça a sessão de saudade. Mas, ela é inexorável.

No caso de Sergio Corrêa da Costa, ligava-nos uma amizade muito antiga, porque eu o conheci como Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores. Ele era responsável, quando chanceler o Ministro Magalhães Pinto, pela política nuclear brasileira, um assunto que era conduzido de forma estratégica pelo governo. Como havia muitos acordos em marcha, até para serem assinados, com países mais desenvolvidos, era o Itamaraty que se envolvia nas negociações.

Procurei um tema que fosse original nas nossas considerações acadêmicas, para mostrar um Sergio na plenitude da sua generosidade, do seu caráter, da

sua formação. Sergio nunca foi um curioso, ele era um estudioso, era um pesquisador. E se devotou à energia nuclear. Era uma novidade: bomba atômica, o que fazer?. Chamou-me, como repórter, para uma conversa no Itamaraty, na Marechal Floriano. Quando ali cheguei, ele abriu uma gaveta e colocou uma batata na minha frente. Não entendi nada e brinquei: “– Já almocei.” Ele disse: “– Você sabe que essa batata já existe há três meses, e olha só, está perfeita.” Respondi: “– Mas, enfim, nós vamos comer essa batata?” Ele argumentou: “– Não, é apenas para você ver as conseqüências de algo que o país não conhece. Essa batata sofreu um processo de irradiação, foi submetida a radioisótopos. Já estamos fazendo isso aqui no Brasil, podemos proteger os alimentos por um tempo extremamente longo, porque a energia nuclear nos garante.”

Aí ele bateu na mesa, com toda a delicadeza do seu comportamento dócil e doce, que sempre foi a sua característica, e disse: “– O Brasil não precisa fazer a bomba atômica. O que o Brasil precisa é valorizar a utilização da energia atômica para fins pacíficos.” Esse era o mote da entrevista que ele me deu: valorizar a utilização da energia atômica para fins pacíficos.

Esse é o espírito do nosso Sergio Corrêa da Costa, um homem que tinha sido já diplomata em diversas capitais e assistiu à leniência da Argentina, com a presença de nazistas, oficiais ou não, saídos do morticínio da Segunda Guerra Mundial e abrigados no berço da ditadura Perón, como ele explica no seu último livro, *Brasil, Segredo de Estado*, de forma tão adequada e tão competente. Este é o Sergio com quem, depois, conversamos tanto, graças à Michelle, que aqui se encontra. Michelle foi-nos buscar, perto da igreja da Virgem Milagrosa, em Paris, para que visitássemos Sérgio. E conversamos horas, na companhia também do nosso confrade Sábado Magaldi e as esposas respectivas. Um Sergio inteiro, a cabeça perfeita, um homem de um amor muito acendrado a esta Casa. Não é que se orgulhasse por ser membro da Academia Brasileira de Letras, tudo isso é verdade, mas ele tinha amor a esta Casa. É um sentimento que se pôde perceber na forma como ele falava na Academia, na forma como ele visitava a Academia, na forma como ele foi membro da Comissão de Lexicografia. Ele que, atendendo ao apelo de Murilo Melo Filho, dedicou horas aqui ao descarte de nossos livros que poderiam ser utilizados em outras instituições, já que aqui havia duplicatas ou

não tinham o perfil que interessava às Bibliotecas da Academia, a segunda das quais nascida sob nossa inspiração.

Esse homem nós perdemos. Perdemos mesmo? Não sei. Ontem, na Missa de Sétimo Dia, tão concorrida, tão bonita, no Mosteiro de São Bento, que é a igreja preferencial dos acadêmicos, alguns imortais falaram, outros se confraternizaram, num clima que aqui se prolonga. Sergio não gostaria que houvesse tristeza na hora da missa, nem certamente na hora da sessão de saudade. Mas é impossível, senhor Presidente, que possamos deixar de estar tristes pela perda física de Sergio, embora sabendo que, onde a sua alma estiver, e certamente está a caminho do céu – tem um tempo para chegar lá, segundo a tradição da minha religião –, mas ele vai estar lá à nossa espera, para que nós, em tempo oportuno, possamos ajudá-lo a fazer a Academia do Céu. E lá espero que ele continue na comissão lexicográfica na Academia eterna, onde cada um de nós terá no futuro a sua participação.

ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO (*mensagem lida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho*)

Sergio Corrêa da Costa foi precoce. Nascido no Rio de Janeiro em 1919, já publicava, ainda estudante de Direito, o primeiro livro de história do Brasil, *As Quatro Coroas de D. Pedro I*, com prefácio de Oswaldo Aranha, pela Civilização Brasileira, em 1941. Várias foram as suas edições. Em 1945, editou, pela Zélio Valverde, *A Diplomacia do Marechal. Intervenção Estrangeira na Revolta da Armada*, com 2.^a edição, em 1989.

Precoce também foi em sua carreira diplomática, tendo ingressado no Itamaraty igualmente ainda estudante. Teve uma vida agitada a serviço do Brasil, participando de numerosas comissões e missões especiais, sempre com brilhantismo e entusiasmo. Como que cessou a sua vida literária, dedicando-se com ardor à carreira. Parecia que sua produção ficara nos dois primeiros livros e nos relatórios das tarefas oficiais a que se entregara.

Só vim a conhecê-lo pessoalmente em 1983, quando fomos concorrentes à vaga deixada por Dinah Silveira de Queiroz. Éramos seis a disputar o preenchimento: Sergio, Geraldo França de Lima, Antonio Olinto, Maria José de Queiróz, Wilma Guimarães Rosa e eu. Fez-se pela primeira e única vez, nesta

Academia, a experiência de cinco turnos. Em quatro turnos, Sergio teve a maioria dos votos. Só ganhei dele no terceiro. Deu-se o impasse: ninguém conseguiu alcançar o quorum para ser eleito. Reabertas novamente as inscrições, não me candidatei.

Sergio foi eleito a 25 de agosto de 1983 e tomou posse em 14 de julho de 1984. Foi uma bela aquisição para a Academia, que recebia um homem de estudos, erudito, culto, sobretudo educado e bom confrade. Depois de aposentado, passou a ser assíduo às reuniões acadêmicas, sempre cordial e dedicado.

O seu talento como que hibernou. Livre das tarefas internacionais, devotou estes cinco últimos anos de vida às suas melhores obras: originais, de pesquisa meticulosa. Sempre longe do lugar comum. Surpreendentes, merecedoras da fortuna crítica que tiveram. Foram elas: *Palavras sem Fronteiras* (2000), revelando-se lingüista de primeira água; *Segredo de Estado* (também de 2000), revelando fatos inéditos na história do Brasil, desde 1500 e *Crônica de uma Guerra Secreta* (2004), sobre a política externa argentina durante a Segunda Guerra Mundial.

Este o homem de talento, bom amigo, discreto e de excelsa educação que acaba de desaparecer, após longo sofrimento. Pela sua vida e pela sua obra, foi um ponto alto desta Casa, daí devermos ter muito cuidado no preenchimento da Cadeira n.º 7, pois sua herança pesa muito, além da irremediável saudade que deixa.

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Senhores Acadêmicos, distinta Família Corrêa da Costa.

Duas impressões são dominantes na memória que guardarei de Sergio Corrêa da Costa. Uma é a do *aplomb* do diplomata de adequado gestual que infelizmente vem minguando no Itamaraty de hoje, que sofre por razoável invasão de servidores públicos descompromissados em detrimento dos diplomatas por vocação, tal e qual Sergio Corrêa da Costa.

Elegante no modo de ser, sem concessões ao untuoso, soube se mexer no salão e sentar na mesa de negociações internacionais. Soube falar na tribuna e ao pé dou ouvido. Não perdia a classe. Esse homem de modos refinados até

na angústia pelo ritmo decrescente da saúde, eu vi emocionado na reunião conjunta das Academias Brasileira e Francesa neste ano em Paris. Estava com olhos muito molhados, semblante contido, ar de despedidas, mas sem perder o estilo. Era homem de modos.

Outro é aquele que o liga à espionagem patriótica. Essa é a outra impressão dominante. Ivan Junqueira, no discurso de nossas despedidas, observou com a argúcia que lhe é tão presente, o enlace de Sergio com as artes da busca do conhecimento, do conhecimento inclusive do fato que se esconde ou tenta se esconder. Sabemos que há espionagem na indústria, no plano estratégico e militar, na política, na ficção dos romances.

Como ao escritor é possível despregar-se, sem deixar de ser ele próprio para ser um outro, não deve ter sido muito difícil a Sergio Corrêa da Costa infiltrar-se no papel de outro Sergio Corrêa da Costa, não para ser um ficcionista mas para, cumprindo um percurso de discernimento, defender patrioticamente a sua terra e a sua gente. É como dizer-se que Ulisses, em *A Odisseia*, foi o primeiro espião literário, disfarçado em mendigo para saber coisas em Tróia. Graham Greene foi recrutado por serviço secreto e Cabrera Infante recentemente ocupava-se dessa interface constante de escritores com a espionagem de imperativo patriótico.

Sergio Corrêa da Costa dispunha do dom de observar tão próprio ao escritor, tão útil ao investigador. Provavelmente deve ter lido em Quevedo, outro envolvido em questões de espionagem patriótica, que “não pode defender coisas grandiosas aquele para quem só silenciar é o importante”. Por isso conheceu, conheceu e contou a tramóia infame de ditadores contra a democracia, contra o Brasil, tudo inspirado por uma ideologia racista, de matriz pagã, discriminatória.

Na história de escritores espiões – chamemos assim – Sergio Corrêa da Costa entrou no grupo onde entre outros estão John Le Carré, Beaumarchais, Voltaire, Rabelais, Cervantes. Boas companhias para ele, que soube bem construir silenciosa lealdade ao Brasil quando, para tanto, o silêncio foi necessário.

ACADÊMICO JOSÉ SARNEY (*por intermédio do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça*)

Nesta tarde também devo dizer, senhor Presidente, senhores Acadêmicos, família Corrêa da Costa, que recebi telefonema do Acadêmico José Sarney, encarecendo que desse testemunho do seu pesar, da companhia que faz a todos os membros desta Casa no elogio à obra e à figura humana de Sergio Corrêa da Costa. E pediu-me o Acadêmico José Sarney que observasse dois pontos: um, o fato da ancestralidade maranhense de Sergio Corrêa da Costa, e de outra parte, o gosto que ambos têm pela questão da política externa brasileira, Sergio, como especialista e ele, Sarney, como um curioso.

ACADÊMICO LÊDO IVO (*mensagem lida pelo Acadêmico Murilo Melo Filho*)

ADEUS A SERGIO CORRÊA DA COSTA

Ausente do Brasil, não posso deixar de estar presente, com as minhas palavras, nesta cerimônia de adeus e saudade.

Com a sua vida, obra e exemplo, o nosso querido companheiro Sergio Corrêa da Costa engrandeceu esta Casa. E engrandeceu o Brasil, como servidor público. Dizer que ele foi diplomata de carreira e embaixador, seria dizer pouco.

Ele foi, na verdade, um dos nossos grandes embaixadores, percorrendo um trajeto consular e diplomático que, comprovando a sua competência e devotamento, se deixa iluminar por uma fulguração inequívoca.

A sua vocação para o estudo e a pesquisa da nossa História o conduziu, com apenas 22 anos, ao Instituto Histórico. E coube a esta Academia encerrar o seu trajeto de reconhecimento e consagração cultural, ao acolhê-lo em 1983, confiando-lhe a cadeira, patrocinada por Castro Alves, em que se sentou Euclides da Cunha.

Neto do poeta Raymundo Correia, um dos fundadores desta Casa, Sergio Corrêa da Costa respirou, entre nós, à luz da Poesia e à sombra da História. E, aqui, graças ao seu trabalho, ampliou-se o seu renome de historiador con-

sagrado e conhecedor da nossa e de outras línguas. Neste último domínio, ele era, quase, um filólogo que não ousa dizer seu nome.

Assim, na sua imagem aristocrática de brasileiro civilizado e transoceânico, acostumado a transitar nos grandes salões da vida e do mundo, uniam-se, numa fusão harmoniosa, a condição de escritor, sempre requerida por esta Casa, e a do expediente que orna o nosso imperativo de prestígio e urbanidade.

Do nosso convívio pessoal, guardo lembranças fagueiras de encontros em Paris e conversas sobre as turbulências esvaídas do nosso passado histórico e social e as crispações do presente.

E por fim, nesta hora de dor e tristeza, e comovida evocação, guardo ainda, como uma radiosa referência da vida belamente vivida por Sergio Corrêa da Costa, o seu amor por Michelle.

ACADÊMICO CARLOS NEJAR (*mensagem lida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier*)

Quero, de público, apresentar minhas condolências à Michele e aos demais familiares do saudoso confrade e o poema é a melhor forma que tenho de homenagear meu Amigo que partiu:

ELEGIA A DOM SERGIO CORRÊA DA COSTA,
OU A MORTE DESABITADA

Sergio, Sergio, respiravas
com dificuldade, trancos,
solavancos, respirava
forte, tão forte a morte.
E a morte não sabe nada.
Talvez nunca saiba. Inveja
tua infância, suas pipas
de um céu que agora te arqueja.
Se não sabe ser lingüista,
bem que a morte se despreza,
complexada com certeza.

Sergio, tinhas estas línguas
de manhãs por trás das falas.
Como é no céu que desliza
pedra da dor na saliva.
E se a fala era colher
azul, de azul, mais lasciva,
só a utiliza quem quer.
E se a morte não aprende
esta língua de Voltaire,
faz, isto sim, que Voltaire
assim já fale sua língua.
A morte não sabe nada
e nem sequer sabe ouvir.
Ou gesticula, ou sussurra,
mas não consegue fluir.
Historiador de segredos
deste Brasil, te desforras,
mesmo se a morte se cola
ao teu corpo, olhas de alma.
E alma pode olhar, amigo,
sente a falta, sente o abraço,
sente afável o convívio,
alma em alma se dissolve.
E a morte não sabe nada.
Nem sabe nada do amigo.
E se choramos, chorada
vai alma toda, de um nó.
Vida se arranca do pó.
Se a noite na mão andava,
cuidamos que então se afaste.
Se caminha a morte ébria,
nós lhe viramos a face.
Pode nas aves deitar-se
a infância, inventando a tarde.

Morte com cílios de trigo
e de espigas a gaguez.
Quem lutou para vencê-la,
endurecido a venceu.
De sabiás e de estrelas,
Embaixador, tua janela
é morte. Como hás de vê-la?
Se está em ti: não precisas,
se estás nela – livre, livre.
E o que a morte mais decide,
é o que menos equilibra.
Porque a morte sabe tudo.

ACADÊMICO OSCAR DIAS CORRÊA

Nos idos de 1958 o grande amestrador de focas da imprensa carioca, Alves Pinheiro, chefe de reportagem de *O Globo*, credenciou este que vos fala, então iniciando sua carreira de jornalista, para a cobertura dos assuntos do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty. Acompanhei as gestões dos ministros José Carlos de Macedo Soares, Negrão de Lima e Horácio Lafer, mas as análises, reportagens e notícias que publiquei sobre a política externa brasileira da época basearam-se quase que exclusivamente nas informações objetivas e claras obtidas do diplomata que chefiava o Departamento Econômico do Itamaraty da época, o então ministro Sergio Corrêa da Costa.

Desde então acompanhei, no exercício da minha profissão, a carreira já vitoriosa, mas em plena ascensão, daquele diplomata sério e compenetrado, diria até sisudo, sempre voltado para a relevância dos problemas econômicos na política exterior. Era obsessivo no seu trabalho, a exemplo do que realizou, quando designado para conversações com o Departamento de Estado e da Comissão de Energia Atômica dos EUA. Analisou profundamente o assunto antes de embarcar para Washington e seus estudos serviram de guia para as linhas gerais da política nuclear brasileira inaugurada em 1975.

Tudo sem perder o gosto pelo inusitado jamais, a exemplo do que fazia no exercício da Secretaria Geral do Itamaraty, na gestão do ministro Magalhães Pinto. Nos encontros com jornalistas, levava sempre nas mãos uma maçã, ou uma batata, submetida a radioisótopos, o que garantia uma sobrevida em perfeitas condições, e nós, jornalistas, jejunos em assuntos nucleares.

Todas as virtudes intelectuais, reconhecidas à época em que o importunava com os pedidos de informações e ajuda para entender os passos de nossa diplomacia, encontrei ampliadas, quase meio século depois, ao ingressar nesta Academia. Tive então o privilégio, infelizmente por pouco tempo, de conviver com este escritor admirável, pescador de palavras de todos os idiomas, lexicógrafo que contribuiu para a ampliação dos estudos da matéria em escala planetária, historiador e personagem da história, texto límpido e claro, pesquisador irrepreensível, e o resultado da pesquisa sempre apresentada ao leitor como um fascinante romance policial, carregado com explosiva carga de suspense.

Lembro aqui também o companheiro de convívio suave, o seresteiro dono de repertório inesgotável de letras de marchinhas e sambas de carnaval, o companheiro que até os últimos dias, ao nos cumprimentar, demonstrava vigor físico no forte aperto de mãos, como se quisesse dizer: estou bem, não se preocupe. E se por acaso, na mesma ocasião, no entrar e sair da Academia, cumprimentávamos-nos outra vez, repetia *di nuovo, di nuovo*, como os italianos. Assim quero lembrá-lo, na certeza de que um dia ainda nos encontraremos e ouvirei dele a mesma expressão, *di nuovo, di nuovo*. Até lá, querido companheiro.

ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON (*mensagem lida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara*)

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, Querida Michelle, familiares de Sergio Corrêa da Costa,

sinto não estar hoje presente para me despedir uma vez mais do querido amigo Sergio, como pude fazê-lo no *Petit Trianon*, quando, com afeto e respeito, formalizamos a sua partida.

Ali, naquela sala de todos nós, vimo-lo imóvel, com o traje acadêmico, o rosto surpreendentemente sereno. Como quem sabia haver finalmente encerrado a sua luta.

Pretendia eu, de viva voz, mencionar-lhe as virtudes intelectuais e pessoais, sua trajetória de diplomata e de historiador, os feitos, que são tantos, amplamente reconhecidos pela Casa que o admitiu entre seus pares ilustres. Desejaria realçar sua cortesia, sua elegância, o raro feitio de, com a simples presença, legitimar quem estava ao seu lado.

Desejaria neste momento de despedida registrar o quanto ele me apoiou desde que o conheci há tantos anos em Washington, onde ali servia como nosso embaixador. Um apoio, mais notável, quando me coube o privilégio de estar à frente da nossa instituição no ano histórico do seu primeiro centenário. Naquela ocasião, ele nunca me faltou, como não me faltou nos seus últimos dias, a despeito de pressentir que já se despedia de Michelle, sua grande companheira, da família, dos amigos da Academia Brasileira de Letras, a que sempre honrou com sua civilizada presença.

Nestes anos de amizade, vi-o sempre usando as palavras certas para apoiar a quem queria bem. Ele tinha a coragem da generosidade. De elogiar, quando fazia falta, e de criticar por meio daqueles recursos ao alcance dos corações gentis, como o seu.

Embora esteja agora distante, não me sinto longe do amigo que se foi para sempre. Hei de guardar dele o ritual dos seus gestos, a maneira suave como falava, o passo jovial, a firmeza com que levava a sacola com papéis e livros, de que jamais se desprendia, como se fora parte íntima do seu corpo. E, assim completo, lá ia ele com a lepeidez de um belo homem cômico de haver feito de sua vida um patrimônio inestimável.

Sergio Corrêa da Costa soube, sem dúvida, semear aqueles sentimentos que se reproduzem nos amigos que não o vão esquecer, enquanto viverem.

Descanse em paz, querido amigo.

ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA (*mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

A ELEGÂNCIA SEM DESCANSO DE
SERGIO CORRÊA DA COSTA

O retrato de Sergio Corrêa da Costa que fica logo na memória é o de capa chibante, de espião em Buenos Aires, na elegância que só tem o diplomata vestindo o seu mistério. Deixou o passaporte, e a identidade, para perscrutar do começo da intentona peronista, tão antes da nossa entrada na guerra de 45, e dos cálculos geopolíticos que amarrariam, à época, a Argentina à opção hitlerista.

E Sergio da filtragem última do donaire, e do corte canônico do perfil, com o que vimos, à hora de portar-se o caixão, é da figura posta em vigília sempre, resposta no esplêndido do tom, a melhor pátina da atenção do diplomata de todos os brunidos, da riquíssima sedimentação da carreira, de todas as ressonâncias.

Nossa presença no Prata, ou no eixo europeu crítico, em Washington e nas Nações Unidas, do momento de afirmação do país potência maior, no eco da voz de Osvaldo Aranha, da eloquência viril, de par com a nitidez da mensagem.

O Secretário Geral do Itamaraty e o Ministro, nesta regra de ouro, tão difícil, da relevância externa, e em nosso chão, dava conta da primeira e mais madura das tradições da conduta pública brasileira que, de geração em geração, condensa o Itamaraty.

A elegância se nutria, ao mesmo tempo, da pressa do recado, percebido na nitidez do remate da vida e do quanto o escritor e o acadêmico fechavam o grande percurso do diplomata-estadista. É toda a riqueza de um testamento múltiplo, que as últimas obras marcam todas, em gêneros diferentes, a resposta de Sergio à modernidade, como alerta à variedade de gêneros, curiosidades do espírito, e vidas novas em seus cometimentos da diferença e da *virtù* da cabeça.

A obra histórica rematava-se nos textos finais, em que Sergio se transformou numa das nossas mais poderosas vozes do escorço do Primeiro Reinado.

O ensaio sobre as palavras definitivas são, entre nós, talvez o exercício mais rico do *multi language* e do quanto, no melhor sentido antropológico, a eleição profunda e misteriosa dos termos sem fronteira são de uma civilização impondo-se às culturas e às lógicas hegemônicas de nosso tempo.

Este Sergio da latinidade medular o era pela arquitetura interna desse primeiro espaço mais largo da nossa identidade, que bateou como diplomata e assentou no diálogo. Sobretudo na grande conversação em que nos deu de maneira única esta conviviabilidade entre a aventura da cabeça francesa e brasileira, de que podemos tanto nos beneficiar neste ano de contatos entre a ABL e o Quai Conti.

Exigência, toda, deste primeiro cuidado do perfil, bem à frente do inimigo, com que, todos, o vimos, ainda, no coquetel da Embaixada do Brasil em Paris. Sabia pelo seu calendário exatíssimo que era o último encontro, na festa em que saía da vida.

Optou por fechar os olhos, frente ao mar, em Copacabana. Nem excesso, nem falha, do rigor e da *maîtrise* que são, afinal, o luxo da última elegância, em que a morte não encontra o protagonista da entrega desatenta, nem iludido. Viveu-a neste extremo do repertório a que impôs o seu cenário, a sua cadência e o fecho surpreendentemente múltiplo e criador do Sergio escritor, acadêmico, da pena porfiada até a finitude.

ACADÊMICO IVO PITANGUY (*mensagem lida pelo Acadêmico Murilo Melo Filho*)

Sergio Corrêa da Costa deixa um grande vazio, difícil de ser preenchido. Suas qualidades eram muitas, mas nenhuma tão marcante como a delicadeza, o carinho e o amor por todos aqueles que tiveram o privilégio do seu convívio.

Lembro-me de Sergio junto com Niomar Sodré na época em que eu decidia se aceitava ou não ser presidente do Museu de Arte Moderna. Ele, com sua experiência e seu conhecimento profundo do ser humano, percorreu com

tanta convicção e segurança sobre os aspectos inerentes a essa posição, que não só aceitei a presidência como a exerci por onze anos.

Nas inúmeras vezes em que encontrei Sergio, enriqueci-me com sua conversa inteligente de homem de grande sensibilidade e escritor inspirado. Sua atuação como diplomata foi brilhante, levando o Brasil a uma posição de respeito e relevância.

Em seus livros transmitiu com muita graça e sensibilidade suas andanças pelo mundo, encantando os leitores. A dignidade, marca importante de sua personalidade, se fez presente mesmo quando sua saúde já estava bem fragilizada. Seu espírito continuou leve e elegante.

Sergio Corrêa da Costa viverá sempre em nossa lembrança pela força de uma personalidade suave, porém firme, e de um grande amor pela vida e pelos amigos.

ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO

Senhor Presidente, familiares de Sergio Corrêa da Costa, meus caros Colegas.

A primeira referência que poderia fazer sobre a vida diplomática de Sergio Corrêa da Costa é que ele foi um produto do sistema do mérito. Até então o Itamaraty selecionava com base no protecionismo; era o olho clínico do Barão do Rio Branco que escolhia os diplomatas. O DASP introduziu o sistema de concurso direto. Por esse concurso ascenderam novos diplomatas, de todas as qualificações, que se tornaram grandes vultos da diplomacia brasileira, como Sergio Corrêa da Costa, três ministro de Estado, Mário Gibson Barboza, Ramiro Guerreiro e Azeredo da Silveira. Como o concurso não exigia diploma de curso superior, entrou para o Itamaraty, sem diploma, uma figura de diplomata que foi João Cabral de Melo Neto.

A carreira de Sergio Corrêa da Costa foi uma das mais brilhantes. Foi Embaixador do Brasil em Londres e em Washington, e à Delegação brasileira junto à ONU.

Ao entrar para o Itamaraty, encontrou ali velhos arquivos. Contava com muita graça que um velho funcionário dividira os documentos ali existentes entre Miscelânea e Diversos. Ele se adentrou nesses arquivos e realizou dois

livros da sua juventude, mas que já tinham o caráter de um intelectual maduro, com *As Quatro Coroas de Dom Pedro I* e *A Diplomacia do Marechal*. *As Quatro Coroas de Dom Pedro I* talvez tenha tido maior repercussão, mas prefiro *A Diplomacia do Marechal*, porque é um livro de pesquisa, revelando a meu ver, entre vários méritos, o destaque à figura de Floriano Peixoto, a quem Euclides da Cunha chamou “A Esfinge”, e sobretudo o trabalho de nosso confrade, acadêmico fundador Salvador de Mendonça, então ministro do Brasil em Washington, que fez grande trabalho no sentido de impedir que os Estados Unidos intervissem na Revolta da Armada. Aposentando-se na carreira diplomática por força da idade, Sergio Corrêa da Costa dedicou-se a escrever outros grandes livros, já referidos pelos meus companheiros.

Mas quero falar de seu período de vida em Paris, morando no simpático apartamento da Rue Guynemer, com vista para o Jardim de Luxemburgo, onde ele nos recebia com grande fidalguia. Era quase uma filial da Academia Brasileira de Letras à margem do Sena. E lá pudemos ter vários momentos de encontros, com outros amigos brasileiros que ele, juntamente com Michelle, recebia com toda fidalguia e com toda simpatia.

Quero agora dar uma nota original, de algo que não foi ainda mencionado, que é o discurso de posse em junho de 1984, sucedendo à grande escritora Dinah Silveira de Queiroz. Além de fazer um perfil dessa nossa companheira, Sergio Corrêa da Costa falava com palavras premonitórias sobre o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. As várias páginas que escreveu ocupariam muito tempo, mas me permito citar dois trechos que revelam o descortino do nosso confrade:

“Tudo indica, senhores Acadêmicos, que a revolução tecnológica em curso está destinada a ter um impacto ainda mais amplo e profundo sobre a mentalidade e a cultura humanas do que a suscitada na Renascença pela difusão da imprensa, da bússola e do papel.

Essa realidade reclama visão pioneira e nos impõe a aceitação de inovações que ora nos causam perplexidade. De outro modo, como proteger esta Casa contra a obsolescência e conservar, num mundo dominado pela tecnologia, o que seriam as reivindicações legítimas, a tradição autêntica, em suma, o legado cultural do País?”

Essa é a lembrança do grande intelectual que foi Sergio Corrêa da Costa, que eu homenageio aqui, neste dia da sessão de saudade.

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET (*mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

Perdi em Sergio Corrêa da Costa um quase-chefe e um amigo fraterno. Quase-chefe, porque quando ele assumiu o cargo de Chefe do Departamento Econômico do Itamaraty, eu já estava removido para a Embaixada do Brasil em Washington, mas tive ainda o privilégio de servir por alguns dias, como jovem terceiro secretário, sob as ordens daquele homem que inspirava em todos nós uma espécie de temor reverencial. Nossa reverência se explicava tanto pelo prestígio de Sergio como diplomata quanto por sua reputação de historiador. Sabíamos que Sergio era um alto funcionário, naquela época creio que ainda Ministro de Segunda Classe, já com uma carreira brilhante atrás de si, e fadado a novos triunfos, expectativa que se confirmaria mais tarde com sua promoção a embaixador, sua nomeação para o cargo de Secretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores e sua indicação para alguns dos postos mais ambicionados da Carreira. Mas conhecíamos também os livros que o tinham consagrado, como a biografia de D. Pedro I, traduzido em inglês com o título de *Every Inch a King*, e *A Diplomacia do Marechal*. Com o tempo permaneceram a admiração pelo embaixador e pelo escritor, mas o temor reverencial se converteu em amizade.

Cruzamo-nos várias vezes ao longo de nossas respectivas carreiras, mas foi em Paris que nossa amizade se consolidou. Lembro-me de um jantar especialmente afetuoso que nos foi oferecido por Michelle, no belo apartamento da Rua Guynemer. Foi ali, durante o jantar, que conversamos sobre o livro que Sergio acabara de publicar a propósito das palavras viajantes, e foi ali, depois do jantar, que ele me mostrou os originais do livro que iria publicar em breve: *Brasil Segredo de Estado*. No Brasil, li com entusiasmo o livro de Sergio sobre a presença nazista na Argentina e as atividades alemãs de espionagem no Brasil. Com isso, Sergio mostrava ser não somente um grande historiador como um autor de livros de suspense. Seu livro era um *thriller* político que Hitchcock teria gostado de filmar, tendo como herói um jovem brasileiro que conseguia ler documentos confidenciais nos arquivos ultra-secretos de um

país vizinho. Uma das últimas vezes que o vi foi de novo em Paris, há poucos meses, quando Sergio e Michelle ofereceram uma magnífica recepção em honra da delegação da nossa Academia que comparecera ao encontro com a Academia Francesa. Minha tristeza é grande, Michelle, pela perda do ser humano e do intelectual, e sei que todo o Brasil está lamentando essa perda e se solidarizando com seu sofrimento.

ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO (*mensagem lida pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin*)

Associo-me integralmente ao pesar de todos os membros desta Academia, pelo desaparecimento de nosso confrade Sergio Corrêa da Costa, que aliava sua vasta cultura humanística ao amor por nosso país. É uma grande perda, cujas verdadeiras dimensões ainda não podem ser plenamente avaliadas, sob o choque da partida prematura. Posso dizer que, com a morte de Sergio Corrêa da Costa, a Casa perde um dos membros cuja inteligência e dedicação sempre nos farão falta.

ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA

Senhor Presidente, senhora Michelle, demais familiares de Sergio Corrêa da Costa.

Quando um escritor deixa este mundo, suas obras permanecem, algumas durante um longo período e outras que se perpetuam no tempo. Mas, por maior que possa ser a contribuição intelectual trazida por um escritor através de suas obras, neste caso particular há que se destacar, de um lado, as obras e, de outro, o escritor.

O homem Sergio Corrêa da Costa deixou este mundo, deixou um imenso vazio, porque se há um acadêmico que diuturnamente nos vinha ensinando o que é ser acadêmico, esse homem foi Sergio Corrêa da Costa.

Eu diria que ele foi "*l'homme sans frontières*", um homem aberto ao convívio, aberto à acolhida à amizade, compreendendo profundamente a condição humana. Dele não ouvíamos julgamentos de valor sobre as pessoas. Seu olhar perpassava a planície humana na sua imensa diversidade e colhia sempre

alguma coisa de positivo. Ele tinha um olhar positivo para o seu semelhante. Isso me encantava profundamente.

Conheci-o há pouco tempo, relativamente. Há doze anos, precisamente, em 8 de junho de 1993, quando fui visitá-lo. A acolhida ofereceu-me a impressão de que era um reencontro, de tal modo ele acolheu um estranho que ali aparecia, como um candidato à Academia. Escreveu-me uma belíssima dedicatória, falando do apreço dele pelo grande brasileiro que foi meu pai.

Esse homem, evidentemente, foi impregnado por uma atividade diversificada, de tal maneira que ele viveu aquilo que René Maheu, que foi diretor geral da UNESCO, chamava “a civilização do universal”. A diversidade de experiências com culturas diversas, línguas diversas, acrisolou-lhe o instinto para encarar a realidade com esse olhar criativo, que se manifesta em suas obras, em que há dois aspectos a serem considerados: de um lado, ele foi esse garimpeiro dos fatos, com tenacidade, com paciência, com devoção inigualável, por conseguinte percorrendo todos os caminhos da heurística, em obediência aos sadios princípios da boa metodologia histórica. De outro lado, a sua imaginação, sabendo conectar os fatos, ligá-los, costurá-los, o que é extremamente difícil e muitas vezes é tão fastidioso. Em seus livros de história, ele soube dar, com a sua pena inteligente e ágil, uma leitura agradável para tudo aquilo que ele escreveu.

Creio que Sergio propiciou-nos um segundo milagre das bodas em Caná: ele deixou para o fim o melhor vinho. Deixou para o fim as obras que haveriam de reconsagrá-lo no cenário cultural brasileiro. Mas eu não direi mais sobre as obras, que são extraordinárias, do que do homem Sergio Corrêa da Costa. Eu perdi um amigo.

ACADÊMICO ANTONIO OLINTO

Senhor Presidente, meus Colegas, Michelle, parentes de Sergio Corrêa da Costa.

Creio que serei um pouco longo. Durante seis anos, de dezembro de 1969 a dezembro de 1975, Sergio Corrêa da Costa e eu trabalhamos juntos em Londres: ele, embaixador, eu adido cultural na embaixada em que ele era chefe.

Eu queria lembrar, em primeiro lugar, o que a Embaixada do Brasil em Londres mostrou da pintura brasileira. Fizemos grandes exposições, de G. Mabe, Carybé, José Paulo Moreira da Fonseca, Romanelli, Iberê Camargo, que nessa época estava no auge da sua pintura, Burle Max.

Daí nos passamos para a literatura. No tempo de Sergio Corrêa da Costa foram editados, em Londres, os seguintes autores: José Sarney, um livro de contos; Clarice Lispector, três livros; Marcos Vinícios Vilaça, com o seu livro *Coronel, Coronéis*; Josué Montello e o mais importante, Lima Barreto no seu único livro traduzido para o inglês, que foi *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* – eu lutei muito para que o título em inglês fosse outro, mas o editor pôs simplesmente *The Patriot* – O Patriota, porque assim era o personagem, mas era também muito mais do que isso. Publicamos ainda Adonias Filho e Lêdo Ivo, um romance de cada um.

Depois passamos para o cinema. Fizemos, na época, um grande festival de cinema, com 23 filmes levados ao longo de um mês, abrindo com *Macunaíma*, com Grande Otelo, o ator do filme, fazendo um ligeiro mas muito bom discurso em inglês para apresentar o romance de Mário de Andrade, o que resultou num espetáculo extraordinário, porque era a presença da arte e do talento de Grande Otelo falando sobre Mário de Andrade.

Depois desse festival, visitamos as universidades. Fomos a Oxford, uma vez, Sergio e eu, participar de uma mesa-redonda sobre o indígena brasileiro, sobre quais eram os problemas do índio brasileiro. Fomos à Universidade de Essex, eu para falar sobre Machado de Assis, ele para falar sobre a política externa do Brasil naquele momento. Tivemos, de fato, um instante de história, quando a Câmara dos Lordes e depois a dos Comuns convidavam os embaixadores para falar sobre uma figura do seu país. Então lá fomos nós. Sergio falou sobre o grande José Hipólito da Costa, que viveu grande parte de sua vida na Inglaterra, onde morreu. Eu falei sobre Joaquim Nabuco.

Lembro-me de que nessa época o nosso hoje confrade Marco Maciel, então governador de Pernambuco, foi a Londres, onde me procurou e disse: “– Como sabe, sou pernambucano. Quero ver a casa em que morou Joaquim Nabuco.” Disse a ele: “– Você vai gostar, porque na frente da casa tem um círculo com as seguintes palavras: Aqui morou, de 1901 a 1905, o estadista,

diplomata e escritor, o brasileiro Joaquim Nabuco.” E foi a grande alegria dele descobrir que, na Inglaterra, as casas onde residiram pessoas ilustres têm um círculo na porta dizendo que ali morou determinada figura, e Joaquim Nabuco era ali uma pessoa ilustre, tendo sido inclusive embaixador.

Foi, portanto, com esse homem que eu trabalhei, dia a dia, discutindo, debatendo, resolvendo coisas da cultura brasileira na Inglaterra. Ele não só era um grande chefe, mas era um líder dessa mesma cultura. E o que ele fez ali, até hoje, de vez em quando, recebo cartas. E quando vou a Londres me perguntam: – Mas, não há mais a galeria brasileira de cultura? No tempo de Sergio ela era permanente e só mostrava quadros brasileiros, tamanha era a preocupação de Sergio Corrêa da Costa com a cultura brasileira.

ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA (*palavras ditas pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho*)

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, familiares de Sergio Corrêa da Costa.

O Pe. Fernando Bastos de Ávila encontra-se acamado, em repouso completo, mas pediu-me, por telefone, que eu transmitisse à família e à Academia a sua total solidariedade nessa homenagem que hoje se presta a Sergio Corrêa da Costa. Relembrou, então, o encontro que teve, quando Sergio comprou seu apartamento na França, o casal o chamou para ele fazer a bênção do apartamento. E ali passou horas inesquecíveis de conversa com Sergio e Michelle, que são até hoje uma grande lembrança na sua vida.

ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

Senhor Presidente Ivan Junqueira.

Senhores Acadêmicos.

Minha querida Embaixatriz Michele Corrêa da Costa.

Meus estimados Oswaldo Sergio, Zazi Thereza, Maria Inês e netos.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Com a morte, quinta-feira última, do Embaixador e Acadêmico Sergio Affonso Corrêa da Costa, a Diplomacia e a Academia Brasileira de Letras perderam um dos seus membros mais ilustres.

Nascido aqui, no Rio de Janeiro, ele viveu mais de 86 anos, na plenitude de intenso trabalho diplomático e intelectual, coroado há pouco tempo com o lançamento do seu último livro, *Crônica de uma Guerra Secreta*, dirigido à mocidade brasileira, seu público-alvo, para que ela conhecesse a gravidade dos riscos corridos pelo Brasil na década de 40, ao mostrar-lhe como as coisas se passavam na vida real argentina, ao tempo dos seus pais, com o perigo do nazismo.

E faz uma advertência: “– Nada impede que esse perigo volte a acontecer.”

Sergio começou a escrever esse livro, há mais de 60 anos, em 1944, no ápice da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil se alinhava com os Aliados, enquanto “a vizinha Argentina peronista, se enredava perigosamente nas tramas do nazifascismo”.

Estava começando a sua carreira de diplomata, como cônsul-adjunto em Buenos Aires e escreveu *A Crônica de uma Guerra Secreta*, quase como uma aventura, exatamente no reinado de Perón e de Evita, quando conseguiu penetrar nos arquivos argentinos, e fotografou documentos ultra-secretos, altamente comprometedores, numa época em que James Bond ainda nem existia.

Não se preocupando com as reações às suas denúncias, e preferindo correr riscos, Sergio revelou os planos expansionistas de Adolf Hitler, que planejava criar no Brasil uma nova Alemanha, enquanto o Coronel Perón anunciava que “a luta de Hitler servirá de guia e que o destino da Argentina dependia da vitória alemã”.

Certo dia, resolveu doar ao nosso Centro de Memória os negativos deste livro, já então em lâminas de vidro, mas achou prudente esperar um pouco mais, porque os governos militares da Argentina poderiam punir os inocentes funcionários que haviam sido seus informantes.

Só mais recentemente se sentiu descompromissado com eles, explicando: “– Os que ainda não haviam subido ao céu, já estavam pelo menos aposentados.”

Sergio era neto de Raimundo da Mota Azevedo Correia, o juiz, o diplomata e o parnasiano poeta fundador desta Academia, o autor de *As Pombas*, e

era também um especialista em Dom Pedro I, sobre o qual escreveu três livros: *As Quatro Coroas de Dom Pedro I*, a sua “Biografia” e *Pedro I e Metternich*; além dos livros *A Diplomacia do Marechal – A Intervenção Estrangeira na Revolta da Armada*, *A Diplomacia Brasileira na Questão de Letícia e Mots sans frontières*, publicado em Paris, que recebeu o Grand Prix de 1999 do Institut de France, e que foi publicado depois no Brasil pela Editora Record, com o título de *Palavras sem Fronteiras*.

No ano de 2002, e ainda fiel à sua vocação de grande pesquisador, lançou o livro *Brasil, Segredo de Estado*, traduzido depois para o francês.

Em 1979, recebi um telefonema do Embaixador Sergio Corrêa da Costa, que estava na Embaixada do Brasil na Inglaterra e me havia localizado num hotel em Paris, convidando a mim e à minha mulher para lançarmos em Londres o meu livro *Desafio Brasileiro*, já traduzido para o inglês, como *The Brazilian Challenge*.

Nem nos conhecíamos ainda, mas quando lá cheguei, fiquei surpreso com o número de jornalistas, professores, historiadores, cientistas e diplomatas, reunidos pelo prestígio de Sergio Corrêa da Costa, para homenagear um modesto repórter brasileiro.

Desde então, e mesmo à distância, estabeleceu-se entre nós dois uma sólida e exemplar amizade. Com redobrado interesse, acompanhei a sua brilhante trajetória como Embaixador do Brasil nos grandes centros internacionais das decisões políticas: em Londres, Roma, Otawa, na ONU e em Washington.

À frente de todos esses postos importantes, cresceram sempre os serviços que, com dedicação, trabalho e correção, ele prestou ao Itamaraty e ao Brasil.

Fiquei muito feliz quando, no dia 14 de junho de 1984, cinco anos depois daquele nosso encontro em Londres, o Embaixador Sergio Corrêa da Costa tomava posse nesta Academia Brasileira de Letras, na Cadeira número 7, com o patrono Castro Alves, o fundador Valentim Magalhães, os ante-

cessores Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Afonso Pena Júnior, Hermes Lima, Pontes de Miranda e Dinah Silveira de Queiroz.

Em seu discurso de posse, o novo acadêmico disse, entre outras coisas, o seguinte:

“– Chamado ao vosso convívio e vindo do Itamaraty, uma Casa como esta, de tantas tradições, trago-vos a mensagem de quem vê com otimismo o novo mundo em gestação, convicto de que ele não fugirá, às superiores inspirações e imperativos do progresso.”

Aqui, ele, entre outros trabalhos, integrou a Comissão de Seleção da nossa Biblioteca Rodolfo Garcia, ao lado dos Acadêmicos Evanildo Bechara, Eduardo Portella e Alberto da Costa e Silva, numa comovente dedicação ao trabalho de selecionar 50 mil dos 120 mil livros guardados em nossos depósitos.

Homem simples e autêntico, com a mesma naturalidade de um almoço no Castelo de Windsor, com a Rainha Elizabeth e o Príncipe Phillip, era capaz de freqüentar um modesto restaurante numa Super-Quadra em Brasília, surpreendendo o garçom com um pedido de feijão com alface, de goiabada com queijo e mingau de maisena, pratos que, afinal e a seu gosto, só conseguia provar na casa dos filhos.

Sempre bem humorado, certa vez, convidou os netos para visitá-lo em Washington e, ao final de tantas estrepulias e trabalheiras, comunicou-lhes solenemente: “– Vou me dar ao luxo de pagar-lhes a viagem de volta, só para ter o prazer de despedi-los no aeroporto.”

Sergio era apenas um dos cinco raros e sofridos torcedores do América (o outro é o nosso Acadêmico Arnaldo Niskier), além de um carioca da gema, que deixou Paris e voltou ao seu Rio de Janeiro, parodiando um antecessor nesta Academia, o inesquecível Acadêmico José Américo de Almeida, que deixara a sua casa na Rua Getúlio das Neves, no Jardim Botânico e voltara à sua Praia de Tambaú, em João Pessoa, afirmando o seguinte: “– Voltar é uma forma de renascer. Ninguém se perde na volta.”

Ao longo destes últimos anos, reafirmou-se entre ele e nós, acadêmicos, uma enorme e recíproca afeição, quando pudemos mais de perto admirar-lhe

as extraordinárias qualidades de escritor, de intelectual, de acadêmico, de diplomata e de cidadão, mas sobretudo de um homem de bem, meigo, afável e amigo.

Nesta Sessão de Saudade, neste doloroso adeus, nesta comovedora despedida e neste momento de imensa emoção, concluo dizendo-lhes que, de perfil magro e longilíneo, Sergio era um carlailiano, e um doce companheiro, atencioso, cordato, cortês, generoso e bom, vítima de uma cruel doença, que manteve até o final dos seus dias um juvenil amor pela vida e uma inquebrantável vontade de viver, legando-nos um exemplo de dignidade pessoal, de correção diplomática e de honradez acadêmica, do qual jamais esqueceremos.

ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, família Corrêa da Costa.

É uma sensação de perda quase física que eu sinto aqui na ausência de Sergio, inclusive por causa da vizinhança – estou na ponta desta ala, e Sergio sentava-se aqui ao lado. E, durante todo o tempo em que ele aqui permaneceu, nós tivemos conversas sempre fecundas, sempre afetuosas. Às vezes fazíamos confidências, às vezes ele me iluminava sobre dúvidas que eu tinha. É a companhia física que vai me fazer uma falta imensa nessa cadeira em que ele se sentava, e que Michelle, hoje, tanto honra com a sua presença.

Nossas relações familiares vêm de longe, diretas e afins. Afonso Arinos me contava que seu pai, Afrânio, quer dizer, o meu avô, nunca esqueceu a impressão que teve quando foi visitar o velho Raimundo Correia, o avô de Sergio, que estava morrendo, em Paris. Meu pai lembrava, com certa reserva, a idéia que o pai dele teve de levar um garotinho de cinco anos para ver um ancião que estava morrendo. Ele dizia que nunca esqueceu a presença de Raimundo Correia, imóvel, debaixo de um lençol, com a barba branca, nos últimos momentos de sua vida.

Fui colega de Sergio Corrêa da Costa nesta Academia, mas, muito mais, fomos companheiros no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Sociedade Brasileira de Direito Internacional, no PEN Clube do Brasil, para não falar no Itamaraty, a nossa casa comum, em que eu nunca tive o privilégio

de servir com ele no mesmo posto. Mas, em compensação, por uns quatro ou cinco anos, ele nos legou sua filha Zazi, que foi a companheira mais encantadora que nós pudemos ter durante todo o tempo em que servimos em Washington.

Uma carreira como a de Sergio Corrêa da Costa, que começou em Buenos Aires, depois foi para Washington, depois para Los Angeles, onde teve a invejada companhia de Vinicius de Moraes. Eu trabalhei também, lado a lado, com Vinicius, e os meus colegas bem podem imaginar o que havia de imperdível em conviver cotidianamente, mesmo no trabalho burocrático, que deixava de ser burocrático no mesmo instante, com Vinicius de Moraes, um privilégio que nós tivemos, Sergio em Los Angeles, e eu aqui no Itamaraty.

Depois, Sergio esteve em Roma, onde foi também o representante do Brasil na FAO, foi embaixador em Otawa, em Londres, voltou a Nova York, onde foi embaixador junto à ONU, foi embaixador em Washington, e secretário geral do Itamaraty.

Agora, os meus caros colegas compreenderão que essas jóias da coroa diplomática, todas coroando a cabeça de um mesmo homem, não estão ali à toa. Estão ali porque cercavam um diplomata absolutamente excepcional, como foi Sergio Corrêa da Costa, na plenitude das qualidades necessárias, indispensáveis, para ser o grande servidor que ele foi, a serviço do Brasil.

Aqui também eu gostaria de contar um episódio que nunca narrei aos meus amigos. Meu pai uma vez me disse – eu ainda estava muito longe da Academia – que, se dependesse dele, Sergio Corrêa da Costa seria presidente desta Casa, porque era difícil para ele lembrar uma pessoa que tivesse mais polidez e mais habilidade nos contatos com os outros. Ele me dizia: “O Sergio tem até o *physique du rôle* para presidir a Academia Brasileira de Letras”.

Foi assim o homem extraordinário que nós perdemos, não só diplomata, não só acadêmico, mas um escritor de primeira linha. Os livros dele já foram abundantemente citados aqui. Eu queria apenas lembrar que Sergio procurava sempre o detalhe desconhecido, que ele ia catar, que ele ia cavucar, que ele ia escarafunchar até encontrar. Ele encontrava sempre um *approach* diferente para

cada situação, que procurava definir. Assim, Sergio é um homem muito, muito difícil de ser substituído.

Eu gostaria de lembrar um caso pessoal, muito íntimo, para encerrar as lembranças desse velho e querido amigo. Um filho meu, recém-casado, tinha sido designado para fazer um estágio num escritório de advocacia em Nova York. Sergio era, na ocasião, chefe da Missão do Brasil na ONU. Eu disse: “Meu filho, telefone para o Sergio. Ele está lá, é nosso amigo. Espero que você não precise, mas, de repente, você pode ter uma necessidade, necessitar de uma coisa urgente, e você não conhece ninguém em Nova York. E Sergio pode ser útil a você.” Então, ele e a menina, recém-casados, foram fazer uma visita de cortesia ao Sergio. Resultado dessa visita: Sergio virou para ele e disse: “Estou aqui com um apartamentinho desocupado. Fiquem morando no meu apartamento.” Essa era a generosidade, essa era a bondade, essa era a espontaneidade desse ilustre acadêmico, desse brasileiro eminente, desse grande, querido e saudoso amigo que foi Sergio Corrêa da Costa.

ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY

Senhor Presidente, Michelle, familiares de Sergio. Senhores Acadêmicos.

Quero lembrar uma passagem, um pouco jocosa, de Charles Dickens, o grande romancista inglês. Estava um lorde diante da sua janela, olhando os seus campos, e ao lado o mordomo. De repente, o mordomo diz: “Senhor, daqui a pouco vamos ter chuva.” E o lorde respondeu: “Não, meu caro. Você terá a sua chuva e eu terei a minha chuva.”

Isso se aplica muito nesta sessão de saudade. Cada um de nós tem a sua saudade de Sergio Corrêa da Costa. É evidente que aí Michelle ocupa um lugar, a *pole position*, porquanto foi sua companheira dedicada e sofreu dia a dia os problemas que o afetaram, mais ou menos na mesma época que a mim me afetaram. E conversávamos muito, Sergio e eu, sobre o desenrolar do chamado nosso processo que poderia ser terminal, que foi terminal, infelizmente, para ele.

A nossa obrigação nesta sessão de saudade seria, e todos fazemos isso, recordar alguns lances pessoais. Eu tenho dois lances importantes – pelo menos importantes para mim. Um foi quando ele fechou o escritório que ele

tinha no edifício Menezes Cortes, no centro da cidade, e me chamou para fazer a primeira escolha dos livros que ele deixava para trás, porquanto ele pensava deixar Paris e voltar para morar no Rio de Janeiro. Eu, então, me deslumbrei com aquela massa de livros que ele tinha, todos catalogados, inclusive as revistas. Numa segunda sessão levei o Ruy Castro, historiador do Rio de Janeiro e do Brasil, e os dois também tornaram-se amigos freqüentes e queridos.

Anos depois, ele já morando no Rio, fui honrado com o convite dele e de Michelle para conhecer o novo apartamento na Avenida Atlântica. Ele teve o carinho de me mostrar o novo escritório dele, onde ele deveria dar continuidade aos estudos que fazia.

Voltando ao primeiro encontro, no escritório do edifício Menezes Cortes, lembro que, folhando alguns livros, eu destaquei um exemplar velho, encadernado, que ele devia ter recebido de algum amigo, ou então seria oferta de algum instituto estrangeiro. Era um livro sobre Abraão Zacutto, um nome talvez não muito conhecido. Eu lhe disse: “Mas, Sergio, eu gostaria muito de ter esse livro.” Ele disse: “Não posso te dá-lo. Esse é o único livro que eu não posso te dar, porque é um personagem que eu quero me debruçar sobre ele.”

Ele já tinha praticamente prontos os originais do livro *Palavras sem Fronteiras* e dos últimos livros dele, que são mais de um repórter e não de um espião – aí discordo um pouco da apreciação dos que apresentaram Sergio como um espião. Era mais um repórter, um repórter esclarecido, um repórter de alto nível.

Abraão Zacutto é um personagem muito antigo, não é nenhum Perón, nenhum D. Pedro I, nem D. Pedro II. Não está na linha de *Palavras sem Fronteira*. Abraão Zacutto é um patrimônio de poucas pessoas que conhecem a importância desse homem que, até certo ponto, antecedeu ao Infante D. Henriques, a Américo Vespúcio, a Vasco da Gama. Um judeu, talvez discriminado ao longo dos séculos, e que foi realmente o grande homem, o grande navegador de Sevilha no Novo Mundo. E Sergio Corrêa da Costa estava nessa pista.

Quando ele me apresentou, anos depois, o escritório dele na Avenida Atlântica, ele disse: “É aqui que vou escrever sobre Abraão Zacutto.” Tenho a impressão que esse projeto ficou interrompido, infelizmente. Mas, era bem

típico de Sergio: escolher na variedade a unidade. Isso representa não só a acuidade intelectual dele, como também aquele lógico bom gosto.

Voltando ainda uma vez ao nosso encontro no escritório do Menezes Cortes, nós saímos para ir almoçar no restaurante do Jockey Clube, com uma das filhas dele, onde ele comeu feijão com alface. Foi a primeira vez que vi um homem comer feijão com alface. Não foi com farinha, nem com arroz. Eu estranhei e disse: “Mas, Sergio...” E ele: “É isso mesmo. Gosto muito dessa mistura.” Mais uma vez, estava diante de um homem que procurava não só Abraão Zacutto, mas também um gosto especial na maneira, no estilo de ser homem e de ser civilizado.

Mas, nesse dia, atravessando a rua em direção à sede do Jockey Clube, ele de repente segurou meu braço e disse: “Foi uma pena nós termos demorado tanto tempo para nos encontrar.” Eu já recebi algumas declarações de amizade e de amor de algumas namoradas. Mas essa declaração de Sergio foi uma declaração muito viril e, ao mesmo tempo, uma declaração – não vou dizer que me honrou, mas que me emocionou e me emociona até agora.

ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA (*mensagem lida pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco*)

Perdi um grande amigo. Um amigo de quase 40 anos. Mais do que um amigo, um irmão mais velho, desses que tem conosco cuidados de pai. Vai custar-me a ausência de quem acompanhava a minha vida com afeto, a amparar-me com o conselho de sua aguda sensibilidade, de sua experiência, de seu amplo, profundo e múltiplo saber, de seu otimismo elegante, de sua moderação, de sua prudência. Foi comigo sempre bom. Devo-lhe muito. E não tenho como pagar-lhe, a não ser com uma saudade que jamais me deixará.

ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

Antes de entrar para a Academia foram poucos os contatos que mantive com o nosso confrade cuja ausência física hoje pranteamos.

Amiudaram-se os contatos, quando recebi a honrosa incumbência do presidente da Academia Brasileira de filosofia, Leodegário A. de Azevedo Filho, de apresentar à comunidade acadêmica o excelente livro *Palavras sem*

Fronteiras, em que nos dava contas do grande contingente do léxico internacional que, independente de origem, circula no moderno mundo civilizado. Vieram depois os contatos para harmonizarmos os temas de que iriam se entrelaçar em seu discurso de recepção à minha entrada para a Casa de Machado de Assis, em cuja noite o tive como padrinho, para muita honra minha. A seguir, as reuniões plenárias, a convivência na Comissão de Lexicologia e Lexicografia e na Comissão de Seleção de Livros do acervo para Biblioteca Rodolfo Garcia ensejaram-me penetrar na intimidade intelectual de Sergio Corrêa da Costa e admirar-lhe os dons de fidalguia, sua extensa curiosidade intelectual e sua profunda cultura, qualidades a que se aliava a inteligente visão prática de vida. Os anos não lhe roubaram o viço e o entusiasmo da juventude precoce. E assim o vemos, mal saído do curso ginásial, escrevendo substanciosa monografia sobre língua portuguesa, que abre, anos depois, para o surgimento de *As Quatro Coroas de D. Pedro*. Este desejo de abrir caminhos novos fê-lo reuniu precioso e desconhecido material que desemboca no *Brasil, Segredo de Estado*, saído em 2001.

Ao lado da grande saudade, deixa-nos Sergio Corrêa da Costa exemplo de exemplar convivência Acadêmica.

ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO (*mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

Estando fora do Brasil, não posso comparecer a essa homenagem a nosso querido Sergio Corrêa da Costa, cuja perda recente todos nós tanto lamentamos. Mas me associo à celebração de sua marcante atuação na diplomacia, sua corajosa inteligência de patriota, seus finos dotes de escritor. Sempre vou guardar a lembrança do nosso convívio agradabilíssimo e de sua gentileza. Todos sentiremos falta de sua conversa interessante, que conjugava a riqueza do que tinha para contar com a delicadeza de um ouvinte atento.

ACADÊMICO ALFREDO BOSI (*mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

Desejo associar-me, de coração, a todos os membros de nossa Casa, manifestando meus sentimentos de pesar pela perda de um dos nossos mais caros confrades, Sergio Corrêa da Costa.

Sergio Corrêa da Costa era, para mim, e certamente para todos nós, exemplo de retidão. Sublinho a palavra, retidão, virtude que transparece não só na sua longa e operosa carreira diplomática como também nos seus estudos históricos, dos quais ele nunca desertou, nem mesmo nos últimos anos de vida, já marcados pela enfermidade que o tiraria de nosso convívio.

Cumpramos, nesta hora de homenagem, o caráter combativo dos seus últimos trabalhos, em que desvendou e acusou alguns dos aspectos mais deprimentes do anti-semitismo que enegreceu a política externa sul-americana durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao militante da Justiça, ao erudito original e sem fronteiras, ao diplomata sem jaça e, sobretudo, ao homem de bem, que foi Sergio Corrêa da Costa, prestemos, todos, nosso tributo de admiração e saudade.

ACADÊMICO MOACYR SCLiar (*mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

Infelizmente, convivi pouco com o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, mas das poucas vezes em que estivemos juntos fiquei encantado com sua cultura, inteligência e simpatia. Particularmente entusiasmante foi a leitura de seu livro *Crônica de uma Guerra Secreta*, revelando episódios pouco conhecidos de nossa história e que é uma obra extremamente bem pesquisada e bem escrita. Conversar com ele sobre esse trabalho foi um prazer adicional, desses momentos que agora lembraremos com saudade.

ACADÊMICO MARCO MACIEL (*discurso feito no Senado Federal, lido na sessão de saudade pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça*)

Sr. Presidente, Senador Ribamar Fiquene, Sr^{as} e Srs. Senadores, faleceu hoje, no Rio de Janeiro, o Embaixador Sergio Corrêa da Costa, um dos mais destacados diplomatas brasileiros do século passado.

Ele chefiou, entre muitas funções no Itamaraty, a representação brasileira no Canadá, na Inglaterra, nos Estados Unidos da América, e a Missão do nosso país junto à ONU.

Embora haja nascido no Rio de Janeiro, em 1919, seus ancestrais, Sr. Presidente, como é o caso de V. Ex.^a, eram maranhenses, valendo observar ser ele neto do renomado poeta Raimundo Correia, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e renomado intelectual de seu Estado.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela hoje Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-graduado na Universidade da Califórnia (UCLA), fez, em 1951, o curso da Escola Superior de Guerra.

Ao lado dos seus afazeres profissionais, Sergio Corrêa da Costa enriqueceu a bibliografia do nosso País como escritor, ensaísta, historiador e autor de vários livros, entre os quais eu mencionaria: *As Quatro Coroas de D. Pedro I*, publicado em 1940; *A Diplomacia Brasileira na Questão de Letícia* (1942); *A Diplomacia do Marechal – Intervenção Estrangeira na Revolta da Armada* (1945); *Brasil, Segredo de Estado* (2001). Este último, como ele mesmo anotou, é uma incursão descontraída pela História do País. Isso sem citar palestras e conferências que proferiu em instituições nacionais e estrangeiras, e artigos publicados em jornais brasileiros e de vários países.

Um dos seus últimos trabalhos, editado na França, onde residiu durante os últimos anos da década de 1990, intitulado *Mots sans frontières*, ou seja, *Palavras sem Fronteiras*, obra talvez sem antecedentes no gênero, levou o prefaciador do livro, Maurice Druon, da Academia Francesa, a dizer:

“Eis uma obra inteiramente original, pesquisa pioneira, abrange aspectos a meu ver ainda inexplorados. Se teve precursores, o que sempre se poderá descobrir, permaneceram ignorados e não poderiam tê-la inspirado e, menos ainda, propiciado. Uma obra cuja idealização, repito, é original, fato por demais raro para que não insistamos em assinalá-lo. Trata-se de um livro de lingüística cujo autor não é um lingüista, mas antes um humanista, e um humanista do seu século”.

Mais adiante, explica Maurice Druon:

“O que ele chama de ‘palavras sem fronteiras’ são as que, originárias de uma língua, se foram insinuando em todas as demais e acabaram por se tornar de uso virtualmente universal. Podem designar tanto noções abstratas, funções, quanto objetos corriqueiros ou indicações da maior banalidade. Nosso autor as foi reunindo, ou melhor, colecionou cerca de três mil, abonadas por uma amostragem de 16 mil exemplos de uso dessas palavras, o que já constituiria, em si, um acervo bastante rico.”

Faço essa observação para destacar como é extenso o levantamento vocabular feito pelo autor.

Esse trabalho do Embaixador Sergio Corrêa da Costa, além de ter peculiaridade que o distingue de um livro convencional, consegue registrar mais de três mil anotações e dezesseis mil exemplos, friso, o que qualifica a obra e constitui uma contribuição muito interessante para todos que desejam, até por curiosidade, conhecer melhor vocábulos que migram de um território a outro.

Sr. Presidente, eu ainda gostaria de citar, mais uma vez, Maurice Druon, que diz:

“A quantidade de “palavras sem fronteiras” é, pois, impressionante, como impressionante se revela o seu campo de aplicação. [...] Cada palavra ostenta a sua marca de origem; tal como os seres humanos, cada uma delas conserva algo do seu país natal. Uma certa aura de exotismo envolve essas palavras, conferindo-lhes um encanto especial.”

A referida publicação, *Mots sans frontières*, foi traduzida para o português e editada pela Record no ano de 2000. Sua leitura, ao tempo em que enriquece intelectualmente quem a lê, distrai prazerosamente quem a compulsava, exibe, também, a universalidade da cultura do autor, a sua enorme acuidade mental, e demonstra vasta capacidade de observação.

No Embaixador Sergio Corrêa da Costa, *pari passu* ao agudo tino político, qualidade que é característica dos diplomatas, se junta um saber que se converteu camoneamente em “sabedoria do saber feito”.

Harold Bloom, escritor e crítico literário estadunidense, no recém-lançado livro *Onde Encontrar a Sabedoria*, assevera ser a sabedoria muitas vezes inquilina da literatura e especialmente da poesia. A sabedoria não é companheira dos meros eruditos, nem tampouco se encontra apenas na filosofia, ciência ou mesmo na política.

“Na experiência que tenho de ser eu mesmo encontro o bastante para me tornar sábio”, explica Bloom, recordando a lúcida assertiva de Michel Montaigne, pensador francês de quatro séculos atrás, cuja obra está condensada em seus Ensaaios.

O Embaixador Sergio Corrêa da Costa, Sr. Presidente, cuja morte tanto entristece, parece confirmar as palavras e as observações de Harold Bloom.

Ele, de quem tive oportunidade de ser colega na Academia Brasileira de Letras, embora lamentavelmente por pouco tempo, era cidadão do mundo e aliava densa formação intelectual a uma grande sabedoria.

Sr. Presidente, conforme sentenciou São Francisco de Paula, em suas Cartas, “A morte é certa; breve a vida, que se esvai feito fumaça.”

Cabe-me, como seu amigo e admirador, fazer memória de seu nome e de sua obra.

Interrogava Cecília Meireles: “De que são feitos os dias?” Para, a seguir, completar: “De pequenos desejos, vigorosas saudades, silenciosas lembranças.” São essas saudades e lembranças que nos deixa o confrade Sergio Corrêa da Costa.

ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN

Sergio Corrêa da Costa sabia, como poucos, conciliar discrição e afabilidade, erudição e modéstia. Conheci-o e a Michelle há cerca de três anos, e desde os primeiros contatos percebemos um forte movimento de recíproca simpatia. Não me deterei na caracterização do amigo, com as portas de sua casa sempre abertas, com as janelas invadidas pela paisagem do mar de Copacabana, num ambiente repleto de livros e de fidalguia, acompanhados pela melodia de algum samba de breque afinadamente entoado pelo impecável anfitrião. Tampouco me estenderei sobre o diplomata exemplar.

Enfatizo o intelectual antenado às inovações tecnológicas, o primeiro acadêmico a sublinhar, no discurso de posse, em 1984, a complexa constituição do irreversível império dos meios de comunicação eletrônicos, prefigurando pontes a serem erguidas entre nossa centenária Academia e as vozes internáuticas do presente e do futuro. Ressalto o lexicólogo, igualmente atento às ramificações globais, premiado por seu livro *Mots sans frontières*, de 1999, publicado originalmente em Paris. Falo do consagrado historiador, que, desde a precoce estréia, aos 22 anos, com *As Quatro Coroas de Dom Pedro I*, obteve o imediato e justo reconhecimento de nomes como os de Roquette-Pinto, Afrânio Peixoto, Stefan Zweig, Sérgio Milliet e Fernando de Azevedo. Mais recentemente, *Brasil, Segredo de Estado* (2001) e *Crônica de uma Guerra Secreta* (2004) consolidaram Sergio Corrêa da Costa como um dos mais notáveis estudiosos dos aspectos velados ou clandestinos de nossa História.

Destaco, por fim, a faceta menos visível de Sergio: o poeta, de bissexta produção, compilada no volume inédito *A Verdade Constantemente*, composto de poemas em português e francês. Conhecendo meu pendor bibliofílico, Sergio fez questão de presentear-me com o exemplar número I, de uma tiragem total de apenas 5 exemplares, encaminhados por ele próprio à avaliação de poetas como Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade. Mais uma demonstração de afeto e confiança, dentre tantas com que fui invariavelmente agraciado pela generosidade de Sergio Corrêa da Costa.

ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO

Não tive muito tempo para desfrutar da convivência de Sergio Corrêa da Costa. Pouco mais de um ano, tempo de meu ingresso na ABL. Seguramente, conhecia-o por suas obras de história, desde *As Quatro Coroas de Dom Pedro I*, publicada em 1941, até a *Crônica de uma Guerra Secreta*, de 2004. Seus livros, marcados por estilo ágil e prazeroso, revelam em Sergio Corrêa da Costa um dom essencial ao historiador, a curiosidade, o faro detetivesco para localizar documentos e, no caso do último, grande coragem para enfrentar os riscos da investigação. Poderia falar mais longamente sobre eles, mas creio que esse não é o espírito desta sessão. A escassez de tempo de que dispus para conhecer Sergio Corrêa da Costa pessoalmente foi agravada pelo fato de que já não gozava de saúde plena. Apesar disso, o tempo foi suficiente para acres-

centar à admiração anterior pelo historiador o apreço e a admiração por sua pessoa, por sua polidez, sabedoria, correção e pelo estoicismo com que enfrentou a doença. Sergio Corrêa da Costa distinguiu-me desde o início com o apoio a meu ingresso na Academia e nas ocasiões, infelizmente poucas, em que pudemos conversar senti que o aumento do apreço e da admiração por ele seria apenas questão de tempo. Tempo que infelizmente não me foi dado. A saudade que deixa em mim é também a saudade de uma promessa.

ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE (*mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

Senhor Presidente, estimados Confrades

Muito lastimo que compromisso anterior de pronunciar uma conferência no Instituto Rio Branco, em Brasília, no dia 6 do corrente, me prive da possibilidade de participar pessoalmente da sessão de saudades de Sergio Corrêa da Costa. Agradeço a Cícero Sandroni sua amável disposição de lhes transmitir esta minha breve mensagem.

Fui amigo de Sergio Corrêa da Costa desde muitos anos e acompanhei de perto sua excelente atuação como Embaixador do Brasil junto ao governo americano, seu último posto de carreira.

Reunia Sergio Corrêa da Costa, como poucos, as principais qualidades de um grande diplomata, que resultam da combinação do talento de negociação com um sólido conhecimento de história e de ciência política. Nele, o talento negociador do embaixador se caracterizava pelo deliberado contraste entre a cordial suavidade de seu modo de se exprimir com a rigorosa sustentação das causas e dos princípios que defendia. O talento do cientista político se manifestava pelo conveniente enquadramento de suas propostas nos princípios teóricos ou institucionais que as legitimavam. O historiador, finalmente, lhe proporcionava um amplo conhecimento das circunstâncias precedentes e lhe permitia revelar analogias de novas situações com situações do passado.

É, por isso mesmo, como historiador, que se destaca a obra escrita de Sergio Corrêa da Costa, cujo estudo do Primeiro Reinado é uma das melhores contribuições para o período formador do Estado brasileiro.

VOTO DE PESAR – DOM LUCIANO MENDES DE ALMEIDA (*mensagem lida pelo Acadêmico Candido Mendes*)

Senhor Presidente, fico feliz que o Dr. Cícero já possa ter trazido o meu testemunho, só acrescido agora de duas circunstâncias: fiquei preso até agora com o Presidente de Cabo Verde, como V. Ex.^a sabe, a partir de ontem, e queria apenas trazer a informação de que ontem, cara Michelle, o meu irmão, na Capela Clementina do Vaticano, disse a Missa de Sétimo Dia por Sergio, acompanhado de sete prelados. Quero lhe trazer a homenagem e a oração dele.

Não vou esquecer essa presença e essa memória que eu guardo de Sergio, a galhardia da imagem de Sergio no conceito da Embaixada brasileira, no momento da Academia lá, assim como quero agradecer a ele o garbo da vida que viveu.

SENHORA ZAZI TEREZA CORRÊA DA COSTA

Nós gostaríamos de agradecer, e eu agradeço em nome de meus outros irmãos. Meu irmão teve de embarcar de volta para os Estados Unidos, onde ele mora, já estava no Brasil há bastante tempo. Tenho certeza que tanto a Michelle quanto a minha irmã, que está ausente e que depois vai ouvir esta homenagem, e os meus dois filhos, meus netos, ficarão muito, como gostamos de dizer no Rio Grande do Sul, faceiros de ouvir o que os senhores colegas de Sergio pensavam sobre ele. Então, é muito gratificante para nós ouvir essas palavras. Eu queria agradecer aos senhores Acadêmicos de ter podido assistir a esta cerimônia.

PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA

Senhores Acadêmicos, minha querida Zazi, minha querida Michelle. Demais familiares de Sergio Corrêa da Costa.

Há uma semana, quando realizamos aqui o velório do nosso amigo, eu disse, com base num verso de Rainer Maria Rilke, como é difícil nós nos despedirmos das pessoas, muito embora essas pessoas tenham sempre um ar de despedida com tudo aquilo que fazem. Despedirmo-nos de Sergio Corrêa da Costa é uma missão árdua, difícil e, até agora, a rigor, impossível. Ele está ainda muito presente entre nós. O que se foi dele pode-se dizer que seja ape-

nas um invólucro. Mas o que ele nos deu, não apenas aqui, neste plenário, mas em sua casa e ao longo de toda a sua vida de embaixador, de intelectual, de homem de letras e historiador, é algo que custará muito a nos deixar.

De maneira que quero evocar apenas esse extraordinário diplomata, esse homem, como eu já disse e como Tarcísio Padilha aqui também repetiu, esse “homem sem fronteiras”, porque perambulou durante quase meio século pelo mundo afora, defendendo os interesses do nosso país, da nossa cultura, da nossa literatura. Despedir-nos de Sergio Corrêa da Costa é, no entanto, pelo menos de um ponto de vista estritamente formal, o que aqui nos cabe hoje.

Eu sempre distingui, entretanto, no meu amigo uma coisa que eu costumo dizer que é alma e outra coisa que eu entendo como espírito. Eu via nele essa distinção de uma maneira muito nítida, porque nele quem explicava era o espírito e quem compreendia era a alma. Eu acho que essas duas partes de Sergio Corrêa da Costa permanecerão conosco por um tempo imemorial. Olho para este plenário e vejo ali a nossa querida Michelle. Não é mais ele, mas é uma parte dele que permanece entre nós.

Neste momento eu declaro vaga a Cadeira n.º 7 e abertas as inscrições para a mesma, que tem como patrono Castro Alves, como fundador Valentim Magalhães e como sucessores Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Afonso Pena Júnior, Hermes Lima, Pontes de Miranda, Dinah Silveira de Queiroz e Sergio Corrêa da Costa. A eleição para esta Cadeira ocorrerá na primeira sessão de 2006, mais precisamente no dia 9 de março.

Está encerrada esta sessão.

ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO (*mensagem lida pelo Presidente Ivan Junqueira*)*

ADEUS A SERGIO CORRÊA DA COSTA

Senti muito a morte prematura e, mesmo, inesperada de Sergio Corrêa da Costa, o amigo que encontrei várias vezes antes da sessão na Academia, que conversava cordialmente, não fazia supor que seu dia final estava próximo. A moléstia, no entanto, o rondava como vimos com grande eficiência, ele nos deixou depois de pouco sofrer, eu não estava no Brasil quando o seu estado se agravou e ele foi internado no hospital, é por este motivo que venho com um certo atraso manifestar meu pesar por esta morte brutal.

Sergio ficará na nossa memória e nos anais das letras e na diplomacia brasileira com grande expressão cultural, e de notáveis predicados morais e um senso de amizade ainda raro. Solicito ao senhor Presidente acolher meus votos de pesar sobre a morte do grande amigo e acadêmico que nos deixou.

ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI*

LEMBRANDO SERGIO CORRÊA DA COSTA

Senti muito a morte prematura e, mesmo, inesperada de Sergio Corrêa da Costa, o amigo que encontrei várias vezes antes da sessão na Academia, que conversava cordialmente, não fazia supor que seu dia final estava próximo. A moléstia, no entanto, o rondava como vimos com grande eficiência, ele nos deixou depois de pouco sofrer, eu não estava no Brasil quando o seu estado se

* Lida na sessão de 13 de outubro de 2005.

* Proferiu essas palavras em homenagem a Sergio Corrêa da Costa na sessão de 13 de outubro de 2005.

agravou e ele foi internado no hospital, é por este motivo que venho com um certo atraso manifestar meu pesar por esta morte brutal.

Sergio ficará na nossa memória e nos anais das letras e na diplomacia brasileira com grande expressão cultural, e de notáveis predicados morais e um censo de amizade ainda raro. Solicito ao senhor presidente acolher meus votos de pesar sobre a morte do grande amigo e acadêmico que nos deixou.

SESSÃO DO DIA 13 OUTUBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Carlos Heitor Cony, Hélio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 6 de outubro de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. O Presidente pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos Eduardo Portella, que aniversariou no dia 8 do corrente, e Murilo Melo Filho, que aniversaria nesta data.
- O Presidente Ivan Junqueira, antes de passar a palavra aos Acadêmicos que a solicitaram, disse que ia ler o texto enviado pelo Acadêmico João de Scantimburgo, ausente na Sessão de Saudade do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, por encontrar-se no exterior. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Cf. pág. 257.) Após a leitura, passou a palavra ao Acadêmico Sábato Magaldi.
- O Acadêmico Sábato Magaldi, que também não pôde estar presente à Sessão de Saudade, leu o texto que preparou para homenagear a memória

do Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Cf. pág. 257.)

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que com satisfação encaminha à Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça o livro do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, *Da Arca Sacra*, que traz uma série de estudos da mais alta competência, dividido em seções. Há uma seção acadêmica, na qual reproduz o discurso de recepção ao Acadêmico Marco Maciel, um estudo muito interessante sobre Constâncio Alves e uma página comvente sobre o saudoso e querido Acadêmico Geraldo França de Lima. Assinalou que há dois estudos atualizando o tema do coronelismo e que, sobretudo, o mais comovente é o primeiro capítulo em que ele rememora a figura do seu querido filho, prematuramente falecido, Marcantonio Vilaça.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho essa doação que faz à Casa.
- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou que hoje é o Dia Nacional e Internacional do Escritor. Informou que pela manhã a Rádio MEC organizou uma mesa-redonda, à qual compareceu juntamente com outros poetas, e todos chegaram à conclusão de que este dia está esquecido, pois quase nenhum jornal fez menção ao Dia do Escritor. Discorreu sobre o que foi discutido nessa mesa-redonda. Prosseguindo saudou seu amigo Haroldo Pinter, que hoje foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura deste ano. A propósito deste prêmio, relatou um episódio ocorrido entre Roberto Campos e Jorge Amado, tão diferentes politicamente mas muito amigos. Certo dia, Roberto Campos disse-lhe que tinha tido conhecimento de que Jorge Amado estava cotado para receber o Prêmio Nobel daquele ano. Perguntou então se ajudaria oferecer uma recepção a Jorge Amado, na Embaixada do Brasil, e convidar alguns escritores ingleses. Encarregou o Acadêmico de fazer os convites. A essa recepção, Haroldo Pinter esteve presente e conversou muito com Jorge Amado, que não ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, que hoje foi conferido ao escritor inglês. Disse que, dentro deste contexto de Jorge Amado e

Roberto Campos, pretende escrever um paralelo dessa amizade que acompanhou em Londres.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto não só pelas palavras que disse sobre o Dia do Escritor, tão esquecido, também pela menção que fez do grande vencedor deste ano do Prêmio Nobel de Literatura, o dramaturgo Haroldo Pinter.
- Na Ordem do Dia – Comissão de Lexicografia – o Presidente Ivan Junqueira disse que, como toda a Casa já sabe, há dois ou três anos se intensificaram muito os trabalhos da Comissão de Lexicologia e Lexicografia; e, neste momento, esta Comissão estão inteiramente voltadas para dois dicionários: um que será publicado até o fim do próximo ano, que é o *Dicionário Escolar*, e o outro, o próprio *Dicionário da Academia Brasileira de Letras*. Pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que informasse ao plenário sobre o estado em que se encontram no momento essas duas publicações.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, atendendo à solicitação do Presidente, disse que, constituída a Comissão de Lexicografia sob a presidência do Acadêmico Eduardo Portella, duas foram as tarefas mais urgentes: preparar a 4.^a edição revista e ampliada do *Vocabulário Ortográfico* então esgotado, e rever criticamente o *Dicionário Escolar* que a Companhia Editora Nacional (CEN) encomendara ao competente lexicógrafo Francisco da Silva Borba, a fim de que, nessa revisão, a obra saísse com a chancela da Academia Brasileira de Letras. Tanto o *Vocabulário* quanto o *Dicionário Escolar* sairiam de acordo com a discussão havida entre os membros da Comissão de Lexicografia em face da experiência adquirida na confecção de dicionários, como os de Aurélio e de Houaiss, mas também em face das recomendações de teóricos da lexicografia em artigos da especialidade. Feita a revisão do *Dicionário Escolar* (DE) e remetido à CEN, decidiu essa editora que a Academia confeccionasse seu próprio texto. Esta nova tarefa, que se concluirá em outubro de 2007, começou a ser elaborada e no fim de 2005 a comissão terá concluído os primeiros 9.577 verbetes, de um total de 30.000, com projeção de 10.839 para o final de 2006 e 9.584 em 2007, quando, em outubro concluirá a tarefa

para ser remetido o DE à CEN. A esta tarefa corre paralelo o trabalho preparatório do grande *Dicionário da Língua Portuguesa* (DLP). Neste ponto é importante referência especial à precariedade de recursos humanos e materiais com que conta a Comissão. São apenas 5 lexicógrafos, uma coordenadora (Sra. Rita Moutinho) que se incorpora ao grupo, e um auxiliar. Deste grupo, três foram designados para o trabalho de execução do DE, enquanto os demais se ocupam do levantamento de um *corpus* abonatório do DLP, que extratará uma amostragem lexical de 5.000 obras literárias e científicas saídas no Brasil (em especial atenção) e nos países lusófonos. Para se ter uma idéia da exigüidade de recursos da Comissão de Lexicografia, cabe dizer que o *Dicionário da Academia das Ciências*, publicado em 2000, além de subsídios financeiros advindos da Academia (pelo Ministério da Educação e Instituto Camões) e da Fundação Calouste Gulbenkian, contou com a colaboração de três técnicos e quase sessenta professores do ensino local à disposição da equipe central em espaço não inferior a seis meses. E com todo esse arsenal a obra exigiu doze anos de trabalho. Assim, fica nesta exposição o apelo para que a ABL, dentro da sua possibilidade financeira, ponha à disposição da Comissão os recursos necessários para que as confecções de obras a cargo da Academia possam ser concluídas em espaço adequado de tempo.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara as oportuníssimas considerações que fez sobre o trabalho, realmente invisível, da Comissão de Lexicografia. Considerações que remetem muito particularmente à falta de dotação orçamentária para que os trabalhos possam caminhar com uma velocidade mais desejável. Os últimos dois anos foram extremamente duros à Casa em função de uma preocupante desocupação do Palácio Austregésilo de Athayde, fato que já está totalmente superado.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco parabenizou a admirável exposição do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Disse ser um privilégio estar assistindo às suas exposições e perguntou se nesse dicionário haverá um projeto para as abonações de cada uma dessas palavras, como a que fez o Acadêmico Carlos Heitor Cony.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, respondendo ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, disse que o *Grande Dicionário* feito pelo Professor Antenor Nascentes, a pedido de Afrânio Peixoto, se baseou no dicionário espanhol; e o dicionário espanhol não tem abonações. Esse trabalho que a Academia está fazendo de levantamento do *corpus* é exatamente para que o dicionário seja abonado, na medida do possível, com as obras dos antigos e atuais membros da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony cumprimentou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara pela brilhante exposição que fez e falou a respeito de uma dúvida, da qual é muito indagado em suas palestras. Se a Academia irá tomar uma posição sobre a chamada *internetês*: linguagem adotada pelos jovens em relação à Língua Portuguesa. Ressaltou que há uma tendência de eliminar as vogais, o que é comum em línguas antigas como o hebraico. Disse que já há palavras no *internetês* que foram absorvidas pela linguagem escrita. Finalizando perguntou se a Academia, nesse dicionário, não fará um adendo para incorporar esses tipos de palavras, porque a língua tem uma dinâmica própria e, evidentemente, ninguém vai impedir isso. Com a expansão da Internet, fatalmente isso vai entrar na literatura escrita do Brasil. Não pretende escrever nessa linguagem, mas os e-mails que recebe já são escritos assim.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que essas reduções já são antigas em textos. É um dos grandes trabalhos que o filólogo tem que enfrentar quando lê autógrafos de manuscritos do século XV, porque eles também já faziam essas abreviaturas. Não havia um código para elas. Uma língua é um código, que significa uma aderência entre pessoas. Disse que essa linguagem, como por exemplo a taquigrafia, são apenas recursos que se limitam a determinadas situações, como a Internet. São expressões que depois não entram naquilo a que damos o nome de língua comum. Acha que a Academia não deveria acobertar essa moda, porque dentro de algum tempo desaparecerá. Quando é consultado como professor de Português, diz que as pessoas podem se comunicar assim dentro do limite da sua conversa. Disse que levar isso para a língua comum é um problema, porque uma língua antes de tudo tem que ser socializada, senão deixa de ser

língua. Será apenas uma gíria. Acha que isso não deve ser agasalhado numa instituição como a Academia para uma contribuição a língua comum.

- O Presidente Ivan Junqueira, a propósito do capítulo reduções na língua portuguesa, disse que quando começou a trabalhar com o Acadêmico Antônio Houaiss, em 1965, já naquele tempo ele distinguia sete tipos diferentes de reduções: abreviação, abreviatura, sigla, braquigrafia, acrografia, signo e símbolo. O que os jovens na Internet estão fazendo não é novidade nenhuma e concorda com o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara quando diz que se trata mais de uma moda do que um sistema tentativo de codificação da língua.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho perguntou ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara quantos verbetes tem o *Dicionário* de Antenor Nascentes.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, respondendo ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, disse que o *Dicionário* de Antenor Nascentes tem quase cem mil verbetes, e foi preparado em dois anos.
- O Acadêmico Moacyr Scliar elogiou a brilhante exposição feita pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, e se referiu a uma atividade que legitima a Academia diante dos olhos do povo brasileiro. Perguntou ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, considerando que os recursos são escassos, se não seria o caso de captar esses recursos em primeiro lugar do governo e, em segundo lugar, na própria área privada, mediante a lei de incentivos fiscais, para que a Academia não arque sozinha com o ônus desse empreendimento.
- O Presidente Ivan Junqueira esclareceu ao Acadêmico Moacyr Scliar, no tocante a essas tentativas de parceria, apoio e patrocínio, que apenas neste ano, em função dos custos da Biblioteca Rodolfo Garcia, e em função dos custos dos trabalhos de lexicografia e lexicologia, prepararam-se projetos para a Petrobras, Vale do Rio Doce, BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, e nenhum deles foi aprovado. Vai-se continuar, mas esclareceu à Casa de que este ano todas as tentativas foram vãs.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lembrou que essa linguagem *internetês* é uma linguagem de adolescente, uma linguagem de tribo. Todas as tribos, além de terem seus rituais, têm a sua língua também. Acha que nesse sentido o *internetês* deve ser visto como um dialeto juvenil. A segunda consideração foi que, mesmo sendo uma moda juvenil, é mais um recurso estenográfico, assim como as inscrições romanas. Disse que tem dificuldade em decifrar um epitáfio romano simplesmente porque está tudo abreviado. Os nomes próprios são abreviados, as palavras são abreviadas, porém é uma estenografia, uma forma de redução. Para finalizar, disse que isso não se limita à língua portuguesa. Esse português internético que deixa nervosos a muitos de nós na verdade é uma coisa universal. Nos Estados Unidos ou na Inglaterra o inglês internético é tão problemático quanto o nosso português internético. Por exemplo, é usual em e-mails escritos em inglês que expressões como *you are* sejam escritos com *u* e com *r* ou *you to* com *u* e o algarismo 2. Disse que seria importante separar esse problema do propriamente lexicográfico. Está de acordo que não cabe ao *Dicionário* da Academia acolher essa linguagem porque é extremamente fluida, efervescente, e a gíria será rapidamente superada pela linguagem juvenil de amanhã. O problema, que lhe parece sério, é o de se saber em que medida o uso dessa linguagem pelos jovens não influencia a competência lingüística quando estão fazendo discursos, composições. Já existem indícios de que os jovens que escrevem essa linguagem internética freqüentemente se saem mal em redações, porque tendem a utilizar o mesmo tipo de abreviação que usam entre os e-mails.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que fez uma pergunta para o Acadêmico Antônio Houaiss, e ele lhe respondeu assim: “o linguajar do surfista nunca abrangerá a complexidade da conjuntura”. Parecida com a que o Acadêmico Carlos Heitor Cony fez ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.
- O Acadêmico Antonio Olinto, seguindo o assunto do Acadêmico Moacyr Scliar, disse que se recursos do Banco do Brasil, da Petrobras e da Caixa Econômica saem para fazer filmes caríssimos, para montar peças, perguntou se a Academia não teria algum prestígio político para que

alguns desses órgãos possam financiar o que a Casa faz, que é em favor da cultura.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que foram vários os esforços desenvolvidos pela Academia nesse sentido, e os nossos projetos não tiveram nenhuma acolhida junto aos órgãos do Governo. Chegar até eles já é uma enorme complicação, conseguir sensibilizá-los é uma complicação maior ainda.
- O Acadêmico Antonio Olinto perguntou, então, por que fazem filmes de milhões.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que o filme dá retorno, dá visibilidade ao órgão que o patrocina. A Academia Brasileira não.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que o problema do *internetês* tem uma abrangência que tende a ser maior, não apenas em relação aos jovens. Como profissional da imprensa sente que nas redações dos jornais as abreviaturas já estão sendo utilizadas porque os números de caracteres numa manchete, por exemplo, são pré-determinados.
- O Presidente Ivan Junqueira observou que essa necessidade de abreviatura dos jornais é muito anterior à linguagem da Internet. Basta ver a sigla dos partidos políticos. O jornal, sobretudo nos títulos, sempre teve necessidade de abreviar.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que o *internetês* não constitui novidades na língua. São apenas recursos de abreviação de palavras e que está repensando a idéia de colocá-las no Vocabulário Ortográfico, e não no Dicionário. No capítulo relativo às abreviaturas, que está muito extenso na 4.^a edição, poderia ser enriquecido com esses termos, que não constituem língua, são apenas recursos gráficos, e que a pessoa precisa ter uma certa convivência com os mesmos para poder codificá-los corretamente. Neste sentido, pediu a colaboração dos colegas que trabalham em jornal.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou que *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* têm manuais de redação em que entram na linguagem, contrariando não só a gramática mas também a lexicografia

e a ortografia. Disse que seria bom que a Academia tivesse acesso a esses manuais de redação. Disse que quando mandou a crônica *A impossuída*, o redator disse que a palavra não existia. Então ele falou que se existe a palavra possuída, por que não impossuída? Por analogia ele se convenceu, mas não está no manual da redação porque ele só aceita determinadas palavras.

- O Presidente Ivan Junqueira fez um breve comentário de que, no caso de *impossuída*, a nomeação da palavra é absolutamente de ordem culta, porque ela tem sufixo, ela tem prefixo e o restante do corpo da palavra registrado em dicionário.
- O Presidente Ivan Junqueira, no capítulo das Efemérides, concedeu a palavra ao Acadêmico Helio Jaguaribe, para recordar a vida e a obra de Pedro Lessa.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe fez uma bela exposição sobre a vida e a obra do Acadêmico Pedro Lessa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe a lembrança do Acadêmico Pedro Lessa, tão esquecido nos dias de hoje. Agradeceu particularmente as considerações sobre a participação política de Pedro Lessa na vida brasileira, sobre seu exercício na advocacia, no magistério, na jurisprudência e no campo da filosofia do Direito. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

PEDRO LESSA

*Estudo do Acadêmico Helio Jaguaribe**

Atendendo a uma proposta que me fez o presidente Ivan Junqueira, tenho o prazer de tecer breves comentários sobre a pessoa e a obra de Pedro Lessa.

Pedro Lessa foi o segundo titular da Cadeira II, de que tenho a honra de ser o atual ocupante. Lessa a assumiu em 6 de setembro de 1910, sucedendo ao primeiro, Lúcio Mendonça. É interessante observar que a mordaz personalidade do novo acadêmico o levava, precedentemente, a fazer acerbas críticas à Academia, das quais se retratou em seu discurso de posse.

Pedro Lessa nasceu em 25 de setembro de 1859 e faleceu em 25 de julho de 1921. Sua vida, relativamente breve, foi extremamente atuante e rica. Participou ativamente dos problemas políticos do país, como presidente da Liga de Defesa Nacional. Ao mesmo tempo, exerceu a mais exitosa advocacia. E manteve, durante toda a sua vida, a mais profícua atividade intelectual, como professor, como filósofo e jurista e como ministro do Supremo Tribunal Federal.

É interessante mencionar-se, a este respeito, a resistência inicial que Pedro Lessa opôs ao convite que lhe fez o presidente Afonso Pena para integrar o Supremo. Seu grande êxito advocatício e os decorrentes proventos ficariam interrompidos por essa nomeação. Foi apelando para o espírito público de Pedro Lessa que Afonso Pena logrou obter sua anuência.

* Apresentado na sessão do dia 13 de outubro de 2005.

Aos 28 anos, depois de brilhante concurso, ingressou na docência da Faculdade de Direito de São Paulo, destacando-se, imediatamente, pelo brilho de suas exposições e, sobretudo, pela amplitude de sua cultura jurídica, filosófica e histórica.

Lessa, ademais de filósofo do Direito, era um jurista filósofo, como em nossos dias nosso confrade Miguel Reale. A linha central do pensamento de Pedro Lessa, como a dos homens de sua época, era influenciada pelo positivismo de Comte, (1798-1857) e pelo evolucionismo de Spencer (1820-1903). Essas influências, a que se agregaria a de Eucken (1840-1906), levaram Pedro Lessa a uma posição determinista. Entre seus trabalhos filosóficos avulta o estudo “O Determinismo Psicológico e a Imputabilidade e Responsabilidade Criminais”.

Segundo Lessa, o conjunto do universo é regido por leis, como fora sustentado por Laplace, o que gera um determinismo da natureza que se reflete, psicologicamente, no homem. Esse determinismo era visto, por Lessa, como decorrência, na natureza humana, do determinismo universal gerando, no homem, um determinismo psicológico. Esse determinismo opera de sorte a que todas as ações humanas sejam executadas em função de um motivo.

Esse determinismo se faz sentir, tanto na natureza como na cultura, de forma evolutiva, como o explica Comte com a lei dos três estados e como o mostra Spencer, com seu evolucionismo universal. Esse evolucionismo atua no mundo da cultura e no caso específico do Direito. Essa evolução do direito é exposta por Pedro Lessa em sua “História do Direito no Século XIX”, contida em seu livro *Dissertações Polêmicas*.

O estudo sobre determinismo psicológico é empreendido por Lessa com base em uma ampla análise da literatura filosófica sobre determinismo. Discute, assim, a partir dos gregos, o pensamento cristão, de Sto. Agostinho a Sto. Tomas, as idéias de Locke, Hobbes, Hume, Stuart Mil e Spencer, na linha inglesa; de Descartes, Comte, Fouillé e Renouvier, na francesa; e de Leibniz, Kant e Shopenhauer, na alemã. O motivacionismo propulsor do determinismo psicológico é algo que resulta da própria natureza humana, condicionada pela cultura. Nesse sentido, as religiões e os códigos de ética e

de direito proporcionam importantes motivos para estimular ou refrear impulsos.

Como jurista, Pedro Lessa afirma a imputabilidade dos atos que atentem contra o código penal. Nisto, como em alguns outros aspectos, se revela uma contradição entre seu determinismo psicológico e seu sentido de responsabilidade jurídica. Um determinismo psicológico estrito teria de conduzir, não ao princípio da imputabilidade, que implica a responsabilidade moral do agente, e sim ao de uma mera repressividade legal, protetiva da boa ordem social. Caberia, igualmente, questionar à medida que “motivos” possam ser considerados como um fator determinístico. Na verdade, os motivos de uma ação são o objeto de uma opção, não seu determinante. Os determinantes serão fatores psicossociais, entendidos deterministicamente, ou um exercício, embora não incondicionado, da liberdade humana.

Não obstante contradições como as precedentemente referidas, o pensamento filosófico de Pedro Lessa se alicerça, competentemente, sobre o acervo científico-filosófico de seu tempo e desenvolve, com muita lucidez, suas próprias idéias. Além de eminente jurista, Pedro Lessa é um pensador de alta qualidade, a ser recordado, independentemente de seus títulos, por seu próprio valor.

SESSÃO DO DIA 20 DE OUTUBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Carlos Heitor Cony, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Marco Maciel, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, pôs em discussão a ata da sessão do dia 13 de outubro. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. Justificou, a seguir, a ausência do Presidente Ivan Junqueira, que se encontra no Chile no Encontro Mundial de Poesia, onde também recebe as homenagens pela sua produção poética.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho transmitiu uma mensagem do Pe. Fernando Bastos de Ávila, que se encontra em plena recuperação, e com quem tem falado todos os dias. Hoje pensava vir à Academia, mas como o tempo estava um pouco incerto, preferiu ficar em casa. O Pe. Fernando Bastos de Ávila pediu-lhe para agradecer aos confrades manifestações que tem recebido.

- O Presidente em exercício disse que todos esperam que ele volte já na próxima quinta-feira às nossas sessões.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho pediu que fosse registrado nos *Anais* da Casa o lançamento, na Coleção Afrânio Peixoto, coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, do livro *O Espírito e a Ação – Ensaios inéditos de Afonso Arinos de Melo Franco*. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Marco Maciel, complementando o que disse o Acadêmico Murilo Melo Filho, comunicou que o Congresso Nacional se prepara para prestar homenagem a Afonso Arinos de Melo Franco e o fará por ocasião da data do seu centenário de nascimento. Nesse sentido, já foi apresentado por um número significativo de senadores, nos quais se inclui, tendo à frente o Acadêmico Senador José Sarney, um requerimento para que se faça uma sessão, cuja data está dependendo apenas de um acerto com o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e com o Itamaraty, que pretende também homenageá-lo. A homenagem deverá ser na última semana de novembro ou primeira de dezembro e estão cogitando fazer as duas homenagens, a do Congresso Nacional e a do Itamaraty, no mesmo dia. Considera estas homenagens mais do que merecidas, porque é também o momento para que se analise a grande contribuição que ele deu ao país, em vários campos da atividade humana. Crê que muito em breve dará ciência da data e considera que seria muito bom ter uma representação da própria Academia nessas cerimônias, que realizadas no mesmo dia, falicitarão o deslocamento daqueles que desejarem comparecer.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que essa sessão da Academia começou lhe tocando profundamente. Primeiro, o Acadêmico Murilo Melo Filho, velho amigo de seu pai e que foi seu interlocutor assíduo durante toda a cobertura política que fez no decorrer da vida parlamentar de Afonso Arinos. Lembrou a grande entrevista feita pelo Acadêmico Murilo Melo Filho para a *Manchete*, no princípio dos anos sessenta, que considerou uma das melhores entrevistas feitas com Afonso Arinos. Quanto às referências que ele faz ao livro, lhe tocaram muito. Esse livro foi uma iniciativa do Acadêmico Lêdo Ivo, apoiada unanime-

mente pelo plenário dessa Casa, que lhe deu uma incumbência praticamente impossível, porque a idéia inicial era fazer uma antologia dos ensaios de Afonso Arinos. Para um homem que passou sessenta anos escrevendo ensaios, era muito difícil fazer essa antologia. Discorreu sobre a preparação do livro, onde procurou fazer o melhor que pôde. Agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho. Quanto ao Acadêmico Marco Maciel, lembrou que os pais de ambos foram companheiros desde a primeira legislatura, após o Estado Novo, e posteriormente o Acadêmico Marco Maciel foi também companheiro de seu pai e o conhecia bem. Disse ser um grande admirador da austeridade, da dignidade e do espírito público com que o Acadêmico Marco Maciel tem desempenhado todas as importantes funções para as quais foi escolhido e chega à Academia com esta coroa de louros que traz da vida pública. Assinalou ter ficado também muito grato por toda a generosidade que teve com a memória de seu pai.

- O Presidente em exercício agradeceu, em nome da Academia, as palavras dos Acadêmicos Murilo Melo Filho e Marco Maciel e os comentários do Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. Assinalou que Afonso Arinos é uma presença permanente na cultura do Brasil e acredita que aí está concretizada a idéia da imortalidade, não só a imortalidade de um acadêmico, mas também a de quem faz o seu momento e o seu tempo na vida nacional. Assinalou que o livro revela todo esse caleidoscópio de inteligência nas várias áreas da cultura, de modo que a Academia se sente honrada de ter tido um Afonso Arinos de Mello Franco, e ter tido pessoas que o contemplem por variadas e confessadas razões, como Murilo Melo Filho, Marco Maciel e Afonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco agradeceu as palavras do Presidente.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que não podia silenciar diante dessa figura ciclópica da cultura, da política e da diplomacia do Brasil. Associando-se às homenagens justas que a Casa está programando, acrescentou que o Centro Dom Vital publicará, no próximo mês, um número de sua Revista *A Ordem*, em que há dois trabalhos sobre a figura de Afonso Arinos. Um do próprio filho e outro de Célio Borja. Lembrou que, quan-

do faleceu o Dr. Sobral Pinto, e o Cardeal Dom Eugênio Sales o convidou para suceder a ele à frente do Centro Dom Vital, sua primeira providência foi convidar Afonso Arinos para integrar a Diretoria, como vice-presidente do Centro Dom Vital. Era uma presença estelar que deu à Instituição uma dimensão e um alcance na proporção do seu valor, da sua respeitabilidade e da sua contribuição maiúscula para a cultura brasileira. Recordou que dirigiu, também, na Editora José Olympio, *Brasil em Questão* e convidou Afonso Arinos para falar sobre problemas políticos brasileiros, e ele escreveu um belo volume dentre dezenas e dezenas de trabalhos que ele legou ao Brasil; e aqui está seu filho, a grande herança que nos deixou, que honra também esta Casa. Outras instituições governamentais também se aprestam para significar o reconhecimento dessa figura, que é uma figura do Brasil contemporâneo, que honra a todos e deixou um grande exemplo.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu a generosidade das palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha. Lembrou que os três pais, o seu e os dos Acadêmicos Marco Maciel e Tarcísio Padilha foram companheiros no Congresso Nacional e hoje os filhos aqui se encontram.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa, lembrando Afonso Arinos, não poderia deixar de dar um depoimento do liderado. Recordou as reuniões na Rua Anita Garibaldi. Eram dezenove e entre eles aparecia um meninote, que hoje é o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Afonso Arinos era o líder na UDN e era ele a figura ímpar do Manifesto dos Mineiros, em 1943, quando pela primeira vez se atacou a ditadura brasileira. A sua participação foi essencial à queda da ditadura. Seu discurso sobre Getúlio Vargas foi a pá de cal em todas as iniciativas com que se tramou a queda do regime ditatorial no Brasil. Lembrou que, iniciando a sua carreira de magistério, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, hoje UERJ, Afonso Arinos era o Professor de Direito Constitucional e ele se iniciava como Professor de Economia Política. Depois continuaram na UDN, no Palácio Tiradentes, e foi aí que mais se vinculou a Afonso. Disse que falar de Afonso é falar do início da sua vida pública, das lutas que mantiveram, da direção que ele lhe deu, do ímpeto e da coragem com que ele enfrentou e arrostou todos os perigos. Foi Afonso Arinos um líder incontestável.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que conheceu esse “galo de briga” que acabou de falar brigando na Assembléia Legislativa de Minas Gerais e, comovido, saudou o reingresso do Acadêmico Oscar Dias Corrêa na Banda de Música da UDN.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que teria muito a falar sobre Afonso Arinos de Melo Franco, porque foi um convívio de mais de vinte anos. De quinze em quinze dias o visitava na Rua Dona Mariana, e ficava horas ouvindo aquele mestre, aquele luminar da cultura brasileira. Como está escalado para falar na abertura do ciclo de conferências em homenagem a Afonso Arinos, se reservaria para falar nessa ocasião sobre a vida e a obra desse grande brasileiro, a quem muito deve pelo apoio e incentivo que deu à sua vida.
- O Presidente em exercício assinalou que acabamos de ouvir outras facetas da vida de Afonso Arinos, no Centro Dom Vital, na luta pela liberdade e na orientação de um aluno, amigo, que hoje é mestre nesta Casa, o Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Presidente em exercício comentou com os confrades o aparecimento do *Dicionário de Economia do Século XXI*, de Paulo Sandroni, irmão do Tesoureiro desta Casa, Acadêmico Cícero Sandroni. Disse que o *Dicionário* começou com um objetivo muito modesto, sendo apenas um guia para os leitores da coleção dos *Economistas*, publicada nos anos oitenta. Com o título de *Dicionário de Economia*, com aproximadamente 1.500 verbetes estudados, saiu, em 1985. Em 1989 saía uma nova edição com mais 500 verbetes, e em 1994, com o título de *Novo Dicionário da Economia*, temos uma obra ampliada e enriquecida com uma técnica de referência interna, onde um verbete remetia a outro verbete. É, portanto, uma riqueza ler este *Dicionário*, porque o verbete levantado se espria pelos outros verbetes que, de uma ou de outra maneira, se relacionam com o que foi inicialmente levantado. Em 1999 saiu com o nome de *Novíssimo Dicionário de Economia* e, agora, sai com o título *Dicionário de Economia do Século XXI*. Disse tratar-se de uma obra esplêndida que vai prestar relevantes serviços à Comissão de Lexicografia e Lexicologia desta Casa. Referiu-se ao cuidado na feitura do Dicionário que, por

exemplo, não deixa de falar num Capitão da Reserva do Brasil chamado Filipe, que deu um prejuízo ao comércio, e daí surgiu o termo Filipeta, e relaciona isso com um político inglês que procedeu da mesma maneira. É um livro de primeiríssima ordem e que teve a colaboração de vários membros da família Sandroni, como foi o caso do Acadêmico Cícero Sandroni, que aparece como colaborador, bem como os filhos do Paulo Sandroni. É um dicionário que recomenda a quem trabalha nessa área da economia, não só da economia das teorias internacionais, mas também dos diversos neologismos e conceitos que foram criados na nomenclatura econômica do Brasil.

- O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Presidente em exercício a apresentação do livro à Academia Brasileira de Letras. Trata-se de um dicionário em que seu irmão vem trabalhando há bastante tempo e essa seria a edição, não diz definitiva, mas a mais aprimorada desde o seu surgimento. Seria mais um dicionário enciclopédico, do que exatamente um dicionário, porque tem verbetes com até duas páginas, abordando, como disse o Presidente em exercício, não só aspectos da economia brasileira, como também internacional, do passado e dos grandes economistas. É também uma ferramenta de trabalho, no seu caso de Tesoureiro da Academia, muito útil.
- O Acadêmico Antonio Olinto, a propósito das comemorações do centenário do falecimento de Machado de Assis, em 2008, assunto sobre o qual escreveu um artigo no *Jornal do Brasil*, recebeu um telefonema lembrando que em 2008 também se comemora o centenário do nascimento de Guimarães Rosa, e apresentou sugestões para que essa comemoração, além de ser feita na Academia, também se faça em Cordisburgo.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se às palavras do Acadêmico Antonio Olinto com relação às comemorações do centenário do nascimento de Guimarães Rosa, de quem foi um velho companheiro e amigo, e com ele almoçava, quase diariamente, quando chefiava a Divisão de Fronteira, no Itamaraty. Considera Machado de Assis *hors concours*, mas ele é um grande romancista do século XIX. Disse que, na sua humil-

de e suspeita opinião, o maior romancista do século XX foi João Guimarães Rosa.

- O Acadêmico Marco Maciel comunicou que já requereu, foi aprovado no Senado Federal e seguiu para a Câmara dos Deputados, que o ano de 2008 seja o Ano de Machado de Assis.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva comunicou que um grupo de amigos de Antonio Carlos Villaça mandará celebrar, em sua memória, uma missa no dia 23 do corrente, às 11h 30min, na Igreja de Nossa Senhora do Líbano, a Igreja dos Maronitas, na Rua Conde de Bonfim, 638, para a qual convida todos os acadêmicos.
- O Presidente em exercício, passando à Ordem do Dia, comentou a presença da Academia Brasileira de Letras nos festivais internacionais e festas literárias, fazendo referência à presença do Presidente Ivan Junqueira em Santiago do Chile, e ressaltou outros acadêmicos que participaram e têm participado desses festivais nacionais e internacionais de festas literárias. Lembrou que o Acadêmico Lêdo Ivo foi homenageado na cidade do México e recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* na sua terra natal. Falou do festival que se realizou em Cabo Frio, com a presença dos Acadêmicos Ivan Junqueira, Evanildo Bechara e Antonio Carlos Secchin. Uma primeira tentativa de organização de um festival cultural de muito êxito, com a presença de muita gente, não só que vive em Cabo Frio, mas os que para lá se dirigiram a fim de acompanhar os trabalhos. A comemoração foi em largo estilo, não só literário, mas também musical e gastronômico. Disse que o Acadêmico Cícero Sandroni esteve em Aracati, Ceará, e pediu que falasse a respeito das festividades dessa época. No Recife estiveram os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Alberto Venancio Filho, que também terão a oportunidade de dizer algumas palavras da presença da Academia nesses festivais.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que esteve no Recife, a convite da Quinta Feira do Livro de Pernambuco, para participar da mesa-redonda debatendo o livro do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque *Coronel, Coronéis*. Ficou muito impressionado com a dimensão da Feira, um espaço que se compara às feiras do

Rio de Janeiro e São Paulo. Participaram da mesa-redonda o historiador Fernando Pernambuco de Melo, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e a tradutora Monique Le Moing, que foi tradutora do livro para o francês e tem traduzido vários outros livros, inclusive o livro de Afonso Arinos *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*. Disse que se propôs fazer um estudo da evolução dos trabalhos feitos sobre coronelismo, desde o livro famoso de Victor Nunes Leal, *Coronelismo, Enxada e Voto até Coronel, Coronéis*, apreciando os estudos de Raymundo Faoro, Maria Isaura Pereira de Queiroz e de um historiador coreano – Eel Soo Pang – que tem também um trabalho sobre as oligarquias baianas. Finalizando, disse que foi uma oportunidade muito boa de estar no Recife, uma cidade das suas predileções, onde visitou o querido amigo Edson Nery da Fonseca, que mora em Olinda, e participou dessa homenagem ao livro do querido Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- O Presidente em exercício agradeceu a apresentação do Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que há uma febre de festivais literários no Brasil, o que acha muito bom. Várias cidades estão realizando seus festivais. No começo do ano estive em Passo Fundo, ao lado dos Acadêmicos Carlos Heitor Cony, Alberto da Costa e Silva e Ivan Junqueira, e agora lhe coube participar da Feira de Literatura e Leitura de Aracati, no Ceará. O encontro lembra os 140 anos da publicação do romance *Iracema*, de José de Alencar, e fez uma homenagem especial ao escritor Gerardo Melo Mourão e ao bibliófilo José Mindlin. Houve uma intensa atividade literária e discussão sobre as obras de José de Alencar. Fez uma pequena leitura de um trabalho sobre o romancista José de Alencar e também sobre a sua vida pública, que é um assunto que lhe interessa diretamente. Vários outros escritores, que vieram do sudeste do Brasil, participaram, como Rubens Alves, Isabel Lustosa, o índio Daniel Munduruku, que é um autor de literatura infantil, Ana Miranda, o jornalista Zuenir Ventura e muitos outros. Vários eventos se realizaram no sentido de procurar discutir as raízes da cultura brasileira. Foi uma festa muito interessante, numa cidade que já foi capital da província do Ceará e

a cidade natal de Adolfo Caminha, escritor hoje esquecido, autor do romance *O Bom Crioulo*, um grande romance publicado num momento tão difícil para o Brasil, e que teve coragem de abordar temas pouco discutidos. O único senão foi ver a casa de Adolfo Caminha quase destruída. Mas no curso do encontro obteve-se um compromisso da Prefeitura e do Governo do Estado de restaurar a casa e fazer um centro cultural com uma biblioteca, homenageando esse grande escritor falecido prematuramente. Finalizando, disse que foi uma bela festa literária, numa cidade agradabilíssima.

- O presidente em exercício agradeceu as palavras do Acadêmico Cícero Sandroni sobre a sua presença em Aracati. A seguir, deu a palavra ao Acadêmico Carlos Heitor Cony, que falou sobre Herberto Sales, no capítulo das Efemérides.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony fez uma belíssima apresentação sobre a vida e a obra do Acadêmico Herberto Sales. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Bechara, agradeceu a lembrança de Carlos Heitor Cony, onde ele nos prova ser um excelente leitor, um excelente escritor e um excelente perscrutador da obra de Herberto Sales. Partindo do seu primeiro romance, o Acadêmico Carlos Heitor Cony apresentou, desdobrada, toda a vida do companheiro e nos trouxe a lembrança das amizades que hoje estão cada vez mais difíceis. Acentuou o tom crítico e inteligente do Acadêmico Carlos Heitor Cony na análise da obra de Herberto Sales. Lembrou o lançamento do livro da Coleção Afrânio Peixoto, *Franklin Távora e o Seu Tempo*, do escritor Cláudio Aguiar, às 17h 30min, no Saguão da Academia Brasileira de Letras, e também no dia 25 de outubro, quinta-feira, às 18h 30min, a abertura da exposição *Rui de Oliveira, Trinta Anos de Ilustração de Livros*, com a curadoria de Alexei Bueno.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que hoje, dia 20 de outubro, realiza-se, na sede do Jôquei Clube, a cerimônia da entrega dos prêmios Personalidade Educacional de 2005, do jornal *Folha Dirigida*, entre cujos homenageados está incluído o presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcanti Bechara.

- O Acadêmico Antonio Olinto disse que quando o Acadêmico Carlos Heitor Cony lançou um de seus primeiros livros, tinha uma coluna em *O Globo*. Leu o livro e pensou: nunca ouvi esse nome, de onde surgiu isso? E, de repente, surge, sem mais nem menos, um grande livro que ninguém sabia de quem era. Era o Acadêmico Carlos Heitor Cony e a partir daí virou especialista em crítica do escritor Carlos Heitor Cony. Não havia um livro dele sobre o qual não escrevesse no dia seguinte. Finalizou dizendo que o Acadêmico Carlos Heitor Cony é um dos maiores romancistas do Brasil em qualquer época, tempo, mês e ano.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que o artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony de hoje está muito bom. Ele fala de um personagem chamado Dico, que os leitores não sabem, mas trata-se de Raymundo Athayde, irmão de Belarmino Austregésilo de Athayde, que foi companheiro de Cony na Sala de Imprensa da Prefeitura e iniciador do Acadêmico Carlos Heitor Cony na arte de fumar charutos.
- O Presidente em exercício reiterou aos presentes o convite para o lançamento de *Franklin Távora e o Seu Tempo*, de Cláudio Aguiar, publicado na Coleção Afrânio Peixoto da ABL, a realizar-se às 17h 30min, no Saguão do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, e encerrou a sessão.

O ESPÍRITO E A AÇÃO, DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Aproveito esta oportunidade para registrar nos *Anais* desta Casa o lançamento, na nossa Coleção Afrânio Peixoto, coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, deste livro *O Espírito e a Ação*, Ensaios inéditos, de Afonso Arinos de Melo Franco.

Nele estão reunidos alguns dos textos mais importantes produzidos em vida por esse ilustre acadêmico, sobre Eça de Queirós, Stefan Zweig, De Gaulle, Roosevelt, Péguy, Clóvis Beviláqua, João Alphonsus, Tomás Antônio Gonzaga, Tiradentes, Marcel Proust, sobre o romance *Fogo Morto* sobre a Itália, a Alemanha, Portugal, África e o “manifesto dos mineiros” todos eles somente agora reunidos neste livro admirável.

Afonso Arinos de Melo Franco foi uma das maiores admirações da minha mocidade. Da sua cultura privilegiada, emergiram esses textos e do seu cérebro prodigioso brotaram grandes discursos, de efeitos geniais.

Ele pertenceu a uma geração de grandes mineiros, entre os quais: Pedro Nava, Drummond, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, Guimarães Rosa, Aníbal Machado, Cyro dos Anjos, Emílio Moura, Abgar Renault, Mário Palmério, Gabriel Passos, Milton Campos, Pedro Aleixo, o nosso Oscar Dias Corrêa, Bilac Pinto, Odilon Braga, Adauto Cardoso, José

* Proferidas na sessão do dia 20 de outubro de 2005.

Bonifácio, Magalhães Pinto, Carlos Luz, Rondon Pacheco, e San Thiago Dantas, todos eles construtores da grandeza de Minas imortal.

Esse livro de Afonso Arinos de Melo Franco é apresentado em competente prefácio de Afonso Arinos, filho, numa homenagem fiel, leal e correta à memória do seu pai, simplesmente inesquecível.

REVISITANDO A OBRA DE HERBERTO SALES

*Estudo do Acadêmico Carlos Heitor Cony**

Publicado em 1944, quando Herberto Sales tinha 27 anos, *Cascalho* é o imenso romance que logo se colocou ao lado das grandes obras do nosso ciclo nordestino, iniciado com José Américo de Almeida e prolongado em Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel de Queiroz.

Morando em Andaraí, na região da Chapada Diamantina, Herberto correspondia-se com Marques Rebelo, mas nunca lhe comunicou que estava escrevendo um romance. Com mais de 650 páginas, enviou o livro a um concurso coordenado pela *Revista do Brasil*, da qual Aurélio Buarque de Holanda era secretário. Na obsessão de catar regionalismos, Aurélio examinou o original e surpreendeu-se com a qualidade do texto. Sendo vizinho de Marques Rebelo, com ele comentou a obra que estava lendo. Ficou admirado ao saber que o autor de *Marafá* correspondia-se com o autor.

Herberto decidira encerrar a carreira literária que sequer começara. Juntara gravetos no quintal da casa de sua família, rasgara em quatro partes as 650 páginas da cópia que lhe restara. Queimara tudo. Aurélio sabia que o original enviado ao concurso seria jogado fora e decidiu ficar com ele, a fim de catar os vocábulos regionais que mais tarde enriqueceriam seu dicionário.

Quando Herberto escreveu a Rebelo, comunicando-lhe que queimara a cópia única do livro, foi surpreendido com a revelação de que o original continuava com Aurélio. Não foi difícil encontrar uma brecha no mercado editorial da época.

* Apresentado na sessão do dia 20 de outubro de 2005.

A consagração seria imediata. O ciclo do romance regional ganhava novo espaço em nossa geografia literária. O cenário não era mais a Várzea do Paraíba, os engenhos e as bagaceiras de José Lins do Rego e José Américo de Almeida. Tampouco era o litoral baiano, águas encantadas por sereias, o chão coberto pelos frutos cor de ouro do cacau, os territórios mágicos – mar e terra – que ganhariam o mundo na obra de Jorge Amado.

Nem era a seca que afugentava homens e animais pelas caatingas, o flagelo que daria a Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz o ponto de partida para suas carreiras. Em *Cascalho*, a fortuna e a maldição estão no ventre da terra. A lenda dos diamantes, fartos e encontrados até nas moelas das galinhas, na prodigalidade dos aluviões ribeirinhos, atraíam homens e mulheres, velhos e crianças. Véspera da fortuna imprevista, a miséria permanente acampava no decadente burgo excluído da civilização, povoado de fantasmas sacrificados na dura moenda dos diamantes e carbonados. A releitura do primeiro livro de Herberto Sales dá a sensação de um anúncio de Guimarães Rosa com seu universo vocabular e sua técnica inovadora.

Em *Além dos Marimbus*, o livro seguinte, o cenário é o mesmo, mesma a região já exaurida pelas bateias dos faiscadores. A causa da miséria não é mais o diamante. É a madeira que, nos anos 20 e 30, já atraía a cobiça que devastava florestas e matas. Inovando o gênero com a técnica e a linguagem de seu primeiro livro, Herberto surpreende o leitor de hoje com a visão pioneira da ecologia que naquele tempo não entrara ainda no vocabulário e na preocupação do homem contemporâneo.

Até então, a abordagem crítica via nele mais um regionalista, do porte dos grandes nomes da safra nordestina que emergira na década de 30. O livro seguinte, *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, é um romance urbano numa Bahia que iniciava seu período de metrópole nordestina.

Podia ter sido este o primeiro romance de Herberto, pois se trata dos anos de formação em que o jovem provinciano chega à cidade grande. Ele mergulha na sociedade do incipiente capitalismo nacional, criando uma galeria de tipos que mais tarde se tornariam comuns na novelística brasileira.

Surge, então, na vida e na carreira de Herberto Sales, a figura magra e saborosa de José Cândido de Carvalho. Na virada dos anos 40 e 50, deram

dimensão nova à formidável geração nascida nos anos 30. Dataria deste período o aparecimento do contista. Um de seus livros, *O Lobisomem e Outros Contos Folclóricos* foi a homenagem de Herberto a seu companheiro José Cândido de Carvalho, que estourara no cenário nacional com o antológico *O Coronel e o Lobisomem*.

A despeito de sua obra, vasta e consagrada, traduzida em inglês, japonês, francês, polonês, italiano, tcheco e chinês, tendo o seu romance de estréia adaptado para o cinema e para a história em quadrinhos, Herberto isolou-se da vida literária.

Retirou-se para São Pedro da Aldeia, no litoral fluminense, onde reencontraria nas mangueiras que plantou e nas flores que semeou, uma espécie de retorno ao seu Andaraí natal. Escreveria ainda uma série de confissões e memórias a que daria o estranho nome de *SubsiDiário*. Temos aí o homem Herberto Sales diante de si mesmo, atravessando a escura noite da alma. Suas anotações revelam o desencanto do escritor penetrado pela inexorabilidade do fim.

Olhando em volta, da altura humana e intelectual a que atingira, lamentando seus mortos, evocando seus fantasmas, o memorialista adota uma visão amarga, mas de vigorosa dignidade perante o mundo que viu e a vida que viveu.

SESSÃO DO DIA 27 DE OUTUBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral, Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, José Murilo de Carvalho e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 20 de outubro. Após reparo feito pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, a ata foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico João de Scantimburgo que aniversaria no próximo dia 31 do corrente. Passou a palavra ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco apresentou uma moção de pesar a esta Casa pelo falecimento do poeta e do grande cidadão brasileiro que foi Moacyr Félix. Disse não ter a intenção de falar sobre a sua poesia, que leu toda, porque o Presidente, como grande crítico e grande poeta que é, tem essa prerrogativa de criticar os grandes poetas. Ressaltou que Moacyr Félix tinha uma chama de coragem, de integridade e de dignidade que iluminava essa escuridão em que nosso país anda mergulhado. Lutou sempre pela justiça, pela verdade e pelo amor. Era um utopista. Ao

mesmo tempo em que ele batalhava contra a ditadura militar, protestava contra a repressão da Primavera de Praga pelos soviéticos. Falou da convivência que teve com Moacyr Félix e disse que esse é um preito de homenagem e de respeito por esse grande poeta que se foi.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha associou-se à moção que acaba de ser proposta pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, porque Moacyr Félix foi seu contemporâneo do Colégio Santo Inácio e colega de turma de seu falecido irmão Paulo. Falou da sua inteligência privilegiada, que tinha penetrado fundamente na cultura, em seus diferentes escaninhos. Era um homem de muita coragem, porque no início do regime militar, nos últimos dias de março, Moacyr Félix havia feito discursos extremamente veementes. A família do Acadêmico Tarcísio Padilha, receosa de que ele pudesse pessoalmente ser atingido, o escondeu durante o tempo necessário, para que seguisse o rumo da sua vida e da sua obra. Disse que, como o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, escusa-se de fazer uma análise dessa obra, porque há nesta Casa poetas que poderão fazê-lo. É, portanto, o preito de saudade a um ex-colega cuja vida acompanhou bem de perto.
- O Acadêmico Cícero Sandroni associou-se também às palavras dos acadêmicos que o antecederam por ter tido o privilégio de conviver com Moacyr Félix, nos últimos vinte anos. Aprofundaram a amizade, não só na redação do *Jornal do Brasil*, como também no *Jornal Rio Artes*, onde chegou a publicar dois poemas de Moacyr Félix, em que ele punha todo o seu coração e a sua alma e, ao mesmo tempo, um profundo sentido social, voltado para a valorização do homem e também, às vezes, erótico. Considerou uma grande perda para as letras do país a morte de Moacyr Félix.
- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu aos Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, Tarcísio Padilha e Cícero Sandroni e não quis apenas fazer suas as palavras que disseram sobre o saudoso Moacyr Félix. Contou um episódio que dá bem uma idéia do caráter de Moacyr Félix. Disse que em 1977 Moacyr Félix publicou um livro chamado *Canção do Exílio Aqui* e sobre o qual se falou muito mal na página de “Livros” de O

Globo. Uma semana depois, Moacyr Félix ligou para a sua casa e disse-lhe que queria conhecer o crítico, de quem gostava muito e que tinha falado tão mal do seu livro. Foi assim que se iniciou uma amizade que perdurou pelo resto da vida. Disse, também, que Moacyr Félix estreou em 1948 com *Cubo de Trevas* e que foi, a seu ver, equivocadamente incluído na Geração de 45 mas, na verdade, ele não fazia parte dessa geração, porque a poesia do Moacyr foi sempre uma poesia engajada, uma poesia muito preocupada com a liberdade e com a nacionalidade brasileira. Tem a impressão que Moacyr Félix pagou um preço muito alto por essas suas posições políticas. Era uma voz que não se abatia, o homem que acreditava de fato num futuro melhor para o Brasil. Considera que Moacyr Félix foi o patrono de toda a poesia brasileira que se escreveu ao longo de quase trinta anos. Relembrou a sua amizade com ele. Uma amizade de praticamente todos os dias e todas as noites, porque não se lembra de uma noite sequer que ele não telefonasse para a sua casa para conversar sobre poesia, sobre algum poeta, sobre o que se ia fazer naquela semana pela poesia brasileira. Foi uma presença muito forte da poesia que se escrevia no Brasil. Lembrou as quintas de poesia, que teve o apoio do então presidente da FUNARTE, organizadas por ele e Moacyr Félix, e da qual participaram vários poetas do Rio de Janeiro e de que resultou numa antologia chamada *Poesia Carioca*, que contou com a participação de quarenta e um poetas. Moacyr Félix já vinha fazendo falta, e vai fazer mais ainda nesse momento de indefinição em quase todas as áreas da vida intelectual brasileira.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida relembrou a época em que foi contemporâneo de Moacyr Félix na PUC, ocasião em que sentiu a sua importância. Salientou que ele se colocou contra a tendência de José Paulo Moreira da Fonseca porque ele queria a poesia romântica, torrencial ligada ao melhor da tradição literária, como a poesia da socialização, do encontro e, no seu entender, a poesia revolucionária. Disse que nunca viu uma vocação para a congregação quanto ao aliciamento constante, em que ele juntava a palavra ao desdobramento da amizade, da generosidade e da entrega. Todos aqui sabem o que foi a pertinácia dentro dessa visão da militância. Quando, nos anos da ditadura, começou a denúncia da tor-

tura e foi criado o Grupo de Justiça e Paz para realizar esse protesto, quiseram testificá-la com o risco da prisão de um dos dez ou doze que se ligaram a essa manifestação, e este foi exatamente Moacyr Félix. Comunicou que a Universidade Cândido Mendes gostaria de dedicar-lhe o Prêmio de Poesia, que o Curso de Letras quer realizar com a participação da Academia Brasileira de Letras, destinado às novas gerações, para que possa provar, a cada ano, o que foi essa presença de Moacyr Félix.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha, depois de lembrar à Casa que recentemente foi aqui proposta e aprovada a redução do prazo de inscrição de novos acadêmicos, e que isso foi o reconhecimento de que a celeridade dos novos tempos está a indicar essa direção, disse que durante dois meses esta Casa fica em recesso e acredita ser do interesse da Academia receber o quanto antes o novo acadêmico eleito para tomar parte nas nossas sessões e trazer a sua contribuição. Crê que sendo a Academia Brasileira de Letras a Casa da tradição, tomou o cuidado de examinar porque já houve eleição em janeiro e fevereiro. Foram oito eleições. Uma em fevereiro de 1903, de Augusto de Lima; Afonso Arinos de Melo Franco, em 1958; Adonias Filho, em 1965; Mauro Mota, em 1970; Octavio de Faria, em 1972; Carlos Chagas Filho, em 1974; Américo Jacobina Lacombe, em 1974; e Miguel Reale, em 1975. Todas em janeiro. Apenas a de Augusto de Lima foi em fevereiro. Todas essas eleições no período habitual do recesso. O Regimento prevê sessões extraordinárias, seja por iniciativa do Presidente, do plenário ou de cinco acadêmicos que peticionarem nesse sentido. Disse que teve ocasião de conversar com membros da Diretoria e outros membros da Casa e a idéia recebeu acolhida e, por essa razão, é que está apresentando uma proposta para que se realize no mês de janeiro, em data a ser marcada posteriormente, a eleição para o preenchimento da vaga do saudoso Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a sugestão do Acadêmico Tarcísio Padilha e comunicou que já conversou com diversos membros da Casa sobre esse assunto, e percebeu que a acolhida foi quase que absoluta, e com a qual a Diretoria está de acordo. Sugeriu a data de 26 de janeiro de 2006 e submeteu ao plenário esta proposta da própria Diretoria.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho considerou que a argumentação do Acadêmico Tarcísio Padilha não foi muito adequada para que se antecipe a eleição para janeiro, ocasião em que muitos acadêmicos estarão viajando e a grande parte da votação seria por carta.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier manifestou-se contrário à idéia de que essa eleição se realizasse em janeiro. Expôs os seus motivos e pediu que ficasse registrada em ata o seu voto, frontalmente contra a antecipação dessa eleição, que considera desnecessária.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a ponderação do Acadêmico Arnaldo Niskier, mas considera que não se trata de correria. Disse que vai submeter a proposta à votação do plenário, ainda hoje.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, concordando com o Acadêmico Arnaldo Niskier, disse que uma eleição durante o recesso é uma eleição sonâmbula, uma eleição por carta, e não haverá a festa do abraço. Disse que, se fosse posse, concordaria, mas qual é a vantagem de antecipar uma eleição que vai continuar, depois, no oblívio, durante um mês, porque não haverá sessões até março. Não entende essa antecipação.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha fez uma breve consideração a propósito do que aqui foi dito. Disse que à Casa compete acolher ou não a idéia, com esse ou aquele argumento. Acrescentou que não conhece o candidato a esta vaga, apenas assistiu à conferência que ele fez na ABL. Portanto, não tem nenhum interesse e é um universalista por vocação e por destino.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier voltou a falar que não vê justificativa para que se faça uma sessão em pleno período de férias. Disse que, ao contrário do Acadêmico Tarcísio Padilha, é muito amigo do candidato em questão, mas não vê necessidade de antecipar essa eleição. Acrescentou que não há justificativa para estar realizando, no dia 26 de janeiro de 2006, uma sessão estritamente para eleger um escritor que praticamente já está eleito e pediu vista da proposta.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que o que lhe cabe, como Presidente da Casa, é submeter esta proposta ao plenário.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho sugeriu que se dê vista da proposta e que o Acadêmico Arnaldo Niskier traga ao plenário num prazo curto.
- O Acadêmico Eduardo Portella considerou extremamente irrelevante o debate a que acabou de assistir e acha que não justifica nenhuma ênfase e exaltação. É um tema que se pode resolver sem nenhum problema. Fez o registro do falecimento de Moacyr Félix, seu grande amigo. Disse que não se sentiria bem em não dar duas palavras de lembrança, de saudade e admiração. Moacyr Félix tinha uma poesia extensa, ampla. Mesmo o verso dele era amplo, como José Paulo Moreira da Fonseca, mas é o caso raro de um verso amplo, porém contido. No caso dele, um verso mais vocal. No caso de José Paulo, um verso mais consonantal. No caso específico de Moacyr Félix, vale destacar o militante da esperança. Na vertente social, jamais fez comício pois não confundia poesia com comício. Ele realizava poesia social com os instrumentos do poema. Moacyr Félix era uma excepcional e transbordante figura humana. Um homem de exercício ético permanente e rigoroso, um amigo dos amigos e um descobridor de jovens. Este jovem poeta, já maduro, vai nos fazer muita falta.
- O Presidente Ivan Junqueira fez suas as palavras do Acadêmico Eduardo Portella no que toca à participação de Moacyr Félix nos quadros da poesia brasileira.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin associou-se ao que se disse a respeito de Moacyr Félix, e acrescentou que teve a oportunidade de conviver com ele e o Presidente Ivan Junqueira na elaboração e na edição da revista *Poesia Sempre*, na gestão do Acadêmico Eduardo Portella e, portanto, pôde testemunhar a generosidade e acolhida que Moacyr Félix sempre deu aos jovens escritores. Acrescentou, no que se refere à relação do Acadêmico Eduardo Portella e Moacyr Félix, a própria generosidade de Portella ao apoiar a publicação das poesias completas e de uma antologia, que foram duas contribuições da sua gestão que fizeram muito bem a Moacyr Félix e à poesia brasileira.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin e falou que nunca se pode, de uma vez só, relembrar tudo que Moacyr Félix fez. Percebeu que de cada um dos acadêmicos, que aqui se

associaram nesse ato de lembrança, havia sempre uma coisa nova. Tem certeza de que outras coisas ainda ficaram por dizer.

- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou cinquenta e quatro anos de vida quando, em 1951, foi a Paris e conheceu o jovem poeta Moacyr Félix. Quando ele disse que gostaria de entrevistar Paul Eluard, Moacyr Félix foi com ele à entrevista. Finalizou dizendo que Moacyr Félix era um grande poeta brasileiro, de grande caráter e grande amigo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto e disse que mais umas das faces de Moacyr Félix foi aqui revelada.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu a honrosa obrigação de entregar as Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss. E o fez no último dia 14 de outubro. Entregou um documento aos acadêmicos com duas fotos. Numa delas se vê a riqueza e a importância da biblioteca de Lévi-Strauss, e em outra, a alegria e a satisfação que ele teve de receber as Palmas Acadêmicas, que estão retratadas no seu esfuziante sorriso. Entregou a fita com as palavras de Claude Lévi-Strauss para que a Academia faça sua documentação, onde transmite à Casa o seu profundo reconhecimento por esta grande distinção que a Academia lhe concedeu.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu muito particularmente ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida por haver se incumbido tão bem de uma missão que, àquela altura, não poderia cumprir porque estava ausente do País. É com muito gosto que a Academia recebe esta fita e as fotos que atestam o momento em que Claude Lévi-Strauss recebeu de sua mão as insígnias das Palmas Acadêmicas.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez um esclarecimento quanto ao horário da primeira palestra do ciclo em homenagem a Afonso Arinos de Melo Franco.
- O Presidente Ivan Junqueira esclareceu que não foi feita a modificação, porém será às 16h 30min porque, às 17h 30min, estará sendo aberta a Exposição Comemorativa do Centenário de Afonso Arinos.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que encontrou a Acadêmica Ana Maria Machado, em Londres, extremamente animada com o início

do seu curso em Oxford. A Acadêmica está também articulando novas formas de aliança da Universidade com a Academia. Este mesmo sentimento de apreço com a Academia Brasileira de Letras pôde identificar na Universidade de Varsóvia, na voz e nas propostas que anunciou que faria para a Academia o Professor Andrzej Dembicz, Presidente do Centro Ibero-Americano. Disse que, ainda hoje, se sente em Varsóvia a presença de Rui Barbosa, nas conferências de Viena e de Versalhes, quando ele se manifestou pela reunificação da Polônia. Há uma gratidão muito grande ao protagonismo do Acadêmico Rui Barbosa que é, inclusive, nome de escolas e auditórios daquela Capital. Disse que se alonga, ainda hoje, com vigor, um vínculo cultural do Brasil com a Polônia, onde se registra também o nome de Ziembinski como grande reformador do teatro brasileiro. O mesmo Ziembinski que é mencionado numa grande entrevista que Sábato Magaldi deu à revista *Continente Multicultural*, de Pernambuco, cujo exemplar encaminhou à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Disse que, além da matéria do Acadêmico Sábato Magaldi, fala-se, nesta revista, da Acadêmica Nélida Piñon como a literatura de resistência, exatamente nesta semana em que ela ainda acrescenta as glórias do Prêmio Príncipe de Astúrias. Registra estes fatos com alegria porque é indiscutível que o reconhecimento a esses acadêmicos contaminam toda a Casa de Machado de Assis.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça as boas notícias que traz da Europa, particularmente do que diz respeito à participação da Acadêmica Ana Maria Machado na Universidade de Oxford, e ao prestígio que, com toda justiça, vem conquistando, cada vez mais, a Acadêmica Nélida Piñon. A seguir, o Presidente comunicou ao Plenário que, em virtude da morte do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, o Acadêmico Tarcísio Padilha irá substituí-lo na Comissão de descarte da Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Acadêmico Eduardo Portella pediu que substituísse a palavra *descarte* por *seleção*. Disse que a Comissão faz uma seleção e existem obras que desaparecem. A palavra *descarte* não tem conteúdo crítico e, conseqüentemente, não corresponde ao esforço dos Membros da Comissão.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que está de pleno acordo com o Acadêmico Eduardo Portella porque, realmente, a palavra descarte é pejorativa e se reduz à pior parte do processo.
- O Presidente Ivan Junqueira, sobre a Ordem do Dia, disse que tem muito menos relação com a sua presença no Festival Mundial de Poesia do Chile do que o que ele representa para os escritores da América Latina. Acha que foi um extraordinário momento de conagração, de contato de leituras partilhadas e, evidentemente, de um movimento de aproximação de poetas de um continente que está separado pela barreira da língua. Quando se fala em América Latina, imagina-se o Brasil dentro do seu contexto. Mas, na verdade, todo o restante dessa nossa América é uma América hispânica e dessa América o Brasil não faz parte. Foi um momento raro de se aproximar a poesia que se escreve em castelhano da poesia que se escreve em português, embora apenas dois representantes da poesia brasileira lá estivessem em Santiago. O encontro esteve constituído de leituras públicas, mesas-redondas e de passeios culturais. Cinco poetas de línguas diferentes fizeram um recital de poesia na maior cidade do deserto de Atacama e, em Santiago do Chile, os recitais foram na Plaza de La Moneda, na Plaza de Armas, no Instituto Goethe no Instituto de Cultura Hispânica. Uma atividade muito grande, muito intensa e que reuniu trinta e cinco poetas da América Latina e do Caribe, da Europa, da Ásia e também dos Estados Unidos e Canadá. Foi convidado para participar, na Embaixada Brasileira, da cerimônia de lançamento dessa edição bilíngüe dos poemas de Gonçalo Rojas, traduzido para português por Suzana Vargas, e João Cabral de Melo Neto, para espanhol. Essa iniciativa data de 2003, quando o então Presidente da Casa Alberto da Costa e Silva iniciou esse convênio tríplice. Esclareceu que, este ano, a Embaixada do Brasil foi a grande patrocinadora desta edição. Economicamente não coube parte alguma à Academia, como havia acontecido com o livro de Gabriela Mistral e Cecília Meireles. Dentro de mais ou menos quinze a vinte dias, a Embaixada Brasileira estará enviando, primeiramente, cinquenta exemplares dessa obra à Academia, quando será feita a entrega aos Acadêmicos. Disse ainda que esse convênio tem tudo para continuar nos próximos anos e já fica programado, para 2006, uma co-edição da

Embaixada Brasileira no Chile com a Academia Brasileira de Letras e a Academia Chilena de la Lengua de uma seleção bilíngüe de poemas de Vicente Huidobro e Manuel Bandeira. No capítulo das Efemérides, passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que falou sobre a vida e a obra de Dom Silvério Gomes Pimenta.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho pediu a transcrição nos *Anais da Academia* do discurso que a Acadêmica Lygia Fagundes Telles fez em Portugal ao receber o Prêmio Camões. Realmente um belo discurso, uma manifestação muito bonita daquela Acadêmica.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez uma bonita exposição sobre a vida e a obra do Acadêmico Dom Silvério Gomes Pimenta, primeiro sacerdote consagrado bispo na vigência do Regime Republicano. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin esse perfil tão preciso e tão oportuno de Dom Silvério Gomes Pimenta, particularmente no que toca a essa linhagem de religiosos por ele inaugurada há tantas décadas. Finalizando, convidou todos os presentes para a palestra do Professor Rui de Oliveira sobre ilustrações de livros a realizar-se às 17h 30min na Sala José de Alencar. Esta palestra está associada à exposição aberta há dois dias, das obras desse mesmo ilustrador, na Galeria Manuel Bandeira. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

PRÊMIO CAMÕES

*Discursos da Acadêmica Lygia Fagundes Telles**

Excelentíssimo Presidente da República Democrática Portuguesa Senhor Jorge Sampaio,
 Excelentíssimo Presidente da República Democrática Brasileira Luiz Inácio Lula da Silva,
 Excelentíssimo Ministro da Cultura de Portugal,
 Excelentíssimo Ministro da Cultura do Brasil.

Meus irmãos Portugueses,

Acima de tudo quero externar minha alegria ao receber o Prêmio Camões – alegria por ter sido lembrada por este Portugal que amo tanto e onde estão minhas mais profundas raízes plantadas na terra-mar de Viana do Castelo. Sim, lá repousa o navegador João Álvares Fagundes com o brasão no qual figuram as armas: Sete Chaves de azul e prata. Com essas chaves o Capitão da Terra Nova teria tentado abrir as Sete Portas dos Sete Mares do século XVI, na epopéia dos descobrimentos. Sim, Álvares Fagundes, nascido por volta de 1470 e logo seduzido pelo misterioso mar profundo na cruzada que iria dar a Portugal as melhores glórias.

O antigo sonho da descoberta e da colonização. O moço fidalgo e navegador morreu em 1527, morreu pobre e cheio de dívidas e dádivas. Jaz sepultado na Igreja Matriz de Vianna do Castelo, na Capela do Santo Cristo. Creio que a vocação está nessa herança que é a predestinação para a vida e

* Proferido em Lisboa, Portugal, por ocasião do recebimento do Prêmio Camões.

para o ofício e no qual está incluído o amor, inútil disfarçar, amamos a vida e lutamos dentro e fora de nós mesmos. Sim, a vida e seu ofício que exige coragem no verde da esperança e no vermelho da paixão, se eu tivesse uma bandeira ela seria verde e vermelha. Nesse vermelho, um laivo de cólera em face do drama das nossas desigualdades sociais.

Hora de plantar e hora de colher. Na plantação, ainda a paciência, a longa paciência na luta pela palavra que precisa ser amada no geral e no particular. O risco. Ousar esse risco que é um desafio: o desafio de pensar e de criar nesta nossa amada língua portuguesa. Mas o estilo, ou melhor, com a forma ou modo brasileiro. Eça de Queirós teria dito, “é um português com açúcar...” Eu diria, é um português com sal. Idioma que consagrou Luís de Camões e consagrou o nosso poeta romântico Gonçalves Dias, aquele mesmo que falou tanto da saudade do sabiá cantando na palmeira. Idioma que consagrou Fernando Pessoa e o nosso Jorge de Lima com sua *Invenção de Orfeu*, de um certo ângulo, *Os Lusíadas* metafísico.

Ao longo de todo esse tempo de escritura, aprendi a lutar com a palavra mas guardando ainda uma certa inocência da criança que corria à procura de borboletas, ah! Como brilhavam meus olhos enquanto escrevia sem a certeza ainda de chegar ao fim da frase. Mas quero confessar aqui, o importante é a intensidade com que buscava o verbo na luta silenciosa e secreta. Pois não disse São Paulo que era mister dar o bom combate? Mas contra quem e a favor de quais interesses?

Sempre soube que se falhasse na busca da palavra, quem haveria de me socorrer? E falhando, a quem culpar? Acaso Deus me abandonou nesses anos ou nós é que o abandonamos quando ficamos mornos, insensíveis diante do drama humano? Quando não sabemos interpretar a homenagem que a palavra escrita presta à vida? Pois não é a arte que restaura a vida? Nem sempre sei. Nunca sei. Sei que é preciso aceitar o desafio da arte. Da loucura. Romper com a falsa harmonia, com o falso equilíbrio que mancha o papel. Afinal, que garantia temos de acertar? De nos convencer que os livros, saídos da nossa pena, expressem aquelas páginas com as quais sonhamos na juventude.

As primeiras sementes vieram daquele tempo, quando eu era uma jovem estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, lá em São

Paulo. A escola tinha sido um antigo convento de frades franciscanos e era tão fria nas manhãs de garoa mas ficava tão quente quando o sol rompia a névoa, ah, o brilho daquele sol rompendo a névoa e invadindo as arcadas do velho pátio. A mocinha de boina era obstinada e essa obstinação prosseguiu na defesa do ofício e idioma. Mais provas da paciência e da coragem nessa massa de tempo que se canaliza na luta para manter o coração e a escrita em boa forma.

Sim, insistimos e resistimos às ameaças quando dizem que já não somos os mesmos, que a literatura é trivial e que já não encontramos lugar no mundo. Os escritores se multiplicando como no milagre dos pães e os leitores se afastando, tantas tentações lá fora, a palavra na moda é *evento*. Onde estão os leitores desta *Terra em Transe*? Os equívocos cúmplices, sim, os leitores...

Recorro ao poeta português que morreu jovem, Sebastião da Gama:

*É pelo Sonho que vamos
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos
é pelo Sonho que vamos...*

Penso ainda no antigo ancestral, Álvares Fagundes, e que teria legado a esta remota descendente as Sete Chaves que abririam os segredos da minha vocação. Sinto, às vezes, que fui além das quintas da infância naquela cidade de Sertãozinho. Sobrevoei São Paulo, meu Estado, cruzei o Brasil e cheguei a Lisboa. Sei que há razões para estar aqui e receber o Prêmio Camões, homenagem ao Poeta maior. Resta-me agradecer comovida este belo momento da minha vida. Sim, meus caros amigos, estou muito grata.

DOM SILVÉRIO GOMES PIMENTA

*Estudo do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Dom Silvério Gomes Pimenta, nascido em Congonhas do Campo em 12 de janeiro de 1840, tornou-se não apenas o primeiro prelado a ingressar na Academia, mas também, em 1890, o primeiro sacerdote consagrado bispo na vigência do regime republicano. Negro, de família humílima, órfão de pai aos 4 anos, foi caixeiro e sapateiro. Estudou graciosamente em escolas religiosas. Aos 16 anos já ministrava aulas de Latim; algum tempo depois, dedicou-se igualmente ao magistério de Filosofia e História Universal. Na docência do Latim, teve entre seus alunos Augusto de Lima, futuro membro da Academia Brasileira de Letras.

Tomou posse na Cadeira 19 da Academia em 28 de maio de 1920, sucedendo ao jornalista Alcindo Guanabara, em memorável sessão onde, a rigor, chocaram-se a evocação benévola do falecido trazida ao prosclênio pelo arcebispo e o acerto de contas póstumo desferido contra o jornalista pelo escritor Carlos de Laet, monarquista e católico, antigo desafeto de Alcindo. Se Guanabara já fora controverso em vida, continuou a sê-lo em morte. Dom Silvério, elegantemente, realçara as qualidades do antecessor e ainda tentara localizar, em seus escritos, declarações ou indícios que lhe contradissem a arraigada fama de ateu. Mas Laet, polemista de verbo afiado e verve ferina, insinuou, com demolidora ironia, tratar-se de um curioso caso de conversão religiosa *post-mortem*, e, omitindo o nome do inimigo, destilou toda a causticidade do famigerado episódio do “a favor ou contra Jesus Cristo”.

* Apresentado na sessão do dia 27 de outubro de 2005.

Na bibliografia que deixou, citam-se *O Papa e a Revolução*, sermões (1873), *Peregrinação a Jerusalém* (1897), *Cartas Pastorais 1890-1922*, além de diversos sermões, orações, conferências, poesias latinas em periódicos. Mas, dentre toda sua produção, destaca-se, de 1876, a *Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana e Conde da Conceição*. Dom Antônio ordenara Silvério Gomes Pimenta na cidade de Sabará, em 1862, e seria um de seus antecessores no bispado de Mariana. Em 1906, o papa Pio X elevou a diocese da cidade à categoria de arquidiocese. Dom Silvério, à época o nono bispo de Mariana, transformou-se, assim, no seu primeiro arcebispo. Sua obra, cujo padrão estilístico é comparado ao de frei Luís de Sousa, não foi contemplada com reedições, e tornou-se de difícil acesso, quer em alfarrabistas, quer em bibliotecas públicas ou particulares. Todavia, a devoção ao arcebispo foi bastante para perpetuar-lhe a memória numa cidade mineira, a antiga Saúde, situada na Zona da Mata, e que desde 17 de dezembro de 1938 se denomina Dom Silvério. Outro registro a não se negligenciar é o da viagem que, em 1919, Mário de Andrade realizou a Mariana. Além de protagonizar um célebre encontro com Alphonsus de Guimaraens (poeta que, certamente, mereceria ter figurado entre os membros da Academia), Mário também visitou o arcebispo.

Menos de 24 meses ocupou Dom Silvério a Cadeira 19. Falecendo em 30 de agosto de 1922, foi sucedido em 7 de maio de 1923 por Gustavo Barroso. Inaugurou, na Academia uma linhagem de ilustres nomes da esfera religiosa, de que foram exemplos, no passado, o arcebispo D. Francisco de Aquino Correa, o monge beneditino D. Marcos Barbosa e o arcebispo D. Lucas Moreira Neves, linhagem hoje representada por nosso estimadíssimo confrade e amigo Padre Fernando Bastos de Ávila.

SESSÃO DO DIA 3 DE NOVEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Hélio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 27 de outubro. Após reparo feito pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, a ata foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico Miguel Reale, que aniversaria no próximo dia 6 do corrente.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa, pela ordem, pediu uma salva de palmas para o Presidente Ivan Junqueira, que comemora hoje o seu aniversário.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, ao dar o seu depoimento sobre o festival de Chihuahua, no México, lamentou que seja o Brasil um dos raros países do mundo em que não se realiza festival internacional de poesia. Lembrou

que está no Rio de Janeiro há sessenta anos, e nesse largo período nunca ocorreu a nenhuma autoridade, nem Estado, nem Ministério de Cultura, organizar um festival internacional de poesia. De tal forma que os poetas brasileiros se sentem até exilados em seu próprio país. O fato de ser o Brasil o único país da América do Sul que fala português ainda torna mais exacerbado esse exílio, inclusive porque a única porta para o poeta brasileiro obter alguma projeção, algum reconhecimento no exterior, é exatamente a porta da língua espanhola, a porta de todos os países que falam espanhol. O Presidente Ivan Junqueira sabe disso muito bem, porque acabou de chegar de uma viagem triunfal ao Chile, onde foi muito aplaudido, inclusive como único representante da poesia de língua portuguesa. Disse que, felizmente, esses países da América Latina são férteis em festivais. Discorreu sobre as vantagens desses festivais, que permitem ao poeta brasileiro conhecer companheiros de outros países e também ser ouvido na sua língua original e lido em traduções, por públicos diferentes, projetando o nome do Brasil. Considera muito importante o encontro de poetas brasileiros com poetas de outros países. Esse Congresso de Chihuahua, de que participou, foi muito amplo. Não foi só de poesia, foi um congresso cultural que teve mil participantes, dos quais quinhentos convidados, no plano da poesia, da ficção, do teatro, da dança e da música. Do ponto de vista da poesia, foi muito importante porque permitiu ao poeta brasileiro uma informação atualizada dos processos de criação dos outros países e dos problemas de edição. Disse que foi uma satisfação participar desse festival e também de outro, que se realizou, logo a seguir, em El Salvador. Foi também um festival importante. Vieram poetas da Rússia, da Alemanha, da Itália, do Canadá e de quase todos os países da América Latina. A curiosidade desses poetas, em relação à poesia brasileira, era muito grande. Deu como exemplo um poeta mexicano que queria obter as poesias completas de Sousândrade, porque considerava que Sousândrade, antes de Ezra Pound, celebrou o capitalismo norte-americano. Disse que um festival de poesia é uma operação econômica complexa, porque exige uma grande parceria do Estado, com instituições privadas, e também pesquisa e uma tecnologia avançada. Enfim, uma grande mobilização em várias áreas para tornar a estada dos poetas agradável. Deseja que um dia

o Brasil entre por esse caminho para dar aos novos poetas a oportunidade de enfrentar a concorrência com a linguagem da televisão, do cinema e várias outras. Congratula-se com o Acadêmico Ivan Junqueira pela sua participação no Festival Mundial de Poesia no Chile, enquanto ele se encontrava em Chihuahua, no norte do México.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo por esse depoimento, não só por ele dar conta do que foi sua participação pessoal nesses festivais mas, sobretudo, pela observação muito oportuna que ele fez com relação a essa verdade desoladora de que o Brasil jamais realizou um festival internacional, nem nacional, de poesia. Discordou do Acadêmico Lêdo Ivo na referência que fez da sua passagem no Chile, que foi apenas fugaz.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila pediu a palavra para agradecer a atenção de tantos amigos desta Casa durante a crise vascular pela qual passou. Disse que recebeu telefonemas e visitas, desde o Presidente da Casa até dos funcionários que, com muito carinho, ligavam para saber da sua saúde. Espera, a partir de agora, participar normalmente das sessões da Academia.
- O Presidente Ivan Junqueira disse da alegria com que esta Casa recebe hoje o Pe. Fernando Bastos de Ávila de volta. Confessou a sua impaciência por essa reestréia.
- O Acadêmico Carlos Nejar apresentou e encaminhou à Biblioteca Rodolfo Garcia a obra de um grande poeta e grande crítico que é César Leal, que honra Pernambuco e também o Brasil. Nesta obra, em dois volumes, intitulada *Dimensões Temporais na Poesia e Outros Ensaios*, César Leal juntou ensaios importantes sobre Thomas Mann, Machado de Assis, Jorge de Lima, Dante, Camões, Fernando Pessoa, José Régio, Manuel Bandeira, Emílio Moura e muitos outros contemporâneos.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar a preciosa doação que faz à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Disse que conhece, há muito tempo, o trabalho do ensaísta César Leal. Passou a palavra ao Acadêmico Eduardo Portella, que vai nos falar um pouco do que foi a sua participação, como representante do Governo brasileiro, nas

comemorações dos sessenta anos da UNESCO, em Paris. Relembrou que o Acadêmico Eduardo Portella ocupou, e ainda ocupa, cargos de relevante significação nessa Agência especializada das Nações Unidas.

- O Acadêmico Eduardo Portella, em primeiro lugar, solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Carlos Nejar sobre o poeta César Leal, que é simultaneamente um poeta e um crítico. Disse que essa combinação não é muito freqüente. Aliás, acredita muito pouco nela. Tem a tendência a supor que os poetas se projetam, autobiograficamente, no exercício crítico e só são capazes de gostar de si mesmos; mas existem exceções, como sempre. A história da literatura universal está cheia delas e, no caso específico que o Acadêmico Carlos Nejar acaba de lembrar, trata-se de um ensaísta de grande fôlego e de um poeta com uma voz muito marcante. Com referência à Conferência Geral da UNESCO, disse que foi surpreendido, certamente por sugestões de alguns amigos, com a nomeação do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ser Delegado do Brasil junto à Conferência Geral da UNESCO, justamente a que festejava, festejou e está festejando os sessenta anos da UNESCO. Essa Instituição foi criada com uma aguda participação brasileira representada, na época, pelo Embaixador e Acadêmico Paulo Carneiro, que teve a sua carreira interdita nos idos de sessenta e quatro pelo arbítrio e autoritarismo. Lembrou que teve a honra de restaurar os seus direitos políticos e lhe deu a presidência de uma conferência, que se realizaria na Suíça, sobre Educação. Recordou que a UNESCO foi criada sobre os escombros da Segunda Guerra Mundial, como todo o sistema das Nações Unidas. Sucedeu com mais eficácia à Sociedade das Nações e agora, aos sessenta anos, reelegeu como Diretor daquele órgão Koishiro Matsuura, Embaixador do Japão, que fez o primeiro mandato sóbrio, mas, sem dúvida, muito cauteloso e prudente na regularização das finanças. Disse que isso tudo acontece no momento em que o multilateralismo se oferece como uma alternativa praticamente única. Afirmou que daquele panorama da guerra fria, do após-guerra, surgiu a guerra quente dos dias atuais e todo o itinerário acidentado que se desenha neste momento. Acentuou que a UNESCO procurou contribuir, fundamentalmente, para o desenvolvimento desses países no âmbito da educação, da cultura, da ciência e da comunicação. Acordos

multilaterais, cooperações diversas, foram sendo empreendidos com uma regularidade e um saldo extremamente positivo. Salientou que a UNESCO, olhando para atrás dos seus sessenta anos, tem feito jus à Ata de fundação e tem desempenhado um trabalho exemplar. Nessa Conferência houve uma questão particularmente cara para todos, que foi a questão da diversidade cultural, que se choca com o problema do comércio cultural. Afirmou que a UNESCO teve agora um debate muito caloroso sobre até que ponto a diversidade cultural perturba ou fortalece as identidades nacionais; até que ponto a diversidade cultural é um retorno ao fundamentalismo e, também, até que ponto ela se abre para uma nova convivência internacional. Curiosamente a UNESCO saiu vencendo. A Resolução da Diversidade Cultural foi assinada por todos os países presentes, com exceção dos Estados Unidos e Israel. Discorreu sobre a posição do Brasil, que é um tanto delicada na medida em que ele tem produções culturais autônomas, tem uma riqueza regional impressionante mas, ao mesmo tempo, já começa a ser um país industrial do ponto de vista da cultura. O Brasil ficou nessa posição mas predominou a diversidade cultural nacional e, com isso, ele votou, numa assembléia polêmica cheia de discussões, pela diversidade cultural. Isso já representa uma postura de altivez do Brasil, que não é tão freqüente, na política externa do país. Acredita que foi uma conferência que representou o interesse nacional. Disse esperar que a UNESCO consiga alcançar mais sessenta anos sendo fiel à sua Constituição e possa representar, não uma homogeneidade própria da indústria cultural, mas sobretudo capaz de identificar as diferenças que se espalham pelo mundo afora.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella estas palavras de verdadeiras alvíssaras sobre a juventude da UNESCO e também do papel do Brasil, sobretudo no que diz respeito à diversidade cultural. Lembrou que quando serviu às Nações Unidas, entre 1970 e 1978, havia uma videoteca que emprestava filme e havia duas fitas sempre retiradas pelos usuários desse escritório. Uma delas era sobre a salvação de Veneza e a outra era sobre a Operação Núbia, que impediu que os monumentos de Abu Simbel fossem tragados pela represa de Assuã. Disse que é um consolo e uma enorme alegria ter o Acadêmico Eduardo

Portella permanentemente vinculado a essa Agência do Sistema das Nações Unidas.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet discorreu sobre a visita que fez à Academia Brasileira de Letras o grande machadólogo inglês John Gledson, que se encontra atualmente dando um curso de pós-graduação na Universidade de Florianópolis. Esteve no Rio de Janeiro e manifestou o desejo de conhecer o Centro de Memória e o Arquivo da ABL, sobretudo no que diz respeito a Machado de Assis. Ficou impressionadíssimo com a boa qualidade do atendimento, com a perfeição técnica das instalações e apreciou muito o site sobre Machado de Assis. Muito se emocionou quando pôde tocar fisicamente nos originais de *Esau e Jacó*. Disse saber que o Presidente Ivan Junqueira trabalhou com esses originais e perguntou se não seria o caso de que, para 2008, se fizesse, ou atualizasse, uma edição crítica. Essa foi uma sugestão dada pelo Professor John Gledson, que escreveu um livro sobre o romance esquecido de Machado de Assis, *A Casa Velha*, e que ele conseguiu resgatar. Salientou que, uma das contribuições dadas pelo Prof. Gledson aos estudos brasileiros sobre Machado de Assis foi tentar refutar a idéia de que Machado de Assis era politicamente indiferente ao que se passava no Brasil. O Professor John Gledson conseguiu rastrear, de uma forma minuciosa, a presença de todos os episódios marcantes da história do Brasil na obra de Machado de Assis, direta ou indiretamente. Quis que ficasse registrada essa passagem do Professor John Gledson no Brasil e, através dessa informação, manifestar, na qualidade de Diretor do Arquivo, a sua posição de endossar os elogios feitos pelo Prof. Gledson ao grande trabalho que se realiza no Arquivo e no Centro de Memória da ABL.
- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre o Professor John Gledson, esse grande machadólogo, que pessoalmente não conhecia e que foi apresentado no saguão da ABL pela Coordenadora do Centro de Memória, Irene Moutinho. Quanto à sua participação na edição crítica de *Esau e Jacó*, disse que foi quando ajudou, durante algum tempo, ao saudoso Elcio Martins na preparação dos originais de *Esau e Jacó* para a Comissão Machado de Assis do Ministério da

Educação e Cultura. Não sabe se essa edição crítica foi publicada porque logo depois Elcio Martins faleceu.

- O Acadêmico Antonio Olinto disse que hoje é dia de festa com os quarenta anos de *Coronel, Coronéis*, e dia de festa também para ele, pelos dezoito anos da tradução desta obra para o inglês, por Vera Hallam, com o título *Lords of the Backlands*, lançada por ele e por outro editor inglês na maior livraria do mundo, que era então a Foyles Bookshop. Na Inglaterra, o livro fez muito sucesso porque foi distribuído para todas as Universidades inglesas e americanas. Deixou um exemplar para a Biblioteca da ABL para que ela tenha uma tradução que mostra a política do Brasil e a política do Nordeste, lá fora, durante todo esse tempo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto pela notícia de sua participação na divulgação da literatura brasileira no exterior. Papel que ele cumpriu com extrema eficácia quando foi adido cultural em Londres.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos*, publicado pela Editora da UNESP. Trata-se de um admirável trabalho sobre a formação intelectual de Gilberto Freyre, com ênfase no fascínio que sobre ele exerceu a Grã-Bretanha, notadamente por meio dos escritores vitorianos e, entre estes, dos vitorianos antivitorianos, como John Ruskin, Walter Pater, William Morris, George Gissing, Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton e W. B. Yeats. Seria com eles que o jovem Gilberto aprendeu a observar, a pensar e, sobretudo, a escrever. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva a doação que acaba de fazer à Biblioteca Rodolfo Garcia e, em sua exposição, aos elogios muito justos que faz à autora deste livro sobre Gilberto Freyre, Maria Lúcia Pallares-Burke.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto o registro sobre o seu livro *Coronel, Coronéis*. Agradeceu também aos Acadêmicos Eduardo Portella, que é uma espécie de fundador da

idéia do livro, Alberto Venancio Filho e Alberto da Costa e Silva como patronos e generosos na interpretação do livro. Finalizando, agradeceu por ele e pelo escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque toda manifestação de carinho.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que Eduardo Portella falou em Koichiro Matsuura, mas não falou em Federico Mayor. Durante as décadas que esteve à frente da UNESCO teve como seu Diretor Geral Adjunto Eduardo Portella. É um dos poucos brasileiros que, ao mesmo tempo, presidiu a Assembléia Geral e teve uma direção fundamental ao lado de Federico por todo este período. Não é o momento de dizer tudo que a UNESCO deve ao Acadêmico Eduardo Portella. Salientou apenas o que ele fez no livro monumental *Sobre a Rota da Seda* e o modo pelo qual tudo que se fala hoje sobre interpenetração cultural que vem de uma visão compreensiva do fenômeno da cultura, que tem no Acadêmico Eduardo Portella um baluarte e uma instigação pioneira. Salientou que nesse quadro de UNESCO e Brasil não se pode deixar de falar dos embaixadores que o Brasil teve junto a UNESCO, Acadêmicos Carlos Chagas Filho e Josué Montello, e tantos nomes que marcam essa prenhe histórica pela qual nos fecundamos por gerações. Disse que, nos doze anos que acompanhou a UNESCO, presidiu o Conselho de Ciências Sociais e uma biblioteca internacional de Ciências Sociais, onde lhe coube indicar os livros seminais das Ciências Sociais brasileiras durante o último meio século e, entre eles, está evidentemente o livro *Coronel, Coronéis*, que terá uma circulação inicial feita pelo próprio conselho e acha que é indissociável de obra chave, onde tantos dos que se encontram na Casa, de Helio Jaguaribe a Sergio Paulo Rouanet, têm também a sua contribuição no que deve ser cada vez mais uma presença internacional de uma literatura especializada do Brasil, que vive ainda cercada do castigo da língua. Finalizando, disse que o Conselho Universitário da Universidade Candido Mendes homologou, na segunda-feira passada, o Prêmio Moacyr Félix de Oliveira. Esse prêmio será de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) ao ano e a Universidade decidiu que entregaria a gestão desse prêmio a Academia Brasileira de Letras. A idéia é de que o prêmio seja para revelação poética do ano. A Academia determina uma Comissão de poe-

tas da Casa para outorgar este prêmio, anualmente, no que deve ser a lembrança do escritor Moacyr Félix. Lembrou os 65 anos da Pontifícia Universidade Católica, que tem tanto a ver com a Academia Brasileira de Letras.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida todas as palavras e parabenizou não apenas pelo aniversário da PUC mas também pela criação do Prêmio Moacyr Félix.
- O Acadêmico Eduardo Portella agradeceu as generosas palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Disse que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida é a generosidade em pessoa e tem sido, ao longo da vida, um dos beneficiários dessa generosidade. O Acadêmico Candido Mendes de Almeida tem sido um protagonista da UNESCO contemporânea, em diferentes fóruns, falando impecavelmente as línguas estrangeiras e com capacidade de formulação e de reflexão. No caso do Ano França-Brasil, foi salvo por Candido Mendes de Almeida. Cada apresentação que fazia, ou fecho de cada expositor, ele levantava o tema e dava uma outra dimensão. Congratulou-se com as manifestações do livro *Coronel, Coronéis*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, e disse que a Editora Tempo Brasileiro teve o orgulho e a honra de lançar a primeira e a segunda edições. Tudo que se disse é realmente um marco na compreensão da mudança, da transformação da sociedade agrária para a urbana, todos os seus vícios, as perversidades, as suas dificuldades e a sua representatividade.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Helio Jaguaribe, no *Jornal do Brasil*, sobre Afonso Arinos de Melo Franco. Disse que o ponto mais relevante desse artigo é que se trata de duas pessoas cujas posições políticas não coincidiam e que, em sua maturidade, ambos foram capazes de se aproximar e de desenvolver um diálogo produtivo. Registrou que está no Memorial Getúlio Vargas uma exposição dos desenhos de guerra de Carlos Scliar, com o texto do Acadêmico Moacyr Scliar. Trata-se de um único registro de um artista sobre a guerra. Carlos Scliar foi um pracinha e, além da qualidade técnica dos desenhos, chamou a sua atenção o lado humano, a vida dos soldados, e não a violência da guerra.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho estes dois registros oportunos que fez ao plenário. Pediu ao plenário para adiar a Ordem do Dia para a próxima semana. Lembrou ao plenário que este ano se comemora o centenário de nascimento do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares e que está presente a sua filha, Ana Lúcia Lyra Tavares, que é professora de Direito Romano da PUC e procuradora da Fazenda. No capítulo das Efemérides, passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez uma bonita apresentação da vida e da obra do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a belíssima exposição sobre o saudoso Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, para completar o aspecto do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares e a profunda convivência dele com as Academias, a Brasileira e a Francesa, lembrou a frase do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares: “As alegrias são civis e a minha maior é a de ser membro da Academia Brasileira de Letras”.
- O Acadêmico Carlos Nejar, reiterando o trabalho apresentado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, lembrou que o Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares reformou, em Paris, a Casa Brasil e França para os estudantes brasileiros que lá estudavam. Observou o tratamento humano, que lembra com muita saudade. Grande estudioso, historiador, militar, além do homem empreendedor e ligado ao Rio Grande do Sul por sua esposa, D. Isolina.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou um episódio, que consta da biografia do Acadêmico Austregésilo de Athayde, sobre a participação do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares na construção do prédio que leva o nome de Palácio Austregésilo de Athayde. Na ocasião, a Academia possuía o prédio em doação do Governo Federal. No entanto, não poderia fazer qualquer construção que mudasse sua fisionomia arquitetônica. Segundo depoimento do próprio presidente, na época, foi por intermédio

do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares que ele foi levado até o Governo, que propôs a desoneração desse tipo de prejuízo que tinha o prédio. Foi, então, por sugestão do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares que o Presidente Médici pediu ao então chefe da Casa Civil, Professor Leitão de Abreu, que enviasse um projeto de lei, para uma doação completa do prédio à Academia Brasileira de Letras. Disse que o Presidente Austregésilo sempre falava da participação fundamental que o Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares teve na construção do patrimônio desta Academia.

- O Presidente Ivan Junqueira, antes de encerrar a sessão, aproveitou para nomear a comissão que se ocupará da escolha do Prêmio de Poesia Moacyr Félix: os Acadêmicos Lêdo Ivo, Carlos Nejar, Antonio Carlos Secchin, Alberto da Costa e Silva e Ivan Junqueira.
- A Doutora Ana Lúcia de Lyra Tavares agradeceu aos acadêmicos as palavras, a presença e a lembrança, porque essa homenagem emocionaria seu pai, que vinha para a Academia com uma enorme alegria.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que Afonso Arinos de Melo Franco era muito amigo de Ana Lúcia Lyra Tavares e lhe disse que, nunca na vida dele, tivera uma assessora mais competente e dedicada do que ela, na Comissão de Estudos Constitucionais que presidiu, por indicação do presidente eleito Tancredo Neves e nomeação do presidente José Sarney, para preparar o anteprojeto da Constituição de 1988.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho conheceu a Doutora Ana Lúcia de Lyra Tavares e foi testemunha de que o Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco falava com elogio do trabalho que ela fazia como sua assessora.
- O Presidente Ivan Junqueira convidou a todos para a Exposição do livro *Coronel, Coronéis*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e do escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque, às 17h 30min, no saguão do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

GILBERTO FREYRE, UM VITORIANO DOS TRÓPICOS,
DE MARIA LÚCIA GARCIA PALLARES-BURKE

*Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Louvo e entrego à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke *Gilberto Freyre: um Vitoriano dos Trópicos*, publicado pela editora da Unesp. Trata-se de um admirável trabalho sobre a formação intelectual de Gilberto Freyre, com ênfase no fascínio que sobre ele exerceu a Grã-Bretanha, notadamente por meio dos escritores vitorianos e, entre estes, dos vitorianos anti-vitorianos, como John Ruskin, Walter Pater, William Morris, George Gissing, Lafcadio Hearn, Chesterton. Seria com eles que o jovem Gilberto aprendeu a observar, a pensar e sobretudo a escrever.

Uma das muitas novas luzes que esse livro lança sobre a trajetória de Gilberto Freyre refere-se à sua adesão às idéias de Franz Boas. Ao contrário do que se pensa, e tantas vezes o afirmou Gilberto, Maria Lúcia Pallares-Burke nos mostra, apoiada nos próprios textos gilbertianos da época, como só lentamente e já distante de seus dias na Universidade de Coimbra, foi ele convertido das idéias eugenistas e do racismo vestido de ciência que predominava nos Estados Unidos e na Europa nas primeiras décadas do século XX para o pensamento de Boas.

Em seu livro Maria Lúcia Palhares Burck destaca o papel reconhecido mais de uma vez pelo próprio Gilberto Freyre de Edgar Roquette-Pinto no

* Proferidas na sessão do dia 3 de novembro de 2005.

processo de revelação intelectual que o levaria a valorizar a mestiçagem e a presença do índio e do negro na formação e na vida brasileiras. E revela-nos o quanto, nesse processo, Gilberto ficou devendo a Lafcadio Hearn, autor que jamais deixou de ler com encantamento, sobretudo o Lafcadio Hearn de *Two Years in the French West Indies*, no qual beleza e mulatice se equivalem.

Ressalta também Maria Lúcia Palhares Burck a fecunda troca de idéias que manteve Gilberto com o colega de Colúmbia, o alemão Rüdger Bilden, cujos dois trabalhos publicados, “Brazil: Laboratory of Civilization” (1929) e “Class Relations in Latin América” (1931) acompanham, a revelar a fecundidade do diálogo entre duas robustas inteligências jovens, o mesmo jeito de refletir sobre o Brasil que caracterizaria *Casa-grande & Senzala*. O primeiro desses ensaios anteciparia, penso eu, as linhas mestras de interpretação do Brasil.

Gilberto sempre considerou os dias em que viveu em Oxford como os mais felizes de sua vida. A esses dias dedica Maria Lúcia algumas das melhores páginas de seu livro, tratando inconfidências do próprio Gilberto, que se poderiam ter por embaraçosas, com uma naturalidade e delicadeza que me causaram inveja.

Relato da formação de um grande espírito, *Gilberto Freyre: um Vitoriano dos Trópicos* é também a história da persistência das Ilhas Britânicas até o fim da vida na sua feição e nos seus cuidados e da importância que tiveram, como acentua Maria Lúcia Pallares-Burke, na sua maneira de pensar e de sonhar.

É este livro que eu entrego à Biblioteca da Academia.

AFONSO ARINOS, ACADÊMICO E ESTADISTA

Helio Jaguaribe*

Na data em que escrevo estas linhas, 1.º de novembro de 2005, a Academia Brasileira de Letras inaugura a exposição “Afonso Arinos, Acadêmico e Estadista”. Afonso Arinos de Melo Franco foi, com San Tiago Dantas, de quem era grande amigo, um dos mais universais homens do Brasil de seu tempo. Como San Tiago, a trajetória de Afonso Arinos se diferencia em dois períodos distintos, não apenas porque correspondam às fases, respectivamente, de juventude e de maturidade, mas porque, em ambos, o transcurso do tempo os conduziu a uma importante reformulação de suas visões do mundo.

San Tiago foi integralista, no início de sua vida pública, tendo integrado a Câmara dos Quarenta. Na medida em que o integralismo se foi afastando de suas posições originárias, que eram as de um nacionalismo verde-amarelo, e se foi aproximando do fascismo italiano, o humanismo de San Tiago dele o afastou, rompendo formalmente com o movimento. Depois de um período de intensa e profícua atividade forense, San Tiago comprou de Elmano Cardim o *Jornal do Commercio* e voltou à vida pública, sustentando posições social-democratas.

Afonso Arinos, signatário do “manifesto dos mineiros” e ardoroso adversário do Estado Novo, manteve sua hostilidade a Vargas durante seu segundo governo, mas procedeu a uma ampla revisão de suas idéias no período pós-Vargas, assumindo, como San Tiago, uma posição social-democrata. Foi

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 1.º de novembro de 2005.

ministro do Exterior do governo Jânio Quadros e, nessa qualidade, rompeu o tradicional alinhamento automático do Brasil com os EUA, inaugurando o período de política externa independente. San Tiago, que o sucederia no governo parlamentarista, deu prosseguimento a essa orientação, dela fazendo uma política de Estado, a qual, com breves interrupções, vem sendo mantida pelo Brasil.

Tive a oportunidade de conhecer, pessoalmente, Afonso Arinos quando participei da Comissão Afonso Arinos, por ele dirigida, tendo por fim elaborar uma proposta de nova Constituição. Nessa oportunidade, em assíduo contato com ele, pude constatar sua enorme competência, seu altíssimo espírito público e a forma superiormente adequada como conduziu os trabalhos da comissão, estimulando as contribuições positivas e desencorajando as inconvenientes. O resultado foi uma boa proposta da constituição parlamentar que, embora não aproveitada, influenciou significativamente a futura Constituição. Esta, entretanto, incorporou à orientação parlamentarista da proposta da Comissão Arinos um desfecho presidencialista, assim gerando inconseqüências que se fazem sentir na aplicação da nova Carta.

Como inicialmente ressaltai, Afonso Arinos era um grande espírito universal, eminente em todos os domínios que abarcou, como humanista, jurista, historiador, ensaísta e homem público. A maturidade converteu o ímpeto partidário de sua juventude num abrangente e sábio ímpeto público. Tornou-se extremamente tolerante, no que se refere a legítimas divergências de idéias e de posições políticas, dentro de uma grande intransigência em tudo o que se referisse à moralidade da conduta e ao interesse público.

Mantive com ele, nos últimos anos de sua vida, um freqüente convívio. Sua conversação, como a de Goethe, abrangia, com alta competência e lucidez, todos os domínios das humanidades. Tinha um profundo sentido histórico-sociológico dos eventos nacionais e internacionais, como o revelam seus ensaios e escritos mas, particularmente, sua conversação, a que faltou um Eckerman para gravá-la.

Entre tantas coisas sobre as quais conversamos, tive a oportunidade, depois que nossa amizade se consolidara, de discutir com ele a figura de Vargas e sua trajetória, do liberalismo dos anos 20 e 30 ao salazarismo do

Estado Novo e às posições social-democratas de seu segundo governo. A despeito de remanescentes discordâncias, nossas opiniões sobre Vargas se tornaram muito coincidentes. Recordo-me que, a esse respeito, uma vez lhe disse: Afonso, você mudou muito. Ele, com magnânima cordialidade, retrucou: Helio, você também mudou muito.

Tive o prazer de contribuir para que Afonso Arinos se candidatasse, nos seus últimos anos, a uma cadeira de senador pelo Rio de Janeiro e fosse confortavelmente eleito. Exerceu a senatoria com aquela combinação de energia, de serenidade, de superior competência e de lucidez que o caracterizava. Dele guardo, saudosamente, a mais alta recordação.

AURÉLIO DE LYRA TAVARES

*Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Ivan Junqueira. Senhores Acadêmicos.

Senhora Professora Ana Lúcia de Lyra Tavares, representante aqui de sua mãe, D. Isolina, e de sua irmã, Taís.

Tentarei cumprir, da melhor forma possível, a missão que recebi de V. Ex.^a para falar sobre a Efeméride do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares, que, se vivo fosse, estaria, na próxima segunda-feira, dia 7, completando justamente cem anos de idade, porque nascido em João Pessoa, nesse mesmo dia deste mesmo mês de novembro do ano de 1905.

Seu pai, João Lyra Tavares, foi senador paraibano na chamada República Velha, famoso por um projeto de aumento de vencimentos do funcionalismo público; seu tio, Augusto Tavares de Lyra, foi Ministro do Tribunal de Contas da União (antecessor aqui do nosso estimado Acadêmico Marcos Vilaça) e foi também membro do Instituto Histórico, tendo escrito vários estudos sobre a História brasileira nos tempos do Império e da República.

Ele teve como irmãos o Sr. Paulo Lyra, ex-chefe da Casa Civil do Presidente interino Nereu Ramos; o Reitor João Lyra Filho, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e Roberto Lyra, meu Professor de Direito Penal.

Ele foi também o quinto paraibano a ter assento nesta Academia.

* Apresentado na sessão do dia 3 de novembro de 2005.

Os outros quatro conterrâneos que o antecederam foram: Pereira da Silva, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego e José Américo de Almeida, além de mais dois, Ariano Suassuna e Celso Furtado, que lhe foram posteriores e aos quais fez questão de dar os seus votos.

Não foi o primeiro militar a empossar-se nesta Casa.

Antes dele, tinham sido fundadores e primeiros ocupantes: o Major Urbano Duarte e o Visconde de Taunay, engenheiro-geógrafo do Exército, que participou da expedição militar retratada na *Retirada da Laguna*, originalmente escrita em francês e traduzida depois pelo seu filho Afonso d'Escragnonle, que, à semelhança do Visconde, seu pai, foi membro desta Academia, um na Cadeira I3 e outro na Cadeira número I.

Também militares eram os acadêmicos: Tenente Euclides da Cunha, Coronel Gregório Fonseca, os generais Dantas Barreto e Lauro Müller e o Almirante Artur de Jaceguai.

Mais ou menos nessa mesma época, a Academia Francesa era integrada pelos marechais Liautey, Franchet, Foch, Pétain, Joffre, Juin e pelo General Weygand.

Em 1925, o cadete Aurélio foi declarado Aspirante na Arma de Engenharia do Exército. Quatro anos depois, em 1929, formava-se em Direito pela Faculdade Nacional e depois diplomava-se em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil.

Era, assim, um militar, advogado e engenheiro.

- Em 1943, foi Observador Militar junto ao Exército norte-americano nas operações de invasão do norte da África.
- Em 1944, foi Membro do Estado-Maior especial na organização da F.E.B.
- Em 1948, chefiou a Missão Brasileira na ocupação da Alemanha.
- Em 1956, comandou a Escola Superior de Guerra.
- No dia 15 de março de 1967, durante os governos militares, foi nomeado Ministro do Exército.

- Entre 1.º de setembro e 30 de outubro de 1969, em consequência de uma trombose que afastou o Marechal Costa e Silva da Presidência da República, o General Aurélio de Lyra Tavares participou da Junta Militar que governou o Brasil durante 60 dias, um período autoritário de muitas injustiças, cassações, seqüestros, perseguições e violências.

Seus colegas do triunvirato militar ofereceram-lhe a Presidência da República, que ele simplesmente recusou, preferindo ser Embaixador do Brasil na França, durante os quatro anos seguintes, quando, com seu prestígio entre os governos militares, conseguiu do então Ministro Delfim Neto, da Fazenda, o dinheiro suficiente para a compra da nova sede da Embaixada brasileira em Paris, que se transferiu da Avenue Montaigne, 45, para o Cours Albert Premier, em frente ao Sena.

Antes de assumir a Embaixada em Paris, elegeu-se em 23 de abril de 1970 para a Cadeira número 20, desta Academia, que tem como patrono Joaquim Manuel de Macedo; como fundador Salvador de Mendonça e como seus antecessores Emílio de Menezes, Humberto de Campos e Múcio Leão.

Em seu discurso de posse, disse o novo Acadêmico:

“Após ter sido soldado do Brasil, e sob outro uniforme, volto, agora, a servir ao meu País, em missões diferentes, porém não menos relevantes e que, desde muito cedo, também sempre estiveram na minha vocação.

Na verdade, são duas carreiras que se ligam nos planos do espírito e da ação: a do militar e a do escritor.”

Referiu-se depois ao discurso de Joaquim Nabuco, pronunciado na sessão inaugural desta Academia, quando, como seu Secretário-Geral, e na presença de acadêmicos monarquistas e republicanos, libertários e escravocratas, sustentou o seguinte:

“Aqui não deve haver política, mesmo quando temos de concordar na discordância.”

E repetiu uma opinião de Stendhal, citada pelo confrade Josué Montello, que é, por sinal, o nosso maior estudioso da obra stendhaliana. Eis a opinião:

“A política na literatura é como se fosse um tiro de pistola, disparado num concerto.”

Coube ao Acadêmico positivista Ivan Lins, que fora o seu grande cabo eleitoral, saudar na posse o Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares, seu companheiro no positivismo, quando declarou: “Autor de mais de 30 livros, numerosos artigos em jornais e revistas, além de ensaios, conferências e palestras, é como escritor que hoje aqui o recebemos.”

E acrescentou Ivan Lins:

“Há 21 anos, ao recepcionar Aníbal Freire nesta Casa, o Acadêmico João Neves da Fontoura sustentava que se encerrara há muito tempo o velho debate que na ABL opunha os homens exclusivamente de letras aos expoentes notáveis em outros setores da inteligência brasileira.”

Senhores Acadêmicos. Senhora Ana Lúcia de Lyra Tavares.

A obra literária do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares não foi muito divulgada, mas um dos seus livros se tornou referência: *A Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil*, editado em Lisboa, sobre as fortificações construídas ao tempo do Brasil Colônia, na foz dos principais rios brasileiros, do Chuí ao Oiapoque.

Escreveu também, entre outros, *O Brasil da Minha Geração*, *A Amazônia de Júlio Verne*, *Quatro Anos na Alemanha Ocupada*, *Temas da Vida Militar*, *O Estudante Alsaciano*, *Crônicas Ecléticas*, *A Independência Brasileira na Imprensa Francesa*, *Exército e Nação*, *Segurança Nacional e Problemas Atuais*, *O Exército Brasileiro Visto pelo Seu Ministro* e *Brasil-França, ao Longo de Cinco Séculos*, além de *Território Nacional*, que ele considerava o seu livro mais importante, citado por Gilberto Amado na Guerra das

Lagostas, onde o Autor analisa os problemas das ilhas brasileiras no Atlântico, a Plataforma Continental e as 200 milhas.

Como diletante, é autor de canções militares e de muitas poesias, sem pretensão de ser um poeta, escondendo-se atrás de pseudônimos, entre os quais o criptônimo de Adelita, composto pelas primeiras letras do seu nome e dos seus sobrenomes: A de Aurélio, DE, LI de Lira e TA de Tavares.

No futebol, era um tricolor apaixonado, desde quando em 1920, tendo o Embaixador Décio Moura como goleiro, foi no Fluminense um competente meia-direita, hoje volante ou meio-de-campo.

A vida de Lyra Tavares está no âmago e na raiz de grandes polêmicas e divergências políticas, que nunca o perdoaram pela sua assinatura no AI-5 e pela sua participação como um dos triúmviros na Junta Militar.

Mas Josué Montello revelou-me que, certa vez, o nosso inesquecível Antônio Houaiss estava em Paris e à noite, quando regressou ao hotel, teve a feliz surpresa de encontrar na Portaria um envelope com os votos de Lyra Tavares para sua candidatura a esta Academia.

O General votou depois em Antônio Callado e Dias Gomes e o último voto por ele dado aqui foi para eleger Celso Furtado, seu conterrâneo.

Até mesmo porque sou o seu sucessor direto nesta Cadeira número 20, eu aqui não fui seu confrade, nem privei de sua amizade.

Mas os acadêmicos que falaram sobre ele, durante a sessão de saudade, entre os quais Josué Montello, Rachel de Queiroz, Evaristo de Moraes Filho, Oscar Dias Corrêa, Alberto Venancio Filho, Geraldo França de Lima, Carlos Nejar, Arnaldo Niskier, Sábado Magaldi, Marcos Almir Madeira, Antonio Olinto, Marcos Vilaça, Nélide Piñon, Celso Furtado, Evandro Lins e Silva, Candido Mendes de Almeida e Eduardo Portella – todos eles foram unânimes em reconhecer as suas qualidades de historiador militar e em dizer que se tratava de um escritor competente, de um conhecedor da obra de Camões, de Anatole e de Eça, além de ser um acadêmico afável, um interlocutor agradável e cortês, de trato ameno, gentil, discreto, respeitador e atencioso.

Senhor Presidente.

Concluo dizendo que o Acadêmico e General Aurélio de Lyra Tavares entrou aqui em meio a muitas queixas, críticas e restrições, mas daqui saiu para o nosso Mausoléu, deixando fiéis amizades, sentidas saudades e inesquecíveis lembranças.

SESSÃO DO DIA 10 DE NOVEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Marco Maciel, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 3 de novembro. Não havendo nenhuma alteração, a ata foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que aniversaria amanhã, dia II do corrente.
- O Presidente Ivan Junqueira, de acordo com o Capítulo II, Art. 13 – Parágrafo único do *Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras*, comunicou à Casa que concorrem à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tanuri e Ronaldo Cunha Lima. Informou a seguir

que a eleição para esta Cadeira fica marcada para 9 de março de 2006, segunda quinta-feira útil do mês de março.

- O Acadêmico Lêdo Ivo, na condição de Presidente da Comissão encarregada de dar parecer à proposta apresentada pelo Acadêmico Sábado Magaldi, para a concessão da Medalha João Ribeiro à Sra. Barbara Heliodora e ao Sr. Geanni Ratto, leu o parecer que foi assinado por ele e pelos Acadêmicos Cícero Sandroni e Antonio Carlos Secchin favorável à concessão da láurea. (O texto lido será incorporado aos *Anais da ABL*.)
- O Presidente Ivan Junqueira submeteu ao plenário a concessão da Medalha João Ribeiro à Sra. Barbara Heliodora e ao Sr. Geanni Ratto. A aprovação foi unânime.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho trouxe alguns aditamentos ao que foi dito na sessão passada, celebrando os sessenta anos da UNESCO. Lembrou que foram ressaltados aqui o papel dos presidentes Koishiro Matsuura e Federico Mayor, mas gostaria de voltar aos Diretores mais antigos, como o primeiro que foi o cientista Julian Huxley, e que teve uma atuação muito interessante. O acadêmico Paulo Carneiro recomendou que ele nomeasse como Consultor de Educação da UNESCO o Prof. Anísio Teixeira que estava, na época, no ostracismo. Julian Huxley consultou o Governo Brasileiro que fez outras duas indicações. Mas Julian Huxley nomeou Anísio Teixeira para essa função, que exerceu, no início das atividades da UNESCO, com grande prestígio. O seu sucessor foi o mexicano Torres Bodet, que era um humanista, um sociólogo. Foi ele que trouxe para o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO Artur Ramos, que iniciou um trabalho muito interessante sobre relações de raças, que não teve andamento em virtude de sua morte. Lembrou que, mais recentemente, foi representante do Brasil junto à UNESCO o cientista João Israel Vargas, que realizou um grande trabalho de divulgação científica. A propósito da recuperação dos monumentos da Operação Núbia, referidos na sessão passada pelo Presidente, ressaltou que foi responsável por esse trabalho o Acadêmico Paulo Carneiro, que teve uma atuação muito importante para conseguir os resultados alcançados. Contou um episódio curioso que aconteceu na época. Citou outro grande

trabalho do Acadêmico Paulo Carneiro na UNESCO como presidente da comissão que organizou a *Introdução à História Cultural e Científica da Humanidade*, que contou com a colaboração dos Acadêmicos Ivan Lins, José Honório Rodrigues e Fernando de Azevedo. Disse serem estes aspectos da presença brasileira na UNESCO que precisavam ser ressaltados na ocasião da comemoração dos sessenta anos da Instituição.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho essas achegas a respeito de Paulo Carneiro e de seus sucessores. Todas essas lembranças são muito bem vistas e se ajustam como uma luva à exposição que nos fez aqui, na sessão passada, o Acadêmico Eduardo Portella.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse ter recebido a grata incumbência de ofertar, em nome dos autores, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e o escritor Roberto Cavalcante de Albuquerque, a versão alemã do livro *Coronel, Coronéis*. Fez importantes considerações a esta obra que, em alemão, teve o título de *Die Grundherren*. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha por essa bela página de crítica que acaba de ler sobre *Coronel, Coronéis*, por motivo de sua tradução alemã e sugeriu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça que incluía este texto na vasta bibliografia do seu livro.
- O Pe. Fernando Bastos de Ávila fez uma indagação quanto ao título da obra em alemão.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet esclareceu que a tradução de *Die Grundherren* é latifundiários.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa, ao encaminhar à Biblioteca da Academia o livro *Direito Fundamental à Vida*, que tem a coordenação de Ives Gandra da Silva Martins, fez uma bela apresentação desse trabalho, que será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa essas palavras que acabou de dizer sobre a obra coordenada pelo grande advogado tributarista Ives Gandra da Silva Martins.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier trouxe à Casa a correspondência do seu amigo Ib Gatto Falcão, que hoje preside a Academia Alagoana de Letras, informando à ABL que acaba de ser criado naquela Casa o “Prêmio Nacional Aurélio Buarque – O Mestre da Cultura e das Palavras”, no valor de R\$ 15.000,00 (Quinze mil reais). Acredita que a Academia vai se interessar pelo assunto porque é uma justa homenagem à memória de uma das figuras mais expressivas desta Casa. Passou às mãos do Presidente a carta e o regulamento do prêmio. A seguir, comunicou que hoje saiu no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro a criação do I Conselho Estadual de Leitura do país. Entre os vinte e um conselheiros escolhidos pela Governadora Rosinha Garotinho figuram os nomes da Acadêmica Ana Maria Machado, do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e do Acadêmico Antonio Olinto. Teceu considerações sobre a importância desse Conselho com relação ao estímulo em favor da leitura, da literatura e do livro, de um modo geral. Concluindo, felicitou os três membros da Academia escolhidos para participar desse Conselho.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier as duas oportunas notícias que traz a esta Casa, a do Prêmio, que homenageia o saudoso confrade Aurélio Buarque de Holanda, e também, a da criação desse Conselho de Leitura, onde a Academia está representada por três de seus ilustres membros.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara agradeceu a saudação do Acadêmico Arnaldo Niskier e comunicou, também, que estando no Pará para uma série de palestras, visitou a Academia Paraense de Letras e esta, por seu intermédio, mandou à ABL um Diploma e uma Medalha comemorativa do seu primeiro centenário.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara este regalo que traz para esta Casa, de Belém do Pará. A Academia Brasileira de Letras agradece a doação.
- O Presidente, antes de passar a palavra à Acadêmica Lygia Fagundes Telles, saudou o seu breve retorno a esta Casa.
- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles agradeceu a gentileza da saudação e disse da sua alegria ao voltar a esta Casa, que é a sua família. Falou sobre

Portugal, onde estive recentemente para receber o Prêmio Camões, e que achou deslumbrante, ativo, limpo, inteligente, enérgico e muito delicado. Disse que nas muitas entrevistas que fizeram com ela, tiveram a delicadeza de não perguntar sobre a política brasileira. Confessou que saiu do Brasil abatida mas, chegando lá, ficou tão radiante, que, de repente, reencontrando Portugal tão bem, lhe deu uma esperança, também, em relação ao Brasil. Agradeceu de coração aos portugueses por não terem tocado nos assuntos políticos que lhe deixariam deprimida. Esteve em Lisboa, na Faculdade de Letras de Lisboa, onde a Academia Brasileira de Letras foi lembrada, e onde foi recebida por Urbano Tavares Rodrigues. Saindo de Lisboa, foi para o Porto, onde fez conferência na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e recebida por Arnaldo Saraiva, que falou com o maior encantamento sobre esta Casa. Foi recebida pelo Presidente Jorge Sampaio, que lhe causou uma ótima impressão, e pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lembrou que Dinah Silveira de Queiroz dizia que visitar Portugal é como atravessar a rua para ir à casa do pai. Foi esse sentimento que experimentou. Chegando ontem ao Rio teve a alegria de assistir, no Teatro Glória, a uma peça baseada num conto seu, *A Confissão de Leontina*, com uma atriz maravilhosa, Kelsy Ecard, que a emocionou muito e que é nora do Acadêmico Cícero Sandroni. Disse que esta jovem atriz foi muito elogiada num artigo da Barbara Heliodora, que é muito rigorosa. Esse conto é da década de sessenta e é uma lembrança da sua fase interiorana, quando morava em Sertãozinho. Discorreu sobre a personagem analfabeta que lhe inspirou *A Confissão de Leontina*. Ficou impressionada como a atriz representou, de forma tão viva e tão forte, em torno do mal maior no Brasil que é a educação e a saúde. Disse que esse conto ilustra um livro de Direitos Humanos, justamente no capítulo da ausência da saúde e da educação, de que tanto o nosso país necessita. Quis concluir a sua fala com os versos do poeta português Sebastião da Gama, os mesmos com que terminou o seu discurso ao receber o Prêmio Camões: “É pelo Sonho que vamos/ comovidos e mudos. / Chegamos? Não chegamos?/ Haja ou não frutos/ é pelo Sonho que vamos.”

- O Acadêmico Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras da Acadêmica Lygia Fagundes Telles sobre o sucesso da sua peça *Confissões*

de Leontina e desses versos que acabou de ler com tanta emoção e que nos diz tanto respeito.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin encaminhou à Biblioteca da Casa a coleção completa da publicação *Metamorfoses*, cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, que é sediada na Faculdade de Letras da UFRJ e conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal. É uma revista que já se encontra no número seis, tem uma periodicidade anual e é consagrada a estudos literários na seara Luso-Afro-Brasileira. Dentre os números publicados conta-se, entre outras colaborações, com poemas inéditos de sua autoria e com uma excelente entrevista concedida pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin esta doação que já conhece, e aconselha a quem não a conhece que passe a conhecê-la.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça principiou fazendo um agradecimento categórico ao Acadêmico Tarcísio Padilha pela reinvenção do livro *Coronel, Coronéis*. Disse que vai passar para os títulos, o capítulo de condecorações do livro, o texto que o Acadêmico Tarcísio Padilha acaba de nos brindar, tal como deseja o Presidente Ivan Junqueira. Registrou que, na semana passada, transcorreu o centésimo octogésimo aniversário do *Diário de Pernambuco*. Disse que não é simplesmente um jornal. É o mais antigo jornal em circulação na América Latina. É um jornal comprometido com o crescimento econômico, cuidando nomeada e legitimamente do aspecto pernambucano e do desenvolvimento social da região. É um jornal atento aos contextos culturais brasileiros, por isso é um jornal de província sem ser provinciano. Um jornal de uma grande intimidade com a Academia, porque foi seu proprietário durante uma larga existência o Acadêmico Assis Chateaubriand. Lembrou que viu escritos nas páginas do jornal de Pernambuco artigos dos Acadêmicos Austregésilo de Athayde, Assis Chateaubriand, Olegário Mariano, Gilberto Amado, Lêdo Ivo, Antonio Olinto, Eduardo Portella, Rachel de Queiroz, Francisco de Assis Barbosa, Álvaro Lins, Afonso Arinos, Barbosa Lima Sobrinho, Aurélio Buarque de Holanda, Adonias Filho e tantos outros. Finalizando,

disse que o jornal *Diário de Pernambuco* está também fortemente vinculado à Academia, no seu modo de ver, em dois momentos: o *Suplemento Literário*, dirigido por Mauro Mota, que foi, ao seu tempo, o melhor suplemento literário que o nordeste teve, e quando Gilberto Freyre organizou o livro do centenário do *Diário de Pernambuco* ocasião em que pediu à Manuel Bandeira um poema para as páginas do livro que se chamou *Evocação*.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça as palavras que disse sobre o centésimo octogésimo aniversário do jornal *Diário de Pernambuco*. Seguramente um dos periódicos de maior prestígio durante toda a história do nosso jornalismo e, no qual, como bem destacou o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, exerceu Mauro Mota a função de editor de um suplemento literário que se tornou histórico.
- O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu as palavras da Acadêmica Lygia Fagundes Telles sobre a encenação de seu conto *Confissões de Leontina*. É um texto maravilhoso, interpretado por Kelsy Ecard de uma forma excepcional. Ela transmitiu, para todos nós, o drama da mulher ignorante que via o primo crescer através da educação. É um drama que a Acadêmica Lygia Fagundes Telles passou para as palavras de uma forma comovente, e que, no palco, emocionou a todos. Agradeceu também suas referências a Kelsy Ecard, sua nora, e por representar, de alguma forma, a realidade brasileira que não é só de Leontina, mas de tantos seres humanos que, no interior do Brasil, passam por essas vicissitudes e, quando vêm para a cidade, acabam submergidas no submundo do crime e da prostituição. Um mundo que estamos vendo hoje nesse Brasil que gostaríamos tão diferente do que realmente é. Finalizando, ofereceu à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras os livros *One Hundred Years after Tomorrow*, da escritora Darlene J. Sadlier, que está em visita à Academia Brasileira de Letras, professora de Espanhol e Português e professora adjunta do curso de estudos sobre a mulher da Universidade Indiana. O livro é uma coleção de análises sobre escritoras brasileiras contemporâneas e do século passado. Entre elas: Carmen Dolores, Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Maria José Leandro Dupré, Emi Bulhões Carvalho da Fonseca, Lúcia Benedetti, Dinah Silveira de

Queiroz, Lia Corrêa Dutra, Lygia Fagundes Telles, Adalgisa Nery, Hilda Hilst, Nélide Piñon, Tânia Jamaro Faillace, Elisa Lispector, Edla Van Steen, Marina Colassanti, Márcia Denser, Lya Luft e Sônia Coutinho. O outro livro, *Contemporary Film Directors*, é dedicado especialmente a Nelson Pereira dos Santos, que ao falar de Nelson Pereira dos Santos fala de todos os cineastas brasileiros contemporâneos. Agradeceu, por parte do Acadêmico Austregésilo de Athayde, as palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça sobre o *Diário de Pernambuco* que é realmente o jornal mais antigo da América Latina.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni a doação do livro da Professora Darlene J. Sadlier. Recebeu por parte do Acadêmico Murilo Melo Filho a proposta de mudança do nome da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia, em face de já ter concluído a maior parte do seu trabalho, para Comissão Consultiva das Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia, dando-lhe, assim, maiores abrangência e integração ao seu trabalho nesta Academia. Pediu aprovação ao plenário, que foi aprovada. Passando à Ordem do Dia, Situação Administrativo-Financeira, disse que seria este o momento de prestar contas sobre tudo o que a Diretoria fez ao longo desses dois anos. Em primeiro lugar falou sobre um problema que atormentou a Diretoria desde o segundo semestre de 2004, que foi a taxa de ocupação do Palácio Austregésilo de Athayde. Em função dos problemas do mercado imobiliário, houve uma série de dificuldades nas operações da Casa e no seu Orçamento. Houve um momento, ainda este ano, em que essa taxa de ocupação caiu para oitenta e dois por cento. Desde que a Academia passou a auferir o valor dos aluguéis, ela sempre se manteve muito alta, tanto na Presidência do Acadêmico Tarcísio Padilha quanto na Presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Pouco antes de tomar posse nesta Casa a situação era bastante preocupante. Mas tranqüilizou o plenário dizendo que de oitenta e dois por cento, em julho deste ano, passou-se, em novembro, a noventa e oito por cento de ocupação, resta apenas um salão por alugar. Com isto, o Palácio recuperou o seu fôlego de antes. Falou ainda que os custos de manutenção e investimento da Casa são altos. A Diretoria precisou gastar, com a reforma dos elevadores, um

milhão, seiscentos e setenta mil, quinhentos e sessenta e quatro reais. As despesas com obras inadiáveis de outros imóveis que fazem parte do patrimônio da Casa ascendeu a trezentos mil, duzentos e trinta e três reais. Com a autorização do plenário, no ano passado, a Academia teve que arcar com o que se tirou dos investimentos para manter a Biblioteca Rodolfo Garcia. Felizmente, os custos da Biblioteca tendem a cair progressivamente e haverá sempre a possibilidade de parcerias com outras instituições para que a Biblioteca cumpra o seu destino. Lembrou ao plenário que a Galeria Manuel Bandeira continuará sem orçamento específico e, apesar disso, realizou este ano duas esplêndidas exposições. Manteve a suspensão das co-edições ao longo de 2005, aliviando os custos da área de publicações. Continuou a manter a economia que foi obtida com a redução do aluguel da escada de incêndio e deixou para a próxima diretoria duas obras de vulto e que têm que ser feitas. Uma delas é a obra do galpão da Rua Luís de Camões, que atende a uma necessidade premente de depósito para os livros. Esta obra está orçada em seiscentos e noventa e três mil, cento e vinte e seis reais. A outra diz respeito a modernização do Palácio Austregésilo de Athayde, incluindo a recepção. Esta obra está orçada no valor de quinhentos e quarenta e três mil, duzentos e oitenta e três reais. Finalizou dizendo que certas economias foram feitas para que a próxima Diretoria tivesse um pouco de folga. A Casa não parou com suas atividades, tudo o que foi possível fazer foi feito, e acha que a Academia continua com a sua trajetória de uma Casa de cultura opulenta e incessante.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que é um sentimento unânime o que foi o desempenho e a exposição do que representou a realização do Presidente Ivan Junqueira dentro dessa tarefa tão importante. Falou que todos sentem com pena o fato de que as co-edições estejam paralisadas. Ofereceu a possibilidade de uma cooperação com as editoras universitárias das universidades do Rio de Janeiro. Disse que trará a proposta para a próxima diretoria.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida e deixou claro que as parcerias são muito bem-vindas. Foi obrigado a suspender as co-edições, este ano, por questões de limitação

financeira, mas com o apoio das editoras universitárias isso se tornará mais viável.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que o Presidente anunciou, no início da Ordem do Dia, que haverá uma série de sessões voltadas para aspectos muito específicos que irão prender a atenção dos acadêmicos. Fez duas ordens de consideração. A primeira é que os dirigentes, ao longo do tempo, têm mostrado que fazem da continuidade dos projetos e do enriquecimento uma de suas marcas mais salientes. As diretorias que se sucederam poderiam inspirar a grande nação brasileira e seus dirigentes máximos, nos diferentes poderes da República. Essa idéia do vínculo essencial entre as direções e o bem da Instituição foi e tem sido o norte que guiou as diretorias ao longo da história desta Casa. Hoje, quando se aproxima o fim do mandato do Presidente e dos dignos colegas que o acompanham, cabe um registro especial pela elevada competência com que o Presidente Ivan Junqueira conduziu esta Casa. Impecável integridade, fazendo-a cada vez mais respeitada, ou seja, havendo absorvido a relevância da missão que consiste em presidir uma Casa como esta Academia. Que os aplausos desta Casa traduzam o sentir unânime de reconhecimento pelo trabalho do Presidente Ivan Junqueira e dos dignos colegas que compuseram a Diretoria.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha essas palavras tão generosas que lhe dirige e disse que a competência é muito menos dele do que dos colegas, que não o abandonaram um só momento ao longo desses dois anos. Agradeceu a visita do poeta português Albano Martins e da Professora Darlene Sadler ao plenário.
- No Capítulo das Efemérides o Acadêmico Antonio Olinto recordou uma das presenças mais marcantes, duradouras e decisivas para os destinos desta Casa, que é Austregésilo de Athayde. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto as palavras tão calorosas e oportunas a respeito de Austregésilo de Athayde, sem cuja pertinácia a Academia não seria nem de longe o que é. Agradeceu a presença do jornalista Argemiro Ferreira, correspondente do jornal *O Globo*

em Nova York e que nos mantém cotidianamente bem informado de tudo o que acontece por lá. Nada mais havendo a tratar, convidou a todos para a Sessão Comemorativa do Centenário da Biblioteca Lúcio de Mendonça.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes e a seguir, passou a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que é com a maior alegria que a Academia recebe hoje o poeta Albano Martins. Lembrou que já é a segunda vez que ele vem a esta Casa. Há alguns anos, ele nos visitou liderando uma comitiva de poetas e escritores portugueses, quase todos pertencente a um movimento que surgiu em Portugal com a revista *Árvore*, movimento do qual resultaram alguns dos nomes mais importantes da literatura portuguesa. Albano Martins é hoje um dos nomes mais influentes, considerado um dos poetas mais importantes da língua portuguesa, da geração que sucedeu a José Régio, de Eugênio de Andrade, Vitorino Nemésio e Miguel Torga. Afirmou que a sua poesia se distinguiu por aquela voz inconfundível, que é característica dos poetas. Além de poeta, Albano Martins é também um tradutor relevante, traduziu gregos e latinos, mercê de sua primorosa educação romanística no Porto. Traduziu ainda Gabriela Mistral, o que lhe valeu uma condecoração importante do Governo chileno, que recebeu há poucas semanas. Traduziu também Leopardi, uma das mais belas traduções na nossa língua. Lembrou que os brasileiros têm as traduções de Leopardi por Aluísio de Castro, que pertenceu a esta Casa, e que também é uma tradução primorosa. Quanto à sua poesia é muito pessoal. Oculta e marcadamente autobiográfica. Disse, ainda, que nessa poesia se destaca a sua preocupação pelo universo vegetal e é ainda um poeta culto, intelectual, que sabe perfeitamente que poesia é uma aventura da inteligência, é um problema de cultura e não somente de sensibilidade. São poemas que se distinguem pelo acabamento primoroso, são objetos verbais, melódicos. São composições, agenciamentos e organizações de palavras. É uma poesia construída de um poeta formalista. Considera uma honra para esta Casa recebê-lo aqui e mostrar que tanto os poetas brasileiros quanto os poetas portugueses, quantos os que escre-

vem a língua portuguesa na África, todos pertencem a uma mesma família e a Academia Brasileira de Letras é uma das moradas desses poetas.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo essa bela homenagem que prestou ao poeta Albano Martins e, com relação a essas palavras que o Acadêmico Lêdo Ivo acabou de dizer, lhe lembram muito aquelas outras que Fernando Pessoa disse da poesia portuguesa a partir de Antero de Quental: “A alma portuguesa, como poucas no mundo, sabe emocionalizar o pensamento.”
- O poeta Albano Martins disse da sua emoção em estar nesta Casa, e por se encontrar no meio de alguns amigos de longa data que muito estima e admira, entre os quais o Acadêmico Lêdo Ivo, que se habituou a ler desde o início dos anos 50, quando ele colaborou na revista *Árvore*, com alguns companheiros de geração, até quando a polícia política do antigo regime português resolveu interferir e suspender inteiramente a revista. Referiu-se ao outro grande amigo aqui presente, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, grande embaixador, grande poeta e grande amigo, de irrepreensível porte. Transpôs fronteiras e que não se limitou a ter grandes amigos em Portugal, mas em toda parte onde passou. Ainda, o Acadêmico Eduardo Portella, que já se retirou, e o Presidente Ivan Junqueira, que não conhecia pessoalmente, mas que já se acostumou a ler, através dos poucos livros brasileiros que entram em Portugal. Afirmou sentir-se profundamente honrado por estar nesta Casa de tão profundas tradições. Honrado por ter sido saudado pelo poeta Lêdo Ivo e por estar sentado no meio de tantas personalidades ilustres da cultura brasileira.
- O Presidente disse que mais honrado estão todos com a sua presença neste plenário e nesta Casa. Gostariam todos autores brasileiros que esse diálogo com Portugal continuasse e, se possível fosse progressivamente aumentado. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

CONCESSÃO DA MEDALHA JOÃO RIBEIRO

Parecer sobre a Proposta do Acadêmico Sábado Magaldi

O Acadêmico Sábado Magaldi apresentou proposta para a concessão da Medalha João Ribeiro à Sra. Barbara Heliodora e ao Sr. Gianni Ratto pela contribuição que ambos têm dado ao teatro e, por extensão, à arte e a cultura brasileiras.

A minuciosa exposição do Acadêmico Sábado Magaldi ressalta a longa e profícua trajetória da Sra. Barbara Heliodora e do Sr. Gianni Ratto e demonstra à sociedade a excelência do trabalho realizado, na área da crítica e dos estudos sobre teatro, no caso da Sra. Barbara Heliodora, e na direção teatral e cenografia, no caso do Sr. Gianni Ratto, no correr de mais de sessenta anos.

Assim sendo, esta Comissão, nomeada pelo Presidente Ivan Junqueira, referenda o relatório do Acadêmico Sábado Magaldi e recomenda a sua aprovação pelo Plenário.

Sala das Sessões, 10 de novembro de 2005

Lêdo Ivo, *Presidente*
Cícero Sandroni
Antonio Carlos Secchin

CORONEL, CORONÉIS, DE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA E
ROBERTO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
NO 40.º ANIVERSÁRIO DE SEU LANÇAMENTO

*Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha**

A complexidade do Brasil não lhe denega a unidade em que língua e religião reforçam o tecido do país. Mas o reconhecimento dos regionalismos por igual se impõe, atestando irrefragavelmente a riqueza que flui da diversidade dos universos múltiplos que atuam num todo assistemático.

Assim, a palavra nordeste vinca seu perfil numa identidade forte e, por vezes fagueira, a nos mostrar um Brasil bem plantado no solo, onde é marcante a presença de um humanismo próprio como que a dizer que os avanços da tecnologia não nasceram para desmentir o que há de humano no homem.

A poeira das caatingas do solo nordestino nos fala ao imaginário e à consciência de que a realidade jamais se cristaliza, mas desliza nas conversas ao pé do ouvido, bem mais do que na ritualística ou nos formalismos. É certo o que folclore nos dá conta das tradições que por lá campeiam, mas tudo feito de leveza e de comunicação insopitável. O ruído das vozes cantantes, as cantigas improvisadas, as danças originais, as manifestações religiosas estão a revelar uma especificidade inegável.

Pois é de nordeste que falamos quando o olhar se volve para o coronelismo particular da região. Aí Marcos Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque se esmeraram em nos brindar com uma obra que já teria nascido clássica no entender de muitos. E clássica pela sua permanente vigência, por uma

* Proferidas na sessão do dia 10 de novembro de 2005.

atualidade que lhe adveio do cuidado em perscrutar a alma humana e em bosquejar o fenômeno do coronelismo e, ao mesmo passo, em definir o coronel como “instrumento dialético de seu próprio ocaso”.

Cabe referir alguns personagens pinçados na obra dos dois ilustres escritores pernambucanos, como Chico Romão, longe do retrato de um vaqueiro, antes um político da urbs, Chico Heráclio, síntese dos mundos rural e citadino, é havido como homem de palavra solta ao vento, segundo Veremundo Soares, este mais lido e viajado. Católico distancia-se da confissão e se apega à sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição. José Abílio é um ser cordial, sem armas para se impor, numa adaptação aos novos tempos.

Mas o que instiga no livro é seu estilo literário em que a narrativa é delineada com mestria sem os artificialismos dos ensaios apriorísticos. É a vida que emerge com sua força inaugural tendo como epicentro a figura do coronel que, antes, tudo dominava com sua autoridade indiscutível, mas que, aos poucos, vai cedendo ao imperativo da mudança social, política e econômica. “Tempora labuntur” e com eles se esvai pari passu a centralização política dos coronéis a preludiar nova era de feição democrática a ser construída sobre as ruínas de um tempo cediço, mas que teve seu apogeu e dias de glória nos fastos da história do Nordeste.

Ao narrá-la, os autores souberam manter o ritmo da história, respeitando-lhe a temporalidade, ao contextualizar a narrativa, deixando espaço para a emergência de um novo mundo empurrado pelo progresso, neste vir-a-ser que molda o humano existir.

A obra acerta as contas com a história e aponta para um futuro que oferece uma falsa solidez em sua construção coronelesca deste nordeste de Vilaça e de Roberto.

Até 1945 ainda vigia a presença incontestável do coronel. Aos poucos a burocracia do Estado com seus tentáculos redirecionam a sociedade e novos líderes apontam no horizonte. De meros subalternos da chefia personalista passam a disputar o poder. O caminhão que percorre estradas que unem o hinterland aos centros urbanos de maior expressão, as assembléias legislativas, os juizados, a mídia, as empresas a se implantarem, tudo contribui para reduzir sem piedade o mando primitivo. Alguns caciques buscam adaptar-se à

nova realidade. Outros preferem ocultar-se nas gerações de seus descendentes, mais afeitos a mudanças.

O poder que explica e justifica o comando dos coronéis atrai também outros caciques em potencial e assim há que se adaptar ou deixar um vácuo político logo preenchido. Barbosa Lima Sobrinho cuida que há uma certa forma paralela de messianismo na obra ora celebrada. Antonio Olinto compara o livro da dupla pernambucana a *Os Sertões* e *Casa-grande e Senzala*. Gilberto Freyre assente que a contribuição da Vilaça e Roberto é, “sob certos aspectos, brilhante”.

O leitor é respeitado pelos autores abrindo espaço para julgar e denunciar.

Vilaça e seu colega de escrita e de pensamento desenham a decadência do coronelismo e avançam para a modernidade, acenam com seus sinais e timbram, pessoalmente, em nos ofertar os novos caminhos do nordeste que eles mesmos souberam trilhar com talento e arte.

DIREITO FUNDAMENTAL À VIDA, COORDENAÇÃO DE
IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

*Palavras do Acadêmico Oscar Dias Corrêa**

Pede-me Ives Gandra Martins que encaminhe à Biblioteca da Academia o livro que coordenou sobre *Fundamental à Vida*. É o que faço, distinguido pela escolha.

Ives não é apenas o grande jurista e economista que abarca no seu conhecimento os mais variados ramos do Direito e da Economia, e os debate com lucidez e competência; nem só o expositor de prosa fluente e escorreita, ou o poeta de verso inspirado e imaginativo; o ensaísta que cuida dos temas do dia, e os apreende, analisa, diagnostica; o humanista, enfim, que se dedica a “-omnium rerum magnarum, atque artium scientiam” (todas as grandes coisas, as artes e as ciências), tanto mais quanto sua formação de musicista lhe garante a própria harmonia da vida.

Esmera-se, ainda, em coordenar pesquisas, debates e opiniões, organizar ciclos de conferências, e congressos, sobre os mais variados temas da investigação científica moderna, de que é exemplo esse *Direito Fundamental à Vida*, no qual especialistas de vários ramos (direito, medicina e biomedicina) do Brasil, Argentina, Espanha, Itália, Chile e Uruguai debatem, com proficiência, os dados científicos sobre o direito à vida, desde a concepção, assim como todos os direitos do nascituro.

* Proferidas na sessão do dia 10 de novembro de 2005.

A iniciativa tem a mais importante repercussão, no momento em que esses temas estão em de bate no Congresso Nacional e mesmo no Judiciário, e há que preservar esse direito fundamental à vida.

Honra-me encaminhar o livro à Biblioteca desta Casa, com a homenagem da estima e da admiração ao seu eminente Coordenador.

AUSTREGÉSILO, O BRASILEIRO

*Palavras do Acadêmico Antonio Olinto**

Assim que, em Londres, recebi a notícia de que Austregésilo de Athayde não mais existia, senti o vazio que ele deixaria no país. Desde a Primeira Guerra Mundial que a palavra de Austregésilo analisava lucidamente os caminhos que percorríamos. Ligado à palavra e à ação, buscava com serenidade e coragem a verdade latente sob os acontecimentos do dia-a-dia nacional. Jornalista e escritor, relendo o que escreveu, repensando o que fez, chegaremos à conclusão de que ele foi o brasileiro por excelência.

Mencionei palavra e ação. É que nele as duas se juntavam. Não só a ação política, ou a de responsável por jornais e por campanhas em prol da cultura brasileira, mas por ter erguido ao ponto mais alto do país a casa que Machado de Assis fundou e em que estamos todos. O que ele fez pela Casa de Machado pode ser avaliado pelo que se conta dos anos 50, quando, ao nos abandonar o poeta Olegário Mariano, descobriu-se que a ABL estava sem recursos para lhe custear as exéquias. Teria então Austregésilo jurado a si mesmo que isto jamais se repetiria, o que o levou a lutar por mausoléu próprio da Casa, e lá está ele hoje, fruto de seu esforço pessoal a partir de então.

Além de pensar na morte, pensou também na vida, ao nos deixar uma Academia Brasileira de Letras capaz de tomar conta de si mesma.

O destino ou Deus (era ex-seminarista, Deus deve ter destacado um anjo-da-guarda lúcido para acompanhá-lo) e Deus e o anjo o terão levado à

* Proferidas na sessão do dia 10 de novembro de 2005.

Comissão de Direitos Humanos da ONU, onde Austregésilo deixou a assinatura brasileira mais importante do nosso tempo.

Estilo tinha-o direto e sem enfeites. Como um Stendhal do jornalismo. Não caía, contudo, no abandono total do adjetivo nem adotava a indiferença fria de quem tudo vê de cima. Sua presença jornalística foi permanente, ao longo de mais de setenta anos.

Nele preponderava o entusiasmo: entusiasmo no escrever, no pensar, no viver. Era entusiasmado em tudo o que fazia e no mostrar por que o fazia. Um dos seus últimos artigos foi sobre o livro *Carta aos Futuros Analfabetos*, do francês Paul Guth. Nele repetia o que foi um dos temas de toda a sua vida: só a educação pode salvar um país.

Lembrando-o, agora, guardemos a lição que nos deixou, de uma incessante luta em favor do avanço brasileiro, na direção de uma sociedade justa e próspera.

Torno a dizer aqui a palavra que a ele sempre vi associada: entusiasmo. Entusiasmo vem do grego com a inclusão da palavra “theo”, “Deus”. Ter entusiasmo é “ter Deus em si”. Pois Austregésilo de Athayde foi um brasileiro com entusiasmo no entendimento grego da palavra.

SESSÃO DO DIA 17 DE NOVEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa, e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira pôs em discussão a ata da sessão do dia 10 de novembro. Após reparos feitos pelos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e Lêdo Ivo, a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez o registro do lançamento, na Coleção Austregésilo de Athayde, do livro de memórias *Na Província e na Corte*, do Acadêmico Marcos Almir Madeira. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por estas palavras de saudação ao livro do Acadêmico Marcos Almir Madeira. Disse que conviveu muito com este livro, porque todas as vezes que estavam juntos ele lhe falava dessas memórias intermináveis, ainda lutando por uma editora. Lembrou que era uma luta impropriedade, por-

que as memórias nunca estavam concluídas, e acredita que a rigor ele não as concluiu, mas foi muito bom que tivesse saído pela Academia.

- Na Ordem do Dia, Cátedra de Machado de Assis na Universidade de Oxford, o Presidente lembrou aos Acadêmicos que essa Cátedra foi criada a 17 de setembro de 2003 e é hoje, talvez, a maior cunha que a literatura brasileira conseguiu cravar na Inglaterra, em Oxford, um centro de estudos que dispensa qualquer comentário. Disse ter sido assinado, com a Universidade de Oxford, um convênio de três anos, de maneira que ficará a cargo da próxima presidência e desse plenário, evidentemente, se esse convênio será ou não prorrogado. Recordou alguns aspectos da participação da Academia na Universidade de Oxford, que abriga uma Faculty of Medieval and Modern Languages, uma Sub-Faculty of Portuguese e um Centro de Estudos Brasileiros. Na Sub-Faculty of Portuguese a tendência é privilegiar a cultura portuguesa, já que todos os integrantes do corpo docente são especialistas, quer na própria literatura portuguesa, quer em lingüística portuguesa. A criação, há poucos anos, de um Centro de Estudos Brasileiros, demonstra a importância e o interesse que nosso país desperta nos estudantes e pesquisadores do mundo inteiro. Entretanto, o Centro de Estudos Brasileiros, em sua vocação original, privilegia as áreas de sociologia, história, economia e meio ambiente. Apesar da provável demanda, os “buscadores de informação literária”, lá não encontram com facilidade material sobre os escritores de nosso país, uma vez que a Universidade não oferece, com a intensidade e com a frequência desejáveis, cursos de literatura brasileira. Disse que o que acabou de dizer foi confirmado pelo relatório que fez o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que foi o primeiro a ocupar essa Cátedra, em 2004. Naquele ano, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet falou sobre Machado de Assis. Este ano a escolhida foi a Acadêmica Ana Maria Machado, que está ministrando, até o momento, um curso sobre Jorge Amado. Comunicou que recebeu na Academia, da Acadêmica Ana Maria Machado, uma mensagem que diz coisas já antevistas pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e que ela confirmou. Disse o seguinte: “Mas tudo o que se refere a língua e literatura recai no Departamento de Línguas Modernas, que tem fortíssimas ligações com o Instituto Camões, a ponto de ser quase um braço do

mesmo, na prática. Então, toda a ênfase fica com a visão lusitana e a literatura portuguesa – abraçando também a África, que eles cobrem, por laços históricos recentes. Fora esse departamento que orienta os trabalhos, a única chance que os alunos estão tendo de ouvir nosso português, ou de ouvir falar nos nossos autores, é por meio dessa cátedra Machado de Assis, do convênio com a ABL. Eu não fazia idéia de que estivéssemos desempenhando um papel tão relevante. Ainda mais com a ameaça que o embaixador brasileiro em Londres, José Maurício Bustani, revelou a mim e ao Vilaça – a da suspensão dos leitorados brasileiros no Reino Unido porque o nosso governo há dois anos não tem mandado o pagamento necessário (de 900 dólares por mês). Por isso, venho reforçar e enfatizar o que o Rouanet já dissera: ‘é importantíssimo que continuemos com essa parceria’. E acho que, tendo aprendido com a experiência dele a concentrarmos nossa presença em menos tempo, bem como a mantermos o pagamento dos jetons previstos em orçamento, não é necessário elevar o montante para manter a nossa participação em níveis exequíveis.” Disse que a Acadêmica Ana Maria Machado está comprometida com dois meses de curso sobre Jorge Amado. Ressaltou que, por força da queda do dólar, o nosso compromisso com Oxford ficou mais em conta. Insistiu que essa Cátedra é fundamental para a divulgação da literatura brasileira no Reino Unido. Disse que não fala tanto da nossa língua porque há no Departamento de Língua Portuguesa a Cátedra Camões, no momento a cargo do grande escritor português que é Elder Macedo, mas de qualquer forma a decisão da prorrogação, ou não, da Cátedra de Oxford será feita na próxima Presidência. Deu a notícia de que, tanto graças ao depoimento do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet como a Acadêmica Ana Maria Machado, fica muito claro que a Cátedra deve prosseguir, porque ela nos abre uma perspectiva muito expressiva de divulgar os grandes escritores brasileiros num centro de estudos, cuja fama é reconhecida no mundo inteiro.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho acrescentou que o Centro de Estudos Brasileiros foi criado e é dirigido pelo Prof. Leslie Bethel, que é um embaixador da cultura brasileira na Inglaterra. Disse que o Centro tem excelentes instalações e o Prof. Bethel dá aos brasileiros que lá vão

todo o apoio necessário e facilita os contatos com o resto da Universidade. É, portanto, de opinião que se deveria continuar este programa. A seguir, quis saber o critério de escolha para os que vão a Oxford, se são apenas acadêmicos ou abrange pessoas fora da ABL.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que terá encontro com o Prof. Leslie Bethel na ABL e terá, então, notícias de como se encontra esse convênio no momento e que nomes eles estarão pensando para ir no próximo ano. Disse que, pelo menos no período de três anos, já combinado no convênio, iriam apenas acadêmicos. Depois se poderia pensar na presença de escritores fora da Academia.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier indagou se o Presidente incluiu no Orçamento do próximo ano a Cátedra de Oxford. Disse que é totalmente favorável a esse programa. A seguir, falou sobre os audiolivros que foram feitos pela Academia e estão na Casa, com trabalhos da Acadêmica Rachel de Queiroz, do Acadêmico João Cabral de Melo Neto, e muitos outros. Acredita que, com a dualidade no Centro de Estudos Brasileiros, seria interessante mandar para lá audiolivros. Considera uma política coerente com o esforço da Casa.
- O Presidente disse que essa dotação para a Cátedra Machado de Assis em Oxford está sempre incluída no Orçamento, porque há um convênio de três anos e que a Academia tem que honrar. Quanto aos audiolivros, o Presidente disse que considera a idéia muito boa e oportuna e amanhã mesmo vai tocar nesse assunto com o Prof. Leslie Bethel.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe disse da importância da existência dessa Cátedra, mas ficou-lhe uma dúvida: se a inadimplência brasileira, em relação a esses novecentos dólares, não pode prejudicar a nossa posição.
- O Presidente Ivan Junqueira esclareceu que a inadimplência é com o Centro de Estudos Brasileiros. Não tem nada a ver com a Cátedra Machado de Assis, em Oxford.
- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou os dezoito anos que passou em Londres. Disse que nos primeiros cinco anos foi Adido Cultural do Embaixador Sergio Corrêa da Costa e tinham nessa época seis leitores

permanentes em Londres. Por ordem do Embaixador visitava as Universidades para verificar se havia problemas. Na época do Embaixador Roberto Campos foi, durante sete anos, Adido Universitário, freqüentando todas as Universidades, e havia uma presença brasileira muito grande nas Universidades. Disse que gostaria de entender o que houve depois. Deve ter faltado uma continuação. Portanto, retomar esse trabalho é o que há de melhor. As Universidades inglesas gostam disso e o que é necessário é haver constância.

- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se os leitores do Centro de Estudos Brasileiros são brasileiros ou ingleses.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho confirmou que os leitores do Centro de Estudos são brasileiros.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que os freqüentadores do Centro de Estudos, em Oxford, são pesquisadores, professores universitários brasileiros, em diferentes áreas. O tradicional é a ida de economistas, sociólogos e muitos historiadores para fazerem estágio de um a três meses. O que não é tradicional é o fato novo de que estão indo, também, críticos literários e historiadores da literatura. Esse foi o objetivo da celebração desse acordo entre a Academia Brasileira de Letras e o Centro de Estudos Brasileiros. Com relação à outra pergunta, sobre o motivo da mudança dos anos oitenta para cá, o que houve foi que o Orçamento no Brasil para a cultura foi cortado. Os orçamentos das embaixadas estão sujeito a limitações drásticas do Ministério das Relações Exteriores e, sobretudo, dentro do orçamento geral, as rubricas relativas à promoção cultural são sempre as mais sacrificadas. O que aconteceu depois que o Acadêmico Antonio Olinto esteve lá com os embaixadores Sergio Corrêa da Costa e Roberto Campos foi exatamente isso. Não foi falta de sensibilidade cultural dos embaixadores que os sucederam. Lembrou que o Embaixador Bustani é homem de grande sensibilidade para assuntos culturais, mas simplesmente as verbas culturais da Embaixada estão sistematicamente cortadas. Contou a experiência penosa que teve em Berlim quando foi ali Cônsul Geral e criou o Instituto Cultural Brasil Alemanha, que funcionou muito bem durante algum tempo mas acabou sendo incor-

porado à Embaixada e deixou de existir no princípio desse ano, por falta de interesse da Secretaria de Estado, em decorrência de um programa draconiano de cortes de verba.

- O Presidente agradeceu esse esclarecimento do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet que, a seu ver, é inteiramente correto. Disse que viu isso, recentemente, na Embaixada Brasileira, em Santiago do Chile. Mencionou o que está sendo vinculado na imprensa, de que tudo que estava contingenciado no Orçamento de 2005 só foram liberados cerca de 20% do total que haveria de ser gasto. Evidente que o Ministério das Relações Exteriores e as embaixadas foram vitimadas, também, por essa lentíssima liberação das verbas federais.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho indagou se nesses relatórios constam quantos alunos freqüentam os cursos.
- O Presidente disse não ter idéia e pediu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet para prestar esses esclarecimentos.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet discorreu sobre como funciona o Centro de Estudos Brasileiros e disse que, quanto à Cátedra, o número de alunos, variava bastante. Disse que o seu caso não pode ser tomado como exemplo, declinando os motivos que já foram expostos no seu relatório, mas teve aproximadamente uma média de vinte alunos por aula. A Acadêmica Ana Maria Machado seguiu o seu conselho e está dando um Curso sobre Jorge Amado, com uma audiência muito numerosa.
- O Acadêmico Moacyr Scliar quis saber como seria avaliado o impacto e o objetivo dessa ação cultural.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que, em primeiro lugar, a avaliação é feita através dos relatórios dos acadêmicos que têm ido. Nesse sentido, o relatório do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet é muito pormenorizado, dando ciência de tudo que esse curso sobre Machado de Assis rendeu em matéria de literatura brasileira, pelo menos no circuito de Oxford. Não poderia falar de todo o Reino Unido, mas parece que está previsto, dentro do projeto da Cátedra, que os professores convidados possam também dar conferências em outras Universidades da Inglaterra.

- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que, ao mencionar objetivos, quis dizer aquilo que se quer atingir, sobretudo, mas não exclusivamente em termos numéricos, comparado com o que foi atingido.
- O Presidente disse ter falado aqui de uma cunha da literatura brasileira no âmbito de atividades da Universidade de Oxford. Tem a impressão que na proposta da criação da Cátedra está dito de uma maneira muito clara: objetivos genéricos – promover os estudos de literatura brasileira na Universidade de Oxford, respeitando o programa existente e atualizando-o permanentemente; objetivo específico – tendo em vista a importância de Machado de Assis no contexto da literatura brasileira, o projeto visa, prioritariamente, criar condições de estudo sistemático da obra desse escritor na Universidade de Oxford. Daí, a cátedra visitante dever chamar-se “Cátedra Machado de Assis”, a exemplo de outras cátedras de universidades britânicas, como a “Cátedra Camões”, da Universidade de Londres, ou a “Cátedra Cervantes”, da própria Universidade de Oxford.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, sobre o assunto, recordou que quando começou sua carreira diplomática havia um número muito grande de estudantes. Estava em Lisboa o autor do livro *O Menino e o Palacete*, Thiers Martins Moreira, e o que resultou da presença do autor de mais importante para o Brasil foi que dois ou três desses estudantes, a começar por Arnaldo Saraiva, passaram a se interessar pela literatura brasileira e se transformaram nos melhores catedráticos em literatura brasileira, hoje, em Portugal. Quando foi embaixador na Nigéria já havia, há mais de quinze anos, uma cátedra de estudo de Português na Universidade de Ifé, dirigida, durante algum tempo, pelo antropólogo brasileiro Vivaldo Costa Lima. Essa cátedra funcionou durante anos e tinha em média dez a doze alunos, formava pessoas que falavam português e iam imediatamente para o serviço exterior nigeriano. Parecia que era um esforço inútil, que nós estávamos formando diplomatas nigerianos especializados em falar português até que, de repente, surgiram dois rapazes que se dedicaram ao estudo e ao ensino do Português. Hoje em dia essa cátedra é dirigida por nigerianos, não havendo mais necessidade de um brasileiro lá. Disse que só com o tempo poderemos fazer uma avaliação do resultado de nossa presença em Oxford.

- O Presidente Ivan Junqueira está de pleno acordo com a avaliação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e disse que, no momento, o papel da Academia é o de lançar uma semente. Até agora, no segundo ano de envio de um acadêmico à Universidade de Oxford, as perspectivas são muito boas.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que como esteve no St. Antony's College, onde está o Centro de Estudos Brasileiros, talvez possa esclarecer algumas dúvidas que foram levantadas aqui. Disse que o centro foi criado por Leslie Bethel e é financiado com verba que ele próprio consegue levantar, inclusive no Brasil. Portanto, o centro não será afetado por esse corte que será feito nos eventos culturais brasileiros na Europa. Leslie Bethel organizou a Cambridge History na América Latina, que é monumental, e é um historiador extraordinariamente respeitado neste campo. Disse que a importância em Oxford, não só na área da Literatura, mas também em outras áreas como Ciências Sociais por exemplo, do especialista em Brasil, na área de História e Ciências Sociais, antes de Leslie Bethel, era um sociólogo português. Com referência à pergunta sobre o número de alunos, o Centro de Estudos Brasileiros pode fornecer facilmente. Basta pedir a Leslie Bethel. Finalizando, disse que é comum na Europa, Inglaterra e Estados Unidos, quando uma universidade convida um professor, outras universidades aproveitam e o convidam também para fazer palestras. Mas isto tem que ser organizado e crê que poderia fazer parte dessas missões pedir ao Centro de Estudos Brasileiros que agendasse palestras em Cambridge, na Universidade de Glasgow e na Universidade de Londres. Isso multiplicaria o impacto desta nossa missão. Disse que uma disciplina dessa pode decidir que um aluno faça sua dissertação, sua tese sobre o Brasil. Com este planejamento, crê que os resultados virão, sem dúvida.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, na época em que foi Ministro da Cultura, mostrou a crise dos investimentos culturais internacionais e a dificuldade de ser financiado pelos ministérios do exterior de cada um desses países. Trouxe uma notícia alvissareira de que as universidades brasileiras foram convocadas pelo Banco Mundial no desejo de investir na área da cooperação

internacional. Disse que não há bolsa de estudo no Brasil para especialistas de língua ou de literatura européia para poder se desdobrar aqui na literatura brasileira. A idéia é de se poder criar um programa de bolsas de estudo que focalizará a França, Alemanha e Inglaterra. Sua proposta é de que, para conceder essas bolsas de estudo, que serão acolhidas por três universidades do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Candido Mendes, os alunos tenham freqüentado a cátedra e realmente ter estudado dentro da cátedra. Colocará isso como condição fundamental para que possamos dar bolsas de estudo a estudantes ingleses no Brasil, tendo lá a possibilidade desse estudo dentro dos critérios para apresentarem teses, participação em mesas-redondas e artigos. Enfim, demonstrar uma militância dentro do que seja o conhecimento dessa literatura, tendo freqüentado a cadeira e aumentado a sua clientela.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida por essa informação alvissareira que será a de contemplar a Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Candido Mendes com essas bolsas concedidas pelo Banco Mundial. Consultou o plenário quanto aos procedimentos da última sessão do ano, quando fará o seu discurso de despedida e o Acadêmico Marcos Vilaça fará o seu para assumir o novo período presidencial. Disse estar referindo-se ao Relatório do Secretário-Geral que, por exigência regimental, está dividido em duas partes de leitura, uma sobre as atividades da Casa, no ano pertinente de 2005, e a outra quanto às atividades individuais dos Acadêmicos. Perguntou ao Plenário se está de acordo com a decisão de que esta segunda parte, das atividades pessoais dos acadêmicos, não seja lida durante a sessão de encerramento. Ficará nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* ou será enviada para a residência dos acadêmicos. É uma leitura longa e que sobrecarrega muito a sessão final da Presidência. Perguntou se o Plenário está de acordo com essa decisão, que advertiu ser anti-regimental.
- O Presidente Ivan Junqueira esclareceu ao plenário que no Regimento há a obrigatoriedade de que o Secretário-Geral leia toda a participação dos acadêmicos individualmente durante todo ano.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que não há a palavra leitura, apenas apresentação. Por isso acha que pode ser apresentada por escrito, dispensando sua leitura.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho sugeriu que o Secretário faça a apresentação da Academia e dos acadêmicos, mas não lê o texto que se refere aos Acadêmicos.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida sugeriu que sejam incluídos no Site da Academia todas as atividades dos acadêmicos, não precisando assim ser feita a leitura do Relatório.
- No capítulo das Efemérides o Acadêmico Lêdo Ivo falou sobre o Acadêmico Orígenes Lessa, que foi uma das figuras mais doces e cordiais da literatura brasileira. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu o verdadeiro ensaio, desbravador, compreensível e lúcido sobre a vida e a obra do Acadêmico Orígenes Lessa. Agradeceu também por tê-lo feito recuar cerca de cinquenta anos no tempo. Teve a ventura de ter contado com a colaboração decisiva, na sua formação intelectual, de Valério Konder, pai de Leandro Konder, quando um dia ele disse que tinha que ler dois livros maravilhosos. Na época não entendeu porque ele lhe estava recomendando aqueles livros. Os livros eram *O Feijão e o Sonho* e *Omelete em Bombaim*, de Orígenes Lessa. Pediu ao Acadêmico Lêdo Ivo para esclarecer a pequena história que vai contar, se é verdadeira ou não. Diz respeito ao grande publicitário que foi Orígenes Lessa. Uma vez pediram-lhe que fizesse um *slogan* para a fechaduras Yale, e ele conseguiu engendrar uma coisa fantástica que foi “Fechadura Yale, fecha e dura”, e essa fechadura vendeu muito durante anos até que apareceu o dono do sabonete Barbosa, pedindo a Orígenes Lessa que fizesse a mesma coisa com o sabonete. Orígenes quebrou a cabeça durante uma semana e não conseguiu nada. Então, o dono do sabonete disse que queria um *slogan* igual ao da fechadura. Orígenes Lessa então lhe disse: “Sabonete Barbosa, sabo e nete”.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou outra contribuição inestimável do Acadêmico Orígenes Lessa através da sua feição de publicitário.

Foi ele que pediu a Manuel Bandeira que escrevesse um texto sobre o sabonete Araxá, do qual saiu esse poema magistral, *As Três Mulheres do Sabonete Araxá*.

- O Presidente Ivan Junqueira convidou a todos para o lançamento do livro *Cartas d’África e Alguma Poesia*, coligidas e selecionadas pelo escritor Salim Miguel, seguidas de *Conversa Carioca* de Marques Rebelo, às 17h 30min, no Saguão do Centro Cultural da ABL. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

NA PROVÍNCIA E NA CORTE, DE MARCOS ALMIR MADEIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Ivan Junqueira, senhores Acadêmicos.

Desejo registrar em nossos *Anais* o lançamento esta semana, na Coleção Austregésilo de Athayde, do livro de memórias *Na Província e na Corte*, do nosso saudoso Acadêmico Marcos Almir Madeira.

Trata-se de um livro simples, escrito em linguagem coloquial, por um fluminense, que foi também, nestes últimos 50 anos, um observador atento da cena brasileira.

Nascido na sua querida Cidade de Niterói, Marcos Almir viveu na plenitude de intenso trabalho intelectual, escrevendo artigos e livros sobre os Acadêmicos Machado de Assis, Oliveira Lima, Rui Barbosa e Manuel Bandeira e dos seus conterrâneos Lúcio de Mendonça, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Raul Pompéia, José do Patrocínio, Levi Carneiro e José Cândido de Carvalho, além de Gilberto Freyre, Victor Hugo, Fernando Pessoa e Garcia Lorca. Foi um autêntico vanguardeiro na sociologia brasileira, que ensinou em várias escolas et Universidades. Durante 25 anos, presidiu o PEN Clube do Brasil, onde se houve com excepcional dedicação e competência.

Nos dez anos de convivência conosco, senhores Acadêmicos, Marcos Almir esbanjou, como um pródigo, as benesses de um companheirismo sempre bem humorado, terno e carinhoso. A propósito de qualquer coisa que dissessemos, ele tinha sempre um episódio histórico e adequado para ilustrar.

* Proferidas na sessão do dia 17 de novembro de 2005.

Foi um dos nossos acadêmicos mais queridos, pelos seus dons de amabilidade, de elegância, de educação e de nobreza.

Nesse seu livro de memórias, Marcos Almir reconstitui encontros, entre outros, com o Brigadeiro Eduardo Gomes, Oswaldo Aranha, Amaral Peixoto, Getúlio Vargas, Raul Fernandes, os generais Lott, Denys, Médici e Figueiredo e apresenta “flagrantes de uma vida sem nada de excepcional, mas da qual nada tem para se queixar”.

E confessa: “Tenho 82 anos, mas não estou envelhecido, porque a vida, para mim, começa, diariamente, às 7 horas da manhã”.

LEMBRANÇA DE ORÍGENES LESSA

*Palestra do Acadêmico Lêdo Ivo**

Sucedí a Orígenes Lessa nesta Cadeira n.º 10, fundada por Rui Barbosa, e que, graças a sua origem gloriosa, ainda guarda um fragor de oceano. Cabe-me agora proceder a evocação do meu antecessor, que foi uma das figuras mais doces e cordiais da literatura brasileira. Ele dava a impressão de portar a infância nos olhos claros. Na colisiva e concorrencial República das Letras, era uma figura amena, pelo seu sentimento de solidariedade e amizade.

Orígenes Lessa nasceu em Lençóis Paulista, S. Paulo, em 1902. Seu pai, Themundo Lessa, era pastor protestante.

Não era apenas uma autoridade religiosa, mas também um escritor. O nosso companheiro Alberto da Costa e Silva lembrou aqui que ele é o autor de um livro clássico sobre a colonização holandesa no Brasil, infelizmente não reeditado.

Em seus 83 anos de existência, Orígenes Lessa produziu uma obra vasta e variada, que inclui romances, novelas, contos, histórias infantis e juvenis, reportagens, livros de viagem – especialmente um livro de uma viagem à América durante a Segunda Guerra Mundial, *OK, América*, que por mais de um motivo deve ser colocado ao lado do *América* de outro paulista, Monteiro Lobato, que foi aliás uma de suas influências e convivências literárias.

* Proferida na ABL, em 13 de maio de 2002, durante o ciclo de conferências em comemoração ao centenário do nascimento de Orígenes Lessa. Releitura na sessão do dia 17 de novembro de 2005.

Foi um dos pioneiros da implantação de nossa literatura infanto-juvenil. São inúmeros os seus livros para criança e jovens, inclusive uma história de Rui Barbosa contada pelo automóvel de Rui, *As Memórias de um Cabo de Vassoura*, e outros volumes. Essa atuação de Orígenes Lessa como escritor infanto-juvenil indica que ele era um escritor de *full time*, de um livro atrás do outro, e essa faina literária exprimia a sua fidelidade à literatura. Era por assim dizer um operário da pena. um escritor

No início de sua vida literária ele foi um escritor tateante, com o livro de contos *O Escritor Proibido*, publicado em 1929. Mas pouco a pouco o narrador se foi elevando, quer nos contos quer nos romances e novelas, até atingir, em 1938, um notável nível de expressão e execução. Quero referir-me à publicação de *O Feijão e o Sonho*, um dos romances mais belos da literatura brasileira. É a história de Campos Lara, um professor numa cidade do interior de São Paulo. Esse professor representa o sonho, a aspiração literária, enquanto sua mulher representa o feijão, a vida prática e a realidade.

O romance é exatamente o litígio, a colisão entre a realidade de todos os dias e a aspiração de evasão e sonho. Esse conflito começa na área familiar e depois se expande até a área comunitária, na pequena cidade do interior paulista em que ele nasceu. Presumo que seja a obra-prima de Orígenes Lessa.

Temos que falar ainda do seu ambiente familiar. Como já disse, o pai era um pastor da Igreja Presbiteriana, um homem ao mesmo tempo bondoso, austero e culto, que transmitiu aos filhos um grande sentimento de nobreza moral. Orígenes Lessa, quando criança, lia a Bíblia e seu pai queria encaminhá-lo para a vida religiosa. Ele chegou a cursar um colégio teológico. Mas, não era sua vocação, de modo que buscou depois outras profissões — e, inclusive, foi um dos pioneiros da moderna propaganda nacional.

Muitos dos alagoanos criados por Orígenes Lessa se tornaram referências exemplares, no cardápio das faculdades e agências de publicidade. E foi decerto o tédio decorrente de um exercício desembaraçado no domínio que, na Paraíba, é chamado de *marketing*, que o levou a se punir a si mesmo, e a enxotar tantos triunfos acumulados, vingadoramente intitulado um de seus livros de contos de *Omelete em Bombaim*.

A presença de Orígenes Lessa no Maranhão, durante a sua infância de filho de pastor, deixou grandes marcas em sua atividade literária. No romance *Rua do Sol*, de nítidos acentos autobiográficos, ele conta a história de um menino que perde a mãe e relata vários episódios da vida em São Luís, como a chegada do primeiro automóvel. E a paisagem, o cenário urbano e a gente do Nordeste são presenças vividas no romance desse paulista maranhano em seus verdes anos.

O sentimento religioso de Orígenes Lessa se manifesta ao longo da sua vida de escritor, em temas de livros, como é o caso de *O Evangelho de Lázaro*. E o romance *João Simões Continua*, de 1959, que o precede, é a história de um defunto que narra a sua vida de defunto como se estivesse vivendo ainda. Lembra, de certo modo, *As Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis.

Além de romancista Orígenes Lessa foi um dos mais importantes contistas brasileiros. É autor de várias obras-primas nesse gênero. Por exemplo, o conto “Milhar seco”. É a história de um jovem engraxate, na cidade de São Paulo, que um dia ganha contos de réis. Ele então se transfigura com este ganho inesperado e é atacado por uma espécie de crise de consumismo. Vai a restaurantes, bebe vinho, compra roupas, até voltar a sua condição anterior.

O mundo de Orígenes Lessa é o mundo dos desvalidos, dos excluídos, das pequenas vidas anônimas. Ele levanta esse mundo com muita perícia e, em certo sentido, é um dos ficcionistas da cidade de São Paulo. Outro conto dele, “João Firmino”, é a história de um deputado estadual que no interior descobre um garoto com uma grande anormalidade física, leva-o para São Paulo com a intenção de curá-lo; o garoto não resiste e ele então termina fazendo o enterro do menino. O pai vem e fica muito orgulhoso, porque na família dele era a primeira vez que alguém era sepultado em um caixão.

Isto, aliás, mostra a dimensão social da ficção de Orígenes Lessa. Quer por sua formação evangélica, quer também por uma espécie de sentimento genuíno, ele tinha uma grande noção da injustiça social, da miséria humana. E não apenas a miséria psicológica, mas a miséria material.

Outro conto interessante dele intitula-se “Folgado”. É a história das aventuras sentimentais de um trocador de ônibus, de um pau-de-arara. Como

retratista de São Paulo Orígenes Lessa faz desfilar em sua obra a variada população daquela cidade: os carcamanos, os pau-de-araras, os polacos, os japoneses, os chineses, os turcos, as prostitutas, os trocadores de ônibus. É realmente notável a capacidade que ele tem de mobilizar pequenas vidas e destinos miúdos.

Nesses contos como nos romances sobressai a dialogação. Orígenes Lessa é um mestre do diálogo, nele sempre vivo, nervoso, cortante, coloquial, servido belamente para espelhar a psicologia do personagem e assegurar o dinamismo da narração.

Orígenes Lessa não foi um escritor modernista. Ele foi mais um escritor documentarista, costumista, *costumbrista* como dizem os argentinos. Em várias situações ele alude à pesquisa de material, seja de natureza lingüística ou dialetal, seja de teor psicológico, no empenho de retratar em sua obra a chamada realidade crua. Por exemplo, em *O Feijão e o Sonho* o personagem vai aos bairros operários de São Paulo, ao Brás e ao Bom Retiro para colher material para um romance que está escrevendo.

Esse documentarismo se alia, contudo, a uma imaginação ágil e alerta. Orígenes Lessa é um contador de histórias que sabe contar histórias, envolvendo o leitor e nos ensinando que a vida mais humilde e anônima, uma vez que reflete a nossa condição humana, é matéria para a criação literária.

Esses contos e pequenas histórias apontam de forma nítida para a formação literária de Orígenes Lessa: a Bíblia, Dostoievski, Máximo Gorki, Maupassant, Tchecov e os cariocas Machado de Assis e Lima Barreto são nomes que vêm à nossa lembrança. Ele escreve a partir da década de 30, que é uma década da literatura brasileira muito marcada pela influência do romance russo, quer porque naquele tempo o comunismo era uma das grandes vertentes doutrinárias e a Rússia era um dos países que maior atração exercia sobre os brasileiros, quer porque a literatura russa tem a tradição de retratar os humilhados e ofendidos, de ser uma literatura de indignação, e essa indignação nítida está em quase toda a obra de Orígenes Lessa, quando ele fala das pequenas vidas, esmagadas, espezinhadas, das pessoas sem destino, humilhadas e ofendidas.

Como ficcionista Orígenes Lessa pertence a uma linha da ficção brasileira que ficou, por assim dizer, encurralada entre o grande romance nordestino de 30 – o romance de Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado – e a ficção psicológica dos escritores do Centro-Sul, como Lúcio Cardoso, José Geraldo Vieira, Cornélio Pena, Otávio de Faria, Rosário Fusco e Cyro dos Anjos. Ou ainda a dos gaúchos admiráveis, como Érico Veríssimo, Telmo Vergara, Dionélio Machado, Ciro Martins e outros.

Essa linha ficcional de Orígenes Lessa tem sido muito pouco estudada no Brasil. Os pedagogos e os pesquisadores de São Paulo quase nunca se interessaram pelo estudo dessa linha da ficção paulista, que considero da maior importância. É uma linha paulista e paulistana que tem em Monteiro Lobato a referência esplêndida, e na qual se inclui a ficção de Menotti del Picchia, António de Alcântara Machado, Mário Donato, Mário Neme, Leonardo Arroyo, João Pacheco, Antonio d'Elia, Marcos Rey e Afonso Schmidt, este um notável escritor esquecido que mereceria ser descoberto pelos pedagogos sem imaginação e sem curiosidade.

O que a caracteriza é a exploração do caldeirão social e psicológico de São Paulo, os italianos, os japoneses, os paus-de-arara, os caipiras, os carcamanos. Em Orígenes Lessa essas figuras humildes e anônimas que tanto contribuíram para o progresso de São Paulo viveu de uma existência brilhante.

Para terminar, desejo sublinhar que ao longo de sua vida Orígenes Lessa foi organizando em sua cidade natal uma biblioteca, a Biblioteca Orígenes Lessa, que ostenta hoje mais de setenta mil volumes. Esse empenho em servir à comunidade através da doação de um verdadeiro tesouro literário completa a sua imagem de homem e escritor, dividida entre o feijão e o sonho.

SESSÃO DO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira declarou aberta a sessão pública para entrega do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco à Professora Berenice Cavalcante, e passou a compor a mesa que ficou assim constituída: Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco; Arnaldo Niskier, Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, representando a Governadora do Estado do Rio de Janeiro, Senhora Rosinha Garotinho; Lêdo Ivo, e Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral.
- O Presidente passou a palavra ao Secretário-Geral, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que leu o Parecer da Comissão Julgadora, que concedeu o Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco à Professora Berenice Cavalcante, autora de *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República*. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Lêdo Ivo saudou, em nome da Academia, a premiada e discorreu sobre a vida e a obra do saudoso Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco, quando se comemora o centenário do seu nascimento. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente entregou à Professora Berenice Cavalcante, autora de *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República* o diploma que lhe conferiu o Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco. Passou, a seguir, a palavra à Professora Berenice Cavalcante.
- A Professora Berenice Cavalcante discursou agradecendo a premiação e fez uma análise do trabalho que desenvolveu sobre a vida e a obra de Afonso Arinos de Melo Franco. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira, ao encerrar a sessão, agradeceu as presenças, convidou a todos para o coquetel que será servido no Salão dos Poetas Românticos, e declarou encerrada a sessão.

PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO
UM ENSAÍSTA DA REPÚBLICA, DE BERENICE CAVALCANTE

*Parecer lido pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara**

A Comissão do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, após examinar cuidadosamente todos os trabalhos que lhe foram apresentados, propõe que a lãurea seja conferida a Berenice Cavalcante, autora de *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República*. Trata-se de um estudo bem documentado, bem pensado e bem urdido, no qual se analisam as idéias de Afonso Arinos, a partir, sobretudo de suas experiências de viagem, tanto na geografia quanto nas estantes de livros. No primeiro caso, a primeira estada e os sucessivos encontros com Roma servem de paradigma; no segundo, as constantes leituras de Montaigne. No trabalho, ressalta-se a centralidade que a reflexão sobre a condição humana teve no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco, cuja evolução tem nesse ensaio uma boa história.

Rio de Janeiro, 31 de março de 2005

Lêdo Ivo — *Presidente*
Alberto da Costa e Silva — *Relator*
Sergio Paulo Rouanet
José Murilo de Carvalho
Alberto Venancio Filho

* Releitura feita pelo Acadêmico Evanildo Bechara na sessão do dia 24 de novembro de 2005, das palavras proferidas na sessão do dia 31 de março de 2005.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

*Saudação do Acadêmico Lêdo Ivo**

Era em 1957. No escritório do editor José Olympio, em Botafogo. Afonso Arinos de Melo Franco atraía a atenção de um grupo de amigos. Vinha de ser eleito senador da República pelo Estado da Guanabara e se preparava para uma viagem a Grécia. Para os amigos que o rodeavam, ele respirava, naquele ano, o instante mais esplêndido de sua vida. Deixara o seu gabinete de grande letrado para, na carroceria de um caminhão – o “caminhão do povo”, inventado por Carlos Lacerda – angariar votos nos bairros e subúrbios cariocas. O aristocrata da Rua Dona Mariana havia tomado um salutar banho de povo e derrotado o populismo. Para aquele grupo de amigos, cabia-lhe, agora, apresentar-se em outra eleição e, à glória política, acrescentar a machadiana “esta a glória que fica, eleva, honra e consola”. Foi-lhe ponderado ainda que, além de sua obra notável, ele já ultrapassara os 50 anos e se achava na idade adequada para mudar de pele literária.

Os argumentos invocados terminaram por convencê-lo a se tornar o Afonso Arinos II desta Casa. E, naquele dia, os que o cercavam, afetuosamente estavam longe de imaginar que, em tempos vindouros, esta Casa se enriqueceria ainda com um Afonso Arinos III.

Foi assim que nasceu a sua candidatura a esta Academia. Há, porém, nesse episódio, um lance surpreendente. No momento exato em que Afonso Arinos se rendeu à pressão dos amigos e concordou em candidatar-se na primeira oportunidade, um louva-a-deus, entrando por uma janela aberta, pousou na

* Proferida na sessão do dia 24 de novembro de 2005.

manga de seu paletó. Fez-se na sala um grande silêncio – um silêncio quase religioso. Era como se uma divindade estivesse aprovando a sábia decisão do autor de *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*.

Aquele louva-a-deus, símbolo da esperança e anunciador de fortunas futuras, pareceu a todos os presentes um emissário divino, incumbido de dizer a Afonso Arinos que ele poderia e deveria candidatar-se e enfrentar qualquer outro candidato. Deus estava a seu lado. Restava-lhe, apenas, obter o apoio dos homens – isto é, dos acadêmicos que, habitualmente, são mais inescrutáveis do que o próprio Deus.

Decorridas algumas semanas, e iluminado não apenas pela luz da Grécia, mas ainda pela luz dos olhos de sua bem-amada Annah, Afonso Arinos apresentou a sua candidatura a esta Academia, na vaga de José Lins do Rego. O seu concorrente, Guimarães Rosa, publicara no mesmo ano *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, credenciais soberbas para pavimentar a sua aspiração. Mas lhe faltou, a ele, Guimarães Rosa, o apoio de um louva-a-deus. E assim Afonso Arinos foi eleito para a Cadeira n.º 25, desde 1990, com o seu falecimento, ocupada por um de seus discípulos e amigos mais estimado, o Acadêmico Alberto Venancio Filho.

Este é o episódio escondido que me cabe revelar, nesta hora em que a Academia Brasileira de Letras entrega o Prêmio Afonso Arinos à Professora Berenice Cavalcante, pelo seu excelente ensaio *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos, um Estadista da República*.

Com esta solenidade, cumprimos mais uma etapa da grande festa cultural e cívica que é a comemoração do primeiro centenário do nascimento de um dos nossos companheiros mais fulgurantes. Em todo o Brasil, e nos cenáculos mais qualificados, vozes numerosas começaram a festejar o filho do estadista que foi também um estadista da República. Nesse cortejo de tantos Afonsos Arinos, desfilam o cidadão, o professor de Direito, o embaixador, o ministro de Estado, o jurista e constitucionalista, o parlamentar, o historiador, o tribuno, o viajante, o cientista social e político, o crítico literário, o jornalista, no Acadêmico, o autor de memórias incomparáveis que estão para a nossa literatura e a nossa língua como o *Mémoires d'outre tombe*, de Chateaubriand, está para a literatura e a língua francesas; o ensaísta de *Mar de Sargaços* e

Portulano, que aprendeu nas releituras fiéis e freqüentes dos *Essais* de Montaigne, seu livro de cabeceira, a exercer o mais ondulante e diverso dos gêneros literários; o autor do clássico *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*; o prosador musculoso, que escrevia num estilo belo, metálico e de notável expressividade; o biógrafo que soube reviver a vida de seu pai, Afrânio de Melo Franco, e a do Presidente Rodrigues Alves.

Todos esses Afonso Arinos, diversos, mas inseparáveis, compõem a verdade e o mistério de uma vida, que conciliou os deveres e paixões da atração política e partidária e um trabalho intelectual contínuo e infatigável; o trajeto de sua mão por milhares de páginas; a honra que ele conferiu ao seu ofício de escritor.

Há ainda, além desses Afonso Arinos retumbantes, um Afonso Arinos esquecido ou escondido. É o jovem poeta que um dia, em Louisiana, viu o cair das folhas amarelas de outono, e escreveu uma elegia; é o cantar melancólico dos poemas secretos de *Barra do Dia*, o poeta *manqué* e bissexto que não se realizou, mas em sua prosa magistral é irrigado pela emoção poética mais peregrina.

PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

*Discurso da Professora Berenice Cavalcante**

Sr. Presidente, Acadêmico Ivan Junqueira

Senhores Acadêmicos: Afonso Arinos de Mello Franco, Arnaldo Niskier, Evanildo Cavalcante Bechara e Lêdo Ivo.

Senhores Acadêmicos, caros Amigos, professores e alunos da PUC, queridos familiares

Eleger a obra de Afonso Arinos como tema de pesquisa foi uma opção que teve como ponto de partida um diálogo com o amigo e parceiro de trabalho do departamento de História da PUC-Rio, Professor Ricardo Benzaquem de Araujo, a respeito da importância e da pertinência de se aprofundar a reflexão sobre personagens da história brasileira tributários de uma tradição cultural de rara presença em nossa elite intelectual: o humanismo nutrido pela leitura de autores clássicos do pensamento ocidental.

Estava longe de imaginar que aquela decisão culminasse com esta solene cerimônia de premiação, que muito me honra e emociona. Entre estes dois momentos, incentivada pelo apoio do CNPq para o desenvolvimento da pesquisa, segui um percurso que, embora diverso da “caprichosa e sem rumo viagem do espírito” como Montaigne, citado por Arinos, descreve o caminhar aleatório no interior de sua biblioteca, indeciso entre aportar na estante de poesia, filosofia ou literatura, não deixou de ser uma viagem prazerosa que me conduziu a novos territórios, a outros saberes na medida em que explorava e

* Proferido na sessão do dia 24 de novembro de 2005.

desvelava a pluralidade da bibliografia de Arinos: memórias, relatos de viagem, biografias, discursos, crônicas, conferências e seus numerosos ensaios.

Neste percurso, nem sempre estive só, tendo como acompanhantes jovens e entusiasmados estudantes: Camila Farias, Felipe Braga, Isadora Gonçalves, Jackson Carvalho, Murilo Meihy, Sérgio Câmara, Victor Villon e Waleska Maia que, em diferentes estágios, compartilharam comigo, o desafio de analisar aqueles textos que nos estimulavam com um rico repertório de questões no campo da história, da crítica literária, da política e da sociologia. À medida que nos aproximávamos dos valores éticos, morais e estéticos que singularizam os escritos e o estilo de Arinos, mais se consolidava a interpretação que reconhecia o molde clássico de sua postura moderna.

Moderno porque, nele, a valorização da Antiguidade clássica se fez em plena sintonia com as indagações e dilemas postos em sua época. Portanto, o respeito pelo passado e a consideração do caráter exemplar das experiências pretéritas não foram refúgio nostálgico para escapar de seu tempo como, equivocadamente, se poderia supor.

Para responder às questões de seu presente, Arinos restabelece os vínculos entre o espaço de experiências e o horizonte de expectativas, entre o passado que tematizava e as aspirações futuras que acalentava.

O privilégio do mundo do espírito, a adesão à arte literária como expressão de uma peculiar concepção de verdade e da aposta nas potencialidades da persuasão da eloquência retórica – em consonância com a tradição firmada por Cícero e Quintiliano, que ele tão bem conhecia – não revelava apenas a satisfação de um gosto pessoal, fruto da educação em um meio familiar no qual os poetas brotavam aos montes, como ele recorda em passagem de suas memórias. Foi antes uma opção existencial que não o confinou no mundo da contemplação, mas, ao contrário, a expressão de seu envolvimento na vida ativa.

Estes traços de seu estilo sugerem quão profundas foram as primeiras lições com os mestres humanistas no Colégio Pedro II e, anos mais tarde, o estudo em Genebra, com o eminente filólogo Séchaye com quem aprofundou aquelas leituras e descobriu pensadores que seriam referências ao longo de sua

vida: Montaigne, os humanistas italianos, Pascal, os clássicos franceses do século XVII, Rousseau e os moralistas, Esopo e Epicteto.

Como registrou no prefácio de *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, escrito após seu retorno ao Brasil, esta vivência no meio erudito europeu no verão de 1925 despertou seu entusiasmo pelo método de ensino que incluía disciplinas culturais capazes de alicerçar a formação profissional dos estudantes em princípios éticos e filosóficos.

Desta experiência Arinos deduziu que “as letras não eram um assunto e um divertimento que servissem apenas para ilustrar as conversas após o jantar na casa de seus pais”. Ao longo dos anos, esta percepção da juventude foi se consolidando na convicção que, em larga medida, atualizava a paidéia renascentista voltada para a formação de uma elite intelectual apta ao desempenho na vida pública.

Pedro Nava, amigo dos tempos escolares e das reuniões dos jovens modernistas na Rua da Bahia em Belo Horizonte, resumiu o efeito dessa viagem de Arinos à Europa, como a de ter provocado a transformação do mineiro em latino. É de se notar que ele não se referia a uma mudança passageira, a um entusiasmo superficial fruto de um deslumbramento momentâneo, mas, sim, a uma experiência indelével, espécie de divisor de águas em sua formação. O próprio Arinos reconheceu que, “sem a visão de Roma aos vinte anos sua formação seria outra”, certamente diversa do ideário clássico e do apreço por um modelo de civilização, em que se destacam o cultivo da *politesse*, o senso de medida e o equilíbrio.

Em suas viagens ao Velho Continente, Arinos seguia roteiros muito pessoais, típicos de um “anti-turista” – como ele próprio se definiu –, pois seu propósito era o encontro consigo mesmo, na busca de uma satisfação espiritual e, pode-se afirmar, numa expectativa comparável à que movia os viajantes da Antiguidade e os peregrinos cristãos, que partiam em direção a um destino que os elevasse acima das contingências e do caráter efêmero da vida cotidiana.

Não nutria gosto especial pela aventura rumo ao desconhecido e sim pela “deliciosa ausência de novidade”, pela constatação que “tudo [estava] como dantes” e pelo prazer do retorno a um mesmo local para rever um monumento, uma praça ou uma paisagem familiar, como aquela que, durante quase

vinte anos, contemplou da janela do quarto do hotel em que sempre se hospedava em Roma. Indícios de sua sensibilidade e do apreço pelo que permanece através tempo.

Na narrativa de Arinos, percebe-se a importância da experiência sensível e da contemplação estética, da forma como seu olhar o conduzia à viagens interiores, no propósito de “conhecer sua geografia” e, através de evocações afetivas e atemporais, modelar seu *self* e “domar o tempo”, apagando as fronteiras entre o presente e o passado, num sutil jogo entre o lembrar e o esquecer.

Assim, não raro, seus roteiros de viagem pautavam-se por interesses históricos na busca de traços culturais que resistiam à passagem do tempo e ao efeito corrosivo da transitoriedade da cultura contemporânea para então contemplar vestígios de um passado que se perdera com o advento do capitalismo, mas que insistia em sobreviver sob a forma de ruínas ou testemunhos silenciosos de uma época áurea da trajetória da humanidade.

Em *Roteiro Lírico de Ouro Preto*, texto da juventude, publicado na década em que se produziram os clássicos retratos do Brasil, Arinos revisita o século XVIII e, poeticamente, reencontra seus ancestrais e os inconfidentes, relendo este passado como relíquia e como esperança. Em *Amor a Roma*, obra de 1982, espécie de roteiro lírico da maturidade, monumentaliza o eterno.

Interpretar Arinos como um pensador moderno de molde clássico torna indissociáveis o intelectual e o político, a despeito de ele mesmo concebê-los em separado, ao reconhecer num a vocação, no outro a missão, o cumprimento de um dever, de um imperativo que não abrigava a relação harmoniosa e afetiva que experimentava nos momentos solitários no recinto de sua biblioteca na casa da Rua D. Mariana.

Contudo, vocação e missão se conjugaram num mesmo propósito e obedeceram a um mesmo desiderato: atualizar, em tempos modernos a paidéia humanista. Neste sentido, como ele se autodefiniu, era “com amor pelo passado e o sentimento de futuro” que, pode-se então deduzir, quer fosse na tribuna parlamentar ou em sua mesa de trabalho, dedicou-se a preservar valores universais e princípios éticos e morais sobre os quais deveriam se fundar o esclarecimento e a educação das classes dirigentes afim de que, “com sabedoria e prudência pudessem reformar as instituições em bases equitativas e justas”.

Não seria outra a razão pela qual ele louvou o papel dos homens de espírito, (letrados, poetas e filósofos), para ele os verdadeiros “homens de ação”, capazes de “engravidar a nação com idéias”, tal como ele enalteceu os inconfidentes, poetas revolucionários, que fizeram de Ouro Preto a “terra da liberdade”, do ideal republicano em nossa sociedade e da fundação da tradição mineira de unir política e letras.

Na forma fragmentada da escrita ensaísta Arinos fala da vida, resgata os valores que dão sentido ao existir e ecoa o pensamento do humanista Petrarca, ao fazer da palavra e da eloquência marcas da dimensão pública de sua ação e de memória para as gerações que ainda irão nascer.

Em seu memorável depoimento ao CPDOC encontra-se a referência que melhor poderá transmitir a imagem de seu legado: “minha obra é sempre mais ou menos a mesma coisa, um misto de biografia, de história e de lirismo [...]. Isso é que constitui o que acho que sou e, naturalmente aquilo que amo, não no sentido do amor próprio, mas como expressão do meu ser”.

SESSÃO DO DIA 1.º DE DEZEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, Helio Jaguaribe, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira declarou aberta a sessão dedicada a homenagear a memória do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, falecido ontem, dia 30 de novembro, no Rio de Janeiro.
- O Presidente Ivan Junqueira, cumprindo a praxe da Instituição, na ausência do decano da Casa, Acadêmico Josué Montello, iniciou a homenagem ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa pedindo ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça para ler as palavras de saudade do Acadêmico José Sarney e ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para ler a mensagem de pesar enviada pelo Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Passou a palavra, a seguir, aos Acadêmicos Eduardo Portella, Arnaldo Niskier, Marcos Vinícios Vilaça e Carlos Nejar. As palavras da Acadêmica Nélida Piñon foram lidas pelo

Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. A seguir, falaram os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Ivo Pitanguy e Alberto Venancio Filho. O Acadêmico Murilo Melo Filho leu as palavras de saudade do Acadêmico João de Scantimburgo. Prosseguindo, falou o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. O Acadêmico João Ubaldo Ribeiro enviou sua mensagem de saudade, que foi lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni, e a do Acadêmico Sábato Magaldi foi lida pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Com a palavra falaram, a seguir, os Acadêmicos Tarcísio Padilha, Antonio Olinto, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Murilo Melo Filho, Affonso Arinos de Mello Franco, Carlos Heitor Cony, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Cavalcante Bechara. O Acadêmico Tarcísio Padilha leu as palavras de pesar enviadas pelo Acadêmico Alfredo Bosi. Falou, a seguir, o Acadêmico Cícero Sandroni. O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça leu as palavras de saudade enviadas pelo Acadêmico Marco Maciel. Em seguida falou o Acadêmico Antonio Carlos Secchin. As palavras de pesar enviadas pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho foram lidas pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Em breves palavras a Sra. Diva Corrêa agradeceu a homenagem desta Casa. O Presidente discursou encerrando esta homenagem ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa. (Todos os textos serão incorporados aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira, ao encerrar a sessão de saudade ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa, declarou vaga a Cadeira n. 28, que tem como patrono Manuel Antônio de Almeida, como fundador Inglês de Sousa, e sucessores Xavier Marques, Menotti del Picchia e Oscar Dias Corrêa. Comunicou, ainda, que a partir desta data as inscrições para esta Cadeira estão abertas até 1.º de janeiro de 2006 e a eleição marcada para a quinta-feira, dia 16 de março de 2006.

SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA À MEMÓRIA DO
ACADÊMICO OSCAR DIAS CORRÊA

Sessão do dia 1.º de dezembro de 2005

PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA

Senhores Acadêmicos, familiares e amigos de Oscar Dias Corrêa. Minha querida Diva, Ângela, Oscar Júnior.

Vamos dar início à sessão de saudade do Acadêmico Oscar Dias Corrêa. Eu queria registrar aqui a presença dos escritores Oliveiros Litrento e Ana Ribeiro, que representam a Academia Carioca de Letras neste plenário.

Passo a palavra ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

ACADÊMICO JOSÉ SARNEY (*Mensagem lida pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça*)

O falecimento de Oscar Dias Corrêa deixa um vazio na vida brasileira. Ele foi uma personalidade múltipla, grande político, grande administrador, grande advogado, grande magistrado, grande escritor, sempre um dos primeiros em cada atividade. Encontrei-o na Câmara dos Deputados, em 1955, já vindo de dois mandatos na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Ambos estivemos na Câmara em 1959 e 1963, e fomos companheiros de Vice-Liderança da UDN. Construímos uma amizade que continuará na lembrança.

Foi professor de economia, de finanças, de direito nas universidades federais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, professor emérito da UFRJ, diretor da Faculdade de Direito da UERJ, conselheiro de várias universidades; foi Secretário de Educação de Magalhães Pinto; foi grande advogado, sempre. Em 1982 tornou-se um dos grandes ministros do Supremo Tribunal Federal,

onde se aposentou para se tornar Ministro da Justiça de meu governo, em 1989.

Amigos e companheiros da vida inteira, tornamos-nos confrades aqui na Academia Brasileira. Aqui acompanhei sua determinação quando a doença o obrigou a lutar até por oxigênio: se lhe faltava o ar, sobrava energia. Extraordinária figura humana, sempre cheio de vida e talento.

Deixa-me um vazio não preenchido, na alma de uma vida inteira juntos, nas artes da política e no gosto da convivência nesta nossa Casa.

ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO (*Mensagem lida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho*)

Podemos dizer de Oscar Dias Corrêa, – falecido enquanto dormia e sepultado ontem, dia 30, quarta-feira – a conhecida frase de Goethe: viveu intensa, resoluta e belamente. Nascido no Estado de Minas Gerais em fevereiro de 1921, já aos 25 anos era nomeado Oficial de Justiça do Gabinete do Secretário de Finanças daquele Estado, Professor João Fiúza de Lima. No ano seguinte (1947) já era eleito deputado à Assembléia Legislativa do Estado, e não parou nunca mais, mergulhado na vida política e cultural de seu torrão natal.

Basta dizer que, com 30 anos (1951), empossava-se como Professor Catedrático de Economia (concurso de títulos e provas) da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, hoje Federal. Passando por cerca de uma dúzia de novos postos profissionais, culminando como Professor Catedrático de Economia (de títulos e provas) na Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1957, com 36 anos. Chegou a Sub-reitor de Administração e de Direito, recebendo o título de Emérito ao aposentar-se.

Já em 1955 elegeu-se Deputado Federal, pela UDN, à qual se dedicou com paixão e entusiasmo. Várias foram as reeleições.

O posto mais elevado alcançado foi o de Ministro do Supremo Tribunal Federal em 1982. Em 1989 elegeu-se membro desta Academia, ocupando a Cadeira 28, da qual agora se ausenta.

Deixou uma larga produção intelectual, incansável. Era brilhante no discurso e no escrever: claro, límpido e preciso.

Sabia-se sempre onde encontrá-lo, nunca furta-cor. Desprendido, nunca ambicioso, as homenagens lhe vinham espontaneamente sem pleitear açodadamente as honrarias. Um exemplo, em 1995, Josué Montello deixou a Presidência da Casa; eu era Secretário-Geral. Era eu o candidato nato. Não me candidatei ao cargo e indiquei o Oscar Dias Corrêa. Montello também falou com ele. Tudo em vão, não aceitou a indicação e jamais se candidatou à chefia.

A Academia perde um grande Acadêmico, no qual se somavam as excelsas qualidades de caráter, de cultura e de inteligência. Resta-nos a saudade e o consolo de haver recebido o seu último livro, *Viagem com Dante*, com carinhosa dedicatória, datada de 11 de novembro último.

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. Diva, minha querida amiga e amiga de Célia, e família de Oscar Dias Corrêa.

Realmente, é uma sensação de desalento e de desamparo. Um país, uma cultura se constrói com exemplos, com referências constantes e renováveis. O destino não tem sido muito pródigo conosco nos últimos anos. Vamos progressivamente perdendo essas referências e Oscar Dias Corrêa está de maneira muito destacada entre essas referências da nacionalidade.

Seja como jurista consagrado, professor de Direito, seja como escritor, como narrador, como poeta, como o ouvido atento às vozes que vinham da península italiana, especialmente Dante, ele se revelou sempre um homem de cultura, com as antenas constantemente ligadas, e capaz de atingir geografias diversas. Fazia parte da sua maneira de ser brasileiro sendo universal.

O convívio aqui nesta Casa também fez com que aumentasse em cada um de nós o reconhecimento, a referência. Olhar para ele às vezes significava procurar o consentimento, a aprovação para algumas questões controvertidas. Podíamos estar certos de que dele viria sempre uma indicação de fundo ético. O ético nele era a única coisa não-negociável. Ele tinha uma capacidade ampla

de conviver, de viver com, mas desde que a fronteira da ética não fosse jamais ultrapassada nem negociada.

Fui dos últimos amigos dele e a cada dia me senti mais próximo e mais amigo dele. A impressão que eu tenho agora é de que perdi um dos meus mais recentes amigos de infância.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, querida família Dias Corrêa, Diva, Oscarzinho, Ângela, seus netos, genro.

Conhecemos Oscar Dias Corrêa durante o período de 1976-80, em que ele dirigiu a tradicional Faculdade de Direito do Catete, da UEG, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fomos colegas do Conselho Universitário, onde se destacava, como foi constante em tudo o que fez, pela seriedade da sua postura de educador exigente, sem concessões de qualquer natureza. O certo era o certo, os direitos eram para ser sempre respeitados, professores e alunos deveriam ser exemplares, pois estavam operando numa carreira que não poderia trabalhar com dúvidas ou meias verdades.

Esse o homem que sempre respeitamos e do qual tínhamos notícia desde que assumira o cargo de Secretário de Educação do Governador Magalhães Pinto, em Minas Gerais, no ano de 1961, preocupado com a interiorização do ensino.

Formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, lá começou a lecionar Economia Política e Direito do Trabalho, estendendo depois suas atividades de magistério para a então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em ambas como brilhante professor titular.

Foi homem público destacado, membro do Supremo Tribunal Federal e Ministro de Estado de Justiça do Governo José Sarney. Sempre fez da ética o seu principal mote, não fora ele destacado fundador da União Democrática Nacional.

Conversamos há pouco sobre essa epopéia no Cemitério São João Batista, antes da chegada do corpo, ao encontrar o ex-governador Rondon Pacheco, também presente. Com muita tristeza dizia ele: “Perdi um irmão.”

Oscar Dias Corrêa entrou para a Academia Brasileira de Letras em 89, num pleito aguerrido como tantos outros por ele enfrentados na sua vida pública de deputado federal por Minas Gerais.

Homem reto, de posições claras e de cristalino espírito democrático, destacou-se aqui na Casa do convívio pela adesão à causa acadêmica e pela facilidade no trato com os seus confrades. Nessa tarefa, justiça se faça, contou com a inexcusável companheira e esposa Diva, por nós também amada, sentimento que se estende aos filhos Ângela e Oscar Júnior, bem assim aos demais familiares.

Nos últimos anos, como fomos testemunhas, Oscar dedicou-se a outra paixão de toda a vida: a literatura. Escreveu contos, traduziu com enorme competência Dante Alighieri. Hoje, como era seu desejo, será lançado o seu último livro: *Viagem com Dante*. Pediu antes a Diva: “Quero esse lançamento na Academia mesmo que me aconteça alguma coisa.”

Quis o destino, de decisões imprevistas, que ele morresse ontem cedo. No caixão, na Sala dos Poetas Românticos, Diva se aproximou do corpo inanimado e disse baixinho, mas o suficiente para que eu ouvisse, estando perto: “Fique tranqüilo. Aqui estão todos os seus amigos.” Percebemos a dolorosa cena — para usar a linguagem de Dante. Pareceu a seguir que se ouvia a voz de Deus, ainda na palavra do poeta italiano. “Até aqui te trouxe com engenho e arte.”

Assim viveu entre nós Oscar Dias Corrêa. Deus certamente o acolherá com a ternura merecida e o respeito que teve entre nós e que certamente terá na vida eterna.

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Senhor Presidente, Confrades, família de Oscar Dias Corrêa.

Neste fim de semana experimentamos, eu e os brasileiros todos, naturalmente, uma convergência de saudades. Perdemos seguidamente Elvia Castello Branco, viúva do nosso confrade Castellinho e, como Oscar, integrante de um Tribunal Superior. Admirável figura humana, Elvia. Perdemos o jornalista

Luís Alberto Bahia, bravo, intelectual vigoroso, membro do Tribunal de Contas. Perdemos o nosso querido Oscar Dias Corrêa.

Era um dos meus contrapontos prediletos nesta Casa. Dizia há pouco a seu filho que o nosso cumprimento principiava sempre por a provocação de um pessedista, eu, a um udenista ortodoxo, que era Oscar Dias Corrêa. Divertíamos-nos muito com isso. Durante certo tempo tínhamos um parceiro para essa tertúlia, que era o nosso querido Geraldo França de Lima, pessedista tão expressivo em Minas quanto o Oscar udenista.

O que eu aprendi a cultivar em Oscar era o exponencial que nele se apresentavam as suas convicções. Ele não tinha cerimônia de mostrar aquilo que era a sua convicção, a sua eleição. O diálogo que a personalidade de Oscar Dias Corrêa sugeria em mim, na lembrança daquela classificação de Ortega y Gasset, que diz que o digno e o pusilânime sempre estabelecem uma relação vocacional da tragédia. Sempre vi Oscar como uma tragédia para o pusilânime, pelo tanto que ele era um homem de dignidade exemplar. Homem duro – Oscar era um homem duro. Acompanhei a sua posição em momento da vida nacional muito singular, ele discordando do seu grande amigo o Presidente da República, que o nomeara Ministro da Justiça, por questões de economia. Ele discordava duramente, mas não perdia a sua inclinação essencial, no meu modo de ver, do quanto aprendi com ele.

Oscar era inclinado aos afetos. Na maior discordância, ele sempre estava inclinado aos afetos. E agia assim lastreado no seu saber, na sua dedicação à causa da cultura. A cultura era para ele, essa é convicção nossa, aquilo que está sempre acima de qualquer diferença. Ele entendia isso muito bem e agia de acordo com aquilo que Tocqueville chamou “os hábitos do coração”. Sempre o fez ciente, convencido de que estava fazendo o melhor. Este era o hábito do seu coração.

Só quero ter sempre presente comigo que a Viagem que ele fez com Dante nós vamos continuar fazendo, a Viagem com Oscar.

ACADÊMICO CARLOS NEJAR

Senhor Presidente, eminentes Acadêmicos. Família do nosso saudoso confrade Oscar Dias Corrêa, sobretudo aqui a presença, com todo o nosso carinho, de Diva, a sua esposa.

O Acadêmico Oscar Dias Corrêa, mineiro de Itaúna, jurista, ministro do Supremo Tribunal Federal, ministro da Justiça. Autor, entre outros livros, do romance *Brasília*, de 1968, de *Quase Ficção*, contos, de 2003. Tradutor exímio de Dante Alighieri com sua selva poética, agora se adentrou na selva da morte, esta região de onde nenhum viajante voltou, no dizer de Shakespeare.

Lembramos seu convívio fraterno, a habilidade do orador e do homem de letras, o político que amou devotamente a sua terra, o valente, que mesmo enfermo, na sua cadeira de rodas, freqüentava a Academia. Sem ar, colhia o ar profundo e futuro desta Casa. Lembramos também o marido amoroso, que teve em Diva a companheira maravilhosa. O pai de família, das leis e dos sonhos.

Nesta data, na Casa de Machado de Assis, lançaria seu livro *Viagem com Dante*, que seguirá sem ele. E nesta data, aqui, o recordamos com saudade por sua viagem final, onde já está ao lado do grandíssimo poeta florentino. Morreu dormindo e acordou sonhando. Como ele, Dante, admite e nós o comprovamos nesse transe doloroso, como é fraco o dizer e como é pobre o meu conceito se o que eu tanto vi, por mais que o diga, o meu dizer não cobre. Porém, na casa eterna onde se acha suspira diante da infinitude. É minha mente, diz o poeta florentino, deslumbrou-se ao ver surgir fulgor imenso, indescritível. A alta fantasia a que o poder faltou, mas já voltava o querer vê-las, qual roda que igualmente há de mover Amor que move o sol e outras estrelas.

E o que Dante já disse, e Dias Corrêa traduziu morte adentro, não cabe mais palavra alguma, salvo a eternidade incandescente do silêncio.

ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON (*Mensagem lida pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet*)

ADEUS AO AMIGO OSCAR DIAS CORRÊA

Poucos são os seres que, frente aos seus contemporâneos, podem ostentar tanta correção de espírito, tanto rigor cívico diante da história republicana brasileira.

São raros os homens que inspiram confiança em seu juízo sobre o mundo e os méritos. E que, em confronto com questões transcendentais ou banais, embora todas iluminadas pelo coração de cada qual, preservam seus princípios sem temor e hesitação.

Oscar Dias Corrêa é um destes homens. Pertenceu, ao longo da vida, a uma dinastia que, acima mesmo da lei escrita, esmerava-se por defender aquelas noções de valor que têm a ver com a honra, com a integridade, com a palavra densa e conseqüente.

Quando o conheci, há uns quinze anos, já admiradora de sua biografia pública, de imediato descobri-lhe a grandeza humana. Soube-me diante de um homem de exceção, íntegro, justo, capaz de me ouvir sempre que eu o buscava, de me dizer o que esperava ouvir, sempre tendo em conta as circunstâncias que me levassem a sua presença.

Oscar Dias Corrêa, como amigo, jamais me falhou. Pois conquanto direto na argumentação, dando prova de argumentação jurídica – e mesmo contundente, quando necessário, sempre foi gentil e carinhoso. Enquanto me fazia crer que igualmente confiava em mim, acatava o que lhe dizia, conferia-me a honra de reconhecer a minha própria honra.

Quantas vezes lhe agradei sua presença no Brasil, a sua condição de brasileiro. Um brasileiro atento, inquiridor, incapaz de tergiversar sobre o que lhe parecesse essencial. A sua natureza moral não compactuava com o que lhe ferisse os princípios irrenunciáveis. Ele não negociava o que lhe parecesse inegociável. Sua dimensão ética, quando posta à prova, saía reforçada, ílesa das travessias difíceis, destes percursos a que o humano está sujeito e quantas vezes perece.

Este homem tão singular era sempre temo e urbano. Amoroso não só com Diva, Ângela, Oscarzinho, os netos, o genro, a nora, a família, enfim, amores de uma vida inteira. Mas sempre soube multiplicar o afeto entre os amigos aos quais servia com lealdade, devoção, fidelidade.

Na presidência desta Casa, no ano do nosso Centenário, tive-o sempre como um conselheiro cuja palavra favorecia não a mim, mas aos interesses primordiais desta Academia. Como prova do que acentuo, são suas interven-

ções, no plenário, sempre corajosas, ciosas em defesa de uma Academia também sujeita, como qualquer instituição humana, ao erro, caso uma voz corajosa não saísse em sua defesa para lhe chamar a atenção, quando na iminência de cometer excessos, de não levar em consideração as leis da vida e da realidade.

Os serviços que prestou à pátria foram invejáveis. A luta que empreendeu para estarmos à altura da grandeza que nos devemos e da qual não devemos nos furtar. Uma defesa que se irradiou de todas as tribunas que ocupou, quer as legislativas, as judiciárias, como as executivas. Sem que suas brilhantes conquistas profissionais jamais se traduzissem em vaidade, arrogância, desconsideração pelo próximo.

Comovia-me ouvi-lo falar de Diva, a extraordinária companheira de uma vida, das cartas de amor que ambos haviam trocado, ainda agora preservadas como inestimável bem na casa de Ipanema. Da família a que celebrava sem hesitação. De Minas como mineiro ufano Do Brasil, sua utopia maior. Da nossa ABL, a que zelava com denodo. De Dante, de que era tradutor e exegeta. E a que se associa até mesmo após a morte, quando seu livro *Viagem com Dante* é lançado justo no dia em que lhe estamos todos reverenciando a memória.

Consterna-me profundamente perdê-lo, de já não contar com sua presença amiga Guardo, nestes momentos, a triste sensação de havermos perdido um dos últimos representantes de uma estirpe sem a qual não conseguiremos erigir um Brasil com grandeza moral e intelectual. Com a ausência de Oscar Dias Corrêa tenho a suspeita da pátria estar desfalcada de sucessores capazes de dar andamento a um modelo de nação que nos reconduza à esperança.

Ao despedir-me deste brasileiro exemplar, deste amigo expresso minha gratidão pelo seu legado que há de me acompanhar sempre.

Oscar Dias Corrêa, sua memória enriquece a minha memória.

ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Senhor Presidente, sabendo da notícia ontem, em Palma de Majorca, onde se estava realizando uma reunião das Nações Unidas sobre cultura política e a importância da cultura liberal nos países em desenvolvimento, tive a

alegria de mencionar, no quadro das exposições feitas, em que se tratava de saber como a constante de uma defesa dos direitos humanos e da cultura liberal é essencial hoje para que se possa pensar numa cultura da paz, de mencionar a importância de Oscar Dias Corrêa dentro da sua geração e dentro desse trabalho. Estamos celebrando este ano o centenário de Afonso Arinos de Melo Franco, estamos celebrando a morte de Oscar Dias Corrêa.

Os direitos se definem numa sociologia de gerações e num percurso de décadas por esta altaneria, por esta constância, por esta militância da consciência. A geração da UDN, a geração que depois do primeiro Governo Vargas criou a Carta de 46, a geração que nos definiu em termos desse estuário das liberdades, nos quais essa consciência maior de fato desponta e se marca não também pela mineiridade essencial de Oscar Dias Corrêa.

Queria dizer, Diva Corrêa, que meu irmão Luciano hoje, na catedral de Mariana, celebrou a missa em homenagem a Oscar. Era preciso que o lugar mineiro respondesse ao que é essencialmente a voz, o recado, o sentido e a mensagem. O Secretário da Educação, o professor de Economia Política dentro do quadro de direito, o professor e diretor que se distribuiu entre a Universidade Federal de Minas Gerais, a PUC de Belo Horizonte e depois a Universidade Federal do Rio de Janeiro, inclusive assumindo em momento tão criativo a tarefa da sua direção.

Mas não é só o professor, não é só o grande cultor desse direito. É o homem público em toda a sua plenitude triádica: o deputado estadual e deputado federal, o ministro da Justiça e o membro do Supremo Tribunal Federal, também realizando a sua tarefa naquele ano fundamental de 1987 na vice-presidência do Tribunal Superior Eleitoral.

Vimos aqui nesta Casa, no Centenário, a maneira pela qual, e aí se sentia toda a força, toda a volúpia do *homo politicus*, ele nos deu aquele conjunto memorável de exposições sobre a pessoa política dentro da Casa de Machado de Assis.

Esta figura e esta marca nos deixa também, por outro lado, dentro do que foi um pouco a sua segunda natureza. Esta segunda natureza que faz com que os maiores desta Casa tenham a condição, no remate das suas vidas, de encontrar a sua natureza mais profunda. Aí está o exemplo de Miguel Reale, aí está

o exemplo de Afonso Arinos, aí está o exemplo desta vida interior em profundidade, pelo qual desde 37 e depois de Itaúna, há essa revelação de Dante para Oscar dias Corrêa.

Não conheço fidelidade tão exemplar, que se remete de novo às descobertas em sanatório – sanatório de Afonso Arinos, sanatório de Oscar dias Corrêa – onde ocorre esse encontro maior com uma poesia épica. O Brasil é tão pouco dado ao culto maior da poesia épica. Oscar Dias Corrêa, do deslumbre do que ele fez conhecer o seu professor, na verdade desenvolveu uma militância de toda a vida nessa explicação, nesse acompanhamento, nesse percurso onde o fascínio da grande obra lhe deixava sempre no horizonte da grandeza, mas ao mesmo tempo na humildade de não querer transigir nem transgredir o que fosse a tarefa da tradução.

Olho para esta cadeira como tantas vezes olhamos, nesses últimos dois anos, o enfermeiro ali fora, o que era a presença contumaz, permanente desse recado. Era um pouco a perseguição também para o empíreo do que fosse aqui dentro desta Academia a continuação, Canto por Canto, que Oscar Dias Corrêa, no passo a passo, só chegou até o Canto do Purgatório. Mas, ao mesmo tempo, ele nos diz que a partir daí ele deixa a continuidade, sentindo talvez o fim. E por aí vai de fato avançar e nos deixa esta frase, Sr. Presidente, que graças à Diva ele nos mostra esse momento quase de êxtase em que nós vamos passar ao segundo momento dessa nossa cerimônia, ao lançamento da sua *Viagem com Dante*:

“Era meu desejo seguir a viagem com Dante e Virgílio até o XXX Canto do Purgatório, passo por passo. E, depois, com Beatriz – já que Virgílio não pode ir ao Paraíso – até o Empíreo.” Ele foi mais adiante. E aqui, hoje, temos a certeza de que, nesse passo a passo, ele chegou de fato, como queria, ao Canto 33, ao empíreo e ao Canto do Paraíso.

ACADÊMICO IVO PITANGUY

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, Diva, Ângela, Oscar Júnior.

É um prazer e uma tristeza: prazer porque é uma pessoa que nós sentimos que deixou tanto; tristeza porque não o sentimos mais.

Oscar Dias Corrêa, com a sua forte mineiridade, sem cultuar o mineirismo de outros políticos, simboliza e deixa vivo para a posteridade o que Mintas tem de mais representativo. Era um homem de princípios e nobreza de caráter, exemplo e estímulo a todos os que pretendam dar à política qualidade e dignidade.

Oscar Dias Corrêa foi um ente múltiplo. Além de político foi magistrado, escritor e pensador de espírito universal, movido por poderoso tema interno. Encontrou o difícil equilíbrio do convívio do homem *de la plume e de l'action* – o homem da letra e da ação – virtude a poucos reservada, que transpareceu em todas as funções que ocupou.

Seu amor e profundo conhecimento da poesia, sobretudo de Dante, nos enriqueceram com a mais bela convivência com o *honorabile poeta*, guardando para o nosso deleite, em suas admiráveis traduções da poesia, sua eterna companheira, seu ritmo e música interna.

A Diva, Oscar Júnior e a Ângela, que na vida lhe trouxeram tanta alegria, dirijo muito especialmente estas palavras de saudade de pessoa tão nobre e amiga.

ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. D. Diva, Oscar Júnior e Ângela.

Creiam V. Ex.^{as} que não foi fácil entrar hoje nesta Casa sabendo que não encontraria a meu lado a figura de Oscar Dias Corrêa, embora hoje aqui esteja D. Diva ao meu lado. Parece que há uma maldição desta minha Cadeira porque do lado direito, há poucos anos, saía a figura de Geraldo França de Lima. Dois mineiros maravilhosos, dois exemplares de homens dignos – um da UDN e o outro do PSD – irmanados pelos ideais da cultura. Mas creio que não foi uma maldição, porque tive o privilégio nesta Casa de poder conviver tão intimamente com Geraldo França de Lima e com Oscar Dias Corrêa.

O meu conhecimento de Oscar é bem antigo. Estudante de Direito, em 1953, assisti a Oscar vir examinar um concurso de professor de Economia Política na Faculdade Nacional de Direito. Era recém-diplomado, após um

concurso em Minas Gerais, e tinha pouco mais de trinta anos. Mas a sua argüição foi realmente extraordinária. Com veemência e seriedade, inclusive em momento difícil que ele teve de enfrentar na argüição de um aluno.

Passaram-se os anos. Em 1978, numa Conferência de Advogados em Curitiba, sob a presidência do nosso querido e saudoso confrade Raymundo Faoro, lá estava Oscar Dias Corrêa, num momento também difícil, de várias paixões e de tolerância, quando apresentou uma tese que recebeu críticas severas, mas que ele defendeu com toda a dignidade.

Vejo-o também no Supremo Tribunal Federal, advogado elevado àquela Corte, com o gabinete sempre aberto aos seus colegas, recebendo seus ex-colegas com toda cortesia e com toda a dignidade. E vejo-o mais tarde, no Ministério da Justiça, presidindo a Comissão de Direitos de Defesa da Pessoa Humana, em que eu representava na Associação Brasileira de Educação, com a mesma cordialidade e a mesma clareza com que ele se portou nesta Casa.

Acho que pouco se falou aqui da obra literária de Oscar Dias Corrêa, que também merece ser citada, desde a famosa sátira política *Brasília*, que Afonso Arinos no discurso de recepção a Oscar dizia que era um pós-escrito às *Cartas Chilenas*, era Critilo falando do Fanfarrão Menésio. A síntese dessa obra literária que ele fez na ocasião merece ser aqui reproduzida: “Vossa obra é daquelas que engrandecem os assuntos de que trata. É também a personalidade do autor. Nunca o homem de letras deixou de se manifestar em vossa atividade mental.”

Este foi o retrato intelectual que Afonso Arinos traçou no dia da posse de Oscar, o terceiro mineiro que Afonso Arinos recebeu nesta Casa, depois de Guimarães Rosa e Otto Lara Resende, em que estava presente sempre a idéia da mineiridade, que ele traçava com grande percuciência e que foi um dos pontos que mais elogiou na obra de constitucionalista de Oscar Dias Corrêa.

Acho que esta sessão de saudade é também o momento de relatar os fatos da presença de Oscar nesta Casa, sempre presente, sempre atuante, defendendo suas idéias com convicção, às vezes com veemência, mas sempre com dignidade e educação. Na gestão de Josué Montello, quando a Academia estava passando por um período de reorganização, o presidente Josué Montello cos-

tumava sempre consultar os três grandes juristas da Casa: Miguel Reale, Evaristo de Moraes Filho e Oscar Dias Corrêa. Os pareceres de Oscar Dias Corrêa eram sempre da maior precisão, da maior correção, do maior senso jurídico e da maior propriedade.

Já se falou aqui do discurso de Oscar sobre os políticos na Academia no ano do centenário. Eu lembraria aqui a conferência sobre os poetas da Inconfidência, que foi um estudo magistral que ele apresentou nesta Casa, a publicação *Meus Versos dos Outros*, tradução de poetas italianos, e há uns três meses antes desta data triste Oscar Dias Corrêa me entregou um volume com vários trabalhos que ele reuniu sob o título *Na Tribuna da Academia*, que estou certo que a Academia irá publicar no ano de 2006.

De modo que a perda do amigo é uma perda desta Casa. Estou certo de que Oscar Dias Corrêa fará muita falta a todos nós.

ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO (*Mensagem lida pelo Acadêmico Murilo Melo Filho*)

Senhor Presidente não podendo comparecer na sessão de hoje, solicito acolher o voto por escrito abaixo.

Oscar Dias Corrêa, era bem um mineiro clássico. Discreto, de tratamento ameno, rigoroso nos seus estudos, principalmente da Língua Portuguesa que ele muito amava, pôs em tudo o que escreveu e produziu o timbre de suas origens montanhesas, foi político militante, deputado atuante no plenário da Câmara e no partido da qual era um prócere eminente. Oscar Dias Corrêa foi sempre coerente com a sua terra, com o pensamento de sua terra, com a civilização de sua terra, com a vocação mineira para a política no bom sentido e um oposicionista convincente.

Intelectual de alto mérito, tudo o que deixou tinha o timbre de suas origens, de seus estudos e de sua cultura de bom mineiro da velha tradição. Foi mais uma grande perda da Academia Brasileira de Letras, mas como é esse o nosso destino, curvemos perante Deus Nosso Senhor.

Sentindo esta morte por termos ficado bons amigos eu e Oscar Dias Corrêa, agradeço ao Senhor Presidente, a acolhida deste voto.

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET

Senhor Presidente, senhores familiares de Oscar Dias Corrêa, senhores Acadêmicos. Minhas Senhoras, meus Senhores.

Conheci relativamente pouco Oscar Dias Corrêa. Gostaria de lembrar apenas – a Diva talvez se lembre disso – que visitei o casal quando eu era Secretário Nacional de Cultura. Tivemos longa conversa que incluía vários assuntos culturais, políticos. De repente começamos a conversar inexplicavelmente sobre Eça de Queirós. Lembro-me de que Oscar, juntamente com outro mineiro amigo dele, Geraldo França de Lima, conhecia de cor passagens inteiras de Eça de Queirós. Ficamos os três intercambiando lembranças literárias e citando passagens inteiras de Eça de Queirós. Tivemos oportunidade de aprofundar essas conversas queirosianas e outras, mas nossos destinos diferentes, nossos rumos profissionais impediram que um contanto mais freqüente se fizesse. Em todas as ocasiões, na verdade poucas, em que eu tive oportunidade de conversar com Oscar Dias Corrêa, sempre me impressionou a sua cultura literária, a sua perfeita urbanidade de homem de letras, de *gentleman* e de *scholar*.

Conversando há pouco tempo, dois ou três meses atrás, com o atual ministro do Supremo, Eros Grau, ele me disse que uma vez teve que fazer, por alguma razão profissional, um contato com Oscar Dias Corrêa. As opiniões políticas eram bastante diferentes, e Eros, jovem advogado na época, estava intimidado com essa oportunidade de se encontrar com uma pessoa cujas idéias políticas eram tão divergentes das dele. Comunicou esses temores ao pai e este lhe disse: “Não de preocupe, as opiniões podem ser diferentes, mas a gentileza, a boa educação, a civilidade perfeita do Ministro Oscar Dias Corrêa vão colocá-lo imediatamente à vontade.” E disse Eros que foi exatamente o que aconteceu. Uma conversa solta e livre se encaminhou apesar das diferenças ideológicas que pudessem existir entre ambos.

Parecia ser esta a característica de Oscar. Embora fosse um homem de opiniões políticas firmes, não deixava que as suas opiniões interferissem, seja em suas relações pessoais, seja com aquilo que ele considerava mais importante, que era a verdade. A verdade no plano científico, a verdade no plano literário.

Lembro, por exemplo, que ele me contou, numa das conversas que tivemos na Academia, que participara da mesa que julgou um grande economista marxista que estava ambicionando uma cátedra de Sociologia na Universidade de São Paulo. Disse ele que não pôde votar favoravelmente à pretensão do candidato, independentemente de razões ideológicas. O marxismo dele não interessava, mas o fato era que mesmo dentro do âmbito do marxismo, que era o universo privilegiado desse candidato, ele se revelava pouco firme e com informações pouco seguras com relação ao próprio marxismo. Então, por essa razão, e apenas esta e não por quaisquer divergências ideológicas, Oscar não pôde posicionar-se favoravelmente ao candidato.

Lembro-me de que recentemente estava lendo, a propósito da preparação da minha palestra sobre Afonso Arinos, um dos comentários mais luminosos que Afonso Arinos faz, em que ele mostra as diferenças entre bacharelismo e jurisdicismo. Vários militantes tradicionais da UDN foram acusados de bacharelismo, e Afonso Arinos faz questão de estabelecer uma diferença entre as duas coisas. O bacharelismo é uma ação política miúda, prática, pragmática, mas que se baseia de alguma maneira numa certa concepção de direito; não uma grande filosofia do direito, mas um direito burocrático, rotineiro, um direito por assim dizer formalista e vazio. Então, o bacharelismo merece ter esse sentido depreciativo que o termo adquiriu na *vox populi*.

Jurisdicismo era o contrário. Não é uma crença no direito, mas uma crença tão absoluta, tão radical, tão extrema, que a realidade deveria dobrar-se diante do caráter absoluto e intemporal das normas jurídicas, o que é ilustrado segundo a máxima de *Fiat justitia pereat mundus* – que a justiça se faça embora o mundo tenha que perecer.

Tenho a impressão de que Oscar Dias Corrêa se situava entre esses dois extremos. Era bacharel sem ser bacharelista e jurista sem ser jurisdicista. Ele realmente sabia que a ação política tem códigos e normas próprios, se rege de acordo com princípios próprios, mas não poderia nunca, nesse sentido, ser jurisdicista, porque direito é uma coisa e política é outra. Mas, ao mesmo tempo e por outro lado, ele sabia que a ação política é inseparável da moral e do direito. Então ele não podia ser classificado em nenhum desses dois extre-

mos que esse outro mineiro, Afonso Arinos de Melo Franco, considerava tão indesejáveis.

Era o que eu tinha a dizer. Meu convívio com Oscar foi pouco, mas essas poucas ocasiões que tivemos me impressionaram profundamente e eu, ao me despedir de Oscar Dias Corrêa, me despeço de um verdadeiro amigo, de uma pessoa que eu muito admirava como intelectual, como político e como jurista.

ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO (*Mensagem lida pelo Acadêmico Cícero Sandroni*)

Pela segunda vez em poucos dias, sou atingido pela perda de um estimadíssimo e valioso confrade. Novamente, deixo de cumprir as formalidades cabíveis, mas explico: já não posso mais suportar a dor pelos amigos que se vão. Colheram-me inesperadamente as mortes de Sergio Corrêa da Costa e, agora, de Oscar Dias Corrêa. Na minha escassa convivência acadêmica, aprendi a ver neles, por sobre a indiscutível cultura, inteligência e postura de ambos, companheiros afáveis, espirituosos, simpáticos e distinguidos pela cultura e cortesia pessoais. Sinto-me empobrecido pela ausência deles e a Academia sofreu uma grande perda. Quero levar às famílias e à Academia meus sentimentos de luto, inexprimíveis por meras palavras, mas muito fundos e sinceros.

ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI (*Mensagem lida pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin*)

Sempre me impressionou a diversidade dos interesses culturais de Oscar Dias Corrêa. Embora ele se aplicasse mais nas publicações relacionadas com o Direito. Esses interesses abrangiam a economia política, os princípios constitucionais, os nomes de Minas, como Bilac Pinto, Haroldo Valladão e Milton Campos, e, na criação literária, até a fatura de um romance e de um livro de contos.

Como homem público, Oscar Dias Corrêa foi secretário de Educação de Minas Gerais, no Governo Magalhães Pinto, professor catedrático de Economia das Universidades de Minas Gerais e da atual Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde se tornou

professor emérito, professor titular de Economia da Universidade de Brasília, e, na magistratura, ministro do Supremo Tribunal Federal, sendo nomeado, depois, ministro da Justiça.

São muitas honrosas suas filiações acadêmicas: além da Academia brasileira de Letras, a Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras Jurídicas. Contam-se, também, prefácios e mais de uma centena de artigos surgidos em separatas e revistas especializadas. Durante vários anos, ele escreveu diariamente na *Folha de Minas* e no *Diário de Notícias* do Rio.

Mas a imagem que mais guardo de Oscar Dias Corrêa é a figura humana e amiga do confrade da Academia, cuja perda emociona a todos nós.

ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA

Senhor Presidente, Família de Oscar Dias Corrêa, meus Confrades.

É incomensurável a perda que todos estamos pranteando, uma vez que Oscar Dias Corrêa era um símbolo da ética em todos os aspectos da sua vida. Primeiro, pelo acendrado respeito a seus semelhantes, pouco importando o segmento da sociedade, pouco importando o brilho social ou outros critérios de avaliação. Aos poderosos e aos simples dispensava o mesmo tratamento franco e profundamente ancorado na sinceridade. Era um homem marcado pela fidelidade, entendida esta como a fonte desta credibilidade que ele porejava e secretava a cada instante de sua vida. Segundo, essa fidelidade que se vai expressar religiosamente na fé católica, sem cuja compreensão sua vida se transformaria num enigma insolúvel, porque essa fé lhe inspirava todos os instantes. E explicando a sobrançeria com a qual ele encarava a fatalidade da morte. Não se abalou jamais ante a proximidade da morte, o que é extremamente raro.

De outro lado, não podemos deixar de sublinhar o seu senso de responsabilidade, que eu entendo nele como uma espécie de vigília moral, uma permanente atenção aos valores em jogo, nas discussões, nos eventos, nos encontros ou desencontros da vida de cada um de nós.

De outra parte ainda, ele era extremamente veraz. A palavra de Oscar Dias Corrêa jamais era posta em dúvida. Isto porque por detrás da exuberância da sua inteligência e da sua cultura, ele era medularmente humilde, porque só o humilde é verdadeiro. Este era um traço que não se descobre à primeira vista numa pessoa.

Havendo convivido com ele durante tantas décadas e se tornado um amigo fraterno, eu o tinha como um irmão mais velho, posso atestar, através de sucessivas administrações desta Casa, que os dirigentes da ABL jamais deixaram de consultá-lo, não apenas para elucidar questões de natureza jurídica, como poderia parecer à primeira vista dada a sua competência exuberante, mas questões intrincadas, concernentes a problemas administrativos, a questões humanas. Ele era ouvido — presenciei isso várias vezes, integrante que fui de várias administrações da Casa.

Finalmente, a bondade. Era um homem bondoso. O que é ser bondoso? A bondade é o fruto da vida moral. Quando há harmonia moral, quando a personalidade está toda ela imbuída de valores éticos, a bondade como que emerge como conseqüência natural, como um verdadeiro corolário.

Este foi Oscar Dias Corrêa, como homem, como pessoa. Como homem público, já foi referido aqui por Candido Mendes, ele serviu aos três poderes. Quantas e quais não serão as qualidades exigidas para um homem desempenhar-se superlativamente bem em tão diversos campos da atividade pública, como magistrado, como ministro do Poder Executivo, como legislador estadual e federal, e teve a sobrançeria de abandonar a vida pública quando entendeu que um ato arbitrário havia suprimido os partidos, marcando o fim da sua sempre querida UDN.

Esta coerência visceral era outra marca registrada de Oscar Dias Corrêa. Não quero me estender mais. Quero apenas dizer-lhes que todos nós perdemos um grande confrade. Mas ele como confrade sempre estendeu a ponte a cada um de nós, abrindo o espaço para a emersão da amizade. A amizade que ele dedicava a todos nós e todos nos sentíamos seus amigos fraternos.

ACADÊMICO ANTONIO OLINTO

OSCAR NARRA DANTE

Antes de nos deixar, esta semana, terminou Oscar Dias Corrêa a descrição de sua viagem com Dante, ao longo de versos e de rimas, sobre o chão mesmo da poesia que ilumina as palavras, suas letras, seus vazios, suas pausas. A escolha de Dante para companheiro de viagem marca o homem que a faz, com uma clarividência rara e luminosa.

Uma semana antes me havia ele pedido que falasse sobre o livro em sessão na Academia ou na hora do lançamento de seu livro nesta Casa. É o que faço agora e aqui, aparentemente sem a sua presença, mas certamente com ela, pois suas palavras, seus diálogos com o poeta, com o poeta, com Beatriz, com Virgílio, mantêm-no conosco. De certa maneira Oscar parte, como Dante e com Dante, do meio do caminho de uma vida para narrar a história das gentes e do mundo, em busca do Paraíso e, por ser bom o Paraíso, foge da tragédia para dizer-se Comédia, e Comédia fica para todo o sempre. O caminho engloba também feras, a loba, o leão, a pantera. Mas também outros poetas se aproximam de Virgílio, e são Homero, Ovídio, Horácio e Lucano.

O que Oscar Dias Corrêa faz então é levantar nosso passado, um passado feito de palavras, como se todos os versos de antigamente houvessem ficado presos aos da *Divina Comédia*, que resumiria os versos da Grécia e de Roma, numa linha de domínio da linguagem que o analista e viajante de agora recolhe num livro para nosso uso, que muito precisamos dessa renovação e dessas raízes.

Na realidade, busca-se Deus. Ficamos, os poetas e nós, muitas vezes perdidos: onde está ele? Onde está esse que todos os evangelhos nos apresenta como salvador, capaz de nos levar a um entendimento claro e limpo do que é a vida e, pior ainda, ou melhor, do que vem a ser realmente a morte?

A decadência das formas e dos símbolos, a decadência geral de tudo o que o homem toca – eis o que preocupa Dante: tudo o que tinha sido bom de repente cai e desaparece, e Oscar, o autor de agora, percebe o esvaziamento da política, o fogo destruindo o rio e afastando para sempre o sonho de um império universal. Na realidade, vivemos todos em fila. As grandes civiliza-

ções fazem fila antes de quedas que se transformarão em novos países e reinos. No caminho há várias fossas. Na primeira fossa estão os sedutores; na segunda, os adúlteros; na terceira, os simoníacos, isto é, os que mercadejam, os que tiram vantagens das coisas nobres, os que vendem objetos sagrados, retirados de igrejas. E Oscar esclarece: “Os simoníacos vêm de Simão, o mago, que, como é narrado no Ato dos Apóstolos, oferece dinheiro a São Pedro para obter os dons do Espírito Santo. Em outra fossa estão os trapaceiros e prevaricadores, isto é, os corruptos que, em qualquer governo, roubam o povo e o erário público. Na última fossa estão os falsários, não só de moedas, mas também os falsários da bondade humana, da solidariedade entre os iguais.”

A longa viagem, que Dante promove, mostrando as fraquezas humanas, os pecadores de cada um e de todos, num poema que abre caminhos e cria horizontes, torna-se para nós uma obra também vista por Oscar Dias Corrêa como verdadeira história do homem, de suas fraquezas, de seus avanços, de seus silêncios e de sua persistência em continuar, apesar de tudo, na luta por seja o que for que esteja na frente.

Oscar Dias Corrêa deixou-nos, com esse livro, a sua herança humanística, numa viagem que permanecerá conosco, símbolo maior do “amor que move o sol e outras estrelas”.

ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA

Senhor Presidente, eu pediria licença de apenas dirigir uma breve palavra à D. Diva. Hoje recebi de presente o livro de Oscar. E ele, com uma linda dedicatória, dizia apenas isso: “A você que, melhor do que eu, tem intimidade com Aquele que *move il sole e l'altre stelle*. Oscar.” Muito obrigado, Diva, pelo imenso amor que ele tinha por este querido amigo.

ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

Senhor Presidente Ivan Junqueira, senhores Acadêmicos.
Minha querida Diva, meus queridos Oscarzinho, Ângela, nora, genro, netos e demais familiares.

Nesta sessão de saudade, falar sobre os 84 anos de um homem tão completo, como Oscar Dias Corrêa, que Deus ontem chamou à sua companhia, é uma tarefa assaz difícil e dolorosa.

Falarei, então, inicialmente do filho de Manoel Dias e de Maria da Fonseca

Corrêa, nascido no dia 1.º de fevereiro de 1921, em sua querida cidade de Itaúna, onde aos 14 anos de idade já vencia um concurso de oratória.

Ainda recentemente, ele era tão bairrista e tão ciumento com a sua cidade natal, que costumava dizer o seguinte: “– Belo Horizonte está, agora, muito bem integrada na Região Metropolitana da Grande Itaúna.”

Na juventude, foi o melhor seresteiro de sua cidade. E ele próprio recordava sempre: “– O namoro era tradicional. O rapaz levava dois anos para pegar na mão da moça. Pegar no braço só por descuido. E para outros ‘pegas’, era, preciso, primeiro, casar.”

Aquele triunfo no concurso de oratória já prenunciava o grande e incomparável orador que ele seria depois pela vida afora, mas previa igualmente o discípulo de Dante Alighieri, o pai da poesia italiana, o líder de Florença, o filósofo de *O Banquete*, o político de *A Monarquia*, mas, sobretudo, o autor da *Divina Comédia*, de *A Vida Nova* e de tantos outros sonetos amorosos, em homenagem à sua platônica paixão por Beatrix Portinari.

A admiração pelo grande florentino levaria naturalmente o menino itauense a aproximar-se de Giacomo Leopardi e a saber de cor estrofes inteiras do Inferno, do Purgatório e do Paraíso dantianos, com 33 cantos em cada uma dessas três partes, onde Alighieri, nesta obra que é talvez a maior expressão do humanismo cristão medieval, onde Alighieri descreve uma visão tida na Semana Santa, atravessa os nove círculos do Inferno e, no ápice da montanha, encontra Beatrix, que o conduz ao Paraíso.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Em 1940, com 19 anos, Oscar teve uma pleurisia, com infecção nos dois pulmões. Internou-se no Sanatório Belo Horizonte, durante três meses, após

os quais recebeu alta e saiu curado, tendo aproveitado a internação para aprender italiano e ler as Obras Completas de Dante Alighieri.

Em 1944, depois do “Manifesto dos Mineiros”, um grupo de líderes mineiros resolveu solidarizar-se com José Américo de Almeida pela sua entrevista ao *Correio da Manhã*, que derrubou a censura à imprensa no Estado Novo. Pedro Aleixo procurou Oscar para pedir-lhe a assinatura nesse telegrama e ouviu dele a seguinte resposta: “– Dr. Pedro, vou assiná-lo, porque na prisão o senhor leva jeito de ser pelo menos um bom companheiro.”

Recém-formado em Direito, Oscar abriu um escritório Carlos Castelo Branco, em Belo Horizonte, na Av. Amazonas, situado justamente em cima da Casa do Chope, por mera coincidência.

Certo dia, um possível cliente o consultou sobre qual era a especialidade do escritório, e Oscar respondeu: “– Meu amigo, quando você está começando a advogar, não tem esse luxo de especialidade. Tudo é clínica geral.”

Senhores Acadêmicos.

Falarei agora sobre Oscar Dias Corrêa, o jovem e combativo deputado estadual da UDN, numa brava e violenta oposição ao então Governador Juscelino Kubitschek.

Certa tarde, chegou à Assembléia uma mensagem do Governador solicitando um empréstimo de 2 bilhões de cruzeiros, para construção de estradas.

A UDN resolveu obstruir a mensagem. Oscar, para ganhar tempo, lia a *Arte de Furtar*, atribuída ao Padre Antônio Vieira, além de trechos da *Eneida* de Virgílio; das *Epístolas*, de Horácio e das *Catilinárias* de Cícero. Até que, um dia, Oscar bateu o seu próprio recorde: falou seis horas seguidas. E não ficou rouco.

Falarei em seguida sobre Oscar, já deputado federal aqui no Rio, em 1956, com a “Banda de Música”, ao lado de Carlos Lacerda, Adauto Cardoso, Aliomar Baleeiro, Bilac Pinto, Afonso Arinos, Prado Kelly e Odilon Braga, mais vigilante ainda no combate ao Presidente Juscelino.

Eles todos participaram talvez da mais brilhante fase da democracia brasileira, os dez anos, entre 1950 e 1960, que eu testemunhei de perto, aqui

no Palácio Tiradentes, com suas galerias repletas de manifestantes extasiados diante daquele exercício diário de grandes talentos oratórios.

Um clima de íntima confiança reinava então entre parlamentares et jornalistas. O Deputado Oscar Corrêa, em suas *Memórias Políticas*, relembra o seguinte: “– Carlos Castelo Branco e Murilo Melo Filho queriam apenas informações e frases.”

Um dia, eu pedi ao Murilo: “– Quando a frase for boa, você pode botar na minha boca. Quando ela for ruim, você bota na boca dos meus adversários.”

Senhores Acadêmicos.

Devo falar a seguir sobre Oscar, Secretário do Governador Magalhães Pinto, que quis inicialmente nomeá-lo para a Segurança Pública: “– Você perdeu o juízo, Magalhães. Não aceito de jeito nenhum. O primeiro sujeito que aparecer morto na rua, vão dizer que fui eu quem mandou matá-lo.”

Convidado para Secretário de Educação, Oscar sugeriu ao Governador:

“– Bota aí, quinhentas escolas, logo no primeiro ano de governo.

– Você está louco, Oscar?

– Estou louco, não, Magalhães. É que você não vai ganhar mesmo esta eleição. E papel aceita tudo. Então, bota aí: quinhentas escolas logo no primeiro ano de governo.”

Aí começou a batalha dos quinhentos grupos escolares, com pré-moldados de ferro, quatro salas de aula para 40 alunos em cada sala, num total de 160 alunos que, em três turmas diárias – manhã, tarde e noite – se multiplicavam para 480 alunos em todos os 500 municípios mineiros. As prefeituras cediam as áreas, empresas e particulares doavam os terrenos e a Secretaria de Educação construía os prédios, fornecia os móveis e nomeava as professoras. A verdade é que, no fim do primeiro ano, o Secretário pôde procurar o Governador e dizer-lhe: “– Eu não lhe disse, Magalhães. Olha aí as quinhentas escolas construídas e já em pleno funcionamento.”

Falarei a seguir de Oscar, professor catedrático de Economia e Emérito da Universidade do Rio de Janeiro, e que tinha com os estudantes um contato suave, mas rigoroso.

Certa vez, concedeu-lhes uma audiência e viu que, entre eles, havia duas moças. Estava sentado e se levantou: “— Perfeitamente, às ordens.”

Aí um dos alunos se sentou.

Oscar disse: “— Levante-se. Se eu, que sou professor e diretor da Faculdade, me levantei, em respeito a duas senhoritas presentes, por que o senhor vai ficar sentado? Levante-se.”

O estudante reagiu: “— Porque esse troço ...”

Aí não terminou a frase e foi interrompido por Oscar: “— Ou o senhor fala o nosso vernáculo direito, ou não teremos como nos entender...”

Poderia falar ainda sobre Oscar, Ministro do Supremo Tribunal Federal, na sucessão de Clóvis Ramallete e na companhia de grandes magistrados, como Moreira Alves, Djacir Falcão, Rafael Mayer, Décio Miranda, Cordeiro Guerra e Célio Borja.

Numa mensagem, hoje mais atual do que nunca, dizia Oscar que “um Ministro do Supremo Tribunal Federal não deve depender de ninguém, porque tem de ser absolutamente livre e não pode estar sujeito a nenhuma outra peia, a não ser a peia da Constituição”.

E como se falasse hoje aos ministros, seus sucessores, advertia Oscar: “O Supremo não pode se meter em brigas, nem pode tomar partido, porque tem de ser sempre insuspeito para dar a decisão final.”

Sobre Oscar, já Ministro da Justiça, sabe-se que no seu discurso de posse fez apenas uma promessa: a de cumprir a lei.

Foi um escândalo danado. No dia seguinte, a manchete dos jornais era somente uma: “O novo Ministro da Justiça promete cumprir a lei.”

Oscar pensou consigo mesmo: “— Ou eu estou doido, ou muito doido deve estar todo mundo. Se eu dissesse que não ia cumprir a lei, ainda bem.

Mas eu prometi justamente o contrário, isto é que ia cumpri-la e provoqueei todo esse rebuliço...”

Ficou horrorizado com o variegado elenco de problemas a cuidar, desde os direitos do Consumidor, da Mulher, da Pessoa Humana, dos Penitenciários, do CADE, até as terras indígenas, a Polícia Federal, os passaportes, os refugiados e as fronteiras. Demitiu-se nove meses depois, divergindo da orientação econômico-financeira do seu colega, o então todo-poderoso Ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, uma espécie de clone do Antônio Palocci de hoje.

Poderia falar ainda sobre Oscar advogado, mantendo a sua banca de advocacia como uma trincheira indômita e um *bunker* indormido na preservação do Direito e da Justiça, que foram sempre as duas grandes bandeiras de toda a sua vida, um advogado e um jurista na linha dos nossos confrades, os Acadêmicos Lúcio de Mendonça, Rodrigo Octavio, Rui Barbosa, João Luís Alves, Lafaiette Rodrigues Pereira, Pedro Lessa, Aníbal Freire, Pontes de Miranda, Cândido Motta, Clóvis Beviláqua, Evandro Lins e Silva, Hermes Lima e Raymundo Faoro.

Falarei finalmente sobre o Oscar escritor e autor do romance *Brasília*, de um livro de contos, de várias obras jurídicas e agora deste *Viagem com Dante*, ao qual ele dava muita importância e que, dentro de mais alguns minutos, será lançado aqui embaixo, na Sala dos Fundadores, infelizmente já sem a sua presença, mas com a presença de sua mulher e de sua família admiráveis.

Concluo dizendo, senhor Presidente, que este foi o Oscar Dias Corrêa, um ser plural e multifacetado, sobre o qual traçamos um despretenhoso esboço, para descrever aquele menino da cidade de Itaúna, que foi depois um dos poucos homens públicos deste país, aprovado no Legislativo, no Executivo e no Judiciário, na cátedra universitária e na advocacia liberal, deputado estadual em dois mandatos e deputado federal em três, secretário da Educação, ministro do Supremo, do TSE e da Justiça, professor, educador e escritor, mas, sobretudo, nosso querido confrade nesta Academia Brasileira de Letras.

Aqui, ele, que nos deixou há pouco mais de 24 horas, já está fazendo muita falta, porque era o proprietário de uma cultura suficientemente sólida para resolver os problemas de natureza regimental, estatutária ou jurídica, aos quais propunha sempre uma solução pertinente, correta et sensata.

Sua ausência já está sendo muito sentida, porque ele era um colega querido, que, ao longo dos 16 anos de sua presença entre nós, desde 1989, deu provas cabais de um excelente companheirismo e de um convívio afável e carinhoso.

Durante todo esse tempo, ele foi também um farol, uma lanterna, uma Bíblia, uma bússola, um azimute e um norte a balizar, a vocalizar e a sinalizar os caminhos de toda esta nossa comum e atual geração de brasileiros, que dele têm motivos de muita honra e de justo orgulho.

ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. Diva, Ângela, Oscar Júnior.

As minhas lembranças de Oscar Dias Corrêa vêm de muito tempo. Vêm de 1943, quando os estudantes da Faculdade de Direito de Minas Gerais, do prédio antigo, mas sempre ali na Praça Afonso Arinos, convidaram meu para fazer uma conferência, que foi uma conferência de oposição bastante forte. Ele foi saudado por um jovem estudante, que era Raul Machado Horta. Raul, de quem Virgílio tinha sido um diligente cupido no noivado e no casamento com a filha de Milton Campos. Outro jovem estudante era Oscar Dias Corrêa.

Passaram-se os anos, ele se elegeu deputado estadual e eu fui assistir a uma sessão da Assembléia Legislativa. Vi aquele galinho de briga igual ao galo de briga que ele foi até os últimos momentos em que ele conviveu aqui conosco na Academia. Ele não perdeu nunca aquele impulso, aquela combatividade. Eu não gostaria, Marcos Vilaça, que José Sarney ficasse sentido com o que vou dizer, não, porque sei que você vai contar a ele, mas estou certo de que com Oscar talvez tenha se ido o último udenista. Sarney é a conciliação personificada e Oscar era a personificação do combate. Fomos deputados federais juntos e eu pude testemunhar esse combate até o fim. Ele era um liberal, mas ele comigo não concordou em continuar se candidatando a um

Congresso cassado e castrado pela ditadura militar. E saímos juntos do Congresso no fim da legislatura de 1962.

Mas, não antes de uma coisa importante que Oscar fez, que foi no acordo de garantia de investimentos entre o Brasil e os Estados Unidos, ele, aliás, inspirado num discurso que Afonso Arinos havia feito no Senado. Havia um problema importante nesse acordo, que era o da denegação de justiça. O que Oscar fez foi uma ressalva que impediu que a denegação de justiça fosse levada ao arbitramento internacional. Lembro-me de Roberto Campos, que foi o grande inspirador desse acordo, depois ter dito a um assessor imediato seu, que me contou, que com esse fato Oscar tinha praticamente anulado o objetivo essencial do acordo, que era subtraí-lo à Justiça brasileira.

Disse que Oscar foi o último udenista porque Sarney foi da bossa nova da UDN, e Oscar era da bossa velha. Ele foi sempre igual a si mesmo. Quando deixou o partido ele deixou o Congresso. Ele era um liberal e não quis servir sob aquela ditadura, mas ele teve um grande futuro, teve uma grande vida no Judiciário e depois como Ministro da Justiça no governo de Sarney.

Aqui na Academia foi um companheiro admirável sempre. Eu gostaria de lembrar que Oscar era um homem reto, era inabalável, não se dobrava. Acho que Oscar combateu o bom combate, guardou a fé e lhe está reservada a coroa de justiça, a que o justo Oscar fez mérito, a que ele mereceu e que lhe está reservada desde ontem.

ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, D. Diva.

A mídia de hoje registra o passamento de Oscar Dias Corrêa dando ênfase apenas à sua vida pública. Uma vida pública maravilhosa, digna e que honra o nosso tempo. Mas estamos aqui nos momentos que antecedem o lançamento do último livro de Oscar Dias Corrêa. E temos que lembrar que, no início da vida dele, aos 16 anos, teve o encontro com a literatura italiana, não através da *Divina Comédia* – seria o mesmo que uma pessoa conhecer Beethoven pela Nona Sinfonia esquecendo a deliciosa Sinfonia n.º I. Ele começou com *Vita Nuova* e foi ali que Oscar se abriu para a literatura italia-

na. Não ficou apenas no Dante. Publicou também traduções primorosas de Torquato Tasso, Boccaccio, Petrarca, Leopardi e, sobretudo, Dante, que foi praticamente, tirante D. Diva, o grande amor da sua vida.

Eu queria ressaltar um mérito de tradução de Oscar Dias Corrêa. Quando fui eleito para a Academia o primeiro abraço que recebi foi de Oscar. Pensei que era uma demonstração apenas de cordialidade acadêmica. Mas logo na primeira semana descobrimos que havia um território mágico comum, que era o amor à literatura italiana. Tornamos-nos logo cúmplices e confidentes.

Analisando outras traduções que conheço de Dante, não só em português, como em francês e inglês, e quero ressaltar a maestria com que Oscar o traduziu. Stendhal dizia que alguns versos de Dante seriam intraduzíveis. Stendhal era um mitômano. Embora fosse um dos gênios do século XIX, era um “*monsieur moi-même*”, era um homem que inventava histórias. Tentou por diversas vezes traduzir Dante, mas não seria mais uma paráfrase, mais ou menos como Machado de Assis fez com *O Corvo* de Edgar Alan Poe.

Oscar Dias Corrêa traduziu alguns *Cantos*. Percebe-se que há uma mudança não de grau mas de gênero na tradução que ele fazia de Dante e de outros poetas italianos da sua predileção, sobretudo Leopardi e Ariosto. Mas há uma busca da chamada perfeição temática, não só de fundo mas também de forma. Vou dar um exemplo: sempre me impressionou muito no *Canto V*, o canto mais famoso do *Inferno*, o episódio de Paula e Francesa da Rimini, aquele famoso verso que Stendhal dizia que era intraduzível para todas as línguas: *Amor, ch'a nullo amato amar perdona*. Esse verso foi traduzido por portugueses e brasileiros de várias maneiras. Vou citar Luciano Martins, a quem devemos uma tradução integral da *Divina Comédia*, que traduziu o verso assim: “O amor que a nenhum há amado amar não priva.” Agora vejamos a simplicidade da tradução de Oscar: “Amor, que a amado algum amar perdoa.” Ele procurava o ritmo interno, o número de consoantes e o número de vogais, e faz uma boa tradução. Mallarmé também traduziu Poe e contava as vogais originais do inglês para traduzir para o francês.

Então, Oscar não é um tradutor diletante. Infelizmente – digo infelizmente – a vida pública o atraiu para outros setores onde ele se destacou brilhantemente. Mas a primeira namorada dele foi também a última – Dante.

ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA

Senhor Presidente, hoje, pela manhã, tentei escrever algumas palavras de saudade sobre Oscar dias Corrêa. Não consegui. Era-me fácil narrar o quanto a ele devi de socorro nesta Academia quando nela exerci a presidência. Quantas vezes ele me acudiu, com carinho e com sabedoria.

Mas o que eu desejava contar, e não consegui, porque creio que não haveria e não há palavras para isto, era o sentimento de felicidade que eu tinha por tê-lo à minha direita, embora algumas vezes tivesse de permeio Sábato Magaldi. O que eu queria descrever era a alegria que me dava a sua presença, o sentimento de que eu tinha, ao meu lado, algo sólido, forte, apesar de sua aparente debilidade. Alguém em quem, ao estender a mão, eu tinha a certeza de que podia apoiar-me. De maneira que a falta que me faz não é a do homem público, não é a do jurista, não é a do político, não é a do escritor, não é a do tradutor de Dante. É a do amigo.

ACADÊMICO EVANILDO BECHARA

A vontade férrea de viver e conviver conosco nesta Casa que lhe era tão cara, sua presença indefectível às quintas-feiras ao nosso chá e às nossas sessões plenárias, sua participação sempre sensata e ponderada, acatada por todos, a presença de sua *verve* inteligente e zombeteira nos trocadilhos aflorados num instante, tudo isto contestava com a notícia matutina do seu desaparecimento. Aquela figura paradigmática de tantas venturas e desventuras da vida política e social do Brasil dos últimos cinquenta anos nos havia deixado companheiros na orfandade de sua querida família.

Meus contatos com Oscar se foram amiudando na UERJ, ele diretor da Faculdade de Direito e eu da Faculdade de Letras. A figura austera dos primeiros encontros na Reitoria foi-se adocicando na convivência e sempre que o via – agora amiudamente na Academia – me lembrava das palavras com que Humberto de Campos se referira a Carlos de Laet, outra figura emblemática desta Casa, numa página de saudade de seu confrade:

“Afastem os espinhos que formam, aparentemente, aquela moita fervilhante de vespas, e encontrarão, dentro, um rosal, em que cada abelha guarda, por trás do ferrão, a dourada gota de mel [...]”

Só um espírito dotado de rigor e da fé o de Oscar teria a sensibilidade de identificar as duas pilastras que sustentam o magnífico edifício estrutural da *Divina Comédia*: a rigorosa e orgânica exatologia teológica, alimentada pelo ensinamento tomista, e um mundo vencido por uma consciência ético-política, de excepcional vigor de reação.

Apesar das lutas e desventuras nesta terra de todos nós. Oscar chega coroado de êxito, nos braços de sua Diva e de sua prole àquelas paragens da alta luz, e poderá pleitear o que seu Poeta cantou:

“Ó Suma Luz, Tu que te elevas tantos dos conceitos mortais, à minha mente concebe um pouco do que tens, o quanto converta minha língua em tão potente, que uma centelha, ao menos, de tua glória possa deixar à porvindoura gente.” (pág. 175).

ACADÊMICO ALFREDO BOSI (*Mensagem lida pelo Acadêmico Tarcísio Padilha*)

O passamento de nosso querido confrade Oscar Dias Corrêa quase às vésperas do lançamento de sua obra *Viagem com Dante* tocou-me profundamente; sentimento que desejo compartilhar com todos os membros desta Casa.

Trata-se de uma coincidência em que a tristeza da perda se confunde com a alegria da criação poética, que sobrevive ao tempo – breve ou longo – de existência que nos foi dado.

Oscar Dias Corrêa partiu oferecendo a cada um de nós, seus amigos e leitores, o roteiro da mais bela e extraordinária das viagens: aquela que Dante imaginou pelos três reinos do além, tais como os concebia a religiosidade medieval.

No exercício intenso e árduo de traduzir a *Divina Comédia*, ele consumiu os últimos anos de sua vida, que, sabemos todos, foi particularmente operosa, dividida entre a jurisprudência e a política, o memorialismo e a poesia.

A opção final (traduzir e comentar Dante!) é prova de uma sabedoria invulgar. Escolher, diz Kierkegaard em seu *Aut-aut*, é o ato que funda a nossa existência enquanto seres humanos éticos, e não apenas joguetes de um desti-

no cego. Oscar escolheu ouvir com extrema atenção a voz de um dos maiores poetas do Ocidente. Sabia de cor muitos de seus versos e os recitava com a perfeita prosódia toscana que aprendera, ainda adolescente, com a sua mestra Teresa Bernini na Casa d'Italia da Belo Horizonte dos anos 30.

Ao receber *Viagem com Dante* com a costumeira dedicatória generosa, respondi imediatamente agradecendo o precioso dom. Pergunto-me, perplexo, se o amigo Oscar terá tido tempo de ler minha mensagem. Nela, eu lhe contava um fato recente, que, não por acaso, lhe dizia respeito. No dia que precedera o recebimento do seu livro, eu havia feito uma conferência sobre poesia no campus de São Carlos da Universidade de São Paulo. Falara sobre Dante. Um aluno me pediu informações sobre a melhor tradução da *Divina Comédia*. Respondi que havia algumas razoáveis, mas que, bem pesadas as coisas, valeria mais a pena ele dedicar-se a aprender italiano para ler Dante no original. Mas, no dia seguinte, ao receber o presente de Oscar Dias Corrêa, mudei de opinião. E lhe disse que, agora, eu já poderia aconselhar a meus alunos que tomassem logo o rumo certo: que viajassem com Dante tendo por Virgílio a mão segura de Oscar Dias Corrêa. Espero que, um dia, Deus me conceda dar-lhe pessoalmente este recado.

ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

Senhor Presidente, D. Diva, familiares de Oscar Dias Corrêa. Senhores Acadêmicos, meus companheiros da Academia Carioca de Letras.

Nesta tarde outros acadêmicos, com mais tempo nesta Casa, já dissertaram sobre a rica e multifacetada biografia de Oscar Dias Corrêa. Na condição de noviço, ainda nos primeiros estágios desta ilustre confraria, permitam-me recordar os momentos para mim inolvidáveis de ouvi-lo, aqui no plenário, ou na hora do chá ou em alguns telefonemas, um dos quais comentando artigos que publiquei sobre os problemas da Amazônia, estimulando-me então a continuar na seara aberta pelo livro do nosso comum e saudoso amigo Arthur César Ferreira Reis, *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Seu último artigo para o *Jornal do Brasil* foi exatamente sobre esse tema.

Dava gosto ouvi-lo a exercitar sua brilhante inteligência, ver o empenho e o denodo do paladino do bom combate com que defendia suas idéias, mesmo

quando se discordava delas, o seu espírito alegre, crítico, muitas vezes ferino. Recentemente, num dos chás aqui da Academia, recebemos a visita de um escritor mineiro famoso. Quando cumprimentou Oscar, este olhou para o escritor e disse: “Você está muito bem”, e aí, talvez lembrando-se de alguma censura à vida amorosa do escritor, completou: “fisicamente...”, mas tudo isso sem perder a ternura jamais.

Era capaz de discorrer com erudição sobre a poesia italiana do Trecento com a mesma simpatia e naturalidade com que nos encantava e nos deixava com água na boca ao descrever as sutis diferenças de sabor, consistência e gordura entre a meia cura e a cura inteira do queijo de Minas.

Na poesia de Shakespeare procuramos consolo pela perda e o bardo nos diz: “*Grazing water lost makes the remembrance dear.*” Mas neste momento de louvor e saudade do companheiro que partiu, na tentativa de tornar querida sua lembrança, prefiro concluir com seu poeta de cabeceira que o acompanhou durante toda a vida que certamente o recebeu na terra desconhecida que a força de sua fé nos garante ser o paraíso: “Não existe maior dor / Que recordar na tristeza / As horas felizes.”

ACADÊMICO MARCO MACIEL (*Mensagem lida pelo Acadêmico Marcos Vilaça*)

Oscar Corrêa, cujo desaparecimento tanto nos comove, foi, a um só tempo, político e escritor, homem de pensamento e ação.

Ente múltiplo, difícil é dizer se foi maior no território da política ou versou com mais talento no campo cultural. Em ambos, sua atuação foi prenhe de densidade, como se pode ver da sua vida e da sua obra.

Orador e conferencista, reconhecido no País e fora dele, deixou uma espessa obra na Ciência Jurídica e no campo sáfaro da política.

Oscar Corrêa, amigo de décadas e com quem tive oportunidade de conversar, *bâttons rompus*, especialmente após meu ingresso nessa Casa, era capaz de pervagar em todos terrenos da atividade humana – políticos, jurídicos, sociais, econômicos, culturais e religiosos.

Salientaria ainda a sua exemplar formação moral, a coerência na vida pública e o testemunho da vida familiar. Era – não sou de exagerar – um *vir*

probus, cujos atributos devem ser modelo a quantos pretendam desempenhar a atividade pública entendida como virtude e fé cívica, arte do bem comum e exercício do bem servir ao povo e a suas instituições.

Sentiremos todos, seus amigos, a falta de sua presença alegre e provida de intenso afeto, mas a Academia se felicita pela honra de o haver acolhido entre seus membros.

Expresso, com nossa oração, o pesar, meu e de Anna Maria, a Dona Diva, sua companheira em todos os instantes, Ângela e Oscar Júnior.

ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN

Oscar Dias Corrêa se inscrevia na grande tradição dos juristas de linhagem humanista, para quem o saber das leis não prescinde de uma vasta e profícua interlocução com as demais manifestações do espírito. E, dentre tais manifestações, é imperioso assinalar os elos que amiúde se estabeleceram, na história das idéias no Brasil, entre o saber jurídico e o saber literário.

Viagem com Dante é uma obra que consolida a vertente, digamos, universalista da produção de Oscar Dias Corrêa, que coabitava em íntima e pacífica harmonia com seu lastro brasileiro. Oscar, de quem tive a honra de ser aluno no início da década de 1970, na UEG (atual UERJ), sempre soube conciliar as mais arraigadas e pragmáticas preocupações acerca do destino político do país às mais transcendentales especulações hauridas junto aos mestres do pensamento e da literatura universal. Não me deterei na sua consagrada carreira de homem público, em que ocupou, com inquebrantável sentido ético, relevantes cargos no Judiciário, atuando igualmente com muito destaque nas searas do Executivo, na condição de ministro da Justiça, e do Legislativo, no cargo de deputado federal. Prefiro enfatizar sua amorosa dedicação à literatura, seja como narrador, nos contos de *Quase Ficção* (2003), seja como crítico ou tradutor (*Meus Versos dos Outros*, 1999). Nesse particular, a obra recém-publicada é uma espécie de suma, ao enlaçar simultaneamente o adolescente de Itaúna, leitor comovido de Dante desde 1937, ao maduro (mas não menos apaixonado) tradutor de 2005. Eis-nos, portanto, frente ao registro do encontro de duas vidas dedicadas à busca do que de melhor contém o espírito humano. Oscar Dias Corrêa revelou-se um guia seguro nesta viagem ao essen-

cial do périplo dantesco, a partir da *Vita Nuova* até o ápice paradisíaco do “Amor que move o sol e outras estrelas”, por meio de uma tradução límpida e de comentários precisos, para que o leitor não se perdesse em meio ao complexo emaranhado da “selva” poética de Dante Alighieri.

Ressaltemos que Oscar Dias Corrêa nunca se furtou a assinalar a importância existencial (e não apenas livresca) do autor da *Divina Comédia* para a formação de seus valores e de sua visão de mundo. Quem traduz não deixa de revelar-se um pouco naquilo que traduz. Assim, no mesmo passo, pudemos aprofundarmo-nos na obra dantesca e no conhecimento da personalidade e da sensibilidade de Oscar, na fruição de uma inesquecível conversa ao pé de um fogo que, sendo florentino, nunca deixou de ser também mineiro.

ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO (*Mensagem lida pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin*)

Só fui conhecer pessoalmente Oscar Corrêa Dias depois que ingressei na Academia. Antes o conhecia muito por sua vida pública como deputado estadual em Minas Gerais, como deputado federal por esse estado, como ministro da Justiça e como membro do Supremo Tribunal Federal. Dessa vida pública, cujo início acompanhei em minha juventude belo-horizontina, guardei, sobretudo, a imagem do participante do aguerrido grupo de deputados udenistas, no qual se salientaram também dois outros ilustres mineiros, Afonso Arinos de Mello Franco e Milton Campos. Mas foi na Academia que algumas das virtudes do grupo e outras não suspeitadas me foram apresentadas no convívio semanal. Em Oscar Dias Corrêa revi, agora de perto, a retidão cívica e moral que tinha marcado sua vida pública. Mas também vi um colega exemplar que raramente faltava às sessões, apesar dos sacrifícios exigidos por suas condições de saúde, vi um atento guardião das tradições da Casa, vi um confrade bem-humorado e de alegre convívio. Em Oscar Dias Corrêa este novato entreviu um modelo do que imagina ser um autêntico acadêmico.

SENHORA DIVA CORRÊA

Eminentes senhores Acadêmicos. Só posso dizer quatro palavras: Oscar amava esta Casa.

PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA

Senhores Acadêmicos, Diva, Ângela, Oscar Júnior, demais familiares de Oscar Dias Corrêa.

Acho que aqui já se disse o suficiente, embora esse suficiente esteja muito distante do que seria o bastante, sobre a trajetória no magistério, na política, de magistrado, de jurista, enfim, de toda essa vida pública que nós conhecemos e aplaudimos há tanto tempo.

Affonso Arinos fez uma distinção essencial quando falou da diferença dos udenistas Oscar Dias Corrêa e José Sarney, quando exatamente precisou a diferença entre aquele que seguiu na política como um conciliador e aquele que, embora não sendo um fundamentalista, era um idealista da UDN.

Em todas as falas que ouvimos aqui nesta sessão de saudade há alguma coisa de muito importante. Cada um dos acadêmicos viu Oscar à sua maneira e extraiu do convívio que teve com ele aqui nesta Casa uma extraordinária lição.

Acerca de três meses atrás eu ia dizer no plenário uma coisa que no fundo eu achava que não deveria dizer. Então comentei com Oscar: “Oscar, vou cometer uma imprudência.” Ele virou-se para mim e disse: “Mais uma?” Virou-se para mim e, como dando o troco, disse: “Eu também vou cometer uma imprudência e queria a sua ajuda. Queria sua ajuda no sentido de me conseguir um editor, dos melhores aqui do Rio de Janeiro, para publicar um livro que na verdade estou escrevendo desde os 16 anos de idade.” Era exatamente *Viagem com Dante*, esse livro admirável como tradução, como comentário e, como eu disse na pequena apresentação que fiz ao livro, como uma obra de amor. *Viagem com Dante* é, acima de tudo, uma viagem de amor, uma viagem que começou quando Oscar tinha apenas 16 anos e foi apresentado por um professor do curso pré-jurídico à *Vita Nuova* de Dante Alighieri.

Percorri com todo cuidado essa tradução excepcional e acho que Oscar Dias Corrêa, nesse seu livro de despedida, entendeu como poucos o que um dia disse sobre tradução de poesia um outro notável tradutor de Dante Alighieri, que foi Dante Milano. O que ele disse eu não consideraria nem

uma *trouvaille* nem uma *boutade*, mas simplesmente um pensamento que me parece o mais correto a respeito dessa difícil arte da tradução. Dizia Dante Miláno: “Pode-se traduzir o que um poeta quis dizer, mas nunca o que ele disse.” E Oscar, em sua tradução, compreendeu isso, da mesma forma que eu tentei o compreender em todas as traduções que fiz até hoje.

A respeito desse livro de Oscar Dias Corrêa, a respeito dessa transcrição da selva de Dante o que se poderia dizer é que ele nos deixou uma coisa preciosíssima, uma coisa da qual se pode dizer, aproveitando um verso de Dante Alighieri: “*legato con amore in un volume*”.

Quero neste momento declarar vaga a Cadeira 28, cujo patrono foi Manuel de Almeida, tece como fundador Inglês de Sousa e como sucessores Xavier Marques, Menotti del Picchia e Oscar Dias Corrêa. A data para o encerramento das inscrições será no dia 1.º de janeiro de 2006 e a eleição está marcada para o dia 16 de março de 2006.

SESSÃO DO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira declarou aberta a sessão extraordinária para prestação de contas de 2005, apresentação, discussão e votação da Proposta Orçamentária para o Exercício de 2006.
- O Acadêmico Cícero Sandroni pediu desculpas por fazer chegar aos Acadêmicos, com atraso, o convite do Tribunal Regional Federal da 2.^a Região, do Centro Cultural da Justiça Federal do IPERJ-RJ e da ABL para uma solenidade que se realizará amanhã, dia 7, às 18 horas, no Salão Nobre do Centro Cultural da Justiça Federal, comemorando os 57 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e ressaltando a figura do Acadêmico Austregésilo de Athayde, redator brasileiro daquela carta.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida evocou a perda de Luís Alberto Bahia, padrão do jornalismo humanista brasileiro, profundamente vinculado à força do que o jornalismo representava na noção de um estatuto das liberdades e da defesa da sua absoluta autonomia numa cultura madura. Discorreu sobre a passagem de Luís Alberto Bahia no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil* e finalmente na *Folha de S. Paulo*, e sobre a sua obra destacou os livros *A Dimensão Injusta* e *O Fenômeno Divino*. Comunicou que está sendo criado um Prêmio Nacional de Jornalismo, organizado pela *Folha de S. Paulo* e, já que a organização vai também à Universidade Candido Mendes, pretende pedir a inclusão do Acadêmico Cícero Sandroni como participante da Comissão desse prêmio, para que a cada ano se possa ter a resposta e a continuação do que é o legado e a participação de Luís Alberto Bahia.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu e fez suas as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre Luís Alberto Bahia, com quem teve a honra de trabalhar na redação do *Jornal do Brasil* durante a década de 70, e que atesta tudo o que aqui foi dito sobre a excelência profissional e essa intensa irradiação de caráter que havia nesse jornalista excepcional.
- O Acadêmico Cícero Sandroni solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e deu também as suas impressões sobre Luís Alberto Bahia. Disse que o que sabe de jornalismo aprendeu com ele. Ficou muito agradecido pela indicação para essa Comissão, que considera imerecida. Relembrou os momentos maravilhosos, do início de sua carreira, mas também os momentos tensos e duros que o *Correio da Manhã* viveu até a sua extinção em 1972.
- O Presidente Ivan Junqueira passou à Ordem do Dia: Prestação de Contas de 2005 e apresentação, discussão e votação da Proposta Orçamentária para o Exercício de 2006. Fez uma apresentação do trabalho realizado pela Diretoria e comentou o texto que já foi encaminhado a todos os acadêmicos. Deixou muito claro um agradecimento ao Diretor Tesoureiro, Cícero Sandroni, que no último mês só conseguia pensar numa única coisa: como oferecer esta Proposta de Orçamento ao plenário

da Academia. Nesse sentido e evidentemente em todos os outros, deve muito a ele e gostaria de deixar isto particularmente claro. Pede a ele que faça a apresentação discriminada do Orçamento com que contará esta Casa no próximo ano. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que todos trabalharam duramente. Não só a Diretoria como também os responsáveis pelos setores, pelos departamentos, pelas gerências e pelos pequenos grupos que estão indicados na primeira página do Orçamento. Fez uma exposição detalhada dos valores discriminados no Orçamento e lembrou que das receitas do Palácio Austregésilo de Athayde somente setenta por cento podem ser usadas, os trinta por cento restantes são destinados aos investimentos.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu ao Relator da Comissão de Contas para ler o Parecer com relação ao pedido de suplementação de verbas.
- O Acadêmico Tarcício Padilha leu o Parecer da Comissão de Contas integrada pelos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Presidente; Affonso Arinos de Mello Franco e Tarcísio Padilha. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fez considerações quanto ao problema econômico e contábil que entra em pauta para uma nova Diretoria. Salientou a importância do desempenho da Diretoria, no momento de uma conjuntura tão madrastra, conseguir um resultado esplêndido que está diante de todos nós. Disse que a situação é desequilibrante porque 98% da receita vêm dos recursos da ENGEPROD e a relocação veio com preços de mercado mais baixos. Congratulou-se com a Academia, que fez o possível para manter uma taxa de ocupação alta. Disse que há uma condição extraordinária na despesa da Casa, que é a de aumentar 10%, a cada ano, sua Folha de Pagamento. É uma condição altamente louvável numa Casa como esta, mas perguntou se a Academia tem condições para manter continuamente este fator dentro de uma perspectiva de equilíbrio em que a Casa estará, diante das receitas e das despesas. Atualmente a despesa com a Folha de Pessoal vai a 48% efetivamente desse gasto e os gastos com a Biblioteca Rodolfo Garcia vão a

12% dentro desse conjunto. A despesa com a Biblioteca tem inúmeras cláusulas e é preciso saber se a Academia vai poder manter a Biblioteca Rodolfo Garcia porque, para mantê-la, mesmo em 35%, estamos reduzindo a taxa efetiva em que o investimento se comporta diante da despesa e da receita. Perguntou quais são os juros de investimento, se a Academia está trabalhando com aplicações que dentro da economia de mercado permitam a melhoria desse rendimento e qual é a política da Academia na orientação dos juros desse investimento. Finalizando, repetiu o profundo elogio a essa administração.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que a Academia é uma das instituições que melhor paga, num sentido muito democrata-social, porque do menor salário até o maior há uma diferença de dez vezes. Em função dos aumentos, que foram dados acima do acordado, a folha do pessoal cresceu muito. O salário médio da Academia é de R\$ 3.200,00. Respondendo ao Acadêmico Candido Mendes, com relação aos investimentos, disse que a Academia só pode aplicar, conforme decidido no plenário e está no Regimento, no Banco do Brasil e na Caixa Econômica. As aplicações nesses bancos são as melhores possíveis.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que o assunto vem de longe e está realmente no Regimento. Lembrou que o Acadêmico Roberto Campos, quando integrou a Diretoria, fez por iniciativa própria um cálculo tomando como referência os investimentos existentes nos quatro maiores bancos do País, excluindo o Banco do Brasil e a Caixa Econômica. Chegou à conclusão, que está registrada em Ata, de que a Academia perde 80% em aplicações por causa desse artigo do Regimento.
- O Presidente Ivan Junqueira passou a palavra ao Acadêmico Moacyr Scliar e pediu ao plenário que analisasse o parecer da Comissão de Contas.
- O Acadêmico Moacyr Scliar lembrou que em outubro fez dois anos que entrou para a Academia Brasileira de Letras. Disse que nos últimos tempos começou a acompanhar mais o trabalho da Academia, sobretudo o Orçamento, que é um documento bem elaborado e merece as congratulações. Disse que depois que se tornou membro da Academia Brasileira de

Letras notou duas coisas. A primeira, que a condição de ser membro da Academia Brasileira de Letras é uma condição notável. A segunda é que sempre que dá uma palestra lhe perguntam o que faz a Academia Brasileira de Letras. Essa é uma pergunta constante. Os brasileiros não sabem o que faz a Academia Brasileira de Letras. Acha muito embaraçoso, porque reflete o fato de que essa interface entre a Academia e a população, que deveria ser mais atuante, realmente não está funcionando. Acha muito importante discutir o Orçamento; porém, mais importante do que discutir o Orçamento, é discutir o planejamento da Instituição, porque o Orçamento estará atrelado ao planejamento. Quais são as prioridades da Instituição, qual é a população alvo, a quem ela se dirige e de que maneira se dirige? O que a Academia considera importante como contribuição ao País? Isto não está no Orçamento, mas é preciso que esteja num documento. É preciso que as prioridades, os objetivos, as metas e as estratégias estejam sujeitas a uma discussão tão importante quanto a do Orçamento. Finalizando, disse que uma proposta orçamentária tem que estar atrelada a uma programação.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que, no seu entender, não existe falta de planejamento, porque ele existe e é muito bem feito. Acha apenas que o que falta à Academia, isso percebe desde que foi eleito, é um plano de divulgação mais objetivo do que esta Casa faz. Já teve a oportunidade de ver que as pessoas não sabem direito o que a Academia Brasileira de Letras faz. No entanto, continua a ser uma casa de cultura muito opulenta e muito constante nas suas realizações.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que os franceses sabem muito pouco sobre a Academia Francesa e os espanhóis também sabem muito pouco sobre a Real Academia de Espanha.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que morou cinco anos em Madri e não participa da conclusão do Presidente Ivan Junqueira. Congratulou-se com a Comissão de Contas pela precisão do documento, mas não pode deixar de se solidarizar com o Acadêmico Moacyr Scliar. Realmente, inexistente a difusão da Academia Brasileira de Letras. Isso não foi levado em consideração. Numa sociedade de massa, o que não tem visibilidade ine-

xiste. Disse que viveu há poucos dias uma experiência pessoal curiosa. Teve a honra de fazer uma das palestras do Ciclo Afonso Arinos de Melo Franco e não saiu uma nota sequer no jornal. Tinha saído quinze dias antes, mas as pessoas estão tão ocupadas que qualquer notícia não tem esse efeito à longa ou à média distância. Se nós queremos gerar uma visibilidade, se o Presidente diz que a programação existe, e que as metas existem e os alvos estão devidamente caracterizados, então que se reprograma esse setor para que se torne razoavelmente conhecido.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as intervenções dos Acadêmicos Moacyr Scliar e Eduardo Portella; realmente se trata de uma falha desta Casa. Disse que o Setor de Divulgação, mesmo dando o desconto de que essa divulgação às vezes é difícil porque se conta com a má vontade da imprensa, deve ser revisto. Acha que as novas Diretorias da Casa haverão de mudar os rumos do procedimento da nossa divulgação. O nível de frequência da Casa aumentou muito nesses últimos anos, mas ainda é pouco. Os jornais e a televisão teriam que ter um pouco mais de boa vontade com a Casa, e a Academia, por sua vez, teria que contar com meios de comunicação um pouco mais de agressividade profissional.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou a sessão em que o Acadêmico Celso Furtado levantou a mesma questão de que falou o Acadêmico Moacyr Scliar. Antes de fazer o Orçamento, é preciso saber o que vamos fazer no ano que vem, ter um projeto para o ano seguinte. E aqui se colocou, naquela ocasião, a possibilidade do orçamento ser apresentado pela nova Diretoria. Atualmente, o que ocorre é que a Diretoria presidida pelo Acadêmico Ivan Junqueira está dando recursos para a Diretoria que vai ser comandada por um outro acadêmico daqui a uma semana. É este novo Presidente que tem que definir quais são as prioridades que vai dar à atividade acadêmica. Acha que precisa ser feita uma modificação pela qual o Orçamento seja aprovado por quem vai realmente executá-lo. Foi este o sentido da intervenção que, naquela época, fez o Acadêmico Celso Furtado.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, para comentar o que disse o Acadêmico Moacyr Scliar, disse que a Academia é realmente uma instituição em eter-

no movimento. Quando se diz que o Orçamento não foi feito na base do planejamento das atividades, não é exatamente assim. Do planejamento das atividades é que resulta o Orçamento. Por exemplo, se o Acadêmico Moacyr Scliar perguntar ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, ele dirá o que foi feito e quais foram as necessidades e os planejamentos realizados no Centro de Memória para o ano de 2006. E assim por diante em relação a todos os setores. Disse que a Diretoria procura adequar esses planejamentos aos recursos que a Academia tem. Há um planejamento em cada setor, como tem acontecido historicamente. Em relação ao investimento, o investimento e os juros não interferem no Orçamento. Não podemos aplicar esse dinheiro, que está sendo utilizado, em parte, apenas para pagar as despesas dos elevadores. O Orçamento vem dos aluguéis, o dinheiro que é investido e os juros são a reserva técnica, o investimento que vamos deixar para as futuras gerações. Para esse dinheiro investido a Academia procura a melhor aplicação, dentro do que o Regimento permite. O Orçamento vem do dinheiro dos aluguéis. Disse que, para um futuro próximo, a Academia deve rever isso, porque os aluguéis vão ficar cada vez mais achatados. Há um dado que não aparece no Orçamento, que é um pequeno investimento em ações, feito na presidência do Acadêmico Austregésilo de Athayde, que vem rendendo muito mais do que os investimentos dos bancos. Sobre a divulgação da Academia disse que ela não tem que ser popular; tem que ser respeitada, e só será conhecida na medida em que for respeitada pelas suas realizações, pelas publicações, pelo Centro de Memória, pelas Bibliotecas, pelos ciclos de conferências e outras atividades.

- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que concorda com o Acadêmico Cícero Sandroni quando diz que a Academia não pode atingir a população brasileira como vacina ou como campanha de alfabetização, mas a Academia pode trabalhar com agentes multiplicadores. Não é a mesma coisa dar a palestra e virem trinta pessoas ao acaso ou convidar trinta pessoas que são importantes para uma palestra da Academia.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que o esclarecimento do Acadêmico Cícero Sandroni estabeleceu uma oposição entre popularidade e confidencialidade. Acha que a Academia não dever ser popular no sentido do

Maracanã aplaudi-la, mas sair desse regime de confidencialidade seria oportuno. Defender a antipopularização fica parecendo que a Academia quer manter a condição de elite intelectual que se compraz a si mesma de ser um estrato social privilegiado. Sobre o que falou o Acadêmico Moacyr Scliar, disse que é uma questão de programação básica, vinculada ao orçamento. O ano passado o Acadêmico Helio Jaguaribe sugeriu um seminário sobre Ortega y Gasset que não estava no programa; foi feito e ficou muito bom. Finalizando, acha que a Academia deve explorar mais as leis de incentivo fiscal. Se ela reconhece que o Orçamento, que é vinculado ao Palácio Austregésilo de Athayde, não atende às necessidades básicas, então é indispensável que a Academia pense em outras fontes de rendimento. São três sugestões para se pensar com calma.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que há necessidade, por parte da Casa, de se votar o Orçamento porque a conferência sobre o Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco irá começar às 17h 30min, e submeteu ao Plenário o Parecer da Comissão de Contas, que foi aprovado.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida falou sobre a importância dessa sessão sobre a questão da publicidade e presença coletiva da Casa. Acha o tema prioritário, por isso deve ser objeto de uma reunião mais ampla no começo do ano que vem. Disse que o Fórum Universitário do Rio de Janeiro está oferecendo à Academia o Canal I6 de uma maneira continuada. São cem mil pessoas de audiência, sendo necessário que o acordo entre as universidades e a Academia se faça para que tenhamos a entrevista, a comunicação e a presença deste trabalho. Há muita coisa a fazer do ponto de vista de “websites”, a inter-relação do site da Academia com outros mais pode chegar a um multiplicador que até agora não está efetivamente trabalhado. Por fim, disse que o custo de propaganda hoje tem que ser altamente profissional e é isso que vai relevar, diante de uma imprensa altamente centralizada, altamente concentrada. Acha que no próximo orçamento terá que se pensar numa verba de publicidade se a Academia quiser chegar à circulação que essa matéria requer.
- O Presidente Ivan Junqueira convidou a todos para as duas conferências a serem proferidas sobre Afonso Arinos de Melo Franco, que marca o

encerramento do 9.º ciclo da programação cultural deste ano, por Wilson Figueiredo, sobre Afonso Arinos de Melo Franco, político, e por Marcos de Sá Corrêa, sobre Afonso Arinos de Melo Franco, jornalista. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

ORÇAMENTO DA ABL PARA 2006

Lido pelo Acadêmico Cícero Sandroni

O Orçamento para 2006 que oferecemos para análise e aprovação da Comissão de Contas e ao Plenário da Academia, prevê uma receita, (em 98% proposta pela Engepred, e o restante provindo de receitas diversas) de R\$ 10.700.000,00 (dez milhões e setecentos mil reais), quantia bem mais ampla do que a do ano anterior, pois já incorpora os aluguéis dos espaços alugados no último trimestre de 2005. Não estão computadas neste total as despesas com a Biblioteca Rodolfo Garcia, no valor aproximado de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais, quantia que será retirada dos juros do investimento, como já foi informado).

Mesmo assim, devido ao crescimento das atividades da ABL, a preparação do Orçamento exigiu um trabalho intenso do corpo técnico e um estudo acurado da Diretoria. Foi necessário contar os tostões para, no desejo de atender às necessidades materiais exigidas para a execução dos projetos em curso, inseri-los na inevitável realidade dos números. Realidade esta representada pela receita que hoje, devido ao achatamento dos aluguéis do Palácio Austregésilo de Athayde, não representa mais os mesmos valores dos primeiros anos em que a ABL entrou na posse do edifício.

Como é da tradição da Casa, trata-se, assim, de orçamento adequado aos recursos previstos, que, a exemplo do acontecido em anos anteriores, só o desenrolar dos próximos doze meses poderá confirmar. As informações transmitidas pela Engepred nos asseguram normalidade na permanência dos atuais inquilinos nas bases contratadas em 2005. Todavia, despesas não orçadas, como reformas de prédios da herança de Francisco Alves, talvez se tornem necessárias no curso do próximo ano. Dessa forma, toda a economia e um

controle rígido dos dispêndios serão indispensáveis para o bom desempenho das atividades acadêmicas e o crescimento, mesmo que pequeno, do investimento, o fundo de provisão, nosso passaporte para o futuro e herança que obrigatoriamente devemos passar às futuras gerações.

Com estas considerações, colocamo-nos ao inteiro dispor dos Senhores Acadêmicos para informações adicionais. Apresentamos aos Excelentíssimos Membros da Comissão de Contas as contas da Academia Brasileira de Letras de 2005, acompanhadas do Orçamento para 2006 para, depois da respectiva análise e do relatório final, encaminhamento ao plenário, para discussão e pedido de aprovação.

Sem mais, com nossas saudações acadêmicas,

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 2005

Ivan Junqueira – *Presidente*

Evanildo Bechara – *Secretário-Geral*

Cícero Sandroni – *Diretor Tesoureiro*

PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS

Lido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha

A Diretoria da Academia Brasileira de Letras enviou a esta Comissão de Contas relatório sobre as receitas e despesas do exercício de 2005, pedido de complementação orçamentária e o Orçamento referente ao ano 2006.

Cumpra, inicialmente, ressaltar que, a exemplo de administrações anteriores, a atual Diretoria, eleita em dezembro de 2003, encontrou recursos financeiros de R\$ 15.142.622,87 (quinze milhões cento e quarenta e dois mil seiscentos e vinte dois reais e oitenta e sete centavos) e intenta concluir o exercício com investimentos no valor de R\$ 17.414.000,00 (dezesete milhões quatrocentos e quatorze mil reais), 15% superiores ao montante encontrado no início da gestão da Diretoria.

Pondera a Diretoria que o acréscimo das reservas somente não atingiu um patamar ainda expressivo em face dos pagamentos acordados em contratos anteriores, a saber:

a) Reforma dos elevadores.

Após 27 anos de funcionamento, os doze elevadores do Palácio Austregésilo de Athayde estavam a exigir obras a fim de dar-lhes condições de funcionamento, com a adequação da reforma aos ditames de tecnologia avançada, assim contribuindo para se lograr maiores facilidades em alugar as salas do Palácio Austregésilo de Athayde. A modernização dos elevadores foi orçada em R\$ 5.523.000,00 (cinco milhões quinhentos e vinte e três mil reais), havendo os pagamentos realizados alcançado, em 2005, o total de R\$ 3.594.000,00 (três milhões quinhentos e noventa e quatro mil reais). É de salientar-se que tais despesas, com a prévia autorização do plenário da ABL,

foram retiradas dos 30% do total da renda do Palácio Austregésilo de Athayde. O percentual de 30% se destina regimentalmente a um fundo de provisão, para dotar a administração de recursos para emergências ou projetos de elevado corte.

b) Custeio da Biblioteca Rodolfo Garcia.

O plenário houve por bem de autorizar a utilização de parte dos juros auferidos pelos investimentos da ABL para cobrir os gastos com a nova biblioteca. Não seria viável enfrentar os novos custos com base no orçamento. No ano em curso, o percentual subiu a 50% [cerca de R\$ 1.000.000,00 (hum milhão de reais)]. Já em 2006, o percentual descerá a 35 %. Destarte, para 2006 a redução do percentual equivalerá ao crescimento do investimento, ou seja, exatamente o equivalente à despesa estimada para o ano vindouro.

c) Execução do orçamento de 2005.

Consoante informação da Engepred, empresa que administra o Palácio Austregésilo de Athayde, as receitas de aluguéis foram estimadas em R\$ 9.026.494,20 (nove milhões vinte e seis mil quatrocentos e noventa e quatro reais e vinte centavos), já deduzidos os 30% estipulados pelo artigo 39 do Regimento.

Houve redução na receita de aluguéis em face da vacância de andares do Palácio, assim dificultando o atendimento às reivindicações dos diversos setores da ABL no justo empenho em realizar os trabalhos a eles cometidos. Frise-se que, além das despesas relacionadas com as seções da Academia, cumpria prever valores suficientes para as despesas com acadêmicos e com o corpo funcional. Ocorreram cortes e ao mesmo tempo prêmios da ABL e o convênio com a Universidade de Oxford, enquanto se aguardava a melhoria na ocupação do Palácio, o que veio a se verificar já no segundo semestre.

Não há como obscurecer a necessidade de reduzir os níveis de aluguel, fenômeno que se impõe em imóveis do Centro. Ainda assim, resta apenas para alugar meio andar do Palácio.

Foi alinhado o seguinte elenco das receitas perdidas: aluguéis não recebidos: R\$ 1.202.000,00 (hum milhão duzentos e dois mil reais); condomínios

por espaços não ocupados: R\$ 580.000,00 (quinhentos e oitenta mil reais); IPTU pago pela Academia por espaços não ocupados R\$ 146.000,00 (cento e quarenta e seis mil reais) e corretagem devida em função dos novos inquilinos: R\$ 159.000,00 (cento e cinquenta e nove mil reais).

Fatores de origem diversa contribuíram para aumento de despesa. É o caso altamente positivo de maior presença de acadêmicos, num percentual de aproximadamente 12%, seja às conferências das terças-feiras, como às sessões ordinárias das quintas-feiras. O pagamento dos jetons gera efeito em cascata de impostos como Imposto de Renda, ISS e INSS. Também cresceu o número de viagens de acadêmicos residentes fora da sede. Igualmente ocorreu reajuste dos preços de seguro-saúde dos acadêmicos. Sem falar no aumento anual dos funcionários. Não se poderá obscurecer a presença de inflação, distante em muitos casos do apregoado oficialmente.

Desnecessário consignar neste parecer o vulto das realizações da atual Diretoria que, a braços com óbices de monta, realizou rica e consistente programação. Cabe registrar a competência e a dedicação do corpo administrativo e técnico da Casa. Caberá ao Secretário-geral, ao ensejo da cerimônia de posse da nova Diretoria, apresentar o relatório das atividades-fim da ABL.

Tendo em vista as obras não orçadas, mas indispensáveis ao bom funcionamento da Casa, bem assim a inadiável modernização de setores vitais, viu-se a Diretoria compelida a solicitar um pedido de suplementação de receita orçamentária no valor de R\$ 1.300.000,00 (um milhão e trezentos mil reais), importância que não onera o saldo do investimento mencionado no início deste parecer. A queda da taxa de ocupação do Palácio se traduziu na redução de R\$ 1.052.000,00 (um milhão e cinquenta e dois mil reais) com a não locação de quatro andares e ainda R\$ 648.000,00 (seiscentos e quarenta e oito mil reais) atinentes ao pagamento das taxas de condomínio, num montante de R\$ 1.700.000,00 (um milhão e setecentos mil reais). A suplementação encontra pleno respaldo no histórico elaborado pela Diretoria, ora encampado pela Comissão de Contas.

ORÇAMENTO para 2006

A Diretoria está encaminhando a proposta orçamentária para o exercício de 2006 para análise e aprovação desta Comissão e do Plenário. Tendo em vista sensível alteração nos níveis de aluguéis atualmente vigentes em prédios do Centro e do Castelo, houve por bem a mesma Diretoria em alertar a Casa sobre critérios nortedores dos gastos nos anos vindouros. Textualmente: “as informações transmitidas pela Engepred nos asseguram normalidade na permanência dos atuais inquilinos *nas bases contratadas em 2005* (o grifo é nosso). Todavia, despesas não orçadas, como reforma de prédios da herança de Francisco Alves, talvez se tornem necessárias no próximo ano. Dessa forma, toda a economia e um controle rígido dos dispêndios serão indispensáveis para o bom desempenho das atividades acadêmicas e o crescimento, mesmo que pequeno, do investimento, o fundo de provisão, nosso passaporte para o futuro e herança que obrigatoriamente devemos passar às futuras gerações.”

A receita global, deduzidos os 30% previstos no artigo 39 do Regimento para o fundo de provisão, alcança a cifra de R\$ 10.700.426,80, sendo:

- √ Palácio Austregésilo de Athayde (Engepred Administradora) – R\$ 9.913.115,80
- √ Imóveis Diversos (Engepred Administradora) – 554.511,00
- √ Rubiácea alimentos / Livraria e Editora Citibooks
(espaços) – R\$ 22.800,00
- √ Sala de videoconferência – R\$ 84.000,00
- √ Teatro Raimundo Magalhães Júnior (Espaço) – R\$ 76.000,00
- √ Receita de aplicações financeiras – R\$ 50.000,00.

As despesas, no mesmo valor da receita, se distribuem pelas seguintes rubricas:

- CBL – Biblioteca *Petit Trianon* – R\$ 218.296,08
- CCM – Centro de Memória – R\$ 557.206,00
- CAD – Chefia Administrativa – R\$ 115.800,00

SAC – Serviços Auxiliares – R\$ 309.591,58
SEGER – Secretaria Geral – R\$ 3.716.337,00
FIN – Finanças – R\$ 70.400,00
CPU – Publicações – R\$ 411.200,00
COL – Lexicografia – R\$ 688.985,02
CON/REH – Contab./Rec. Humanos – R\$ 4.029.826,87
ASC – Assessoria Cultural – R\$ 236.794,25
CTInfo – Informática – R\$ 215.980,00
VDC – Videoconferência – R\$ 79.400,00

A alocação de recursos financeiros aos múltiplos setores da Academia revela, seja no atual exercício, seja na proposta para 2006, perfeita sintonia às atividades-meio e às atividades-fim. Basta percorrer as diversas rubricas para atestá-lo. E, neste particular, os elementos postos à disposição desta Comissão se ajustam plenamente aos superiores objetivos que, em caráter permanente, vêm caracterizando as sucessivas administrações da ABL.

Conclusão: tendo em vista os dados financeiros oferecidos à consideração desta Comissão de Contas pela Diretoria, com a apresentação em plenário de informações que lhe permitiram acompanhar os passos da Diretoria na execução orçamentária, com invariável objetividade e transparência, somos de parecer que devem ser aprovados a prestação de contas do exercício de 2005, o orçamento de 2006 e a suplementação orçamentária referente a 2005.

Candido Mendes de Almeida – *Presidente*
Tarcísio Padilha
Affonso Arinos de Mello Franco

SESSÃO DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Evaristo de Moraes Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O plenário saudou com uma salva de palmas o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, no momento em que ele adentrou à Sala de Sessões.
- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira disse que o plenário antecipou as palmas que ia pedir para o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Comunicou que se realiza hoje, às 17 horas, na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro *Evaristo de Moraes Filho, um Intelectual Humanista*, organizado por Elina Pessanha, Gláucia Villas-Boas e Regina Lúcia Morel.
- O Presidente passou à Ordem do Dia: Eleição da Diretoria para o exercício de 2006. Iniciando o processo eleitoral convidou para escrutinadores

os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Affonso Arinos de Mello Franco. Informou que dos vinte e um acadêmicos presentes apenas nove votaram pessoalmente. Vinte e oito enviaram votos por carta, num total de trinta e sete votantes. Procedeu-se à votação, que teve o seguinte resultado:

Presidente – Marcos Vinícios Vilaça – 36 votos

Josué Montello – I voto

Secretário-Geral – Cícero Sandroni – 36 votos

José Murilo de Carvalho – I voto

Primeira-Secretária – Ana Maria Machado – 37 votos

Segundo-Secretário – José Murilo de Carvalho – 36 votos

Em branco – I voto

Tesoureiro – Antonio Carlos Secchin – 36 votos

Em branco – I voto

- O Presidente Ivan Junqueira declarou eleita a Diretoria acima mencionada e, seguindo a tradição da Casa, pediu permissão ao plenário para eleger por aclamação as demais Diretorias e a Comissão de Contas, ficando assim constituídas: Diretor das Bibliotecas, Murilo Melo Filho; Diretor do Arquivo, Sergio Paulo Rouanet; Diretor da *Revista Brasileira*, João de Scantimburgo; e Diretor dos *Anais da ABL*, Eduardo Portella. A Comissão de Contas ficou assim constituída: Acadêmicos Tarcísio Padilha, Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva.
- O Presidente nomeou as Comissões de Publicações e de Lexicologia e Lexicografia. Para a Comissão de Publicações foram nomeados os Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho; e para a Comissão de Lexicologia e Lexicografia os Acadêmicos: Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi.
- O Presidente Ivan Junqueira comunicou que a nova Diretoria convida a todos para um brinde na Sala de Chá e, a seguir, estão também convidados os presentes para o lançamento do livro já referido, *Evaristo de Moraes Filho, um Intelectual Humanista*, na Sala dos Fundadores, às 17 horas.
- O Presidente eleito, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, disse que aprendeu com Graciliano Ramos que a palavra deve ser dita não para brilhar,

mas para dizer. Disse que vai cumprir a recomendação de Machado de Assis e terá constância na defesa dos princípios da Academia com empenho máximo. Assinalou ter tido a alegria de trazer, a seu modo, o nome de Josué Montello e que esta alegria é maior com a presença na Academia do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Disse, ainda, da honra imensa de suceder a Ivan Junqueira. Confessou que está muito feliz e gostaria de dizer a todos os companheiros um muito obrigado.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu o trabalho dos escrutinadores e deu por encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, José Sarney, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nélide Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira, ao abrir a sessão de posse da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2006, passou a compor a mesa, que ficou assim constituída: Gilberto Gil, Ministro da Cultura; Jarbas Vasconcelos, Governador do Estado de Pernambuco, Geraldo Alkmin, Governador do Estado de São Paulo, João Alves Filho, Governador do Estado de Sergipe, Cássio Cunha Lima, Governador do Estado da Paraíba; Ministro Edson Vidigal, Presidente do Superior Tribunal de Justiça; César Maia, Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro e Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral da Academia Brasileira de Letras. O Presidente pediu ao Acadêmico Evanildo

Cavalcante Bechara, Secretário-Geral, para ler o relatório sobre as atividades da Academia no ano que se encerra. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira procedeu à entrega da Medalha João Ribeiro, outorgada este ano à Sra. Barbara Heliodora, que recebeu a láurea da mão do Acadêmico Alberto Venancio Filho, e ao Sr. Manuel Paulo Nunes, que a recebeu do Acadêmico Lêdo Ivo. O Acadêmico Arnaldo Niskier entregou a referida medalha ao Sr. Tarso Genro e o Acadêmico Carlos Nejar entregou a comenda ao Sr. Raul de Taunay. O Sr. Gianni Ratto, também agraciado com a Medalha João Ribeiro, não pôde comparecer.
- O Presidente Ivan Junqueira discursou agradecendo a colaboração dos seus companheiros de Diretoria, de todos os seus confrades e também dos funcionários da Casa. (O texto será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira deu posse à Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2006, assim constituída: Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Secretário-Geral – Acadêmico Cícero Sandroni; Primeira-Secretária – Acadêmica Ana Maria Machado; Segundo-Secretário – Acadêmico José Murilo de Carvalho; Tesoureiro – Acadêmico Antonio Carlos Secchin; Diretor das Bibliotecas – Acadêmico Murilo Melo Filho; Diretor do Arquivo – Acadêmico Sergio Paulo Rouanet; Diretor da *Revista Brasileira* – Acadêmico João de Scantimburgo; Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras* – Acadêmico Eduardo Portella.
- Em seguida, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça proferiu seu discurso de posse. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a sessão.

ATIVIDADES DA ABL EM 2005

*Relatório do Secretário-Geral
na sessão do dia 15 de dezembro de 2005*

Como rezam os Estatutos desta Casa e seguindo a tradição dos anos anteriores, cabe ao Secretário-Geral dar conta do que nela ocorreu em 2005 e do que realizaram os seus membros dentro e fora do âmbito da instituição em viagens, conferências, prêmios e homenagens a eles consagrados. É, sem dúvida, um permanente diálogo cultural com literatos e especialistas nacionais e estrangeiros, além da interface que abre junto à sociedade brasileira. Tantas foram este ano as realizações da Casa e de seus Acadêmicos que, para não tornar demasiadamente fastidiosa uma tarde de alegria, acordou a Presidência que nos deteríamos nas atividades desenvolvidas mais diretamente no âmbito da Casa, deixando para registro no volume de *Anais* aquelas, que foram numerosas e importantes, ligadas aos Acadêmicos fora do espaço aqui demarcado.

ALEGRIA E SAUDADE

Iniciamos o ano acadêmico em março com a eleição do confrade Helio Jaguaribe, que tomou posse na Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos, no dia 22 de julho, recebido pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

Quiseram os fados que chegássemos ao final do ano lamentando o desaparecimento dos Acadêmicos Sergio Corrêa da Costa, ocorrido em 27 de setembro, e Oscar Dias Corrêa, no dia 30 de novembro.

A nossa débil contingência humana está sujeita a esses momentos em que se misturam as alegrias pela aquisição de um novo confrade e as tristezas pela perda de dois grandes amigos, que viverão em nossa dor e em nossa saudade.

Como diz Cícero, a natureza não nos permite conhecer o limite das coisas.

PUBLICAÇÕES

Uma das atividades em que mais se empenha nossa instituição é, sem dúvida, a de publicações, sob a competente direção do Acadêmico Alberto Venancio Filho, pela qual são postos ao alcance do público, especializado ou geral, obras antigas esgotadas ou recentes, de valor literário ou cultural: o tomo I dos *Discursos Acadêmicos* com reedições de discursos proferidos entre 1897 e 1919, além do volume XXIX dos *Discursos Acadêmicos* – 2002-2005. Na Coleção Afrânio Peixoto, os livros *Franklin Távora e o Seu Tempo*, de Cláudio Aguiar; *O Espírito e a Ação*, de Afonso Arinos de Melo Franco, transcrição, atualização ortográfica, introdução e notas de Afonso Arinos, filho; *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos; *O Ocaso do Império*, de Oliveira Vianna; e *À Margem da História*, de Euclides da Cunha. Na Coleção Antônio de Moraes Silva, *Fatos da Linguagem*, de Heráclito Graça, e o tomo I de *A Língua Portuguesa na Revista Brasileira (1897-1943)*. Na Coleção Austregésilo de Athayde, o livro de memórias *Na Província e na Corte*, do saudoso Acadêmico Marcos Almir Madeira.

Em 2005, vieram à luz os volumes 42, 43, 44 e 45 da *Revista Brasileira*, sob a direção operosa do Acadêmico João de Scantimburgo. Sob a responsabilidade do Acadêmico Eduardo Portella, saíram os volumes 187 e 188 dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

CICLOS DE PALESTRAS

Com o ciclo de palestras que tem lugar às terças-feiras e que se desenvolve por todo o ano, a Academia oferece ao público universitário e às pessoas interessadas a discussão sobre os mais variados temas da história literária e cultural. Em 2005, compareceram às palestras 1700 assistentes. Foram oferecidos os seguintes ciclos temáticos, cada um dos quais integrado por quatro a cinco palestras a cargo de Acadêmicos e de especialistas vindos de variados estados: “Fundadores da ABL”, coordenação Cícero Sandroni com a participação de Antonio Olinto, Sábado Magaldí, Cícero Sandroni e Murilo Melo Filho; “Duzentos anos de Hans Christian Andersen”, coordenação Evanildo Bechara, com a participação de Ana Maria Machado, Arnaldo Niskier, Cecília Costa Junqueira, Isabel Maria Carvalho Vieira e Per Johns; “Caminhos do crítico”, coordenação de Antonio Carlos Secchin, e a partici-

pação de Alfredo Bosi e Eduardo Portella, Benedito Nunes e Leyla Perrone-Moysés; “A literatura brasileira no cinema”, coordenação Cícero Sandroni e a participação de José Carlos Avellar, Hugo Sukman, Muniz Sodré, Ivana Bentes e Olívia Barradas; “Intérpretes do Brasil”, coordenação Cícero Sandroni, e a participação de José Murilo de Carvalho, Helio Jaguaribe, Sergio Paulo Rouanet, Marcelo Jasmin, Barbara Freitag; “Os estudos filológicos na Academia e no Brasil”, coordenação Evanildo Bechara, participação Evanildo Bechara, Marina Baird Ferreira, Eneida do Rego Monteiro Bonfim e Carlos Eduardo Falcão Uchôa; “Historiografia brasileira: balanço crítico de alguns temas”, coordenação José Murilo de Carvalho, participação de Francisco Falcon, Ronaldo Vainfas, João José Reis e Mary Del Priore; “O teatro brasileiro contemporâneo”, coordenação Evanildo Bechara, e a participação de Sábato Magaldi, Ferreira Gullar, Aderbal Freire-Filho e Barbara Heliadora. “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenação Afonso Arinos de Mello Franco, participação de Alberto Venancio Filho, Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Francisco Manoel de Mello Franco, Wilson Figueiredo e Marcos Sá Corrêa.

Na Sala José de Alencar, o Professor Rui de Oliveira proferiu palestra sobre “Ilustração de Livros” relativa à exposição feita na Galeria Manuel Bandeira.

MESAS-REDONDAS

Uma extensão natural do ciclo de palestras das terças-feiras são as mesas-redondas relativas a efemérides que relembram personalidades e fatos culturais. Foram temas das mesas-redondas coordenadas pelo Presidente Ivan Junqueira: “300 anos de Antônio José da Silva, o judeu”, com a participação do Acadêmico Arnaldo Niskier e dos convidados Barbara Heliadora e Paulo Roberto Pereira; “Sesquicentenário de Junqueira Freire”, com a participação dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e Carlos Nejar e dos convidados Alexei Bueno e Fábio Lucas; “Centenário de Jean-Paul Sartre”, com a participação dos Acadêmicos Eduardo Portella e Sergio Paulo Rouanet e dos convidados Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder; “4.º Centenário da publicação de D. Quixote”, com a participação dos Acadêmicos Nélide Piñon, Eduardo Portella, Antonio Olinto e do convidado Marco Lucchesi; “A Gera-

ção de 45: sessenta anos”, com a participação dos Acadêmicos Lêdo Ivo e Carlos Nejar e dos convidados Adriano Espínola e Luciano Rosa; “Cinqüentenário de falecimento de Don José Ortega y Gasset”, com a participação dos Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha e Helio Jaguaribe; “Centenário de nascimento de Érico Veríssimo”, com a participação dos Acadêmicos Carlos Nejar, Moacyr Scliar e do escritor Flávio Loureiro Chaves.

BIBLIOTECAS LÚCIO DE MENDONÇA E RODOLFO GARCIA

Outro ponto das atividades da Casa representaram os esforços para o aparelhamento do acervo bibliográfico da Biblioteca do *Petit Trianon* – que por decisão do Plenário passou a chamar-se Biblioteca Lúcio de Mendonça – e a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia aos 22 de setembro, instalada no 2.º andar do Palácio Austregésilo de Athayde, tendo por diretor o Acadêmico Murilo Melo Filho. Num espaço de 1.300m², abriga 50.000 volumes. Dotada dos mais modernos recursos tecnológicos, com sala de multimídia articulada com a sala de videoconferência, é hoje a mais moderna biblioteca do Brasil, que a Academia põe à disposição dos pesquisadores e consulentes. Além do operoso corpo de bibliotecários, a BRG conta com a nova Comissão de Seleção de que fazem parte os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara, Sergio Corrêa da Costa – agora substituído por Tarcísio Padilha – e o Diretor Murilo Melo Filho.

ANO FRANÇA-BRASIL

Particular relevo das atividades acadêmicas de 2005 mereceram as comemorações do Ano França-Brasil para realçar os profundos laços de amizade e intercâmbio cultural entre os dois países e as duas academias. As atividades culminaram com a viagem a Paris dos Acadêmicos: Ivan Junqueira, Ana Maria Machado, Marcos Vinícios Vilaça, Sergio Paulo Rouanet, Eduardo Portella, Arnaldo Niskier, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Ivo Pitanguy, José Sarney, Lêdo Ivo, Paulo Coelho, Sábato Magaldi e Sergio Corrêa da Costa. Houve sessão conjunta das duas Academias, quando se efetivaram mútuas homenagens,

entre as quais foram conferidas pela Academia Brasileira de Letras as Palmas Acadêmicas ao antropólogo francês Claude Lévi-Strauss.

CENTRO DE MEMÓRIA

A visibilidade da ABL ao grande público internauta é tarefa do Centro de Memória. A presença da instituição na Internet, de janeiro a novembro, registrou treze milhões seiscentas e trinta e seis mil setecentas e trinta e sete visitas, oferecendo a 4.^a edição integral do VOLP, discursos e mais de 2000 artigos de Acadêmicos, cujo Portal incorpora ainda os sites de Machado de Assis e Euclides da Cunha. O Arquivo Acadêmico já conta com 10000 documentos, enriquecidos com a doação dos arquivos e correspondências de Murilo Melo Filho, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Arnaldo Niskier, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Sergio Corrêa da Costa e Marcos Vinícios Vilaça.

Realizou ainda o Centro de Memória as exposições sobre *Hans Christian Andersen*, *Afonso Arinos de Melo Franco* e *Coronel, Coronéis*. São de lembrar ainda as gravações a cargo do Setor de Recursos Audiovisuais com os Acadêmicos Ivan Junqueira, Cícero Sandroni, Nélida Piñon, Helio Jaguaribe, Lygia Fagundes Telles, Murilo Melo Filho e José Murilo de Carvalho; bem como o depoimento do conhecido estudioso inglês de Machado de Assis, John Gledson, quando de sua recente visita ao Centro de Memória.

Na Galeria Manuel Bandeira houve a inauguração da mostra *Fundadores e Patronos* por Cássio Loredano, com uma série inédita de oitenta caricaturas.

Na Galeria Manuel Bandeira houve exposição de *Ilustração de Livros*, do Professor Rui de Oliveira.

LANÇAMENTO DE LIVROS

Ainda arrolando atividades da Casa relacionadas a publicações de obras, cabe registrar os seguintes lançamentos de livros nela ocorridos, de autoria de acadêmicos ou com sua participação em prefácio ou estudo introdutório: o livro publicado em 2004 *Dante Milano – Obra Reunida; A Alma de um Padre*, do Pe. Fernando Bastos de Ávila; *Dioniso Crucificado*, de Per Johns; *Dialogando com Jürgen Habermas*, de Barbara Freitag; *Tempo Diferente*, de

Murilo Melo Filho; *Viagem com Dante*, de Oscar Dias Corrêa e *Evaristo de Moraes Filho: um Intelectual Humanista*.

VISITA GUIADA AO *PETIT TRIANON* E ESPAÇO MACHADO DE ASSIS E LEITURAS DRAMATIZADAS

Com carinho especial, mantém a Casa a tradição de visitas guiadas ao *Petit Trianon* e ao Espaço Machado Assis, cujo objetivo é oferecer as crianças e jovens do ensino fundamental e médio conhecimento minucioso da história da Academia mediante visita acompanhada de comentários artísticos e culturais. Este ano a instituição contou sua história a 2500 jovens, encantados com o legado que a Academia lhes desvendou nas dependências do *Petit Trianon* e do Espaço Machado de Assis.

Outra atividade endereçada a jovens do ensino fundamental e médio são as Leituras Dramatizadas, sob a direção da Professora Silvia Eleutério. Em 2004 entraram 1.200 assistentes em contato com o teatro de Martins Pena, de Artur Azevedo e com as *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, em comemoração aos 150 anos de publicação da obra.

PRÊMIOS LITERÁRIOS E MEDALHAS

A ABL, pela decisão de suas Comissões Julgadoras, outorgou em 2005 os seguintes prêmios literários: Prêmio ABL de Poesia a Neide Archanjo com o livro (*Todas as Horas e Antes*) e a Vera Lucia de Oliveira (*A Chuva nos Ruídos*); Prêmio ABL de Ficção, Romance, Teatro e Conto a Cristóvão Tezza (*O Fotógrafo*); Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil a Rogério Andrade Barbosa (*Contos Africanos para Crianças Brasileiras*); Prêmio ABL de Tradução a Eduardo Brandão (*O Espírito da Filosofia Medieval*) e Ivo Barroso (*Teatro Completo de T.S. Eliot*); e o Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária a Mário Chamie, pelo livro *A Palavra Inscrita*.

O Prêmio Senador José Ermírio de Moraes foi entregue a José Nêumanne Pinto, por seu livro *O Silêncio do Delator*.

O Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de obra, foi outorgado ao escritor Ferreira Gullar.

Foram ainda agraciados com a Medalha Machado de Assis o escritor Ferreira Gullar, e com a Medalha João Ribeiro Senhores Manuel Paulo Nunes, Tarso Genro, Gianni Ratto, Raul de Taunay e a Senhora Barbara Heliodora.

CONCERTOS

Na sua atividade de Concertos de Literatura e de Música de Câmara, a ABL promoveu os seguintes concertos: Beethoven e Hans Christian Andersen; Robert Schumann e Marcel Proust; Quinteto de sopros da Orquestra Pró-Música; Quarto Centenário de Dom Quixote: Ravel, Poulenc e Franz Schubert; Villa-Lobos e a Música de Câmara.

AGRADECIMENTOS

Toda esta rica jornada não seria possível sem o decisivo apoio e as sábias considerações do plenário, bem como o trabalho de todo o corpo de funcionários da Casa de Machado de Assis, do mais alto escalão ao responsável pelas tarefas mais simples, sem deixar de lado o carinho e o permanente apreço do numeroso público que a ela comparecem para participar das múltiplas atividades que aqui se levaram a efeito. Mas tudo isto está intimamente ligado à figura e ao excelente desempenho e desprendimento do Presidente Acadêmico Ivan Junqueira, que chega ao final do mandato com o sincero agradecimento de todos nós pela maneira com que se houve no impulso do mais mínimo passo que deu nestes dois anos a nossa Instituição, atravessando, como é natural numa Casa tão numerosa quanto complexa, momentos de decisões ora fáceis e oradíficeis.

Firme sem ser autoritário, justo e compreensivo, mas implacável na defesa e na aplicação dos Estatutos e do Regimento da Academia, o Presidente Ivan Junqueira demonstrou ser o administrador capaz de resolver os problemas da Casa sem ferir os sentimentos de seus pares ou, pelo poder que lhe foi entregue, tratar os funcionários de outra forma senão a da cordialidade e da justiça.

Na ABL o poeta Ivan Junqueira esqueceu-se das musas para entregar-se ao fazer, ao administrar com zelo e eficiência o patrimônio da Instituição.

E para defini-lo de corpo inteiro, nenhum texto é melhor do que a carta que lhe foi enviada pelo nosso confrade Alfredo Bosi, que conseguimos subtrair de sua mesa de trabalho:

“São Paulo, 6 de dezembro de 2005

Meu caro Ivan:

No momento em que você está encerrando a sua gestão como Presidente de nossa Casa, sinto-me no grato dever de exprimir minha calorosa admiração pelo modo personalíssimo, ao mesmo tempo firme e generoso, com que você conduziu os trabalhos da instituição.

Só uma idéia (e com esta, um sentimento) cumpre-me externar ao poeta e intelectual da força de Ivan Junqueira ao cumprimentá-lo por mais esta missão tão bem levada a termo: Ivan Junqueira é um homem em quem é possível confiar.

O abraço afetuoso do *AlfredoBosi*”

DISCURSO DE DESPEDIDA
DO PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA

Proferido na sessão do dia 15 de dezembro de 2005

O ano que agora se finda emitiu claros sinais de que esta Casa prossegue em sua trajetória no sentido de lutar não apenas pela preservação e a divulgação da língua e da literatura nacionais, mas também pelo enriquecimento de uma cultura que é de todos nós e cuja identidade deve ser mantida para além das fantasmagorias e dos descaminhos que a todo instante a ameaçam no âmbito egoístico e excludente de uma sociedade globalizada em que se dissolvem, de forma preocupante, as raízes e a fisionomia dos povos e das nações. Não se trata aqui de nenhuma proclamação ufanística em favor da nacionalidade, mas de um alerta contra a diluição daquilo que é genuinamente nosso nas esferas da língua, da literatura, das artes ou, numa palavra, dos bens de cultura que herdamos de nossos ancestrais e das raças que nos formaram ao longo desse cinco séculos de tortuoso, mas pródigo, processo civilizatório. Não me parece haver dúvida de que, durante os últimos cem anos desse percurso, foi grande e significativo o papel desempenhado pela Academia Brasileira de Letras para a consolidação de nossas mais caras tradições culturais e literárias, pois dela fazem – e já fizeram parte – alguns dos mais ilustres escritores, intelectuais e homens públicos do país.

Temos, pois, uma responsabilidade da qual não podemos declinar, sob o risco de que, se o fizermos, estaremos contribuindo para a destruição daquela ponte que se estende entre a generosa tradição do passado e a multifária realidade do presente. E sem esta ponte não há também como concretizarmos as promessas do futuro. É na dinâmica desse processo que se inserem as múltiplas e diversificadas atividades da Academia Brasileira de Letras, que pode ser

hoje definida como uma das mais opulentas e respeitadas casas de cultura do país. E tudo isto tem um custo, um custo talvez difícil de pagar e que, muitas vezes, não é corretamente avaliado por aqueles que ainda não entenderam o que devemos à sociedade e mesmo aos poderes públicos que, em certos momentos cruciais de nossa já centenária história, contribuíram para a conquista do espaço físico que hoje ocupamos e no qual erguemos nosso patrimônio cultural, que, se pertence estatutariamente a 40 acadêmicos, pertence também a mais de 180 milhões de brasileiros que nos privilegiam com seu respeito, seu reconhecimento e sua assídua freqüentação.

Quero aqui deixar muito claro que a Diretoria que agora se despede nada mais fez do que honrar esses compromissos e distender tudo aquilo que nos legaram as diretorias anteriores. Esta Casa deve ser entendida como um *continuum*, e claro está que, nesta condição, não foi feita da noite para o dia, como tampouco graças a um sortilégio deste ou daquele presidente, sendo antes o resultado do esforço de várias gerações de acadêmicos. Se hoje funcionam a plenos pulmões certos planetas mais jovens de nossa galáxia, como a Biblioteca Rodolfo Garcia, o Centro de Memória, o Setor de Publicações, a Comissão de Lexicologia e Lexicografia, o Arquivo, a Galeria Manuel Bandeira, o Espaço Machado de Assis ou o próprio Centro Cultural do Brasil, devemo-lo àqueles que nos precederam e que revelaram, no exercício de seus mandatos, a extraordinária antevisão do que hoje é a Academia. Foi por isso que, em meu discurso de posse como presidente desta Casa, há dois anos atrás, fiz questão de ressaltar que em nenhum momento alimentei a tola pretensão de reinventar a roda, mas apenas fazer com que ela girasse, da mesma forma como gira o mundo, sem que ninguém esteja obrigado a reinventá-lo a cada instante.

Deixo a Casa em ordem, “com cada coisa em seu lugar”, como disse o poeta e acadêmico Manuel Bandeira, e ainda com ele eu poderia dizer que a deixo também “com seus livros, com seus quadros, / intacta, suspensa no ar”, nessa condição de eternidade que de todo lhe cabe e que decerto não cabe a nós, que apenas aqui residimos durante nossa efêmera, caduca e contingente existência terrena. Enfrentamos em 2004 e boa parte de 2005 graves dificuldades financeiras e orçamentárias devido à queda de receitas do Palácio Austregésilo de Athayde, cuja taxa de ocupação caiu a níveis quase intoleráveis, comprometendo de modo flagrante o bom desempenho da Casa.

Arrisquei à época considerar que se tratava de um problema sazonal. Quis o destino que nossa avaliação estivesse correta e que essa taxa voltasse, em novembro deste ano, a níveis excepcionais, garantindo assim, para 2006, um orçamento compatível com nossas atividades. Não escondo de ninguém que me portei amiúde de forma avarenta, cortando despesas e cancelando certos projetos que me pareciam, senão supérfluos, pelo menos adiáveis, o que nos permitiu, no decurso de dois anos, aumentar consideravelmente o montante de nossas aplicações financeiras. Mas que ninguém se iluda: em virtude do crescimento de nossas atividades nestes últimos cinco anos, a Academia está quase no limite de suas forças, e seriam de todo bem-vindas, a partir de agora, as parcerias de que se valem todas as instituições do mundo moderno.

Apesar de todos esses fatores adversos, não foi pouco o que, neste ano difícil, pôde a Academia oferecer àqueles que há muito estão habituados com as nossas realizações culturais e que fazem desta Casa um ponto obrigatório no itinerário de sua sede de conhecimento: conferências, palestras, seminários, mesas-redondas, exposições, concertos, atividades teatrais e de arte-educação, publicações, a abertura definitiva da Biblioteca Rodolfo Garcia ao público leitor, a informatização da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, que acaba de comemorar o seu centenário, a ampliação dos *sites* e portais acadêmicos, a crescente utilização da Sala de Videoconferência ou a intensificação das atividades lexicográficas com vistas à elaboração de um dicionário escolar e do Dicionário da Academia. Enfim – e não vejam os Senhores nenhuma vanglória no que afirmo –, suponho que fizemos muito com muito pouco, e mais faríamos se fossem outras as condições com as quais tivemos de conviver.

E eis aqui chegado o instante de abordar um outro e crucial aspecto no que toca ao nosso esforço. Não é ao presidente que cabem as honras e os aplausos por haver tudo isto ter sido executado à risca. O presidente nunca esteve só e jamais comandou ou organizou sozinho toda essa operação. Ao seu lado estiveram sempre o Secretário-Geral Evanildo Bechara e o Diretor Tesoureiro Cícero Sandroni, sem o concurso dos quais pouco ou nada teria sido feito. E nada teria também sido feito sem a diligente, contínua e dedicada assistência de meus colaboradores mais próximos, como as secretárias Maria Carmen de Oliveira, Maria Lúcia Duarte, Lúcia Cristina Moraes e Maria José de Abreu, as assessoras Leila Longo e Daniela Ferrari, as chefes do

Centro de Memória, Irene Moutinho, e do Setor de Publicações, Nair Dametto, o administrador-geral Nilson Cândido de Souza, o museólogo Anselmo Maciel, os bibliotecários Luiz Antônio de Souza e Marília Amaral, os lexicógrafos Sergio Pachá e Rita Moutinho ou o arquivista Paulino de Sousa Carvalho, além de todos os outros integrantes dessa tropa de elite que são os funcionários desta Casa. Isto sem falar, claro está, nos acadêmicos que participaram mais diretamente – seja como palestrantes, seja como coordenadores – de nossos ciclos temáticos de conferências e naqueles que respondem pelas duas bibliotecas da Academia, Murilo Melo Filho, pelos Arquivos, Sergio Paulo Rouanet, pelos *Anais*, Eduardo Portella, pela Comissão de Publicações, Alberto Venancio Filho, Sábato Magaldi e Fernando Bastos de Ávila, pela Comissão de Lexicologia e Lexicografia, Eduardo Portella, Arnaldo Niskier e o saudoso Sergio Corrêa da Costa, e pela *Revista Brasileira*, João de Scantimburgo. Parodiando Gil Vicente, eu poderia concluir que o presidente é “todo mundo e ninguém”.

Disse um poeta que há em nós e em tudo o que fazemos um ar de despedida porque, ao contrário das espécies animais, estamos conscientes da morte. Da morte e dessa ilusória imortalidade que talvez um dia nos confira o pouco que deixamos de nós nas páginas que escrevemos. Gostaria de assegurar aos senhores que deixo esta presidência com a gratificante sensação do dever cumprido, não talvez como poderia tê-lo sido, mas como afinal pôde sê-lo. A rigor, estou e não estou indo embora, pois aqui permanecerei à disposição da próxima Diretoria para com ela colaborar sempre que meus parcos préstimos se fizerem úteis ou desejáveis. E tenho a certeza de que os que vierem depois de mim farão mais e melhor do que eu, que fui apenas – e se tanto – um guardião das mais altas tradições desta Casa e das palavras que desde sempre a imortalizaram. Esta é a segunda vez que ocupo a tribuna do Salão Nobre. Ocupei-a quando aqui tomei posse, em 7 de julho de 2000. Volto a ocupá-la agora, quando me despeço como presidente da Academia, na certeza de que sempre a servi e nunca me servi dela.

DISCURSO DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Proferido na sessão do dia 15 de dezembro de 2005

Sou um insistente na esperança e não sou um subalimentado de sonhos. Apresento-me com esperança e sonhos. Retreinados os olhos para enxergar esta hora, vejo-a, confesso, feliz da vida.

Aqui chego para continuar sem os riscos do continuísmo, que isto é incompatível com a Casa. Vou tratar de prosseguir na obra dos meus antecessores. Estou comprometido em honrar a transitória ocupação da cadeira presidencial de Machado de Assis, inspirado na tradição e na modernidade.

Tenho o exemplo de Ivan Junqueira, que não poupou sacar da sua inteligência privilegiada idéia e energia para a gestão que nos deu. Ele tem de todos nós a mais categórica gratidão.

Não escondo que estarei a continuar os serviços dedicados de tantos outros presidentes. Digo logo, também de outros presidentes pernambucanos: Medeiros e Albuquerque, Antônio Austregésilo, Celso Vieira, Múcio Leão, Ademar Tavares, Barbosa Lima Sobrinho. Menciono, em destaque, o conterrâneo Austregésilo de Athayde, sem necessidade de explicitar. Esses pernambucanos deram à Academia a prodigalidade daquilo de que somos feitos, o barro de Guararapes.

Eles todos colaboraram para que a Academia Brasileira não fosse um eco, nem os sócios, fantasmas em sua história.

A gente sabe que a nossa terra não é limite, mas fonte de civismo. A gente sabe que Pernambuco é terra do sim/sim, não/não.

CONSTÂNCIA É CONSTRUÇÃO

Machado de Assis ensinou no discurso da fundação que a Academia precisa da constância de todos, que a tradição é o nosso primeiro voto; que ele deve perdurar, e que o passemos aos sucessores como o pensamento e a vontade iniciais. Em carta a Nabuco, chegou a dizer que o passado é a melhor parte do presente.

Constância é continuar.

Por isso, o objetivo não apenas meu, mas de toda a Diretoria, não é impor idéias, mas conduzir a vontade de todos, claro que sem perda de um só milímetro do espaço das competências.

Aqueles que me acompanham na Diretoria – todos exponenciais atores da vida cultural brasileira e sedutoras figuras humanas – compreendem que o exercício dessa liderança temporária impõe-nos conduzir até a transformação e não apenas a mudança, se o tempo assim nos impuser. O tempo e as intensidades.

Nosso confrade José Sarney costuma lembrar que cada ser humano é um testemunho do tempo. Testemunho participante das transformações que ocorrem durante a vida, que vão do corpo ao ritual da morte, passando pelo cotidiano dos costumes, hábitos, modos e sedução. E eu acrescento, do reforço à fidelidade como resistência à traição dos infames.

Aqui ninguém se toma membro da Diretoria para ser do contra. Somos escolhidos para ser a favor, pois somos produto de consenso.

Recebo uma casa em ordem e me comprometo a entregá-la do mesmo jeito. Zelarei pelas finanças, mas declaro que não serei um miserabilista a prejudicar os objetivos da instituição.

Estarei atento aos nossos cânones, na necessidade de memória e critério, mas isto não é aderir à mitologia saudosista, ficar patinando no que Saramago chama de “nada de nada, pela palavra nada”.

Estarei muito atento a tudo que nesta fala exponho, até por ter aprendido com Guimarães Rosa “que por um distraído, um dividido de minuto a gente perde o tino por dez anos”.

Confrades, Excelências, Senhoras e Senhores:

Há percepção sedimentada do que significa o conhecimento para o progresso da humanidade. O que ainda não se proclama com a frequência devida é que a rapidez do avanço da ciência e da técnica determinou grande aceleração da história.

A PERSPECTIVA DO CONHECIMENTO

O Banco Mundial tem afirmado que os países e as pessoas pobres diferem dos ricos não apenas pelo fato de que têm menos capital, mas porque têm menos conhecimento.

O novo olhar sobre os problemas do desenvolvimento parte da perspectiva do conhecimento.

Sob o ponto de vista do crescimento econômico e do desenvolvimento social é crucial o domínio do conhecimento técnico e do conhecimento sobre os atributos.

A gestão do conhecimento produz a aceleração na geração de novos saberes e sua incorporação sob a forma de inovações, com o deslocamento da fronteira dos valores.

No caso da transmissão e disseminação de informações, a teleinformática atua de forma exponencial, a ponto de preocupar o efeito decorrente da chamada exclusão digital.

Este será o século do conhecimento, seja como técnica, seja como informação. E o que dizer do conhecimento especulativo, da *tête bien faite* em lugar da *tête bien pleine* de que falou Montaigne? O que dizer da sabedoria?

Refletamos com T.S. Eliot, na excepcional tradução de Ivan Junqueira:

*O infinito ciclo da idéia e da ação,
Infinita invenção, experiência infinita,
Traz o conhecimento do vôo, mas não o do repouso;
O conhecimento da fala, mas não o do silêncio;
O conhecimento das palavras e a ignorância do Verbo.
Todo o nosso conhecimento nos aproxima da ignorância,
Toda a nossa ignorância nos avizinha da morte,
Mas a iminência da morte não nos acerca de DEUS.
Onde a vida que perdemos quando vivos?
Onde a sabedoria que perdemos no saber?
Onde o conhecimento que perdemos na informação?
Os ciclos do Céu em vinte séculos
Afastaram-nos de DEUS e do Pó nos acercaram.*

Há uma partição do conhecimento com o fosso a separar ciências e humanidades. Há uma cesura que a evolução do saber vem agravando, pelas crescentes incompreensões, resultando no risco de que se sabe mais e mais sobre menos e menos, quase tudo sobre quase nada.

A esse propósito o recentíssimo livro da professora madrilenha, Maria José Dulce – *Mercado sin ciudadanía* – adverte para uma das assimetrias da globalização, a da informação que desemboca em privatização do conhecimento.

UMA NOVA CIÊNCIA DO HOMEM

Quem sabe não chegou a hora de uma nova ciência do homem, de que falou Edgar Morin? Ciência a contestar saberes segmentados, rompedora de fronteiras cristalizadas. Ciência que capte o homem nos seus viveres, interações, complementaridades, encontros e conflitos como registra Roberto Cavalcanti de Albuquerque, provocando explicações em seu admirável ensaio sobre Gilberto Freyre e a invenção do Brasil.

A idéia de civilização refere-se aos valores reconhecidos, estendidos por toda a humanidade. Implica e contém a idéia de progresso. O homem civilizado opõe-se ao homem primitivo. Já a idéia de cultura revive no presente o “passado eterno”. Se a civilização tende a apagar diferenças pela pasteuriza-

ção, a noção de cultura sublinha as diferenças para bem refletir a consciência de nação, de pátria como um pertence.

Essa antítese talvez corresponda à oposição entre as filosofias da vida e as filosofias do espírito.

A globalização, há quem o diga, pode fazer desaparecer a alma de uma cultura, pela massificação geradora de impotência e alienação, como se a sociedade existisse e não vivesse.

À Academia de Letras compete participar do humanismo compatível com esse século do conhecimento, apta a interagir com uma ciência do homem que seja compreensiva e definidora de sínteses.

VALORIZAR A MEMÓRIA NACIONAL

Seu papel será preservar e valorizar a memória nacional: a língua como instrumento do conhecimento e da convivência; as letras como reveladoras/formadoras da identidade nacional; a cultura preservada e habilmente inserida em processo civilizatório que seja também caracteristicamente brasileiro. Sem deixar de fora nada do que é humano: a ciência, que reside no espírito, que *observa e explica*; e a poesia, que habita a alma, que *sente e compreende*.

Para tanto, creio, a Academia deve propor e liderar um sistema básico de referência para a compreensão e valorização da cultura brasileira. Fazê-lo não a partir de uma concepção restritiva de cultura, mas de um conceito dela amplamente antropológico: abarcando todo o pensar, o agir, o fazer humano, quando motivados por valores. E valores não apenas estéticos ou históricos; também os geradores das muitas habilidades, inclusive técnicas utilitárias, populares. Fazê-lo não a partir de uma visão da cultura como coisa “morta”, escrava ou apenas testemunha do passado, mas a partir de uma visão dinâmica da cultura, de uma cultura “viva”, libertadora, integrativa. Inserida em projeto nacional que se inspire em um novo e transformador humanismo.

Nesse contexto, o desenvolvimento deve ser visto como um processo dialético global, econômico-social, político-institucional, que resulta da própria evolução da cultura/civilização. Deve, sim, nutrir-se do passado, porém avan-

çar criativamente para um novo futuro, fortalecendo a identidade nacional. Por meio dele pode produzir-se uma síntese harmoniosa de nossa diversidade – de nossos contextos culturais específicos, até mesmo dos paradoxos de nossa cultura. Síntese da marca brasileira.

POSSIBILIDADE DE AFIRMAÇÃO BRASILEIRA

Nos países como o Brasil, esses paradigmas peculiares, embora frágeis, continuam resistindo, memória ainda viva, à globalização. Eles persistem como autênticas vertentes de autenticidade, constituindo patrimônio cultural identitário. E representam a possibilidade de afirmação brasileira, mas sem o risco de descambar para o particularismo que despreze a cultura alheia pelo mau costume de apenas estimular rivalidades.

Uma nova política cultural para o País, nela inserida uma política de valorização e uso da memória, deve contrapor-se à pressão homogeneizadora da globalização, mas sem os cacoetes do oposto tribalista. A globalização pode ameaçar a identidade nacional sempre em formação. Ameaçar a própria língua, veículo por excelência da construção social de uma realidade autenticamente brasileira e merecedora de uma eficiente cultura da língua. Mas, insisto, sem integristas, com percepção de que há uma vida a cultivar e não uma morte iminente a prantear.

Alceu Amoroso Lima disse ao tomar posse, em 1935, que são complementares e de duas ordens as funções literárias da Academia: de tradição e de manutenção do que ficou de bom; de criação e de renovação da cultura nacional. É lição permanente e atual.

Se o futuro é um chamamento, estamos prontos para ele. Se o futuro é um sonho, é boa a sua fisionomia. Drummond já nos passou a lição: “Ó vida futura / nós te criaremos.”

Vamos acudir ao chamado da população de brasileiros internautas, a décima maior do mundo. Deram-nos ciência das propostas de portais que disponibilizarão dezoito mil títulos que caíram no domínio público. Sabemos de como convivem consagrados e estreantes, sem patamares hierárquicos na publicação on-line.

Dou este exemplo, que estimo seja emblemático, para situar de como esta é a Academia do tempo tríbico. A tradição é intocável para nós como razão de hoje construirmos o futuro.

Excelências, Confrades, Amigos:

*Meus amigos
quando me dão a mão
sempre deixam outra coisa*

*presença
olhar
lembrança calor*

*meus amigos
quando me dão
deixam na minha
a sua mão*

Digo esses versos de Paulo Leminski para me curvar em agradecimentos. Gratidão aos confrades que me puseram nesta Presidência, gratidão a tantos que vieram aqui para o expressivo testemunho de prontidão no estímulo.

O que lhes peço é que não soltem as minhas mãos.

E o que lhes posso oferecer do *eu* profundo? Ofereço-lhes o que tenho de melhor: o amor que a minha família tem por mim. A mulher, Maria do Carmo, amor sem comparação, mistura de energia e de luar, baronesa de Limoeiro como dela disse Odylo Costa, filho; ela com toda a sua serenidade suporta as impaciências do marido e é minha Nossa Senhora da Paciência. Os filhos, todos dois, um alongamento superior ao alongado, ele e ela, Rodrigo Otaviano e Taciana Cecília, por sua vez espichados em Mendonça e Larissa. Dos netos, um avô precisa falar? Eu não preciso falar de José, Ilana, Vinicius, Otaviano, Enrico, da saudosa e linda Vytória.

Saudade de Marcantonio

Dessa gente e de mais gente, como da nonagenária e lúcida Evalda e da memória de Vilaça, o bom, recebo aconchego, carinho, todinho pra mim.

Nesta tarde, falta alguém que estava conosco a 2 de julho de 1985, quando vim suceder ao meu padrinho de casamento, meu compadre Mauro Mota. Está provado o que fala Flávio Tavares: “A morte com o seu rito consegue ter mais vida que a vida”. Saudade de Marcantonio. Muita saudade do filho.

Confrades, Senhoras e Senhores:

Cheguei a uma idade em que não convém claudicar perante as emoções, nem subtrair esforços para manter em forma a plenitude dos desejos.

Sei que é difícil, muito difícil, a missão presidencial, ademais para quem não acredita na união hipostática na figura do Presidente. Sei da singularidade deste grupamento a que pertença. Sei de tudo isto.

Em recente CD da Maria Rita canta-se que a alegria quem dá é Deus e que a tristeza é a gente quem faz. Deus deu-me a alegria desta hora, evitarei a outra parte, pois quero ter, nesta Presidência, sempre presente a lição de Dom Helder Câmara:

“É graça divina começar bem. Graça maior, persistir na caminhada certa. Mas a graça das graças é não desistir nunca.”

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLV – N.º 21
Em 7 de julho de 2005

MESA-REDONDA: SESQUICENTENÁRIO DE JUNQUEIRA FREIRE –
Realiza-se hoje, quinta-feira, dia 7 de julho, às 17 horas, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira a mesa-redonda comemorativa do sesquicentenário de Junqueira Freire. Dela participarão os Acadêmicos Carlos Nejar, Alberto Venancio Filho e os escritores Alexei Bueno e Fábio Lucas.

INAUGURAÇÃO DA MOSTRA “FUNDADORES E PATRONOS, POR CÁSSIO LOREDANO” – Realiza-se hoje na Galeria Manuel Bandeira, às 18h 30min, a inauguração da mostra “Fundadores e Patronos, por Cássio Loredano”, uma série inédita de oitenta caricaturas.

INTÉRPRETES DO BRASIL – Teve início no dia 5 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Eduardo Prado. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/07 – Florestan Fernandes, com Barbara Freitag

19/07 – Raymundo Faoro, com Marcelo Jasmin

26/07 – Celso Furtado, com Helio Jaguaribe

02/08 – Caio Prado Júnior, com Sergio Paulo Rouanet

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO HELIO JAGUARIBE – Está marcada para o dia 22 de julho, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Helio Jaguaribe, que será saudado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Comemorou-se no dia 2 de julho o aniversário natalício da Acadêmica Zélia Gattai Amado, que ocupa a Cadeira n.º 23 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – Comemorou-se na terça-feira, dia 5 de julho, o aniversário natalício do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que ocupa a Cadeira n.º 40 do Quadro dos Membros Efetivos.

3.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se amanhã, dia 8 de julho, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o terceiro concerto da série “Literatura e Música de Câmara na ABL”: “Intérpretes do Brasil”. Marcelo Bonfim (flauta), Carlos Prazeres (oboé), Cristiano Alves (clarinete), Philip Doyle (trompa) e Elione Medeiros (fagote) interpretam o Quarteto n.º I em fá maior, de Rossini; o Quinteto opus 56 em sol menor, de F. Danzi; Choros n.º 2 para flauta e clarineta, de Villa-Lobos; Bachianas Brasileiras n.º 6, para flauta e fagote, de Villa-Lobos; Scherzo, de E. Bozza; e Pequena música de câmara para cinco instrumentos de sopro, de P. Hindemith. Leitura de textos por Rejane Zilles.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Comemorou-se no dia 5 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Ivo Pitanguy, que ocupa a Cadeira n.º 22 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, dia 5, esteve em São Paulo, integrando a Comissão Artística do Prêmio Literário Portugal Telecom.

LANÇAMENTO – Realiza-se no dia 12 de julho, às 18h 30min, o lançamento do livro *Dialogando com Jürgen Habermas*, de Barbara Freitag, da Editora Tempo Brasileiro, no saguão do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA: 20 ANOS DE ABL – O Acadêmico Marcos Vilaça comemorou os vinte anos do seu ingresso na Academia Brasileira de Letras reunido com confrades da Academia de Ciências de Lisboa, da qual também é membro. O Presidente Pina Martins, na quinta-feira última, com a colaboração do

Acadêmico Torquato Ricco, conduziu o encontro e homenageou-o com a oferta de edições raras daquela Academia. Sua posse ocorreu a 3 de julho de 1985, sucedendo ao Acadêmico Mauro Mota. O Acadêmico José Sarney se incumbiu do discurso de recepção.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 10 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado para participar do jubileu de Prata da Jornada Paulista de Cirurgia Plástica, que se realizou em São Paulo, no Caesar Park Hotel, proferindo a conferência magna sobre “Contorno Corporal: fisiologia e conceito”.

ANO XLV – N.º 22

Em 14 de julho de 2005

MESA-REDONDA EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE JEAN-PAUL SARTRE – A Academia homenageia Jean-Paul Sartre, na passagem do centenário do seu nascimento, com uma mesa-redonda a se realizar hoje, dia 14 de julho, quinta-feira, às 17 horas, coordenada pelo Acadêmico Ivan Junqueira e da qual participam os Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet e os escritores Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.

INTÉRPRETES DO BRASIL – Teve início no dia 5 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho e versava sobre Eduardo Prado. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

19/07 – Raymundo Faoro, com Marcelo Jasmin

26/07 – Celso Furtado, com Hélio Jaguaribe

02/08 – Caio Prado Júnior, com Sergio Paulo Rouanet

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO HELIO JAGUARIBE – Está marcada para o dia 22 de julho, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Hélio Jaguaribe que será saudado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida. O colar lhe será apostado pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, e o Diploma entregue pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. A entrega da espada será feita pelo decano da ABL.

COMEMORAÇÃO DOS 108 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ABL – Serão comemorados na quarta-feira, dia 20 de julho, os 108 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras. Durante a solenidade serão entregues os seguintes prêmios: o

Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, ao escritor Ferreira Gullar; o Prêmio ABL – Ensaio, Crítica e História Literária ao escritor Mário Chamie, por *A Palavra Inscrita*; o Prêmio ABL – Poesia aos poetas Neide Archanjo, por seu livro *Todas as Horas e Antes*, e a Vera Lúcia de Oliveira, por *A Chuva nos Ruídos*; Prêmio ABL – Ficção ao escritor Cristóvão Tezza, por *O Fotógrafo*; o Prêmio ABL – Literatura Infanto-juvenil a Rogério Andrade Barbosa, por seu livro *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*; o Prêmio ABL – Tradução a Eduardo Brandão, pela tradução de *O Espírito da Filosofia Medieval*, de Etienne Gilson, e a Ivo Barroso pela tradução de *Teatro Completo de T.S. Eliot*. O orador da solenidade será o Acadêmico Alfredo Bosi.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 16 de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado de honra da Primeira Jornada de Cirurgia Plástica, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, proferindo conferência sobre “A formação do Cirurgião Plástico”. No dia 23 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy participou, em Paris, da sessão conjunta da Academia Francesa e da Academia Brasileira de Letras e no dia 25, participou da Mesa Redonda das “Assises Internationales du Corps Transforme” na Université Paris 8, a convite do Professor Pierre Lunel, Presidente das Universidades de Paris. O tema da Mesa-Redonda foi: “La beauté releve-t-elle de la nature ou de la culture?”

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE CONSTÂNCIO ALVES – Comemora-se no dia 16 de julho a data natalícia de Constâncio Alves, que ocupou a Cadeira n.º 26 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE ALCINDO GUANABARA – A 19 de julho de 1865 nascia em Magé, RJ, Alcindo Guanabara, fundador da Cadeira n.º 19 do Quadro dos Membros Efetivos.

MEDALHA SORIANO NETO – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça recebeu, no dia 13, a Medalha Honra ao Mérito Soriano Neto, do Instituto dos Advogados de Pernambuco. Soriano Neto foi um grande jurista e diretor da Faculdade de Direito do Recife.

ANO XLV – N.º 23
Em 20 de julho de 2005

COMEMORAÇÃO DOS 108 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ABL – Comemora-se hoje, dia 20 de julho, os 108 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras. Durante a solenidade serão entregues os seguintes prêmios: o Prêmio Machado de

Assis, pelo conjunto da obra, ao escritor Ferreira Gullar; o Prêmio ABL – Ensaio, Crítica e História Literária ao escritor Mário Chamie, por *A Palavra Inscrita*; o Prêmio ABL – Poesia aos poetas Neide Archanjo, por seu livro *Todas as Horas e Antes*, e a Vera Lúcia de Oliveira, por *A Chuva nos Ruídos*; Prêmio ABL – Ficção ao escritor Cristóvão Tezza, por *O Fotógrafo*; o Prêmio ABL – Literatura Infanto-juvenil a Rogério Andrade Barbosa, por seu livro *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*; o Prêmio ABL – Tradução a Eduardo Brandão, pela tradução de *O Espírito da Filosofia Medieval*, de Etienne Gilson, e a Ivo Barroso pela tradução de *Teatro Completo de T.S. Eliot*. O orador da solenidade será o Acadêmico Alfredo Bosi.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO HELIO JAGUARIBE – Está marcada para o dia 22 de julho, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Hélio Jaguaribe que será saudado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida. O colar lhe será apostado pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, e o Diploma entregue pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. A entrega da espada será feita pelo decano da ABL.

INTÉRPRETES DO BRASIL – Teve início no dia 5 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho e versava sobre Eduardo Prado. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

26/07 – Celso Furtado, com Helio Jaguaribe

02/08 – Caio Prado Júnior, com Sergio Paulo Rouanet

AMARAL PEIXOTO – No dia 14 de julho, em Niterói, foi comemorado o primeiro centenário do nascimento do Comandante Ernani do Amaral Peixoto, um dos fundadores do PSD e do MDB. Entre os presentes, o Acadêmico Arnaldo Niskier.

4.º CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE *DOM QUIXOTE* – No dia 4 de agosto, às 17h 30min, no Salão Nobre, a Academia comemora o Quarto Centenário da publicação de *Dom Quixote*, com uma mesa-redonda coordenada pelo Acadêmico Ivan Junqueira e da qual participarão os Acadêmicos Eduardo Portella, Nélida Piñon, Antonio Olinto e o Sr. Marco Lucchesi.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 28 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy proferiu conferência representando a Academia Nacional de Medicina, junto à Academie Française de Médecine, na Universidade Sorbonne Nouvelle sobre “Chirurgie du Contour Corporel – Le Corps et le Temps”. No dia

29 participou da Table Ronde das “Assises Internationales du Corps Transformé”, na Université Paris 8 sobre “La chirurgie esthétique peut-elle être humanitaire?”

4.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 12 de agosto, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o quarto concerto da série “Literatura e Música de Câmara na ABL”, comemorativa do 4.º centenário de publicação de *Dom Quixote*. Elisabeth Mucha (piano), Lício Bruno (barítono) interpretarão *Don Quichotte à Dulcinée*, de Maurice Ravel; *Chansons gaillardes*, de Francis Paulenc; e *A Viagem de Inverno*, de Franz Schubert. Leitura de textos por Rogério Fróes.

HOMENAGEM AO ESCRITOR ANTONIO CARLOS VILLAÇA NO PEN CLUBE – Os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Tarcísio Padilha e Alberto da Costa e Silva participaram do painel *in memorium* do escritor Antonio Carlos Villaça.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE SALVADOR DE MENDONÇA – Comemora-se amanhã, dia 21 do corrente, a data natalícia de Salvador de Mendonça, que ocupou a Cadeira n.º 20 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 24
Em 28 de julho de 2005

INTÉRPRETES DO BRASIL – Teve início no dia 5 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho e versava sobre Eduardo Prado. O encerramento deste ciclo, no próximo dia 2 de agosto, às 17h 30min, estará a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet que falará sobre Caio Prado Júnior.

4.º CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE *DOM QUIXOTE* – No dia 4 de agosto, às 17h 30min, no Salão Nobre, a Academia comemora o Quarto Centenário da publicação de *Dom Quixote*, com uma mesa-redonda coordenada pelo Acadêmico Ivan Junqueira e da qual participarão os Acadêmicos Eduardo Portella, Nélida Piñon, Antonio Olinto e o Sr. Marco Lucchesi.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Por proposta do Deputado Clóvis Ferraz a Assembléia Legislativa do Estado da Bahia outorgou o Título de Cidadã Baiana a Acadêmica Zélia Gattai Amado. A Sessão Especial de outorga deste título realiza-se no dia 10 de agosto de 2005, às 17 horas, no Plenário do Palácio Deputado Luis Eduardo Magalhães.

DOAÇÃO À ACADEMIA – O Acadêmico Lêdo Ivo doou à Academia Brasileira de Letras um retrato seu, de 1967, óleo sobre tela, por Emeric Marcier. Esta tela foi avaliada em \$ 20.000 (Vinte mil dólares)

LANÇAMENTO – Realiza-se quarta-feira próxima, dia 3 de agosto, a partir das 20 horas, na Livraria Argumento, Rua Dias Ferreira 417, Leblon, o lançamento do livro do Acadêmico José Murilo de Carvalho *Forças Armadas e Política no Brasil*.

DOM QUIXOTE – O Acadêmico Arnaldo Niskier fez parte das comemorações do 4.º centenário de publicação *D. Quixote*, promovidas pelo Instituto Cervantes. Leu um trecho da grande obra, em evento no Centro Cultural Banco do Brasil.

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NA ACADEMIA E NO BRASIL – Terá início no dia 9 de agosto de 2005, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Os estudos filológicos na Academia e no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre “M. Said Ali e sua contribuição aos estudos lingüísticos”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

16/08 – “Aurélio Buarque de Holanda, o filólogo e o lexicógrafo”, com Marina Baird Ferreira.

23/08 – “Heráclito Graça e os fatos da língua”, com Eneida do Rego Monteiro Bonfim

30/08 – “A contribuição de Mattoso Câmara para os estudos filológico-lingüísticos”, com Carlos Eduardo Falcão Uchôa.

4.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 12 de agosto, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o quarto concerto da série “Literatura e Música de Câmara na ABL”, comemorativa do 4.º centenário de publicação de *Dom Quixote*. Elisabeth Mucha (piano), Lício Bruno (barítono) interpretarão *Don Quichotte à Dulcinée*, de Maurice Ravel; *Chansons gaillardes*, de Francis Paulenc; e *A Viagem de Inverno*, de Franz Schubert. Leitura de textos por Rogério Fróes.

HOMENAGEM AO ESCRITOR GILBERTO MENDONÇA TELLES – O Presidente Ivan Junqueira e o Acadêmico Antonio Carlos Secchin participarão, na Academia Goiana de Letras, da mesa-redonda em comemoração aos cinquenta anos de vida literária do escritor Gilberto Mendonça Telles.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE FÉLIX PACHECO – Comemora-se no próximo dia 2 de agosto o aniversário do nascimento de Félix Pacheco, que ocupou a Cadeira n.º 16 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 25
Em 4 de agosto de 2005

4.º CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE *DOM QUIXOTE* – Hoje, 4 de agosto, às 17h 30min, no Salão Nobre, a Academia comemora o Quarto Centenário da publicação de *Dom Quixote*, com uma mesa-redonda coordenada pelo Acadêmico Ivan Junqueira e da qual participarão os Acadêmicos Eduardo Portella, Nélida Piñon, Antonio Olinto e o Sr. Marco Lucchesi.

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NA ACADEMIA E NO BRASIL – Terá início no dia 9 de agosto de 2005, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Os estudos filológicos na Academia e no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre “M. Said Ali e sua contribuição aos estudos lingüísticos”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 16/08 – “Aurélio Buarque de Holanda, o filólogo e o lexicógrafo”, com Marina Baird Ferreira
- 23/08 – “Heráclito Graça e os fatos da língua”, com Eneida do Rêgo Monteiro Bomfim
- 30/08 – “A contribuição de Mattoso Câmara para os estudos filológico-lingüísticos”, com Carlos Eduardo Falcão Uchôa.

4.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 12 de agosto, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o quarto concerto da série “Literatura e Música de Câmara na ABL”, comemorativa do 4.º centenário de publicação de *Dom Quixote*. Elisabeth Mucha (piano), Lício Bruno (barítono) interpretarão *Don Quichotte à Dulcinée*, de Maurice Ravel; *Chansons gaillardes*, de Francis Paulenc; e *A Viagem de Inverno*, de Franz Schubert. Leitura de textos por Rogério Fróes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Convidado pela Universidade de Passo Fundo (RS), o Acadêmico Ivan Junqueira participará naquela cidade, entre 22 e 24 de agosto, da II.ª Jornada Nacional de Literatura, ocasião em que fará uma palestra sobre o tema “Consciência poética em Manuel Bandeira”, com-

pondo a mesa-redonda à qual estarão também presentes os Acadêmicos Moacyr Scliar e José Sarney.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni viaja hoje para São Paulo onde representará o Presidente da Academia Brasileira de Letras no Grande Júri do Prêmio Fundação Bunge de 2005. Às 20 horas realizar-se-á um jantar em homenagem aos integrantes do Grande Júri e Comissão Técnica. Amanhã, dia 5, às 10 horas, será instalada a sessão do Grande Júri no Salão Nobre do Palácio da Justiça, em São Paulo.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – Está marcada para o dia 25 de agosto próximo, quinta-feira, às 16 horas, no Salão Nobre da Academia, a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Nêumanne por seu livro *O Silêncio do Delator*.

MARCOS VILAÇA NA HOMENAGEM A O GLOBO – A Câmara dos Deputados, terça-feira última, realizou sessão solene em homenagem à passagem do 80.º aniversário do jornal *O Globo*, por longo tempo dirigido pelo saudoso acadêmico Roberto Marinho. A Academia Brasileira de Letras esteve representada pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

KORCZAK – No dia 10 de agosto, às 18 horas, na Casa de Cultura Laura Alvim, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará uma conferência sobre o médico e pedagogo polonês Janusz Korczak. A promoção é do Museu Judaico.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE ALBERTO DE FARIA – A 5 de agosto de 1865 nascia, em Campos, Alberto de Faria, que ocupou a Cadeira n.º 39 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE OSWALDO CRUZ – Comemora-se no dia 5 de agosto a data natalícia de Oswaldo Cruz, que ocupou a Cadeira n.º 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 26
Em 11 de agosto de 2005

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NA ACADEMIA E NO BRASIL – Teve início no dia 9 de agosto de 2005, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Os estudos filológicos na Academia e no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo

Acadêmico Evanildo Bechara sobre “M. Said Ali e sua contribuição aos estudos lingüísticos”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

16/08 – “Aurélio Buarque de Holanda, o filólogo e o lexicógrafo”, com Marina Baird Ferreira

23/08 – “Heráclito Graça e os fatos da linguagem”, com Eneida do Rêgo Monteiro Bomfim

30/08 – “A contribuição de Mattoso Câmara para os estudos filológicos e lingüísticos”, com Carlos Eduardo Falcão Uchôa.

PRÊMIO BUNGE DE ROMANCE PARA A ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – Presidida pelo Acadêmico Miguel Reale realizou-se na sexta-feira passada, dia 5, no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, a reunião do Grande Júri dos Prêmios Fundação Bunge 2005 nas categorias: Agronegócios, Física, Educação Fundamental e Romance. A Acadêmica Lygia Fagundes Telles foi escolhida para receber em 2005 o Prêmio da Fundação Bunge de Romance.

4.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se, amanhã, 12 de agosto, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no I.º andar do Centro Cultural da ABL, o quarto concerto da série “Literatura e Música de Câmara na ABL”, comemorativa do 4.º centenário de publicação de *Dom Quixote*. Elisabeth Mucha (piano), Lício Bruno (barítono) interpretarão *Don Quichotte à Dulcinée*, de Maurice Ravel; *Chansons gaillardes*, de Francis Paulenc; e *A Viagem de Inverno*, de Franz Schubert. Leitura de textos por Rejane Zilles.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Convidado pela Universidade de Passo Fundo (RS), o Acadêmico Ivan Junqueira participará naquela cidade, entre 22 e 24 de agosto, da II.ª Jornada Nacional de Literatura, ocasião em que fará uma palestra sobre o tema “Consciência poética em Manuel Bandeira”, compondo a mesa-redonda à qual estarão também presentes os Acadêmicos Moacyr Scliar e José Sarney.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – Está marcada para o dia 25 de agosto próximo, quinta-feira, às 16 horas, no Salão Nobre da Academia, a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Nêumanne por seu livro *O Silêncio do Delator*. O orador da solenidade será o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – A convite da Fondation Terre des Hommes o Acadêmico Tarcísio Padilha proferiu, no dia 8 do corrente, palestra no Seminário sobre Reintegração Familiar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar estará em Porto Alegre, amanhã, dia 12, para fazer conferência no Seminário “Erico Veríssimo 100 anos – Leituras e Perspectivas”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 15, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin presidirá a banca de mestrado de seu orientando Luciano Rosa, que vai defender dissertação sobre a poesia de Paulo Mendes Campos. No dia 17, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em Brasília, participando do júri do Prêmio Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni participará no próximo dia 25 de agosto de mesa-redonda na II.^a Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo (RS), ocasião em que falará sobre “O Guarani – trajetória política de José de Alencar”.

PRÊMIO NESTLÉ DE LITERATURA – O Acadêmico Moacyr Scliar esteve segunda-feira passada, no Rio de Janeiro, participando do lançamento do Prêmio Nestlé de Literatura.

VIVA O LIVRO – No Palácio Guanabara, no dia 9, realizou-se a “Feira do Livro”, promovida pelas Secretarias de Estado de Educação e Cultura. Na solenidade, falou o Acadêmico Arnaldo Niskier.

ANO XLV – N.º 27
Em 18 de agosto de 2005

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NA ACADEMIA E NO BRASIL – Teve início no dia 9 de agosto de 2005, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Os estudos filológicos na Academia e no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre “M. Said Ali e sua contribuição aos estudos lingüísticos”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

23/08 – “Heráclito Graça e os fatos da língua”, com Eneida do Rêgo Monteiro Bomfim

30/08 – “A contribuição de Mattoso Câmara para os estudos filológico-lingüísticos”, com Carlos Eduardo Falcão Uchôa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Convidado pela Universidade de Passo Fundo (RS), o Acadêmico Ivan Junqueira participará naquela cidade, entre 22 e 24 de agosto, da II.º Jornada Nacional de Literatura, ocasião em que fará uma palestra sobre o tema “Consciência poética em Manuel Bandeira”, compondo a mesa-redonda à qual estarão também presentes os Acadêmicos Moacyr Scliar e José Sarney.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – Está marcada para o dia 25 de agosto próximo, quinta-feira, às 16 horas, no Salão Nobre da Academia, a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Nêumanne por seu livro *O Silêncio do Delator*. O orador da solenidade será o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 24, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir palestra sobre a poesia de Gonçalves Dias, no âmbito da II.º Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. No dia 30, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em São Paulo, presidindo o Júri Nacional do Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA FERNANDO SABINO – O Acadêmico Antonio Olinto, Diretor das Bibliotecas da Prefeitura do Rio de Janeiro, inaugurará no próximo dia 24 a Biblioteca Popular Fernando Sabino, em Santa Cruz. Está é a 28.ª Biblioteca Popular a ser inaugurada.

HOMENAGEM A OTTO LARA REZENDE – No dia 25 de julho, o Acadêmico Sábato Magaldi fez a palestra de abertura de um ciclo em homenagem ao saudoso Acadêmico Otto Lara Rezende, em São João del Rei, sua cidade natal.

EDUCAÇÃO – No dia 16, em São Paulo, na sede Federação do Comércio, o Acadêmico Arnaldo Niskier proferiu palestra sobre “A responsabilidade social da educação”. A promoção é do CIEE/SP.

SEMANA LÊDO IVO EM PENEDO – Promovida pela Fundação Educacional do Baixo São Francisco, está se realizando esta semana, na cidade alagoana de Penedo, uma programação cultural centrada na vida e na obra do Acadêmico Lêdo Ivo. O

evento inclui a projeção do filme “Imagem peninsular de Lêdo Ivo”, premiado em 2004 pelo DOC-TV; a reapresentação da exposição instalada na Academia Brasileira de Letras em setembro do ano passado, quando da comemoração dos seus 80 anos; e uma palestra da professora Leda Almeida sobre a sua trajetória poética e literária. O Acadêmico Lêdo Ivo viajou ontem para Alagoas, convidado para participar das comemorações e dar um depoimento sobre a sua criação poética.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – O escritor Ariano Suassuna receberá o primeiro título de Doutor *Honoris Causa*, concedido pela Universidade de Passo Fundo, dia 25, durante a II.ª Jornada de Literatura de Passo Fundo.

REALIDADE EDUCACIONAL – No 8.º Seminário Nacional CIEE – *Gazeta Mercantil*, com o tema “A Educação Brasileira”, o Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu em São Paulo sobre “Verdades e Mentiras”, traçando um quadro bem realista dos grandes problemas enfrentados no País.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – Realiza-se hoje, dia 25 de agosto, quinta-feira, às 16 horas, no Salão Nobre da Academia, a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Nêumanne por seu livro *O Silêncio do Delator*. O orador da solenidade será o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

ANO XLV – N.º 28
Em 25 de agosto de 2005

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NA ACADEMIA E NO BRASIL – Teve início no dia 9 de agosto de 2005, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Os estudos filológicos na Academia e no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “M. Said Ali e sua contribuição aos estudos lingüísticos”. A conferência de encerramento, na terça-feira, dia 30 do corrente, estará a cargo do Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchôa sobre “A contribuição de Mattoso Câmara para os estudos filológico-lingüísticos”.

ÂNIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSUÉ MONTELLO – Comemorou-se no dia 21 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Josué Montello, decano da ABL, que ocupa a Cadeira n.º 29 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara fez dia 23, na UERJ, uma palestra no Seminário dos Estudos Superiores de Língua Portuguesa sobre o tema “Novos horizontes da gramaticografia portuguesa”.

CENTENÁRIO DE ÉRICO VERÍSSIMO – O Senado Federal realizou, quarta-feira última, Sessão Solene para festejar o centenário de nascimento de Érico Veríssimo. A Academia Brasileira de Letras se fez representar pelo Acadêmico Marcos Vilaça.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PAULO COELHO – Comemorou-se ontem, dia 24, o aniversário natalício do Acadêmico Paulo Coelho, que ocupa a Cadeira n.º 21 do Quadro dos Membros Efetivos.

GERAÇÃO DE 45: SESENTA ANOS – Está marcada para o dia 1.º de setembro a Mesa-redonda: Geração de 45: sessenta anos, coordenada pelo Presidente Ivan Junqueira e a participação dos Acadêmicos Lêdo Ivo, Carlos Nejar e dos Srs. Adriano Espínola e Luciano Rosa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – Comemorou-se amanhã, dia 26, o aniversário natalício do Acadêmico Alfredo Bosi, que ocupa a Cadeira n.º 12 do Quadro dos Membros Efetivos.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: BALANÇO CRÍTICO DE ALGUNS TEMAS – Terá início no dia 6 de setembro de 2005, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Historiografia brasileira: balanço crítico de alguns temas”, coordenado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura será proferida pelo Prof. Francisco Falcon, “Revisitando a história das idéias”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

13/09 – Ronaldo Vainfas – “História cultural e historiografia brasileira”

20/09 – João José Reis – “Historiografia da escravidão brasileira: notas para um balanço”

27/09 – Mary Del Priore – “Conhecendo nossas avós do passado: uma pequena história das mulheres no Brasil”

LANÇAMENTO DO LIVRO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – No próximo dia 8 de setembro, às 17h 30min, realiza-se na Sala dos Fundadores o lançamento do livro *Tempo Diferente* (Topbooks), do Acadêmico Murilo Melo Filho.

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – O Presidente Ivan Junqueira escolheu o próximo dia 22 de setembro, quinta-feira, às 17 horas, para a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia

AUDIÊNCIA PÚBLICA – No dia 18, na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier participou de uma audiência pública sobre incentivos à cultura. Entre deputados e artistas, cerca de 50 pessoas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – No próximo dia 30 o Acadêmico Antonio Olinto fará a conferência de encerramento do Seminário dos Professores de Português, realizado em Angra dos Reis.

ANO XLV – N.º 29

Em 1.º de setembro de 2005

GERAÇÃO DE 45: SESSENTA ANOS – Realiza-se hoje, dia 1.º de setembro, a Mesa-redonda: “Geração de 45: sessenta anos”, coordenada pelo Presidente Ivan Junqueira e com a participação dos Acadêmicos Lêdo Ivo, Carlos Nejar e dos Srs. Adriano Espínola e Luciano Rosa.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: BALANÇO CRÍTICO DE ALGUNS TEMAS – Terá início no dia 6 de setembro de 2005, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Historiografia brasileira: balanço crítico de alguns temas”, coordenado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura será proferida pelo Prof. Francisco Falcon, “Revisitando a história das idéias”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

13/09 – Ronaldo Vainfas – “História cultural e historiografia brasileira”

20/09 – João José Reis – “Historiografia da escravidão brasileira: notas para um balanço”

27/09 – Mary Del Priore – “Conhecendo nossas avós do passado: uma pequena história das mulheres no Brasil”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Norte, o Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará em Natal, no dia 16 do corrente, a conferência “Cervantes e a literatura brasileira”, tema sobre o qual falará, também, no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, no próximo dia 14, convidado por esta instituição e pelo Instituto Cervantes.

LANÇAMENTO DO LIVRO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – No próximo dia 8 de setembro, às 17h 30min, realiza-se na Sala dos Fundadores o lançamento do livro *Tempo Diferente* (Topbooks), do Acadêmico Murilo Melo Filho.

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET – Realiza-se no dia 15 de setembro, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia a mesa-redonda comemorativa do cinquentenário de falecimento de Ortega y Gasset, com a participação dos Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha e Helio Jaguaribe.

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – O Presidente Ivan Junqueira escolheu o próximo dia 22 de setembro, quinta-feira, às 17 horas, para a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Nos dias 4, 5 e 6 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy irá participar como convidado especial do ISAPS (Postgraduate Instructional Course), que será realizado na Sérvia e Montenegro, a convite do Dr. Mirograd M. Colic, quando também será homenageado. Nesta ocasião, o Acadêmico Ivo Pitanguy irá proferir palestra sobre “45 Anos de Experiência em Contorno Corporal”. Irá também ministrar curso sobre a formação do cirurgião plástico.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Dia 12 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin presidirá a banca de concurso público para professor adjunto de literatura brasileira, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LÊDO IVO, DOUTOR HONORIS CAUSA – O Acadêmico Lêdo Ivo foi agraciado com a Outorga do título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Alagoas. O Conselho Universitário justificou a sua deliberação “pela sua contribuição em favor das Letras, pelo reconhecimento de seu caudaloso trabalho literário e de sua influência nos rumos da poesia brasileira”. A solenidade de entrega do Título será no dia 20 de outubro próximo.

BRANCA DIAS – Está em fase final de elaboração o livro *Branca Dias*, uma heroína judia, de autoria do Acadêmico Arnaldo Niskier.

PALESTRA SOBRE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO – A Câmara Municipal de Niterói entregou ao Acadêmico Murilo Melo Filho a Medalha “José Cândido de

Carvalho”, durante uma sessão extraordinária na qual o homenageado fez uma palestra sobre o autor de *O Coronel e o Lobisomem*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe viaja para Argentina no dia 5 de setembro. No dia 6 pronunciará uma conferência na Universidade de La Plata sobre “Argentina, Brasil y el Mundo, ante el Siglo XXI”. Nos dias 8 e 9 participará, na Universidade de Buenos Aires, do seminário IEPES-UBA, sobre Argentina-Brasil.

ANO XLV – N.º 30
Em 8 de setembro de 2005

LANÇAMENTO DO LIVRO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Realiza-se hoje, dia 8 de setembro, às 17h 30min, na Sala dos Fundadores o lançamento do livro *Tempo Diferente* (Topbooks), do Acadêmico Murilo Melo Filho.

MANUEL BANDEIRA: O POETA EM BOTAFOGO – Realiza-se hoje, 8 de setembro, às 19 horas, no Teatro R. Magalhães Júnior o recital de poesia e música a cargo do Embaixador Lauro Moreira e da pianista Sonia Maria Vieira. Após o recital, será lançado o CD *Manuel Bandeira: o Poeta em Botafogo*.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: BALANÇO CRÍTICO DE ALGUNS TEMAS – Teve início no dia 6 de setembro de 2005, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Historiografia brasileira: balanço crítico de alguns temas”, coordenado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura foi proferida pelo Prof. Francisco Falcon, “Revisitando a história das idéias”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

13/09 – Ronaldo Vainfas – “História cultural e historiografia brasileira”

20/09 – João José Reis – “Historiografia da escravidão brasileira: notas para um balanço”

27/09 – Mary Del Priore – “Conhecendo nossas avós do passado: uma pequena história das mulheres no Brasil”

PRÊMIO JABUTI DE 2005 – O Prêmio Jabuti de romance, 2005, coube à Acadêmica Nélida Piñon pelo seu romance *Vozes do Deserto*, e o de tradução foi conferido ao Acadêmico Ivan Junqueira, pela tradução de *T.S. Eliot – Obra Completa – Poesia*. A cerimônia de premiação acontecerá no dia 20 de setembro, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET –

Realiza-se no dia 15 de setembro, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia a mesa-redonda comemorativa do cinquentenário do falecimento de Ortega y Gasset, com a participação dos Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha e Helio Jaguaribe.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVA-

LHO – Comemora-se hoje, 8 de setembro, o aniversário natalício do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que ocupa a Cadeira n.º 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Nos

dias 12 e 13 o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara proferirá em São Paulo, na Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), palestras sobre “Novos rumos da gramatografia portuguesa” e na PUC – SP sobre “Educação da competência linguística”. No dia 19 estará em Maragogipe – BA, para fazer palestra a professores da cidade e, no dia 20, visita a Academia de Letras de Maragogipe, em nome da ABL.

O RIO NA FRANÇA – Dentro do projeto “O Brasil na França”, a delegação do Rio

de Janeiro compareceu com 160 artistas. As apresentações são feitas no “Carreau du Temple”, sob a coordenação do Acadêmico Arnaldo Niskier.

FICÇÃO COMPLETA DE ALUÍSIO AZEVEDO – Realiza-se no próximo dia 15 de

setembro, às 18h 30min, na Sala dos Fundadores, da ABL, o lançamento da obra *Ficção Completa de Aluísio Azevedo*, organização de Orna Messer Levin, que acaba de sair pela Editora Nova Aguilar.

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – O Presidente Ivan

Junqueira escolheu o próximo dia 22 de setembro, quinta-feira, às 17 horas, para a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 23 de

setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir a conferência de encerramento das comemorações dos 30 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

MEDALHA ELÁDIO DE BARROS CARVALHO – Aos acadêmicos Barbosa Lima

Sobrinho (post-mortem) e Marcos Vinícios Vilaça foi outorgada a Medalha do Mérito Eládio de Barros Carvalho, pelo Clube Náutico Capibaribe. Barbosa Lima

foi atleta (ciclismo e futebol) e Marcos Vilaça é sócio benemérito e Conselheiro Perpétuo do clube pernambucano.

ANO XLV – N.º 31
Em 15 de setembro de 2005

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET –
 Realiza-se hoje, dia 15 de setembro, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia, com a participação dos Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha e Helio Jaguaribe, a mesa-redonda em homenagem a Ortega y Gasset, na passagem do cinquentenário do seu falecimento.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: BALANÇO CRÍTICO DE ALGUNS TEMAS
 – Teve início no dia 6 de setembro de 2005, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Historiografia brasileira: balanço crítico de alguns temas”, coordenado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura foi proferida pelo Prof. Francisco Falcon, “Revisitando a história das idéias”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

20/09 – João José Reis – “Historiografia da escravidão brasileira: notas para um balanço”

27/09 – Mary Del Priore – “Conhecendo nossas avós do passado: uma pequena história das mulheres no Brasil”

FICÇÃO COMPLETA DE ALUÍSIO AZEVEDO – Realiza-se hoje, dia 15 de setembro, às 18h 30min, na Sala dos Fundadores, da ABL, o lançamento do livro *Ficção Completa de Aluísio Azevedo*, organização de Orna Messer Levin, que acaba de sair pela Editora Nova Aguilar.

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – O Presidente Ivan Junqueira escolheu o próximo dia 22 de setembro, quinta-feira, às 17h 30min, para a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 23 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir a conferência de encerramento das comemorações dos 30 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Nos dias 22 e 23 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy participará da Jornada de Cirurgia Plástica do Serviço da Santa Casa de Porto Alegre, a convite do Dr. Aléxis Pacheco. O tema de sua conferência será abdo-minoplastia.

CONVERGÊNCIA – Sob a coordenação do Acadêmico Arnaldo Niskier, o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional se reunirá em Brasília, no dia 12, para discutir os problemas da convergência tecnológica nos meios de comunicação.

ESPAÇO CULTURAL EM BRUXELAS – A embaixada do Brasil, em Bruxelas, inaugurou no “Dia da Pátria” seu Espaço Cultural, na Avenue Louise, uma das principais da cidade. Foi dado o nome do saudoso Acadêmico Darcy Ribeiro ao auditório, e de Marcantonio Vilaça à galeria de arte, que teve sua primeira exposição de pintura sob a curadoria de Ricardo Cravo Albin. Falaram na solenidade o Embaixador Jerônimo Moscardo e o Ministro do Itamaraty, o pernambucano Denys Souza Pinto, em nome da família Vilaça.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Real Gabinete Português de Leitura e do Instituto Cervantes, o Acadêmico Ivan Junqueira proferiu, ontem, conferência sobre “Cervantes e a Literatura Brasileira”, no ciclo Dom Quixote no Real Gabinete Português de Leitura.

CENTENÁRIO DE AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – No dia 21 de setembro, quarta-feira próxima, às 17h 30min, no PEN Clube do Brasil, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e o Ministro Célio Borja falarão sobre “O parlamentar e o constitucionalista Afonso Arinos de Melo Franco”, no contexto comemorativo do seu centenário.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ÉRICO VERÍSSIMO – Realiza-se no dia 29 do corrente, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia, a mesa-redonda, comemorativa do centenário do nascimento de Érico Veríssimo, coordenada pelo Presidente Ivan Junqueira e da qual participarão os Acadêmicos Carlos Nejar, Moacyr Scliar e o escritor Flávio Loureiro Chaves.

ANO XLV – N.º 32
Em 22 de setembro de 2005

INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – Realiza-se hoje, dia 22 de setembro, às 17h 30min, a inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: BALANÇO CRÍTICO DE ALGUNS TEMAS

– Teve início no dia 6 de setembro de 2005, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Historiografia brasileira: balanço crítico de alguns temas”, coordenado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura foi proferida pelo Prof. Francisco Falcon, “Revisitando a história das idéias”. A conferência de encerramento será proferida pela Sra. Mary Del Priore sobre “Conhecendo nossas avós do passado: uma pequena história das mulheres no Brasil”, no dia 27 de setembro, no mesmo horário.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ÉRICO VERÍSSIMO – Realiza-se no dia

29 do corrente, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia a mesa-redonda, comemorativa do centenário do nascimento de Érico Veríssimo, coordenada pelo Presidente Ivan Junqueira e da qual participarão os Acadêmicos Carlos Nejar, Moacyr Scliar e o Senhor Flávio Loureiro Chaves.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – No

dia 19 de setembro, às 10 horas, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara falou sobre a produção lexicográfica da Academia Brasileira de Letras, no Encontro Internacional de Filologia realizado pela UERJ e UFF. No mesmo dia falou sobre “O ensino da Língua Portuguesa” na Universidade Plínio Leite (UNIPLI). Dia 27, terça-feira, estará representando a Academia Brasileira de Letras na Comissão Ministerial para Promoção e Valorização da Língua Portuguesa e sua Literatura. No dia 4 de outubro o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara abrirá o XI Fórum Paraense de Letras, promovido pela Universidade da Amazônia – UNAMA e o Centro de Ciências Humanas e Educação do Pará, onde também fará, no dia seguinte, uma palestra para professores de Língua Portuguesa.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A entrega do Prêmio Jabuti, pela

Câmara Brasileira do Livro, ocorreu terça-feira, dia 20 do corrente à noite, no Memorial da América Latina, em São Paulo. A Acadêmica Nélida Piñon, que já havia recebido este prêmio na categoria romance, teve *Vozes do Deserto* escolhido como o livro de ficção do ano. Foi também homenageada, no Memorial da América Latina, pela outorga, também este ano, do Prêmio Príncipe de Astúrias.

ANTOLOGIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO NO CHILE – Uma nova antologia

do Acadêmico Lêdo Ivo em espanhol acaba de ser lançada no Chile. Intitula-se *Los Murciélagos* e foi publicada por Chile Poesia Editorial, dirigida pelo poeta José María Memet. A tradução é de Maricela Téran e Adán Méndez, e a introdução de Juan Cameron.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Amanhã, 23 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir a conferência de encerramento das comemorações dos 30 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

VIII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES E PESQUISADORES DA FILOSOFIA BRASILEIRA – Realizou-se de 25 a 28 de agosto, na Academia Brasileira de Filosofia, o VIII Encontro Nacional de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira. Nessa oportunidade prestaram homenagem e estudaram as obras dos Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho, José Guilherme Merquior e Miguel Reale.

LÍNGUA PORTUGUESA – No dia 29, na Academia Paulista de Letras, haverá Seminário sobre a Língua Portuguesa “Surpresas e Esperanças”, com a participação dos Acadêmicos Antonio Olinto, Arnaldo Niskier e Antonio Carlos Secchin.

AULA MAGNA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça proferiu ontem a Aula Magna da recém criada Escola de Formação Técnica do Tribunal de Contas do Estado do Rio. Tema da palestra: “A Democracia e o Controle das Contas Públicas”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – No dia 29 do corrente, o Acadêmico Antonio Olinto fará a conferência de abertura do ciclo de conferência sobre a Língua Portuguesa, no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), sobre o tema “O idioma português no mundo”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni foi convidado para fazer uma palestra no Festival Literário de Aracati, Ceará, que deverá ter início no dia 17 de outubro.

ANO XLV – N.º 33
Em 29 de setembro de 2005

FALECIMENTO DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Faleceu aos 30 minutos de hoje, dia 29, no Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro, o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, que ocupava a Cadeira n.º 7 do Quadro dos Membros Efetivos. O velório realizou-se no Salão dos Poetas Românticos da ABL e o sepultamento no Mausoléu da Academia, no Cemitério São João Batista.

“O TEATRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO” – Terá início no dia 4 de outubro de 2005, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “O Teatro Brasileiro Contemporâneo”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura será proferida pelo escritor Ferreira Gullar sobre “A obra de Dias Gomes”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

11/10 – Sábato Magaldi – “Permanência de Nelson Rodrigues”;
18/10 – Barbara Heliodora – “O teatro de Millôr”
25/10 – Aderbal Freire-Filho – “A qualidade de Roberto Athayde”.

LÍNGUA PORTUGUESA – Realiza-se hoje na Academia Paulista de Letras, o Seminário sobre a Língua Portuguesa “Surpresas e Esperanças”, com a participação dos Acadêmicos Antonio Olinto, Arnaldo Niskier e Antonio Carlos Secchin.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto fará hoje, em São Paulo, a conferência de abertura do ciclo de conferência sobre a Língua Portuguesa, no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), sobre o tema “O idioma português no mundo”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça vai à Polônia, no princípio de outubro, para proferir palestra na Universidade de Varsóvia como parte dos festejos comemorativos de 85 anos das relações diplomáticas polaco-brasileiras. A conferência sobre o “Coronelismo político do Nordeste” será no Lyceu Rui Barbosa, nome muito caro à cultura dos poloneses pelo seu papel na reunificação do país, durante a Conferência de Versalhes de 1919. O embaixador Marcelo Jardim e o brasilianista Andrejz Dembiczy organizam a passagem do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça pelas universidades de Cracóvia e Varsóvia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Nos dias 5, 6, 7 e 8 de outubro, o Acadêmico Ivo Pitanguy, participará da Cali Exposhow – Belleza, Salud y Moda, em Cali, Colômbia, a convite do Dr. Carlos Enrique Traina e do Dr. Marcos Aurélio Zambrano. O tema de sua conferência será “Cirurgia do Contorno Corporal”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – O Acadêmico Sábato Magaldi participou, em julho, de uma homenagem ao saudoso Acadêmico Otto Lara Rezende, em São João del Rey, em Minas Gerais, cidade natal do ilustre confrade, proferindo a conferência de abertura do Seminário de Literatura Brasileira,

organizado pela Universidade. Em agosto, o Acadêmico Sábato Magaldi, proferiu palestra sobre “A Função da Crítica”, no Seminário de Crítica Teatral, realizado no SESC do Recife, Pernambuco.

ACADÊMICO LÊDO IVO – PATRONO DE BIENAL – O Acadêmico Lêdo Ivo foi escolhido para ser o patrono da I.ª Bienal Nacional do Livro que se realiza em Maceió entre os dias 18 e 23 de outubro, com a participação de editoras e escritores de todo o País. No programa dessa Bienal figura a inauguração da Exposição “O universo poético de Lêdo Ivo”, apresentada pela Academia Brasileira de Letras no ano passado e doada à Universidade Federal de Alagoas.

PRÊMIO IMPRENSA – Os Acadêmicos Cícero Sandroni e Arnaldo Niskier integram o júri que selecionará os vencedores do Prêmio Imprensa Embratel 2005. São mais de 1.000 participantes.

NOTÍCIA DO POETA CARLOS NEJAR – O poeta Carlos Nejar dará um depoimento sobre a sua criação na Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, dia 30 de setembro às 18 horas.

ANO XLV – N.º 34
Em 6 de outubro de 2005

SESSÃO DE SAUDADE DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Realiza-se hoje, dia 6 de outubro, às 16 horas, a sessão de saudade em homenagem à memória do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

“O TEATRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO” - Teve início no dia 4 de outubro de 2005, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “O Teatro Brasileiro Contemporâneo”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo escritor Ferreira Gullar sobre “A obra de Dias Gomes”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

11/10 – Barbara Heliadora – “O teatro de Millôr”
18/10 – Sábato Magaldi – “Permanência de Nelson Rodrigues”
25/10 – Aderbal Freire-Filho – “Atualidade de Roberto Athayde”

NOTÍCIA DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Governo Federal designou o Acadêmico Eduardo Portella para integrar a Delegação do Brasil na Conferência Geral da UNESCO, que comemora os 60 anos dessa Organização das

Nações Unidas. O ex-Ministro Eduardo Portella é o brasileiro que exerceu os maiores cargos na alta direção da UNESCO.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira representará o Brasil no Festival Mundial de Poesia, a realizar-se entre 18 e 24 de outubro em Santiago do Chile, ao qual estarão presentes 50 poetas de diversos países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos. Na ocasião será lançada, sob o patrocínio da Academia Brasileira de Letras e da Embaixada do Brasil no Chile, uma edição bilingüe dos poemas de João Cabral de Melo Neto e Gonzalo Rojas, o maior poeta chileno vivo.

5.^a BIENAL DO LIVRO – Esta semana, no Recife, acontece a 5.^a Bienal do Livro de Pernambuco. O homenageado principal é o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. O livro *Coronel, Coronéis* será tema de um seminário com a participação, entre outros, da escritora francesa Monique Le Moing, do Acadêmico Alberto Venancio Filho, do sociólogo Frederico Mello, além dos co-autores Roberto Cavalcanti e Marcos Vilaça.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Transcorre no próximo dia 8 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Eduardo Portella, que ocupa a Cadeira n.º 27 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 12 de outubro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin participará de mesa-redonda sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade, como representante da UFRJ no evento “Educação e Cooperação Acadêmica”, na Maison de l’Amérique Latine, em Paris. A atividade se insere no âmbito das comemorações do Ano França-Brasil.

ACADÊMICO LÊDO IVO EM DOIS FESTIVAIS INTERNACIONAIS – O Acadêmico Lêdo Ivo viajou para o México quinta-feira última. Foi participar do I.º Festival Internacional de Poesia realizado no Estado de Chihuahua. Escolhido para ser o Poeta do Festival, recebeu, em solenidades efetuadas em Chihuahua e Cuauhtémoc, homenagens de poetas mexicanos e latino-americanos e da comunidade acadêmica, além de ter dado recitais de sua poesia em teatros e auditórios universitários. Hoje, dia 6, o Acadêmico Lêdo Ivo viaja para El Salvador. Vai participar do IV Festival Internacional de Poesia que se realiza naquele país e onde, por uma semana, cumprirá uma programação que inclui recitais e palestras de centros culturais e universidades.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – O Acadêmico Alberto Venancio Filho irá participar no dia 7 de outubro de uma mesa-redonda da Bienal do Livro em Recife, debatendo o tema “*Coronel, Coronéis – Um Clássico Brasileiro no Mundo*”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar estará em Paris, de 9 a 12 de outubro, a convite do Ministro da Educação, participando de duas mesas-redondas. Uma sobre os “Novos Espaços da Lusofonia” e a “Poesia de Carlos Drummond de Andrade”.

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA – Acaba de sair, e será enviado aos acadêmicos, o n.º 44 da *Revista Brasileira*, referente ao quarto trimestre de 2005, e, na Coleção Afrânio Peixoto, o livro *Franklin Távora e o seu Tempo*, de Cláudio Aguiar, que será lançado na ABL, no dia 20 de outubro, quinta-feira, às 17h 30min, no saguão térreo, do Centro Cultural da ABL.

ANO XLV – N.º 35
Em 13 de outubro de 2005

“O TEATRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO” – Teve início no dia 4 de outubro de 2005, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “O Teatro Brasileiro Contemporâneo”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo escritor Ferreira Gullar sobre “A obra de Dias Gomes”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

18/10 – Sábato Magaldi – “Permanência de Nelson Rodrigues”
25/10 – Aderbal Freire-Filho – “Atualidade de Roberto Athayde”

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO – Comemora-se hoje o aniversário natalício do Acadêmico Murilo Melo Filho, que ocupa a Cadeira n. 20 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Nos dias 14, 15 e 16 de outubro, o Acadêmico Ivo Pitanguy irá participar do Symposium International Esthétique et Santé, que será realizado em Nice, onde será o Presidente de Honra. Nos dias 21 e 22 de outubro, o Acadêmico Ivo Pitanguy irá participar do Congresso da Universidade de L’Aquila, na Itália, a convite do Professor Maurizio Giuliani.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni foi convidado para fazer uma palestra no Festival Literário de Aracati, Ceará, que deverá ter início no dia 17 de outubro.

ANOTOLOGIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – Mais uma antologia poética do acadêmico Lêdo Ivo acaba de sair no México. É uma edição bilingüe, intitulada *La tierra Allende*, e publicada pelas Ediciones El Azar. Reúne poemas traduzidos por doze poetas mexicanos, entre os quais José Emilio Pacheco e Carlos Montemayor. A noite de autógrafos do lançamento, muito concorrida, realizou-se dia 3 de outubro, dentro da programação do I.º Festival Internacional de Chihyahya, do qual o Acadêmico Lêdo Ivo participou na condição de poeta homenageado.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 17 de outubro, Antonio Carlos Secchin dará depoimento sobre sua poesia na Tarde Literária da Festa Portuguesa em Cabo Frio, juntamente com outros escritores brasileiros e portugueses. No dia 26 de outubro, em São Paulo, Antonio Carlos Secchin dará palestra no Simpósio Internacional Pessoa/Drummond, promovido pela PUC-SP e USP.

CONFERÊNCIA SOBRE PEREGRINO JÚNIOR – A convite da Academia Norteriograndense de Letras, o Acadêmico Murilo Melo Filho foi a Natal, onde pronunciou uma conferência sobre o “Acadêmico Peregrino Júnior – um imortal potiguar”.

ÉTICA – No dia 10, em Brasília, reuniu-se o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, sob a presidência do Acadêmico Arnaldo Niskier, para debater sobre “Ética e Comunicação”. Participaram do encontro o Ministro Marco Aurélio Mello (STF) e os jornalistas Denis Lerrer Rosenfield e Carlos Chagas.

ACADÊMICO LÊDO IVO – PATRONO DE BIENAL – O Acadêmico Lêdo Ivo foi escolhido para ser o patrono da I.ª Bienal Nacional do Livro que se realiza em Maceió entre os dias 18 e 23 de outubro, com a participação de editoras e escritores de todo o País. No programa dessa Bienal figura a inauguração da Exposição “O universo poético de Lêdo Ivo”, apresentada pela Academia Brasileira de Letras no ano passado e doada à Universidade Federal de Alagoas.

PERSONALIDADE EDUCACIONAL 2005 – A Associação Brasileira de Educação, a Associação Brasileira de Imprensa e a Folha Dirigida elegeram o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara Personalidade Educacional de 2005. A solenidade em homenagem aos educadores eleitos para receberem este título realiza-se no dia 20 de

outubro de 2005, às 19 horas, no Jockey Clube Brasileiro, Av. Presidente Antonio Carlos, 501/10.º andar.

ANO XLV – N.º 36
Em 20 de outubro de 2005

LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, dia 20, às 17h 30min, no Saguão do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, o lançamento de *Franklin Távora e o Seu Tempo*, de Cláudio Aguiar, publicado na Coleção Afrânio Peixoto da ABL.

“O TEATRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO” - Teve início no dia 4 de outubro de 2005, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “O Teatro Brasileiro Contemporâneo”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo escritor Ferreira Gullar sobre “A obra de Dias Gomes”. A conferência de encerramento, no próximo dia 25, será proferida pelo Diretor Teatral Aderbal Freire-Filho sobre “Atualidade de Roberto Athayde”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 28 de outubro, o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado pelo Reitor da Universidade Estácio de Sá, Professor Gilberto Oliveira Castro, a participar do congresso na área da saúde organizado pela mesma universidade, onde irá proferir a conferência de abertura sobre “Imagem Corporal – Aspectos Psicossociais”.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – A Acadêmica Lygia Fagundes Telles esteve em Portugal para receber o “Prêmio Camões”, que lhe foi entregue, no Porto, pelos Presidente de Portugal, Senhor Jorge Sampaio, e do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Encontravam-se presentes a Ministra da Cultura de Portugal e o Ministro da Cultura do Brasil. Foi lançado pela Editorial Presença seu livro *As Horas Nuas*. A Acadêmica Lygia Fagundes Telles proferiu conferências na Faculdade de Letras do Porto e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA EM CRACÓVIA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça esteve esta semana em Cracóvia, visitando a Universidade Jagiellonian. Na biblioteca lhe foram mostradas obras de Eckhout, de quase 400 anos, documentando flora e fauna pernambucanas. Debateu temas de história e sociologia com o professor Piotr Hordynski e, na companhia do embaixador Marcelo Jardim, discutiu eventuais projetos com a ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto dará hoje a aula inaugural das Faculdades de Letras da UNIVERCIDADE sobre o tema “O Romance Brasileiro de hoje”.

CENTRO CULTURAL EM LONDRES – Os Ministros Gilberto Gil e Marcos Vilaça inauguraram, na semana que passou, no Centro Cultural da Embaixada do Brasil, em Londres, exposição de trabalhos de Paulo Marcos. As fotos se baseiam no livro *Quarup*, do saudoso Acadêmico Antonio Callado, fato exaltado na fala do embaixador José Bustani, como homenagem à Academia Brasileira de Letras.

NOTÍCIAS DO PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA – O Presidente Ivan Junqueira encontra-se em Santiago do Chile representando o Brasil no Festival Mundial de Poesia, que teve início no dia 18 e se encerra no dia 24 de outubro. Neste festival estarão presentes 50 poetas de diversos países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos. Na ocasião será lançada, sob o patrocínio da Academia Brasileira de Letras e da Embaixada do Brasil no Chile, uma edição bilíngüe dos poemas de João Cabral de Melo Neto e Gonzalo Rojas, o maior poeta chileno vivo.

ACADÊMICO LÊDO IVO, DOUTOR *HONORIS CAUSA* – O Acadêmico Lêdo Ivo se encontra em Maceió e recebe hoje o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Alagoas. A essa solenidade segue-se a inauguração da Exposição “O universo poético de Lêdo Ivo”, promovida pela Academia Brasileira de Letras em fins do ano passado, e que ficará exposta em Alagoas em caráter permanente. O Acadêmico Lêdo Ivo é, ainda, o patrono da Bienal do Livro que ora reúne, na Capital alagoana escritores, editores e livreiros de todo o país.

DIE GRUNDERREN – Este é o título que recebeu na Alemanha o clássico livro do Acadêmico Marcos Vilaça e do escritor Roberto Cavalcanti, *Coronel, Coronéis* que será lançado amanhã, em Berlim. É a sexta língua em que é editado. A apresentação está a cargo de Matthias Matussek, redator-chefe da revista *Der Spiegel*, e do Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

ROTARY – No próximo dia 24, no Copacabana Palace, o Acadêmico Arnaldo Niskier receberá o título de “Personalidade Rotária 2005” pelos trabalhos comunitários realizados em benefício da cultura.

ANO XLV – N.º 37
Em 27 de outubro de 2005

RUI DE OLIVEIRA, 30 ANOS DE ILUSTRAÇÃO DE LIVROS – Realiza-se hoje, dia 27, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, palestra do Prof. Rui de Oliveira sobre Ilustração de Livros relativa à exposição da Galeria Manuel Bandeira.

“CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO” - Terá início na terça-feira, dia 1.º de novembro de 2005, às 16h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenado pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre “Uma introdução à vida e à obra de Afonso Arinos”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

08/11 – Eduardo Portella – “Afonso Arinos: lição e permanência”

22/11 – Francisco de Mello Franco – “O homem que sentia”

29/11 – Sergio Paulo Rouanet – “O índio e a Revolução Francesa”

06/12 – Wilson Figueiredo – “Afonso Arinos, político” e Villas-Boas Corrêa – “O homem que pensava”

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – ACADÊMICO E ESTADISTA – Inaugura-se na terça-feira dia 1.º de novembro, às 17h 30min, no primeiro andar do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a Exposição comemorativa do centenário de Afonso Arinos de Melo Franco.

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO *CORONEL, CORONÉIS* – Inaugura-se na quinta-feira, dia 3 de novembro, às 17h 30min, no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a exposição comemorativa dos quarenta anos de publicação do livro *Coronel, Coronéis*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e do escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores, Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves e Waldemar Cláudio dos Santos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO – Transcorre no próximo dia 31 do corrente, segunda-feira, o aniversário natalício do Acadêmico João de Scantimburgo, que ocupa a Cadeira n.º 36 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 24 de outubro o Acadêmico Antonio Carlos Secchin esteve em São Paulo, participando do Simpósio Internacional Fernando Pessoa/ Carlos Drummond de Andrade, proferindo na USP a palestra: “Drummond: cartas devolvidas”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe viaja hoje para Caxambu, onde vai pronunciar conferência sobre “Atual Problema de Desenvolvimento Brasileiro”, por ocasião do XXIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

LIVROS E MAIS LIVROS – As Secretarias Estaduais de Educação e de Cultura do Rio de Janeiro lançaram um programa de apoio à leitura, com a distribuição de 1 milhão e 500 mil livros de autores nacionais e estrangeiros. Na escolha dos livros colaborou o Acadêmico Antonio Olinto.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE VIANNA MOOG – A 28 de outubro de 1906 nascia, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, o Acadêmico Vianna Moog, que ocupou a Cadeira n.º 4 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE LUÍS GUIMARÃES FILHO – Comemora-se no dia 30 de outubro o aniversário do nascimento de Luís Guimarães Filho, que ocupou a Cadeira 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 38

Em 3 de novembro de 2005

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO *CORONEL, CORONÉIS* – Inaugura-se hoje, dia 3 de novembro, às 17h 30min, no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a exposição comemorativa dos quarenta anos de publicação do livro *Coronel, Coronéis*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e do escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque.

“CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO” – Teve início na terça-feira, dia 1.º de novembro de 2005, às 16h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenado pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre “Uma introdução à vida e à obra de Afonso Arinos”. As demais conferências se realizarão sempre às terças-feiras, às 17h 30min, conforme o quadro abaixo:

08/II – Eduardo Portella – “Afonso Arinos: lição e permanência”

22/II – Francisco de Mello Franco – “O homem que sentia”

29/II – Sergio Paulo Rouanet – “O índio e a Revolução Francesa”

06/12 – Wilson Figueiredo – “Afonso Arinos, político” e Villas-Boas Corrêa – “O homem que pensava”

PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Realiza-se no dia 24 de novembro, às 17 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia solene de entrega do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, no seu centenário de seu nascimento, à Professora Berenice de Oliveira Cavalcante, pelo ensaio *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos, um Ensaísta da República*.

NOTÍCIAS DO PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA – O Presidente Ivan Junqueira foi agraciado com a Medalha “O Pacificador da ONU Sergio Vieira de Mello. A solenidade de entrega do Decreto-Diploma de Consagração e Medalha de Ouro realiza-se no próximo dia 7 de novembro de 2005, às 17h 30min, na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, sito à Av. Graça Aranha, n.º I – Rio de Janeiro.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves e Waldemar Cláudio dos Santos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO PRESIDENTE IVAN JUNQUEIRA – Transcorre hoje, dia 3 de novembro, o aniversário natalício do Presidente Ivan Junqueira, que ocupa a Cadeira n.º 37 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MIGUEL REALE – Comemora-se no dia 6 de novembro o aniversário natalício do Acadêmico Miguel Reale, que ocupa Cadeira n.º 14 do Quadro dos Membros Efetivos.

CENTENÁRIO DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – Realiza-se no próximo dia 10 de novembro a sessão comemorativa do centenário da Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, recém-nomeada Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.

BIBLIOTECA ANTONIO OLINTO – Domingo, dia 30 de outubro, às 10 horas, foi inaugurada, no Engenho da Rainha, a Biblioteca Antonio Olinto.

AVENIDA RIO BRANCO – O Acadêmico Arnaldo Niskier discursou no Clube de Engenharia, a propósito do Centenário da Avenida Rio Branco. Mostrou a sua relevância histórica para o País.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 10 de novembro, quinta-feira, às 15h, o Acadêmico Ivo Pitanguy será homenageado pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais, recebendo a Medalha da Ordem do Mérito Legislativo. Dia 11 de novembro, sexta-feira, a 14 de novembro, segunda-feira, 42.º Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica em Belo Horizonte no Centro de Convenções Minascentro. O Acadêmico Ivo Pitanguy será o Presidente de Honra do Congresso. No dia 12 de novembro, sábado, às 10h, o Acadêmico Ivo Pitanguy fará palestra sobre Cirurgia do Contorno Corporal – Importância Atual dos Seus Princípios Básicos.

ANO XLV – N.º 39

Em 10 de novembro de 2005

CENTENÁRIO DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – Realiza-se hoje, dia 10 de novembro, a sessão comemorativa do centenário da Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, recém-nomeada Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.

CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Teve início na terça-feira, dia 1.º de novembro de 2005, às 16h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenado pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre “Uma introdução à vida e à obra de Afonso Arinos”. As demais conferências se realizarão sempre às terças-feiras, às 17h 30min, conforme o quadro abaixo:

22/11 – Francisco de Mello Franco – “O homem que sentia”

29/11 – Sergio Paulo Rouanet – “O índio e a Revolução Francesa”

06/12 – Wilson Figueiredo – “Afonso Arinos, político” e Villas-Boas Corrêa – “O homem que pensava”

PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Realiza-se no dia 24 de novembro, às 17 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia solene de entrega do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, no seu centenário de seu nascimento, à Professora Berenice de Oliveira Cavalcante, pelo ensaio *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos, um Ensaísta da República*.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos

Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – Comemora-se, amanhã, dia II de novembro, o aniversário natalício do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que ocupa Cadeira n.º 17 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Realiza-se no dia 21 de novembro próximo, no Teatro Municipal, a posse do Acadêmico Ivo Pitanguy como Presidente de Honra da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 17 de novembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir palestra intitulada “Retratos de família: sobre uma lira de Gonzaga” no Seminário Internacional de Literatura, a ser realizado na cidade do Porto.

DESENVOLVIMENTO DA CIVILIZAÇÃO MATERIAL NO BRASIL – Acaba de sair pela Topbooks, em co-edição com a Academia Brasileira de Letras, o livro *Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil*, de Afonso Arinos de Melo Franco. Prefácios do Acadêmico José Murilo de Carvalho, e dos Srs. Arthur Cezar Ferreira Reis e Rodrigo M. F. de Andrade.

LANÇAMENTO – Realiza-se no próximo dia 17, às 17h 30min, no saguão do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras o lançamento do livro *Cartas d’África e Alguma Poesia*, coligidas e selecionadas por Salim Miguel, seguidas de *Conversa Carioca* de Marques Rebelo.

HOMENAGENS – O Acadêmico Arnaldo Niskier, depois de receber homenagem na Cidade de Deus, com a inauguração de uma biblioteca comunitária com o seu nome, foi também homenageado no bairro de Engenho da Rainha, com uma escola profissionalizante que levará igualmente o seu nome. Nesta escola a biblioteca ficou batizada como “Acadêmico Antonio Olinto”.

HOMENAGEM A AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realizou, no dia 9 de novembro, uma mesa-redonda em homenagem ao centenário de Afonso Arinos de Melo Franco, da qual participaram os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto Venancio Filho, o Ministro Célio Borja e o Professor Arno Wehling.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça passou a integrar o Conselho Superior de Integração Social, da Universidade Estácio de Sá, por indicação do seu Presidente e embaixador João Baena Soares.

ANO XLV – N.º 40
Em 17 de novembro de 2005

LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, dia 17, às 17h 30min, no saguão do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras o lançamento do livro *Cartas d’África e Alguma Poesia*, coligidas e selecionadas por Salim Miguel, seguidas de *Conversa Carioca* de Marques Rebelo.

CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Teve início na terça-feira, dia 1.º de novembro de 2005, às 16h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenado pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre “Uma introdução à vida e à obra de Afonso Arinos”. As demais conferências se realizarão sempre às terças-feiras, às 17h 30min, conforme o quadro abaixo:

22/11 – Francisco de Mello Franco – “O homem que sentia”

29/11 – Sérgio Paulo Rouanet – “O índio e a Revolução Francesa”

06/12 – Wilson Figueiredo – “Afonso Arinos, político” e Villas-Boas Corrêa – “O homem que pensava”

PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Realiza-se no dia 24 de novembro, às 17 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia solene de entrega do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, no centenário de seu nascimento, à Professora Berenice de Oliveira Cavalcante, pelo ensaio *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos, um Ensaísta da República*.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA NA ACADEMIA PAULISTA – No dia de hoje, 17 de novembro, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça está sendo recebido oficialmente em sessão ordinária da Academia Paulista de Letras. Em seguida, profere palestra sobre “Formas de mandonismo político”, tema que lhe foi proposto pelo Presidente Ives Gandra Martins.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos

Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro outorgou ao Presidente Ivan Junqueira o “Colar do Mérito Judiciário”. A entrega da láurea se realizará no dia 8 de dezembro às 12h 30min, na Av. Erasmo Braga 115/10.º andar, Prédio do Fórum.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Realiza-se no dia 30 de novembro próximo, às 11 horas, a reunião mensal da Sociedade Brasileira de Dermatologia. O Acadêmico Ivo Pitanguy proferirá palestra sobre o rejuvenescimento facial.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 6 de dezembro o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em Natal, integrando, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mesa-redonda sobre o tema “O escritor e a crítica literária na imprensa e na universidade”.

DESENVOLVIMENTO DA CIVILIZAÇÃO MATERIAL NO BRASIL – Acaba de sair pela Topbooks em co-edição com a Academia Brasileira de Letras o livro *Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil*, de Afonso Arinos de Melo Franco. Prefácios do Acadêmico José Murilo de Carvalho, e dos Srs. Arthur Cezar Ferreira Reis e Rodrigo M.E. de Andrade.

VIVALEITURA – No Forte de Copacabana, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará, no dia 30, às 9 horas, sobre “Os sentidos da leitura”. Do evento participa a Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro.

ANO XLV – N.º 41

Em 24 de novembro de 2005

PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Realiza-se hoje, dia 24 de novembro, às 17 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia solene de entrega do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, comemorando o centenário de seu nascimento, à Professora Berenice de Oliveira Cavalcante, pelo ensaio *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos, um Ensaísta da República*.

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO – Realiza-se no dia 1.º de dezembro, quinta-feira, a apresentação da proposta orçamentária para o exercício de 2006; no

dia 8, quinta-feira, será realizada a eleição da Diretoria para 2006; e no dia 15, quinta-feira, a posse da Diretoria eleita e o Chá Natalino.

CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Teve início na terça-feira, dia 1.º de novembro de 2005, às 16h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenado pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre “Uma introdução à vida e à obra de Afonso Arinos”. As demais conferências se realizarão sempre às terças-feiras, às 17h 30min, conforme o quadro abaixo:

29/11 – Sergio Paulo Rouanet – “O índio e a Revolução Francesa”

06/12 – Wilson Figueiredo – “Afonso Arinos, político” e Villas-Boas Corrêa – “O homem que pensava”

HOMENAGEM DO SENADO FEDERAL A AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – O Senado Federal realizou, a 23 de novembro, sessão solene em homenagem ao centenário do Senador e Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA NA FRANÇA – Encontra-se em Paris o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Na companhia da esposa Maria do Carmo, comparece a colóquio sobre arte contemporânea, ocasião em que falará sobre a Coleção Marcantonio Vilaça, na qual figuram inúmeros artistas europeus.

CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS – A Academia Mineira de Letras realizará uma série de conferências da qual participarão o Acadêmico Alberto Venancio Filho, “Afonso Arinos, o Historiador”; Fábio Lucas, “O Crítico e o Ensaísta Afonso Arinos”; e o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, “Afonso Arinos, o Político”. A Academia Mineira de Letras organizou ainda um concurso de monografias sobre a vida e a obra de Afonso Arinos, com o Acadêmico Alberto Venancio Filho como presidente da Comissão Julgadora.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto exibirá amanhã e depois, dias 25 e 26, em Ubá, sua terra natal, parte de sua coleção de duzentas escrituras africanas – em madeira, bronze e marfim. Patrocínio da Prefeitura local e da Academia Ubaense de Letras (chamada, por decisão da mesma, de “Casa de Antonio Olinto”). Abrindo a mostra, o Acadêmico fará uma conferência sobre a cultura iurubá e os caminhos da arte africana.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro outorgou ao Presidente Ivan Junqueira o “Colar do Mérito Judiciário”. A entrega da láurea se realizará no dia 8 de dezembro, às 12h 30min, na Av. Erasmo Braga 115/10.º andar, Prédio do Fórum.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 6 de dezembro o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em Natal, integrando, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mesa-redonda sobre o tema “O escritor e a crítica literária na imprensa e na universidade”.

5.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 2 de dezembro, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o quinto concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: “A Música de Câmara de Villa-Lobos e a Literatura Brasileira”, com Tamara Ujakova (piano), Cristina Braga (harpa) e Antonio Carlos Carrasqueira (flauta), Daniel Guedes (viola), e David Chew (violoncelo).

SÃO FIDÉLIS – Considerada cidade-poema, São Fidélis criou a Academia Fidelense de Letras, que terá quarenta membros e a presidência da Professora Fátima Panisset. Na última semana, o Acadêmico Arnaldo Niskier foi homenageado como “padrinho” da nova instituição.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar acaba de pedir sua demissão do Conselho Nacional de Educação Câmara Básica.

ANO XLV – N.º 42
Em 1.º de dezembro de 2005

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO – Realiza-se hoje, 1.º de dezembro, quinta-feira, a apresentação da proposta orçamentária para o exercício de 2006. No dia 8, quinta-feira, será realizada a eleição da Diretoria para 2006; e no dia 15, quinta-feira, a posse da Diretoria eleita e o Chá Natalino.

CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – Teve início na terça-feira, dia 1.º de novembro de 2005, às 16h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Centenário de Afonso Arinos de Melo Franco”, coordenado pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre “Uma introdução à vida e à obra de Afonso Arinos”. A conferência de encerramento na terça-feira, dia 6 de

dezembro, às 17h 30min, será proferida pelo Sr. Wilson Figueiredo sobre “Afonso Arinos, político” e Villas-Boas Corrêa – “O homem que pensava”.

5.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 2 de dezembro, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o quinto concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: “A Música de Câmara de Villa-Lobos e a Literatura Brasileira”, com Tamara Ujakova (piano), Cristina Braga (harpa) e Antonio Carlos Carrasqueira (flauta), Daniel Guedes (viola), e David Chew (violoncelo).

GALERIA DE ARTE – A Prefeitura do Rio de Janeiro comunicou ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça que as duas galerias de arte do Espaço Sérgio Brito, no bairro do Humaitá, receberão o nome de Marcantonio Vilaça e que o ato oficial da designação será feito no local, em janeiro, pelo prefeito César Maia. A Prefeitura considera que o saudoso colecionador e galerista foi excepcional divulgador de artistas brasileiros no Exterior, muito em particular de pintores cariocas.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima. A eleição está marcada para 9 de março de 2006.

HOMENAGEM A AFONSO ARINOS EM BELO HORIZONTE – No dia 30 de novembro, a Câmara Municipal de Belo Horizonte entregou o Grande Colar do Mérito Municipal Afonso Arinos de Melo Franco, homenageando o centenário daquele acadêmico e estadista, em cerimônia que contou com a presença do governador Aécio Neves da Cunha.

MANUEL BANDEIRA – Um grupo de especialistas, sob a coordenação do Ministério Público Federal, estuda a recuperação da Rua Moraes Vale, na Lapa, onde morou o Acadêmico Manuel Bandeira. Da primeira reunião participou o Acadêmico Arnaldo Niskier.

ENTREVISTA SOBRE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – O Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco foi entrevistado pela Rede Vida de Televisão a 30 de novembro corrente, sobre a vida e a obra do Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco, a propósito do seu centenário.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO CHILE – O Acadêmico Lêdo Ivo se encontra no Chile, convidado para participar pessoalmente do lançamento de sua antologia poética *Los murciélagos*, ora publicada pela editora Chile-Poesia, em tradução de Marcela Terán e Adan Mendes, e introdução do poeta Juan Cameron. A programação da viagem inclui um recital de sua poesia na Embaixada do Brasil, e outra em Valparaíso. Nesta cidade, o Acadêmico Lêdo Ivo dará um depoimento sobre a sua criação poética na Fundação Pablo Neruda.

ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS – O Acadêmico Murilo Melo Filho tomou posse na Cadeira n.º 8 da Academia Carioca de Letras, vaga com a morte do Acadêmico Paschoal Vilaboim Filho. E foi saudado pelo Acadêmico Antonio Olinto. Estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Cícero Sandroni e Evanildo Cavalcante Bechara.

O CENTENÁRIO DE AFONSO ARINOS – Por iniciativa do Senador e Acadêmico Marco Maciel, o Senado Federal realizou, na quarta-feira (23), sessão especial para homenagear o centenário de Afonso Arinos de Melo Franco. Participaram da homenagem, como oradores, o presidente da Casa, Renan Calheiros, o acadêmico e ex-presidente da República José Sarney, e os senadores Antônio Carlos Magalhães, Paulo Paim, Arthur Virgílio, Roberto Saturnino e Marco Maciel.

ANO XLV – N.º 43

Em 8 de dezembro de 2005

ELEIÇÃO DA DIRETORIA – EXERCÍCIO DE 2006 – Realiza-se hoje, dia 8, às 16 horas, a eleição da Diretoria para o exercício de 2006. A chapa é a seguinte: Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Secretário-Geral – Acadêmico Cícero Sandroni; Primeira-Secretária – Acadêmica Ana Maria Machado; Segundo-Secretário – Acadêmico José Murilo de Carvalho; e Tesoureiro – Acadêmico Antonio Carlos Secchin.

CHÁ NATALINO – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 15 do corrente, a partir das 16 horas, o Chá Natalino que a Academia oferece às Senhoras dos Acadêmicos.

POSSE DA DIRETORIA – Realiza-se no dia 15 de dezembro, quinta-feira, às 17 horas, a posse da Diretoria eleita para o exercício de 2005. Nessa sessão será entregue a Medalha João Ribeiro à Sra. Barbara Heliodora e aos Srs. Manuel Paulo Nunes, Tarso Genro, Gianni Ratto e Raul de Taunay.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima. A eleição está marcada para 9 de março de 2006.

CADEIRA N.º 28 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, os Srs. Geraldo Holanda Cavalcanti, Célio Borja, Domício Proença Filho, Oliveiros Litrento e Ildásio Tavares. As inscrições encerram-se no dia 1.º de janeiro e a eleição está marcada para o dia 16 de março de 2006.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado proferiu no dia 28 de novembro conferência na University College Dublin. Dos dias 1.º a 5 de dezembro esteve na França, participando do Salon du Livre de Jeunesse de Montreuil. Na ocasião, lançou *Quelle Fête!*, pela editora Vents d’Ailleurs, tradução do livro infantil *Mas que festa!* Participou de sessões de autógrafos, mesas-redondas e fez uma palestra para bibliotecários sobre literatura infantil brasileira.

SEMINÁRIO SOBRE PÓS-GRADUAÇÃO – Os acadêmicos Eduardo Portella e Tarcísio Padilha proferiram palestra no Seminário sobre pós-graduação, por ocasião do 40.º aniversário do parecer n.º 977/65, no dia 2 do corrente, na Fundação Getúlio Vargas.

CONFERÊNCIA NACIONAL – No dia 28 de novembro, na sede do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, o acadêmico Arnaldo Niskier falou a cem delegados fluminenses na I Conferência Nacional de Cultura. Tema: “O Plano Estadual de Cultura do Rio de Janeiro e seus principais projetos”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe viajou para Lisboa no dia 3 de dezembro regressando no dia 7. Lá, a convite do Instituto de Estudos Estratégicos de Relações Internacionais, cumpriu um programa acadêmico comemorativo do 25.º aniversário da fundação desse Instituto, dirigido pelo eminente cientista social Álvaro de Vasconcellos. No dia 8 fará uma exposição na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado, em Brasília.

PRÊMIO EDUCAÇÃO E CULTURA – No dia 8, às 10h 30min, na sede da FIRJAN, o Acadêmico Arnaldo Niskier receberá o Prêmio Educação e Cultura. A esco-

Iha foi feita pela Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Privada (ABRAPP). Consta de diploma e troféu elaborado pelo escultor Domenico Calabrone.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – A Acadêmica Zélia Gattai Amado recebeu no dia 29 de novembro, em solenidade realizada no Museu Carlos Costa Pinto, em Salvador, o título de Cidadã da Bahia, conferido pela Assembléia Legislativa do Estado da Bahia.

ANTOLOGIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – O Acadêmico Lêdo Ivo recebeu a comunicação de que já se acha esgotada a primeira edição de sua antologia poética bilíngüe, publicada no mês passado no México, sob o título *La tierra Allende*, e em tradução de poetas mexicanos representativos. O editor comunica ainda que está sendo providenciada uma segunda edição para ser lançada dentro de alguns dias.

ANO XLV – N.º 44
Em 15 de dezembro de 2005

POSSE DA DIRETORIA – Realiza-se hoje, dia 15 de dezembro, quinta-feira, às 17 horas, a posse da Diretoria eleita para o exercício de 2006. Nesta sessão será entregue a Medalha João Ribeiro à Sra. Barbara Heliadora e aos Srs. Manuel Paulo Nunes, Tarso Genro, Gianni Ratto e Raul de Taunay.

CHÁ NATALINO (Realiza-se hoje, dia 15 do corrente, a partir das 16 horas, o Chá Natalino que a Academia oferece às Senhoras dos Acadêmicos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Comemora-se no dia 24 de dezembro o aniversário natalício da Acadêmica Ana Maria Machado, que ocupa a Cadeira n.º I do Quadro dos Membros Efetivos.

CADEIRA N.º 7 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 7, vaga com o falecimento do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, os Senhores Nelson Pereira dos Santos, Paulo Hirano, Dário Moreira de Castro Alves, Waldemar Cláudio dos Santos, Jorge Tannuri e Ronaldo Cunha Lima. A eleição está marcada para 9 de março de 2006.

CADEIRA N.º 28 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 28, vaga com o falecimento do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, os Srs. Célio Borja, Domicio Proença Filho, Oliveira Litrento e Ildásio Tavares. As inscrições encerram-se no dia 1.º de janeiro e a eleição está marcada para o dia 16 de março de 2006.

SEMINÁRIO SOBRE PÓS-GRADUAÇÃO – Os acadêmicos Eduardo Portella e Tarcísio Padilha proferiram palestra no Seminário sobre pós-graduação, por ocasião do 40.º aniversário do parecer n.º 977/65, no dia 2 do corrente, na Fundação Getúlio Vargas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara estará nos dias 12 e 13 do corrente em Brasília, representando a Academia Brasileira de Letras no Convênio de Cooperação MEC/ABL para promoção, difusão e valorização da Língua Portuguesa e sua literatura.

HUMBERTO MAURO – O Acadêmico Arnaldo Niskier, no dia 9 de dezembro, irá inaugurar a Sala Popular de Cinema Humberto Mauro, um dos pioneiros do Cinema Brasileiro, na cidade de Casimiro de Abreu. Na ocasião será exibido o filme *Meus Oito Anos*.

ANTOLOGIA DE CASTRO ALVES – Uma nova edição de *Melhores Poemas de Castro Alves*, com introdução e seleção do Acadêmico Lêdo Ivo, acaba de ser lançada pela Editora Global. A coleção, que abriga poetas brasileiros clássicos e contemporâneos, é dirigida pela escritora Edla van Steen.

ISEB-50 ANOS – Realizou-se na segunda-feira passada, dia 12 de dezembro, no Teatro João Theotônio, a sessão comemorativa dos 50 anos de fundação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Na ocasião foram relançados os livros: *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, do Acadêmico Helio Jaguaribe, *Nacionalismo e Desenvolvimento*, do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, e *Consciência e Realidade Nacional*, de Álvaro Vieira Pinto.

57 ANOS DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM – No dia 7 de dezembro, no Instituto de Pesquisa e Estudos Jurídicos, o Acadêmico Cícero Sandroni foi o orador da sessão solene de comemoração dos 57 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Nessa ocasião o Acadêmico Cícero Sandroni falou sobre “O Brasil e a Declaração Universal dos Direitos do Homem, 57 anos de desafios”, ressaltando a figura ilustre de Austregésilo de Athayde.

LANÇAMENTO DA *HISTÓRIA DO GÁS* – Por iniciativa da CEG e do seu presidente, Daniel Lopes Jordá, foi lançada na ABL a *História do Gás – do Rio de Janeiro para o Brasil*, com prefácio do Acadêmico Carlos Heitor Cony e texto do Acadêmico Murilo Melo Filho.